

VAULINE GONÇALVES

The background of the entire image is a romantic scene featuring the silhouettes of a man and a woman. They are standing in front of a window with light-colored, sheer curtains. The man is on the left, seen from the back, with his hands on his hips. The woman is on the right, seen from the side, with her arm around the man's waist. The lighting is warm and golden, creating a soft, intimate atmosphere. The overall color palette is dominated by deep reds, oranges, and yellows.

Bellanne-se!

Sem Controle



BELLANNE-SE!

Sem Controle

Livro 2

Obra de

VAULINE GONÇALVES

Brasil, 2018

Copyright © 2017 Vauline Gonçalves
Copyright © 2017 Bellanne-se! Sem controle
Editora Responsável: Vauline Gonçalves
Revisão: Daiane Amancio
Capa: Bárbara Dameto
Diagramação: Vauline Gonçalves
Foto Capa: (Adaptada)
Canstock - royalty free

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SE PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA NA PESSOA DE SEU EDITOR (LEI 9.610 DE 19/02/1998). ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS PELA: AUTORA.



PREFÁCIO

Não é possível falar do segundo livro esquecendo-se do primeiro. Trata-se de uma obra em que, no início, conhecemos o nascer do desejo, que se transforma em paixão e cresce até se tornar amor.

Até aí, Vauline Gonçalves tinha um romance erótico de excelente qualidade, mas dentro padrão. Neste ponto é que os bons escritores se diferenciam.

Ela deixa aflorar os defeitos dos personagens, normalmente, nunca mostrados, ou sempre justificados. Aqui neste livro não, vamos vivenciar as dores e remorsos de cada um. Exatamente como acontece com as pessoas, com a vida. Responde-se por cada erro e a autora mostra que o trabalho é árduo, partindo de dentro para fora. Além de que, depois de mudar, precisamos merecer o perdão, resgatar os relacionamentos e depender do outro para confiar novamente.

É um romance robusto no trato dos sentimentos humanos, porém levado com uma escrita agradável e fluida.

Impressiona a exploração profunda dos personagens, inclusive secundários. Faz toda a diferença na empatia do leitor com a obra.

Por fim, ousa dizer que temos dois termos a esclarecer:

Bellanne – substantivo próprio

Bellannizar – verbo/sinônimo: evoluir enquanto pessoa

Prepare-se para bellannizar-se. É um caminho sem volta.

1º Capítulo



CAPÍTULO 1

Bellanne

Despertei com o Erik agitado e o telefone tocando. Havíamos dormido muito tarde e imaginei que começava a amanhecer.

— Alô.

Escutei o Erik ao telefone e o seu tom era ríspido, então, tudo em mim se alarmou e meus pelos eriçaram, quando o vi erguer-se na cama.

— O que houve?! — Ele parecia aflito e eu me sentei, tentando entender o que estava acontecendo. — Fala, Axel, é o Mateo?!

Meu estômago revirou, vazio, ao escutar o nome do Mateo. Ele também sentou na cama, mas com as pernas para fora, de costas para mim. Uma sensação angustiante avisava-me de que algo grave havia acontecido. Me aproximei e pousei a mão em seu ombro, tensa.

— O quê?! Do que está falando, Axel?

Meu coração disparava e todo meu corpo tornou a arrepiar de uma maneira nada agradável. Erik erguia a voz gradativamente e o seu tom me estremecia. E então, veio o silêncio, ainda ao telefone, deixando-me mais tensa.

Acariciei seu ombro, mas Erik não reagiu, apenas abaixou a cabeça e passou a mão pelos cabelos.

— Onde foi? Como ele está? — Levantou bruscamente e seus olhos aflitos encontraram os meus. — Ai, não...

Erik fechou os olhos e empalideceu, dando-me uma noção do que estava acontecendo, embora eu não chegasse nem perto da realidade.

Vendo claramente que ele não estava bem, saltei da cama e corri à cozinha. Enchi um copo d'água e mergulhei uma colher cheia de açúcar. Quando voltei, ele estava novamente sentado na cama, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça baixa. Ainda segurava o telefone.

— Sim, sim, claro que irei. Por Deus, pai... Mantenha-me informado. Não me esconda nada, por favor.

Esperei que desligasse o telefone e me agachei à sua frente. De seus olhos vertiam lágrimas grossas e assim me fitou, em absoluto desalento.

— Tome, meu amor. — Estendi o copo e ele o pegou, bebeu dois grandes goles e me devolveu.

Algo grave havia acontecido e eu achava que havia sido com o Mateo. Então, depois que coloquei o copo no criado-mudo, eu o abracei.

Erik me apertou em seus braços e desabou. Eu esforçava-me para não desequilibrar e cair, porque ele simplesmente desmoronou sobre mim, como se eu fosse seu único apoio. Seu choro era mudo, sentido e extremamente contido, repleto de dor. Dei-lhe um tempo e, em silêncio, fiz o que há tempos não fazia: rezei.

Algum tempo depois, Erik me soltou, enxugando os olhos e o nariz na manga da *t-shirt* que usava. Meu coração partiu, quando me fitou envergonhado, com olhos vermelhos, olhos de menino desamparado.

— O Mateo... — Fungou. — Parece que o carro falhou e... — Parou, respirou fundo e desviou o olhar, parando-os no nada, lutando para se conter. Erik ainda precisava de um tempo, embora meu coração estivesse a ponto de saltar pela boca de tanta angústia. — O carro falhou e um caminhão...

— Ele está vivo, não está? — Não pude controlar a ansiedade.

Erik abaixou o olhar e assentiu, sem poder falar, inicialmente.

Meu peito apertava, sem saber como consolá-lo, como aliviar sua dor.

— Ele está vivo, mas está muito mal. — E como se saísse de um transe, olhou para os lados, agitando-se, buscando algo. — Minha mala... Preciso arrumar...

Claro. Parei por dois segundos, tentando raciocinar. Levando em consideração que eu estava nervosa e destroçada, pude imaginar o quão desesperado o Erik estava, ainda que lutasse visivelmente para manter-se sereno.

Eu precisava fazer algo.

— Vou comprar as passagens e depois fazemos as malas, certo? Ligue para o Thomaz. — Saí falando, sem esperar resposta.

Entrei no escritório, esbaforida, e dei de cara com o colar de pérolas e a caixa de veludo, ambos no chão. Instintivamente, olhei para a minha mão. O anel luzia lindamente, momentaneamente levando-me de volta à noite anterior, uma das noites mais felizes da minha vida.

Respirei fundo e sentei na cadeira, depois de apanhar o colar e a caixa. Puxei a gaveta central, onde ficava guardado o *notebook* do Erik, e o abri sobre a mesa, mas antes de fazer o *login*, detive-me por um pensamento óbvio.

Mariana!

Levei a mão à boca, sem saber o que fazer. Como eu diria a ela? Era seu direito saber, mas como dar uma notícia dessa?

Fiz o *login* e enquanto o sistema carregava, eu pensava nas mais diversas formas de contar à minha assistente que o Mateo estava grave, e todas elas me pareceram aterrorizantes demais. Mesmo não tendo os detalhes, pude imaginar o que um choque com um caminhão pode fazer a uma pessoa.

— Fraise?

Ergui o olhar e o encontrei de pé na porta do escritório. Tinha a cabeça inclinada e rolava o celular nas mãos.

— Estou aguardando carregar o sistema, amor. Vou buscar os voos com as melhores conexões e chegaremos o mais depressa possível.

Ele caminhou em minha direção, aproximando-se da mesa, então, fitou-me com seu olhar triste.

— Vou fretar um jato, assim chegaremos o quanto antes.

Ele tinha razão. A simplicidade natural do Erik me fazia esquecer do quanto dinheiro ele tinha.

— Quer que eu providencie?

— Não, amor... Posso fazer isso com um telefonema. Obrigado. — Ele fez silêncio e retirou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Bell... você não precisa ir, se não quiser. Vou entender.

Ergui a cabeça, quase indignada.

— Como assim? Claro que quero ir. Não vou te deixar em um...

— Bell.. — Erik se agachou ao meu lado, apoiando-se no braço da cadeira.
— Não sabe como fico feliz em saber que você quer estar comigo, mas Bell... o Axel...

— Dane-se o Axel, Erik. — Larguei o *laptop* de lado e me virei para ele. — Se você me quer ao seu lado, não me importo nadinha com o que o seu pai vai pensar.

— Não temo o que ele possa pensar. Foda-se o que ele pensa! Receio é o que ele possa fazer.

— O que ele poderá fazer? — O desdém estava impresso em cada palavra minha, eu sabia, e não tentei reverter. Não havia nada que aquele homem pudesse fazer para afastar-me do Erik.

— Ele é capaz de muitas coisas, Fraise. O Axel manipula e destrói tudo o que é bom.

Seus olhos dançavam, passando pelos meus, furtivamente, e percebi que ele realmente havia passado por muitas coisas ruins por conta do pai.

— Você estará comigo, Erik. — O azul me atingiu e parou dentro dos meus olhos, firmes, convictos. — Ninguém poderá me fazer mal se você estiver comigo.

Foi com um forte alívio que vi seus lábios esticarem-se num suposto sorriso.

— Sempre estarei com você, minha Fraise.

Eu o envolvi em meus braços, desejando retirar parte da dor que via em seus olhos. Beijei-lhe os cabelos, sentindo seus braços me apertarem a cintura.

— Obrigado, meu amor... Obrigado. — murmurou contra meu peito.

Não soube o que mais poderia dizer. A emoção me atingiu quando tomei consciência de tudo: Mateo estava entre a vida e a morte, do outro lado do mundo, e era para lá que o amor da minha vida deveria ir. E eu... Eu iria com ele, ainda que lá também estivesse alguém que era uma ameaça real para mim.

Respirei fundo, buscando coragem e energia.

— Vá tomar um banho morno, Kivo. Quando sair, tudo estará pronto e iremos de uma vez.

Ele voltou a me fitar, inspirou profundamente e assentiu ao se levantar. O observei deixar a sala. Seus ombros estavam baixos e tudo o que eu via era um homem com uma dor imensa e um medo maior ainda, mas travando uma

luta interna para manter-se forte, firme.

Fechei o *laptop* e comecei a organizar mentalmente tudo o que seria necessário para a viagem.

Não seria difícil fretar um jato, tendo-se dinheiro, logo, teríamos tempo apenas para ajeitar as coisas, resolver algo urgente e partir. Eu ainda precisava passar em minha casa para fazer uma mala, pegar meu passaporte e falar com meus pais, além da Mariana.

Mariana... Como falar com ela? Inclusive, era possível que quisesse nos acompanhar, afinal, era a namorada do Mateo.

Corri ao quarto e apanhei meu celular, então, sentei na poltrona sob a janela e digitei o número da Mari, mas caiu na caixa de mensagens.

Parei para pensar de que maneira conseguiria falar com a ela. Ao longe, escutava o chuveiro, que não cessava em momento algum. Erik não estava nada bem.

Lembrei que Letícia havia levado a Mariana para a casa, pouco depois de terminada a cerimônia de casamento da Margie. Recordo que a Mari não se sentia muito bem.

Rapidamente, digitei a tecla de discagem rápida.

— Bell? — Let atendeu sonolenta.

— Oi, amiga, desculpe te acordar...

— Bell, você está bem?!

— Estou sim, Let. Acontece que... É o Mateo... Aconteceu um acidente e estamos indo para *Copenhague*, eu e o Erik.

— Amiga do céu! — escutei-a contextualizar rapidamente o Caio, que perguntava insistentemente do que se tratava. — Ele está bem?

— Não, né Let. Está em estado grave, amiga. Preciso muito falar com a Mariana, mas o celular dela não atende.

Letícia seguia muda ao telefone.

— Let, está me ouvindo?

— Não faz isso não, Bell.

Empertiguei na cadeira, cheia de conjecturas.

— Por quê? Let, ela é a namorada do Mateo, tem todo o direito, inclusive, de ir conosco, se assim desejar.

No fundo, eu sabia que o Erik jamais deixaria ela ir. Uma Bellanne já era suficiente para o Axel. Se Mariana chegasse comigo, seria capaz de o velho morrer, segundo o Erik me fazia pensar.

— Bell... Ai, meu Deus, como digo isso?

— Fala de uma vez, Letícia!

— Bell... A Mari está grávida.

Levantei de chofre da cadeira.

— O quê?!

— Ela me confidenciou ontem, durante a festa. Está enjoando demais, a bichinha, mas não quer que ninguém saiba ainda. Está morrendo de medo de que pensem que se trata de um golpe da barriga.

Levei a mão à testa, tentando pensar rápido. Sem dúvida alguma o Axel teria esse pensamento, mas não o Erik ou o Mateo.

— Let, não posso esconder algo assim.

— Bell, fale com ela pessoalmente. Eu também não poderia contar isso a você, porque a Mari me pediu segredo. Vá conversar com ela, antes de qualquer coisa.

Ponderei sobre isso. Claro que jamais poderia dar uma notícia dessa por telefone a uma mulher grávida, mas também estava com o tempo curto demais.

Escutei o chuveiro desligar e sabia que logo o Erik estaria ali.

— Ok, Let. Vou dar um jeito. Amiga, por favor, cuida do meu *apê*? Deixo a chave com o porteiro, tudo bem?

— Claro que cuido, mas Bell... Sei da sua preocupação com o Mateo e com o Erik, mas... Você está lembrada que o pai do Erik estará lá, não está?

Respirei fundo.

— Eu sei Let, mas nada, muito menos o monstro do Axel, irá me impedir de estar com o Erik nesse momento. Estou indo preparada, amiga, confie em mim.

A Let assentiu, conformada, e desliguei em seguida. A cabeça fervia, o coração disparava, mas eu precisava correr.

Mais do que depressa, comecei a retirar algumas roupas do armário do Erik e colocá-las sobre a cama. Não fazia ideia de quantos dias ficaríamos em *Copenhague*, mas decidi que pegaria roupas apenas para uma semana. Caso fosse necessário, sairíamos e compraríamos mais.

Ainda pensava em Mariana e no Mateo: seriam pais. Meu peito doeu, apertou ao pensar na dimensão dessa tragédia.

Quando Erik saiu do banho ainda molhado, com uma toalha enrolada na cintura e com outra enxugando a cabeça, parecia muito melhor que antes e até sorriu para mim — friamente, é verdade —, e me deu um beijo nos lábios. Tive ímpetos de contar-lhe que seria tio, no intuito de animá-lo, mas a

verdade é que essa notícia poderia deixá-lo ainda mais abalado, assim como eu fiquei.

— Vai dar tudo certo, está bem? — Empenhei-me para parecer positiva. Ele apenas assentiu e apontei para sua mala sobre a cama. — Coloquei o necessário e, caso precise de mais coisas, podemos providenciar. Vou fazer um café. — Ele estava mudo, enxugando os cabelos, parecendo alheio. — Quer comer algo?

Erik ergueu o corpo, esticando a coluna, e me olhou meio perdido. Doeu ver a imensa força que fazia para manter-se sereno, equilibrado e consciente. Dava para notar o seu esforço para coordenar os pensamentos.

— Não, mas coma algo. Assim que me trocar levo você para casa e vou à casa do Thomaz acertar algumas coisas. Será rápido, o tempo suficiente para que arrume também a sua mala.

Balancei a cabeça, concordando, e fui à cozinha. Eu também não sentia a menor fome, mas precisava de um café.

Erik

A imagem do Mateo se esvaecendo em um caminhar ficava se repetindo no fundo da minha mente. Eu o via entrar no quarto, sorridente como sempre; o via me jogar as chaves, cheio de energia, mas logo a suposta cena do acidente tomava lugar e eu o via sozinho, machucado, morrendo.

Tudo o que eu sabia era que ele estava em um cruzamento, quando o carro automático falhou e um caminhão o pegou bem no meio da estrada. Mateo foi socorrido imediatamente e agora estava em cirurgia com um quadro de traumatismo craniano e várias fraturas, dentre outras complicações. E cada vez que eu lembrava da voz trêmula do Axel, descrevendo o estado do meu irmão, sentia gosto de sangue na boca.

Mateo e Bellanne eram as pessoas que eu mais amava na vida. Se eu perdesse um dos dois... Afastei esse pensamento, sacudindo a cabeça como se assim pudesse bani-lo, enquanto terminava de me vestir.

Liguei para uma empresa aérea, pertencente a um parceiro da Drakkar, e me foi disponibilizou um avião para dali a três horas.

Enviei uma mensagem para a senhora Rita, a moça responsável pela manutenção do meu apartamento, depois liguei para o Thomaz e, por fim, encontrei Bellanne sentada na sala, de pernas cruzadas, cabeça inclinada, com as mãos mergulhadas nos cabelos soltos e o olhar perdido em direção à

varanda. Linda sob a luz dos primeiros raios de sol.

Eu sabia que era loucura. Pouco havia falado com o Axel sobre ela, mas eu estava certo de que ninguém no mundo detinha tanto o desprezo do Axel, quanto a Bellanne. Sabia que ele já havia feito todos os levantamentos sobre ela, inclusive com a ajuda da Flávia. Bellanne era brasileira, de vida independente e livre, atrevida e audaciosa, e embora eu amasse tudo isso, ela estava fora de todos os padrões físico, comportamental e social que o Axel pudesse apreciar.

Chegar em *Copenhague* com Bellanne seria tomado como uma afronta, mas eu estava disposto a enfrentar. Ela é a minha mulher e para chegar até ela, Axel terá que passar por mim, pensei determinado.

O fato é que eu realmente precisava dela. Mais do que nunca, precisava do seu amor, da sua energia e da sua mão.

Respirei fundo, assumindo minha responsabilidade.

— Vamos?

Ela ergueu-se de pronto e partimos.

Quando a deixava na frente do seu prédio e beijei-lhe os lábios, olhei dentro dos seus olhos cor de mel, extremamente claros naquele início de manhã, e, mais uma vez, lembrei-lhe de que era uma escolha ficar, e que eu entenderia, se ela assim decidisse.

Meu coração estava apertado, dolorido, porque eu realmente precisava dela, mas minha consciência dizia para dar-lhe essa liberdade. A sua voz suave ainda ecoava em meus ouvidos: "É importante que pergunte a minha opinião, sempre".

— Erik, — Ela segurou em meu braço e me encarou. — todas as vezes que precisei, você esteve comigo. Minha irmã tentou se matar, você estava comigo; o André tentou me boicotar, você estava comigo. E se não bastasse a minha imensa gratidão, eu amo você. Amo de uma maneira que me faz pensar que não conseguiria ficar aqui, ou em qualquer lugar do mundo, sem você. E quanto ao Axel... Eu já sou bem crescidinha e nada que ele fizer irá me atingir, acredite.

Eu a fitava atônito, pois jamais conhecera uma mulher tão forte, decidida e segura. Não me sobravam dúvidas de que eu também a amava além de qualquer limite que pudesse existir para o amor.

Abaixei o olhar, triste, porque se Diana tivesse tido metade dessa força, talvez pudesse ter sobrevivido ao Axel. Voltei a encará-la, segurei em sua nuca, trazendo-a para meus lábios. Seu gosto me invadiu como um oásis em

meio ao inferno que havia em meu peito.

— Eu mato ele, Fraise, caso atreva-se a magoar você. Juro que mato.

Seus olhos de cílios longos me responderam, dizendo que acreditavam em mim. Isto era tudo o que eu precisava.

Bellanne

Retirei rápido as peças mais quentes do meu guarda-roupa e joguei sobre a cama, enquanto sustentava o celular entre o ombro e o ouvido.

— Filha? O que houve?

— Mãe, está tudo bem. Quero dizer... Comigo está tudo bem, mas aconteceu algo terrível com o Mateo, o irmão do Erik.

Contei-lhe, ainda mais resumidamente, o pouco que sabia, e minha mãe me apoiou, mas meu pai não gostou nadinha da minha decisão intempestiva de atravessar o oceano por causa do Erik.

— Bella Anne? — Papai tomou o telefone das mãos da minha mãe. — Filha, entendo que queira estar com ele, mas não se atravessa o mundo assim, de uma hora para outra.

— Pai, não se preocupe. Já viajei tantas vezes sozinha e você nunca contestou. Estou indo com o Erik, e seria sim diferente, pensado com calma, se a situação também fosse diferente. Vai ficar tudo bem.

O escutei suspirar, vencido, mas não convencido.

— Quero que me ligue ou mande mensagens trezentas vezes ao dia, escutou bem?

Franzi o cenho, enquanto corria de um lado para o outro na casa, recolhendo objetos pessoais.

— Pai! Sou bem grandinha, tá? Sempre que der, mando notícias. Agora, preciso ir.

— Bellanne! — Estanquei. Meu pai nunca me chamava de Bellanne. — Você quer mesmo ir ou o Erik foi quem pediu?

Larguei o par de botas de camurça no chão e me sentei na cama.

— Pai, ele não me pediu para acompanhá-lo, mas ontem à noite me pediu em casamento e eu aceitei. Não posso e nem quero deixá-lo nesse momento.

Após alguns segundos de silêncio, ele deu um sonoro muxoxo.

— Prometa que irá entrar em contato todos os dias e me contar tudo que estiver acontecendo.

— Paulo Henrique! — imitei a minha mãe, tentando descontrair. — Tenho

vinte e sete anos e uma vida inteira de loucuras. Agora é um pouquinho tarde para esse controle, não?

Ele suspirou, sem mais justificativas.

— Está bem. Que Deus te acompanhe, meu amor.

Sorri aliviada e disse que o amava, antes de finalmente desligar. Logo o Erik iria chegar e ainda teríamos que passar na casa da Mariana. Que dia!

Eram quase oito e meia da manhã quando o Erik chegou e subiu para me ajudar com a bagagem. Parecia estar melhor, mais tranquilo. Ao menos era o que aparentava.

— Como foi com o Thomaz?

Ele beijou minha boca com suavidade e me fez um carinho gostoso na nuca.

— Tudo tranquilo. Temos algumas coisas a resolver durante a semana, mas nada que não possamos fazer à distância ou que ele não resolva sozinho.

Entramos no elevador e logo aprendi que Erik apreensivo era igual a um Erik sério demais e com um vinco constante entre as sobrancelhas. Como se lesse meus pensamentos, passou o braço sobre meus ombros e me puxou para ele.

— Viking... Precisamos passar na casa da Mariana.

Ele abaixou a cabeça e apertou os lábios.

— Precisamos sim.

— Será rápido, prometo, mas eu não podia dar uma notícia dessa por telefone.

Ele beijou a minha cabeça demoradamente e murmurou contra o meu cabelo:

— Eu sei que não. Faremos isso juntos.

Ergui a cabeça e beijei-lhe os lábios furtivamente, no mesmo instante em que o elevador abriu a porta.

Minutos depois parávamos dentro de um simpático condomínio, onde Mariana morava, no apartamento herdado do seu avô. E quando o Erik fez menção de sair do carro, segurei sua mão.

— Amor, deixe que eu vá sozinha, por favor. Será uma conversa difícil.

Seu olhar era confuso, mas por fim, concordou em me esperar.

— Bell?!

Mariana abriu uma fresta da porta e me olhou assustada.

— Bom dia, Mari. Tudo bem? Você está melhor?

Ela piscou rápido, evidentemente embaraçada.

— Estou. Não foi nada demais.

Ergui uma sobrancelha, silenciosamente questionando até quando ela iria continuar me enganando.

— Vou ficar aqui na porta a manhã inteira, Mari?

Ela sobressaltou e abriu a porta, envergonhada.

— Desculpe, Bell... Entre.

Pelo seu olhar, notei que desconfiava de que havia algo errado. Era uma garota esperta e eu não tinha ido muitas vezes na sua casa, então, uma visita assim, e ainda cedo, levantava suspeitas.

— Mari, preciso que adie alguns compromissos meus. Estou indo à *Copenhague* com o Erik e devemos demorar alguns dias, tudo bem?

— *Copenhague*?! — Sentou na cadeira da sua mesa de jantar quadrada. — O que houve? — Então, puxou o ar num susto e levantou como se houvesse uma mola sob sua bunda. — É o Teo?!

Segurei em seu ombro e a fiz sentar-se novamente.

— Calma, garota... É... O Teo teve um probleminha, mas não é nada sério. Parece que bateu o carro e o Axel está fazendo um carnaval por isso.

Meu estômago tremia, tanto porque não gostava de mentir, quanto porque tinha medo de me trair e acabar falando o que não deveria.

— Como assim "bateu o carro"? Falei com ele antes de dormir e estava tudo bem. Ele se machucou? Quero falar...

— Calma, Mari... Não pode falar. Ele está bem, mas a política dos hospitais em *Copenhague* proíbe que pacientes falem ao telefone. — Foi uma mentira ridícula, mas a única que me ocorreu e pareceu colar. — Estamos indo para lá e traremos ele, ok?

Ela me olhava desconfiada, quase arisca.

— Bellanne, eu posso ir com vocês?

Soltei um riso nervoso.

— Não, não pode. Já estamos de partida e não há necessidade... — Olhei para ela e para a sua barriga, inexistente até então. — Mari... Eu sei que está grávida. Jamais deixaria você viajar nessas condições.

Ela empalideceu e deu-me as costas, caminhando pela sala.

— A Letícia contou, claro.

— Sim, contou, e acho que você está enganada. O Teo jamais pensaria que se trata de algum golpe. Ele ama você e sabe que é amado.

Ela virou-se para mim com os olhos orientais molhados e lágrimas já rolando pelo rosto redondo.

— Eu acho que vou tirar o bebê, Bell.

— Está louca?! — Acho que exagerei, porque ela abriu bem os olhos para mim. Eu não tinha opinião formada acerca do aborto, mas pensei no Mateo, no Erik e no quanto essa criança já era importante. — Olha, Mari... Sabe que eu seria a última pessoa a recriminá-la por fazer um aborto, mas ele... essa coisinha aí dentro... ele não é só seu.

— O corpo é meu, Bell.

— Sim, eu sei, e você tem todo direito sobre ele. Mas não se trata apenas do seu corpo. Existe um carocinho aí dentro com uma boa parte do Mateo. — disse, apontando para seu ventre. — Acho que ele tem o direito de saber e decidir junto com você, não?

Ela abaixou a cabeça e alisou a barriga. Não... A Mari não seria capaz de tirá-lo. Ela já o amava.

— Não quero que ele saiba. Não agora.

Ele não saberia, mas apenas porque estava inconsciente. Porque como pai, Teo tinha o direito de saber.

— Tudo bem. Estou indo, Mari, mas quero que se cuide muito bem e cuide desse carocinho. Vou trazer o papai dele e tudo vai ficar bem, certo?

Ela me olhou sem muita certeza, mas assentiu.

— Por favor, Bell, me diga como ele está, mande fotos, mensagem... E diga a ele que eu o amo muito.

Então, aproximei-me e acariciei seu lindo rosto.

— Direi sim, princesa. Vou mantê-la informada, mas adianto que ele está bem e logo vocês estarão fazendo comprinhas para o Mr. Carocinho, tudo bem?

Ela sorriu e beijei-lhe a testa.

Quando descí as escadas e voltei a fitá-la, antes de deixar o *hall* do prédio, ela ainda tinha a mão pousada no ventre. Não... Ela já amava o Mr. Carocinho tanto quanto amava o Teo.

2º *Capítulo*



CAPÍTULO 2

Erik

Ao telefone, meu pai contava que a cirurgia do Mateo ainda estava em curso e me atualizava dos últimos diagnósticos. Até então, ele sabia que o Mateo havia sofrido um traumatismo craniano fechado, com aprofundamento leve do crânio e possível hematoma subdural — o que estava sendo avaliado na cirurgia. Além disso, sabia-se que havia fraturado um braço, uma perna e duas costelas, e havia uma suspeita de ruptura do baço.

Segundo os médicos e meu pai, o Mateo chegar vivo ao hospital já era um milagre.

Meus olhos arderam e eu os fechei. Apoiei a cabeça no volante, sentindo meu estômago vazio embrulhar com a imagem do meu irmão e com a minha frustração por estar tão longe dele. O medo de não o encontrar com vida era uma sombra colada às minhas costas e cada segundo que levaríamos na longa viagem que tínhamos à frente, seria contado lentamente.

— O voo sai daqui a uma hora e faremos apenas uma escala em Paris, para abastecer. Chegaremos na madrugada, talvez antes. — Avisei ao Axel, ao

telefone.

— "Chegaremos"?! Quem vem com você, Erik?

Esfreguei os olhos e alisei a barba, emocionalmente exausto.

— Minha noiva, Axel. Bellanne está indo comigo e eu te proíbo de fazer qualquer objeção.

Ele não respondeu. Manteve-se calado por intermináveis segundos, até que, com um suspiro profundo, fez o seu juízo:

— Não irei objetar, mas quero te lembrar que estamos numa grave crise familiar. O Mateo, seu irmão... meu filho, está correndo risco de morte e este é um problema *familiar*.

Ele frisou exageradamente a última palavra e meu sangue borbulhou na veia.

— Eu vou repetir mais uma vez, Axel, e que seja a última... Bellanne Fraise é minha noiva e não admitirei suas injúrias.

Mais uma vez ele ficou calado e eu, conhecendo-o bem, sabia que estava espumando de ódio. Contudo, sua empáfia e polidez não lhe permitiam externar.

Bellanne abriu a porta do carro e sentou ao meu lado. Apressei-me em despedir-me do Axel, em dinamarquês.

— Espero que tenha entendido, e peço-lhe que, por gentileza, me dê notícias. Até mais.

Desliguei o celular e o joguei no console do carro. Meu maxilar estava travado e eu nem tentei relaxar.

— Está tudo bem?

Manobrei o carro sem olhar para ela. Não queria que visse o quanto eu estava irritado.

— Mais ou menos. — Respirei uma, duas vezes, e Fraise aguardava quieta, paciente. — O Axel... Ele acaba de me contar que o Mateo tem um traumatismo craniano e um hematoma subdural, o que significa que há sangue, e possíveis microfragmentos de crânio, vazados para dentro do crânio. — expliquei. — A cirurgia é justamente para avaliar as consequências desse traumatismo e do hematoma. Eles irão drenar o hematoma e mantê-lo em coma induzido para avaliar o seu estado sem maiores danos das funções cerebrais. Queira Deus que não haja consequências. — murmurei.

Ela assentiu, mas nada disse. Contudo, pelo canto do olho eu a vi murmurar baixinho algo para si mesma. Provavelmente, uma oração ou um mantra, sabe-se lá.

Bellanne

Chegamos ao aeroporto, fomos direto ao guichê da empresa de táxi aéreo e logo fomos encaminhados à uma sala VIP. Erik mantinha a minha mão presa à sua até quando gesticulava, trocando informações com o comissário.

Erik aparentava estar mais calmo, mas olhava o celular a cada quinze minutos. Como o conhecia bem, sabia que por baixo daquela superfície plácida, tudo estava em ebulição.

Não ficamos muito tempo por lá e logo fomos levados ao avião: uma aeronave com catorze lugares, poltronas e mesas pretas, além de carpete por todo interior. Uma comissária de bordo nos recebeu, nos acomodou e entregou, a mim e ao Erik, caixas contendo objetos pessoais, como máscaras de dormir, escovas de dentes e fones de ouvido, além do cardápio.

Acabávamos de embarcar quando seu celular vibrou e o Erik leu a mensagem em voz alta:

— A cirurgia segue e o hematoma será eliminado, mas ele seguirá com dreno e em coma induzido. Nesse momento, estão operando sua perna, mas o baço não foi rompido.

Erik fechou os olhos e respirou fundo.

— Ei! Vai dar tudo certo! — Segurei sua mão e beijei os nós dos seus dedos longos. — Ele vai ficar bem, Viking. Mateo é jovem e forte.

E quando abriu os olhos e me fitou com aquele tom de azul idêntico ao da pedra em meu dedo, meu coração pareceu falhar. Estavam cheios de ternura, de carinho.

— Vem cá, vem. — Me chamou para o seu colo e eu olhei direto para a comissária, que arrumava algo em seu gabinete, mas que, imediatamente, tratou de fechar a porta de comunicação, isolando-nos.

Sentei em seu colo e coloquei as pernas sobre o braço da poltrona. Ele me abraçou forte e deitou o rosto na curva do meu pescoço. Ficamos em silêncio por um tempo e me permiti aproveitar aquele momento, após todo o turbilhão que nos envolveu desde cedo.

— Quando tudo acabar, voltaremos ao Brasil — ele falava baixinho —, apenas para acertarmos as nossas coisas, e partiremos direto para a Índia. — Seu hálito fresco fazia cócegas em meu pescoço e meu corpo começou a despertar para Erik. Eu estava sempre pronta para ele. — Quero te ver com *hena* nas mãos e usando *sari*.

Sorri, construindo essa imagem com riqueza de detalhes.

— E você, Kivo, estará de branco... Calça e camisa brancas, de algodão.

Ergueu o rosto e buscou minha boca. Sua língua quente me roubou o ar e eu mergulhei os dedos nos cabelos sobre sua nuca. Eu poderia ficar ali por toda a viagem, sentindo seu cheiro bom, seu calor, o corpo que me abrigava tão perfeitamente...

— Só tenho uma exigência... — sussurrei, enquanto ele ainda beijava meus lábios. — Que você frete um avião como esse para nos levar à Índia. Porque quero transar o caminho todinho, em cada uma dessas cadeiras.

— Eu estava pensando o mesmo. — Ele afastou o rosto o suficiente para me fitar. — Queria ter mais ânimo para fazer isso agora mesmo, Fraise, mas sinto-me tão mal...

— Sssss... — Tentei fazê-lo silenciar, mas ele seguiu.

— Podemos fazer isso na volta para o Brasil. Posso fretar um avião com um quarto. Deixamos o Mateo aqui e nos trancamos lá durante todo o voo.

Comecei a rir, tanto pela possibilidade da aventura, quanto pela positividade que ele demonstrava, incluindo Mateo em nossos planos.

Apesar do tesão que Erik sempre despertava em mim, acho que pela primeira vez na vida eu estava querendo mais carinho e aconchego, do que sexo. E estava certa de que ele sentia o mesmo. Então, foi a minha vez de me perder no perfume do seu pescoço.

— Passemos para a próxima fantasia. — murmurei em meio ao riso. — Porque tenho um catálogo repleto delas para você.

Erik deslizou a mão pelos meus cabelos e eu recostei a cabeça na janela descoberta ao seu lado. Encarei seu rosto perfeito, de traços másculos e ao mesmo tempo tão simétricos. Havia uma pequena cicatriz no queixo, encoberta pela barba crescida, o que lhe conferia ainda mais charme. Apesar do leve sorriso nos lábios, seus olhos estavam tristes, vazios.

— Vai dar tudo certo, Kivo. Mateo vai sair dessa e voltaremos juntos. — Eu queria muito contar que ele seria tio, mas esta notícia poderia ser um peso a mais agora, pois no fundo, não sabíamos o estado real do Mateo. — Por que não dorme um pouco?

Erik recostou a cabeça no descanso da poltrona e mirou cada detalhe do meu rosto com seus olhos semicerrados.

— Dorme comigo?

Eu tinha o Erik sério, executivo focado; tinha o Erik Viking, que sabia me comer como ninguém; o Erik que era todo atencioso, cuidando de mim; e

agora, eu descobria o Erik que precisava de cuidados, e este era tão atraente e adorável quanto qualquer um dos outros. Que outra face mais eu conheceria desse homem? Por qual Erik mais eu me apaixonaria?

— Vamos esperar que a aeronave decole e vamos para aquele sofá — Apontei para a *chaise* enorme no meio da aeronave, de frente para uma TV de muitas polegadas. — Então, você deitará no meu colo e dormirá. Estou sem sono, mas ficarei ao seu lado, lendo.

Ele fechou os olhos, manhoso, e assentiu, exatamente no instante em que a comissária voltava, nos pedindo para colocar os cintos para a decolagem.

Conforme combinado, após alcançarmos a altitude de cruzeiro, nos mudamos para o sofá. Sentei confortavelmente com os pés sobre um *puff* e Erik deitou com a cabeça no meu colo.

Eu estava lendo um livro reportagem, mas fazer um cafuné em Erik me pareceu mil vezes mais interessante.

Brinquei com seus cabelos, alisei sua barba loira e sedosa, desenhei o nariz reto com as pontas dos dedos e contive minha imensa vontade de beijar-lhe os lábios vez após vez. E quando ele caiu em sono profundo, peguei o celular do seu bolso, o deixei com o volume bem baixinho ao meu lado e pus-me a pensar em Mateo, em Mariana e em como seria conhecer a família do Erik naquelas condições.

Despertei com os sons da aeronave. Eu estava só, com um cobertor sobre minhas pernas e as luzes internas do avião estavam baixas. Levantei um tanto mareada e encontrei o Erik saindo do toalete. Seus olhos estavam vermelhos quando me encontraram e meu peito apertou. Ele tentou disfarçar.

— Te acordei?

Sorri sem muito humor, apenas porque achei lindo ele se preocupar comigo.

— Não. E você, como está? Teve notícias?

Erik olhou para o celular em sua mão.

— Tudo na mesma. Ele segue em coma induzido e sem alteração. O diabetes está sendo contido e só o tempo poderá dizer algo.

Assenti e caminhei até ele.

— Não comemos nada hoje. Quer que peça algo?

Ele apertou os lábios e passou o braço por trás do meu pescoço, me puxando para um beijo na testa.

— Vamos comer sim, Fraise. Você precisa comer.

Enquanto aguardávamos nosso almoço tardio, tentei animá-lo com

histórias engraçadas, vividas por mim em aviões, e consegui arrancar-lhe alguns sorrisos. Por pior que a situação se apresentasse, eu estava feliz em estar com ele.

Sentia-me grata por ele me deixar estar ao seu lado e ajudá-lo a passar por isso. E assim, em meio às dificuldades e à constante necessidade de vê-lo bem, descobri, enfim, que o amor é mais do que o incêndio que provocamos na cama... Amor é querer estar cada vez mais perto, até que seja possível transferir um pouco a dor do outro para você.

Quase onze horas depois, pousamos no aeroporto de *Le Bourget* — aeroporto de Paris exclusivo para voos particulares.

Descemos da aeronave para tomar um pouco de ar fresco, mas estava muito frio e o vento do outono europeu nos fez voltar rapidinho para dentro do avião. Minutos depois, retornávamos ao voo.

Após cerca de mais uma hora e meia de voo, iniciamos os procedimentos para o pouso em *Copenhague*. Era quase uma hora da manhã quando entramos no táxi: eu aninhada nos braços do Erik e, mesmo tremendo de frio sob os sete graus daquela madrugada, me aconcheguei no meu Viking e acabei adormecendo.

— Fraise? — Sua voz rouca e sussurrada despertou-me. — Chegamos, amor.

Pisquei várias vezes, tentando focar as formas sob a meia luz dos postes. Assim que saí do carro senti o vento gelado atravessar minhas roupas e me encolhi. A rua deserta era um pouco assustadora, mas olhando ao redor, vi casas lindíssimas, ricas, clássicas, cobertas de requinte.

— Erik, sua família sabe que estamos chegando? — Perguntei, notando que a casa à nossa frente estava às escuras, salvo pela delicada lâmpada sob a marquise da entrada.

— Sabem sim. — Ele terminava de retirar nossa bagagem da mala do táxi e falou algo em dinamarquês com o motorista, que me saudou de longe e logo retomou sua rota. — Mas devem estar todos dormindo.

Esse foi o meu primeiro choque. Jamais meus pais dormiriam, sabendo que eu estava chegando de viagem, mas aquilo devia ser algo bem comum para eles, pois Erik parecia não dar a mínima.

Contornamos a casa e sorri para ele, retribuindo sua piscada de olho quando ergueu a mão e, de entre as vigas do pequeno telhado sobre a porta traseira, retirou uma chave. A porta rangeu e entramos.

Meu queixo tremia, a despeito da segunda pele, da camisa de brim e do

casaco grossíssimo que eu usava, e fiquei agradecida quando o calor da casa me aqueceu.

— Nossa, é realmente frio aqui.

Ele riu e trancou a porta atrás de si.

— Estou acostumado com o frio, mas o pior é o vento. Por sorte, a rua é cheia de muros altos e você não o sentiu tão forte.

Assenti, mas calei para o fato de que, se aquela ventania que vi lá fora ainda não era o vento forte, eu realmente não sabia o que esperar.

— Quer comer alguma coisa?

Ele acendeu a luz da cozinha, por onde entramos, e admirei a organização e modernidade do lugar.

— Não. Só quero mesmo deitar em uma cama quente.

— Venha, amor. — Segurou em minha mão e entramos, arrastando nossas malas. — Vamos para meu quarto.

Eu tentei reparar na casa, mas estava na penumbra e tudo o que consegui vislumbrar foi que se tratava de um local amplo, com móveis rústicos e cortinas pesadas. Em silêncio, subimos para o segundo andar e depois de atravessar um corredor, entramos no quarto que um dia foi do Erik.

Após colocar minha mala sobre a cômoda e ligar o aquecedor, ele sentou na cama e me puxou para o seu colo.

— Obrigado por ter vindo, Moranguinho. — Mergulhou o rosto na curva do meu pescoço. — Seria muito mais difícil sem você.

Deslizei os dedos entre seus cabelos macios, penteando-os.

— Eu não ficaria em paz sabendo que precisaria de mim. Não poderia.

Seus lábios quentes tocaram os meus e foi como se o seu calor envolvesse todo meu corpo; e se não estivéssemos tão absurdamente cansados, eu faria amor com ele debaixo daquelas cobertas grossas, apenas para certificar-me de que eu e ele éramos um só e que nada ou ninguém poderia nos abalar.

A verdade, é que eu estava com todos os meus alertas ligados. De repente, dei-me conta de que estava em território inimigo e de que meu único trunfo era a nossa relação, o nosso amor. Por isso, tentei me tranquilizar, sabendo que era um trunfo forte demais.

Erik

Acompanhei a respiração da Fraise, aprofundando pouco a pouco, enquanto caía em sono profundo e eu acariciava seus cabelos.

Vi cada minuto passar lentamente e prestei atenção aos antigos sons noturnos da casa. As últimas 24 horas se repetiam em minha mente, acontecimento pós acontecimento, trazendo consigo as emoções e as agonias.

Falei com o Axel por mensagem e, assim, soube que ele estava no hospital com o Mateo. Me surpreendi porque, apesar de ter uma empresa de tamanho considerável e mais tantas outras responsabilidades, Axel deu as costas a tudo para estar com o filho. Eu realmente não esperava por isso.

Por outro lado, senti-me aliviado, pois teríamos um início de manhã menos tenso, estando ele no hospital.

Olhei para a linda mulher deitada em meu braço. Seus lábios carnudos, o nariz atrevido, os cabelos espalhados no travesseiro. Bellanne era única e especial para mim, muito especial, e justamente por isso temia tanto aquele encontro entre ela e o Axel.

Esperava ter sido bastante claro com meu pai, quanto a não se meter com a Fraise, mas eu não era ingênuo ao ponto de imaginar que ele não tentaria.

Respirei fundo e tentei mudar a rota dos meus pensamentos, sem sucesso. Apesar de Bellanne ser a mulher mais forte que eu conheço, o Axel tem um jeito peculiar de acuar as pessoas e armar suas teias, e eu temia que, de alguma forma, ele acabasse afastando-a de mim. Por isso, eu faria de tudo, absolutamente tudo, para tirá-la de suas garras.

3º Capítulo



CAPÍTULO 3

Bellanne

Acordei da melhor maneira possível: com o Erik beijando minha nuca. Me contorci, sentindo o familiar arrepio que começa na nuca e vai parar entre minhas pernas, e me virei, encontrando sua boca gostosa e faminta.

— Bom dia, Fraise.

— Bom dia, Viking.

— Preciso estar no hospital em uma hora, mas se quiser, pode ficar...

— Não, quero ir. — Me ergui nos cotovelos. — Que horas são?

— Oito horas, mas você ainda deve estar com sono, por conta do *jet lag*. Por que não dorme mais um pouco?

Sentei na cama e respirei fundo, me espreguiçando. Eu realmente precisava dormir mais. Na verdade, acho que precisava dormir mais umas vinte horas para descansar tudo o que tinha para descansar.

— Estou bem, Erik. — Olhei para ele, que já havia trocado de roupa e agora usava uma blusa preta de gola alta. — Tudo bem para você se eu for?

Ele sorriu e me presenteou com um olhar brilhante.

— Claro que sim, amor. — E beijou meus lábios furtivamente, antes de se levantar com tanta energia, que me surpreendeu. — Vou descer e pedir para a Britta fazer as melhores torradas da Escandinávia para você. — Parou na porta e eu paralisei com a beleza do Viking sob a luz pálida da manhã. — Deixe algumas coroas dinamarquesas na gaveta do criado-mudo. Pegue para você até podermos ir ao câmbio. — Já ia fechando a porta quando voltou, mais uma vez lembrando-se de algo. — Ah! Coloque um casaco grosso e prenda os cabelos ou use um gorro. O vento aqui é algo a se respeitar.

E piscou o olho antes de sorrir e sair, fechando a porta.

Desabei na cama tentando arrumar os pensamentos — que esbarravam entre si na minha cabeça — e manter os olhos abertos. Contudo, o tempo voava. Reunindo toda a coragem que me cabia, levantei e corri para o banheiro. Não queria atrasar o Kivo para o hospital.

Vesti uma calça jeans preta, uma blusa creme de gola alta com segunda pele por baixo e combinei as botas, a bolsa e o *trench coats* na cor vinho. Decidi pelo rabo-de-cavalo elegantemente arrumado e, claro, óculos escuros.

Saí do quarto fechando a porta e tentei lembrar o caminho que percorremos na madrugada, mas antes que pudesse chegar até mesmo à metade do corredor, uma porta se abriu à minha frente e de lá saiu uma moça jovem, muito magra e loira, e quando ela me viu, paralisou.

Seus olhos castanhos me examinaram com hostilidade e ela perguntou algo que eu não compreendi, provavelmente em dinamarquês.

— Desculpe, você fala inglês? — Eu não falava dinamarquês, mas devolvi a pergunta com meu inglês impecável de que tanto me orgulhava.

— Quem é você? — Falou também em um inglês carregado de sotaque. — O que faz aqui?

Respirei fundo, tentando desfazer a antipatia imediata que tive por aquela garota, e estendi a mão.

— Sou Bellanne, noiva do Erik. E você?

Ela ignorou a minha mão estendida e abriu a boca, surpresa.

Recolhi a mão discretamente.

— Noiva?! — Seus olhos desceram por mim, junto com cada letra que era pronunciada em português e em um tom de absoluto desprezo.

Respirei fundo novamente e contive o ímpeto de mandá-la à merda. E como que para testar o meu controle, a garota rompeu em uma gargalhada afetada, ali, bem na minha cara. Sua falha tentativa de conter o riso não diminuiu a minha efetiva vontade de empurrá-la do meu caminho.

Estava fazendo um cálculo rápido de onde ela iria se bater, caso eu a empurrasse, quando Erik surgiu ao final do corredor.

— Sílvia! — Sua rispidez deixou claro que a falta de educação da sujeitinha não era nenhuma surpresa. Incrivelmente, a diversão da garota cessou de imediato. — O que é tão engraçado?

A tal Sílvia olhou dele para mim e vice-versa, com ares de inocente.

— Ora... Nada demais. Apenas imaginei a cara do Axel quando conhecer sua noiva. — O olhar do Erik para a garota me causou arrepios. — E você, como pode chegar de viagem e nem vir falar comigo?

Ela fez menção de pendurar-se no pescoço do Erik, mas, agilmente, ele esquivou-se e segurou a minha mão, puxando-me para si.

— Vamos, Fraise, quero apresentá-la a pessoas mais agradáveis e tentar tirar essa péssima primeira impressão que acaba de ter.

Ele me levou escada abaixo, apertando a minha mão dentro da sua, até que o forcei a parar no meio da escadaria.

— Ei! Calma! — Falei baixo, mas energicamente. Erik estava nervoso. Na verdade, parecia furioso. — Fica tranquilo, Erik. Está tudo bem.

— Essa... Essa garota é uma cobra, Fraise! Ela já estava ofendendo você, não foi?

— Não, Erik. Ela é irritante e mal-educada, mas não me ofendeu.

O vi erguer o olhar para um ponto atrás de mim e soube que a tal Sílvia estava no alto da escada nos olhando, embora eu estivesse de costas. Erik a fitava com raiva, eu podia ver, mesmo que seu semblante fosse apenas uma máscara inexpressiva.

— Vamos... Britta está nos esperando.

Atravessamos a sala de estar rapidamente e, momentaneamente, pude admirar a decoração rústica, sóbria, porém aconchegante. Os móveis eram de madeira com estofados suntuosos na cor verde musgo, como as cortinas. Quadros de arte cobriam as paredes por cima do papel floral em tons de creme.

Voltamos à cozinha que contrastava em tudo com a casa, devido à sua modernidade e à predominância do inox. No centro dela, uma mulher de meia idade, baixinha, muito alva e loira, tinha as mãos cruzadas à frente do corpo, sobre sua blusa azul clara e a saia longa e justa. Seus olhos claros, viraram meros riscos, quando sorriu para mim.

— Bellanne, essa é a Britta. — E dirigiu-se à mulher, falando em dinamarquês e provavelmente me apresentando.

Retribuí o sorriso, e quando já me inclinava para beijá-la, ela estendeu a mão, impondo distância. Não foi um gesto grosseiro, porque ainda sorria, era apenas uma questão cultural.

— É um prazer, senhora Britta... — Falei em inglês, e seu nome tornou-se ainda mais engraçado, quando unia-se à figura pequena e risonha à minha frente.

— O prazer é meu, senhorita Fraise. Seja bem-vinda, e o que precisar, é só me pedir. Terei prazer em servi-la.

Seu inglês era bom, apesar do sotaque.

Trocamos mais um caloroso sorriso e agradei às torradas. Logo estávamos sentados à mesa do café e, confesso, por insistência do Erik, provei o tal pão de centeio que eles tanto amam: o tal *rugbrød*. Só posso dizer que mal consegui engolir, porque foi simplesmente incompatível com meu paladar.

Já nos levantávamos da mesa, quando alguém entrou na sala quase que silenciosamente. Assustei-me, porque a mulher parecia uma sombra, embora fosse muito bonita por trás das olheiras e cabelos opacos.

— Ah! — Erik abriu um sorriso que há horas eu não via e se aproximou da mulher. — Bellanne, esta é Soraya, esposa do Axel e mãe daquela megera.

— Erik! — A mulher o repreendeu, mas com muito bom humor. Então, dirigiu-se a mim. — Como vai querida?

Me surpreendi com o seu português claro, apesar dos anos fora do país.

— Muito bem, senhora Soraya.

Ela sorriu e sua beleza evidenciou-se. Não era velha, mas os cabelos descuidados, a pele muito clara e o sorriso amarelado a envelheciam em, pelo menos, vinte anos.

— Soraya, estamos indo ao hospital. Tem alguma notícia do Mateo?

— Sim, acabei de falar com o seu pai. — Ela balançou a cabeça, desanimada. — O Teo continua na mesma, Erik.

Observei meu Viking engolir com dificuldade e baixar os olhos.

— Ele vai ficar bem, eu sei. — Cegamente, Erik buscou minha mão e apertou-a, como se buscasse confiança em mim. — Obrigado, Soraya.

Cumprimentei-a com um aceno de cabeça e já saíamos da sala quando ela o chamou de volta:

— Erik... Vocês ficarão hospedados aqui? Falou com seu pai?

— Não, Soraya, não ficaremos. Subirei para buscar nossas malas, porque ficaremos em um hotel.

Ela não protestou, como eu esperaria que qualquer pessoa na sua condição de familiar e anfitriã o fizesse. Apenas tentou sorrir e assentiu.

Ao pé da escada, aguardei Erik descer as malas e menos de dez minutos depois estávamos dentro de um táxi. Ele seguia calado demais, quieto demais, fechado em seu mundo.

O táxi parou em frente a um prédio antigo, muito grande, mas não tão alto. Tinha apenas quatro andares e a aparência de um palácio de governo, algo assim, mas quando entramos, constatei que o luxo não era apenas aparência. O hotel *D'Angleterre* era realmente um palácio.

Nos aproximamos do balcão e segurei no braço do Erik, sussurrando nem sei o porquê, já que falava em português.

— Kivo, por que um hotel tão caro?

Ele acariciou meus cabelos e me beijou a testa com um sorriso sutil nos lábios.

— Quero o melhor para você, Fraise. É um dos melhores hotéis de *Copenhague*.

Então, o funcionário chamou sua atenção e começaram a falar em dinamarquês. Olhei ao redor e caminhei por ali, observando. Em um prospecto em inglês li que havia piscina coberta, cinema, bar, academia, sauna e ainda uma gama de serviços de entretenimento.

Ainda surpresa, retornei para perto do Erik. Não demorou e nossas malas foram levadas, enquanto saíamos de braços dados.

O vento gelado atravessou meu casaco e estremei. Apesar de ainda não ser inverno e as temperaturas estarem entre quinze e dezessete graus, o vento era peculiar por estas bandas.

Caminhamos pelas ruas limpas e organizadas de *Copenhague*. As pessoas seguiam seus caminhos compenetradas em seus próprios assuntos e notei que usavam basicamente cinza, preto e branco. Então, percebi que Erik também usava preto e eu me destacava com meu vinho no casaco, nas botas e na bolsa. Dei de ombros e me aninhei ao braço do meu noivo, admirando a sua amada cidade ao nosso redor.

Erik trançou seus dedos nos meus quando entramos no hospital que, afinal, não ficava muito distante do hotel. Observei meu noivo, após o atendente trocar algumas palavras com ele e depois se afastar.

— Está tudo bem?

Erik me encarou e vi o receio que havia ali. Óbvio, certamente sentia-se temeroso de como encontraria o irmão.

— Eles irão liberar nossa entrada para sala de espera do CTI. — Coçou a barba, tenso. — E logo poderei conversar com o médico que o está cuidando.

Tentei sorrir e lhe passar confiança.

— Teremos boas notícias, tenho certeza.

E quando liberaram nossa entrada, pegamos o elevador e rapidamente chegamos ao andar. Eu me perguntava se o Axel ainda estaria ali ou se já haveria retornado para casa. Como me veria? O que diria? Eu não tinha o menor medo do Axel — não por mim, mas tinha receio de acabar causando um climão. Erik não merecia mais essa preocupação.

Eu seguia ao lado do meu noivo, perdida em meus pensamentos, quando ele parou e me choquei de leve contra o seu braço. À nossa frente estava uma figura realmente imponente e eu tive a plena certeza de que se tratava de Axel Lars.

Estava diferente do vídeo, visivelmente exausto, abatido, mas tinha os olhos profundamente azuis dos Lars, e o porte soberbo não deixavam dúvidas de quem se tratava.

Axel Lars deslizou seus olhos gélidos por mim, e a cada centímetro que me percorriam, imprimiam mais que desprezo... Imprimiam decepção. Me senti nua, descamada. Respirei fundo, buscando meu equilíbrio na mão do Erik grudada à minha, mas aquele olhar remeteu-me diretamente a momentos muito, muito desagradáveis da minha infância. E naquele instante, uma distância colossal tentou se criar entre mim e o Erik. Um espaço onde poderia caber nossa diferença financeira, cultural, física e até geográfica. No entanto, Erik apertou a minha mão, arrastando-me de volta para ele, eliminando qualquer distância.

Axel contraiu o canto da sua boca em claro desagrado, então, dirigiu-se ao Erik, estendendo-lhe a mão e falando em dinamarquês. Obviamente não o compreendi, mas o Erik lhe respondeu em claro português:

— Sim, fizemos boa viagem. — E colou seu braço ao meu. — Está é Bellanne Fraise, minha noiva.

Com mero lanceio de olhar, Axel apenas meneou a cabeça, em um cumprimento cortês, e eu repeti seu gesto.

— Como está o meu irmão? Houve alguma melhora?

Axel decidiu me ignorar e isso até me deu certo alívio. Tornei a respirar fundo e já sentia meu estômago parar de tremer. Ergui o rosto, igualmente

altiva, e o encarei, tendo o cuidado de dirigir-lhe o mesmo desprezo no olhar.

Erik abriu as pernas e adotou uma postura totalmente defensiva, ao cruzar os braços sobre o peito e colocar-se dois centímetros à minha frente. Meneou a cabeça e franziu o cenho, quando seu pai insistiu em conversar em dinamarquês.

— Axel, eu posso ver o Mateo? — Erik parecia querer mudar o rumo da conversa.

Antes de responder ao filho, o *Hannibal Lecter* à minha frente tornou a me fitar de cima a baixo, erguendo sua sobrancelha insolente.

Meu sorriso debochado e involuntário quase apareceu, quando nossos olhares cruzaram e o vi pestanejar, quase incrédulo da minha prepotência.

Não, Axel Lars... Não serei uma pedra em seu caminho... Serei a rocha!

Então, ele tornou a falar em dinamarquês e Erik apenas assentiu. Pelo o pouco que pude compreender, parecia que iriam liberar a entrada do Erik no CTI.

— Amor... — Erik envolveu meus ombros em seu braço e sussurrou ao meu ouvido. — Se importa de pegar um café para nós dois? No térreo tem uma lanchonete.

Encarei seus olhos muito azuis e os vi percorrer cada uma das minhas pupilas. Ele queria me afastar do Axel.

Balancei a cabeça, concordando, e virei as costas. Seria bom poder respirar um ar menos denso.

Peguei o elevador e rapidamente encontrei a lanchonete. Não havia fila àquela hora da manhã, então, logo estava novamente no elevador, cantarolando uma música antiga de Chico Buarque, quando a mão fina, muito branca e de unhas pretas impediu as portas de fecharem. Com seu sorriso cínico, Sílvia entrou no elevador mascando um chiclete. Tinha o estilo “*punk meio gótico*” ou qualquer coisa do tipo, que me fez lembrar da noiva do *Chuck*, o boneco assassino.

— Já conheceu o sogrinho?

Estava bom demais ela ficar caladinha.

— No que isso te interessa?

Ela não esperava pela resposta malcriada e me olhou surpresa.

— Olha só... a sobrepeso tem garras!

Revirei os olhos, lembrando-me de que esse tipo de comentário não pode mais me abalar. E bem nessa hora a porta do elevador abriu no andar do CTI.

— Isso porque você ainda não viu os dentes. — Passei por ela e saí do

elevador ignorando sua expressão indignada, mas quando cheguei à sala de espera, havia apenas o Axel, sentado na confortável poltrona, de pernas cruzadas e balançando sua perna coberta pela calça de tecido caro e corte impecável.

Seu olhar passou por mim furtivamente, para logo dirigir-se à noiva do *Chuck* atrás de mim. Sentei-me na poltrona ao lado, escutando-os conversar em dinamarquês e, pelo tom e risos debochados que acompanhavam a conversa, estava certa de que falavam de mim. Pousei o copo de café do Erik sobre a mesinha de centro e me concentrei no meu café extraforte.

Quem alguma vez já teve o desprazer de se sentir um cachorro sarnento na porta de uma sala chique, faz ideia do que eu sentia, sentada naquela sala, tendo Axel — a imagem do lorde inglês em pessoa — e a pequena gótica ao seu lado, ambos me olhando com desprezo, me julgando e debochando de mim sem que eu nem tivesse a chance de me defender, pois não compreendia uma única palavra do que diziam.

Desta forma, a minha única defesa foi encará-los, assim, clinicamente. Mas tudo tem um limite, e quando Axel me olhou como se eu fosse uma pedinte asquerosa e falou algo que mais parecia um escarro, sendo acompanhado pela risada afetada da garota, não pude me conter.

— Algum problema, senhor Lars? Algo que eu possa fazer para aliviar o seu desconforto?

Eu já imaginava qual seria a resposta. Queria apenas que me dessem a chance de também destilar meu veneno.

O homem ergueu uma sobrancelha e me fitou do alto da sua pose.

— Há voos diários para a Inglaterra, Alemanha e Paris. Se correr, estou certo de que ainda conseguirá chegar a tempo de almoçar em um simpático bistrô parisiense.

A loirinha intragável me irritava ainda mais, porque apesar de rir, fingia tentar se conter. Engoli em seco, buscando uma resposta à altura do Axel, mas que não fosse ofensiva ao ponto de criar uma celeuma.

— Precisarei consultar o Erik. Talvez ele prefira um restaurante mais elegante, como estamos acostumados a frequentar.

Os risinhos cessaram e Axel me olhou diretamente, fulminando-me com seu olhar tão azul quanto os dos filhos. Então, como se de repente se desse conta da própria ira, sorriu charmoso e irônico, disfarçando o estado de nervos.

— Bellanne Fraise... Filha de Ana Maria Fraise, pseudo entendida de economia, e do senhor Paulo Henrique Fraise... professorzinho universitário. — Virou-se para a Silvia, ignorando-me. — Que tipo de distúrbio acha que o Erik deve ter, Silvinha, para se envolver com essa laia? Um garoto criado com tanto refinamento, educação e bom gosto!

Não vou mentir, meu sangue ferveu. Eu tenho extremo orgulho dos meus pais e ouvi-lo diminuindo-os daquela maneira tão vil e dura, causou-me ímpetos de arrancar-lhe a pele com as unhas.

A muito custo me contive.

Deslizando a ponta do indicador pela borda do copo de café, respirei fundo, procurando entre meus neurônios um resquício sequer de ponderação.

Lentamente, ergui os olhos em sua direção, encarando o rosto tão belo, quanto dissimulado.

— Quem você pensa que é, Axel Lars, para falar assim dos meus pais? O que ou quem lhe dá esse direito? Acha-se melhor só...

— Não acho nada, senhorita Fraise. — Ergueu-se, fechando o paletó, ajeitando seu terno azul marinho. — Apenas quero lembrá-la de que estamos em um momento bastante delicado... Um momento familiar.

Seus olhos frios, como pedras de gelo, me atravessavam. Covardemente, reconheci que me davam medo, causavam-me arrepios pela sua falta de humanidade. Acho que jamais conheci alguém que me provocasse tanto mal-estar quanto o Axel.

Era algo que perpassava suas palavras.

Havia uma aura de poder que orbitava ao seu redor, tal qual o seu filho mais velho. Contudo, o seu poder sufocava, causava-me náuseas e, naquele instante, compreendi todos os receios do Erik. Compreendi seu esforço para manter-se longe do pai.

Eu não sabia do que aquele homem seria capaz, mas não duvidava que algum dia recaísse sobre ele acusações de homicídios com requintes de crueldade.

Levantei lentamente, e munida de toda coragem, enfrentei aquele paredão: um homem de certo 1,80m, de maxilar largo, olhos de águia e um controle tão absurdo sobre si mesmo, que nem ao menos piscava. Estremeci, mas mantive-me firme.

— Não sei o seu conceito de família, senhor Lars, — E me odiei por não saber porque diabo o estava chamando de "senhor", soando mais como uma subserviência do que uma deferência. — mas eu, o Erik, o Mateo e a Mariana

formamos uma família bastante feliz. E é justamente por isso que estou aqui. E, claro, porque assim quis o Erik.

Uma chama de felicidade nasceu em meu peito quando vi a ponta do seu maxilar ondular e uma das pálpebras tremer, pois nesse instante, soube que havia arrancado algumas lascas daquela rocha.

— Você não é da nossa família. — Axel pronunciou cada palavra por entre os dentes, quase sem abrir a boca, e minha espinha gelou. — Lamento que não tenha educação e bom senso suficientes para entender que sua presença é indesejável. — Engoli em seco, duro e, sem me dar conta de início, acabei cruzando os braços sobre o peito, defendendo-me da energia ruim que ele emanava e que chocava diretamente contra meu plexo solar. Respirei fundo, rogando a Deus que não deixasse meus olhos umedecerem. Ele seguia: — Obviamente, este não será o último dos nossos desagradáveis interlúdios. Acha mesmo que o Erik vai suportar mais essa carga emocional?

Antes que pudesse lhe responder, vi o Erik estancar assim que entrou na sala de espera. Com a voz dura, meu noivo falou com o Axel em dinamarquês e, pelo seu tom, era claro que estava repreendendo o pai.

Então, vi algo que jamais irei esquecer em minha vida: as feições do Axel transformaram-se, quase do mesmo jeito que vemos em mutações de efeito gráfico. Seus olhos brilharam e o homem que me ofendia segundos antes, abriu um sorriso perfeito para mim.

Eu estava paralisada, e mais chocada ainda fiquei quando as pontas dos seus dedos tocaram meu ombro, quase com nojo, e ele fingiu retirar poeira de sobre o meu casaco.

— Acalme-se, Erik... A senhorita Fraise tem muita personalidade, mas é um pouco temperamental, não? — Seus olhos deixaram meu ombro e foram para o Erik, e do Erik retornaram para mim, encarando-me. — Apenas um comentário ingênuo sobre a nossa relação familiar e ela inflamou-se. Acalme-se, *miss Fraise*... Pensemos no Erik sempre. Ele precisa de paz.

Ele estava colocando-me como uma “criadora de problemas” e isso me abalou tanto, que meus olhos imediatamente encheram-se de lágrimas, mas não deixei que corressem. Ele jamais conseguiria isso de mim.

— Erik é a minha prioridade, Senhor Lars.

Não consegui dizer mais nada, porque temi que minha voz saísse tremida de ódio. Logo Erik cobriu meus ombros com seu braço, puxando-me para ele.

— Está tudo bem, Fraise? — sussurrou carinhosamente ao meu ouvido e nos afastando do olhar do Axel.

Seu calor e cheiro me acalmavam, embora a náusea persistisse.

— Não me sinto muito bem, estou um tanto nauseada. Acho que seria bom ir ao toalete ou beber um pouco d'água.

— Vou com você.

E quando deixávamos a sala e eu estava para perguntar-lhe sobre o Mateo, do elevador saiu uma loira de cabelos longos que abriu um sorriso imenso ao ver o Erik. Ela aproximou-se e com movimentos estudados e contidos, abraçou o Viking, me ignorando.

Fiz um registro rápido da garota magra, muito elegante e discreta, que agora estava entre eu e o Erik. Ele largou a minha mão para retribuir seu abraço e o vi sorrir para ela. Acho que pela primeira vez senti real ciúme do meu viking.

— Bellanne, esta é a Hedda, minha prima. — Fitei a jovem e meu ciúme subiu mais dois tons. — Hedda, esta é Bellanne, minha noiva.

O sorriso da garota esmaeceu lentamente. Como Erik falava em inglês com ela, também o fiz:

— Como vai, Hedda? — Ela segurou a minha mão estendida e nos cumprimentamos formalmente. — É um prazer.

Seus olhos dançavam em mim e percebi que estava constrangida. Suas bochechas logo ficaram vermelhas.

— Ouvi falar de você, Bellanne. Seja bem-vinda.

Sorri com simpatia e tomei o braço do Erik de volta. Nos despedimos rapidamente e seguimos.

Ao chegar ao *toalete*, apoiei-me sobre o granito da pia, respirando fundo. Axel realmente era nocivo e eu ainda sentia suas vibrações revirarem meu estômago. Suas palavras reverberavam em minha mente e começavam a querer fazer sentido.

Por mais que o Axel fosse um ser realmente odioso... Por mais que aquela peste gótica fosse irritante, eu precisava controlar meus nervos, por Erik.

Ergui a cabeça e só de lembrar do Axel mudando sua expressão, o café da manhã subiu pelo meu esôfago. Corri para a cabine e coloquei tudo para fora, esperando que também saísse de mim a energia ruim daquele homem.

Quando, já recuperada, encontrei o Erik encostado na parede externa do toalete, o abracei. Eu precisava mesmo disso.

— Ei, está tudo bem? O que está sentindo? — Suas mãos desciam e subiam, acariciando minhas costas.

— Meu estômago não aceitou bem a culinária escandinava. — Encarei

seus olhos e lhe sorri da melhor maneira que pude. Era a comida, mas também meu corpo expelindo a energia ruim do Axel.

— É o *jet lag*, Fraise. Você precisa descansar e se hidratar. Por que não vai para o hotel e dorme?

— Como está o Mateo?

Seus olhos buscaram o chão.

— Estável. Tem uma perna e um braço engessados e está em coma induzido. Ficará assim até amanhã, quando os médicos começarão a trazê-lo de volta lentamente, diminuindo a sedação.

Assenti, crendo que se tratavam de boas notícias.

— Ele vai se recuperar, eu sei.

Erik afastou-se da parede e repentinamente cresceu diante de mim. Seus olhos atentos vasculharam ao redor, como se estivesse saindo de uma dormência.

— Venha, vamos buscar um táxi. Você vai para o hotel e descansará um pouco. À noite vamos jantar em um lugar...

— Erik, — o detive, forçando-o a me encarar. — não sou uma turista, ok? Vim para ficar com você e acompanhar a recuperação do Mateo. Esqueça isso de jantares.

Ele me sorriu, acariciou meu rabo-de-cavalo e beijou a minha boca com suavidade.

— Tudo bem, sem jantares. Mas não quero você doente ou cansada. Preciso que esteja bem para que eu fique bem.

Ele tinha razão. Eu não ajudaria em nada ali, vomitando e brigando com o Axel.

— Está bem.

Depois que o Erik me deixou no táxi, tentei esquecer o episódio com o Axel, mas suas palavras continuavam reprisando em minha cabeça:

"Acha mesmo que o Erik vai suportar mais essa carga emocional?".

Eu precisaria ter mais controle e ignorá-lo. Não poderia aceitar suas provocações, e ouvir desaforos e calar, era algo novo para mim. Seria uma prova extremamente difícil, mas o Erik precisava desse tempo e eu o daria.

4º *Capítulo*



CAPÍTULO 4

Erik

Eu esperei que seu táxi se afastasse e o observei até sumir na esquina. Não entendi muito bem o que houve naquela sala de espera, mas sabia que, o que quer que tenha acontecido, abalou a Fraise.

Enfiei as mãos nos bolsos, feliz por tê-la convencido a voltar para o hotel, assim, ela teria um dia inteiro para se acostumar com o fuso, além de um bom descanso. E o melhor: ficaria longe das garras do Axel.

Dei meia volta e tornei a entrar no hospital com as sombras cobrindo-me mais uma vez.

Mateo estava péssimo. Seu rosto estava disforme, cheio de hematomas e os prognósticos não eram muito animadores. Senti meu chão sumir, quando o vi tão frágil, impotente naquela cama, e o pavor que me deu ao imaginar que aquela poderia ser a última vez que o veria, fez-me sufocar.

Senti náuseas e um aperto anormal no peito. Nem quando perdi a minha mãe senti-me assim, tão desorientado.

Mateo e Bellanne eram os únicos... Os únicos que eu realmente tinha na

vida. Perder um deles estava fora de cogitação.

Mateo é bem mais do que meu irmão. Sinto-me responsável por ele, por sua vida, sua felicidade, e eu faria qualquer coisa para que ele voltasse a sorrir, a sonhar.

Assim que coloquei os pés na sala de espera do CTI, Axel veio ao meu encontro, mas antes que me tocasse, segurei seu pulso e desviei. Seu rosto contorceu-se de incredulidade. Não me importei.

— O que disse a ela, Axel? — Ele deu um passo para trás e com o olhar buscou o apoio de Sílvia, que apenas encolheu-se na poltrona. — O que foi aquilo que encontrei aqui, quando saí do CTI? Vamos, fale!

— Abaixei seu tom, garoto! Ainda sou o seu pai! — Se impôs, ao tempo em que livrou-se da minha mão em seu punho.

Ele não precisava gritar para impor autoridade, mas já não surtia em mim o mesmo efeito que costumava surtir quando eu era um menino.

— Infelizmente, não posso mudar isso, Axel, não há como deixar de ser seu filho. E só para lembrar, a Bellanne é a mulher com quem vou casar. O que deveria ser o bastante para respeitá-la!

Meu pai sustentava o meu olhar e eu lutava para não me intimidar. Querendo ou não, era o meu pai, desde sempre o *Jörmundgander*, o chefe da família. O homem que desde sempre aprendi a odiar e a temer.

— Você não vai casar com ela, Erik Lars. — A calma em sua voz me irritava mais do que suas palavras. — Ela não é digna de você.

Soltei um riso nervoso e irônico.

— Você é louco. Eu a escolhi e isso é só o que importa.

— Você está enfeitado, isso sim! Ela é um desafio para você, Erik. Acredite: eu sei o que estou dizendo!

Fitei o fundo dos seus olhos e imaginei se a minha mãe, ou a Soraia, um dia foram um desafio para ele.

— Eu amo a Bellanne, Axel, mas não espero que você saiba o que isso significa.

— Eu amo os meus filhos, Erik. — Meus olhos correram para Sílvia e ela levou o olhar ao chão, calada. — E quanto a esta mulher... Ela é uma brasileira, Erik, e das piores! Não vê que é um caso perdido?!

Franzi o cenho sem poder crer nas sandices que ele dizia.

— Que diabos está dizendo, homem?! Você casou não com uma, mas com duas brasileiras! — Apontei para Sílvia. — Sua enteada é uma brasileira! E que problema há em ser brasileira?! — Com o rosto bem próximo do dele,

vociferei: — Eu amo a Bellanne, goste você ou não!

— Ei! — olhamos para o médico que, ao que tudo indicava, acabara de chegar na porta da sala. — Vocês estão em um hospital. Ou respeitam o local, ou saem para discutir lá fora.

Senti-me envergonhado por perder o comedimento, porque o Axel seguia controlado, impassível como sempre.

— Desculpe. Não irá acontecer novamente. — Prometi.

O médico assentiu e voltou a desaparecer pela porta.

Afastei-me do Axel e sentei-me em uma das poltronas, tentando me controlar. Apoiei os braços nos joelhos abertos e fechei as mãos em concha sobre minha boca, respirando fundo, buscando calma. De nada adiantou, porque meu pai veio sentar-se ao meu lado.

— Você é um tolo, Erik. Não enxerga... Não enxerga a si próprio e não enxerga a situação e, por isso, farei de tudo, ouviu bem? De tudo para livrá-lo dessa armadilha.

Virei lentamente a cabeça e o encarei. Se eu pudesse, amarraria o Axel dentro de casa até que tudo ficasse bem e eu fosse embora com o Mateo e a Fraise, mas essa vontade tinha que ficar apenas na fantasia.

— Não se meta com ela, Axel.

Ele tomou a mesma posição que eu e me encarou com o rosto bem próximo ao meu.

— Sou seu pai, Kivo, e não há nada no mundo que eu não faça por você. Não permitirei que cometa a loucura de casar-se com uma mulher tão selvagem, tão petulante e desclassi...

— Onde está Hedda?! — Me ergui de chofre, cortando a conversa e fugindo da vontade de socá-lo.

Não suportava mais ficar escutando aquilo, principalmente porque sabia do que ele era capaz, e quando a Sílvia murmurou "café", saí imediatamente atrás da Hedda. Se eu não podia socá-lo ou matá-lo, não havia porque continuar ao seu lado.

Bellanne

Cheguei ao hotel com uma belíssima dor de cabeça. Atravessei o luxuoso salão, identifiquei-me na recepção e peguei o cartão de acesso, mas antes que alcançasse o elevador, fui interceptada por um funcionário.

— Senhorita, bom dia. Desculpe incomodá-la, mas... — Achei graça no

jovem que, apesar do inglês límpido, gaguejava. Ele estendia para mim a pequena bandeja de prata com um envelope elegante. — Trata-se de um cartão-presente de boas-vindas. Adoráramos que experimentasse nossos serviços.

Sorri simpática, agradei e peguei o envelope. Enquanto o elevador subia lentamente, abri o papel com o holograma do hotel.

O cartão oferecia um dia inteiro no SPA, com direito a piscina aquecida, sauna, massagens e terapias corporais. Gemi, imaginando que seria perfeito um momento de *relax*, e quando cheguei ao meu andar, ainda falava sozinha, murmurando como seria bom também para o Erik, desfrutar disso, quando voltasse do hospital.

Abri a porta do quarto e não pude crer no que via. A suíte presidencial, onde passamos a nossa primeira noite juntos, ficou no chinelo diante de tanto luxo!

Era o típico quarto de reis, que vemos em filmes mais modernos, com bastante veludo, dourado e proporções grandiosas.

Entrei meio boba com a mescla de tradição e modernidade, essa última representada pela tecnologia, como a TV de plasma de última geração e o painel de controle de temperatura e luz sob ela.

Larguei a bolsa na sala de estar e fui até o quarto. A cama *king size* me atraiu e foi lá que me joguei. Ergui as pernas, retirei as botas e joguei-as por ali. Sem a menor dúvida eu iria aproveitar aquele presente, mas junto com o Erik. Por isso, estiquei-me e busquei o telefone.

— Recepção. Em que posso atendê-la, senhorita Fraise?

Ergui a sobrancelha, admirada pela singularidade no tratamento.

— Por gentileza, o presente de boas-vindas do hotel estende-se ao casal hospedado ou é individual?

Depois de confusos segundos, ela respondeu, meio vacilante.

— Senhorita, infelizmente o hotel ainda não oferece presentes de boas-vindas. Do que exatamente está falando?

Sentei na cama, fazendo as ligações, então compreendi.

Erik Lars!

— Querida, por acaso o senhor Erik Lars adquiriu um cartão-presente? — Ela pediu um instante e retornou com a resposta positiva, como eu imaginava. — Poderia me dar outro cartão desse, querida? Gostaríamos de usá-los hoje à noite, é possível?

Novamente a mulher vacilou e pediu um instante, bastante demorado,

dessa vez.

— Não costumamos abrir o Spa à noite, senhorita, mas para hóspedes como vocês, abriremos exceção.

Agradei e desliguei, tomando consciência do poder do nome Lars no reino da Dinamarca.

Passei uma mensagem para o Erik, que me respondeu com um mero... "Sempre o melhor para você, minha rainha. Desfrutaremos juntos, então."

Nem tive tempo de processar a expectativa — simplesmente desmaiei de cansaço.

Erik

Encontrei a Hedda sentada à uma mesa, conversando com o chefe da equipe médica que está atendendo o Mateo, o Johann.

— Com licença...

Ambos me saudaram e convidaram-me a sentar.

— Estávamos falando sobre o hematoma encontrado no Mateo, Erik. — Hedda me contextualizava. — Era bem superficial e foi drenado facilmente.

— Dificilmente haverá uma sequela, porque não foram encontrados fragmentos nem de crânio, nem de massa encefálica. — Johann tomou a palavra, claramente esforçando-se para utilizar termos menos técnicos. — E com a diminuição do edema, já iniciamos a redução da sedação. Logo o Mateo estará conosco e poderemos avaliar com maior propriedade.

— E o diabetes? E as demais condições? — perguntei.

— Estamos conseguindo manter o controle e seu quadro clínico é estável, se levado em conta a gravidade dos traumas. Graças ao *airbag* e a direção do impacto, seus órgãos internos não foram afetados, e isso é o mais importante. Com o hematoma eliminado e o edema reduzindo, tudo agora depende de tempo para recuperar-se das fraturas.

Assenti aliviado.

— Em quanto tempo ele deve retomar à consciência? — Hedda quis saber e, no fundo, era exatamente o que eu estava por perguntar.

Johann olhou para as mãos, cruzadas sobre a mesa.

— É difícil precisar, vai depender muito do Mateo. — Ele ergueu o rosto e nos encarou, sucessivamente. — Mas saibam que estamos prestando toda a assistência e prezando pela proatividade. Por isso, decidimos retirá-lo do coma induzido o quanto antes. Quanto mais tempo, maior o risco de danos.

Assenti, sentindo-me melhor com as explicações, e logo depois Johann nos deixou a sós e um silêncio constrangedor se fez presente.

Eu pensava no Mateo, mas também na Fraise e em meu pai. Viver essas duas situações, simultaneamente, estava sendo complicado.

— Ela é muito bonita.

Ergui os olhos para a Hedda e esbocei um sorriso de satisfação. Sim... Fraise é linda.

— É sim.

Minha prima não era muito de falar, de divergir, e talvez fosse realmente a esposa ideal para mim, aos olhos do Axel. Mas eu queria alguém como a Fraise.

— Eu não esperava que fosse se casar. — Ela havia desviado momentaneamente seus olhos de mim, mas voltou a me encarar timidamente. — Ela é diferente de nós.

Fitei a fila que se formava no caixa do café. Aquela parecia uma frase do Axel. Dita de forma mais doce, mas parecia-se com o Axel.

— Talvez por isso eu goste tanto. — Hedda corou instantaneamente e abaixou os olhos, fazendo-me entender que mesmo sem querer, acabava de ofendê-la. — Me perdoe.

Ela forçou um sorriso e tocou minha mão sobre a mesa.

— Eu entendo você. — Seus olhos brilhavam, úmidos. — Mas quero que entenda que já não somos os mesmos. Você mudou e eu mudei, Kivo.

Então, ela simplesmente levantou, beijou a minha testa furtivamente e saiu. Observei-a passar pelas pessoas e sumir, através da entrada do café.

A Hedda era bonita, doce, delicada... E lamentei que além de tudo isso, ela não fosse também forte o suficiente para se libertar do jugo do Axel.

Bellanne

Abri os olhos com muito custo, porque a delícia do *Adam Lavine* me convidava para "adoçar a vida", na canção que estava como toque de chamada no meu celular.

Levantei tal qual um zumbi e desabei no sofá da sala, revirando a bolsa atrás do telefone. O número no visor me causou alívio e aflição ao mesmo tempo.

— Oi, pai... desculpa. — Eu sabia que o sermão viria, e estava coberto de razão.

— Bella Anne, está tudo bem? Por que não nos ligou, mocinha? Quer nos matar de preocupação?

— Me perdoem... Chegamos de madrugada e depois fomos ao hospital... você está certo, eu deveria ter ligado. Mas estamos bem.

Ele suspirou em alto e bom som.

— Graças a Deus! A viagem foi tranquila? Seus amigos não param de ligar e me fizeram ligar para a empresa de táxi aéreo duas vezes.

Contive o riso e escorreguei pelo sofá até deitar.

— Vou falar com eles. Estou bem, apenas muito cansada e sofrendo um *jet lag* filho da puta!

— Olha esta boca, Bella Anne! Hidrate-se, descanse, como apenas coisas leves. Não há o que se fazer contra esse mal. E o Mateo, como está?

Assenti, lamentando que só tenham me alertado sobre isso de comida leve agora, depois de quase colocar o estômago para fora. De todas as viagens que já fiz, nunca senti tanto os efeitos do *jet lag*. Nunca!

— Mateo está em coma induzido, mas ficará bem, tenho certeza. E vocês, estão bem?

— Estamos. Sua irmã e o Anderson estão aproveitando o presente que vocês lhes deram. Acabaram de chegar à Santiago.

Conversamos um tempo mais, mas eu não estava com muito humor. A minha cabeça ainda doía e tentei disfarçar, para não preocupar o meu pai. Por fim, nos despedimos sob a promessa de que eu ligaria todos os dias.

Observei as cinquenta e duas mensagens no grupo "As loucas": Lucien me xingava de "*bicth*" a cada cinco mensagem, Letícia havia mandado áudios de até seis minutos e a Tati havia lotado o grupo de *emoticons* de magafones, para chamar a minha atenção.

Por pura preguiça, gravei um áudio dizendo que eu estava bem, que o Mateo não estava bem, mas que iria ficar, e perguntando por todos. Assim, bem sucinta. Não estava a fim de papo.

Digitei uma mensagem para o Erik, e ele respondeu de imediato, colocando-me a par das últimas notícias, perguntando como eu estava e dizendo que havia ligado para o hotel e mandado que me servissem uma salada e salmão no almoço — algo bem leve. Dizia também que não conseguiria vir almoçar comigo, pois aguardava alguma reação do Mateo à redução da sedação. Eu compreendi, apesar de lamentar muito.

Tirei todo o volume do celular e o abandonei sobre o sofá de veludo chocolate com madeira finamente pintada de dourado. Cheguei até a janela e

a claridade fez meu cérebro encolher. Apesar de não haver azul no céu, o dia estava bem claro. Lá embaixo — eu estava no segundo andar — as pessoas passavam apressadas em bicicletas ou a pé. Os carros eram poucos e em sua maioria, táxis.

Cerrei as cortinas grossas e voltei ao quarto. Já era quase meio-dia e eu não tinha a menor vontade de comer. Troquei de roupa, optando por um conjunto de moletom e sentei na cama, abraçando meus joelhos. Liguei a TV e, sem entender uma palavra sequer, fiquei olhando para o casal que parecia apresentar um programa sobre cães.

O mal-estar havia passado, mas sentia meu estômago sensível. Sentia falta do Erik, queria estar com ele. Foi para isso que havia atravessado o mundo, não foi?

O telefone fixo tocou sobre o criado-mudo, assustando-me.

— Senhorita Fraise, nosso restaurante está à sua disposição e o senhor Lars nos deixou instruções. — Depois que agradeci, ela prosseguiu: — Também temos uma ligação do Brasil. Deseja que atendê-la?

Franzi o cenho, estranhando, mas concordei.

— Jezebell, que porra tá acontecendo pra você mandar aquela merda de áudio e mais nada?! Estou ligando para você e não atende. Sabe o trabalho filho da puta que tive, para encontrar o hotel onde estava?! O que tá pegando?

Era o Lucien e eu comecei a rir do tom materno que usava. Uma mãe desbocada, mas mães são mães.

— Cansaço, Lu. Estou sofrendo um *jet lag* dos infernos, odiei a culinária escandinava e tive o maior pega com o pai do Erik. Essa foi a minha recepção, mas proíbo você de falar sobre isso com qualquer pessoa. Qualquer pessoa, entendeu bem?

— Você e o pai do Erik brigaram? E é por isso que está assim, com essa voz de quem caiu do trem?

Inspirei profundamente e escorreguei pelo travesseiro até deitar e me virar em posição fetal.

— Nem sei, Lu. Acho que é tudo junto, mas vou ficar bem. Meu cansaço excessivo e o mal-estar também não estão ajudando.

Lucien fez silêncio. Um silêncio longo demais, mas por fim...

— Bell, estou embarcando para *Ibiza* amanhã, mas estou à sua disposição, minha amiga. Pode me ligar a hora que for. E se cuida. Dá um "chega pra lá" nesse velho, e se precisar de alguém para fazer o barraco, conte comigo.

Meu coração se aqueceu.

— Obrigada, amor.

Nos despedimos e voltei a me encolher, sentindo saudade deles e lembrando da Margie me dizendo que eu era dependente dos meus amigos. Eu iria provar-lhe que estava enganada.



Acordei com o barulho do chuveiro. Da fresta da porta do banheiro saía luz e me espreguiceei feliz: Erik havia chegado. Levantei preguiçosamente e tirei meu pijama. Abri a porta do banheiro e o vi sob a água, nu e lindo.

— Tem lugar para mais um?

Ele retirou a água dos olhos e me fitou.

— Tem... Para você.

Abriu a porta do box e me recebeu com um abraço e um beijo caloroso.

— Como está o Teo?

Erik suspirou, cansado, e ergueu o rosto, deixando a água bater em sua testa. Seu corpo, colado ao meu, me chamava.

— Diminuíram a sedação e, de acordo com a programação, esperam que ele desperte até amanhã cedo.

Beijei seu pescoço, por onde a água quente escorria.

— Huumm... — murmurei, adorando seu cheiro. — E a Hedda, também estava lá?

Erik sorriu, segurou meu rosto com ambas as mãos e me beijou com selinhos, diversas vezes seguidas.

— Estou sentindo um toque de ciúme, senhorita Fraise?

Óbvio que eu estava com ciúmes. Estava sentindo sua falta, querendo seus braços, sentindo-me sozinha e morta de ciúme de qualquer um que estivesse com ele.

— Não... — falei manhosa, sutilmente roçando meu corpo no dele e sentindo-o endurecer contra meu ventre. — Não sou ciumenta.

Erik estreitou os olhos para mim, duvidando, e comecei a rir.

— Está soando tão falsa quanto *Christiania*, Fraise. — disse, ainda rindo.

— Quem é *Christiania*?

Enquanto me envolvia pela cintura com um braço, Erik esticou o outro e encheu a mão de sabonete líquido do suporte.

— Não é “quem”, mas “o quê”. Aqui em *Copenhague* existe uma espécie de “cidade livre”. Grosso modo, é uma comunidade hippie que há anos comprou um terreno e fundou um bairro que não obedece às leis de *Copenhague*.

— E por que é falsa?

Suas mãos ensaboadas escorregavam por minhas costas, bunda e contornava os lados do meu corpo, excitando-me rápido demais.

— Porque apesar de ter um perfil livre, é repleto de regras bem rígidas.

Ergui as sobrancelhas, surpreendendo-me, mas a minha curiosidade logo foi abafada pelos seus lábios e mãos ousadas. Repeti seu gesto, enchendo a mão de sabão e também passei a ensaboá-lo, matando a saudade da sua pele, dos pelos e das curvas sutis dos seus músculos.

Entreguei-me aos beijos famintos, sensuais, e terminamos aquele banho com minhas costas colada ao azulejo frio, Erik todo dentro de mim e nossa paixão sobrepondo-se ao mundo ao nosso redor.



— Experimenta só mais esse. — Pincei um *sashimi* com o *hashi* e o levei à boca do Erik.

— Hummm... — murmurou de boca cheia, enquanto ria de alguma piada na TV.

Eu estava sentada na cama, recostada na cabeceira de *matelassê*, com o Erik deitado entre as minhas pernas e sua cabeça sobre meus seios nus. Assistíamos ao jornal. Ou melhor, ele assistia e traduzia os fatos mais interessantes para mim, enquanto comíamos *sushi*.

Empurrei a bandeja quase vazia e deixei-a sobre o criado-mudo. Erik passou os braços sobre minhas pernas dobradas e começou a acariciar minhas panturrilhas, num carinho tão distraído quanto gostoso. Aproveitei a posição e inclinei-lhe a cabeça, deixando seu pescoço completamente livre para o meu deleite.

Beijei exatamente o lugar onde começava o cabelo, atrás da orelha, e o vi fechar os olhos. Então, apenas coleí meu rosto ao dele e deslizei a mão pelo seu peito, brincando com os pelos fininhos e claros. Sua respiração tranquila me dizia que estava relaxado e isso era bom demais, levando-se em conta as

últimas horas.

Com a outra mão, mergulhei em seus cabelos fartos, sedosos, e lhe fiz cafuné. Erik amoleceu em meus braços e eu rapidamente aprendi a amar essa sensação. Ele pesava sobre meu peito, seu tronco forte forçava minhas pernas a abrirem-se, embora eu lutasse para mantê-las firmes e sustentá-lo, mas nada seria incômodo suficiente para fazer-me abdicar da emoção de tê-lo tão meu.

Muito mais meu do que quando está dentro de mim; muito mais meu do que quando me pediu em casamento. Erik era meu ali, entregue aos meus carinhos, à mercê da minha vontade. E essa vontade era apenas a de eternizar o momento. Apertei ele entre minhas pernas e meus braços, beijando sua bochecha, roçando meu rosto na barba macia.

— Gosto do seu cheiro. — sussurrei. — Me dá vontade de cheirar você o tempo inteiro.

Ele aumentou suas carícias ao longo da minha perna, respondendo ao meu chamado. Então, deslizei os dedos pelos ombros largos e redondos.

— Amo essas sardas... e os sinais. — Distribuí beijos ao longo do trapézio e retornei ao ouvido, fazendo-o respirar mais fundo.

— Amo a sua respiração e a variação que ela tem. — sussurrei novamente, enquanto beijava-lhe o lóbulo da orelha. — E como sua pele arrepiava... assim.

Todo seu corpo estava eriçado e enchi a boca d'água, ao ver seus mamilos tesos, enrugados, rodeados de finos pelos dourados. O corpo grande estendia-se ao longo da cama, nu, com o pau semiereto, desperto. Um corpo digno de ser registrado como exemplar perfeito do macho humano.

Tornei a beijar-lhe o rosto e o vi tão lindo, entregue, como criança aproveitando um carinho. Pensei em quanto tempo havia que o Erik não recebia um carinho assim.

Deixei que sua cabeça pendesse para trás e a apoiei com o braço, o que me deu mais acesso ao seu rosto. Ele seguia de olhos fechados, inerte. Apenas a sua respiração e o sorriso extremamente sutil denunciavam que estava acordado.

— Erik Lars... — Ele abriu os olhos apenas um pouco, quase uma mera fresta azul. — Você quer casar comigo?

Ele fez aquele biquinho... Aquele que me matou de ciúme na inauguração da Drakkar; aquele que é um tiro em meu coração.

— Não sei... — murmurou manhoso. — Terei esse carinho todos os dias?

Meu riso o contagiou e não pude resistir à sua boca vermelha.

— Todos os dias, meu Viking. — Beije-lhe a boca com ânsia de mordê-la.

— Cada dia dessa minha vida.

Em movimentos rápidos e harmônicos, Erik virou-se dentro das minhas pernas, e segurando simultaneamente em minhas coxas, puxou-me para baixo. Gritei, protestando, quando ele veio para cima de mim e depois rolou para o lado. Ao fim, estávamos rindo, deitados de lado, um de frente para o outro.

— Vou cobrar essa promessa, Moranguinho. — Segredou, enquanto nossas respirações se acalmavam e nossos risos morriam ante a emoção.

Erik me puxou contra seu peito e passou a perna pesada sobre as minhas, prendendo-me. Seu olhar caiu sobre mim e fechei os olhos para as carícias que fazia em meus cabelos e no contorno do meu rosto.

— Adoro sua boca... E seus olhos. — Ele murmurou sério e eu abri os olhos para fitar aquele azul que eu tanto amava. Erik olhava fixamente para a minha boca, deslizando a ponta do polegar em meus lábios. — Posso fechar os olhos e descrevê-los com minúcia.

Eu fazia desenhos abstratos em suas costas, absorvendo-lhe o calor, delineando suas formas tão másculas. Mas quando seus olhos voltaram-se aos meus, seu amor tornou-se quase tangível. Ele tinha o olhar como de um garoto que luta para se autoafirmar como homem, que briga para ser visto como tal, embora no fundo, tudo o que precisa é de um colo.

Ergui a mão e alisei a barba macia. Os lábios do Erik eram de uma perfeição sem igual... cheios, bem desenhados e sempre vermelhos. Aproximei-me, aspirando seu hálito delicioso.

— Você nunca precisará fechar os olhos para me ver, Kivo... Eu sempre estarei aqui, bem na sua frente.

E antes que me beijasse, eu o beijei. O envolvi em minhas pernas e coloquei-me sobre ele, sugando seus lábios febris, mergulhando a língua na sua boca, que era tão minha.

As mãos grandes, duras, percorriam meu corpo, fazendo-me delirar; a ponta do bigode roçava meus lábios, deixando-me excitada ao imaginá-lo arranhando meus lugares mais íntimos; esfreguei-me inteira nele, ardendo de desejo.

— Minha Fraise... — sussurrou ao tempo em que apertava as minhas coxas, então, ergui seus braços e segurei-lhe as mãos e as mantive presas no alto do travesseiro.

Erik me olhava embevecido e eu sabia o que ele estava vendo, porque via-me refletida em seus olhos. Naquele breve instante, senti que me adorava

de uma maneira que eu jamais seria adorada na vida. No profundo e limpo azul dos seus olhos, vi o quanto precisava que eu estivesse ali com ele.

— Erik... Deixa eu te amar? — Era apenas retórica.

Por um segundo, vi sua testa franzir, mas logo em seguida relaxar. Acho que ele não era muito acostumado a receber carinho. Talvez esse fosse o grande "x" da sua vida.

— Só relaxe, Viking... — sussurrei lânguida ao seu ouvido, enquanto beijava-lhe o pescoço. — Apenas me deixe amar você.

Apesar do seu pau duro sob mim, me torturando, concentrei-me em seus olhos. Soltei seus braços e acariciei-lhe os cabelos sedosos, derretendo-me na meiguice com que me fitava. Beije-lhe a ponta do nariz, os cantos dos lábios e os saboreei sem pressa. Erik era todo uma delícia, todo firme e macio ao mesmo tempo.

O fogo me queimava em chama branda e pela primeira vez não senti aquela urgência tão familiar. Eu queria deixá-lo mole, farto de carinho. Queria dizer "olá" para cada pedaço de pele, cada pelo dourado, cada cantinho onde o seu cheiro ficava mais intenso.

Suas mãos grandes e pesadas pousaram em minhas costas e ali ficaram, quase inertes, reagindo apenas quando eu o acariciava com mais intensidade.

Erik fechou os olhos quando escorreguei meus dentes em seu queixo, lambendo os fios grossos e dourados. O perfume da sua pele aguçou meu paladar quando mergulhei no pescoço largo, quando mordi de leve o trapézio firme e retornei no meu caminho, até esbarrar em sua boca entreaberta e beijá-lo com um desejo que me dilacerava.

Nenhum dos dois pode mais se conter e bastou que ele me segurasse pelo quadril e me erguesse, para eu escorregar em seu pau até me sentir totalmente preenchida.

Nossos gemidos encheram o ar e me perdi novamente em sua língua.

Com uma das mãos ele empurrava meu quadril, me forçando mais e mais contra seu pau; e com a outra, segurava a minha nuca, aprofundando o beijo.

Jah! Como se pode desejar tanto alguém, até a margem da agonia, por não saber como dar-se ainda mais?

— Eu te amo... — ele murmurava, enquanto nossos lábios ainda estavam juntos, chocando nossos dentes. — Eu sou louco por você.

Eu não precisava responder. Todo meu corpo gritava o quanto eu amava este homem. O quanto desejava fazer amor com ele pelo resto da minha vida. E até quando ele ia fundo e a dor aguda e fugaz me fazia retesar... Eu o queria

mais e mais.

Erik ergueu o tronco e eu envolvi sua cintura com as minhas pernas. Nossos corpos colados suavam, a despeito dos quase 10 graus lá fora e talvez pouco mais que 22 graus no interior do quarto.

Seus braços me prendiam, impulsionando-me para cima e para baixo, em movimentos curtos. Em meio à luz baixa do quarto, vi o reflexo azul buscar o meu. Sorri para o viking selvagem à minha frente, de cabelos bagunçados, mordendo o lábio inferior, represando seu tesão, e faltou-me o fôlego, quando ele franziu a testa e mordeu mais forte o lábio, começando a gozar.

Eu adorava saber que ao menos neste instante, aquela beleza nórdica e selvagem inteira gozava só pra mim, perfeito daquele jeitinho.

Gemi alto, sentindo como se minhas células estalassem, como se cada um dos meus neurônios, brilhantes de satisfação, se reunissem em meu ventre e ali fizessem uma festa.

Ele gemeu rouco em meio à explosão de prazer e eu entrei em combustão. Agarrei sua cabeça contra meu colo e mergulhei os dedos na cabeleira vasta. Ele seguia me guiando, fazendo-me gritar de prazer. Eu o apertava — em meus braços e em minhas entranhas — tentando tomar-lhe tudo. Meus braços e pernas se eletrizavam, mas ainda encontrei forças para segurar-lhe o rosto, erguê-lo para mim e colar a minha boca à sua, deixando que engolisse meu gozo.

Sem qualquer explicação, sem o menor sentido, senti os olhos arderem e comecei a chorar. As lágrimas rolaram sem que eu conseguisse contê-las. Aquilo que havia em meu peito era tão grande, tão imenso, que parecia querer sair correndo, extrapolar meu corpo, expandir pelo quarto e estourar as janelas para voar livre pelo espaço.

— Ei... — Erik cessou seus movimentos e segurou meu rosto entre suas mãos, preocupado. Buscava os olhos que eu tentava esconder. — Bell? O que foi?

Eu ainda sentia o corpo estremecer de gozo, e aquela agonia, misto de felicidade e medo, me dominava.

Ele enxugava minhas lágrimas, apreensivo.

— Amor, o que foi?

Eu não lhe respondi, apenas porque não sabia o que dizer. Acho que a consciência do quanto amo o Erik chegou de forma tão arrebatadora, que não pude suportar.

Como resposta, o abracei e beijei sua boca com paixão. Suguei-lhe a

língua, saboreei a saliva, absorvi seu calor como se nada mais existisse no mundo. Erik pareceu entender, porque prendeu-me em seus braços, me apertando e devolvendo o beijo com a mesma necessidade.

Nos fundíamos mais uma vez, e se isso seguisse assim, logo não saberíamos mais o quanto ainda tenho dele em mim e nem ele o quanto tem de mim.

5º Capítulo



CAPÍTULO 5

Erik

Despedi do Thomaz e encerrei a videoconferência com a diretoria da Drakkar no mesmo instante em que a Fraise terminava de se arrumar. Ela atravessou o quarto descalça, usando um vestido verde escuro, mais ou menos longo, que desenhava lindamente seu corpo. Os cabelos soltos me convidavam a bagunçá-los, e quando sentou na cama para calçar suas botas, me deu aquele seu olhar sexy, que me fez lembrar a noite anterior.

— Tomou o Plasil? Certamente, hoje já começarão a estabilizar os efeitos do *jet lag*. — Eu estava preocupado com ela. Apesar de a Bellanne ser acostumada a viagens longas, *Copenhague* ficava muito acima do equador e as diferenças no clima, comida e fuso eram gritantes.

— Tomei e estou tentando segurá-lo no estômago. Tem notícias do Teo? Fechei o *laptop* e fui buscar nossos casacos no armário.

— Ainda não despertou, mas está dentro do previsto. Até a tarde ele deve estar conosco.

Ela veio para mim sorrindo e abraçou minha cintura. Tomei-a em meus

braços, sentindo seu cheiro bom e toda a maciez do seu corpo.

— Quero estar lá quando ele acordar — disse.

Instantaneamente, construí a cena da Fraise e o Axel na mesma sala, o dia inteiro juntos. Previ as indiretas, os olhares e as provocações contra Fraise e avaliei quantas dessas eu conseguiria rebater. Infelizmente, eu não poderia simplesmente mandar o Axel embora. Mateo é o seu filho e, se duvidar, ele tem até mais direito do que eu em estar lá.

— Ele vai ficar feliz em te ver. — Ajudei-a a vestir seu sobretudo caqui e dei um beijo rápido nos lábios vermelhos, tentadores. — Vamos descer. Estou morto de fome!

Bellanne resmungou e eu soube que me daria trabalho fazê-la comer.

Sentamos no restaurante elegante do hotel e insisti para que comesse ao menos frutas, mas Fraise mal tocou no iogurte e até café rejeitou.

Ela me contou que falou com o pai e com o Lucien e eu lhe contei sobre a coleção de primavera da Drakkar. Eu adoraria que ela desse uma olhada antes da minha aprovação, embora eu confiasse plenamente na equipe de moda da Drakkar, composta por estilistas de qualidade e uma gerente linha dura.

— Com licença... — O jovem funcionário do hotel aproximou-se sorridente. — Desculpe interromper a refeição, Senhor, mas gostaria de saber se desejam que reservemos algum passeio, um carro talvez?

— Não, obrigada. — Ele sorriu, em resposta à Bellanne, provavelmente encantado com o sorriso dela. Quem não ficaria? — Muito gentil da sua parte.

— Posso deixar esses panfletos com opções turísticas? Caso desejem qualquer coisa, basta procurar a recepção.

Agradecemos e passei metade dos panfletos para a Bellanne, que apenas os olhou furtivamente e logo deixou-os de lado.

— *Copenhague* tem lugares lindíssimos. Eu adoraria levá-la para conhecer.

Ela sorriu sutilmente, enquanto mastigava a cereja.

— Teremos outras oportunidades, Kivo.

Levei a xícara de chá à boca e o sorvi devagar. Estava bem quente. Fitei os panfletos ao lado do pratinho de frutas da Fraise, pensando em como convencê-la a fazer um passeio e arejar.

— Hum! — Apontei para o panfleto de cima — O *Nyhavn* fica maravilhoso no outono.

Ela pegou o panfleto mostrando o canal que corta *Copenhagen* e o observou. A satisfação me fez sorrir.

— A luz fica perfeita para fotografias. Ao menos para um leigo, como eu.

Ela abriu o panfleto e começou a estudá-lo.

— Parece lindo, com todo esse colorido... A disposição das casas...

Garfei um pedaço de queijo e contive meu sorriso de vitória. Ela iria passear, arejar a mente e, ao mesmo tempo, afastar-se das garras do Axel.

— O passeio começa no porto e você pode desembarcar em quatro docas, onde existem restaurantes de frutos do mar maravilhosos.

Ela apenas murmurava, deslizando os olhos astutos pelo panfleto. Roubei uma cereja do seu prato e fiquei aguardando que me perguntasse se eu me importaria dela pegar a máquina e ir fazer alguns registros do *Nyhavn*.

— É lindíssimo, Kivo. Podemos colocá-lo no nosso roteiro, em uma próxima viagem. Vou adorar!

Foi difícil esconder a decepção, mas consegui fazê-lo.

— Achei interessante esse Aquário Nacional. Você o conhece? — Ela continuava a ler o anúncio.

Franzi a testa, vendo uma nova possibilidade de levar Bellanne a distrair-se, afastando-a do Axel.

— Conheço sim, é magnífico. Ele fica submerso e você tem uma visão diferenciada. Deveria visitá-lo.

Ela assentiu, silenciosa e examinando minuciosamente o papel em suas mãos.

— Uau! Parece mesmo impressionante. Teremos que fazer uma estadia longa, na próxima vez. — Ergueu seu rosto lindo para mim. — Há muito o que se ver e quero que me mostre cada lugar que te traz boas lembranças.

Bellanne me encantava a cada minuto.

Segurei sua mão sobre a mesa, sentindo-me mais derrotado ainda, por não saber o que fazer para evitar que se irritasse e que fosse machucada. Por mais que eu tentasse deter o meu pai, por mais que eu o ameaçasse, não conseguiria defendê-la de todas as injúrias, não conseguiria evitar todos os embates.

— Perfeitamente. Você terminou?

Bellanne assentiu, já levantando-se. Atravessei o salão com a mão em suas costas e a preocupação de volta à mente. O dia seria duro e complicado.

Caminhamos até o hospital. A distância era razoável, o clima estava agradável e eu queria mostrar à Fraise a beleza da arquitetura antiga da

cidade. Mal entramos no prédio do hospital e o seu celular tocou. E quando o atendeu, a vi erguer os olhos para mim, alarmada, mas ela apenas me mandou seguir, dizendo que me encontraria na recepção do CTI. Bem, isso me daria um tempo para conter o Axel.

— Bom dia. — Saudei a Soraia, que lia um livro sentada na poltrona.

Ela sorriu para mim e quando me olhava assim, eu ainda conseguia vislumbrar a sua beleza clássica, apesar da magreza e da falta de brilho.

— O Mateo acordou? Onde estão todos?

Soraia apertou os lábios, claramente desapontada.

— Ele ainda não acordou, mas seu pai está lá dentro com os médicos.

Olhei para a porta de ligação entre a recepção e o corredor que levava aos leitos, avaliando se me deixariam entrar, e voltei a fitar Soraia.

— Querida, se importa de ficar com a Bellanne, enquanto vou lá dentro? Ela está subindo.

— Claro que não me importo. — disse ao sorrir. — Ela é incrível, Erik.

Por mais que sorrisse, que se animasse, a tristeza vivia em seus olhos.

— É sim... Ela é incrível. — respondi, sabendo que era a mais pura verdade. E quando já havia aberto a porta, entrando no imenso corredor de luzes frias, voltei. — Soraia... A Sílvia está aqui?

— Não, ela está na faculdade.

Assenti aliviado. Essa era outra que eu teria que manter distante da Bellanne, o que não seria uma tarefa difícil. Já o Axel...

— Melhor assim.

Após vestir o avental e o cobrir sapatos, caminhei pelo corredor até a janela de vidro, por onde vi o Axel, próximo à cama do Teo, com os braços cruzados sobre o peito. Ele coçava o queixo, enquanto escutava as explicações de um dos dois médicos que o acompanhavam. Mateo seguia ligado aos aparelhos de monitoramento, entubado e adormecido.

Entrei, interrompendo-os.

— Bom dia, senhores. — Cumprimentei os médicos e fiz um aceno de cabeça para o Axel. — Então, algum sinal?

Eu os vi entreolharem-se e aquilo me preocupou.

— Senhor Erik, o Mateo não está respondendo como esperávamos. — Meu coração saltou no peito e busquei o olhar do meu pai, mas ele sequer o retribuiu. — Estamos entrando com os procedimentos e já estamos

providenciando novos exames.

— E por que ele não está respondendo?

— Fique tranquilo. Assim que fizermos os exames, saberemos. Ele está sendo assistido e todas as funções vitais estão estáveis. Não há motivos para pânico.

Nenhuma daquelas palavras me consolava, até porque, seus semblantes contradiziam a fala tranquila.

— Vamos ver se já prepararam a tomografia. Fiquem à vontade.

Os dois médicos saíram e eu me aproximei do Mateo. Apesar dos machucados, dos membros engessados, do respirador e todos aqueles aparelhos, o Teo parecia apenas dormir. Não demonstrava estar sentindo dor ou qualquer incômodo.

Era estranho vê-lo tão perto, como se dormisse, e ao mesmo tempo tão longe do meu alcance.

— Será algo ligado ao traumatismo? — Axel perguntou e eu estranhei. Ele é quem estava reunido com os médicos, deveria saber.

Axel estava do outro lado da cama, segurando a mão do Mateo, onde estava o acesso venoso.

— Eu não sei... — A parca luz do sol entrava por um vidro retangular e pequeno, instalado no alto da parede. Nem mesmo era um raio de sol... Era apenas claridade e caía sobre as pernas cobertas do Teo. — Ouviu o médico dizer que fisicamente ele está bem.

— Nunca pensei que fosse passar por algo assim.

Pensei sobre o que disse e esperei que prosseguisse, mas Axel calou-se e eu o fitei. Tinha os olhos marejados, o semblante claramente decaído, cansado.

— Você dormiu?

Ele deu um muxoxo antes de suspirar.

— Há dias não durmo direito. Passei a noite aqui, esperando que ele acordasse.

E minha memória presenteou-me com imagens do Axel na nossa infância. Jamais fora um pai carinhoso. Nunca sentou para brincar conosco, mas não nos deixava faltar nada, e também não admitia que alguém nos machucasse. Contudo, tínhamos que fazer o que ele esperava.

Nada fora dos seus planos era admitido: nenhum curso extracurricular que não fosse pré-aprovado; nenhum amigo fora das famílias que ele escolhia para serem amigas dos Lars; nenhum sonho que não tivesse sido sonhado por

ele antes.

Embora isso nos tenha sufocado a vida inteira, tínhamos chegado até ali por suas mãos — sendo estas duras ou não.

— Por quê? — A palavra saiu dos meus lábios sem que eu tencionasse, mas não o fitei. Mantive meus olhos fixos em Mateo, buscando um caminho de volta para não entrar na conversa que estávamos entrando, e para a qual eu mesmo abri a porta.

— Por que fiquei aqui? Porque é meu filho e eu o amo.

— Você nos ama? — Criei coragem e o olhei.

Jamais tive medo do Axel. Não como se tem de alguém que possa te agredir. Meu medo era pautado nas coisas que ele poderia fazer às pessoas ao meu redor.

Eu sempre o obedeci porque odiava quando ele culpava a Diana pela minha criação "rebelde", como ele a classificava. E foi por ela que voltei para casa, nas duas vezes em que fugi, durante a adolescência. Ele nunca a agrediu fisicamente, mas a tortura psicológica era o seu melhor argumento.

— E por que tem essa obsessão por nos controlar, nos manipular, Axel?

Ele franziu a testa, contraindo as sobrancelhas.

— Eu não manipulo vocês. Eu cuido de vocês! Quero o melhor para os meus filhos. Sempre tentei lhes mostrar o caminho, sempre preparei tudo para que trilhassem a estrada que eu sabia que era a correta. Quero que vençam, quero que sejam os melhores, que sejam felizes!

Ele começou a alterar a voz, mas conteve-se, quando uma enfermeira passou no corredor, e a vimos pela janela de vidro.

— E ser feliz é trilhar o seu caminho, Axel? — O encarei. — Pois saiba que sou extremamente feliz com a Bellanne. O que temos é um sentimento raro de cumplicidade, de carinho, de confiança.

Ele balançava a cabeça, negando o que eu lhe falava.

— Você não sabe de nada, Erik. Ela uma mulher voluntariosa, indomável. Não tem as mesmas perspectivas que você, não tem nem mesmo a mesma cultura, o mesmo padrão.

— Amor é mais que isso, Axel. — Eu me forçava a sussurrar, mas meu desespero em fazê-lo entender roubava-me as palavras. — Eu... Eu sou feliz com ela. Eu não me imagino sem a Fraise!

Axel riu, escarnecendo-me.

— Essa felicidade é ilusória, Erik. Está encantado com a vivacidade dela. Está enfeitiçado pelo ar de liberdade que ela demonstra, e você sempre foi

ávido por liberdade. É uma armadilha!

Respirei fundo e o queimei com meu olhar.

— Você não a conhece.

— Ah, conheço sim. Levantei todas as informações sobre ela e sua família. E posso te dizer que essa relação torpe de vocês não durará muito. Você se cansará dela mais cedo do que pensa. — então, ele debruçou-se sobre o corpo inerte do Mateo e me olhou de perto. — Acontece que não estou disposto a esperar que se canse. Ela irá tragar você para a fraqueza, irá torná-lo um bonequinho, se eu não fizer algo.

Meu controle fugiu um segundo antes que eu pudesse contê-lo e agarrei o colarinho do Axel.

— Não se meta com ela, já te avisei. Se você fizer qualquer coisa contra a Fraise, nunca mais irá colocar os olhos sobre mim, entendeu?

Seus olhos azuis brilhavam de ira, mas não me intimidavam.

— Prefiro ver você morto, Erik, a vê-lo com essa criatura. E farei de cada dia da vidinha barata da Bellanne Fraise, um verdadeiro inferno, até que desista de arrastá-lo para a lama.

O que vi em seus olhos causou-me tamanho asco e perplexidade, que soltei seu colarinho, enojado. Ele odiava a Bellanne. Ele verdadeiramente a odiava.

Deus do céu, ele não estava apenas ameaçando. Ele estava me avisando.

Dei dois passos para trás. Sentia que poderia me contaminar com sua escuridão.

— Você o quê? — Suas palavras ressoavam em minha mente, buscando sentidos.

Axel retomou sua pose aristocrática e olhou-me friamente.

— Lutei a vida inteira por você, Erik. Ainda que me desprezasse, ainda que fugisse de mim, eu lutei e vou continuar lutando. Não perderei um filho para esta criatura. Não perderei um Lars... Não perderei você.

— Por quê? — Meu peito doía, porque Bellanne não merecia que alguém a odiasse assim. Bellanne não merecia que eu lhe impusesse uma presença tão nefasta quanto a do Axel. Então, como a luz que entrava pelo pequeno vidro no alto da parede, minha mente clareou. — É porque ela lembra a Diana? A odeia assim porque ela se parece com a mamãe, quando a conheceu?

— Jamais repita isso! — Seu tom alto e ríspido me assustou e tive a impressão de ver o Mateo se mexer, mas foi apenas impressão. Ambos olhamos para o meu irmão, e quando voltamos a nos fitar, Axel ainda tinha

fogo nos olhos. Acredito que ele via a mesma coisa nos meus. — Jamais repita isso... — disse, em um tom bem mais suave, controlado. — Eu fui homem suficiente para colocar a Diana nos trilhos. Eu consegui conter seus arroubos. Acha que conseguirá conter essa criatura? Não vale a pena, acredite em mim.

Comecei a rir e nem sabia do que eu ria, se de ódio, de pena ou incredulidade.

— Eu não tenho que conter ninguém! Você é um louco! — Eu tentava sussurrar, mas estava ciente de que não conseguia. — Eu não sou você, Axel!

— Só porque não quer ser, Erik.

Encarei ele. Estávamos a pouco mais de dois metros de distância e ainda assim eu conseguia ver cada raja em seus olhos. Tive vontade de chorar de raiva, de dor, de vergonha.

— Você está certo... Não quero ser. E não vou ser.

Mirei a porta e saí do quarto antes que perdesse completamente o controle. Arranquei o avental de mim e fui direto ao banheiro. Era um lugar pequeno, apertado, e foi apertando cada vez mais. As paredes dobravam-se sobre mim, o teto me comprimia e eu tentei respirar, mas não havia ar. O pânico começou a apertar meu peito e quando me dei conta, estava a meio caminho do soco na parede.

Minha mão estalou e meus dedos perderam a força, latejando de dor. Liguei a torneira e enfiei a mão sob a água gelada, que aos poucos foi adormecendo as minhas articulações.

Desgraçado!

Eu queria me livrar daquelas palavras, daquelas sentenças, mas elas me rodeavam como fantasmas.

Eu jamais serei como ele!

E a dor no peito sobrepôs a da mão. Sentei no vaso fechado, apoiei a testa na beira da pia e chorei. Deixei que a raiva saísse de mim, antes que me comesse por dentro. Deixei que meu corpo se depurasse da vontade de matar o Axel, porque isso só iria piorar a minha vida. Então, pensei na Diana e pensei na Bellanne. A mesma vivacidade, a mesma energia.

Era isso que ele tanto odiava nela. Porque via na Bellanne a mulher que ele matou assim que conheceu.

Busquei levar meus pensamentos para coisas mais agradáveis, para fatos alheios, como a Drakkar.

Respirei fundo e olhei minha mão, analisando o estrago. Estava apenas

vermelha e logo estaria normal. No azulejo ao lado da pia, uma pequena rachadura, mas nada que chamasse a atenção. Então, levantei e lavei o rosto. Bellanne provavelmente já estava na sala de espera e eu não podia deixar que se encontrasse com o Axel. Ele a odiava e iria machucá-la. E tudo o que eu poderia fazer era gritar com ele, ameaçá-lo, deixar de falar com ele... Tudo o que eu já fazia e não surtia efeito.

Eu não podia bater nele ou matá-lo, e ainda assim, duvido que qualquer uma dessas coisas o fizesse desistir de afastar-me dela. Até morto, ele viria atormentá-la.

Abri a porta do banheiro e saí. Precisava tomar providências.

Bellanne

Desliguei o telefone apreensiva, sem saber se fiz certo ou não em dizer a Mariana que o Mateo ainda estava na semi-intensiva para recuperação, mas que estava com muita saudade dela. A Mari era ingênua, mas tive certeza de que não havia engolido essa, porque chegou a ser um pouco dura comigo, com toda razão. Por isso, pedi à Letícia que contasse a ela toda a verdade, mas de maneira sensata, cuidadosa.

Tensa feito uma corda de violão, cheguei à recepção do hospital, dei meu nome e aguardei cerca de dez minutos pela liberação.

— Senhora Fraise. — A moça que me atendia, enfim, havia voltado lá de dentro da recepção. — Desculpe o transtorno, mas não podemos liberar a sua entrada na ala do CTI.

— Como não? Ontem estive aqui, fui até lá...

— As ordens foram expressas, senhora. Apenas familiares podem subir.

— Mas não vou até o CTI! — Eu estava me irritando e já nem sabia se estava conseguindo me expressar corretamente, embora meu inglês fosse impecável. — Sei que o acesso lá é permitido apenas para a família... Além do mais, o interno é meu cunhado.

A moça olhou novamente o meu passaporte atentamente.

— Aqui diz Bellanne Fraise, e não Lars. Infelizmente, não posso liberar.

Meu queixo caiu e eu não pude acreditar.

— E por que ontem vocês me deixaram subir?

— Não sei, Senhora, eu não estava aqui ontem. Se estivesse, certamente não deixaria.

Estreitei os olhos para ela, sentindo ânsia de mandá-la tomar no meio do

mundo, mas respirei fundo, pensando que um barraco em inglês não seria algo bonito de se ver e ouvir, além do fato de eu ser estrangeira, o que de cara já me conferia culpa. Então, peguei o celular, mas quando terminava de apertar a chamada rápida, o elevador abriu e Erik surgiu.

Ele veio direto para mim e me deu um abraço apertado, assim do nada. Algo não estava bem.

— O que foi, Kivo? É o Teo? — Todo meu corpo começou a tremer, imaginando o pior.

— Não... Não. — Ele largou o abraço, mas manteve-se próximo. — Ele está relativamente bem e o estão preparando para mais exames, porque já deveria ter acordado.

Respirei aliviada e tornei a abraçá-lo, aspirando seu perfume bom.

— Graças a Deus. — O observei por alguns segundos. — E por que está assim, tão abalado?

— Eu, abalado? Não... — Ele sorriu, mas eu conhecia cada um dos sorrisos do Erik Lars, e aquele não era sincero. — Estou preocupado. O consulado da França acaba de me ligar. Ele olhava para todos os lados, tenso. — Tenho uma série de papéis para assinar, referentes à Drakkar, e sabendo que eu estava aqui, encaminharam hoje cedo para o consulado, porque preciso assiná-los.

— São urgentes assim?

— São. Eu não sei como e nem quando poderei sair do hospital, mas preciso assiná-los.

Ele estava realmente preocupado. Passava a mão na testa, olhando-me furtivamente, e não lembro de tê-lo visto tão nervoso com algo aparentemente simples.

— Eu já ia subir, mas não liberaram meu acesso. Disseram que apenas a família...

— Eu resolvo isso. — Agora ele olhava fixo para a recepção, mas parecia distante. — Deve ser algum engano.

— Kivo... Eu posso ajudar? Estou vendo o quanto está apreensivo.

Enfim, ele me encarou. Seus olhos muito azuis esquadriharam meu rosto minuciosamente.

— Você iria ao consulado pegar esses papéis para que eu os assinasse? Não quero sair antes de ter uma resposta sobre os exames.

Deus, era só isso?!

— Claro que vou. É só me dar o endereço e vou lá, pego os papéis e trago

para você.

Ele continuava a me olhar, daquele jeito tenso, contido. Até que me abraçou, passando um dos braços por trás do meu pescoço e beijando minha cabeça.

— Eu te amo, Bellanne Fraise. — sussurrou contra a minha testa, deixando-me tensa. — Jamais esqueça disso.

Segurei em sua cintura e o fitei diretamente.

— Está tudo bem, Erik?

Seus olhos desceram para a minha boca e ele assentiu.

— Só estou chateado porque estava certo de que encontraria o Mateo acordado.

Pensei na Mariana e no filho que trazia no ventre. Dizem que as pessoas em coma escutam, sentem. E se o Mateo soubesse que será pai? Será que isso ajudaria a trazê-lo de volta?

Abracei o Erik apertado, antes de erguer a cabeça e encontrar seus olhos novamente.

— Erik, preciso te contar uma coisa... — Ele contraiu as sobrancelhas. — Era a Mariana ao telefone e... Bem, tive que contá-la a verdade sobre o Mateo.

— Ela já não sabia? Por que você não contou?

— Porque... Eu não te disse antes porque estava tudo tão louco, estávamos tão desesperados, mas... Kivo, você também precisa saber de uma coisa... o Mateo será pai.

Erik paralisou, "bugou", sei lá o quê, mas ficou parado me olhando, sem expressão, por longos cinco segundos.

— Diz alguma coisa!

Ele lambeu os lábios, umedecendo-os, então, sorriu em meio a um suspiro.

— Pai? Eu vou ser tio?

Comecei a rir e ele riu comigo.

— É isso. A Mari está grávida e o Mateo será pai, você será tio e acho que, por tabela, serei tia também, né?

Então, ele me abraçou novamente, beijando a curva do meu pescoço.

— Se ele pudesse me ouvir...

— Quem sabe não pode, Kivo? Tente. Diga a ele.

Com um lindo e sutil sorriso nos lábios, ele assentiu.

— Ok. — Saí do seu abraço, tentando ser prática. — Me dá o endereço do

consulado. Vou até lá e volto o mais rápido possível, tudo bem?

Novamente ele assentiu em silêncio. Fomos até a recepção, onde ele pediu um papel, escreveu o endereço e logo eu estava em um táxi, rumo ao consulado francês em *Copenhague*.



O táxi parou em frente a uma estação de metrô. Do outro lado da rua estava o prédio antigo, imponente e lindamente conservado, como toda construção antiga em *Copenhague*.

A porta estava fechada e não havia sequer um guarda. Toquei o interfone e quando atendeu, agradei às aulas de francês que tive na escola.

— Bom dia, venho da parte do Senhor Lars e gostaria de falar com a senhora Marie Dufort.

A porta foi imediatamente destrancada e eu entrei.

O piso finalmente decorado logo chamou-me a atenção, mas assim que minha vista acostumou com a pouca luz, notei a escadaria suntuosa e o lustre pesado sobre minha cabeça.

— Por aqui, *Mademoiselle*.

Segui o homem e logo entramos em uma ala mais clara e ocupada. Pessoas trabalhavam atrás de computadores e me ignoravam completamente. Apenas uma moça, que se servia de café, sorriu para mim.

Logo chegamos à outra porta dupla, quase tão imponente quanto a primeira. O homem a abriu, dando-me passagem. Sentada à uma mesa antiga e muito bonita, uma moça delicada, de cabelos castanhos e sorriso simpático fez um sinal para que eu me aproximasse e sentasse, enquanto ela terminava um telefonema.

— Sim, não se preocupe. Farei de tudo e será um prazer ajudá-lo. — Ela era muito bonita, a Marie. Magra, parecia alta, de olhos grandes e expressivos. Aparentava já estar perto dos quarenta e cinco anos, mas via-se claramente traços de *botox*. Sua elegância estava expressa nas roupas finas e nos gestos delicados. — Lembranças à família e estimo melhoras.

Quando, enfim, desligou o telefone, ergueu-se e veio até mim. Levantei-me para receber seus cumprimentos, mas estranhamente, ela segurou em meus ombros e me deu dois pseudo beijos no rosto.

— Seja bem-vinda, Senhorita Fraise. Sou Marie Dufort.

— É um prazer, Senhora Dufort. — Retribuí seus beijos simpáticos.

— Marie, querida, pode me chamar apenas de Marie.

Meneei a cabeça, estranhando a incomum espontaneidade francesa.

— Vim buscar alguns papéis para que o senhor Erik Lars assine. Telefonaram para ele dizendo que era urgente.

Ela sorriu, de volta ao seu lugar, sentando reta, esguia.

— Sim, são um pouco urgentes, mas precisaremos esperar que o senhor Duvalier, o cônsul adjunto, termine de examiná-los, e isso pode demorar um pouco. Gostaria de um chá ou café?

— Um café, por favor.

Enquanto esperávamos o café, Marie e eu travamos uma conversa agradável sobre *Copenhague*, o clima e como ela viera morar na Dinamarca.

Nossos cafés chegaram e ela contou que é filha do cônsul e que mora em *Copenhague* há pouco mais de um ano. Deixou o trabalho na área financeira para tratar de assuntos de Estado.

Eu gostei muito de conversar com Marie e, por alguns instantes, consegui me desligar de toda tensão ligada ao Axel e ao Mateo. E quando a conversa já ia longe e falávamos sobre fotografias, seu telefone tornou a tocar e ela o atendeu rapidamente.

— Bellanne, era o senhor Duvalier. Ele tem um almoço urgente e só poderá terminar de avaliar os papéis na volta. — Ela olhou o relógio, conferindo o horário. — O que me lembra que você deve estar tão faminta quanto eu. Por que não almoçamos juntas? Podemos almoçar à beira do canal, no *Nyhavn*. O que acha?

Ponderei, pois tencionava almoçar com o Erik. Contudo, não fazia muito sentido ir almoçar com ele e voltar em seguida para buscar os papéis.

— Não sei... Preciso falar com o Erik antes. Você me daria alguns instantes?

— Claro. Vou ao toalete enquanto fala com ele. Pode usar a minha mesa e o telefone. Fique à vontade.

Agradei, mas abdiquei do oferecimento e liguei do meu próprio celular.

— Erik, como está o Teo? Alguma resposta dos exames?

— Oi, amor. Os primeiros exames deram inconclusivos, mas estamos aguardando os demais. E aí, tudo certo?

— Mais ou menos. Os papéis precisam ser analisados pelo cônsul adjunto, que só fará isso após o almoço. E a Marie, que é uma gracinha, me convidou

para almoçar, mas eu quero almoçar com você.

Ele ficou em silêncio um tempo e cheguei a pensar que a ligação tivesse caído, mas antes que eu o chamasse, ele se manifestou.

— Fraise, pode almoçar com ela. Não sei nem se irei almoçar. Estou ansioso demais pelos exames e, enfim, não serei boa companhia.

— Posso ir ficar com você, Erik. Eu quero ficar com você.

Ele suspirou e fungou.

— Não, amor... Eu realmente preciso desses papéis e será contramão demais. Vá almoçar com a Marie. Ela parece ser realmente agradável.

Ponderei um pouco, mas, por fim, concordei.

Desliguei o telefone com o coração apertado, mas a Marie já retornava com sua bolsa *Channel* pendurada no braço.

— Então, vamos?



Embarcamos em um *bateau mouche* no porto e eu tomei logo meu Plasil, para evitar acidentes. O passeio era realmente encantador e as casas coloridas, à margem, renderam-me fotos lindas, embora eu planejasse voltar ali algum dia com a minha Chica ou mesmo com a câmera digital.

Almoçamos à beira do canal, onde comi o melhor salmão da minha vida. Marie me contou que vivia em Paris, mas após seu casamento, há um ano e meio, seu marido fora transferido para *Vaster*, na Suécia. Todos os dias ele viajava dezesseis quilômetros pela ponte submersa, ela contou, deixando-me tensa, com uma sensação um pouco claustrofóbica.

Contei-lhe sobre o Brasil e como eu e o Erik nos conhecemos, ocultando fatos constrangedores, como o congestionamento, obviamente.

— Ainda estou adaptando-me à *Copenhagen*, mas já sinto-me melhor. O Erik me salvou com um Plasil. Acredita que ele anda com um Plasil na mala?

Rimos, já no táxi de volta ao consulado.

— Tem hábitos que nunca deixamos, mesmo após anos. E ele não seria diferente.

Parei. Olhei para a Marie, ela ainda sorria, perdida na rua que passava pela janela do carro.

— Como assim? — Perguntei, chamando sua atenção. Ela virou para mim,

confusa. — Hábitos? Você e o Erik se conhecem?

Marie riu.

— Mais ou menos. Já faz muito tempo e, na verdade, não chegamos a nos conhecer, exatamente. Meu pai é cônsul e, portanto, conhece o Senhor Lars. Eu e o Erik... Bem, tivemos um contato há algum tempo, mas foi apenas isso. Falei de hábitos porque sei que ele viaja muito, então, imaginei que se tratasse de um hábito.

Assenti, mesmo achando a sua suposição estranha. Certamente, nem mesmo o Erik lembrava-se que a conhecia. Não posso culpá-la de lembrar-se do Viking. Dificilmente uma mulher o esqueceria.

Depois de mais duas horas aguardando, finalmente o cônsul adjunto liberou a papelada e saí do consulado no final da tarde.

Depois de falar com o Erik e saber que os médicos fariam uma junta médica e uma reunião com o Erik, o Axel e a Hedda, decidimos que era melhor eu ir para o hotel, pois de nada adiantaria ficar sentada na sala de espera. Além do mais, não se sabia até que horas seria a reunião e nem o que viria depois.

Cheguei ao hotel exausta, sonhando com a banheira bem quentinha, um sushi maravilhoso e aquela cama imensa.

Atravessei o saguão e entrei no elevador. Quando cheguei à porta da suíte, passei o cartão e, ao invés da luz verde acender, piscou a vermelha. A minha entrada não estava liberada. Olhei para os lados, em busca de ajuda, mas não havia qualquer funcionário por ali, então, voltei à recepção.

— Senhor, boa noite. Estou hospedada na suíte 15 e o meu cartão de acesso não está funcionando.

O homem, um sujeito alto, forte e que eu podia jurar ser um *skinhead*, olhou-me com um ar de superioridade que me incomodou. Pegou meu cartão e não me deu sequer uma palavra. Acessou o computador e segundos depois dignou-se a me dar uma explicação.

— A senhorita tem certeza de que está hospedada nesse hotel?

Um lampejo de pânico me abalou.

— Claro que tenho! Meu nome é Bellanne Fraise. Eu e o senhor Erik Lars estamos na suíte 15!

O homem tornou a me olhar com soberba e eu realmente me aborreci.

— Qual o problema, senhor?

— Há algum tempo o senhor Lars não se hospeda conosco, mas quando costumava fazê-lo, jamais nos incomodou com semelhante injúria.

Meu queixo caiu e eu fiquei sem ação. Será que eu tinha entendido corretamente, ou o idioma inglês estava me dando uma rasteira?

— O que quer dizer, senhor? — O desafiei.

Ele respirou fundo, olhou para os lados e aproximou-se, com discrição.

— Ele jamais trouxe mulheres como a senhorita às nossas suítes. Tem certeza de que não se enganou? Será que ele não falou o nome de algum outro hotel mais apropriado e a senhorita entendeu errado?

Meu sangue gelou de raiva.

— Por gentileza, chame o gerente do hotel.

Ele sorriu, nervoso.

— Senhorita, por favor... Não vamos incomodar o gerente por algo desse nível. O senhor Erik Lars é um cliente muito antigo e refinado, e não queremos expô-lo, não? Estou certo de que podemos acertar tudo. — Virou-se novamente para o computador e começou a digitar. — Vamos, tente lembrar o nome do hotel, ou mesmo a região. Posso procurá-lo...

— O senhor está louco ou é algum tipo de brincadeira? — Elevei o tom de voz propositadamente. — Eu quero falar com o gerente!

Uma funcionária aproximou-se, aflita.

— Senhora Fraise, boa noite. Em que posso ajudá-la?

A garota olhava de mim para o homem e vice-versa.

— Até que enfim alguém que sabe quem sou! — Ironizei, sem tirar os olhos dele. Mas o homem olhou de soslaio para a garota e eu a vi corar e afastar-se imediatamente. Atônita, chamei-a em vão. — Ei! Volte aqui!

— Não sei de onde se conhecem, Senhorita, e não me interessa. Peço apenas que seja gentil e compreenda que nosso hotel tem nome e tradição. E certas atividades...

— Está me chamando de puta? É isso mesmo? — A esta altura, as pessoas ao redor já nos olhavam, mas eu estava pouco ligando. — Qual é o seu nome, senhor?

Busquei um crachá, mas não havia. Imediatamente saquei o celular, mas antes de teclar na foto do Erik, ponderei. Ele estava em uma reunião com os médicos, tratando de assuntos delicados. Estava muito tenso, muito atribulado. O que eu estava fazendo, querendo encher ainda mais a sua cabeça com problemas como aquele?

Devolvi o celular à bolsa, mas peguei meu cartão de crédito.

— Quero uma suíte, tal qual a suíte 15, por favor.

O homem olhou para o meu cartão de crédito e depois me encarou.

— Não temos suítes disponíveis, senhora.

Respirei fundo, achando que aquilo era, definitivamente, o fim da picada.

— Me dê um quarto qualquer.

Ele bufou, impaciente e evidenciando seu desprezo por mim.

— Não temos...

Não esperei ele falar. Meti a mão no monitor e o virei para mim. Na tela estava o quadro de quartos e reservas, e boa parte dele estava em verde, o que significava quartos vagos. Apontei para um quadrado qualquer na tela, que representava um quarto.

— Quero esse maldito quarto, e quero agora! — Eu encarava aquele filho da puta com sangue nos olhos. — Ou você me coloca nessa merda desse quarto ou faço um escândalo gigantesco e você terá que lidar com a fúria do estimado cliente Erik Lars, quando chegar e encontrar o maior dos escândalos, aqui ou na polícia!

O homem tinha os olhos arregalados e cheios de raiva, mas arrastou meu cartão pelo balcão e sumiu com ele porta adentro.

Soltei o ar com força. Meu corpo tremia, e quando olhei ao redor, vi as pessoas disfarçando, voltando a ler seu livro, a conversar, a fazer seus trabalhos. O rapaz que nos ofereceu panfletos pela manhã atravessou o saguão tão rápido, que não tive tempo de chamá-lo.

Não demorou, o sujeito voltou. Tinha a cara amarrada e o meu cartão nas mãos, além de um cartão de acesso. Respirei aliviada.

— Quarto 101, primeiro andar. No fundo do corredor.

Olhei o cartão e não pude acreditar que ele realmente estava me impedindo de ir para a minha suíte. Contudo, eu precisava de um banho e uma cama.

— Erik Lars não irá demorar, e quando ele chegar, teremos uma conversinha: eu, ele, você e seu chefe.

Dei as costas e me dirigi ao elevador.

O quarto era pequeno, mas confortável. Não tinha banheira, mas a cama era grande. Tomei uma ducha rápida e esqueci completamente que estava com fome. Nua, deitei e comecei a me enrolar na colcha grossa, quando bateram à porta.

Levantei envolta na colcha, como se fosse um manto, e quando abri a porta, vi a moça da recepção, que segurava um envelope.

— Desculpe todo esse constrangimento, senhorita Fraise. O Mark é nosso supervisor e nada posso fazer.

Eu compreendia sua situação.

— Não se preocupe. Apenas avise-me quando o senhor Lars chegar.

— Eu mesmo o trarei aqui, senhorita. — Então, estendeu-me o envelope. — Deixaram esse envelope há pouco, para ser entregue à senhorita.

— À mim?

Ela assentiu e eu o recebi, agradecendo e fechando a porta em seguida.

Sentei na cama e, curiosa, tratei de abrir o envelope. Eram revistas, recortes... Meu coração gelou, comecei a hiperventilar e nem sei dizer o que foi aquilo que senti na boca do estômago. Em todas aquelas fotos estavam Erik e Hedda, juntos, beijando-se, íntimos demais.

Eram muitos recortes, de anos diferentes. Erik garoto, Erik mais velho, Erik em diferentes fases... Eles não haviam tido apenas um namorico de adolescência... Não era um mero romance entre primos... Eles tiveram um longo e conhecido caso.

6º Capítulo



CAPÍTULO 6

Erik

Já era quase meia-noite quando a junta médica terminou sua reunião. Devido a algumas cirurgias, os médicos haviam adiado a junta por duas vezes, e quando ela finalmente aconteceu, foi bastante desgastante.

Examinaram várias vezes os resultados dos exames, discutiram o diagnóstico cheio de termos técnicos e, por fim, decidiram o tratamento. O que o Mateo tinha chamava-se *Hematoma Subdural*, uma boa quantidade de sangue acumulado entre o cérebro e o crânio, mais profundo que o primeiro hematoma encontrado e que nem os exames e nem os médicos haviam localizado durante a primeira cirurgia. Este era mais profundo e perigoso, e Mateo precisaria ser operado novamente.

Tentei falar com a Fraise, mas seu celular estava caindo direto na caixa e eu supus que estivesse dormindo. Mandeí uma mensagem pedindo desculpas e explicando que eu precisaria passar a noite no hospital, para dar um descanso ao Axel.

No meio da madrugada, e com a permissão do médico, entrei no CTI. As

luzes estavam apagadas e apenas uma claridade suave iluminava o quarto. Os aparelhos apitavam baixinho e o respirador ressonava, conforme injetava ar nos pulmões do Teo.

Estava frio e eu joguei um cobertor mais grosso sobre ele. Olhei o rapaz grande e forte sobre o leito. Estava pálido, muito pálido e machucado. Meu irmão... Meu menino ainda tão jovem, cheio de sonhos, de planos... E agora, pai.

Puxei uma cadeira e sentei ao seu lado. Segurei sua mão gelada e a senti como um mero pedaço de carne sem vida. Debrucei-me e a beijei. Retirei a mecha de cabelo da sua testa e fiquei observando-o por um longo tempo, pedindo a Deus que o fizesse piscar, que seu lábio mexesse... que tivesse qualquer reflexo.

— Teo... — murmurei nem sei porquê. Acho que esperava que ele tivesse alguma reação. Mas apenas os aparelhos respondiam, dizendo que, apesar da aparência, ele estava vivo.

Comecei a lembrar dos nossos últimos momentos, da nossa conversa na cozinha, quando lhe disse que o presentearia com um apartamento. Lembrei da gente jogando videogame, há apenas alguns dias atrás. De sua brincadeira, dizendo que iria me roubar a Fraise.

Meus olhos arderam e eu não tinha por que conter as lágrimas. Deixei que rolassem junto com a dor que eu insistia em negar. Deixando que ecoasse o medo que eu escondia de mim mesmo: o medo do Teo nos deixar.

— Teo... Volta, cara. Você precisa voltar. — Sussurrei apenas para ele, cheio de esperança e ao mesmo tempo com receio de ser flagrado conversando com alguém que não tinha como me responder. — A Mari, Teo... ela precisa de você. Ela está esperando um filho. Você vai ser pai, cara!

Sorri e senti o gosto salgado das minhas lágrimas. Doía demais pensar que talvez ele nem mesmo visse o filho nascer; talvez nem mesmo chegasse a saber que será pai.

— Você precisa voltar. É claro que eu cuidaria deles em quaisquer circunstâncias, mas... É você, cara... É você que tem que cuidar...

Deitei a cabeça em sua perna e apertei-lhe a mão.

— Volta, meu irmão.

E ali adormeci, ainda esperando uma reação, uma resposta.

Bellanne

Ao longe escutei as batidas suaves na madeira. Saltei da cama nua e corri até a porta, imaginando ser o Erik, mas ao abrir, vi que era a moça da recepção. Me escondi atrás da porta, descabelada e pelada.

— Bom dia, senhorita Fraise. Desculpe o horário.

— Bom dia. Onde está o Erik? Que horas são? — Perguntei em português e ela me fitou perdida, sem entender. Compreendi e repeti as perguntas em inglês.

— Ele não retornou, senhorita. Vim avisá-la que meu turno está terminando, mas consegui um novo cartão para que a senhorita tenha acesso à sua suíte. O Mark não sabe e peço que...

— Ok, querida. Não se preocupe. E muito obrigada.

Peguei o cartão da sua mão e me despedi. Voei de volta para a cama e agarrei o celular, vendo-o completamente descarregado e lembrando que meu carregador estava na suíte. Vesti minha roupa, peguei a bolsa, o envelope com os recortes e saí, partindo para o quarto andar.

Entreí sorrateira e logo coloquei o telefone no carregador, aguardei que pegasse o mínimo de carga e liguei o aparelho. Havia uma mensagem e várias ligações perdidas.

"Amor, descobriram um novo hematoma no Teo. Irão operá-lo e não poderei ir dormir com você, ficarei no hospital. Pela manhã nos falamos. Boa noite. Amo você".

Caí na cama, arrasada. Cobri o rosto com as mãos e chorei. Chorei pelo Teo, pelo Erik e pela Mari. Cada vez parecia mais difícil acreditar que o Teo voltaria. Cada vez surgia uma nova dificuldade.

E quando o choro cessou, liguei para o Erik.

— Erik?

— Bom dia, amor. Desculpe...

— Tudo bem. Como está o Teo? — Eu não queria ser dura, mas o envelope com as fotos ainda estava na minha mão. A mentira dele ainda estava atravessada em minha garganta.

— Estão providenciando sua cirurgia, mas ele continua na mesma.

— Vamos pensar positivo, Erik. Enfim, descobriram o que há de errado e agora dará tudo certo.

Ele silenciou por um tempo.

— Obrigado, Fraise. Obrigado por ser como você é.

Engoli seco, porque apesar do seu carinho, eu estava com raiva dele.

— Quem mais passou a noite aí? — Perguntei com calma, disfarçando a

minha desconfiança.

— Eu e a Hedda. O Axel foi descansar um pouco, mas logo estará de volta.

Fechei os olhos, tentando conter meu ciúme.

Ela passou a noite com o Erik, mas estavam em um hospital.

Repeti isso como um mantra em minha mente.

— Então, vou aproveitar a ausência dele e vou aí ficar com você um pouco, e não adianta retrucar, Erik, porque eu vou.

Desliguei antes que ele protestasse. Troquei de roupa, engoli o Plasil e nem tive estômago para comer. Deixei o celular carregando e fui embora.



Cheguei ao hospital pronta para enfrentar mais uma batalha, pois estava certa de que iriam tentar barrar a minha entrada. Contudo, verificaram a minha identificação e eu entrei sem o menor problema. Desconfiei que o Erik havia dado um jeito nisso.

Quando cheguei à recepção do CTI, encontrei a Hedda sentada em uma poltrona, com a cabeça escorada na parede e de olhos fechados. Discretamente, sentei-me ao seu lado, mas ela sentiu a minha presença e abriu os olhos.

— Bom dia, Fraise.

Ergui uma sobrancelha, pouco confortável por ela me chamar da mesma forma que o Erik. Ainda assim, forcei um sorriso sutil.

— Bom dia, Hedda. Pode me chamar de Bellanne, é mais de acordo. — Ela piscou os olhos lentamente, assentindo. — E o Erik?

— Está com o Mateo. Acho que meu tio deve conhecer os donos do hospital, pois estão nos permitindo concessões a todo momento.

Olhei para ela, pensando se essas concessões seriam devidas ao suposto fato do Mateo não ter recuperação e, por se esperar o pior, o hospital estava sendo piedoso com a família. Balancei a cabeça, espantando esse pensamento horrível.

— E o Teo, irão operá-lo mesmo?

Ela suspirou, claramente exausta.

— Sim, mas ainda não sabemos quando.

Hedda levantou e atravessou a sala, indo servir-se de água, no bebedouro próximo. Foi quando Erik apareceu através da porta do CTI. Hedda estava quase ao seu lado e, apesar dos seus olhos caírem em mim, foi ela quem acariciou-lhe o braço.

— Erik, por que não vai descansar um pouco? — Sua prima murmurou, toda atenciosa.

Ele olhou para ela e pousou a mão sobre a sua, que o acariciava.

— Vou sim, Hedda. Obrigado.

Tudo isso ocorreu muito rápido. Toda a cena ocorreu no tempo em que eu me levantava e caminhava até ele, mas para mim, se apresentou em câmera lenta... bem lenta.

Fui até o Erik, enlacei sua cintura e deitei a cabeça em seu peito. Por mais que eu estivesse com raiva dele, sentia sua falta e não daria mais esse gosto à Hedda. Além de que, a verdade é que eu precisava dele, mesmo estando irritada e enciumada, sentia-me muito cansada, física e emocionalmente, sozinha, humilhada e insegura como há muitos anos eu não me sentia.

Erik me abraçou e beijou o alto da minha cabeça.

— Dormiu bem?

Tive vontade de rir da minha própria miséria, ao lembrar de tudo o que passei.

— Não. Senti sua falta.

Ele me apertou mais e vi a Hedda voltar a sentar no mesmo lugar de antes e tornar a fechar os olhos, teoricamente nos ignorando.

— Espere um pouco, amor. Vou lá dentro falar com o novo plantonista e saber que horas pretendem operar o Teo, então, iremos para o hotel. Quero deitar um pouco com você.

Sorri vitoriosa e torci para a Hedda ter escutado isso. Voltei para a cadeira e sentei-me ao lado dela novamente.

— Ele precisa descansar. Não dormimos a noite inteira.

Tendo maldade ou não em suas palavras, eu recebi aquilo como uma afronta.

Como assim "Não dormimos a noite inteira"?!

— Espero que você tenha ficado pelo Mateo, Hedda, não pelo Erik.

Ela abriu os olhos, surpresa.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque acho o seu carinho excessivo com o Erik. Respeito sua dor, Hedda, mas sou noiva do Erik e não gosto dessa proximidade toda.

Ela sorriu sem graça e balançou a cabeça, como se eu estivesse falando uma sandice, mas antes que me respondesse, outra voz soou:

— Finalmente alguém mais, além de mim, percebeu que o Erik e a Hedda foram feitos um para o outro!

A voz animada do Axel arrepiou a minha espinha e eu empertiguei. Ele estava parado na saída do elevador e, provavelmente, tinha escutado toda a nossa conversa.

Apoiei a cabeça na parede atrás de mim, cansada, desgastada e farta de discussões.

— Cala a boca, por favor! — murmurei, "pensando alto".

Axel enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até mim. Do alto dos seus 1,80m, creio eu, Axel me olhou como se olhasse para uma barata.

— O que acha que está fazendo aqui, senhorita Fraise? Quem autorizou a sua entrada?

Levantei, porque não iria dar-lhe o gosto de me ver olhá-lo de baixo.

— O meu noivo, Erik. — Dei de ombros, irritando-o. — Nem sempre se pode ganhar, senhor Lars.

Ele sorriu cinicamente e passou a mão pela boca, como se limpasse o veneno, então, deu mais um passo, ficando a centímetros de mim. Todo meu corpo tremia de nervoso. Era um homem grande e, não posso mentir... senti sim, medo de ser agredida. Não conhecia as leis da Dinamarca para essas situações, e tudo o que meu cérebro gritava era: *você é estrangeira, e estrangeiras sempre se fodem.*

— Olhe esta mulher, senhorita Fraise. — Ele olhou para Hedda, mas não me dignei a isso. Continuei encarando-o. — Veja como Hedda Lars é distinta, bem-nascida... — e olhando nos meus olhos, completou: — Digna do meu filho. E você... Só irá fazê-lo sofrer e decair.

Meu estômago sofria espasmos que eu me esforçava para controlar.

— Não perca seu tempo me ofendendo. Eu e Erik iremos casar e seremos muito felizes.

Terminei com um erguer de sobrancelhas e um sorriso petulante que sei, o irritou bastante.

— Nem por cima do meu cadáver, mulherzinha petulante!

Ele grunhiu entre os dentes, com os olhos cheios de ira, realmente abalando minha ousadia. Desafiando meu instinto de sobrevivência, que me mandava recuar, mantive-me firme. Ergui o queixo, ignorei meus tremores e o fitei nos olhos, que tinham exatamente a mesma cor dos olhos do Erik.

— Seria prazeroso fazê-lo sobre o seu cadáver, mas não esperaremos tanto.

Ele estreitou os olhos e vi o músculo do seu rosto tremer de ódio.

— Saia daqui imediatamente ou não respondo por mim!

Ele praticamente rosnou e seu hálito bateu em meu rosto. E tudo o que vi em seguida foi o Axel sendo arrebatado da minha frente.

— Afaste-se dela! — Erik gritou, ao tempo em que empurrava o pai contra a parede, prendendo-o ali pelo colarinho.

Eu fiquei paralisada, apavorada, vendo Erik espantosamente furioso, agredindo o próprio pai!

Hedda, que também parecia estar em choque, finalmente levantou e avançou sobre os dois, gritando súplicas em dinamarquês e, em vão, tentando segurar o braço do Erik.

— Ela é uma doença! Um câncer! Quer me bater, me bata, mas livre-se dela! — Axel gritou para o Erik, desafiando-o.

Seus olhos injetados eram assustadores e fiquei aflita por não conseguir ver a expressão do Erik, de costas para mim.

— Eu vou matar você, Axel! Por Deus do céu que irei matá-lo!

Mas antes que Erik cometesse uma loucura, chegaram funcionários do hospital e começaram a puxá-lo. Com muito sacrifício, conseguiram desatá-lo do Axel, e mesmo depois que o levaram até o meio da sala e um médico se interpôs entre os dois, o Erik seguia apontando o indicador ameaçador:

— Eu avisei para ficar longe dela, Axel!

Meu estômago vazio embrulhou e minhas pernas pareciam feitas de gelatina. Foi uma cena horrorosa, e tudo por minha culpa.

Os dois homens fortes ainda seguravam o Erik, enquanto o médico tentava acalmar a situação, conversando com o Axel em dinamarquês, o que não estava surtindo efeito, porque ele seguia enfurecido. Então, seus olhos insanos pararam em mim, cheios de ódio. De seus lábios saíam palavras em dinamarquês que, apesar de não me serem compreensíveis, me faziam sentir o peso do rancor. Sua ira batia contra mim, fazendo-me recuar.

— Por sorte não dormiu na rua, não foi? — Falou em português claro, para que eu o compreendesse. — Saiba que estou em todo lugar, Fraise, mas a sua sorte não!

Cobri a boca com a mão, transtornada ao confirmar a minha desconfiança de que toda a humilhação que passei no hotel, fora obra de Axel Lars.

Cega pelas lágrimas que ameaçavam cair, saí como uma bala, sem olhar

para trás, sem esperar pelo Erik, que me gritava.

O Axel era muito mais monstro do que eu poderia imaginar e eu estava recebendo toda a sua carga diretamente em meu peito.

Não esperei elevador, busquei as escadas e desci disparada, e quando cheguei ao saguão do hospital, fui me bater justamente com a Sílvia. Sem ponderar, empurrei-a com toda força e nem me importei de verificar se eu a havia machucado.

Somente quando cheguei na rua e me vi desorientada, sem saber para onde ir, é que escutei novamente a voz do Erik, logo atrás de mim, chamando.

Vi a praça ao lado e lembrei do caminho de volta, mas quando comecei a me dirigir para a rota do hotel, Erik me abraçou por trás, detendo-me.

— Bell, por favor, espera. — sussurrou ao meu ouvido, prendendo-me em seus braços.

Eu me sentia como uma pena solta no ar, sem rumo. Estava envergonhada, magoada.

— Me deixa, Erik, preciso sair daqui.

— Não! Não vou te deixar.

Eu tentava me desvencilhar, mas ele me segurava firme, escondendo o rosto em meu pescoço e mantendo-me inerte, cativa.

Meu corpo amolecia, fraco, cansado. O coração disparado latejava em meus ouvidos e eu não queria encarar o Erik.

— Por favor, eu preciso sair daqui!

Não sei como, me vi sendo empurrada para dentro de um táxi e Erik entrou em seguida. Encolhi no banco do carro, lutando para organizar a mente, mas as cenas se reprisavam loucas, desordenadas, confusas.

— Fraise, amor, me escuta. — Ele segurou meu rosto, me forçando a olhá-lo. Apesar dos meus olhos arderem, não conseguia chorar. — Axel é louco. Não pensa em nada do que ele disse, por favor. Vamos esquecer, está bem?

Fitei o Erik... O meu Erik. Meu Viking. Ele tinha o azul pálido em seus olhos e olheiras muito escuras. Tinha o cansaço estampado no rosto e aflição no olhar.

— Me perdoe, Erik, eu deveria ter ficado no hotel. — Ele meneou a cabeça, franzindo o cenho. — Eu não o provoquei, juro. Mas o Axel...

Erik soltou o ar, aliviado, e me abraçou, pressionando minha cabeça contra seu peito.

— Minha Fraise... Você não tem que me pedir perdão por nada.

Seu calor me acalmava, mas não aliviava a minha agonia. Erik agredindo o pai misturava-se em minha cabeça com as fotos que recebi no hotel. Meu peito doía, sentia-me oca e sem rumo. Desejei fortemente estar no Brasil, na minha casa, com a minha família e meus amigos.

Seguimos em silêncio o curto percurso até o hotel. Seu calor me aquecia e eu achei que finalmente teria um minuto de paz. Percebi meu engano quando atravessávamos o saguão e nos deparamos com Mark, o funcionário que me humilhou na noite anterior.

Parei em frente a ele e vi seu olhar baixar. Erik segurava minha mão e nada entendeu, quando me viu encarar o homem.

— O que foi, amor?

Eu não queria ser a causadora de mais uma discussão para o Erik, mas também não poderia deixar aquilo barato. Então, munida da mais elegante distinção, aproximei-me do Mark e falei em um tom educado:

— Não vai me barrar, senhor Mark? — O homem não respondeu. — Quanto o Axel pagou para você me tratar como uma vagabunda? Espero que valha seu emprego, porque farei uma queixa à gerência.

— O quê?! Do que está falando, Fraise? — Erik segurou em meus ombros e me virou de frente para ele. — O que está dizendo?

— Por ordem do seu pai, este senhor me impediu de entrar no nosso quarto ontem. — Eu contava ao Erik, mas meus olhos estavam fixos no Mark, que agora me encarava desafiante. — Disse-me que você não costumava trazer vagabundas aqui e eu precisei hospedar-me em outro quarto.

Erik respirou fundo e travou o maxilar, mas antes que tomasse qualquer atitude agressiva, coloquei a mão em seu peito e o encarei profundamente.

— Não, Erik. Já chega. Farei uma queixa formal mais tarde. — Ele desviou os olhos de mim e enfrentou o Mark com um olhar que me fez estremecer. — Erik, por Deus, depois resolvemos isso. Vamos subir.

Mas ele ergueu o dedo em riste, ameaçando o sujeito.

— Eu vou acabar com você!

— Erik! Por favor! Não vou suportar mais um escândalo!

Seus olhos azuis bateram nos meus e algo que vi em meu rosto o amoleceu. Ainda assim, voltou a encarar o sujeito de uma forma que, eu sabia, se não o impedisse, iria bater no homem até passar toda sua raiva.

— Vamos, por favor!

Sem tirar o olhar enfurecido de cima do Mark, passou o braço sobre meus ombros, protegendo-me, e quando entramos no elevador, ele ainda olhava

para o Mark.

As portas fecharam e ele me apertou contra seu peito.

— Puta merda! O que ele fez, Fraise?

Eu queria sim, contá-lo. Queria que soubesse tudo o que tive que enfrentar, enquanto ele "passava a noite com a Hedda", mas o cansaço estava dissolvendo meus músculos e uma puta azia me comia por dentro. Então, apenas não respondi. Fiquei quieta em seus braços, e quando as portas abriram, saí do seu domínio e parti na frente, em direção à suíte.

7º Capítulo



CAPÍTULO 7

Bellanne

Ele bateu a porta atrás de mim, nos isolando do mundo.

— Que diabo houve aqui, Fraise? Preciso saber! Que história é essa de vagabunda?

Saí arrancando a roupa pesada de cima de mim, e antes de chegar ao quarto da suíte eu já estava chorando. Ele me seguia, nervoso, ansioso. Parou no marco largo da porta, apoiando as mãos dos dois lados da entrada.

Sentei na cama e nossos olhos se encontraram. Eu sabia que não iria me deixar em paz enquanto não lhe contasse tudo.

— Ontem à noite ele não me deu acesso a este quarto. Disse que você não costumava trazer vagabundas aqui e que eu teria que sair do hotel. — Seus olhos arregalaram e vi o absoluto assombro em seu rosto. — Com muito esforço meu, ele acabou hospedando-me em um quarto no primeiro andar, onde passei a noite.

— Que desgraçado! — Erik deixou as mãos caírem do marco e passou-as pelos cabelos, irritado. — Filho de uma puta! Hoje mesmo ele será demitido, no mínimo!

— Foi seu pai, Erik. O Axel confessou.

Ele parou, ficando de costas para mim e de frente para a imensa janela, coberta pelas cortinas em tom de chocolate dourado.

— Eu o odeio, Fraise. Eu o avisei que não fizesse nada contra você. Eu o avisei!

Não lhe respondi. Tanto ele quanto eu sabíamos que o Axel jamais cumpriria isso e que também não havia desistido. Mas apesar de todo horror que vivi hoje, sentia-me cada vez mais pronta para enfrentar o Axel. Cada vez mais forte.

Retirei as botas e fiquei descalça, apenas com a *legging* grossa e o vestido preto que ia até o meio das coxas. Fui até o frigobar e abri uma garrafa de água, mas meu estômago reclamou no primeiro gole, fazendo-me lembrar de que não havia comido nada hoje. E quando me virei para ir ao telefone, pedir algo da cozinha, esbarrei no Erik, logo atrás de mim.

— Me perdoe, Fraise. Não deixarei mais que ele te magoe.

Soltei um risinho irônico porque isso estava fora do seu alcance e eu realmente não precisava que ele me defendesse. Mais do que o Axel, sua dureza e suas tramoias, havia um envelope recheado de mentiras entalado em minha garganta.

Desviei do Erik, mas ele agarrou meu braço, me contendo.

— Não fique assim, não me machuque mais... — sussurrou contra meu rosto. Seus olhos dentro dos meus, suplicavam, causando-me uma dor que eu nunca havia sentido. — Preciso que fale comigo. Não sei mais o que fazer para detê-lo.

Engoli com dificuldade, mas sustentei seu olhar.

— Por que mentiu para mim, Erik?

Suas feições se transformaram em uma evidente interrogação.

— Eu menti?!

Livre-me da sua mão e caminhei até o criado-mudo, de onde retirei o envelope e joguei-o sobre a cama. Caminhei até a janela porque não queria ver seu rosto quando se desse conta do que descobri.

Empurrei um pedaço da cortina. Lá fora, as pessoas caminhavam em todas as direções, ciclistas iam e vinham, e o sol lutava para surgir entre as nuvens densas. Aqui dentro, tudo era silêncio, salvo pelo barulho das fotos sendo retiradas do envelope.

— Não disse que tinham sido amantes por tanto tempo.

Ele não respondeu de pronto, levou alguns segundos que me pareceram

uma eternidade.

— Mas também nunca disse o contrário.

Virei, furiosa, e o encarei. Estava sentado na beira da cama, segurando o envelope em uma mão e uma fotografia na outra.

— Disse que ela foi a pessoa com quem transou pela primeira vez, mas escondeu que eram conhecidos como "o caszinho modelo" de *Copenhague*. Escondeu que...

— Não te escondi nada, Bellanne! — Seu tom de voz elevou-se quando fechou os olhos, irritado. Então, respirou fundo e, balançando a cabeça em negativa, abriu os olhos e me fitou. — Hedda foi a minha primeira namorada, tivemos muitas separações e voltas, mas acabou. — Erik mirou o chão de carpete nu. — Se o que te perturba tanto é o ciúme, não há motivo para isso.

Cruzei os braços sobre o peito, o que poderia perfeitamente ser interpretado como defesa.

— Ela ainda quer você.

Ele ergueu os olhos, duros.

— E eu quero você.

Engoli seco, com dificuldade, e apertei os braços sobre meu peito.

— Não gosto quando ela te toca. Não gosto que estejam juntos o tempo inteiro e não gosto de saber que o Axel quer que fiquem juntos.

Ele seguia encarando-me, inexpressivo.

— Foda-se o que o Axel quer. E você, Fraise, deveria ser a última pessoa a se preocupar com a minha proximidade com a Hedda.

— Por que? Me dê um só motivo para não pensar mais em vocês dois trocando apoios no meio da noite no hospital. Me dê um motivo para não sentir raiva ao vê-la acariciar seu braço!

Erik levantou e veio até mim com seu andar másculo e atitude absolutamente segura do que era seu: o meu amor.

— Porque sou louco por você! — Seu corpo chocou contra o meu e não adiantou eu espalmar as mãos em seu peito, tentando afastá-lo. — Porque é você quem eu quero. E só você.

Mirei seus olhos bruxos, enfeitiçando-me, já a ponto de derreter tudo em mim.

— Quando foi que tudo acabou de vez, Erik? Quando vocês estiveram juntos pela última vez?

E quando Erik tirou seus olhos de mim e mirou a janela às minhas costas, soube que a resposta iria me machucar profundamente.

Ele umedeceu os lábios e os pressionou, um contra o outro, tenso, em dúvida.

— Não minta, Erik. Por favor, não minta.

Seus olhos voltaram aos meus, vacilantes.

— Quando vim a *Copenhagen*, há oito meses.

Tudo em mim se retorceu numa dor que ia além do aperto no peito. Fazia tão pouco tempo.

— Quando fazíamos sexo por telefone? — Foi difícil associar o que vivemos, à imagem dele com a Hedda. — Quando me dizia sentir saudade?

Erik fechou os olhos, mas seus braços seguiam me envolvendo, mantendo-me presa.

— Não aconteceu nada de verdade... — Escapuli dos seus braços, a despeito de sua tentativa de conter-me. — Bellanne! Não tivemos nada!

Eu já ia no meio do quarto quando me voltei a ele.

— E o que houve há oito meses, então?

Ele mergulhou as duas mãos nos cabelos, impaciente.

— Não transamos. Íamos fazer, é verdade. — Sua voz ia aumentando de volume e desespero, gradativamente, assim como as batidas do meu coração dolorido. — Eu sentia falta de sexo real, estava cheio de tesão, mas o Mateo nos interrompeu, entende?! Não aconteceu n-a-d-a!

— Podia ter me contado. — Minha voz saiu fraca e me odiei por isso.

— Do mesmo jeito que me contou que fez sexo com o Alex, enquanto fazíamos sexo por telefone e dizia sentir saudades de mim?

Levei um choque com a verdade que jogou em minha cara. Me senti queimar inteira de vergonha, mas mantive a dignidade.

— Sim... Podia ter contado.

Sentei na cama e comecei a calçar as botas. Erik se aproximou e tentou me impedir de calçá-las.

— Aonde vai?

— Me deixa! — Bati na sua mão, para que me deixasse em paz. — Vou comer algo lá embaixo e pensar.

Ele ainda tentou segurar meu braço, mas eu não queria olhar em seus olhos. Não de pronto. Por isso, peguei o celular e saí a passos largos.

Um pedaço modesto de *cheesecake* e um chá de maçã foram tudo que consegui comer. Estava há pouco mais de duas horas sozinha naquele

restaurante. De pernas cruzadas, balançando no ritmo do meu coração, e com o celular rolando na mão. E quando finalmente decidi, mandei uma mensagem para o meu pai, dizendo que estava bem. Também liguei para a Letícia. Queria ouvir sua voz e saber de Mariana.

— Oi Let.

— Bellzita, como está tudo aí? Estamos com saudade.

Inevitavelmente, as lágrimas começaram a rolar. Respirei fundo para estabilizar a voz.

— Tudo indo, Let. O Mateo fará outra cirurgia e estamos rezando para que tudo dê certo. E a Mari?

Let me contou que Mariana havia chorado muito, mas que a acompanhou à primeira ultrassom e o bebê estava ótimo, assim como a mãe. Mariana estava com quase quatro meses de gravidez.

Chorei emocionada.

— Diga que estamos cuidando do Teo e levaremos ele o quanto antes. Diz que mandarei notícias diariamente. Cuida dela, Let, por favor.

— Claro que cuido, Bell. Mas e de você, quem está cuidando?

Fechei os olhos e chorei silenciosamente.

— Estou bem. — minha voz trêmula me denunciou.

— Uma ova que você está bem, Bell. O que está acontecendo, amiga?

— Saudade de vocês, apenas saudade. — Eu não poderia jogar mais essa carga sobre seus ombros. Eu não podia fazer isso com ninguém.

— Oh, amor. Logo estarão de volta e passaremos três dias grudadas. Então, irá chorar de saudade do Viking.

Ri entre as lágrimas.

— Amo você, Let.

— Eu também, Jezebel.

Nos despedimos e coloquei o celular sobre a mesa, voltando a me perder na paisagem através das janelas de vidro decorado.

Erik

A água quente escorria pelo meu rosto e eu esperava que um banho conseguisse aclarar as coisas em minha cabeça. Eu não sabia o que mais viria naquele dia, mas estava sendo um dos piores da minha vida. Não sabia como conseguiria olhar para o Axel outra vez, sem sentir ganas de matá-lo.

O Mateo entraria novamente em cirurgia, onde abririam sua cabeça e

mexeriam em seu cérebro. A Bellanne estava com raiva de mim por algo que se quer eu tinha feito, e eu sentia arrepios só de imaginar o que mais viria.

Não consegui dormir e mal toquei no sanduíche que a cozinha havia enviado, a meu pedido. Sabia que Bellanne estava no restaurante do hotel, porque assim tinham me informado, quando liguei buscando-a, mas precisei me conter e deixá-la um tempo sozinha. Ela precisava desse tempo para pensar.

Mas que droga! Por que isso tinha que acontecer justo agora?! De onde vieram essas malditas fotos?

Com a toalha enrolada na cintura, apanhei o envelope com as fotos sobre a cama: não havia remetente, apenas "Bellanne Fraise" em uma letra cursiva que não reconheci.

Retirei uma das fotos, onde eu e a Hedda nos beijávamos na saída de um cinema, e lamentei que Bellanne tivesse tomado conhecimento desta forma tão covarde.

Eu não havia sentido necessidade de lhe contar sobre a Hedda porque sabia que iria aborrecê-la, mas eu não menti. Não menti.

Além do mais, ela havia chegado às vias de fato com o ex. Por que eu seria errado em transar com a Hedda? Isso, se houvéssemos transado, claro.

Vesti minha roupa tentando compreender que também não estava sendo fácil para ela. O Mateo, o Axel, as humilhações, todas as dificuldades com a língua, o clima, a comida... E agora o ciúme. Mas eu também não estava sabendo lidar com tudo isso. O que mais queria de mim?! O que mais poderia lhe dar?!

Quando saí do elevador, tencionava ir até a Fraise pedir desculpas, tentar arrumar as coisas, mas meus olhos foram atraídos para a direção da recepção e eu sabia que não podia adiar algumas providências.

Muito objetivamente, pedi à recepcionista que me anunciasse ao gerente. E já confortavelmente instalado na sua suntuosa sala, estava eu, de frente ao homem sério, porém solícito. Então, relatei-lhe o pouco que sabia sobre as injúrias sofridas pela Fraise. Horrorizado, ele chamou o tal Mark e mais dois funcionários, que seriam testemunhas.

O primeiro jovem disse que nada viu, e logo foi dispensado, mas a segunda pessoa — uma jovem de cabelos muito escuros — nos contou com detalhes o que havia acontecido. E quando lhe questionei sobre o envelope sem remetente, ela nos disse que o Mark havia lhe pedido que o entregasse à hóspede.

Eu estava muito puto e, apesar de não ser do meu feitio, senti um desejo grande de levar o Mark para fora e descontar nele toda a raiva que me devorava desde que pisara em *Copenhague*, naquela semana.

O infeliz entrou na sala e não teve coragem de me olhar. Foi questionado pelo seu gerente e sequer teve a decência de tentar defender-se.

— O senhor Lars, o pai, disse-me que a senhorita Fraise não era uma mulher decente. Contou-me coisas horrorosas sobre ela, as quais não ousou replicar.

Por mais deprimente que fosse aquela situação, eu não estava surpreso. Era o tipo de coisa que esperava-se do Axel. Era o seu jogo, suas armas.

— E o envelope, quem o trouxe?

— Uma jovem de cabelos claros e olhos pintados. Não me disse seu nome.

Não era preciso. Estava certo de que havia sido a Sílvia, que se convertera na cúmplice perfeita do Axel, sem dar-se conta de que era apenas mais uma marionete nas mãos do meu pai.

Por fim, obviamente, o Mark fora demitido e, a julgar pela sua indiferença, eu podia apostar que o Axel o havia prometido muitas coisas.

— Senhor Mark. — O chamei antes que deixasse a sala, mas não o fitei de pronto. — Não se sinta vitorioso.

Ao erguer meu olhar, encarei o Mark, que parecia confiante demais.

— Não me sinto vitorioso, senhor Lars. Apenas fiz o que me pareceu justo e conveniente.

Ri de pura pena de sua ingenuidade.

— Axel não irá lhe ajudar por muito tempo. Você era útil enquanto estava aqui, perto de mim e da senhorita Fraise. Próximo o suficiente para nos prejudicar. Por isso, não ache que saiu com a melhor.

Seus olhos baixaram, prevendo a verdade em minhas palavras.

Ao final de tudo, e sentindo-me vingado, dirigi-me ao restaurante do hotel, esperando encontrar a Bellanne e, enfim, acertarmos as coisas. O que eu não esperava era ter aquela visão: Fraise estava sentada sozinha, em uma mesa próxima a janela, linda como uma miragem. Os cabelos soltos desciam como cascata de ouro velho, iluminados pelos frios raios de sol que invadiam o lugar. Sua elegância e magnetismo atraíam olhares admirados dos garçons que, duvido, já tenham visto mulher mais bela na vida.

Estava virada para a janela, absorta e alheia à minha proximidade. Queria poder sentar ao seu lado e beijar-lhe os lábios, causando inveja a quem nos

olhasse. Queria sentir sua pele quente e seu olhar, que mais era um convite.

Aproximei-me devagar e agachei-me ao seu lado. Ela virou subitamente, surpresa, mas assim que esbarrou em meus olhos, voltou a fitar a janela, me desprezando.

— Acabei de conversar com o gerente e o Mark foi demitido. Ele confessou as coisas horríveis que fez com você, inclusive a entrega das fotos. — Aguardei uma reação, mas esta não veio. — Fraise... Preciso voltar ao hospital. Estão começando a preparar o Mateo para a cirurgia.

Novamente, ela não respondeu e sequer me olhou. Senti-me desabar. Tinha tanto medo de que ela simplesmente decidisse ir embora, que só de pensar, apertava-me o peito.

— Fraise, olha pra mim. — Com toda sua altivez e seu desdém, Bellanne fitou-me por sobre o ombro e eu me senti um cisco no meio do piso caro do restaurante. A firmeza do seu olhar me intimidou e minhas mãos coçaram por segurar seu rosto e beijar-lhe a boca. — Não faz isso com a gente. Eu preciso de você.

Meu coração disparou quando seus olhos tornaram-se brilhantes pela umidade.

— Estarei orando pelo Teo. Por favor, dê-me notícias. — Sua voz postada, estava formal. E então, voltou a fitar a janela, esquecendo-me, enviando-me ao Polo Norte com sua frieza.

Levantei devagar, sem conseguir acreditar que aquilo estava acontecendo. Estendi a mão e toquei seus cabelos. Ela ficou imóvel. Eu precisava ir, mas queria ficar. Queria levá-la para o quarto e fazê-la ver o quanto a amo, mas apenas beijei o alto da sua cabeça e parti.

Bellanne

Eu não me virei para vê-lo sair. Meu corpo inteiro chamava pelo Erik, mas eu não conseguia evitar pensar que logo ele estaria com a Hedda em um lugar onde eu não poderia estar.

Levantei e subi para a suíte. Passei o resto da manhã e parte da tarde encolhida na cadeira do quarto, pensando e rezando por serenidade, enquanto dividia minha atenção entre as fotos espalhadas no chão aos meus pés e a paisagem fria do lado de fora.

Eu jamais havia sentido algo tão doloroso: o choque entre tantas sensações e sentimentos contraditórios, uma batalha entre a razão da mágoa e

a certeza de que meu corpo sofria longe de suas mãos.

Chorei e sequei as lágrimas algumas vezes, tentando conviver aos poucos com o vazio em meu peito. Olhando o celular a cada instante, ansiosa por ouvir sua voz, mas sabendo que seria uma mulher fraca se o buscasse.

A verdade é que não importava se transou ou não com a Hedda. Se contou com todas as letras ou se calou. O fato é que mentiu para mim, quando me deixou chegar à *Copenhague* ignorando o fato de que ele estaria ao lado de sua ex-amante.

A outra verdade é que eu também o havia magoado ao transar com o Alex. Eu não imaginava que o havia machucado tanto.

Apertei os olhos, sentindo o peito afundar. E quando o celular finalmente tocou, meu coração subiu à garganta e martelou forte, bem ali.

— Alô?

— Fraise? Está tudo bem... A cirurgia foi exitosa e o Mateo vai ficar bem.

Sussurrei um agradecimento a Deus, enquanto o nó em meu peito afrouxava.

— Graças a *Jah*! Ele acordou?

— Não, ainda não. Ficarão em coma induzido por mais algum tempo, mas está reagindo bem a alguns estímulos. Estamos otimistas, mas precisamos esperar.

Pelo reflexo da janela dei-me conta de que sorria.

— Fico muito, muito feliz.

Um silêncio constrangedor se fez, enquanto eu escutava o barulho de carros e conversas por trás da sua respiração. Ele estava na rua.

— Fraise?

— Sim?

— Posso te pedir uma coisa? — Não respondi, mas balancei discretamente a cabeça, assentindo. — Desce e pega um táxi para o porto de *Nyhavn*.

Inspirei profundamente e mordi o lábio, sentindo uma corrente elétrica percorrer meu corpo.

— Moranguinho... Você vem?

Meu coração trotava no peito e o ar começou a ficar rarefeito. E tudo o que conversamos, tudo o que jogamos na cara um do outro pareceu virar um pacote devidamente embrulhado, que diminuía de tamanho a cada respiração.

— Claro que vou...

A verdade é que, por mais que eu ainda estivesse magoada, por mais que o ciúme, esse sentimento cruel que mostrava-me suas garras pela primeira

vez, me carcomesse inteira... Eu iria ao fim do mundo para encontrar o Viking.

— Vem agora, meu amor. Tenho uma surpresa para você.

8º Capítulo



CAPÍTULO 8

Erik

O sol estava baixo e a luz dourada atravessava as embarcações atracadas. As águas calmas do *Nyhavn* brilhavam como se tivessem microdiamantes em sua superfície, e do táxi saiu a mulher da minha vida, compondo a paisagem com perfeição.

Ela usava um cachecol e seus cabelos soltos e revirados pelo vento, faiscavam os raios do sol do fim de tarde. Observei-a caminhar com sua sensualidade elegante, atravessando o pier. Evitava meu olhar, mas sorria disfarçadamente.

Sentado na proa do pequeno, mas luxuoso iate, alugado naquela mesma tarde, esperei que ela viesse até mim. Fraise parou na subida da rampa de acesso ao barco e pousou a mão na cintura, me avaliando.

— Muita coragem sua, me convidar para um passeio de barco. O risco de que eu passe mal durante o passeio inteiro é grande.

Levantei e aproximei-me da rampa. Coloquei o pé na amurada do barco e debrucei-me sobre o joelho, fitando-a com atenção. A luz conferia à Bell uma

aura mágica, especial, e seus olhos tinha o mel mais puro.

— Espero que tenha o Plasil na bolsa. Não será apenas um passeio.

Ela ergueu uma sobranceira e quando deu mais alguns passos em minha direção, fomos interrompidos pelos dois funcionários do *buffet* que eu havia contratado.

— Com licença. Senhor Lars, está tudo pronto e o *buffet* está sendo mantido aquecido pelos fogareiros. Basta tampá-los para que sejam apagados.

— Meneei a cabeça, agradecendo-os. — O vinho está no gelo, senhor.

Ambos nos cumprimentaram em despedida e passaram pela Bell, na rampa de acesso. Ela os acompanhou com o olhar e depois me fitou curiosa.

— Brasileiros? — Perguntou, apontando para os dois rapazes que já seguiam pelo píer.

— Sim. — estendi a mão, esperando que ela a segurasse. — Vamos comer algo que te faça lambar os dedos, senhorita Fraise.

Ela tocou as pontas dos meus dedos e deu mais um passo até mim, atravessando a amurada. Sorri feliz, ao ver que a minha Bellanne estava de volta, muito diferente da mulher de olhar distante e duro que vi pela manhã. Sua proximidade trouxe-me o perfume tão conhecido e adorado.

— Entendi direito? Acha que passarei a noite aqui, com você?

Apesar das palavras desanimadoras, em seu semblante pairava certo divertimento.

— Você passará a noite aqui comigo, Fraise. — Sem deixar sua mão, desatei a corda da cunha, soltando o barco. — A não ser que esteja disposta a nadar no *Nyhavn*, mas não aconselho.

Ela sorriu e acercou-se, mas não tanto quanto eu gostaria.

— Melhor não. Estou sem o traje adequado.

O senso de humor da Fraise era sempre um alento para mim. Era como estar de volta ao Brasil, à nossa melhor realidade. Sorri largamente para ela e acariciei seu rosto lindo, mas quando já salivava, na expectativa dos seus lábios, ela afastou-se, indo na direção do convés de popa, na parte de trás do iate.

Sem remédio, a segui.

Meu pouco, mas suficiente conhecimento náutico seria o bastante para levar o pequeno iate pelo canal principal de *Copenhague*. Planejei percorrer o *Nyhavn* e mostrar à Fraise os monumentos e construções à margem, e mais tarde, seguir na direção do mar aberto e ancorar logo após estátua da Pequena Sereia, onde teríamos privacidade.

— Que tal um vinho e o pôr-do-sol?

Ela virou-se e me encarou, exalando charme.

— Que tal um vinho, o pôr-do-sol e uma conversa sincera?

Abaixei o olhar, conformado. Eu sabia que não seria tão fácil. Não com a Fraise. E esse era um dos motivos que me faziam amar tanto esta mulher: nada com ela era de "mão beijada".

Sorri e lancei-lhe aquele que, sabia, era o meu olhar que mais mexia com ela.

A gente precisa usar as armas que tem.

— Um vinho, o pôr-do-sol, uma conversa sincera e apenas nós dois nesse barco. Não quero aquela mulher de gelo que conheci hoje pela manhã, tudo bem?

Fraise ergueu sua sobrancelha petulante e quase me mata de desejo quando retirou o cachecol como se tirasse a roupa inteira.

— Basta não convidá-la. — Ela inclinou um pouco a cabeça e passou a mão pelos cabelos, me seduzindo. — Você é um homem inteligente, Viking. Tanto que me trouxe para um barco, de onde não posso fugir. Saberá mantê-la longe.

Engoli seco e abaixei o olhar, sentindo-me desnudado ante a perspicácia da Bellanne Fraise.

Enfiei as mãos nos bolsos porque fiquei sem jeito ante seu desafio e acabei mordiscando o canto interno da boca, buscando as palavras certas.

Por fim, apenas ergui o olhar e grudei no mel dos seus olhos.

— Tinto ou branco?

Ela riu de mim e girou no próprio eixo, indo na direção da cabine de comando.

— Branco.

A cabine de comando era protegida, mas de suas janelas de vidro pudemos admirar a paisagem, quando acionei os comandos e, cuidadosamente, começamos a nos deslocar.

Encantada com a vista das casas coloridas à margem do *Nyhavn*, Bellanne admirava tudo, sentada na bancada ao lado do volante que eu manejava, e quando saímos para o canal principal eu a vi abrir a boca de espanto.

— Uau! O que é isso?!

Enquanto bebericava seu vinho, apontou para a esquerda e eu a acompanhei, também admirando a arquitetura moderna do prédio cúbico todo

espelhado.

— Este é o *Skuespilhuset*, um teatro relativamente novo. Seus arquitetos foram premiados pelo projeto.

— É lindo como contrasta com a arquitetura antiga!

Sorri orgulhoso da minha cidade. *Copenhague* era inteirinha cortada por canais, como *Veneza*, porém, seus canais são mais profundos e largos, permitindo barcos maiores do que gôndolas.

Aqui, a arquitetura de séculos convive harmoniosamente com a modernidade.

— Nós, dinamarqueses, somos conhecidos pela arquitetura.

— Sim! A Marie, do consulado, falou sobre a "ponte submersa" que liga a Dinamarca à Suécia. Fantástica!

Desviei o olhar ao ouvi-la falar sobre Marie. Lembrar disso não era um bom começo para a nossa conversa, ainda mais se eu tinha a intenção de manter a mulher de gelo fora do nosso barco.

— Olha ali, Fraise. — Apontei para o outro lado, onde se via uma construção ainda maior, mas não tão bela. — Esse é o *Copenhague Street-food*, acho que você conseguiria comer bem aí. Tem comida de muitos lugares do mundo.

A vi estreitar os olhos, duvidando.

— Não me fale em comida, Viking. — Meu sorriso se abriu e ousei tocar-lhe a mão sobre a bancada, mas imediatamente ela retirou a sua, levando-a aos cabelos. — Mas podemos tentar. Quem sabe junto com o Teo?

Assenti, conformado, e tornei a manejar o volante.

O sol já ia baixo e eu tinha pressa de chegar à estátua da Pequena Sereia e sentar na proa com Fraise para apreciar a paisagem.

Passamos pelo suntuoso e moderno prédio da Casa de Ópera, já todo iluminado, e os olhos da Fraise brilharam. Me perdi em seu rosto, na boca bem desenhada e cheia, no sorriso encantador.

Acelerei e não demorou a chegarmos à saída do canal, pouco mais à frente de uma das muitas atrações turísticas da cidade.

— E apresento-lhe à Pequena Sereia. — Fiz um floreio na direção da estátua, provocando-lhe o riso que eu tanto sentia falta.

Enquanto eu parava o iate, deixando-o à deriva, ela olhou para o lado e sua decepção foi evidente, ante a nada glamourosa escultura.

— Ela é pequena mesmo, não?

Gargalhei, e tomado de empolgação, meti-me entre suas pernas. Ela me

fitou surpresa, mas não reagiu. Deslizei as mãos pelo seu quadril sem tirar os olhos dos dela.

— Cuidado, Fraise... — Escorreguei as mãos até a sua cintura e a vi vacilar. — Você está no barco de um Viking, rindo do fruto de um arroubo apaixonado de um artista dinamarquês.

— Eu não ri... — Seu sussurro foi rouco e senti que ganhava terreno. — Mas acho que os vikings representam melhor os arroubos dinamarqueses.

Aproximei lentamente meus lábios dos dela, já salivando em antecipação à doçura da sua boca, mas Bellanne pousou a mão em meu peito e inclinou o corpo um pouco para trás, afastando-nos.

— Seu vinho vai esquentar, Erik Lars. — E levou a própria taça aos lábios, me cortando.

Apertei os lábios para não começar a enumerar tudo o que queria fazer com ela e com o vinho, estando ele quente ou gelado.

— Você é durona, Bellanne Fraise.

Ela continuou empurrando meu peito, até que eu precisei dar um passo para trás.

— Ah... Não diga isso. — E escorregou para fora da bancada, ficando de pé à minha frente. — Você bem sabe o quanto sou macia.

Fechei os olhos, buscando meu controle, justamente porque, de tanta vontade, quase pude sentir a maciez da sua pele e de tantas outras partes específicas do seu corpo. E quando tornei a abri-los, ela sorria, safada.

— Vamos, Viking. Temos um pôr-do-sol, um vinho e uma conversa para dar conta.

Ela passou por mim e saiu da cabine.

Respirei fundo, uma, duas vezes. Graças a Deus, aquela mulher ainda era minha e assim seria por infinitos anos, porque ela poderia me matar de ansiedade e tédio, se bem quisesse.

Liberei a ancoragem e desci para buscar duas mantas grossas. Sabia que ela iria tremer de frio lá fora, o que a faria se abrigar em meus braços. A ideia é essa.

Bellanne

Embora estivesse usando meias grossas, me arrependi amargamente de ter tirado as botas. Estávamos sentados na proa do iate, acomodados em espreguiçadeiras confortáveis, mas apesar da manta grossa que me cobria, a

minha bunda estava quase congelando com o vento gelado que soprava.

O sol descia lentamente no horizonte e Erik teve a pachorra de sentar na mesma espreguiçadeira que eu, atrás de mim, colocando-me entre suas pernas. Não reclamei, mas apenas porque estava frio e o calor do seu corpo era muito bem-vindo.

Ele me falava sobre sua cidade, sobre como os canais foram escavados e como a igualdade social era a causa da baixa violência e da vida feliz dos dinamarqueses.

— Aqui, você entra em uma loja e sabe que a vendedora tem em casa os mesmos aparelhos domésticos que você, e o que nos diferencia são apenas as nossas condições de comprador e vendedora, sem que uma desmereça a outra. Os salários são equiparados e os direitos são os mesmos.

Suspirei, sonhando com uma realidade assim no Brasil. Mais mil anos seriam necessários.

— Eu vejo isso refletido em seu comportamento, Erik.

Ele me estreitou em seus braços e pernas, envolvendo-me inteira.

— Por exemplo?

— Você é um cara rico, mas tem hábitos muito simples, não anda ostentando e gastando indiscriminadamente. Nunca o vi olhar diferente para um funcionário ou alguém com menos posses. Admiro isso em você.

Ele sorriu ao meu ouvido e até o último pelo do meu corpo se arrepiou.

— Eu não consigo ver a vida diferente, Bella. Fui criado assim, com essa visão.

Relaxe as costas contra seu peito e até senti vontade de chorar de prazer. Seu perfume, seu toque, seu calor... O peito do Erik era um lugar tão meu, que sequer conseguia imaginar-me sem.

Suspirei profundamente, pronta para iniciar nossa conversa.

— Erik, preciso que você seja sincero comigo. Nossa relação precisa ser pautada na sinceridade para dar certo.

Erik inclinou a cabeça e pousou os lábios em meu ombro.

— O que quer saber, amor? — murmurou.

Virei-me um pouco, em busca dos seus olhos, e quase parei de respirar com o que vi: os últimos raios de sol incidiam exatamente sobre nós e seus olhos estavam tão azuis e tão cheios de luz, que suas íris estavam quase transparentes.

— Existe algum resquício... alguma atração de sua parte pela Hedda?

Ele abaixou os olhos para meus lábios e depois voltou a encarar-me.

— Não, Bellanne. Eu tenho carinho pela Hedda. Se conhecê-la melhor, verá que é uma mulher muito doce, mas não sinto a mínima atração por mulher alguma, desde que te vi naquele púlpito, na inauguração da Drakkar.

Precisei forçar para engolir o bolo na garganta e conter a emoção. Eu ainda lembrava perfeitamente do seu olhar ao entrar naquele auditório. E agora, Erik tinha um olhar diferente, mas ainda mais poderoso sobre mim. Suas feições sérias contrastavam com o olhar doce, que invadia a minha alma, demonstrando total sinceridade.

— Eu não costumo ser ciumenta...

— Eu sou ciumento, Fraise. Posso entender seus sentimentos e posso entender o que sente quando ela me toca. Eu ficaria louco, se estivesse em seu lugar. Me perdoe.

Assenti ante a objetividade das suas palavras. Então, umedeci os lábios, criando coragem para o que precisava dizer, mas não consegui encará-lo de primeira.

— Sei que naquela noite, o que queria era também sinceridade, mas hoje entendo o quanto fui dura ao lhe dizer que dormi com o Alex. — Ergui os olhos para encontrar os dele, fixos em mim. — Quero te pedir perdão, por ter dormido com o Alex, enquanto sentia saudades suas e fazíamos sexo por telefone. — Repliquei suas palavras de ontem.

— Você estava fora de si, Fraise. E sabemos que não fiz o mesmo por puro acaso. Vamos esquecer isso?

Assenti, mas tornei a abaixar o olhar, sabendo que ele estava sendo um completo cavalheiro, ao dizer que eu "estava fora de mim". Naquela noite, eu soube bem o que eu estava fazendo.

Erik segurou meu queixo e me fez erguer o rosto, buscando meus olhos.

— Posso me despedir de vez da mulher de gelo?

Sorri, sentindo-me má por ter sido tão dura.

— Promete que seremos sempre sinceros um com o outro?

Com muita suavidade, Erik retirou de sobre meu rosto as mechas de cabelos que voavam, e sua mão deslizou para a minha face, acariciando-a. Seus olhos acompanhavam esse carinho.

— Tudo o que quiser saber, basta perguntar, e serei sempre sincero com você, meu amor.

Olhei bem dentro dos seus olhos.

— Promete que sempre me dirá a verdade, seja o que for que eu te pergunte?

E com um sorriso de derreter calotas e mais calotas polares, Erik meneou a cabeça.

— O que mais quer saber, Bellanne Fraise?

Mordi o lábio inferior, sentindo-me excitada e sapeca.

— Essa preparação toda... O vinho, a manta... Você tinha a intenção de me comer aqui, nessa espreguiçadeira, debaixo desse frio? — Ele me encarou por dois segundos, então, caiu na gargalhada, pendendo a cabeça para trás e expondo a garganta e o pomo de adão, enchendo-me de vontade de mordê-lo. — Se tinha essa intenção, esqueça, Erik Lars!

Ainda com o sorriso largo, colou sua boca à minha e me deu o melhor, o maior, o mais fabuloso dos seus beijos. Todo meu corpo se aqueceu imediatamente, queimando a camada sob a pele, eriçando-me os pelos.

O beijo interminável me roubava os sentidos, a percepção do universo ao nosso redor. E quando finalmente nossos lábios afastaram-se, o vi saborear.

— Preciso apresenta-la à cabine, lá embaixo. — Erik sussurrava com os lábios quase colados aos meus e me apertou ainda mais em seus braços. Os olhos passearam momentaneamente pelo horizonte e pela paisagem ao nosso redor. — Lá tem aquecimento, uma cama grande e macia, e se ficarmos em um lugar específico do canal, conseguimos estabilizar mais o iate e ainda seremos presenteados com as luzes da Casa Ópera em nossa janela. — E me encarou bem de perto. — O que acha?

Fogos de artifício explodiam dentro de mim e me senti feliz como quando era criança. Uma felicidade genuína e gigante!

— Acho que poderíamos comer antes. Não comi nada desde cedo e só de pensar em comida brasileira... Humm!

— Tem toda razão! — Estalou um beijo rápido em meus lábios. — Sabe o que tem no menu? — Balancei a cabeça, dizendo que não, mal contendo o sorriso. — Frutos do mar grelhados, legumes e até uma salada de feijão verde!

Arregalei os olhos, surpresa!

— Quero já!

Levantamos e, de mãos dadas, corremos para a parte de baixo do iate, onde a mesa para o jantar estava finamente arrumada.

Comemos ao som de uma seleção de MPB fantástica, e como tema, as peraltices de moleque do Erik. Me diverti muito com as histórias de quem foi um típico líder de turma: ele pensava nas traquinagens e os bobos as executavam.

— Você era terrível, Erik!

— E você, Fraise, que tipo de criança foi?

— A rebelde, a que destruía brincadeiras. — Ele tinha a boca cheia de vinho e se esforçou para não rir e mandar a bebida pelos ares. — Sempre que eu e a Margie começávamos a brincar, ela queria que eu seguisse suas regras e fazia queixas à mamãe, achando que assim me obrigaria a brincar do jeito dela.

— E a Margie sempre se dava mal, não é?

— Sempre! — Rimos, e eu já sentia aquela leveza propiciada por generosas doses de um bom vinho. — Ela achava que eu iria ceder, mas eu simplesmente largava a brincadeira, a boneca, o que fosse! Não me apegava, e isso fazia ela querer me matar!

Enquanto me perdia em boas lembranças, Erik virou-se e desligou o aparelho de som.

— Fraise... Tem uma camisola sobre a cama. — disse sério, mas com um olhar sedutor. — Vou ligar para saber do Mateo e te encontro na cabine em quinze minutos. Quero te encontrar dentro da camisola. Só da camisola.

Ergui a sobrancelha, achando graça em sua autoridade.

— Pedindo assim, com tanta súplica, vou correndo.

Ele sorriu sutilmente e brincou com os talheres sobre o prato.

— Hoje irei dobrar sua rebeldia, Bellanne Fraise.

O jeito com que me olhou fez meus mamilos arrepiarem até ficarem levemente doloridos. Levantei e fui até ele.

— Eu sou muito rebelde, Viking.

Erik levantou-se quase roçando em mim, de tão próximo.

— Sou muito persuasivo, Fraise.

Seu hálito misturado com o álcool e a lascívia com que me fitava, fizeram-me molhar a calcinha. Já sentia-me estremecer de tesão, e foi com esse fogo que desci imediatamente para a cabine.

Sob essas circunstâncias, eu jamais ousaria desobedecê-lo.

Erik

Desliguei o telefone com o coração feliz. Mateo ainda não havia acordado, mas respirava sozinho.

Já havia recolhido a âncora, manejado o iate até as proximidades da Casa Ópera e tornado a ancorar o barco. Desliguei as luzes do iate, mantendo apenas algumas externas, para localização e segurança, e desci, levando

comigo uma garrafa de vinho e duas taças.

Entrei na cabine e a única luz vinha dos refletores coloridos da fachada da Casa de Ópera, que atravessavam a janela e banhavam a cama de luz e cor. Então, ela surgiu, vinda do banheiro.

Estava mais linda do que nunca.

Sorri, ao ver o efeito da renda sobre seus seios. Era exatamente o que eu esperava ver quando comprei a camisola.

Fraise encostou na parede ao lado da porta e colocou os braços para trás, prendendo-os com o corpo contra a parede.

— Estava pensando justamente nesse vinho. — disse, fitando-me com luxúria.

Novamente sorri, enquanto nos servia a bebida.

Cliquei no aparelho de som e deixei correr uma coletânea que começava com o *rock* meio *underground* de "*Eat me, drink me*", do *Marilyn Manson*, e ia até o *pop sexy* do "*Sex with me*", da *Rihanna*. Uma contribuição do nosso assessor para trilhas sonoras: Lucien.

Então, caminhei até Bellanne e estendi-lhe a taça.

— Eu estava pensando justamente na transparência dessa renda... — e rocei o bojo da taça de vinho gelado no bico do seu seio — ...sobre os seus mamilos.

Adorei vê-la puxou o ar, sôfrega.

— Bebe. — ordenei.

Ela me olhou, enigmática, mas levou a taça aos lábios e bebeu.

Sem deixar de encará-la, bebi quase todo o meu vinho e depois coloquei nossas taças sobre a bancada.

Seu cheiro me invadia, atijando, mas foi lentamente que apoiei as duas mãos na parede, acima da sua cabeça, e aproximei minha boca da sua, provocando-a. Deslizei a ponta da língua pelo canto dos seus lábios e quando ela os abriu para mim, mergulhei cheio de fome.

Eu estava louco de tesão, ansioso para ter a minha pele na dela, mas a possibilidade de domar aquela rebelde realmente estava me dando ideias que requeriam certa paciência e controle.

Com um braço, puxei Fraise pela cintura e esfreguei meu pau contra ela com dureza. Seu gemido rouco ecoou, deixando-me louco! O seu calor estava me queimando e eu já conseguia sentir o quanto insana seria essa noite.

Apoiada em meus ombros, Bell ergueu uma perna e prendeu-a em meu quadril, roçando ainda mais em mim. Ver a Bellanne pedindo, exigindo

prazer, sempre me dava um tesão sem igual, e eu podia apostar que ela sabia disso, porque todas as vezes em que a vi se tocar, seus olhos estavam em mim, observando minhas reações.

Mordi seu pescoço, mesclando beijos e lambidas que subiam ao ouvido e desciam até o ombro, onde eu enterrava meus dentes, fazendo-a se contorcer de excitação. Suas mãos percorriam meu corpo, por baixo da camisa, metendo-se pelo cinto, mergulhando em minha calça, e tudo em mim arrepiava, tudo em mim era desejo e fome da sua pele, da sua carne, do seu sabor.

A urgência estava latente nas minhas mãos apertando sua coxa e seio; no desespero dos movimentos dos nossos quadris; nos gemidos sussurrados; nas mãos mergulhadas em meus cabelos; em nossas bocas coladas, comendo-se.

— Como pode ser tão gostosa? — murmurei mais para mim mesmo do que para ela, mas Fraise sorriu, chupando meu lábio.

Segurei seu queixo com firmeza e o ergui para mim.

— Abre minha calça, Fraise.

Com os olhos presos aos meus, ela enfiou a mão por trás do cinto, o abriu, e em seguida abriu o botão e o zíper. Fechei os olhos, delirando com sua mão quente me tocando, possessiva.

— Adoro sentir você assim, duro e quente.

Grudei minha boca na dela, encostando sua cabeça contra parede, chupando sua língua, seus lábios, lambendo seus dentes.

Afastei-me um pouco, o suficiente para puxar a camisa pela parte de trás do colarinho, retirando-a. Seus olhos me devoravam, e claro, isso me deixou louco, mas o que eu queria mesmo era aquela boca em mim.

Voltei a colar-me nela, empurrando meu pau, de baixo para cima, entre suas pernas.

Segurei a camisola pelas laterais do seu quadril e fui erguendo o tecido devagar, até amontoá-lo em minhas mãos. Sorri, lascivo, quando senti sua pele fina, lisa e quente como o inferno. Ela estava sem calcinha, conforme eu havia dito para ficar.

— Viu como você sabe obedecer, Fraise? — Provoquei.

— Eu sei ser uma boa menina, mas não abuse, Viking. — ela arfava, beirando os gemidos, enquanto eu deslizava meus dedos por seus pequenos e grandes lábios. Ela estava toda molhada e fervendo para mim. E quando alcancei e acariciei o seu clitóris com delicadeza, a vi revirar os olhos, deliciando-se.

— Ah... Que graça tem, se a melhor parte é abusar de você? — Esfreguei a palma da minha mão em sua boceta, friccionando com ritmo, hora pressionando mais, ora pressionando menos, até que mergulhei dois dedos bem fundo. Ela gemeu profundo, rouca, ao mesmo tempo em que erguia novamente sua perna sobre o meu quadril, abrindo-se ainda mais para mim.

Comecei a masturbá-la com movimentos estudados, indo fundo e esfregando a minha palma em seu clitóris, e quando seus gemidos aceleraram, comi sua boca inteira e mergulhei um terceiro dedo em sua boceta, enganchando-os nela, massageando a parede interna rugosa e deixando-a alucinada. E antes que ela entrasse em colapso, cessei as carícias e lambi um a um dos meus dedos, saboreando seu gosto levemente agri-doce.

Eu era louco por seu gosto, sua textura, e fazê-la sentir seu próprio gosto na minha língua, era uma tara. Por isso, tornei a beijá-la, e quando o fiz, Fraise cravou as unhas em minhas costas, me arranhando, esfregando-se em mim.

Sua boca escorregou pelo meu rosto. Bellanne beijava-me afoita, me atiçando. Em resposta, eu me forçava contra ela, sentindo que a fricção da calça de brim contra sua boceta nua estava levando-a à beira de um abismo.

Bellanne

Erik tornou a afastar-se e eu precisei me apoiar na parede para não cair. Eu estava zonza, desnor-teada, e perder o contato do seu corpo foi como perder um pedaço de mim. E quando ele estendeu a mão e lançou-me seu olhar convidativo, eu a segurei.

Erik andava de costas, levando-me para o meio da cabine, para os pés da cama *kingsize* coberta por lençóis de seda azul marinho com bordados dourado.

— A camisola ficou linda em você — sussurrou com a voz carregada de desejo. — Mas você fica tão melhor sem ela... Tira pra mim.

Sem pestanejar, obedeci, até porque, não seria possível à mulher alguma no mundo dizer não àquele homem. Não quando ele estava seminu, cheio de tesão e decidido a me matar de prazer.

Lentamente, segurei nas alças finas da camisola e retirei-as dos meus ombros, passei-as pelos braços e me envaideci, ao ver os olhos do Erik pararem em meus seios. Aprumei e deixei que a roupa escorregasse até o chão. Um lapso de sorriso lhe surgiu, ao menear a cabeça e admirar

demoradamente cada parte do meu corpo, sem o menor pudor ou disfarce.

— Eu tenho uma fantasia.

Peguei-me sorrindo com esta revelação, mesmo depois de tudo que já havíamos feito desde que nos conhecemos.

— Uma?

— Neste momento, ocorreu-me uma, mas a cada dia você me provoca novas fantasias, Fraise.

Erik aproximou-se e encheu as mãos com meus seios. Fechei os olhos, assimilando a delícia de ter o calor e a rudeza das suas palmas em minha pele fina. Os polegares acariciavam suavemente meus mamilos, e minhas mãos foram imediatamente atraídas para o seu corpo.

Erik era macio, por cima dos músculos rijos, e era um verdadeiro deleite apertá-lo, mordê-lo. A sensação de eterna insaciedade alimentava a minha fome por este homem.

— Um dia, mantereí você presa em um lugar... — Erik sussurrava, distraído com as carícias em meus seios. — ...Sem roupa alguma. — Mergulhei as mãos por dentro da sua calça e deslizei-a para baixo, junto com a cueca. Ele estava tão duro e quente que pulsava em minha mão. — Um lugar de onde você não terá como sair. E eu foderei você o tempo inteiro.

De olhos fechados, todos os estímulos que o Erik me infringia eram intensificados. As mãos mais agressivas... Uma apertando meu seio, beliscando-me o mamilo; enquanto dedos massageavam meu clitóris, deixando-me mole, de pernas bambas... A boca, que sussurrava sedutora, enquanto mergulhava a língua no meu ouvido.

— Só faremos isso, Fraise... trepar e comer. Te comerei de todas as formas que um homem pode comer uma mulher, e ainda poderemos pensar em outras tantas. Agora... pense comigo... — Erik afastou o rosto e me encarou. Suas pupilas estavam tão grandes, que o azul era apenas um halo ao redor. — Você tem como sair desse barco, Fraise?

Abri a boca para conseguir respirar, mas ele me virou tão rápido de costas, que mal pude me equilibrar. Seu braço forte cruzava meu corpo, prendendo-me a ele, mas com a outra mão, lançava-me no espaço, percorrendo minha pele com dedos ágeis e experientes.

— Esqueça sua rebeldia, mocinha... Hoje, você é toda minha... Seu corpo e sua vontade.

Meu coração martelava no peito e eu achei que era apenas pela excitação que suas mãos e seu pau, colado à minha bunda, me provocavam. A verdade

me veio quando ele segurou em meus cabelos com firmeza, arranhou os dentes em meu pescoço e eu estremei inteira, frente aos seus sussurros cheios de tesão:

— Vou te levar ao céu, Fraise... E será do meu jeito.

A merda foi que eu gostei. Até demais.

— De bruços, mocinha. — ordenou, ao tempo em que me empurrava de leve na direção da cama e me dava um tapa sonoro e ardido na bunda.

Cai no colchão macio com o coração aos pulos e quase hiperventilando. Suas mordidas vorazes começaram a me enlouquecer desde a panturrilha até a nuca. Sem o menor controle, eu me contorcia. O peso do seu corpo sobre o meu fazia-me lembrar do quanto era bom tê-lo pesando sobre mim das mais diversas maneiras.

— Erik... — Eu escutava a minha voz chamando-o sem que ao menos tivesse essa intenção.

Ele não me respondeu. Estendeu os braços sobre os meus e roçou o pau entre as minhas coxas e bunda. Eu me empinava, quase implorando que me comesse de uma vez, mas ele apenas brincava, deslizando a sua extremidade na minha intimidade, que latejava.

A música parecia ganhar volume e me envolver, mas eu sabia que eram apenas meus sentidos se ampliando, o álcool fazendo seu papel, a puta sensualidade do Erik em cada toque, o cheiro dos nossos corpos me intoxicando de desejo, e a aura de tudo que há de mais primitivo no ser humano, ali, pairando sobre nós.

Com os joelhos, Erik abriu minhas pernas, mergulhou um braço sob minha barriga e erguendo meu quadril de uma vez, e novamente, o tapa que me deu na bunda estalou ardido, fazendo-me acordar do torpor, alertando ainda mais meus sentidos, abrindo tudo em mim.

Abafei o grito nos lençóis de seda, mergulhando os dedos ávidos nas dobras azul-marinho. As mãos grandes do Erik me seguravam, colocando-me exatamente na posição que ele queria.

— Assim, gostosa... Empina tudo pra mim...

Ele arfava, e quanto mais eu sentia que Erik estava excitado como nunca, mais meu corpo respondia, enchendo-se de tesão.

Fui puxada para trás e não consegui ter qualquer reação, por isso, apenas gemi alto, de forma quase dolorida, quando o Erik abocanhou minha boceta inteira de uma só vez. Seus dentes arranharam os grandes lábios, sensíveis pela falta de pelos; a língua quente mergulhou fundo em mim e quando me

chupou inteira de uma vez, sugou o clitóris até terminar com um movimento rápido, apenas com a ponta da língua. Meus olhos encheram de lágrimas e eu choraminguei, puxando os lençóis, apertando-os contra meus seios, em contorcendo... Mas fui alçada desse meu tormento, quando Erik deu um tapa de leve, mas efetivo, em minha boceta.

— Quieta, Fraise. Quero você quietinha. — E tornei a afundar naquela tortura deliciosa, quando tornou a me abocanhar, sugando meus lábios, manejando a língua, ora macia, ora mais dura, judiando de mim. Minha concentração dividida entre os delírios e a luta para tentar conter os movimentos involuntários do meu quadril.

Em busca do alento de um pouco de ar, ergui o corpo e joguei o cabelo para trás, mas a mão do Erik escorregou desde a minha bunda até a cabeça, pressionando-a de volta para a cama.

— Assim... Quero você toda aberta para mim.

Mordi o lençol embolado quando ele mergulhou dois dedos bem fundo em mim e envolveu apenas meu clitóris em sua boca, sugando e lambendo-o suavemente, brincando com ele.

Aquilo me foi tão intenso, que eu gozei imediatamente, com o lençol entre os dentes e as pernas trêmulas. E antes que pudesse sequer terminar de gozar, Erik me invadiu com um só movimento. Gritei! Gritei por surpresa, porque ele era grande, porque ele foi fundo e porque foi bom pra caralho!

Eu queria muito ver seu rosto enquanto me comia. Queria ver seus olhos vidrados, vê-lo mordendo o lábio e com aquela expressão que me tirava o eixo, de tão sexy. Então, ergui-me, ficando de quatro, mas receosa de que ele tornasse a me mandar ficar abaixada.

Logo sua mão tornou a percorrer minhas costas, arrastando-se possessivamente por ela, mas ao invés de me empurrar, ele segurou em meus cabelos, enrolando-os na mão e os puxou levemente. Ergui a cabeça, porque enquanto suas estocadas me empurravam para frente, sua mão nos meus cabelos mantinha-me presa a ele.

Com a outra mão, Erik segurava meu quadril com força. Eu o sentia todo dentro de mim. Sentia suas bolas baterem em meu clitóris e ondas de prazer que não me davam tempo de respirar.

Em meio às estocadas curtas, Erik parou e debruçou-se sobre minhas costas. Sua boca, o bigode e a barba roçando minha nuca, me dissolviam, ao passo em que sentia minha carne trêmula de tesão.

— Agora, minha Fraise, quero que faça aquilo que faz tão bem... Rebola

pra mim, porque vou gozar bem fundo dentro de você.

Os lábios macios, em contraposição ao bigode que me espetava a pele, faziam as palavras sussurradas invadirem meu cérebro e viajarem até meu ventre, revirando-o.

E antes de retornar à sua posição de macho dominante, comendo-me como um animal selvagem, enfiou o indicador e o dedo médio na minha boca.

— Chupa bem gostoso... — e eu chupei. — Deixe eles bem molhadinhos, porque quero que escorreguem bem macio no seu rabinho.

Nem sei descrever o tamanho do arrepio que senti. Sem a menor dignidade, chupei e lambuzei seus dedos, e quando ele ergueu o corpo, empinei-me ainda mais, aguardando que cumprisse sua promessa.

Os gemidos do Erik encheram o quarto, cobrindo os meus, ao aumentar suas estocadas. Como dito, enfiou os dois dedos lentamente no meu ânus e eu perdi completamente o tino.

Em algum lugar daquele quarto meu alter ego ria descaradamente, ao verme contorcer e gritar, como um ser em agonia. E quando ele gozou e pulsou forte dentro de mim, sentou sobre as próprias pernas e me puxou para seu colo, prendendo-me pela cintura. Rebolei em seu colo, desesperada pelo fim daquele martírio, gritando seu nome, e quando finalmente gozei, completamente descontrolada, ele me apertou contra seu peito, cobrindo meus seios com suas mãos. Pendi a cabeça para trás, deitando-a na curva do seu ombro. Estávamos suados, a despeito do frio que fazia lá fora.

— Sssss... — ele sibilava em meu ouvido. — Respira, Bell, devagar.

Tive vontade de rir, imaginando o estado de agonia em que eu deveria estar, para ele se preocupar com a minha respiração.

Seu peito suado roçava em minhas costas, suas mãos acariciavam meus mamilos e minha boceta, tirando-me qualquer chance de calma. Sentia-me como se tivesse levado uma surra, minhas pernas tremiam, eu mal respirava... mas eu queria mais. Eu jamais admitiria, mas queria mais da mão do Erik me sobrepujando, queria mais de sua voz autoritária me mandando ficar quieta e seu tapa despertando-me do torpor.

Eu descobria um novo Erik tão gostoso quanto o Erik gentil e doce que eu tanto amava.

Reunindo forças e firmeza nas pernas, tentei sair do seu colo, mas ele não deixou, mantendo-me presa em seus braços.

— Aonde pensa que vai?

Virei apenas o rosto, encontrando sua boca, e sussurrei:

— Chupar você.

Imediatamente seus braços afrouxaram e eu sorri. Engatinhei sobre a cama e quando o fitei, tive vontade de voltar ao seu colo e enchê-lo de beijos. Erik me olhava com uma sobrancelha alteada e um expressão tão safada, que fez meu alter ego bater palmas e gesticular com o belíssimo "ok" para mim.

Caminhei até a bancada e bebi de vez o resto do meu vinho. Erik estendeu a mão e entreguei-lhe sua taça. Ele havia se virado e estava agora sentado na beira da cama, com meia ereção e as coxas grossas abertas, deixando entre elas o espaço exato para que eu me encaixasse.

As luzes coloridas da Casa Ópera banhavam seu corpo grande, másculo e ao mesmo tempo macio. E depois de me entregar a taça vazia, inclinou-se um pouco para trás, apoiando-se na cama, olhando-me com um sorriso sem vergonha e um olhar que era um convite. Então, ergueu o indicador, me chamando, e depois apontou para o pau, cobrando minha promessa.

Com um sorriso bobo, larguei nossas taças vazias na bancada e caminhei até o meio das suas pernas. Erik espalmou as duas mãos em minha bunda, apertando-a, e chupou meus seios lentamente, aquecendo-me em fogo brando, e quando afastou o rosto com uma última chupada sonora em meu mamilo, tornou a se inclinar e apoiar-se na cama, dando-me espaço e seu pau.

Completamente presa no azul dos seus olhos, ajoelhei entre suas pernas e comecei pela barriga. Seu pau alojou-se entre meus seios e eu o massageei, enquanto mergulhava a ponta da língua em seu umbigo.

Com as feições repletas de luxúria, Erik não tirava os olhos de mim. Pressionei os seios, um contra o outro, comprimindo o pau do Erik entre eles, e fiz a minha primeira e surpreendentemente gostosa "espanhola" da vida, e cada vez que o pau do Erik subia entre meus seios, eu chupava-lhe a cabeça. Quando voltei a fitar o meu Viking, ele tinha a boca entreaberta, respirando pesadamente.

Agarrando-me os cabelos, inclinou a minha cabeça para trás e me beijou com violência, mordendo meus lábios, mas quando me soltou, repentinamente, caiu diretamente de boca em seu pau.

Deslizei as mãos pelas coxas firmes, abrindo ainda mais suas pernas. E daí, me perdi em Erik, esquecendo tudo ao redor, explorando sua virilha, experimentando todo tipo de carícia em suas bolas e mostrando a ele o poder de uma boa lambida no períneo, e só não fui adiante porque poderia quebrar o clima. Guardei essa promessa para outro dia.

Tanto quanto suas mãos, que conhecem tão bem o meu corpo; quanto seus movimentos deliciosamente cadenciados quando está dentro de mim... O prazer estampado no rosto perfeito do Erik deixava-me louca de tesão: ele contraía as sobrancelhas, como se sentisse dor, então, entreabria os lábios, puxando o ar, e do nada surgia um lampejo de sorriso. Eu sabia exatamente quando algo lhe agradava mais, porque era quando ele perdia o controle e fechava os olhos, mordendo o lábio, para logo depois perder-se em gemidos profundos.

Nada excitava-me mais do que ver essa expressão, vez após vez, e quando ele fez isso pela segunda vez seguida, eu sabia que estava pertinho de gozar.

Como que para mostrar-lhe o quanto sou rebelde e divertindo-me horrores apenas com a ideia, tomei-o fundo em minha boca e chupei forte até a sua ponta, fazendo um barulho de sucção ao final, mas afastando-me e erguendo-me em seguida, interrompendo seu deleite.

A interrogação nasceu em seu rosto e eu lhe sorri.

— Cansei! — disse, clinicamente, com um sorriso malicioso.

Erik meneou a cabeça e contraiu o cenho.

— Volte aqui, Bellanne Fraise! — Sua autoridade desafiando a diversão em seu olhar.

— Não. — Ergui o queixo e encostei o quadril na bancada. — Você não manda em mim.

Tive vontade de gargalhar quando vi sua expressão mudar para a incredulidade.

— Agora sei exatamente como a Margie sentia-se. — Erik levantou, ameaçadoramente. — Mas eu não sou a Margie.

Com um passo, chegou a mim, mas eu escapei, gargalhando. Ia tentar saltar sobre a cama, mas Erik agarrou meu tornozelo e me puxou. Caí na cama e, sendo puxada, deslizei pelos lençóis de seda. Quando ele tentou prender-me mais uma vez, consegui escapular, contudo, mal pude me mexer e alcançar a cabeceira da cama, novamente ele segurou minhas pernas, me virou de barriga para cima e cobriu-me com seu corpo. Os olhos ferozes me devoravam, excitados, predadores mais que nunca.

— Estamos em um barco, Bellanne. Não vai fugir de mim. — Seus lábios quase tocavam os meus e todo meu corpo pulsava de excitação. A força do Erik, sua dominação e sua masculinidade atingiram-me de rompante. — Você nunca conseguirá fugir de mim, aqui ou em qualquer outro lugar.

E beijou-me profundamente. Sua língua me invadiu faminta, desesperada, como se quisesse afirmar que eu lhe pertencia. Amoleci em sua boca, mas quando ele começou a beijar meus seios, descendo para a barriga e chegando ao meio das minhas pernas, tornei a escorregar para cima, fugindo, porque o prazer que eu sentia estava muito perto de ultrapassar a barreira do recomendável. Suspeitei de que, para o Erik, isso pouco importava.

Depois de tremular sua língua por minha intimidade, morder meu monte de vênus e explorar meu umbigo, o Viking tornou a subir pelo meu corpo, simultaneamente à minha escalada de costas pela cabeceira acolchoada da cama.

— Não vai me provocar e fugir, Fraise, sabe por quê? — E pondo-se de joelhos, levou-me com ele, pressionando-me com força contra a cabeceira alta da cama. Envolvi sua cintura com minhas pernas e abri os braços sobre a cabeceira, sustentando-me. Erik ergueu as mãos, pousando-as no forro do barco, atrás de mim. Seus olhos nos meus, a boca bem junto à minha. — Porque você é minha. Cada parte do seu corpo, cada pensamento, cada segundo do seu dia é meu.

Meu senso de independência, de “dona de mim mesma”, até poderia gritar, alertando-me de que isso era loucura, mas seria um grito no vazio, porque de fato esta era a nossa realidade.

E assim, olhando em meus olhos, ele entrou em mim... devagar, escorregando, causando-me calafrios de prazer.

Os raios de luzes coloridas cobrindo nossos corpos de magia, a cumplicidade implícita em nossos olhares e as investidas crescentes de Erik levavam-me a outro nível de êxtase.

Ergui a cabeça, entregando minha garganta à boca do Viking, que começou a me penetrar cada vez mais forte, arrancando-me gritinhos desesperados a cada estocada.

Com seu corpo gostoso colado ao meu, a barba roçando contra o meu rosto, a respiração afoita soando aos meus ouvidos e meus poros explodindo de prazer, entrei em combustão sob a sua ordem.

— Toda minha... — As palavras lhe saíam como respiração. — Seus gemidos, seus gozos... Todos meus.

E eu lhe dei mais um para a coleção. Ele veio logo atrás, me dominando por dentro e por fora, e pela energia com que tomou meu rosto entre suas mãos e me beijou, eu soube que a nossa noite ainda seria longa e prazerosa.

9º Capítulo



CAPÍTULO 9

Erik

Acordei com o barulho das ondas no casco do barco e a cama vazia. Ergui o corpo, buscando Fraise pela cabine. A porta do banheiro estava aberta, mas ela também não estava lá. Rapidamente vesti uma bermuda e saí em sua busca, detendo-me na porta da pequena cozinha para admirar a cena.

De camisola, com a perna em "4", descalça e com os cabelos presos, ela espremia laranjas. A luz do sol atravessava a escotilha e brincava em seus fios cor de mel.

Sem ser visto, encostei no umbral da porta e cruzei os braços sobre o peito. Quem sabe não deveríamos comprar um barco e rodar o mundo? Então, eu teria essa visão todas as manhãs.

Furtivamente, Bell olhou na minha direção e, como se não tivesse me visto, deu-me um segundo olhar, sorrindo lindamente.

— Bom dia, Viking!

Fui até ela e beijei sua nuca. Imagens do que fizemos por quase toda a noite ainda causavam efeitos em mim. Bellanne era a minha parceira perfeita

em todos os aspectos.

— Bom dia, gostosa. — Abracei sua cintura e me pressionei contra ela, inclinando-a sobre a bancada.

— Viking do céu, ainda tem energia?

Ríamos, enquanto parte do suco derramava na pia e Bellanne rebolava contra a minha ereção.

— Sou recarregável, Fraise. — E lhe mordi o ombro. — Olhar você me recarrega imediatamente.

Então, ela girou dentro dos meus braços e envolveu meu pescoço.

— Eu adoraria, mas já passam das oito e seria bom saber do Mateo.

Sobressaltei com a informação da hora e busquei meu relógio no pulso vazio. Eu o havia tirado.

— Droga, dormi demais.

Os beijos que me dava no pescoço me arrepiavam.

— Thomaz ligou, Kivo, e estou servindo o café lá em cima, no deck.

Acaricieei seu rosto de bochechas macias e beijei-lhe a boca com doçura.

— Vou tomar um banho e falar com o Thomaz. Subo em seguida. — Ela assentiu, e antes de descer a escada para a cabine, voltei a olhá-la. — Você está bem? Senti que a maré está mais forte...

Ela balançou a cabeça, fazendo uma careta, e entendi que nada estava muito bem e as náuseas não haviam passado.

Subi para o deck, depois de recolher a âncora, navegar até quase a frente do mercado *Street Foods* e ancorar novamente o barco. Estava um sol morno e o clima ameno, com cerca de treze graus.

Bellanne falava ao telefone e usava o *trench coat* sobre a camisola. Tinha as pernas cruzadas sobre a cadeira e beliscava um mamão, displicentemente. Vi que mal havia tomado seu suco, mas comera frutas, o que já era bom.

Tomei meu café entre risos, escutando a conversa hilária entre Bellanne e Lucien, e quando desligou o celular, disfarcei e fitei os prédios à margem.

— Tudo bem no Brasil. E o Thomaz?

— Tudo em ordem. Preciso arranjar um tempo para ler uns contratos e licenças, mas posso fazer isso no hospital. Também tenho uma reunião à tarde, mas será por vídeo.

Bell apenas assentiu.

— E o Mateo, tem notícias?

— Por enquanto, está na mesma, mas os médicos estão animados por causa da retirada do respirador.

Seria um dia intenso no hospital e eu podia apostar que o Axel estaria por lá o dia inteiro. Os trechos da minha última discussão com ele voltaram como um pesadelo.

Bellanne não poderia ir ao hospital hoje. Se afrontássemos ele novamente, o Axel iria contra-atacar e suas ações são imprevisíveis. Esse era um dos motivos pelos quais aceitei a oferta do Thomaz, quando me propôs abrir filiais da loja no Brasil — Era um lugar onde os tentáculos do Axel não chegariam, ou chegariam enfraquecidos, a exemplo da Flávia.

— Fraise, olha lá aquele prédio. — Apontei para o *Metropolitan Gallery*. — É a maior galeria de *Copenhague*. Tem cinco andares gigantes e cada andar retrata um tipo de arte. Não é o *Louvre*, mas você passa o dia inteiro e não consegue ver tudo. É incrível!

Seus olhos brilhavam.

— Uau! Ele se destaca, e olha a arquitetura!

— É lindo por dentro também. A única coisa que o desqualifica é a localização: fica ao lado de *Christiania* e lá é meio perigoso.

— Não é o tal bairro independente?

— Sim, por isso mesmo. A polícia só entra lá em casos extremos e o pessoal é "alternativo" demais — fiz as aspas com os dedos —, além do fato da liberação de drogas.

— É aquela área verde ali? — Apontou para a mata preservada, logo atrás do *Metropolitan Gallery*.

— Sim. O lugar é lindíssimo, o que é uma pena não haver uma ordenação melhor.

Bell voltou a beliscar o mamão, pensativa.

— Fraise, por que não tira a manhã para conhecer a galeria?

— A que se precisa de um dia para conhecer?

Sorri, feliz por ela ter aceitado a indução. Ela passaria um dia muito mais feliz, se o passasse longe do Axel.

— Se quiser, pode passar o dia lá. Você vai voltar fascinada!

Ela sorriu e mordeu a uva com uma carinha sapeca.

— Ok, meu Viking! Mas preciso ir ao hotel tomar um banho e pegar a câmera.

Até o suco me pareceu mais doce, ao ver seu sorriso encantador e a certeza de que seria um dia feliz para ambos, com a Bell longe do Axel.

Deixei a Bellanne na descida do metrô e caminhei até o hospital. Passei pela recepção e, enquanto aguardava a minha liberação, telefonava para o

Aren.

— Sim?

— Aren Orkney? Aqui é o Erik Lars, lembra de mim?

— Erik Lars?! Como poderia não lembrar?! Que surpresa é essa? Está em *Copen*?

Sorri ao pegar o crachá de visitante da mão da recepcionista e me dirigi ao elevador.

— Estou sim. Aren, ainda trabalha na *Metropolitan*? Lembro que era gerente da pinacoteca...

— Oh... felizmente não sou mais gerente da pinacoteca... Mas sim da *Metropolitan* inteiro!

Dei risada com a afetação do Aren. Não éramos exatamente os melhores amigos, mas sempre estudamos nas mesmas classes e graças a mim ele conseguiu não somente seu primeiro emprego, mas também uma boa colocação para o seu pai, na empresa do Axel. Aren sempre me foi grato.

— Que bom! Parabéns! — As portas do elevador abriram. Entrei e quando fui apertar o botão do andar do CTI, ele já estava acionado. — Fico feliz por você, e também porque gostaria de te pedir um favor.

— Às suas ordens, Erik. No que posso ajudar?

— Minha noiva está chegando aí na *Metropolitan Gallery* e eu gostaria de te pedir o favor de ajudá-la na visita.

— Noiva? Está noivo, Erik Lars? Que maravilha! Claro que terei imenso prazer em guiá-la.

Sorri e cocei a cabeça, sem saber como falar.

— Eu queria que fizesse algo a mais do que somente guiá-la, Aren. Sei que a galeria é imensa, mas sabemos que em três horas ela já terá visitado tudo. Acontece que terei um dia bastante cheio e não gostaria que ela ficasse sozinha pela cidade, se é que me entende. Seria possível incentivá-la a... não sei, talvez visitar alguns arquivos não expostos, ou conhecer a história da galeria. Qualquer coisa que a mantivesse por aí um pouco mais de tempo?

O elevador estava parado em um andar para que um cadeirante entrasse e se acomodasse.

— Entendi. Quer que eu a entretenha para que você tenha tempo de resolver algumas questões, sem que ela corra riscos por aí? Mas não há perigo...

— Você entendeu direito, Aren. — Falei sério. Não queria ser rude, mas eu estava pedindo algo simples e gostaria de uma resposta simples. Meu receio

de que Bellanne andasse por aí, sozinha nas ruas de *Copenhague*, só não era maior do que o meu receio de vê-la enfrentar o Axel. — Ficaria grato se pudesse fazer isso por mim. Assim como já fiz algo por você.

O elevador voltou a subir, agora com sua lotação.

— Claro, Erik. — A graça acabou ali. — Será uma honra receber a senhorita...

— Fraise. Bellanne Fraise. — Saí do elevador, quando finalmente chegamos ao andar do CTI. — Fico grato, Aren, e por favor, isso que pedi é um segredo. A minha noiva não entenderia esse meu cuidado.

Nos despedimos rapidamente, assim que vi a Soraia vir na minha direção, e foi quando percebi que ela olhava além de mim. Olhei para trás e do elevador onde eu estava saía o Axel. Ele tinha as mãos nos bolsos e um sorriso cínico nos lábios.

Soraia falou comigo e abraçou o esposo, mas eu nem lhe respondi. Meus olhos estavam fixos nele, e nesse exato instante eu soube que o Axel havia escutado toda a minha conversa com Aren Orkney.

Tive apenas três segundos para tentar avaliar o quanto isso seria ruim para mim. A constatação foi quase imediata.

— Cobrando favores, Erik Lars?

Seu sorriso alargou-se e eu me senti sendo tragado pela terra. Sem dúvida ele usaria isso contra mim.

— Soraia, e o Mateo? — Decidi ignorá-lo, para o nosso próprio bem.

— Começou a reagir, Erik. Agora mesmo, o médico veio me dizer que ele mexeu os dedos e murmurou, mas ainda não está consciente.

Respirei aliviado. Sabia que iniciariamos mais outra batalha contra o alcance dos danos causados, além de mais uma infinidade de terapias, mas o importante é o Teo estar vivo.

— E eu posso vê-lo? — Eu sentia o olhar do Axel sobre mim e sabia que estava louco para me jogar mais ironias. Eu não estava disposto a dar-lhe chance.

— Infelizmente não, Erik. Estão cuidando de sua higiene e medicamentos.

Ela fez um carinho no rosto do esposo e admirei o fato de que, mesmo ele sendo como era, Soraia o queria bem. A verdade é que, se fechássemos os olhos para as suas sandices e ignorássemos a nossa vontade própria, veríamos no Axel um marido e pai excepcionais.

Ao que parece, fechar os olhos é justamente o que faz a Soraia e, certamente, o que a Diana fez.

— Tudo bem. Vou tomar um café e volto depois.

Nem sequer olhei para o Axel e achei melhor descer pelas escadas, para evitá-lo.

Acabava de sentar à mesa do café quando ele cruzou a porta, fez um sinal para o garçom e, arrogantemente, sentou à minha mesa.

— Levante-se. — O encarei. — Quero ficar sozinho.

Ele sorriu e o garçom aproximou-se, solícito.

— Um café igual ao que ele pediu, por favor.

O rapaz assentiu e Axel recostou-se na cadeira, olhando-me com um ar debochado. Meu pai me irritava, e farto do seu cinismo, olhei ao redor, buscando nas pessoas um pretexto para não gritar com ele.

— O que quer me dizer? Fale de uma vez e saia.

Axel ergueu uma sobrancelha e agradeceu os cafés que acabavam de ser depositados em nossa mesa.

— Gosta da sensação?

— Que sensação?

— De saber que tudo ocorrerá exatamente como você quer que ocorra.

Respirei fundo. Ele estava entendendo errado.

— Você pegou uma conversa pela metade e está concluindo errado. Não quero que ela seja exposta à você e nem quero que corra riscos por aí.

— Está cuidando dela... — Meneei a cabeça, assentindo. — Também cuido de você, Erik.

Travei o maxilar sentindo um gosto amargo na boca.

— Não me compare. Se não fosse por você, eu não precisaria fazer isso que fiz hoje.

— E o que fez no outro dia, inventando documentos do consulado a serem assinados? Erik... — ele inclinou-se sobre a mesa e eu gelei com o que dizia. — Ela sabe que a Marie é sua ex-esposa?!

Meu coração estava martelando em meu peito e o ar entrava com muita dificuldade em meus pulmões. Como ele poderia saber? Que diabo estava acontecendo?!

— Do que está falando, Axel?

— Eu o escutei falando com a Marie, mas na hora não entendi. Então, por acaso, encontrei sua ex-esposa ontem, em restaurante aqui perto. — Axel riu, ainda mais debochado. — Meu filho... Sabe que elas ficaram amiguinhas? Saíram até para almoçar! — Ele levou a mão à boca, fingindo conter o riso. Meu maxilar tremia e eu o travei ainda mais, tentando conter os espasmos. —

O que a Fraise diria disso?

— Eu não vi outro jeito de tirá-la de suas garras, Axel. — Elevei a voz um pouco, mas assim que percebi, tornei a modulá-la. — A culpa é sua! E você não seria louco de meter-se nisso.

Sentia meus olhos arderem, queimarem, na verdade.

— Eu te disse! — Axel deu um tapa na mesa que assustou a mim e aos demais. — Você sabe o que sinto! Eu não manipulo ninguém, eu cuido! E você também! Somos iguais, Erik, por que não admite?!

— Não sou igual a você! Não me sobrou alternativa! — Meu peito doía, eu mal conseguia respirar... o desespero começava a me sufocar. — Bellanne veio para me acompanhar! Veio me dar apoio! Eu não poderia simplesmente dizer-lhe para não ficar comigo! E tudo isso por sua culpa, Axel! Sua culpa!

— Besteira! Seria muito mais fácil mandá-la embora!

Abri os olhos sem acreditar no que escutava, então, foi a minha vez de bater na mesa.

— Eu nunca a mandaria embora! Ela é minha mulher, Axel!

— Até ela descobrir o que você anda fazendo!

Empertiguei, sentindo sua ameaça real.

— Você não faria isso. — Eu queria acreditar em minhas palavras. — Seria muito até para você.

— Deixe-a! Ela não é mulher para você. — Sorrindo, Axel recostou-se na cadeira e cruzou as pernas. — Sabe... Eu até gosto que você se pareça tanto comigo. No fundo, eu sempre soube que pensávamos igual, embora você seja orgulhoso para admitir, mas... Erik, você jamais conseguirá controlar essa mulher. — Eu escutava sem crer, quase enojado. — Olha... Você tem certa razão, a Diana era um pouco como ela, mas sua mãe era mais dócil e conseguimos conviver bem. Mas essa mulher... Ela é mil vezes mais indomável. Nem você, meu filho...

— Cala essa maldita boca, Axel! — Não liguei para as cabeças que viraram na nossa direção. — Eu não quero controlar ninguém! Não sou como você!

Repentinamente, ele voltou a se apoiar na mesa, aproximando-se de mim.

— Não seja tolo! Essa mulher te fascinou e eu o entendo, mas veja você! Criando situações, manipulando pessoas, suggestionando-a e culpando a mim! Até quando acha que conseguirá controlá-la, Erik? — Axel batia a ponta do indicador na mesa, enfatizando suas palavras. — Agora mesmo... Sabe bem que não há riscos em *Copenhague*. O seu problema é que sabe o quanto ela é

volátil! Sabe o quanto é inconstante e indomável!

— Chega! — Levantei, meti a mão no bolso e de lá retirei uns trocados, atirando-os sobre a mesa. — Não me dirija mais a palavra, e assim que o Mateo melhorar, voltarei ao Brasil com ele e iremos interditá-lo, Axel. Você está louco!

Dei as costas, e as palavras ditas com muita suavidade, mas saídas de uma boca venenosa, me deteram:

— Sabe que quando ela tomar conhecimento, estará acabado, não sabe?

Voltei até ele e meti o indicador em seu peito.

— Não se atreva! Acha que cuidar da mulher que amo é a minha pior face? Acha que empurrar o meu pai contra a parede é a minha pior face? Axel... Se fizer alguma coisa contra a Fraise, você conhecerá a minha pior face!

— Eu já a conheço, Erik. — Axel encarava-me friamente.

Meu sangue corria rápido e eu mal conseguia respirar. Dei-lhe as costas, mas antes de sair, ainda o escutei falar em claro e debochado português:

— Ah... Os dinamarqueses amam esse espírito selvagem da senhorita Fraise. Ela deve estar por aí, destruindo corações escandinavos.

Bellanne

— Estas são de 1941, não são perfeitas?

Aproximei-me do vidro, admirando as fotografias do pós-Segunda Guerra e da resistência dinamarquesa ao assassinato dos judeus que aqui viviam.

— Que qualidade! Alguns fotógrafos de hoje se matariam para pegar uma luz assim, porque agora eles preferem mexer no editor de imagens.

Aren, o gerente da galeria — que gentilmente se ofereceu para acompanhar-me, quando soube que eu era brasileira —, riu e me chamou para ver o próximo expositor: um conjunto de fotografias de diversas mulheres nas portas de uma fábrica.

— Vejo que é uma fotógrafa bastante atenta. O que acharia se eu a levasse para fazer umas fotos no lugar mais incrível da região?

Sorri, encantada.

— Não quero atrapalhar, Aren. Me diga onde é, e eu irei.

— De forma alguma irá me atrapalhar, querida. Tenho a tarde livre. Podemos fazer um lanche em um café e passaremos a tarde no *Tivoli*!

Isso me animou! Já havia escutado falar desse parque fabuloso.

— Então, tudo bem. Vou adorar!

Caminhamos pelo imenso salão e atravessamos outra sala. O prédio inteiro tinha uma arquitetura espetacular! Era clássica, elegante, coisa de realeza! E assim, me diverti, vendo a história de *Copenhague* contada através de sua arte, até que, numa área mais moderna, onde havia fotos dos colégios mais tradicionais da cidade, eu identifiquei imediatamente um certo loirinho de olhos claros, em meio à uma turma de alunos desordenada na escadaria da escola.

Sorri ao ver quem eu pensei ser o Erik, todo sujo, segurando uma bola. Estava contra a luz e franzia o cenho exatamente como faz ainda hoje.

Olhei ao redor, buscando o Aren. Ele estava mais além, falando com um rapaz. Quando me olhou, fiz-lhe um sinal discreto e ele veio imediatamente, com seu sorriso largo.

Ele se aproximou e quando me viu apontar para a fotografia, gargalhou.

— Eu sei! Todos me reconhecem aí! Impossível não reconhecer.

Ele ria muito e eu fiquei um tanto confusa. Olhei novamente a foto e então sim, vi o garoto de pernas tortas bem à frente. De fato, era o Aren, claramente.

— Não tinha visto você... Não sabia que estudava na mesma... Aren, lembra se esse garoto chama-se Erik Lars?

Aren olhou novamente a foto e parecia tentar recordar. Instantes depois, levou o dedo à boca, ainda pensando.

— Sim... Se não me engano é o Erik Lars. Como poderia esquecê-lo?!

Ri, sabendo que ele estava coberto de razão.

— Qual o nome do colégio? Ele irá gostar de saber que está representando sua escola em uma galeria como essa.

Antes que pudesse me dizer o nome da escola, alguém o chamou e, após pedir-me licença, sumiu na direção de uma sala que me pareceu ser a administração da galeria.

Segui admirando as belas fotos, procurando o Erik em mais alguma, mas os minutos passaram e meu estômago reclamou, então, fui buscar o Aren. Antes de entrar na tal sala, ainda na porta, sem querer o escutei dizer que precisaria desmarcar duas reuniões para me acompanhar ao *Tivoli*. Eu não poderia deixar que fizesse isso.

— Com licença... — Bati na porta aberta e o surpreendi.

— Fraise, *darling*! Eu me atrapalhei aqui, mas já terminei tudo. Vamos?

Fiquei um pouco constrangida pela situação, mas achei por bem ser

sincera.

— Aren, perdoe-me, mas acabei escutando que desmarcou duas reuniões por minha causa e... Bem, não é necessário. Posso ir sozinha ao *Tivoli*, não há problema algum.

Vi o Aren trocar olhares com seu assistente e este último parecia bem aflito.

— Tem certeza, querida, que não há problema? Eu adoraria ir com você, mas...

— Sem problemas. Vou pegar um táxi aqui na porta, desço na porta do *Tivoli* e depois pego um táxi de volta. Que mal pode haver?

— É verdade, querida. — Segurou em minhas mãos, furtivamente. — Não há perigo algum. — Apanhou um cartão sobre a sua mesa e me entregou. — Tome, depois conte-me como foi tudo.

Sorri, agradecida, e fui embora.

Iria comer em um café ali perto e passaria a tarde no *Tivoli*, contudo, ao dirigir-me ao café, notei a placa no alto, presa ao poste, indicando *Christiania*. Olhei ao redor e não vi uma rua, uma entrada sequer. Era apenas uma placa. Então, entrei no café e o atendente orientou-me a passar por um beco entre dois prédios. Achei estranho, mas segui.

De fato, ao atravessar o beco acabei chegando a uma área aberta, onde se via a placa "*Christiania*", e ao seu lado um aviso bem visível: proibido fotografia. Torci a boca para isso.

Quando ou onde iriam proibir Bellanne Fraise de fotografar?

Atravessei o portal e foi como entrar em um universo paralelo. Lixo, construções desordenadas, pessoas muito diferentes dos dinamarqueses que vi pelas ruas de *Copenhague*. Na verdade, me senti entrando em um túnel do tempo, direto para os anos 70!

As pessoas olhavam para mim insistentemente, por isso, guardei a câmera na bolsa. Atrás da placa de boas-vindas estava escrito "Agora você está entrando na União Europeia" e eu achei aquilo bastante esclarecedor.

Logo encontrei uma barraquinha, e como estava com fome, tratei de comer uma variação de *hot-dog* — algo bem mais básico do que estou acostumada.

Lá, conheci o Joanes, um vendedor de pipocas simpático que me contou absolutamente tudo sobre *Christiania*, inclusive onde comprar maconha sem

o menor problema. Declinei, mas dei corda para mais conversa, até que ele me liberou para fazer algumas fotos, sob sua proteção.

Erik

Colei a mão e o rosto no vidro, e minha respiração começou a embaçá-lo. Não conseguia vê-lo, porque havia cerca de cinco médicos ao seu redor, mas pude notar os rostos animados da equipe. Ao que tudo indicava, Mateo estava acordando.

Meu coração martelava e eu tinha a boca seca. Ao meu lado, Axel enxugava lágrimas, mas eu estava decidido a ignorá-lo completamente.

Um dos médicos aproximou-se e estava sorrindo. Eu o interpelei assim que abriu a porta do CTI.

— Ele acordou?!

— Sim, ele acordou!

A felicidade me invadiu e saltou por todos os cantos.

— E ele está bem? Está falando? Posso falar...

— Calma, senhores... — Eu sequer havia percebido que o Axel também fazia mil perguntas. — Ele não poderá receber nenhum de vocês agora. Estamos fazendo os exames, mas saibam que ele está lúcido, com algumas dores, mas nada sério. Está falando pouco e com dificuldade, por causa da sedação e do tubo do respirador, que por causa do tempo que usou, acabou machucando-o um pouco. De resto, tudo parece estar bem.

Eu sorria de um canto a outro da boca e, apesar de querer muito festejar e abraçar alguém, ao olhar para o Axel essa vontade passou. Saí imediatamente para a recepção do CTI.

Abri a porta de ligação com a recepção querendo gritar ao mundo que Mateo estava vivo e bem. Queria contar aos enfermeiros, aos visitantes... Queria abrir a janela e avisar ao mundo que ele estava acordado, mas a única pessoa que vi foi a Hedda.

Acho que ela me leu com clareza, porque veio em minha direção com os braços abertos. Nos abraçamos longamente!

— Ele está vivo, Hedda! Está acordado!

— Graças a Deus, Kivo! E quando poderemos vê-lo?

Desfiz o abraço e me afastei.

— Talvez à tarde.

— Ótimo! Vamos comemorar com um almoço e voltamos à tarde, o que

acha?

Achei uma ideia fantástica, mas meus planos não incluíam o Axel.

— Acho ótimo, Hedda, mas não vai dar. Não quero comemorar com o Axel.

Ela abaixou o olhar e depois o direcionou para a porta do CTI.

— Bem... Ele ainda está lá dentro. Se sairmos agora...

Ponderei, e meti a mão no bolso, buscando o celular.

— Vou ligar para a Fraise e podemos ir todos juntos, o que acha?

— Por mim, tudo bem. — disse Hedda.

Liguei para a Fraise e aguardei que atendesse, contudo, foi direto para a caixa de mensagens. Certamente, algum lugar da galeria não permitia o sinal.

— Ela não atende... Foi até a *Metropolitan*, mas a esta hora, já deve ter terminado a visita.

— Por que não vamos logo? Você pode tentar falar com ela no caminho, pedindo que nos encontre no restaurante.

Hedda olhava insistentemente para a porta do CTI e eu sabia que ela temia a chegada do seu tio, o que atrapalharia nossa comemoração.

— Está bem, vamos de uma vez.

10º Capítulo



CAPÍTULO 10

Bellanne

A música *Indie* soava no toca-fitas. Isso mesmo...toca-fitas! A fumaça de maconha pairava no ar e uma roda de pessoas excêntricas conversavam e riam, enquanto compartilhavam uma garrafa plástica com uma bebida suspeita.

Todos foram extremamente gentis comigo, apesar das caras enfezadas com que me receberam à princípio. Eu me afastei um pouco e fui exercer o direito recém adquirido.

Tirei fotos da comunidade, das pichações e grafites. Fiz fotos incríveis das pessoas de *Christiania* e encontrei a figura mais incrível de toda *Copenhague*: um Viking! Um loiro de 1.90m, forte como um touro, rústico e muito gato. O achei tão inusitado, que o cliquei em todas as poses e ângulos possíveis, sob diversos tipos luzes e ele, todo paciente, foi meu modelo por mais de duas horas. Além de simpático, era a figura viva e moderna de um guerreiro nórdico e já o imaginei na capa do meu novo portfólio digital.

Estava sendo uma tarde incrível e pensei em ligar para o Erik, saber do Mateo, mas meu celular havia descarregado e comprar algo tecnológico em *Christiania* era impossível. Assim, achei melhor aproveitar a oportunidade e logo que saísse do distrito, buscaria um carregador ou até mesmo um celular novo.

Erik

Enquanto Hedda fazia seu pedido, eu tentava ligar para a Fraise pela sexta vez, mas seguia caindo na caixa de mensagens. Então, liguei para o Aren, mas o seu celular também caiu na caixa de mensagens e eu fiquei realmente preocupado.

— Calma, Erik. Ela deve estar encantada com a galeria, distraindo-se um pouco.

Sorri para a Hedda, apreciando a sua tentativa de me acalmar.

— Sim, é verdade. É só que... Eu fico preocupado com ela sozinha por aí.

— Ah, Erik, por favor! A Bellanne é adulta, comunica-se bem demais em inglês... O que poderia acontecer?

Não lhe respondi. Tinha o olhar perdido na rua à nossa frente e a mente em Bellanne com o Aren, repetindo a mim mesmo que o Aren tinha juízo.

— É, você está certa.

— Por que não fazemos um brinde?! — E pousou sua mão sobre a minha, segurando-a. — Lembra daquele brinde que fizemos com a champanhe dentro dos jarros de flores?

Rimos, lembrando do casamento de um primo distante, quando ficamos muito bêbados e tiramos as tulipas das jarras para enchê-las de champanhe.

— A noiva nos amaldiçoou, Hedda. — E retirei minha mão de sob a dela. — Aquilo foi realmente feio.

Ela ainda ria quando debruçou sobre a mesa e chegou seu rosto bem perto do meu.

— Espera, tem um cílio solto. — Fiquei imóvel, tanto pela surpresa da sua aproximação, quanto para que o cílio fosse retirado, e quando o fez, Hedda retornou ao seu lugar, claramente constrangida. — Desculpe, Erik.

Também fiquei constrangido.

— Tudo bem, Hedda. É só que... — Ela ergueu os olhos para mim, ansiosa. — Hedda, sequer conversamos sobre o que aconteceu na minha última vez aqui em *Copenhague*. Eu queria pedir desculpas.

— Não tem que pedir desculpas. Somos adultos.

— Sim, mas sinto que ficou uma conversa inacabada, e... bem, eu e a Bellanne...

— Tudo bem, Erik. Eu já deveria ter me acostumado. A nossa relação... — Ela estava completamente vermelha, envergonhada. — Vamos esquecer isso, por favor.

Assenti, satisfeito por não precisarmos ter aquela conversa. E a partir dali, nos concentramos em comer e falar sobre a recuperação do Mateo, ao menos até o momento em que a Hedda levantou-se para ir ao toalete e eu aproveitei para tentar achar a Fraise.

Liguei novamente para ela e para o Aren, mas como antes, ambos telefones estavam na caixa de mensagens e eu já começava a me questionar se havia sido uma boa ideia deixá-la com o Aren. Então, liguei para a galeria.

— Por favor, o senhor Orkney?

— Ele está ocupado, senhor. Posso ajudá-lo?

— Sabe dizer se ele está na companhia de uma senhorita chamada Bellanne Fraise?

Fez-se silêncio por alguns instantes e percebi que a pessoa consultava uma terceira.

— Senhor, esta senhorita estava mais cedo, mas agora o Aren está em uma reunião privada. É possível que ela ainda esteja com ele, mas não posso lhe assegurar neste momento. Gostaria de deixar um recado?

Respirei fundo, impaciente e nem um pouco conformado.

— Não, obrigado.

— Nada de Bellanne? — Hedda sentou-se novamente em seu lugar.

— Não... Talvez eu passe na galeria na volta para o hospital.

— Erik... — O tom de Hedda era reprovador. — É mesmo prudente? Não acha que está exagerando? A Bellanne pode aborrecer-se. Ela parece ser tão independente, livre. Talvez não seja uma boa ideia você ir até lá.

Com as mãos unidas, pousadas sobre a minha boca, eu olhava a Hedda. Ela tinha razão, a Fraise iria odiar que eu fosse atrás dela.

— É só que... Sei lá, ela estava com o Aren Orkney, lembra? Ele agora é gerente da *Metropolitan* e...

Hedda começou a rir, mas logo se recompôs.

— Desculpe, Erik... Eu não deveria rir de coisas assim. — Não entendi bem o que ela quis dizer, e pareceu perceber a minha confusão. — Você está com ciúme do Aren?!

Revirei os olhos, sentindo-me ridículo.

— Não é bem ciúme... é que...

— É ciúme sim. — Hedda franziu o cenho, quase com pena de mim. — Erik, tudo bem que sinta ciúmes de outros homens. A Bellanne, além de bonita, tem aquele jeito sexy, insinuante e isso realmente atrai o interesse. Ainda mais aqui, que os homens são mais reservados, a personalidade selvagem, indomável da senhorita Fraise chama a atenção. Mas do Aren?!

Eu escutava e refletia nas palavras da Hedda. Eram mais gentis que as palavras do Axel, mas bastante semelhantes na semântica. Será que realmente achava isso ou era influência do meu pai? E a Bellanne, seria possível que estivesse despertando a atenção por aí ou era o ciúme da Hedda falando mais alto? Ou eu é que deveria estar ao lado dela, e não tê-la mandado ao *Metropolitan* sozinha?

Tentei abafar todas as dúvidas dentro de mim e acalmar a angústia que havia em meu peito.

Saímos do restaurante direto para o hospital e o Mateo ainda estava em exames, mas no final da tarde nos deixaram vê-lo e foi algo tão bom, que conseguiu tirar um pouco da tensão de sobre mim.

Mateo já havia sido transferido para um apartamento. Esperei o Axel sair do quarto e passei por ele sem falar, quando entrei para ver o Teo.

A felicidade se fez em mim quando o vi de olhos abertos. Não havia mais aparelhos, apenas o acesso venoso; ele estava ainda muito abatido, machucado e magro, mas esboçou um sorriso que me fez lacrimejar.

— Teo... — murmurei, sem conseguir falar. Ele também fez um gesto, dizendo que não podia falar muito. Eu sabia que o tubo do respirador machucava um pouco, então, não insisti.

Sentei ao seu lado e segurei sua mão.

— Meu irmão... Que coisa boa te ver assim, vivo, feliz! — ele assentiu, piscando lentamente. — Estive aqui o tempo inteiro com você, e a Fraise também está aqui em *Copenhague*, mas... Bem, ela e o Axel não se deram muito bem.

Ele me olhou pesaroso.

— Kivo... — Sua voz saiu rouca, falha, e de nada adiantou eu gesticular para que se calasse. — Mariana... ela sabe?

Assenti e avaliei se seria aquela uma boa hora para lhe dar a melhor notícia de todas.

— Teo... A Mariana está muito preocupada. — O vi engolir com

dificuldade e seus olhos encherem de lágrimas. — Você gosta muito dela, não é?

Mateo assentiu devagar, mas seguro.

— Eu amo... Sinto sua falta.

Meu coração encheu-se de alegria. Meu irmão iria construir uma família com base no amor e isso era o início da felicidade.

— Teo... Ela não está aqui por um motivo muito forte... — Ele fitava-me atento, visivelmente ansioso. — Teo, a Mari está grávida.

Ele abriu os olhos e imediatamente começou a chorar e eu me arrependi de ter lhe contado.

— Teo, quer... quer que chame alguém?

Ele acenou, dizendo que não.

— Água...

Peguei o copo sobre a mesa, enchi com água da garrafa descartável e lhe entreguei. Ele sorveu um gole mínimo e fechou os olhos ao engolir.

— Pai? — balbuciou quase inaudível. — Serei pai?

Sorri, imaginando sua emoção e sentindo a minha própria comoção quase embargando-me a voz.

— Sim, cara... E eu serei tio, mas... — Olhei para trás, verificando se estávamos realmente a sós, enquanto enxugava a lágrima que me corria pelo rosto. — Sejam discretos, está bem? Trate de se recuperar o quanto antes e voltaremos para que cuide dela e do... — Ele sorria agora. Um sorriso pálido, mas lindo. — do seu filho.

Então, contei-lhe que Bellanne poupou a Mari da notícia de primeira, contei como viemos correndo para cá e tudo mais que não envolvesse as brigas entre o Axel, a Fraise e eu.

Saí do hospital mais leve, mas ainda preocupado com a Bell. Novamente tentei falar com a Fraise, e nada. Liguei para o Aren e, desta vez, não caiu na caixa, mas ele também não atendeu.

Muito puto, liguei para o hotel, de onde me informaram que ela havia acabado de entrar no elevador. Corri e entrei no primeiro táxi. Ela teria que me explicar onde estava e o que fizera o dia inteiro sem dar notícias.

Bellanne

Abri a porta da suíte e fui direto ao armário pegar o meu carregador. Conectei o celular e fui para o banheiro. Enquanto enchia a banheira, abri a

câmera e fiquei admirando as fotos, completamente extasiada com o meu feito. Ainda hoje iria fazer uma busca sobre registros fotográficos profissionais de *Christiania*. Se nenhum fotógrafo mais tivesse conseguido, seria muito bom!

Quando levantei para fechar a torneira da banheira, escutei a porta abrir.

— Erik? — Corri para a sala e dei de cara com ele. Logo vi que não estava nada bem. — O que foi? O Mateo está bem?

O vi tremer a pálpebra ao me encarar com as mãos no quadril.

— Está bem sim, inclusive liguei umas trezentas vezes para te chamar para comemorar o fato dele ter acordado. Onde você estava, Fraise?

Me senti sendo questionada pelo meu pai, e embora não gostasse do seu tom, eu podia entendê-lo.

— Desculpe, Kivo... Fiquei sem celular. Acabou a bateria e...

— Por que não ligou da galeria? Por que não deu um sinal de vida, Bellanne? Tem ideia do quanto fiquei preocupado? Com quem você estava?

Ergui uma sobrancelha, sem acreditar que estava tão puto por algo tão bobo. Ele caminhou para o quarto, passando por mim como uma flecha.

— Estava sozinha.

— Sozinha?! — Virou repentinamente e aproximou-se de mim, novamente com as mãos no quadril, olhando-me do alto dos seus 1.87m. — Sozinha mesmo?

— Ei! Por que duvida? Eu fui para a galeria, como havia dito. Lá, conheci o gerente que, por sinal, estudou com você. Conhece o Aren Orkney?

— Não desconverse, Fraise. Fiquei preocupado com você. *Copenhague* parece ser muito calma, pacífica, mas já estive sob ameaça de terrorismo, sabia?

Olhei incrédula para o Erik.

— Erik... Sou adulta. Eu saí da galeria e fui tirar umas fotos que, por sinal, ficaram fantásticas! — Ele abaixou o olhar, mas ainda tinha o maxilar travado. Me aproximei. — Ei... Eu estou bem, o Mateo também... Por que não paramos com isso e vamos jantar fora? Vamos comemorar.

Colei-me a ele e enlacei seu pescoço. Seus olhos desviavam dos meus, mas eu insistia, encarando-o, até que me fitou.

— Está tudo bem, Kivo... fiz fotos incríveis, o Mateo acordou... Só temos coisas boas para celebrar. E aí, o que me diz?

Ele conteve o sorriso, mas só seu prenúncio já me deixou feliz. Então, me encarando, deu-me um selinho rápido nos lábios, me fazendo sorrir.

— Nunca mais faça isso, Fraise. Nunca mais me deixe sem notícias, sem saber onde você está.

Assenti, achando um exagero, mas evitando colaborar para transformar aquilo em algo grande demais.

— Vou tomar um banho, certo? Quer vir?

Ele olhou na direção do banheiro, mas negou.

— Melhor não. Estou faminto e se eu entrar aí com você, não sairemos tão cedo.

Sorri largamente e tornei a beijar seus lábios.

— Volto já!

Erik

Quando a vi entrar no banheiro, toda alegre, pensei no Axel e em tudo o que havia me dito. Eu precisaria encontrar o momento e o jeito certos de conversar com a Bellanne, de contar tudo a ela, antes que ele contasse e destruísse minha vida.

Aproveitaria o jantar e conversaríamos.

Dito pela boca do Axel, tudo parece muito feio, mas estou certo de que me entenderá, quando lhe explicar meus motivos.

Larguei-me sobre a poltrona, cansado, e vi sua máquina fotográfica sobre a cama. Apanhei-a e liguei-a. Queria ver que fotos havia feito, por onde havia andando.

Assim que a máquina carregou e a primeira foto abriu, reconheci o lugar.

Ela esteve em Christiania?! Depois de eu avisar, alertar... ainda assim, ela foi à Christiania?!

Meu sangue começou a ferver lentamente. Eu sabia o que era *Christiania*! Sabia das drogas, dos caras mal-encarados, da polícia invadindo... Não era lugar para ela, mas Bellanne era impossível, indomável! E quanto mais eu passava as fotos, mais puto da vida eu ficava, até que a foto de um cara se repetiu tantas vezes, que cansei de passá-las.

Quem era ele? Por que tantas fotos? Ela passou a tarde com ele? Onde o conheceu?

A porta do banheiro abriu e ela saiu metida em um roupão, com os cabelos enrolados em uma toalha. Eu apenas ergui o olhar para ela. Eu estava muito irritado e teríamos sim que conversar.

— Quem é esse cara, Bellanne? — Mostrei o visor da câmera para ela.

Ela sorriu. *Ela simplesmente sorriu!*

— É um Viking! — Disse cinicamente e aquilo soou como uma pequena bomba a estourar em meus ouvidos. Eu a olhava incrédulo, quero muito ter escutado errado. Ela tornou a rir e tive vontade de mandá-la calar. — Não é a cara de um viking? Ele é incrível!

Bellanne caminhou pelo quarto como se tivesse comentado a cor das cortinas.

— Bellanne, que porra é essa de Viking?! — Fui atrás dela e novamente mostrei-lhe o visor, porque tive a impressão de que não falávamos da mesma coisa. — Quem é esse cara? O que você fez a tarde toda com ele?!

Ela olhou novamente o visor e tomou a câmera da minha mão, mas dessa vez não riu.

— Foi um cara que eu conheci lá em *Christiania*, Erik. Achei a figura dele interessante, pitoresca...

Eu já nem me importava com a porra da *Christiania*.

— Viking, Bellanne?! O quão interessante ele foi para você? Trocaram telefones, bateram um papo?

Ela me olhava atônita, como se não tivesse feito nada demais.

— Erik, pra que isso?

Soltei o ar com força e passei as mãos pelos cabelos, quando dei meia volta e me afastei para não pegá-la pelo braço e obrigá-la a me contar que porra fez com aquele merda a tarde inteira.

— Pra quê?! — Meu sangue corria rápido demais e eu voltei à ela, porque algo em mim estava excessivamente raivoso. — Minha mulher some o dia inteiro e me aparece com a foto de um "viking"! Uma não... milhares de fotos de um cara que ela decidiu apelidar da mesma forma com que me chama: "Viking"! É isso que é um viking para você? Olha esse cara! Um bruto, grotesco, rústico! Essa é a ideia que você faz de um viking? É assim que me vê? E ainda me pergunta "para que isso"?! Que porra você tem na cabeça, Fraise?! Devo achar isso normal?

Ela tinha os olhos arregalados agora, assustada, e eu achei que deveria mesmo ficar assustada, porque eu estava me segurando o máximo que podia.

— Não fizemos nada, Erik. Eu apenas tirei fotos dele.

Ela me deu as costas e isso me enfureceu ainda mais. Tive vontade de pegá-la pelo braço, fazer com que voltasse e me explicasse direito tudo o que aconteceu. No entanto, não fiz nada disso. Respirei fundo, avaliando que agora, o melhor a fazer era tomar um banho, e frio, para esfriar meu ânimo.

Tirei a camisa e a atirei sobre a cama, mas antes de fechar a porta do banheiro, vi Bellanne pegar o celular e ligá-lo, antes de arrancar a toalha da cabeça, atirando-a sobre a cadeira, e seguir para o armário.

Respirei fundo, tentando me acalmar. Repetia para mim mesmo: foram apenas fotos, apenas fotos... Mas quanto mais tentava me acalmar, mais imagens de Bellanne e o sujeito vinham à minha mente, especulando o que mais teriam feito, além das fotos. Será que ele tinha dado em cima dela?

Fechei a porta do banheiro, mas fiquei ali por um tempo, com a mão apoiada na parede, respirando fundo, tentando esvaziar a mente, então... a pior coisa que poderia acontecer, aconteceu.

O celular da Bellanne começou a apitar freneticamente, com a chegada das mensagens acumuladas pela falta de bateria.

Ergui a cabeça com uma luz vermelha piscando em minha mente. Meu coração disparou e me senti sufocar quando chegaram-me à consciência as ameaças do Axel.

— Que coisa estranha... — Escutei-a falar através da porta fechada do banheiro. — Mensagens de um número desconhecido?!

O pânico se acercou e eu sabia que precisava tomar aquele celular de suas mãos antes que o desastre acontecesse, mas quando abri a porta, era tarde demais.

11º Capítulo



CAPÍTULO 11

Bellanne

Todo o ciúme, as acusações e as sandices que o Erik vinha me dizendo, simplesmente desapareceram. Nada mais tinha importância. Na tela haviam mensagens claras, vindas de um número anônimo.

"Você tem certeza de que conhece o Erik Lars?"

"Você verificou se existia algo dentro do envelope do consulado?"

"Você sabia que a ex-esposa do Erik se chama Marie?"

"Você acreditou que o gerente do Metropolitan Gallery ficaria disponível a você em troca de nada?"

"O Axel não é único Lars com poder suficiente para ter sua vontade acatada. Erik é o seu legítimo herdeiro, e não refiro-me aos bens materiais".

Ao longe eu escutava a voz do Erik pedindo o celular, mas a minha atenção estava nas duas fotos que acabavam de carregar... Em ambas, Erik e Hedda estavam no que parecia ser um restaurante, sorrindo, de mãos dadas e,

em uma delas, Hedda parecia estar em vias de beijá-lo.

Minhas pernas tremeram e encostei na parede em busca de apoio. Meus olhos saíram das fotos e foram parar na camisa do Erik, sobre a cama... Era a mesma camisa da foto. Olhei para o seu rosto e ele estava pálido.

— O que tem aí, Bellanne? — Sua voz dura me abalou, mas não consegui responder.

Tudo ficou nublado, porque meus olhos encheram-se de lágrimas instantaneamente. Meu peito começou a doer e o estômago vazio embrulhou. Eu precisava de tempo para processar o que parecia ser irreal.

Afastei-me, mas ele veio atrás de mim. Eu estava tonta, desorientada, enjoada, e ele seguia me cercando, enchendo os meus ouvidos com coisas que me pareciam desconexas.

— Para! — gritei, virando-me para ele. — Para, Erik!

Ele tinha os olhos injetados, assustados, mas olhava-me com dureza.

— Bellanne, o que tem aí? O que mandaram para você?

Minha mente parecia um novelo de lã e eu comecei a respirar rápido, tentando encher os pulmões, que pareciam ter encolhido. Eu buscava as palavras, mas elas não saíam da forma como eu queria.

— Erik... Onde estão os documentos do consulado? — Fitei-o diretamente. Ele travou o maxilar, mas seus olhos tornaram-se inquietos, vacilantes, e então, entendi que não havia documento algum. — A Marie... Ela...

Erik fechou os olhos e foi como se tudo ao meu redor desabasse, porque naquele instante, eu entendi que tudo que havia na mensagem, era verdade. Todas as insinuações eram reais.

As minhas lágrimas dobraram e o pânico fechou minha garganta. Eu mal conseguia respirar.

— Deixa-me explicar, Bellanne... Não é como parece...

— O Aren também?! — Gritei indignada. — E isso? — Estendi o celular para ele. — Você e a Hedda...

Ele tomou o celular das minhas mãos e seus olhos arregalaram, como se estivesse vendo algo absurdo.

— Isso não... Deus do céu! — Passou a mão pelos cabelos, nervoso. — Não é verdade... Nós não... É apenas o ângulo, Bellanne, você sabe disso! Foi só um almoço! Eu te liguei um milhão de vezes!

Caminhei para longe dele. Quem era o Erik?! O que era aquilo tudo?!

Sentei na cadeira e abaixei os olhos. Meus neurônios corriam, desarvorados, buscando conexões, forçando meu cognitivo, procurando

alguma forma daquilo tudo fazer sentido.

Erik parou na minha frente, mas logo recomeçou a andar de um lado para o outro.

— Bellanne, precisa escutar. O Mateo melhorou e eu queria comemorar com você. A Hedda me chamou para almoçar e eu não parei de tentar te encontrar. Essas fotos... Não são o que parecem! — Ele falava rápido, deixando-me ainda mais tonta. — Foi o Axel, não foi? Ele me ameaçou e isso aí... Merda! Ele está distorcendo tudo em nome dessa ameaça. As coisas não são assim! — Eu ergui os olhos para ele, mas não o enxerguei. O que vi foi a Marie falando que “havia costumes que os anos não mudavam”. Vi os panfletos de turismo sobre a mesa e o Erik instigando-me a passear, quando seu irmão estava morrendo no hospital. Vi a foto da escola com o Aren e o Erik. Vi o Aren, mesmo sem me conhecer, gentilmente oferecendo-se para me ciceronear. Vi nós dois no barco, tomando café, e o Erik falando-me da beleza do *Metropolitan Gallery*.

Quanto mais eu lembrava dessas coisas, mais meu coração disparava e a dor me corroía, porque ele não foi honesto comigo. Erik me cercou e me conduziu como se eu não tivesse capacidade de raciocinar, de me defender, de tomar minhas decisões. Ele mentiu, enganou, me expôs a situações ridículas!

— Você armou tudo. — murmurei com raiva e ele balançou a cabeça, negando. — Tentou me convencer a passear, quando seu irmão ainda estava mal; me enviou ao consulado à toa. — Minha voz ia se elevando junto com a minha raiva, e eu nem me dei ao trabalho de contê-las. — Você me expôs ao convívio de alguém que tenho até medo de perguntar o que é sua; me induziu a passar o dia na galeria e ainda obrigou o Aren a me entreter! Você me manipulou!

— Eu não te manipulei! — Sua voz grave soou pela acústica do quarto. — Eu cuidei de você! Eu não podia... Eu não podia deixar o Axel te ofender, te machucar! — Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas mantinha sua altivez intacta, numa perigosa mistura de raiva, orgulho e desespero, tal qual o seu pai. — Não podia deixá-la ir àquele hospital, ficar à mercê dele! Mas que droga! É tão difícil de entender?!

— Por que não falou comigo?! — Gritávamos um com o outro como jamais havíamos feito. A dor me dilacerava como garras, rasgando minhas entranhas e aos poucos ia mesclando-se com o amargo sabor da ira.

Erik pousou as mãos no quadril e voltou a andar como uma fera

enjaulada, impaciente.

Eu queria que ele explicasse, mas cada vez que me olhava, eu revia suas induções, suas mentiras, tratando-me como se eu não fosse capaz de me defender, de me cuidar, de pensar! O imaginava articulando, tal qual o Axel.

— Você não me ouviria! Como não está ouvindo agora! Você iria insistir para ficar comigo!

— Eu vim para isso, merda! — Gritei ao levantar-me num arroubo.

Erik parou e me olhou diretamente, duro como uma rocha.

— Você não veio para ser humilhada, Bellanne. Não veio para ser exposta, como o Axel estava te expondo.

Soltei o ar, exasperada.

— E tudo a que você me expôs? A Marie, por exemplo... O que ela é sua, Erik? — Ele não respondeu e sequer me olhou, mas insisti. Meu coração doía, mas eu precisava confirmar minhas suspeitas. — Não mente, Erik! Ela é o quê sua?

Ele foi até a janela fechada e apoiou a mão ali.

— Minha ex-esposa. — A dor foi tanta, que fechei os olhos e cruzei os braços sobre o peito, apertados, sentindo a boca do estômago arder. — Não temos mais nada, Bellanne, há anos. Ela apenas me fez o favor de...

— De me enrolar? — Odiei a minha voz ter saído tão débil — É isso? Ela e o Aren fizeram o favor de me enrolar por você?

Ele virou o rosto para mim, por sobre o ombro, mas não me encarou.

— Não é assim... Você está distorcendo tudo. — Sua fúria parecia contida, mas estava ali, bem na superfície. — Mas que droga, Bellanne! Faça um esforço para entender a minha posição! — Explodiu, virando-se para mim e mergulhando as mãos nos cabelos, quase os arrancando.

— Não consigo, Erik! Tudo o que você diz odiar em seu pai... Está replicando comigo!

Ele me olhou de um jeito que fez a minha espinha arrepiar. Em dois passos estava à minha frente e eu, instintivamente, fechei o roupão e lutei para não me encolher.

— Eu estava te protegendo, Bellanne Fraise! — Erik vociferava e a vibração da sua voz me estremecia. — Aquele desgraçado estava lá, te ameaçando! O que esperava que eu fizesse, droga?! Que o expulsasse do leito do filho?! Que o espancasse?! Que o matasse?!

Reuni todas as forças para que minha voz saísse firme, segura, enfim.

— Que fosse honesto comigo!

Erik me fitou sério, perscrutando meu rosto.

— Você sabe que não me atenderia. A sua petulância, a sua audácia não me deixariam defendê-la. — Apesar de falar baixo, seu tom e suas palavras eram afiados.

Dei um passo para a frente e ergui a cabeça para olhá-lo diretamente.

— Não preciso mesmo que me defenda. Não tenho medo do Axel. Consigo defender-me dele... Eu não sei é como me defender de *você*.

Eu soube que fui cruel o suficiente quando vi suas pupilas tremerem e seus olhos umedecerem. Então, saí da sua frente. Precisava arrumar as minhas coisas, porque não ficaria ali nem mais um minuto!

Abri o armário, e quando joguei a mala sobre a cama, ele segurou meu braço e me puxou como se eu fosse uma mera boneca.

— Você precisa entender! Não vai me deixar sem me escutar!

— Não me toque! — Sacodi o braço, enfurecida, livrando-me de suas mãos, porque mesmo naquele momento em que eu o odiava, seu toque era íntimo demais da minha pele. — Você me expôs a estar com sua ex-esposa sem que ao menos eu soubesse que era! Você estava com a Hedda! Depois de tudo o que falamos ontem, você esteve com ela!

— Eu liguei para você muitas vezes, Bellanne! — Seu rosto estava a centímetros do meu, sua voz grave ecoou pelo quarto e seu hálito bateu em meu rosto e me fez vacilar. — E você estava onde?! Com a porra do Viking!!!

— Estava mesmo! — Ergui o queixo, corajosa demais até mesmo para os meus padrões. Eu estava apenas de roupão, cabelos molhados e desordenados, cerca de vinte centímetros a menos que aquele homem altivo e absolutamente furioso, mas o enfrentei. — Você não estava com a Hedda? Não comemorava com ela? Pois bem! Eu estava com o Viking, sim! — Gritei contra seu rosto petrificado de raiva. — Estava fora do seu controle, solta na vida! — Eu gesticulava, descontrolada e adorando ver que conseguia machucá-lo e enfurecê-lo ainda mais. — Estava livre das suas garras!

Seus olhos azuis, intensos, dançavam entre as minhas pupilas, e as articulações do maxilar bem talhado tremulavam de raiva, mas quando seu olhar desceu para o meu colo e eu me dei conta de que o roupão estava semiaberto, expondo parte dos meus seios, todas as informações à minha frente arrebataram-me de uma vez: seu peito nu, seu cheiro, a violência que corria em suas veias, seu olhar feroz... e meu corpo inteiro latejando de tesão.

— Porra, Fraise!

Arrebatadoramente, Erik segurou minha cabeça com as duas mãos e

colou a boca na minha com força. Eu não tive ação, fui tragada pelo tesão que me ergueu até o céu, e quando desci de uma só vez, agarrei seus cabelos na altura da nuca com as duas mãos, puxando-o ainda mais para mim.

A necessidade gritou, desesperada, sufocada. Eu precisava me encher dele, precisava abafar a dor, e todo o desejo que me assaltava parecia me anestesiá-lo.

Erik arrancou o cinto do meu roupão e suas mãos me tocaram possessivas, nada gentis, apertando-me, machucando. Apoiei-me em seus ombros e o envolvi com minhas pernas, quando ele encheu as mãos com a minha bunda e ergueu-me.

Erik comia minha boca com voracidade e o gosto de sangue nos avisou que alguém ali havia se machucado, muito provavelmente os dois.

Eu estava alucinada. Precisava de suas mãos, de sua boca, do seu pau dentro de mim, urgente, desesperadamente. A fome me consumia, envenenava, e quanto mais eu apertava sua carne, puxava-lhe os cabelos, mordida seus lábios e esfregava-me nele, menos saciada eu estava. E a certeza de que ele estava mergulhado nessa mesma agonia ficou evidente quando o vi se atrapalhar e xingar, ao abrir a calça logo abaixo de mim, enquanto amassava sua boca na minha.

O apoio mais próximo foi a parede entre as duas janelas imensas, e foi ali que minhas costas bateram com força, quando ele nos levou. E nem assim deixei de morder-lhe o queixo, ao tempo em que puxava seus cabelos.

Erik apoiou uma mão na parede, e com a outra guiou o pau para a minha entrada, pressionando-me contra a parede fria.

Não falávamos e foi melhor assim. Não queria ouvir sua voz, não queria olhar em seus olhos e nem desejava seus carinhos.

Eu precisava era gozar.

Não queria palavras doces. Queria simplesmente que ele me fodesse e me fizesse gozar, necessitava encher-me de prazer na esperança de que o meu imenso vazio fosse preenchido com algo. E quando ele entrou em mim, de uma única vez, seu gemido alto e rouco disputou com meu grito. Cravei as unhas em seus ombros e ele mordeu minha bochecha.

As ondas de prazer vinham imensas e desapareciam pouco antes da arrebatção, me frustrando. Seu cheiro me invadia, suávamos com os movimentos frenéticos e, sem sentir, escorregamos para o lado e alcançamos a janela.

Em busca de apoio para não cair, Erik sentou na mesa de chá. Apoiei os

joelhos no tampo da mesa e iniciei um ritmo acelerado sobre o pau do Erik, agoniada, afoita, desesperada pelo êxtase que não vinha.

Os cabelos cobriam meu rosto e cerrei os olhos para não ver o rosto do Erik repleto de prazer. Eu não fui capaz de encarar seus olhos, mas absorvi o toque das suas mãos, quando estas tornaram a subir e seguraram minha cabeça, fixando-a para que ele me beijasse ferozmente, mais uma vez. Nossas línguas se misturavam, nossos dentes se chocaram e engoli seu gosto como se fosse uma última dose de vida.

Engoli seus gemidos e ele os meus.

Seu pau invadia-me fundo e eu descia sobre ele sem o menor cuidado, violenta, atormentada. Então, Erik agarrou meus cabelos com força e senti a raiz doer.

— Olha pra mim! — Ele gritou, mas eu apertei ainda mais meus olhos, segurando as lágrimas, negando-lhe meu olhar.

— Me faz gozar... — supliquei porque, pela primeira vez na vida, eu sentia o desespero de chegar quase lá, apenas quase lá, e sentir o gozo simplesmente me escapar. — Cala a boca e me faz gozar, por favor!

Então, ele grudou a boca no meu ouvido e sussurrou:

— Goza pra mim, minha Fraise... Me dá teu gozo.

Eu cavalgava, agarrada aos seus ombros fortes, tentando conter a dor na alma e as lágrimas, e ao mesmo tempo, abrir caminho para a satisfação.

Meu canal ardia, queimava com a violência do nosso ato, mas o ciclone em meu ventre não explodia, então, comecei a chorar.

Chorei de frustração, de mágoa, de tristeza, de ódio, porque por mais que sentisse o prazer cozinando-me em fogo brando, eu não conseguia explodir, não conseguia gozar. E quando, enfim, cansei de tentar reter as lágrimas, Erik gozou violento dentro de mim, me apertando, machucando-me com suas mãos grandes e fortes, mordendo meu ombro. Só então o meu orgasmo veio, tímido, sutil, pequeno e insuficiente, fazendo-me gemer e pulsar, mas também constatar que nada conseguiria preencher o meu vazio, nem o sexo.

As lágrimas molharam minhas bochechas, evidenciando meu fracasso.

Erik me apertou em seus braços e eu soube que ele também chorava. Não como eu, vertendo-me em lágrimas, mas de alguma forma compartilhávamos a mesma agonia.

Ficamos ali por alguns segundos, tristemente constatando que nenhum dos dois conseguira se satisfazer do que tanto ansiava. Que nenhum dos dois conseguira apagar a dor, a raiva, a angústia.

Ainda instável, ele levantou comigo em seu colo e chutou a minha mala de cima da cama, deitando-me com cuidado, na cama agora vazia. Assim que me vi sobre o colchão, desgrudei dele e virei de lado, em posição fetal. Tudo em mim doía e eu daria tudo para ficar ali, quieta, sem mexer, sem respirar, pelo resto da vida.

Erik beijou minha nuca e eu apertei os olhos, contendo o resto de choro.

— Vou tomar um banho, amor.

Escutei a porta fechar, o chuveiro jorrar e minutos depois a porta do banheiro voltar a abrir, mas quando ele se aproximou, eu fingi que dormia.

Senti que me observava, e assim ficou por um tempo, até que se abaixou ao lado da cama e beijou meu rosto.

— Eu amo você, Bellanne.

Parei de respirar, e assim fiquei, até que ele deitou na cama, mas não me tocou. Minutos depois escutei sua respiração pesada ressonar.



Não sabia que hora era aquela e nem quanto tempo fiquei ali, naquela posição, revivendo tudo, absolutamente tudo desde que o conheci. Mas quando vi no céu o primeiro sinal de claridade, levantei silenciosamente e evitei olhar para a cama. Me vesti de maneira simples, me agasalhei, joguei minhas roupas de qualquer jeito na mala e, antes de sair, escrevi uma mensagem e deixei-a sobre o criado-mudo, junto com o anel "Paraíba".

Não olhei para trás, não olhei sequer na sua direção. Se eu o fizesse... Se visse seu rosto perfeito, seus pelos, seu corpo... eu não conseguiria partir.

Minutos depois, já no táxi, com dedos trêmulos e sentindo-me anestesiada, ausente, digitei exatamente a mesma mensagem que deixei no bilhete, e mandei para mim mesma.

"Há coisas que não podem ser resolvidas com sexo e desculpas".

Que era para eu jamais esquecer.

12º Capítulo



CAPÍTULO 12

Bellanne

Cheguei ao aeroporto ainda sentindo-me perdida, sem muita noção de nada. Não sabia para onde ir, se teria algum voo no momento... Eu só queria me afastar, a despeito do meu corpo e meu coração, que de tão dependentes e habituados ao Erik, insistiam em voltar ao hotel.

Paguei o táxi em dólar e se o motorista não gostou, eu sequer percebi. Estava frio, muito frio, e o vento cortava meu rosto com suas garras geladas.

Arrastei minha mala mecanicamente e encostei no primeiro guichê do que parecia ser uma companhia aérea de grande porte.

— Bom dia. Qual o próximo voo?

A mulher me olhou sem entender. Não posso culpá-la, eu também não me entendia.

— Qual o destino, senhora?

— Qualquer um ao ocidente.

Ela ficou me olhando, como se pudesse saber de tudo sobre mim. Desconcertada, abaixei os olhos por trás dos óculos escuros.

Conformada com a falta de respostas, voltou sua atenção ao monitor, em busca de voos.

Cheguei a cogitar pegar o *Eurail*, mas não suportaria ficar horas e mais horas dentro de um trem, e depois mais tantas outras horas em um avião.

Por fim, a moça me informou que havia vaga em um voo para Paris, dali a uma hora e meia, e eu o aceitei.

Caminhei a esmo pelo aeroporto até parar bem próxima ao portão de embarque, o mais longe possível do portão que nos separava do restante do aeroporto. Sabia que o Erik poderia aparecer ali a qualquer momento e eu simplesmente não iria resistir ao olhá-lo e manter meu propósito de partir. E eu precisava partir.

Não estava suportando a profusão de pensamentos torturantes e recorrentes rodando em minha cabeça. Sentia-me traída, subestimada, diminuída. Era como se, de repente, se apresentasse a mim um Erik que jamais imaginei. Na minha frente se projetaram nossos próximos vinte anos e me vi ao lado de um Axel.

A voz e a imagem da Marie ficavam se repetindo... Cada frase por ela dita e que, no momento, pareceram-me irrelevantes, agora ligavam-se como um quebra-cabeças lógico. Eu lhe contei como conheci o Erik e ela era, simplesmente, ex-esposa dele!

Sentia-me tão ridícula, tão pequena... O homem a quem eu havia me entregado sem reservas, simplesmente manejara a minha vida como se eu fosse um bonequinho, uma peça de xadrez, e eu já não sabia se o que mais doía era isso ou o fato de ter sido na companhia da Hedda que o Erik se viu feliz, depois de dias de agonia.

As lágrimas ardiam em meus olhos, mas eu estava conseguindo contê-las. A raiva e o orgulho as continham.

Ainda faltava quase uma hora de espera até que o embarque fosse anunciado e a todo instante meus olhos paravam na entrada do saguão de embarque. Ele não conseguiria entrar, mas nem precisaria. Estava morta de medo de olhar em seus olhos, ainda que de longe, porque sei que iria fraquejar, e se eu cedesse ao Erik, estaria assinando a minha sentença para ser a próxima Diana.

Era o amor por ele disputando espaço em minha alma com o meu amor próprio, e eu já havia escolhido em que lado ficar.

Erik

Abri os olhos e focalizei a poltrona cor de marfim à minha frente. A minha camisa ainda estava ali, jogada de qualquer jeito, e de supetão, tudo voltou à minha mente.

Meu corpo estava dolorido, minha boca seca e o estômago revirado. Tornei a fechar os olhos, sem saber como consertar as coisas com a Bell.

Por mais que minha razão estivesse sólida em minha consciência; por mais que eu soubesse exatamente porque tinha feito o que fiz e não me arrependesse nem um pouco, porque fiz pensando em seu bem, em sua proteção, sabia que ela também tinha sua razão em estar muito puta comigo.

Se houvesse outra forma, eu teria feito. Se ela me ouvisse, se seu gênio não fosse tão independente, tão autossuficiente, eu teria conversado com ela. Teria lhe dito para afastar-se do Axel e sei que ela obedeceria. Mas a Bellanne tinha esse sangue quente, rebelde, transgressor que tanto me apaixonava, quanto me irritava.

Como eu previa, ela sequer havia me escutado, sequer me deixou explicar aquelas malditas fotos.

Suspirei profundamente e abri os olhos. Talvez fosse melhor dar-lhe um tempo. Ou não... Talvez fosse bom levá-la a algum lugar fora de *Copenhague*, agora que o Mateo estava se recuperando, poderíamos dar um tempo de tudo aqui. Quem sabe em um lugar mais neutro, ela pudesse me escutar?

Eu estava de bruços, então, ergui-me sobre os braços e olhei seu lugar vazio na cama.

Deixei-me cair sobre o colchão, certo de que ela ainda estava aborrecida, senão, teria me chamado. Aguardei com os olhos na porta fechada do banheiro. Eu poderia pedir que o café fosse servido no quarto e...

Meus planos foram interrompidos de pronto por uma ideia que me fez levantar imediatamente: eu poderia surpreendê-la com uma viagem de trem ao interior!

Mas antes de pegar no telefone para fazer as reservas, os alarmes soaram: *Pergunte a ela, antes de tomar decisões.*

Sentei na cama e me perdi nesse dilema.

Se eu a surpreendesse, seria algo bom, como uma surpresa... Mas estávamos em uma situação difícil e talvez não fosse tão bom para ela quanto parecia ser para mim. Se eu seguisse com a ideia, mais uma vez estaria decidindo pela Bell sem ao menos ter uma noção do que ela desejava.

Com um forte suspiro, levantei e encostei a cabeça na porta do banheiro.

— Fraise? Bom dia... Posso pedir que o nosso café seja servido aqui? — Ela não respondeu e entendi que minha situação estava pior do que eu pensava. — Bell... Não faz isso.

Meu estômago estava pesado, dolorido, e cada músculo meu parecia ter encolhido. A tensão estava em cada parte de mim.

Decidi que iria esperá-la, então, voltei para cama, mas antes de sentar eu o vi: o anel "Paraíba" sobre um pedaço de papel no criado-mudo.

O peso do meu estômago desceu direto para o pé e no impulso do pânico voei para a porta do banheiro, abrindo-a para encontrar o vazio. Meu coração disparava e o fel subiu à minha boca, reflexo de horas de estômago vazio e do início do desespero que se assomava.

Saltei sobre a cama e ao cair no chão, ao lado do criado-mudo, peguei o papel. Minhas mãos tremiam, quando vi sua letra redonda impressas em palavras tão dolorosas:

"Há coisas que não podem ser resolvidas com sexo e desculpas"

Eu não podia acreditar no que lia. Não, não, não... Ela não faria isso.

Olhei ao redor, sem acreditar. Aquele bilhete só podia ser uma piada, uma brincadeira!

Levantei e corri até o armário, escancarando as portas apenas para que a dor em meu peito ficasse mais aguda. Meus olhos viam e ainda assim eu não conseguia crer.

Olhei o quarto, imenso, vazio... A cama com lençóis bagunçados, onde ela estivera há tão pouco tempo.

Como pode?!

Então, meu cérebro, que até esse momento parecia travado, começou a funcionar de maneira descontrolada, frenética.

Peguei o celular sobre o criado-mudo. Eu tremia tanto que mal conseguia segurar o aparelho. Teclei na discagem rápida e caiu direto na caixa de mensagens.

Droga! Droga! Droga!

Enquanto eu tentava fazer as conexões e mediar as conjecturas, andava a esmo pelo quarto, sem saber exatamente para onde ir ou o que eu precisava pegar. Dei-me conta de que estava apenas de cueca e meu primeiro reflexo foi vestir a calça que havia usado ontem.

Ela não conhece ninguém... Teria ido atrás da Britta?

Enquanto vestia uma camisa qualquer, uma jaqueta e metia os pés nos

sapatos sem meias, a garganta apertava, meu coração disparava, tentando me fazer enxergar o óbvio, enxergar o que minha própria mente tentava deturpar, talvez para proteger-me da dor.

Ela tinha ido embora.

Enquanto pegava minha carteira, sentia tudo se fechar ao meu redor. O quarto, que há um segundo parecia-me grande e vazio demais, agora encolhia-se como uma bola de papel amassada à minha volta. Olhei novamente ao redor, buscando algo que me apontasse o que fazer, mas as paredes giravam como uma roleta e a náusea subiu-me pelo esôfago.

Eu preciso achá-la. Preciso impedir que me deixe!

E quando focalizei a porta, parti feito uma bala.

Aonde iria? Como iria? Eu não fazia a menor ideia.

Na recepção confirmaram sua partida e, embora eu balançasse a cabeça, negando, em meu íntimo sabia que ela tinha ido.

Era Bellanne, a que sempre faz o que quer, a que não se prende.

Meu peito doía e eu o massageei quando um funcionário perguntou se eu queria ir ao aeroporto ou se deveria chamar alguém. Olhava para aquele jovem, mas não o via.

— Um táxi, urgente, por favor.

Enquanto esperava, fui para a porta do hotel. Estava frio, o vento soprava absurdamente gelado e tentei mais uma vez falar com ela, em vão.

— Bell, pelo amor de Deus, onde você tá? — Minha voz estava trêmula, como minhas mãos, mas não me importei. — Bellanne, por favor, não faz isso, amor... — Deixei a mensagem.

Meus olhos ardiam quando o táxi chegou. Entrei no banco de trás e pedi que me levasse ao aeroporto, porque na verdade, era onde eu tinha esperança de ainda encontrá-la aguardando o voo. Os aviões demoram mais para sair do que os trens.

Tentei mais cinco vezes e mais cinco vezes deixei mensagens suplicando que não o fizesse, que não me deixasse.

Cheguei ao aeroporto ignorando as expressões curiosas, surpresas e até mesmo assustadas, ao me verem correr feito um louco, olhando para todos os lados. Tudo o que me importava era encontrar a Bell. Ela não podia me deixar, não podia ir embora sem mim. Não podia.

Depois de buscá-la em todos os cantos, cogitar os mais de quinze voos que haviam partido, e que ainda saíam, num intervalo de três horas, e sem fazer a menor ideia de onde ela poderia estar, simplesmente agachei em meio

ao saguão, exausto, respirando com dificuldade e com o coração destroçado.

Tudo dentro de mim parecia ter passado por um moedor, como se, de um instante para outro, toda a minha vida tivesse desabado, como se a parte mais vital do meu mundo repentinamente desaparecesse.

Bellanne

Quando o meu voo foi chamado, esperei apenas que os idosos e uma gestante tomassem à frente. Assim que me foi possível, entrei e acomodei-me no avião. Seriam pouco mais de duas horas de voo até o aeroporto *Charles de Gaulle*, e eu esperava que houvesse um voo para o Brasil em algum momento, sem que eu precisasse me hospedar em algum hotel.

A vigília sobre meus pensamentos era constante. Sempre que minha mente tentava reconstruir as últimas 24 horas, eu desviava os pensamentos. Mas isso não estava dando muito certo.

Aquelas foram as duas horas mais longas da minha vida. Os óculos de lentes grandes mal conseguiam esconder meu rosto inchado e as lágrimas que desciam por ele, e desde que o homem ao meu lado me ofereceu um lenço, parei de me importar que me vissem daquele jeito.

O simpático senhor até tentou iniciar uma conversa, mas fingi não entender seu inglês porque eu não desejava qualquer interação.

Pensei em tomar um calmante, mas além de não ter algum comigo, a viagem seria curta demais para que fizesse efeito satisfatório. Decidi que assim que entrasse no voo para o Brasil, tomaria uma dose de uísque após a outra, até apagar. No momento, esse era o meu único desejo: deixar a mente limpa.

Erik

Entre no táxi sentindo-me uma carcaça oca.

Ela havia me deixado, sem dar-me ao menos a chance de explicação, sem me escutar. Ela simplesmente havia jogado para o alto tudo o que vivemos, tudo o que construímos.

A minha consciência não me deixava tirar-lhe a razão. Bellanne era independente demais para aceitar que eu a protegesse, e por isso mesmo fiz o que fiz.

Ela precisava de proteção!

O que o Axel fez conosco foi apenas o início do que ele poderia ainda fazer. Ela achou que foi fácil para mim, saber que a haviam tratado como uma vagabunda por causa do meu pai? Achou que foi fácil vê-la sendo humilhada em meio ao hospital?

A desolação que vi em seu rosto, quando foi impedida de entrar no hospital, ainda estava em minha mente, e só eu sabia que aquilo era apenas o começo.

O nome Lars é poderoso em *Copenhague*. Se meu pai bem quisesse, nenhum hotel decente nos hospedaria. Se meu pai assim desejasse, nem eu entraria naquele hospital. Axel Lars, além de dono de uma das maiores empreiteiras da Dinamarca, fazia parte do círculo, bastante hermético, dos homens mais poderosos de toda Escandinávia.

Puxei o ar com força, tentando encher o pulmão, que parecia ter encolhido.

Apesar de odiar o meu pai, jamais tive os pensamentos que me tomavam agora. Queria destruí-lo. Queria matá-lo. Mas creio que até morto, o Axel estaria bem, desde que a unidade, a família e o nome Lars estivessem intactos. E por intacto...

Então, uma ideia me veio de repente...

Qual a única forma que machucar o Axel de verdade?

Inclinei-me para a frente e toquei de leve o ombro do motorista.

— Senhor, por gentileza, vamos para o *Blixen Association*.

O homem assentiu, sabendo exatamente onde ficava o famoso e mais importante escritório de advocacia de *Copenhague*.

O coração do Axel ficava no nome da sua família, na tradição e no seu orgulho. E era justamente ali onde eu iria golpeá-lo.

Bellanne

Eu realmente não me sentia bem quando levantei para o desembarque. Estava sem comer há horas e tinha a sensação de fraqueza. Arrependida, me xinguei por ter dispensado o sanduíche de salmão que a aeromoça havia oferecido. Agora, iria direto a um guichê, providenciar uma forma de chegar em casa e depois trataria de comer algo.

Suava frio quando cheguei ao guichê da *Air France* e tive náuseas severas quando fui informada de que o próximo voo para o Brasil seria dali a três horas, duraria dezoito longas horas e faria conexão no Panamá.

Sem a menor dor no coração, desembolsei trinta mil reais por uma passagem de primeira classe, que sairia uma hora mais tarde, mas não faria escalas ou conexões e eu chegaria ao Brasil em catorze horas. Porém, quando olhei ao redor em busca de um café ou um restaurante, tudo escureceu para mim.

Erik

Niels Blixen abriu a boca, mas ficou sem fala por cinco segundos, quando lhe apresentei a minha requisição.

— Você enlouqueceu, Erik?! Tem ideia de quanto estamos falando? São duas imobiliárias gigantes, além da empreiteira, duas mansões e ações das maiores empresas da Escandinávia! Sem falar nas pequenas propriedades do interior!

Ele não precisava enumerar as posses do Axel, eu conhecia cada uma delas.

— Inclua aí o seguro de vida. Quero que retire meu nome do testamento do Axel e isso não é negociável.

— Erik... — Niels era um velho amigo da família e sentia-se bem à vontade em contestar minhas decisões. Ele levantou, contornou sua mesa e sentou-se ao meu lado. — Sabe que seu pai vai surtar, não sabe?! Mais do que surtar... Ele vai morrer! Tudo o que fez a vida inteira foi juntar patrimônio para você e o Mateo. Tudo o que o Axel faz, compra, investe, é pensando em vocês!

Se esta era a única forma de matá-lo, então eu estava fazendo o certo.

— Há coisas entre eu e o Axel que você não entenderia, Niels. Ele fez uma coisa muito grave e que não tem perdão. Sei bem da proporção que minha atitude irá tomar, mas não penso em voltar atrás. — Eu o encarava e cada palavra que dizia era com todo meu coração. — Não preciso do dinheiro do Axel. Tenho meu próprio patrimônio.

Niels fitava-me incrédulo e eu podia compreendê-lo.

— E o que dirá a ele?

Sorri, sarcástico.

— Não precisarei dizer. Ele saberá.

Saí do escritório do Niels mais leve, com a sensação de ter me livrado de pesados grilhões. Segundo o advogado, meu registro de renúncia de nada valeria — já que a herança é apenas uma suposição, até que a pessoa esteja de

fato morta —, e eu teria que renunciar novamente na ocasião da morte do Axel. Contudo, eu sabia que essa proforma simbolizava um rompimento e isso afetaria os negócios e os brios do Axel.

A meu pedido, Niels havia reservado a sala de reuniões, e quando abri as suas portas duplas, lá estavam os dez maiores veículos de imprensa do eixo Dinamarca-Suécia-Noruega, mas eu sabia que a notícia correria para muito além da Escandinávia.

A notícia do rompimento entre Erik e Axel Lars, bem como a minha saída do futuro das empresas, afetaria, inclusive, a confiança dos investidores e a bolsa de valores nos três países, quiçá em toda Europa.

Bellanne

Mesmo quando abri os olhos e vi as duas pessoas usando jaleco, não atinei muito bem sobre o que havia ocorrido.

Meu ombro estava dolorido, havia uma baita confusão mental e um acesso venoso ligado a um saco de soro pequeno.

— *Madame, comment vous sentez-vous?*

Demorei alguns segundos até processar a situação e acessar o meu francês.

— Estou um pouco desorientada, mas acredito que estou bem. O que houve? — Respondi em francês.

— A Senhora desmaiou no guichê da *Air France*. Somos do atendimento médico da companhia e a senhora está em nossas dependências.

Olhei ao redor e só então notei o luxo do lugar. Enfim, meus trinta mil reais valeriam para algo além de me levar para casa. Agradei ter desmaiado após a compra da passagem, não antes.

— Eu fiquei muito tempo sem comer...

— A sua pressão arterial estava bastante baixa, Senhora, por isso estamos lhe hidratando. Costuma ter a pressão baixa?

— Não, a minha pressão é normal. — Sentei na cama, apoiei os cotovelos nos joelhos e escondi o rosto nas mãos. — Por quanto tempo fiquei desmaiada? — murmurei.

— Alguns minutos.

E mal o homem terminou de falar, senti meu estômago embrulhar e tudo subir em mim. Agarrei a lixeira ao meu lado e vomitei por cima das embalagens de seringa.

Morta de vergonha, pedi desculpas e agradeci os lenços de papel e o copo de água que a jovem — a segunda pessoa de jaleco — me oferecia. No momento seguinte, o homem sentou-se ao meu lado e começou a medir a minha pressão.

— Já solicitei que trouxessem um chá adoçado e alguns pães e torradas. É preciso se alimentar. — O rapaz que me atendia era jovem, simpático e olhava-me com uma estranha curiosidade.

— Senhora Fraise, é portadora de alguma enfermidade crônica? — Neguei com a cabeça e respirei fundo. — Tem se alimentado corretamente, fora o dia de hoje?

Fiz uma careta.

— Não muito bem. Fiz uma mudança de fuso horário muito grande e venho tendo náuseas e apetite zero. Mas resolverei isso em algumas horas, quando chegar em casa.

Ele sorriu e observou o visor do aparelho medidor de pressão.

— A senhora está gestante? — Perguntou como se me perguntasse se gosto de *macarons*.

Arregalei os olhos e a água que eu bebia desceu "quadrada", arranhando a garganta.

— Grávida?! Não... — E ri, nervosa, sentindo o estômago gelar. — Eu uso anticoncepcional.

Que absurdo!

Ele verificava a minha pressão e apenas ergueu os olhos.

— Não quer fazer um teste?

Tornei a rir, ainda mais nervosa. Aquilo era surreal! Contudo, meus enjoos, meus vômitos matinais, a falta de apetite... as cenas invadiam minha memória na mesma intensidade em que eu tentava rebatê-las.

— Não acho necessário. Como eu disse, uso pílula anticoncepcional. — Tentei passar segurança, na esperança de convencer a mim mesma.

Eu sempre tomei pílula e nunca houve sequer um alarme falso!

Desta vez, ele sorriu.

— Sabe que elas não são 100% eficazes, não sabe? — Ele retirou o aparelho de mim, ainda sorrindo — Mesmo quando tomadas regularmente.

Com um puta gelo no estômago, lembrei que nem sempre tomei as pílulas de forma cartesiana, mas também nunca fiquei sem tomar. Eu tentava me justificar.

— Por que acha que eu posso estar grávida?

Ele suspirou e colocou o aparelho em seu colo.

— Você tem os sintomas, mas estou insistindo porque gostaria de lhe dar um medicamento mais forte, para que suporte a longa viagem até o Brasil. Contudo, só poderei ministrá-lo se tiver a certeza de que não está grávida.

Mordi o canto da boca, pensando em como ele sabia meu destino. Bem... Era evidente que, sendo da *Air France*, ele estava a par do meu destino, do meu nome e não duvido que soubesse até o número do meu cartão de crédito.

Olhei diretamente para ele, avaliando a minha situação. O que me custava fazer um teste? Tinha certeza de que meus enjooos eram pelo *jet lag*, não havia o que temer.

— Vocês fazem o teste aqui?

Ele sorriu e assentiu, chamando sua ajudante logo em seguida.

Erik

Após muitas perguntas e especulações sobre o futuro das empresas Lars, uma jovem havia me perguntado o motivo do rompimento entre mim e meu pai, e eu ponderei, pensando em Bellanne. Ela não era o motivo, apenas o estopim.

— É um assunto particular. Basta que saibam que eu e o Axel Lars temos interesses, visões e opiniões muito diferentes, nos mais diversos setores. Apesar de continuar carregando o nome "Lars", eu e o Axel não temos mais qualquer vínculo que possa interessar ao mundo.

Minhas mãos estavam nos bolsos da calça, suadas, tensas.

— Mas a família Lars é muito tradicional e sempre passou a imagem de solidez. Essa ruptura poderá afetar não apenas o mercado financeiro, mas inclusive a relação dos Lars com a Casa Real. O que diz sobre isso?

Não consegui conter o sorriso. O maior orgulho do Axel era a sua relação com a Casa Real, a quem ele fazia questão de demonstrar sua estirpe, sua nobreza e distinção. E sim, a rainha tinha grande admiração pela força e nobreza do clã Lars.

— Eu realmente lamento, mas talvez a Casa Real ainda agradeça por isso. E assim, finalizei a coletiva e a minha ligação com o Axel.

Bellanne

Eu estava há quase quinze minutos sentada sobre a tampa do vaso

sanitário, olhando para a caixinha rosa, contendo um teste de gravidez.

Era muito provável que fosse apenas um engano, porque seria uma puta sacanagem do destino se eu estivesse grávida do Erik, logo agora.

Minha unha bonita já tinha ido quase toda embora e eu terminava de roer a derradeira, do dedo "mindinho". Meu coração batia acelerado na garganta, que estava seca, quase arenosa.

E se eu estiver mesmo grávida?

Imagens frenéticas povoaram minha mente com um suposto futuro e aquilo foi assustador. Eu não saberia cuidar de uma criança! Eu havia acabado de mandar aos ares um relacionamento e estava completamente fora de cogitação voltar para o Erik.

Cobri o rosto com as mãos e chorei. Deixei que tudo saísse de mim como uma enxurrada, sacudindo meu corpo e partindo-me ao meio.

A frustração, a mágoa, a raiva, a saudade, a angústia... tudo girava em meu peito como um furacão que não cabia em mim. Eu quis gritar, na esperança daquela dor me deixar, mas no fundo eu sabia que de nada adiantaria, então, apenas chorei. Chorei até não ter mais lágrimas, até tudo se desvanecer. E quando me senti vazia, exausta e um pouco melhor, tornei a olhar a caixa rosa em minhas mãos.

Eu precisava fazer o que tinha que ser feito.

Então, após seguir as instruções, aguardei o minuto que pedia, acompanhando cada tombo do ponteiro dos segundos em meu relógio, morta de medo de olhar para a paleta em minhas mãos e ver o meu destino pintado em duas faixas vermelhas.

Quando finalmente bateram os sessenta segundos e encarei a fita do teste que poderia mudar toda a minha vida... eu as vi, bem claramente: duas faixas vermelhas, paralelas, inegáveis.

Mordi meu lábio e forcei-me a respirar devagar.

Era apenas um teste de farmácia. Quantos testes desse dão resultados falsos? Qual a sua real eficácia?

Joguei aquela porcaria fora, me recompus e abri a porta. A atendente, com o semblante exausto, sorriu para mim.

— Não quero incomodar, mas... — Eu também lhe sorri, um pouco constrangida, é verdade. — Por acaso vocês teriam outros testes? Talvez de outras marcas, quem sabe?

Ela abriu os olhos, surpresa, e então, assentiu, deixando-me em seguida. E quando retornou, minutos depois, me ofereceu quatro novos testes — dois

da mesma marca que o anterior e mais dois de marcas diferentes —, para que eu escolhesse. Peguei os quatro e, pedindo licença, fechei a porta do banheiro.

Um por um, forcei-me a urinar nos malditos copinhos, mergulhei as hastes e todos eles deram o mesmo resultado: positivo.

Apoiei a cabeça nas mãos e quis muito chorar, mas já não havia água em meu corpo para tanto.

Por Jah... O que eu faria agora?

13º Capítulo



CAPÍTULO 13

Erik

Entrei no hospital e subi diretamente para o apartamento do Mateo. O encontrei sentado, e uma enfermeira o ajudava a tomar uma espécie de sopa. Ao seu lado, Soraia falava ao telefone.

— E aí, Teo, como está?

Ele sorriu, agradecendo à enfermeira que saía, levando consigo a tigela quase vazia. Ainda tinha pontos na testa, hematomas no rosto, mas já se parecia bem mais com o meu irmão.

— Eu diria que "pronto para outra", mas é melhor não. — Esbocei um sorriso apenas para agradá-lo, mas ainda assim, não consegui esconder a minha dor. — O que há, Kivo? O que aconteceu?

Evitei olhar em seus olhos e realmente não achei que aquele fosse o momento para contar sobre o ocorrido. Eu preferia me reservar e fazer de conta que não aconteceu.

Soraia seguia sorrindo, falando animada com alguém ao telefone.

— Tive uns problemas com a Bell, mas vai ficar tudo bem. — Eu queria

muito acreditar nisso. — E você, falou com a Mariana?

Mateo olhou de soslaio para a Soraia e entendi que o seu bebê ainda era um segredo.

— Falei, eles estão bem.

Suspirei, aliviado por haver ao menos uma boa notícia.

— Nossa! — Olhamos para Soraia, que terminara sua ligação. — O pai de vocês está realmente animado!

Franzi o cenho, subitamente irritado porque podia imaginar o motivo de sua animação. A esta altura, seus capachos já o teriam informado sobre a partida de Bellanne. Em breve essa sua alegria acabaria.

— E qual o motivo da sua animação? — O Teo quis saber.

— Ele não foi claro, disse apenas que finalmente havia conseguido se livrar de um problema. Ele está para chegar e poderemos ter mais detalhes.

Mergulhei as mãos nos bolsos. A raiva me atravessava como eletricidade.

— É melhor eu ir. — Não conseguiria encarar o Axel sem quebrar-lhe a cara. Hoje não. — Vim apenas saber de você, Teo. Irei trabalhar um pouco e à tarde eu volto.

Não esperei suas contestações, mas quando cheguei ao corredor do hospital, Soraia segurou meu braço.

— Erik... O que houve?

Ela me olhava diretamente e ali havia sincera preocupação. De nada adiantaria lhe dizer o que o Axel fez ou o que eu também acabara de fazer. Falar não aliviaria a minha dor e muito menos a minha raiva.

— Nada, Soraia. Mais tarde eu volto.

Tudo o que eu desejava era voltar ao hotel e afundar-me em trabalho.

Bellanne

Mesmo com absoluta atenção das comissárias de bordo, com todo conforto possível, com um médico em terra pedindo informações minhas a cada duas horas, a viagem foi uma merda.

Eu estava grávida, droga! Eu olhava para a minha barriga e ali não havia nada... como eu poderia estar grávida? Eu e o Erik havíamos terminado... COMO EU PODERIA ESTAR GRÁVIDA?!

Suspirei e soltei o ar com força. As horas demoravam a passar e a todo momento eu acessava a rota, no monitor à minha frente.

Antes de embarcar, eu tinha enviado uma mensagem para o meu pai,

dizendo que estava bem, depois apaguei cada uma das muitas ligações e mensagens do Erik sem ler nenhuma delas, e descartei meu chip em uma lixeira do aeroporto.

A raiva que eu sentia não havia diminuído em nada. A mágoa por ele ter mentido tanto; as suposições sobre o que mais ele teria mentido para mim e eu ainda não sabia; e tudo mais que ele ainda faria, me manipulando, alimentavam meu rancor.

Eu via a Marie à minha frente, rindo de mim, julgando-me uma idiota que precisava ser afastada do Erik. Pensava na Hedda, divertindo-se com o Erik às minhas costas. Lembrava do Erik demonstrando interesse pelos meus interesses, ao indicar a galeria quando, na verdade, ele apenas queria "evitar problemas" com a minha presença.

E quando, enfim, a comissária de bordo anunciou o pouso, fiz uma oração em agradecimento. Eu precisava da minha cama, do meu canto e da minha paz.

Erik

Ao invés do quarto andar, fui encaminhado ao segundo andar do hotel, onde ficava a minha nova suíte. Não fazia o menor sentido continuar no quarto onde tudo lembrava a Fraise.

Joguei minha mala sobre a mesa de centro, na pequena sala, e abri o notebook sobre a mesa de jantar, mas quando o sistema carregou, alertas de compromissos começaram a surgir na tela. Eram reuniões, memorandos a examinar, balanços a verificar e a mensagem "levar a Fraise ao *Tivoli*" piscou. Eu tinha planejado passar uma tarde com ela, relaxando, nos divertindo. Eram muitos, infinitos os planos que eu tinha com a Fraise, e que agora, eram apenas compromissos desmarcados.

Levantei e fui ao banheiro, lavar o rosto. Depois, me servi de uma dose generosa de uísque e ignorei o fato de que eu sequer havia comido algo.

Com o celular na mão, tentei mais uma vez falar com a Fraise. Novamente deixei mensagens e, então, decidi ligar para o Lucien, mas o seu celular também estava na caixa de mensagens.

Pensei em falar com os pais da Fraise, mas desisti antes de teclar o "call". Eles ficariam assustados, se não estivessem a par do ocorrido, se ela ainda não houvesse chegado. O que era bem provável.

Eu precisava saber dela, mas não sabia a quem recorrer.

Droga, Fraise! Como pode me deixar assim, sem notícias?!

Conformado, mergulhei no trabalho como há algum tempo não o fazia. Consegui dar conta de relatórios acumulados e tive duas reuniões via Skype, e quando finalmente meu estômago doeu, pedi algo na cozinha. Já passava das três da tarde.

Batidas na porta anunciaram que meu lanche acabava de chegar, e mesmo achando rápido demais, corri até a porta. Só agora me dava conta do tamanho da minha fome. Contudo, essa desapareceu assim que coloquei os olhos sobre o Axel, parado à porta, com as mãos na cintura.

— Você tem noção do que fez comigo, Erik *Lars*?

Eu sabia que esta hora ia chegar e, para falar a verdade, estava até ansioso por isso.

Abri a porta com força e dei-lhe as costas.

— Que merda foi aquela?! — Ele seguia falando, então, parei e o encarei. Axel estava transtornado e fiquei feliz em vê-lo assim. — Que diabo de história é essa de não termos ligação? Você tem noção do que isso vai virar?!

— Onde está a sua alegria, Axel? Estava tão feliz há poucas horas!

Ele contraiu o cenho e aproximou-se.

— Fez isso por causa dela? Destruiu a vida do seu pai por causa daquela vagabunda?!

Fechei os olhos e respirei... uma, duas vezes. Toda vez que sentia vontade de esmurrar o Axel, forçava-me a pensar que eu não podia me rebaixar a tanto.

— Fiz isso porque não suporto mais nada que venha de você. — Eu fui me aproximando, sentindo a fúria crescer dentro de mim. — Não suporto mais a sua presença, a sua interferência e menos ainda ter a minha vida ligada a você!

— Erik, você arruinou os negócios! — Ele falava por entre os dentes, rosnando, vermelho de raiva. — Você, garoto, destruiu minha reputação! Você destruiu a nossa família, nossa...

— Não tem “nossa família”, Axel! — gritei em seu rosto — Foda-se a sua vida, a sua empresa! Foda-se você!

Ele me olhava com olhos arregalados e algo bastante destrutivo queria me dominar e agarrar o seu pescoço.

Apertei os punhos, lutando para conter o meu ódio, porque as piores coisas que ele já me havia feito, afloravam em minha memória neste momento.

— A Rainha mandou me chamar, Erik! Irá cobrar meu decoro! Os acionistas irão me afastar! Os investidores recuaram, com medo do futuro incerto na sucessão da empresa! Perderei a presidência, perderei influência! A Casa Real irá me excluir da... — Ele respirava rápido, como um animal. — Erik, droga, eu perdi o respeito da Rainha!

— Eu perdi o amor da minha vida. — Minha voz saiu baixa e dolorida, em contraposição aos seus gritos.

Axel me encarou. Sua veia pulsava no pescoço e seus olhos dançavam nos meus.

— Ela não é para você.

Engoli seco, porque ela era tudo para mim.

Dei-lhe as costas e me afastei.

— Não tenho nada para falar com você, Axel. Saia, por favor.

— Não há nada que você faça, que me tire da qualidade de seu pai. E mesmo querendo dar-lhe uma surra, eu o perdoo, Erik. — Estanquei, ainda de costas, sem acreditar no que ouvia. — Eu posso organizar um flagrante de nós dois pescando juntos, fazendo...

— Você é mesmo doente. — Virei-me para ele e enchi os pulmões, para falar em alto e bom som: — Eu não quero voltar a vê-lo, Axel! Não quero falar com você ou lembrar que você existe!

Ele olhava-me estupefato.

Caminhei pelo quarto, respirando fundo, tentando controlar o animal que havia dentro de mim.

— Caia fora daqui, porque eu ainda o respeito como o líder da família, como um velho, e não quero ter que colocá-lo para fora com minhas próprias mãos.

— Você está me envergonhando, me destruindo, acabando com o nome da família, com nossa boa imagem. Você está destruindo tudo o que construí...

Parei novamente em sua frente.

— Estou fazendo o melhor que posso, Axel. Na verdade, eu queria destruí-lo completamente. Queria deixá-lo mais do que arruinado, mas o que fiz foi todo o possível.

Ele arregalou os olhos, visivelmente transtornado.

— Eu ainda não acabei com ela, Erik. Se você não voltar atrás...

Então, liberei a fera em mim.

Cego de ódio, agarrei seu pescoço e o arrastei até a porta, prendendo-o ali.

— E eu ainda não acabei com você! Ainda posso tirar-lhe o Mateo! Você duvida?! — Com a mão apertando seu pescoço, batia seu corpo contra a porta e seus olhos pareciam que iriam saltar das órbitas. — Ainda posso tirar-lhe a vida. Você duvida que eu faça isso?!

Axel agarrou a minha mão e com força a arrancou do seu pescoço. Em seus olhos havia lágrimas, mas elas não me comoveram.

— Eu vou odiá-la até os meus últimos dias, Erik! E apesar de tudo, ainda estou muito feliz de ela estar agora a caminho de casa, repleta de ódio de você!

Travei o maxilar e engoli o bolo espinhoso em minha garganta. E quando o vi abrir a porta e sumir pelo corredor, bati a porta com força, fechando-a.

A ideia de que ela me odiava era uma verdade que eu tentei esconder durante todo o dia e ele, agora, jogava em minha cara.

Com todo o ódio que povoava minha alma, arremessei o abajur do outro lado da pequena sala e, ao invés de acalmar-me, vê-lo espatifar e absolutamente nada mudar dentro de mim deixou-me ainda mais irritado. Então, descontrolei-me por completo.

Como se fossem a personificação de tudo que me sufocava naquele momento, comecei a atirar longe as coisas que estavam ao meu alcance, a quebrar os objetos como se estivesse quebrando as últimas horas, e só quando a exaustão me venceu, me vi caído entre o sofá e a mesa de centro, onde estava minha mala.

O bolo espinhoso ainda estava ali, na garganta, e meu peito ainda doía do mesmo jeito. Nenhuma destruição poderia me dar paz ou destruir-me ainda mais.

Frente à constatação, restou-me ficar ali, inerte, tentando esvaziar a mente, desejando entrar em um sono profundo para aliviar a dor que me matava.

Bellanne

Quando girei a chave na porta de casa, foi como deitar no colo da minha mãe, só que uma mãe mais carinhosa que a Ana Maria.

Minha mãe era atenciosa, nos amava de verdade, mas tinha um jeito muito próprio de demonstrar carinho. Naquele momento, eu precisava de um carinho mais palpável, eu precisava do meu pai.

— Olá, minha Bella Anne! E aí, está melhor?

Sorri. A voz do meu pai era sempre um alento.

— Estou sim, pai.

— E o que há? Posso sentir seu cheirinho de garota amuada daqui. E olhe que a distância é grande.

— Nem tanto, pai. Estou em casa.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos.

— Em vinte minutos chego aí, meu amor.

Enxuguei as lágrimas que rolavam.

— Não fale com ninguém, e venha sozinho, tá?

— Vou com a turma: Paulo, Henrique, o papai e o amigão. Tudo bem? Vamos levar uma pizza.

Ele sabia como arrancar-me o riso.

Desliguei o telefone e abracei minhas pernas, deitando em posição fetal. Olhei a janela, a cortina, os quadros na parede... Aquilo que um dia já foi minha casa e onde eu esperava encontrar menos dor. Acontece que o Erik também estava ali, na cadeira onde gostava de sentar para ler seus *e-mails*, no móbile que havia pendurado acima da penteadeira, no espelho que eu usava para ver seu reflexo, quando ele estava no quarto e eu no banheiro.

Levei a mão ao ventre e mesmo que não pudesse sentir qualquer diferença física, tudo mudara.

Havia ali algo que era meu e dele, e que, por mais que eu negasse, se impunha à minha vida.

Conforme havia dito, em vinte minutos a porta de casa abriu e eu lembrei que meu pai tinha uma cópia da chave. Levantei e fui encontrá-lo segurando a caixa de pizza e uma garrafa de vinho. Me joguei em seus braços e quase derrubamos tudo no chão.

Seu abraço era morno, suave e aconchegante, daqueles que nos dá vontade de dormir.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e eu não segurei as lágrimas.

— Vai ficar tudo bem. — Ele me olhava diretamente nos olhos e senti vergonha de estar sendo tão frágil, tão fraca. — Vamos resolver tudo.

Meu pai colocou a caixa de pizza sobre a mesa de centro e foi até a cozinha, voltando com saca-rolhas e duas taças.

Não consegui dizer-lhe nada, assim de chofre. Comemos calados, mas senti seus olhos sobre mim, e quando levantei, indo à cozinha, e voltei com um copo de água, ele olhou cismado.

— Por que não tomou seu vinho?

Engoli um gole de água com dificuldade e depois coloquei o copo na mesinha. Sentei em posição de índio no sofá, de frente para ele. Buscava as palavras e não sabia se contava tudo desde o início ou se dava a notícia fatídica.

— Pai... Eu e o Erik terminamos. — Abaixei os olhos e brinquei com a barra da minha calça de *helanca*. — Ele... Ele é uma pessoa maravilhosa. Ele é doce, é gentil... — E as lágrimas mais uma vez corriam, porque tudo o que eu falava era a mais pura verdade e a maior razão da minha dor. — É tudo que há de melhor no mundo, mas... Ele é mais coisas que isso.

Meu pai escutava, sério. Não consegui ler se estava aborrecido, triste ou penalizado. Ele apenas me olhava e escutava.

— O Erik... Ele tem um jeito de cuidar que... Droga! — Escondi o rosto nas mãos porque eu estava criando desculpas, “dourando a pílula” porque ainda o amava demais, acho que sempre amaria, e não queria que meu pai o odiasse. No entanto, eu estava machucada, muito machucada. Abaixei as mãos e, enfim, consegui encarar o meu pai. — O Erik perdeu a medida, pai. Ele... Ele me cercou, manipulou...

Meu pai tocou minha mão e levou-a aos lábios, beijando-a.

— Eu já sabia disso. — Ergui os olhos e o encarei, incrédula, surpresa. — Sempre notei como ele *cuidava excessivamente* de você, Bella Anne. Eu via como ele a conduzia pelo caminho que queria, e isso talvez fosse a felicidade para muitos pais, ver que um homem, como o Erik, está “conduzindo” da sua filha. Acontece que a minha filha é a Bellanne Fraise, e ele estava fazendo tudo errado.

Peguei o copo sobre a mesa e bebi o resto da minha água, devolvendo-o à mesa, em seguida.

— E por que não me avisou? Por que não chamou a minha atenção?

Ele passou a língua nos lábios, umedecendo-os. E pensativo, me fitou.

— Adiantaria? É claro que não imaginei que fosse chegar a tanto e, além do mais, você tinha que ver por você mesma. Dói ter acontecido isso longe de mim, dói que eu não estivesse presente para detê-lo, mas você precisava enxergar, tomar suas decisões. Precisava viver isso.

As palavras do meu pai me emocionavam, porque ele me amava demais e mesmo cuidando de mim, deixou-me ir. Não me protegeu da experiência, deu-me a liberdade de viver isso, e agora estava ali, ajudando-me a catar os caquinhos. Era uma prova de amor.

Lancei-me em seus braços.

— Eu o amo tanto, pai! — Eu soluçava, desaguando no pranto. — Mas dói tanto, pai... Dói demais!

Ele me apertou em seus braços e acariciou meus cabelos, em um longo silêncio, deixando-me desabafar. E quando, por fim, me equilibrei, afastei para encará-lo, envergonhada.

Ele precisava saber de tudo.

Depois que contei-lhe cada detalhe da viagem, que falei do Axel, das induções e até da Marie e da Hedda, meu pai calmamente bebeu seu vinho e acariciou meu rosto.

— Tudo que contou é muito difícil, Bell. Eu imaginava que algo do tipo iria acontecer em algum momento, mas não podia imaginar que seria assim. — Suspirou. — Se eu quero quebrar a cara do Erik? Quero! E muito!

Contive o riso que nascia entre as lágrimas, porque ele falava sério, mas a visão da cena me fez achar graça. Com um olhar carinhoso, meu pai continuou:

— Ele jamais poderia ter feito isso com você, porque foi errado. Depois desse tempo juntos, ele deveria saber que não poderia fazer isso. Erik foi egoísta, foi até mesmo irracional. Ele errou e errou feio, mas Bell... — E ele suspirou novamente. — A gente também erra por amor.

Ergui os olhos, surpresa.

— Você vai defendê-lo?!

— Jamais! Ainda que ele estivesse coberto de razão, jamais ficarei de outro lado, que não o seu. Mas filha... Eu conheço o Erik. Eu o observei muito em cada um dos nossos encontros. Eu via que ele criava as situações, e cheguei a alertá-lo, mas não creio que tenha me entendido, justamente porque ele parecia achar que estava agindo corretamente.

Eu ainda o fitava, perplexa.

— Está defendendo-o por que é homem? Acha que devemos mesmo perdoar tudo o que fazem? Acha que devemos segui-los porque vocês "sabem o que estão fazendo?!

— Calma, Bell! — Estanquei, encarando-o. — Não estou defendendo o Erik, e antes de me posicionar como homem, estou falando como seu pai! Ele está muito, completamente errado! Ele manipulou você e eu jamais poderia achar isso correto, sou seu pai! Mas justamente por ser seu pai... Como poderei julgá-lo por evitar que você ficasse frente a frente com um tipo cruel como esse Axel?!

Meu pai tinha os olhos fixos em mim e eu mal podia acreditar no que

escutava.

— Ah, sim! Eu quero quebrar a cara do Erik, porque ele tentou manipular a minha filha! Ele a tratou como uma garota boba, indefesa, tola, e isso sabemos que você não é! Ele te desrespeitou, enganou, magoou... E se ele estava tendo algo com essa tal prima, juro que o mato, mas... Se de fato ele te defendeu, eu não consigo evitar de ser grato por isso, embora acredite que o Erik tenha usado os piores, os mais baixos e inescrupulosos meios para tal.

Meu queixo caiu! Levantei, mas ele segurou a minha mão, puxando-me de volta.

— Não entenda errado, Bella Anne. — O encarei. — Não acho que ele esteja certo, e você fez muito bem em ter vindo embora. Fez muito bem em dar um chute nele, e serei o primeiro a bater a porta em sua cara, se o Erik aparecer por aqui! Mas sou seu pai e não sei olhar a situação de outra forma.

Soltei o ar do pulmão e deixei-me vencer. Ao menos, ele estava ao meu lado.

— Eu te amo, minha garota, e sempre estarei com você. Sempre estarei do seu lado.

Ergui o olhar e busquei em seus olhos castanhos o apoio que eu precisava.

— Pai... Eu tô grávida.

Paulo Henrique ficou me olhando por alguns segundos, atônito, em completo choque por cerca de cinco infinitos segundos, até que começou a rir, colocando a mão sobre a boca, tapando-a, contendo o riso, completamente surtado.

— Pai, escutou o que eu disse?! Eu larguei o Erik e estou grávida dele! Que graça há nisso?!

Rapidamente ele se recompôs, mas ainda pairava em seus lábios a sombra de um risinho que me irritou.

— Desculpe, filha. — E estreitou os olhos para mim, incrédulo. — Disse que está grávida?! Sim, foi o que disse.

Ergui uma sobrancelha, assustada, e aguardei até que acabasse seu surto.

Meu pai levantou e caminhou até a porta da varanda. Tinha uma mão na cintura e a outra ainda tapando a boca. Eu o observava pelo reflexo da porta de vidro, aguardando uma palavra, um apoio, qualquer coisa me ajudasse a ter coragem. Então, virou-se para mim, recomposto.

— Certo, você está grávida. — E voltou para perto, sentando-se no lugar de antes. — Está tudo certo, filha. Estaremos juntos nessa e te prometo que

meu neto não irá sentir falta de um pai. Vou estar com ele...

— Pai!

— Podemos matriculá-lo na escola lá do bairro...

— Pai! Para! — Ele finalmente parou de falar e me fitou, surpreso. — Não sei se irei tê-lo.

Ele piscou vezes seguidas, encarando-me.

— Está falando sério?!

Abaixei os olhos, porque nem eu sabia se falava sério. Eu não sabia o que fazer.

— Não sei... — Tornei a fitá-lo. — Pai, não estamos mais juntos. Existe momento pior para engravidar?!

Meu pai me abraçou e eu deitei a cabeça em seu peito.

— Meu amor... As crianças vêm quando têm que vir. A elas, pouco importa se estamos separados, se estamos pobres ou no meio de um doutorado. É assim... Elas veem o momento mais drástico e dizem "este é o momento de levar alegria e amor àquela mamãe", e simplesmente vêm!

Tentei sorrir, deixando as lágrimas molharem sua camisa.

— Tenho tanto medo, pai. É uma criança, uma vida! Como vou cuidar disso em meio a toda essa dor?

Ele alisava meus cabelos.

— Eu não sei, amor. Só sei que, mesmo sendo contra um aborto, porque será muito arriscado, é ilegal e porque a ideia de um neto encheu-me de alegria, estarei com você, se decidir tirar. Mas se decidir ter esse bebê, prometo que serei o melhor avô de todos os tempos. Prometo que ele, ou ela, será muito feliz e você também. Sabe por quê? — balancei a cabeça, dizendo que não. — Porque filhos enchem a nossa vida de amor e luz. Mesmo que sejam rebeldes, teimosas e ousadas como você; ou mimadas, manhosas e caprichosas como a Margie. São presentes de Deus e eu teria mais dez, se sua mãe não tivesse ligado as trompas por medo de engordar.

Rimos juntos e eu o abracei mais forte. Continuava sem saber o que fazer, mas sabia que teria meu pai sempre comigo, e isso me bastava, por enquanto.

14º Capítulo



CAPÍTULO 14

Bellanne

A meu pedido, meu pai guardou segredo, tanto sobre a minha volta, quanto sobre o bebê.

Eu havia retornado há dois dias, mas fora as partidas de gamão com o papai, eu não tinha coragem para mais nada.

Da varanda, olhava a orla que tanto amava, a barraca de coco e o mar azul, mas o sofá e os slides com minhas fotos pareciam-me menos cansativos e estavam sendo a minha opção.

Levantei da cadeira e coloquei o copo sujo de suco na pia. Iria tomar um banho e fazer umas pesquisas sobre sintomas de início de gestação, mas o interfone me deteve.

— Olá, Jorge. — Saudei o zelado mecanicamente.

— Dona Bellanne, a Senhora Mariana está aqui na portaria.

Ponderei por alguns instantes, imaginando que, para ter ido até a minha casa, ela deveria ter a certeza da minha presença. E essa certeza só poderia ter vindo através do Mateo.

— Ok, deixe-a subir.

Ergui o cabelo em um coque alto e avaliei meu aspecto: short de malha, camiseta, cardigã bem comprido e meias soquete. Desde o dia anterior eu havia notado que minha barriga tomava um novo formato e, ao menos para mim, estava proeminente. Talvez fosse mera impressão e a Mari nem notasse.

Abri a porta antes mesmo que ela tocasse.

— Bell! — Ela lançou-se em meus braços e eu retribui seu abraço caloroso. — Ei! Cuidado com o bebê! — Afastei, sobressaltada e confusa, mas então, com uma expressão entre divertida e surpresa, Mari começou a rir. — Calma, Bell... você ficou pálida. Meu bebê está ótimo, eu só estava brincando.

Ignorando o motivo do meu alívio imediato, ela sorriu, ao alisar a barriga.

— Que bom. — Foi tudo o que consegui balbuciar, admirando seu gesto e me perguntando se em breve eu também alisaria a minha barriga assim, ou não.

— E com você, tudo bem? — Mari perguntou e, sem esperar o convite, entrou. — Por que não me chamou? Liguei para o Lucien e perguntei por você, mas ele também não tinha notícias, então... — Ela falava como uma matraca e agradeci quando parou e me olhou diretamente. — Bell... Por que não disse a ninguém que havia voltado?

Desde que virara minha "concunhada", a Mari vinha deixando mais de lado a formalidade profissional e eu gostava muito dessa nova Mariana, mais madura, segura de si.

— Eu não estou com ânimo para reuniões, Mari. Você conhece o pessoal.

— Mas e o trabalho? E sua vida?

Sentei no sofá e ela fez o mesmo.

— Você está a par de tudo, não é? — Perguntei sem cerimônia.

Ela assentiu, mas acrescentou:

— Nem tudo, mas sei que você e o Erik brigaram. O Teo está preocupado com vocês dois. Disse que o irmão não...

— Não quero saber do Erik, Mari. — Abaixei o olhar, porque a tristeza tornou a me visitar. — Quero esquecer e não tocar no assunto. — Voltei a encará-la. — Por favor.

Ela esticou os lábios, apertando-os, conformada.

— E você, como está?

— Me recuperando. Estou curando minhas feridas.

Novamente Mariana pousou a mão na barriga de quase cinco meses e não

pude evitar imaginar como eu ficaria, se levasse a gravidez adiante. Ainda assim, Mari seguia com o olhar baixo, talvez pensando em como aliviar a tensão que o assunto Erik causava.

— Sabe... Precisa voltar a trabalhar. O trabalho sempre te animou. — Ela me lembrou e eu balancei a cabeça, concordando. — Tenho recebido telefonemas e *e-mails* te requisitando. Lembra do Michel, da *Surfer Way*?

— Sim, claro. Há alguns meses ele me propôs um projeto.

— Então... Ele quer fazer um grande editorial e eu soube que já recusou quatro fotografos renomados. Ele quer você.

Sorri, um pouco animada.

— Marque uma reunião com ele. Vamos conversar.

Mari me olhava repleta de carinho.

— Ei! O que acha de sairmos um pouco? Podemos tomar um sorvete. Estou louca por um sorvete de mangaba!

Suspirei, sem muita vontade, mas sabia que a Mari não desistiria e, ao final, seria legal tomar um sorvete.

— Tudo bem. Vou me trocar.

Levantei do sofá e corri para o quarto, e quando tirava a roupa, escutei-a falar:

— Só preciso dar uma passada rápida no consultório da dra. Angélica. Preciso entregar uns exames. Tudo bem pra você?

Sabíamos que era uma retórica e, por isso, fechei os olhos e respirei fundo. Além de tomar sorvete com uma grávida, eu me veria cercada por várias delas. Isso tudo parecia um complô muito safado do destino.



Quando chegamos ao consultório, me surpreendi por não haver uma dúzia de barrigudas, apenas uma moça carregando um bebê e uma gestante, que parecia ter um pouco mais de tempo de gravidez que eu.

Sentei na cadeira da sala de espera e folheei uma revista, aguardando a Mari, que estava sendo atendida.

Ao meu lado, a mãe com o bebê sussurrava palavras carinhosas para o pacotinho azul em seu colo. Pelo canto dos olhos eu assistia à cena, onde a mãe dizia ao pequeno que ele era um homenzinho lindo, e o bebê — uma

criança linda de olhos muito esticados e cabelos escuros — respondia com o "sorriso nu" mais encantador do universo.

Eu nunca fui próxima de crianças, mas sempre achei que eram umas fofas. Contudo, a intimidade que eu via ali, naquela relação, mostrava-me um ângulo completamente novo.

Eles eram um só e se pertenciam mutuamente. A impressão de que era uma relação quase simbiótica, de extrema paixão recíproca, comoveu-me. Então, a moça me fitou com os olhos brilhantes e um sorriso largo.

— Para quando é o seu? — Abri a boca, surpresa. — Já conseguiu saber o sexo?

— Não... — Eu não sabia o que dizer.

— Prepare-se para se apaixonar, porque se a gente já os ama tanto quando estão guardadinhos dentro de nós... Quando saem, roubam nosso coração de uma vez!

E simplesmente voltou a brincar com o bebê, como se eu não estivesse ali. Olhei para a jovem à minha frente, a que parecia estar no início da gestação, mas ela seguia lendo uma revista, completamente absorta. Então, olhei para a recepcionista e esta sorriu para mim.

De repente, senti como se o tempo houvesse parado. Como se peças de um quebra-cabeças estivessem se juntando involuntariamente, e quando me dei conta, estava de pé junto ao balcão da recepção.

— Quando a dra. Angélica tem horário? — Falei como se fosse um soluço escapando dos meus lábios.

A moça de cabelos vermelhos me sorriu mais largamente.

— Na sexta-feira. Gostaria de agendar?

Mordi o lábio, insegura sobre o que responder, repleta de ansiedade, de tensão e, principalmente, de medo.

— Sim, por favor.



Erik

O calendário do *e-mail* dizia que já faziam oito dias que a Bellanne havia me deixado. Eu podia jurar que já eram meses.

Quase não apareci no hospital nos últimos dias. Mergulhei no trabalho como um louco, fazendo reuniões até de madrugada, quando em Tóquio já era dia.

Não contente em atualizar todo o trabalho, adiantei análises de propostas, pesquisas de mercado e contatos para um futuro e promissor contrato. E a cada dia me perguntava o que eu ainda estava fazendo em *Copenhague*.

Mateo estava bem melhor, completamente fora de risco e, ainda assim, eu mal o via. Nos falávamos todos os dias, às vezes mais de uma vez, mas sempre que ele tentava tocar no nome "Bellanne", eu o cortava.

Há dias ele havia dito que, segundo a Mari, a Bellanne havia chegado bem, e isto era suficiente para mim. Mais que isso seria tortura.

Tentava desligar essa parte do meu cérebro e, até então, estava até indo bem, salvo pelas noites insones, nos *e-mails* que eu lhe enviava quase que diariamente sem nunca ter uma resposta; nos telefonemas que eu lhe fazia e que enchiam sua caixa de mensagens. Nada estava indo bem.

Todas as manhãs eu levantava e colocava a "máscara de ferro". Ocupava a mente com trabalho e fingia que Bellanne não existia. Eu odiava a sua insistência em manter-se em minha cabeça. Odiava ela ter me deixado sem qualquer chance de me explicar. E, definitivamente, odiava a minha incapacidade em parar de desejá-la, de querer seus olhos, sua boca, sua pele. E quando não havia mais qualquer trabalho que ocupasse a minha mente, eu recorria ao uísque e ao movimento das ruas, vistas da janela do quarto.

A noite não tinha lua, mas eu não fazia ideia se estava frio ou ventava. Não saía do quarto há dois dias. Então, o telefone tocou e minutos depois de ter liberado a entrada da Soraia, ela chegou à minha porta.

A expressão surpresa que havia em seu rosto, quando a recebi, me constrangeu, mas compreendi.

Há oito dias eu não aparava a barba, há dois eu não trocava de roupa, estava todo amarrotado, certamente com olheiras gritantes e, acredito, cheirando a álcool.

— Entre, Soraia. — Imaginei que ela quisesse falar sobre o Axel. Eu não seria grosso com ela, mas também não queria falar sobre esse tema.

Ela olhou ao redor e só então dei-me conta de que minha mala seguia sobre a mesa de centro, onde também estavam a garrafa de uísque, com menos da metade do conteúdo; um copo com um resto da bebida; e uma caixa de remédios para dormir.

— Desculpe a bagunça. — Tirei a mala de sobre a mesa, coloquei a camisa

por dentro da calça e passei a mão pelos cabelos, tentando tornar-me mais apresentável. Apontei para o sofá — Sente aqui. Gostaria de beber ou comer algo?

Ela sentou, mas ergueu o rosto para me olhar.

— O que acha de comermos um pouco?

Eu não tinha fome, mas decidi acompanhá-la.

— Uma massa? — Ela assentiu e eu fui até o telefone, fazer o pedido.

Quando voltei, Soraia dobrava as roupas que eu havia deixado sobre o sofá.

— Erik, eu vim conversar com você.

Sentei ao seu lado e apoiei os cotovelos nos joelhos.

— Se for sobre o Axel, esqueça.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Sobre você. — Ela recostou no sofá e pousou a mão sobre minhas costas arqueadas. — O que aconteceu, exatamente?

Olhei para o resto do líquido âmbar dentro do copo à minha frente.

— A Bellanne foi embora. Só isso.

— E por que ela foi embora?

Apanhei o copo de sobre a mesa e sorvi um pouco daquele resquício de uísque.

— Porque eu fiz merda. Porque ela não sabe ouvir. Porque tentei cuidar dela e ela entendeu tudo errado.

A ouvi suspirar.

— Ai, Erik... Deixa eu te contar uma história? — Olhei para Soraia por sobre o ombro e depois assenti. — Quando conheci o Axel, ele era como um príncipe. Todos os meus desejos eram adivinhados. Todos os meus sonhos, realizados. Ele sempre cuidava de tudo e eu não tinha que preocupar-me com absolutamente nada. Eu não sabia sequer sobre o cardápio da casa, porque ele conhecia meu gosto e organizava o *menu* conforme minhas preferências. E assim foram por longos e lindos dez anos.

Fiz as contas. Eles tinham quatorze anos juntos.

— Dez anos?

— Sim, Erik. Até que um dia acordei e dei-me conta de que eu cumpria um ritual, diariamente. Eu acordava com o despertador que ele havia programado e sobre o criado-mudo estavam meus medicamentos, separados pela ordem em que eu deveria tomá-los. Sentava à mesa e a Britta me trazia o que comer, e se eu desejava algo diferente, ela me dizia que falaria com o

Axel e na manhã seguinte eu comeria. E na manhã seguinte, eu ganhava o meu prato, acompanhado por uma linda rosa e o bilhete "seus desejos são uma ordem".

A observava sorrir, enquanto eu molhava os lábios no uísque.

— E se eu queria fazer um curso de tricô, por exemplo, havia uma professora exclusiva para mim, em casa. E se eu desejava, sei lá... Quebrar a rotina e sair caminhando pela rua, comendo hot-dogs e cumprimentando os turistas, o Axel enlouquecia. Uma vez, ele chegou a contratar um sujeito para me seguir, assustar-me na rua, acredita?

Ergui as sobrancelhas, surpreso. Ela prosseguiu:

— E quando eu pedi a separação, há dois anos, ele fechou todas as minhas opções de libertação. Eu não tinha dinheiro sequer para pegar um trem.

— Você tem direitos, Soraia.

— Nosso casamento foi com separação total de bens, Erik. Eu não tenho qualquer direito. E depois, a Sílvia se envolveu com drogas, você sabe disso. Eu precisava do Axel e ele adorava que eu precisasse dele... Que ele *cuidasse* de mim.

Abaixei os olhos e novamente busquei o líquido âmbar, que já havia sumido do meu copo. E antes que ela continuasse, nosso jantar chegou.

Empurrei cada *ravioli* goela abaixo, pensando na história da Soraia, odiando o Axel ainda mais. Ele a mantinha quase em cativeiro! E ao final do nosso jantar, ela voltou ao assunto.

— Pensou na história que contei?

Assenti, calado, remexendo na massa que sobrava em meu prato.

— Não sou como o Axel, Soraia.

— Ainda não.

Ergui o olhar para ela.

— É diferente. Eu estava protegendo a Bellanne. Você bem sabe do que o Axel...

— Pare de culpar o Axel, Erik. — Ergui uma sobrancelha, surpreso com sua altivez. — O Axel é sim, culpado por metade das nossas desgraças, mas dessa vez, você é o único culpado.

Limpei a boca e joguei o guardanapo sobre o prato sujo.

— Culpado por poupá-la das ofensas?

— Culpado por tratá-la como um fantoche. Culpado por subestimar a inteligência dela. Culpado, principalmente, por julgá-la pouco gente, ao ponto de suprimir sua capacidade de bom senso.

Engoli seco.

— Você está sendo dura.

— Não vê que se seguir assim, em dez anos, a Bellanne será como eu, Erik?

Aquilo já era demais!

— Soraia, não me compare com o Axel. Ele é cruel, um monstro! Então, agora sou um monstro por cuidar de quem amo?

— Não seja maquiavélico, Erik. Os fins não justificam os meios!

Paralisei frente à mulher à minha frente. Minha pálpebra tremia e minhas pernas estavam inquietas sob a mesa. Então, abaixei o olhar porque algo dentro de mim fazia-me sentir vergonha dos meios que utilizei, embora achasse um fim digno.

— Eu sei que errei.

— Você não errou, Erik... Você ainda está errando. Você continua achando que fez certo. Erik, por Deus! — Sua voz subiu dois tons e eu a encarei. — Estou aqui para abrir os seus olhos! Será que não vê o quanto é parecido com seu pai?! Eu sei que o odeia e não tiro sua razão, mas não pode negar que vocês se parecem mais do que seria saudável parecer!

Meu coração martelava no peito e eu mal podia respirar.

— Você está me ofendendo, Soraia.

— Não! Estou te salvando! Olhe ao redor! Não é assim que as pessoas cuidam das outras! As pessoas respeitam suas vontades, as pessoas são honestas, as pessoas não mentem, não escondem! Não acha que você ter mentido tanto para a Bellanne é um sintoma de que algo não anda bem com você?!

Novamente engoli seco e esforcei-me para conter os tremores que me acometiam.

Então, mais uma vez, abaixei meus olhos.

— Erik... em nome de Deus, você precisa de ajuda, justamente para não se tornar um Axel! Eu levei dez longos anos, mas a Bellanne tem mil vezes mais fibra que eu, e ela levou apenas alguns meses para perceber. E sabe de uma? Ela fez muito bem em cair fora!

Abri os olhos, assustado, tanto com o que ela dizia, quanto com a sensação de absoluta vergonha que me tomava. Olhei para o prato e identifiquei a mesma sensação de vergonha que senti cada vez que a enganei, que inventei pretextos e histórias.

— Erik, Bellanne te ama, não tenho dúvidas disso. Mas tanto você quanto

eu sabemos que ela é uma mulher especial. Ela tem uma personalidade única e isso que tanto ama nela é justamente o que a faz fugir de você. Seja o homem que ela espera e precisa que seja.

Eu só percebi que chorava, quando vi a lágrima bater no prato de lousa.

Apoiei os cotovelos na mesa e a testa nas mãos. Eu estava exausto, meus músculos estavam trêmulos, fracos. Meu peito doía e eu sentia a falta dela. Sentia falta da sua voz, do seu cheiro, de suas mãos... E depois de tantos anos, chorei feito criança.

O pesar me rasgava, destruía-me sem dó. Tudo em mim era dor e falta. Era vazio... um deserto repleto de imagens de uma felicidade que eu havia deixado escapar. A mulher com quem sonhei, sem nem mesmo saber que existia; a pessoa que reunia absolutamente tudo que me fazia feliz, que me fazia esquecer as coisas ruins, simplesmente desaparecera da minha vida como fumaça, como se nunca tivesse existido, como um sonho.

Chorei com pena e raiva de mim mesmo. Chorei até não haver mais lágrimas, até meu corpo ceder ao cansaço e até que Soraia se agachou ao meu lado e me abraçou, silenciosa.

Eu estava descendo num poço bem fundo, mas eu sequer tinha o direito de ficar lá embaixo, esperando que me estendessem a mão. Eu precisaria me erguer e viver. Precisaria enfrentar meus demônios, precisaria escalar as paredes de pedras cheias de limo e buscar o ar, porque eu não iria desistir dela.

Eu iria me erguer e faria o diabo, mas eu a teria de volta. Jamais iria desistir de Bellanne Fraise.

— Erik... — Eu não levantei o rosto. Estava deveras envergonhado, mas eu a escutava. — Este cartão é de um terapeuta maravilhoso. Estou tratando-me com ele, embora seu pai acredite que eu esteja frequentando um grupo de apoio às mães de usuários de drogas. Ele é um homem espetacular e está a par de toda história. Vá até ele. Sei que encontrará seu caminho, meu querido. E só depois de encontrar seu caminho, encontrará a sua Fraise.

Eu não vi, mas a escutei quando, antes de sair, informou que o Mateo havia recebido alta, queria me ver e estava na casa da Hedda, e não na do Axel.

Todo meu corpo doía, mas meu peito estava leve. Com os olhos embaçados, olhei o cartão sobre a mesa.

Dr. Per Bohr, terapeuta.

Talvez não fosse uma má ideia buscar alguém que me ajudasse a entender

porque era tão errado proteger a quem se ama. Ninguém podia me acusar de ser como o Axel, esse era o maior absurdo de todos. E, pensando em como podia ser errado livrá-la das garras do meu pai, lembrei de outra pessoa que sim, certamente me entenderia... outro pai.

Paulo Henrique. Eu já havia pensado em falar com ele, mas não me sentia em condições de conversar com ninguém, até então.

Talvez, enfim, tivesse chegado a hora.

Antes de fazer a ligação, enchi um copo de uísque e dei três generosos goles. Digitei o número e aguardei.

— Ora, ora... Pensei que nunca fosse me ligar, Erik Lars.

Engoli seco, ante a recepção irônica do Paulo Henrique.

— Eu precisei de um tempo, Paulo, mas devo desculpas por não ter ligado antes.

— Só por não ter ligado antes?

Mordi o lábio.

— Paulo, não sei o que a Bell contou, mas...

— Acha que ela mentiria, Erik?

— Não! Não era isso que eu ia dizer. Eu só acho que a Bell pode não estar vendo o meu lado, Paulo. Eu entendo e não tiro a razão dela, de estar com raiva, mas era insuportável ver o Axel humilhando a Bell, criando situações constrangedoras para ela e as únicas coisas que eu podia fazer era remediar, consolando-a, ou evitar, fazendo o que fiz.

— Não cogitou conversar com a minha filha, Erik? Acha que foi mais honrado, mais honesto enganá-la? Acha que foi uma atitude de homem, enganá-la com sua prima, além de tudo?

— Eu sou um homem, Paulo Henrique! — Tive consciência de que falei duro, mas não me arrependi. — Não tenho e nem tive nada com mulher alguma enquanto estive com a Bellanne. Eu jamais a trairia. Jamais lhe faria qualquer mal, intencionalmente. As fotos foram maldosas, feitas de ângulos maliciosos. Eu e Hedda apenas almoçávamos, e a Hedda sabe bem o quanto amo a Bellanne. Eu jamais sequer conseguiria olhar para outra mulher, tendo a Bellanne ao meu lado, Paulo Henrique.

Eu respirava ofegante, tenso. Sabia dos meus erros, mas trair Bellanne não estava entre eles.

Após segundos de silêncio, ele finalmente falou:

— Erik... Você fez coisas muito complicadas de serem perdoadas. Julgou Bellanne de forma totalmente equivocada. A honestidade é uma premissa

numa relação, e você quebrou a confiança dela e a minha.

— Droga, eu sei disso! — murmurei para mim mesmo — Eu sei que fiz uma série de besteiras, Paulo. Sei que troquei os pés pelas mãos, mas tudo o que eu enxergava, era que precisava protegê-la. Eu esperava que você, principalmente você, me entendesse, porque eu queria afastá-la da dor.

— Engraçado, Erik, porque tudo o que vejo na minha filha é dor.

Engoli seco e massageei o peito, que doía.

— Eu não queria magoá-la... Eu jamais quis magoar a Bell. Ela estava aqui por mim e estava sendo humilhada, maltratada por minha causa. O que eu poderia fazer contra o Axel, que já não tivesse feito? Como poderia impedi-lo?

Ele seguia em silêncio e isso me afligia. Decidi continuar:

— Paulo... A única arma que eu tinha contra o Axel era algo que achava que jamais fosse usar. Eu tentei evitar a todo custo, porque sabia que seria a sua derrota... Mas quando ela me deixou, sem me dizer nada. Quando foi embora daquele jeito...

— Erik... O que você fez contra o seu pai?

Respirei fundo, bem fundo, porque apesar de não me arrepender, eu sabia que fora algo horrível de se fazer a um pai.

— Basta saber que o Axel levará alguns anos para conseguir novamente a confiança do mercado financeiro, o prestígio e o respeito que tanto preza. Eu me desliguei completamente dele, e sua derrota sempre será inversamente proporcional ao meu sucesso profissional, Paulo. Eu destruí a reputação, o prestígio e a confiabilidade do Axel.

Ele manteve-se em silêncio e eu tive a certeza de que entendia a dimensão do que eu acabava de lhe contar.

— Eu sinto muito por você, Erik. Não deve ter sido fácil fazer isso.

— Ele me tirou as duas mulheres que amei na vida, Paulo: minha mãe e Bellanne. — O escutei pigarrear e eu realmente não esperava que ele ficasse do meu lado, apenas que me escutasse. — Paulo... Já nem espero que me entenda, perdoe ou qualquer coisa do tipo. Tudo que eu quero é saber como ela está. Apenas isso.

— Ela está melhorando, Erik. Chegou aqui extremamente magoada, machucada mesmo. Mas está melhorando a cada dia. E você também irá melhorar, acredite.

Fechei os olhos. Eu queria ter a sua certeza.

— Paulo, há algo que eu possa fazer?

Eu queria saber se havia algo que eu pudesse fazer para aliviar suas penas, ou, se possível, ser perdoado, mas não me atrevi a verbalizar isso.

— Por você... Pode começar aceitando que jamais deveria ter feito o que fez, sob qualquer justificativa. Por Bellanne... Apenas mantenha-se longe dela, até que assuma seus erros e se torne o homem que ela achou que amava.

Fiquei sem ar.

A dor que senti foi tão brusca e violenta, que por um breve momento me tirou a capacidade de respirar. Precisei de alguns segundos para assimilar suas palavras.

— Ok, Paulo. Eu só queria... — O que dizer, sem ser mal interpretado, sem parecer ainda mais idiota? — Eu queria que soubesse que, apesar dos meus erros, eu amo Bellanne como jamais imaginei que seria possível um homem amar uma mulher. E por ela, eu sou sim, capaz de assumir meus erros e tornar-me o homem que ela merece.

— Então, mereça. Adeus, Erik. Do fundo do coração, te desejo sorte. Apesar de tudo, gosto de você.

Ele desligou e eu fiquei ali, com o olhar perdido no tapete verde, no meio do quarto. Até que, mecanicamente, digitei uma mensagem e enviei à Soraia:

"Preciso que peça ao seu terapeuta que me atenda o quanto antes. Preciso que me ajude."

15º Capítulo



CAPÍTULO 15

Erik

No dia seguinte, fui ver o Teo. A Hedda me recebeu com um sorriso acolhedor e, assim que entrei, encontrei o Yves, seu antigo noivo, sentado no sofá.

— Como vai, Yves?

Ele levantou e veio me cumprimentar com simpatia.

— Tudo bem, Erik. Estive viajando e cheguei há dois dias, por isso não pude acompanhar a Hedda ao hospital. Eu sinto muito.

Assenti, mas nada comentei.

— E o Teo? — Perguntei à Hedda, e logo ela dirigiu-me pelo elegante apartamento, até o quarto de hóspedes.

Recostado em uma confortável cama de casal, Teo assistia à TV, e quando me viu, abriu um sorriso quase infantil.

— Kivo! Por onde andou?!

— Cuidando de algumas coisas, Teo. — Debrucei sobre ele e beijei sua testa. — E aí, como se sente?

Puxei uma cadeira para perto da cama e sentei.

— Estou ótimo! A Hedda está me saindo uma enfermeira de primeira linha.

Ambos olhamos para a garota de aparência frágil, mas que eu começava a desconfiar de que tinha muita fibra. Ela havia desafiado o Axel e acolhido o Mateo.

— Obrigado, Hedda.

Ela piscou lentamente para mim e sorriu, mas logo em seguida nos deixou a sós.

— E você, Erik... Como está?

Pela seriedade com que me olhava, pude presumir que tencionava, mais uma vez, falar sobre a Bellanne. Ainda não havíamos conversado sobre o rompimento e o Teo só tomou conhecimento da partida da Bell porque ela era o assunto predileto da família.

— Vou ficar bem, Teo.

Ele fechou os olhos e esfregou o rosto com as mãos, impaciente.

— Puta que pariu, Erik... Como isso foi acontecer, cara?!

Perguntou como se não acreditasse que eu tivesse feito uma merda tamanha. Bem... Tudo era uma grande merda mesmo.

— Eu só queria protegê-la do Axel. Eu não queria que ele a atingisse com suas ofensas, suas agressões.

Mateo me olhava bem diretamente.

— O que você fez, Erik?

E de forma resumida, mas completamente honesta, relatei tudo ao Teo. Por mais que eu estivesse envergonhado pela forma como agi, eu ainda achava que tinha sido melhor do que deixá-la exposta ao Axel. E deixei isso claro para o Mateo.

— Não, Kivo... Entendo que quisesse protegê-la, e eu e você sabemos do que o Axel seria capaz, mas... Não, Kivo... você fez tudo errado. A Marie, cara?! Você foi juntar a Bell e a Marie?! Onde estava com a...

— Eu já sei de tudo isso, Teo. — Deslizei a mão pela nuca, exausto, cansado de pensar, de buscar saída. — Eu já sei.

E quando ergui o olhar, encontrei o seu, penalizado.

— A Mariana tem estado com ela. A Bell não está muito melhor do que você. Tem feito muito esforço para seguir adiante.

Engoli a saliva com dificuldade, porque era a primeira notícia mais concreta que tinha dela. Imaginei algo que achava ser impossível: a Bell

triste, arrasada como eu.

— Eu tentei falar com ela, Teo... Tentei explicar, mas ela não me deu chance. Foi embora às escondidas! — Eu apontava para a porta como se pudesse vê-la saindo. — E sequer atendeu aos meus telefonemas!

— Você conhece a Bell melhor do que eu, Kivo. Sabia que ela ficaria muito puta, não sabia? Ela precisa de um tempo. Você precisa de um tempo para pensar no que fez.

Abaixei o olhar porque ele estava certo. Meu irmão mais novo seria pai antes de mim e agora era ele quem dava-me uma lição. Estava tudo errado comigo.

— Eu vou dar um jeito. — E voltei a fitá-lo, vencido, conformado. — Eu não posso ficar sem ela.

— E ela não pode ficar com você desse jeito. Não é só ir atrás dela, meu irmão... É reverter o que fez. É provar a ela que você sabe que fez errado e, mais do que tudo, que não voltará a agir desta forma.

Encarei o azul límpido dos seus olhos e vi a certeza em cada uma das suas palavras. Escutá-lo dizer coisas que pareciam tão óbvias, e que eu não tive a capacidade de enxergar, me fez encarar o quanto subestimei a escuridão em mim. E a maior dúvida era se eu conseguiria não voltar a errar.

Despedi-me do Teo, e quando cheguei à calçada, na frente do prédio da Hedda, meti a mão no bolso e de lá retirei um cartão: Dr. Per Bohr.

Era hora de conhecê-lo.

Bellanne

Os dias se arrastavam e eu me arrastava por eles, forçando-me a levantar a cada dia, obrigando-me a viver.

Agora que eu havia decidido ter o bebê, precisava reorganizar a minha vida. Aos poucos retornava ao trabalho, a princípio, respondendo a alguns convites, agradecendo a algumas menções, e em breve eu precisaria decidir sobre uma data para a homenagem que a Vogue Italiana queria me fazer, pelo ensaio que fiz para a revista sobre a vaidade da mulher sertaneja, em Penaforte, no Ceará. Mas no momento, eu precisaria apenas lidar com a proposta do Michel Fontes, para um importante editorial de surf.

Estava reunindo umas propostas de projetos quando a sineta do estúdio

soou. Eu havia marcado com o Michel, mas ainda era cedo. Certamente, ele havia errado o horário.

Dei uma corridinha, pois não queria fazê-lo esperar, mas quando abri a porta, dei de cara com o Lucien.

— *Bitch!*

Ele tinha as mãos apoiadas no marco da porta e olhava-me com sua sobrelanceira erguida em um arco perfeito.

— Lucien...

Ele nem esperou que eu lhe desse passagem. Abriu a porta e invadiu o estúdio.

— Que porra aconteceu, Bellanne Fraise? Volto de *Ibiza* e encontro quase trinta ligações perdidas do Viking; meu *pequeto*, daqui do condomínio, me diz que te viu entrar e eu sou o último a saber?! Que merda está acontecendo?!

O homem lindo, alto, super elegante e cheiroso estava bem no meio do meu estúdio, de mãos na cintura, batendo a ponta do seu bico fino italiano e com uma cara de quem me daria umas palmadas a qualquer momento.

Eu estava sem fala.

— Lu...

— Lu, uma ova, Bellanne! — Apontou para o sofá do *lounge*. — Senta a bunda aí e me conta. Agora!

Obedeci sem pestanejar.

— Me perdoe...

— Não. Nem em mil anos irei te perdoar. Como assim?! — Ele sentou na ponta do sofá, ao meu lado, e gesticulava sem parar. — O mundo desaba, *Copenhague* em chamas e você não me dá nem um sinal?! Cadê o loiro? Por que ele não está no seu pé, como sempre? As trinta ligações perdidas dele não devem ter sido para saber como eu estou. O que rolou, Jezebell?

Respirei fundo. Meu coração estava tão acelerado quanto o Lucien.

— Nós terminamos.

Ele abriu a boca e os olhos.

— Você pirou?!

Revirei os olhos e me joguei para trás, desabando no encosto do sofá. Sem poupar detalhes, contei-lhe tudo, desde o meu primeiro passo em *Copenhague*, até o momento em que decidi ter o bebê.

Lucien tinha as mãos em concha, tapando a boca, e estava pálido.

— Puta que pariu, Bell! Eu vou ser dindo?! Sim, porque claro que serei o

padrinho. E dou na cara da vaca da Letícia ou da sonsa da Tati se...

— Lucien! Você escutou a parte em que eu disse que estou na merda?!

Com evidente remorso, ele abaixou os ombros.

— Ah, meu amor... — e me puxou para os seus braços. — Me desculpe. É que eu... Ah! Não acredito que isso seja o fim. Não posso acreditar. O maior *shipp* de todos os tempos?! Não. Deve haver algum meio...

— Não há, Lu. O Erik passou de todos os limites, me machucou demais, me desrespeitou. — Meus olhos arderam, mas já não havia lágrimas para correr. — Não consigo sequer me imaginar ao lado dele. Não daquela forma.

— Mas ele te ama, Bell. Ele há de pensar direito e mudar.

Ergui a cabeça e encarei meu amigo.

— Não sei se é uma questão de simplesmente mudar, Lucien. O pai dele é assim e eu vi o Erik seguir o mesmo caminho. Sabe lá se não é um traço de família, algo que ele não possa...

— Está maluca, Bellanne Fraise? O que o Erik tem é falta de bom senso. É falta de umas verdades no meio da cara e uma boa sessão de BDSM, e como submisso, que e é para deixar de ser manipulador, isso sim!

Respirei fundo para não rir com a imagem que se formou na minha mente. Precisava manter-me séria, senão, o Lucien transformaria minha dor num circo, só para me arrancar risos. Voltei a encostar a cabeça em seu peito.

— E eu só preciso de paz, Lu. Preciso tocar meus projetos. Agora que terei um filho, tenho que começar a pensar mais em mim, em meu futuro... E no meu futuro não cabe um manipulador.

De repente, o Lucien puxou o ar com força e se empertigou, olhando-me assustado.

— Virgem Maria! Ele é o pai, criatura! Como será isso?

Soltei o ar, cansada.

— Eu sei que ele é o pai, lógico que sei. Só não sei quando ele saberá disso.

Recostei-me no sofá, sentindo-me exausta por ter recordado tantos detalhes dolorosos, na minha narrativa.

— Mas ele saberá, não é? Por mais que eu esteja querendo socar a cara do Erik, não é certo esconder algo assim.

Olhei séria para ele.

— Lucien, eu te proíbo de contar sobre a minha gravidez para alguém. Nem para a Let ou a Tati e, muito menos, para o Erik. Ouviu bem? Na hora certa eu direi. E a hora não é agora.

Ele ergueu as mãos, na defensiva.

— Quem sou eu, para ir contra uma mulher que deve estar com os hormônios ensandecidos?

E quando dei-lhe um tapa leve no ombro, para ele deixar de gracinhas, escutamos o interfone tocar.

— Olha... — Apontei para a porta da rua. — deve ser o Michel Fontes.

— O Michel?! — E sua expressão de espanto logo transformou-se em um par de olhos estreitos e ameaçadores. — Bellanne, você é uma mulher grávida. Se comporte, criatura!

— Comporte-se você, Luciano! — E levantei, enquanto sorria, leve como há algum tempo não me sentia.

— Estarei no escritório, de olho em vocês! — avisou.

Lucien passou correndo por trás de mim, dando-me um tapa na bunda, antes de se trancar em meu escritório.

— Seja bem-vindo!

Abri a porta do estúdio com um sorriso para meu novo colega de trabalho.

Ele, um moreno sexy, com um olhar safado e um sorriso cativante, segurou minha mão e beijou-a.

— Estou me sentindo um ganhador da loteria por, enfim, ter conseguido esse contrato, Bellanne Fraise!

Gargalhei, porque ele fez parecer realmente uma oportunidade única e inigualável.

— Entre, Michel, e sinta-se à vontade. — O encaminhei para o pequeno *lounge*, em meio ao espaço imenso do estúdio, e nos sentamos lado a lado.

— Nossa, Bell... Isso aqui é um achado! — Ele olhava ao redor, admirado. — O pé direito é o mais alto que já vi! E que vista!

Orgulhosa, olhei o lago através das imensas janelas que, no momento tinham as cortinas abertas, deixando passar a incrível luz natural.

— Sim. Era uma pequena oficina metalúrgica, acredita? Foi incorporada ao condomínio, mas queriam demoli-la. Comprei e levei mais de seis meses para deixar exatamente como eu queria.

E quando tornei a fitá-lo, o Michel tinha os olhos pousados em mim, sedutores.

— Obrigado. — disse, seduzindo-me.

Sorri, embevecida, mas sem compreender.

— Por que, "obrigado"?

— Por me ceder um espaço em sua agenda. — Observei sua mão correr pelo encosto do sofá e suavemente tocar meu ombro. — Eu busco esse espaço há um bom tempo.

Voltei a fitá-lo, divertida.

— Michel... — Meneei a cabeça e lhe sorri, advertidamente. — A agenda que abri para você foi a profissional, não esqueça.

Ele sorriu, charmoso.

— Para chegar a você, ainda preciso vencer o dinamarquês, não é mesmo? Por onde ele anda?

Involuntariamente, acabei baixando o olhar e mordendo o lábio.

— Ele está em *Copenhague*. Não estamos mais juntos.

Michel ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Sério?! — E mal conseguindo conter o sorriso, perguntou: — Bellanne Fraise está solteira, enfim?

Olhei para os equipamentos dispostos no estúdio: o tripé, os *softboxes*... Embora não estivesse mais com o Erik, não me sentia solteira. Não como antes.

— Estou solteira... — e voltei a fitá-lo —, mas não disponível, Michel.

Ele fez uma expressão de lamento divertido.

— Eu sou paciente. Já provei isso.

Sorri para ele, mas achei que era melhor mudar de assunto.

— E o que tem em mente para o editorial?

Michel não respondeu de pronto, apenas ficou me olhando, como se tentasse ver algo além do que havia ali, até que coçou o nariz e saiu do seu transe.

— *Hawaii*, Bell. Você iria ao *Hawaii* comigo?

Ri, pensando em tudo que aquele convite implicava. Eu estava grávida, ele estava dando em cima de mim e uma viagem com ele, agora, não me faria bem.

— Temos um bom tempo de planejamento, antes dessa viagem, não?

Sorrindo, assentiu.

— Você é durona, Bellanne. O que me deixa ainda mais encantado. — Então, retirou do bolso um *pendrive* e me entregou. — Olhe esses arquivos. Aqui tem um vídeo com imagens que estamos trabalhando, além de um portfólio bem legal dos nossos melhores editoriais, apenas para que entenda a

premissa da revista.

E quando eu ia pegar o *pendrive* da sua mão, ele o puxou sutilmente.

— Contudo... Saiba que você tem plena liberdade para inovar. Surpreenda-me, Bell... Ainda mais.

E mesmo quando deixou meu estúdio, sem que eu lhe desse a menor esperança, o Michel ainda tentava me seduzir.

Fechei a porta e olhei o *pendrive* em minhas mãos, pensando no quanto o Lucien iria se divertir, vendo fotos de surfistas sarados durante toda a tarde.

Erik

Parei na frente da casa de dois andares com um belíssimo jardim. Não havia placa mencionando um consultório, nem loucos na porta. Olhei para os dois lados e criei coragem. Toquei a sineta, aguardando impaciente.

Segundos depois, um homem de meia idade abriu a porta e sorriu para mim.

— Lars?

Assenti e ele deixou-me entrar.

A casa era de arquitetura rústica, mas aconchegante. Toda em madeira, com belos tapetes e móveis modernos. O homem me encaminhou até uma sala e fechou a porta atrás de si.

— Sou Per Bohr — e estendeu a mão para mim. — Mas pode me chamar apenas de Per.

Admirei seu aperto firme.

— A Soraia Lars indicou...

— Sim, sim... Soraia. Ela é uma mulher adorável e falamos muito sobre vocês nas duas últimas vezes que nos vimos. — Per sentou em uma poltrona e indicou-me o sofá à sua frente. — Ela está muito preocupada com você, Erik. Posso chamá-lo de Erik?

— Claro que sim.

Per era um homem muito simpático, de aparência tranquila, gentil e, podia jurar, gostava de cozinhar. A estante ao lado era dividida entre livros das mais diversas linhas de terapias e culinária.

— É *chef* nas horas vagas? — Apontei para a estante. Ele sorriu.

— Sim. Gosto de cozinhar massas e, por sinal... — Apontou para a porta. — Se importa de acompanhar-me até a cozinha? Me deu muita vontade de comer uma lasanha e... — Ele parou e me fitou, em dúvida. — Tudo bem para

você, se conversarmos na cozinha?

Eu sorri, frente àquele convite inusitado.

— Não... Está tudo bem.

Seguimos para cozinha e, de fato, a panela no fogo fumegava e havia uma série de ingredientes sobre a bancada da ilha. Sentei sobre um banco e debrucei sobre a mesma bancada.

— Você deve estar estranhando, um terapeuta atender em casa. — Eu apenas meneei a cabeça, confirmando que aquilo era mesmo pitoresco. — Não recebo todos aqui, mas a Soraia... Bem, foi um pedido especial e agora, vendo você, eu a entendo.

Ergui as sobancelhas e passei-lhe o aipo que me pedia.

— O que vê em mim?

Per vestia um avental e observava-me, com um leve sorriso nos lábios.

— Você não combina com consultórios, Erik. — Concordei silenciosamente. — E com cozinha? Já cozinhou alguma vez?

— Algumas coisas.

Ele me jogou um objeto e só depois de agarrá-lo, reparei que se parecia com um instrumento de tortura.

— Comece descascando umas cenouras. — E apontou para a cesta de metal ao meu lado. — Depois poderá cortá-las, enquanto me conta porque a Soraia acha que você precisa de ajuda.

Descobri sozinho como usar o tal aparelho nas cenouras e, mais tarde, como o Per conseguiria entrar em minha mente sem que eu me desse conta.

Duas horas depois, estávamos sentados à mesa, empanturrados da lasanha mais esdrúxula e deliciosa que já comi, e eu já havia lhe contado boa parte da minha vida. Era fácil, com o Per inserindo piadas e também compartilhando seus momentos comigo. Era uma forma bastante inusitada de se fazer terapia.

No fim daquela noite, eu saí da casa do Per um pouco mais leve, mais pela companhia agradável do que pelo alívio das minhas penas.

De fato, duas coisas eu podia concluir: uma, é que ele era mesmo muito bom profissional, pois só agora, no caminho para o hotel, dava-me conta de que lhe contara muitas coisas que levaria meses para contar a alguém; e duas: ele estava tão encantado pela Soraia quanto ela por ele.

De uma forma bastante cruel e cheio de culpa, porque ela é a esposa do meu pai, fiquei feliz pela Soraia. Ela merecia mesmo alguém melhor. E nessa hora, foi como se uma bola de ferro batesse no meu estômago, porque, assim como a minha madrastra não merecia o Axel, a Bellanne também não merecia

alguém como eu.

Com este novo e estranho sentimento de culpa, sentei na cama, com o celular entre as mãos. Eu precisava saber dela, o que andava fazendo, se sentia a minha falta como eu sentia a dela. Cansado de pensar e ponderar, fiz a ligação.

— Olá, Erik!

Sorri, sentindo que não havia hostilidade em sua voz.

— Tudo bem?

— Tudo, e você? Ainda na Dinamarca?

— Sim. Ainda. — Eu sabia exatamente o que falar, mas não sabia como. — Lucien, como está a Bellanne?

Ele falou algo com alguém ao seu lado, antes de me responder. Parecia estar no caixa de uma lanchonete, algo assim.

— Está levando, né Erik? Trabalhando muito, curtindo a "*bad*", mas está indo. E você?

Apertei os lábios, morto de vontade de estar com ela, enchendo-a de beijos e carinhos.

— Não estou bem, e acho que nunca mais ficarei bem. — Ele fez silêncio, então, continuei. — Eu sinto muito a falta dela.

— Vocês estavam tão bem... Como isso pôde acontecer?

Respirei fundo, controlando minhas emoções.

— Eu me descontrolei, Lucien. Passei dos limites, fiquei cego no afã de protegê-la e simplesmente atropeli tudo, como um trem descarrilhado.

— Foi uma grande merda mesmo, cara. Você é muito louco, se achava que... Bem, isso não é da minha conta. E eu nem posso te ajudar, porque a Bell não conversa sobre o assunto e nem a Let e a Tati sabem ainda que vocês terminaram e que Bellanne está no Brasil. Sendo assim... Nem seja louco de ligar para elas.

Eu não ligaria.

— Lucien, por favor, apenas me dê notícias dela. Estou preocupado, estou com saudade... A falta que sinto dela está me matando.

Ele suspirou tão fundo, que pude escutá-lo.

— Ah, Erik... Sabe que sempre fui o maior torcedor desse romance, mas a pisada que você deu... Faz assim, amigo: dê mais um tempo. Ela precisa de espaço e, mais do que tudo, precisa ver que você está realmente arrependido.

E ficar insistindo nesse papo de que o que fez foi justificável, não é uma boa.

Convicto de que absolutamente ninguém pensava como eu, me despedi e agradei mais uma vez. Se eu realmente queria a Bellanne de volta, teria que descer no lugar mais fundo do meu ser e revirá-lo pelo avesso. E por ela, eu faria isso, por mais doloroso que fosse.

Bellanne

— Bell! Bell!

A voz estridente da Mari ecoou através das janelas. Eu estava na área externa, atrás do estúdio, e testava as lentes que acabavam de chegar pelo correio.

Calada estava, calada fiquei. O que quer que fosse, logo ela me encontraria.

Cliquei os pássaros do outro lado da lagoa, mudei o foco e a abertura do obturador, divertindo-me com aquela pequena joia, porque o preço da lente fora digna de uma joia *Tiffany*.

— Bell?! — Ela aproximou-se e eu continuei mudando o foco. — Podemos conversar?

Olhei a garota loira, delicada, de olhinhos puxados e barriga pontuda.

— Dá uma olhada nessa lente, Mari. — Ofereci a máquina a ela que, resistente, olhou de qualquer jeito pelo visor, mas logo voltou a me encarar. Pelo seu semblante, algo sério havia acontecido.

— Bell, precisamos mesmo conversar.

— O que houve? Não deveria se estressar assim, Mari.

Comecei a caminhar de volta ao estúdio e ela me acompanhou.

— Houve que estive na dra. Angélica hoje.

Estanquei diante da porta de correr dos fundos.

— O bebê está bem?

— O meu, está. — Ela pousou as mãos na cintura e me olhou diretamente.

— E o seu?

Uma onda de gelo percorreu minhas veias.

— Que meu?!

Virei-lhe as costas e entrei pelo pequeno corredor, passando pela copa, e quando cheguei ao *lounge*, Mari já estava novamente ao meu lado. Eu não pretendia negar, apenas queria ganhar tempo.

— Bell, eu vi seu nome lá, na agenda da médica. Uma ultrassom

obstétrica! Não existem muitas Bellannes no mundo, não é?

Revirei os olhos depois de colocar a máquina fotográfica sobre a mesa de centro e me dirigi à cafeteira.

— Não deveria ficar xeretando a agenda alheia, sabia? — Ela não me deu resposta, e quando olhei por cima do ombro, Mari estava de pé, com os braços cruzados sobre o peito, me olhando com o semblante aborrecido. — Ok, Mariana. — Me servi de uma dose de café muito menor que a habitual e fui sentar-me no sofá. Ela me acompanhou. — É isso, Mari... Estou grávida. Absolutamente grávida. Irremediavelmente grávida.

— E por que não me contou? — Seu tom era doce, apesar de estar claramente decepcionada. — Pôxa, Bell... Você foi comigo na dra. Angélica!

Olhei para o líquido preto na minha caneca em formato de lente fotográfica.

— Eu não estava pronta para compartilhar, Mari. — Ergui o olhar e vi seus olhos lindos brilharem para mim. — Não sei o que fazer.

Mari suspirou e aproximou-se, encostando seu ombro no meu.

— Posso te ajudar. Podemos nos ajudar, Bell. — E após alguns segundos de absoluto silêncio, ela continuou: — Bell... O Erik sabe, né?

Não tive coragem de encará-la, apenas mexi a cabeça, negando.

— Não acredito nisso, Bell!

Ergui a cabeça, reunindo o máximo de dignidade.

— Eu preciso de um tempo, Mari. Não sou ingênua de achar que posso esconder um filho do Erik, mas não tenho força suficiente para isso agora.

Mariana soltou o ar com força e deixou a cabeça pender no encosto do sofá.

— Não acredito que depois daquele seu discurso de que o Teo tinha direito de saber do nosso filho, agora é você quem está querendo esconder isso do Erik.

Fechei os olhos e também recostei a cabeça no encosto do sofá, lembrando perfeitamente do que lhe disse naquele dia, mas a Mari recordava palavra por palavra:

— Bell... Esse "carocinho aí dentro, também é do Erik". — murmurou e algo dentro de mim desmoronou.

— Eu sei, Mari... Você tinha medo do Teo achar que era um golpe. Comigo é diferente... Eu terminei com o Erik. Preciso apenas de um tempo, Mari. Só um tempo.

Ela virou a cabeça para mim e nos encaramos.

— Estamos juntas, tá? — Mari uniu nossas mãos e entrelaçou seus dedos nos meus. — Vai dar tudo certo.

Levei sua mão aos meus lábios e beijei-a.

— Obrigada, Mari. — E voltei a fitá-la, linda na luz da tarde.

Eu já podia vê-la com um bebê nos braços. Será que ela também me via assim?

16º Capítulo



CAPÍTULO 16

Bellanne

Há mais de quinze dias eu havia voltado da Dinamarca e ainda não tinha me reunido com meus amigos e família. Minha mãe e Margie tentaram vir me visitar, mas como eu sabia que veriam meu estado emocional estampado no rosto, inventei todas as desculpas possíveis.

O papai e o Lucien estavam sendo meu esteio, mas com a Let e a Tati, havia trocado apenas algumas palavras, e sentia que lhes devia atenção. Por isso, decidi que havia chegado a hora de pôr as cartas na mesa.

Por uma questão de espaço, utilizei a casa dos meus pais, e o *buffet* de crepe francês que contratei já estava devidamente instalado no *deck* do lago. Eu observava minha irmã e o Anderson, trocando carinhos no sofá; meu pai, curioso, interessado no mercado do crepe, cobria de perguntas o garçom do *buffet*; Letícia e Lucien conversavam na mesa da varanda, enquanto a Tati falava ao celular.

Minha mãe aproximou-se de mim com uma expressão engraçada que eu conhecia bem. Era a curiosidade em pessoa.

— Estava com saudade, bebê. — E beijou meu rosto. — Como foi em *Copenhague*?

Me escondi atrás do copo de suco e dele sorvi um longo gole.

— Foi triste, mas o Mateo está se recuperando.

— E o Erik, quando volta?

Suspirei, porque toda vez que escutava o nome do Erik, parecia que algo se retorcia dentro de mim.

— Não sei, mãe. Quando puder.

Ela me olhou com espanto e eu ignorei as entrelinhas.

— Bell, já provou o crepe de gorgonzola? — Tati juntou-se a nós, guardando o telefone no bolso da calça. — Está delicioso!

— Vou provar sim, Tati.

— Tatiana, já contou a novidade para a Bell?

Minha mãe bebericava seu vinho com um olhar malicioso para a minha amiga, que ficou visivelmente constrangida.

Fiquei alerta.

— Que novidade, Tati?

Minha mãe beijou-lhe o rosto e afastou-se rindo, depois de lançar a bomba da discórdia.

Tati sentou no banquinho ao meu lado.

— Bell... — Ela esfregou as palmas das mãos nas coxas cobertas pela calça jeans cor de rosa. Eu sempre disse que o tom da sua pele, um marrom acobreado, ficava divino sob o rosa. Uma verdadeira covardia. Tati ergueu o olhar, me encarando. — É que eu e o Alex... A gente está morando junto.

Em segundos construí mentalmente os últimos meses e como tudo ao meu redor se configurou sem que eu me desse conta.

Nos últimos meses, a minha vida fora monopolizada pelo Erik. Ou melhor, eu dei-lhe a minha vida e, por mais indigno que isso pareça, eu não estava arrependida de um único dia vivido ao seu lado.

— Nossa, Tati! Isso é muito legal!

Abracei minha amiga com sincera alegria. A verdade é que a minha relação com o Alex era basicamente amizade e sexo, e eu não tinha a menor saudade do sexo que fazíamos. Não depois de ter conhecido o Erik.

Meu estômago ardeu.

— Ele e o Junior estão se dão tão bem, Bell, que você nem acredita! São quase como melhores amigos!

Ri alto, escorregando para descer do banco.

— Posso imaginar, Tati. O Alex é um cara incrível e você e o Junior são ainda mais incríveis. Estou orgulhosa dessa família, de verdade.

Eu a abracei e, segurando sua mão, puxei-a para a varanda. Aproximei-me da mesa larga onde estavam todos os outros, com exceção da mamãe.

— Amigos, família... Eu queria falar uma coisinha com vocês.

A Tati tinha o braço envolvendo a minha cintura e dei-me conta de que sentia falta do seu carinho.

Todos me olhavam curiosos. Busquei meu pai e Lucien, e eles estavam ali, me dando apoio.

— Eu tenho duas notícias para vocês, mas quero pedir que...

— Espera... Espera. — Minha mãe chegou correndo, com seus passinhos curtos, e sentou ao lado do papai. Esperei que se acomodasse para que eu continuasse.

— Como eu dizia... Reuni vocês aqui hoje porque são importantes para mim, mas o que tenho para dizer, quero que fique aqui, que sejam discretos...

— Respirei fundo porque era difícil e doloroso. E saber que iriam me perguntar sobre os motivos, causava-me angústia. — E não quero mais voltar a tocar no assunto.

Margie me olhava séria e, de algum jeito, nos comunicávamos pelo olhar. Senti como se ela soubesse parte do que se passava e parecia tão ansiosa quanto eu.

— Eu terminei com o Erik.

Meus olhos correram imediatamente para a minha mãe, que abriu a boca, estupefata.

Eu mal terminei de fazer um resumo extremamente vago do que nos levou ao término e as pessoas começaram a me questionar e lamentar, mas lancei-lhes um motivo ainda melhor para os burburinhos:

— E eu estou grávida.

Os três primeiros segundos foram de silêncio e espanto, mas logo a Tatiana me abraçou, parabenizando-me e quebrando o gelo. Em seguida, a Margie agarrou-se a mim tão forte, que quase sufoquei.

Os paparicos seguiram acerca do bebê, mas não houve sequer uma palavra sobre o meu término com o Erik. Admirei-os por isso, até que a Letícia me abraçou e sussurrou ao meu ouvido:

— Eu sinto muito, amiga. Digo... por você e o Erik. — Let estava com as pontas dos cabelos em tons de verde, estava bonita. — Mas um bebê é bem legal, não é?

Rimos e me afastei para olhá-la direito. A luz do sol batendo no mensageiro dos ventos, com o qual o Erik havia presenteado a mamãe, em seu aniversário — uma peça linda, composta por pedaços de vidros coloridos —, refletiu em seus cabelos, dando-lhe ares de fada. De tão envolvida nos meus próprios problemas, eu não havia me dado conta do quanto sentia a falta dos meus amigos.

— Ainda estou assustada, Let. Dessa coisa de ser mãe, até agora, só conheci os enjoos que, graças à *Jah*, estão melhorando.

Ela acariciou meu rosto e ergueu-se na ponta dos pés para beijar minha testa.

— E o Erik nisso, amiga?

— Na hora certa ele saberá do bebê e certamente fará seu papel de pai com maestria. Não estou preocupada com isso. Você também não deveria ficar. E o Caio, por que não veio?

Ela abaixou o olhar e umedeceu os lábios, para depois voltar a me encarar.

— O Caio está todo envolvido no seu Canal do *Youtube*. Finalmente ele se encontrou, Bell, e eu estou muito feliz. Estamos felizes!

Seus olhos brilhavam, mas logo voltaram a ficar perdidos. Eu conhecia a Let bem demais.

— Let, o que há? Estou vendo sua tensão, amiga. O que está acontecendo?

Ela enfiou as mãos nos bolsos do macacão indiano e balançou a cabeça, negando.

— Não vou te preocupar com meus problemas, Bell. Você já tem estoque de problemas para um ano!

Fiz uma cara engraçada, estreitando os olhos para ela.

— Deixa disso, Let. Desembucha!

Ela respirou fundo e entortou a boca, fazendo bico.

— Bell, não quero parecer insensível... Eu te amo e sabe que estou do seu lado, custe o que custar, mas você é quem conhece o Erik... Acha que ele seria capaz de retirar o patrocínio da Drakkar do canal do Caio?

Fiquei surpresa, pois não sabia desse patrocínio. Como péssima amiga, sequer dei uma olhada no canal do seu marido, mas podia imaginar que era mesmo um sucesso, a julgar pelo brilho nos olhos da Let. Se havia uma mulher que acreditava no companheiro, ainda que fosse contra todos os prognósticos, essa era a Let.

Segurei suas mãos e olhei bem dentro dos seus olhos.

— Let, eu sequer sabia que a Drakkar estava patrocinando o canal do Caio. Essa foi uma decisão do Erik e só dele. Independente do que nos levou ao fim, o Erik é um homem honrado e um executivo irreparável. Não acredito que nada do que nos aconteceu irá afetar a parceria da Drakkar com o Caio.

Ela assentiu, parecendo mais tranquila e me abraçou.

— Mesmo que afetasse, ainda assim eu estaria com você, irmãzinha. — Beijou-me no rosto e senti seu amor aquecer meu peito. — Depois iremos conversar sobre o que aconteceu, não é? — sussurrou ao meu ouvido. — Posso dormir em sua casa quando quiser, então, conversaremos a noite inteira e tomaremos boas doses de vinho. Basta me chamar.

Sorri e beijei seu rosto.

— Isso vai demorar, amiga. Não poderei beber por pelo menos dois anos.

Ela levou a mão à boca, surpresa.

— Verdade, Bell! Deus do céu, esse guri nem chegou e já está afetando a nossa amizade!

Rimos juntas.

— Mas você ainda poderá passar a noite em minha casa. Me dê mais cinco ou seis meses e você será muito bem-vinda. As noites serão agitadas com um bebezinho.

Ela estreitou os olhos, fingindo estar aborrecida, mas logo começou a rir.

— Vai me deixar comprar uns *bodies* descolados para o bebê, não vai?

Revirei os olhos, imaginando o que a Letícia tinha em mente. E quando ela tornou a me abraçar, cheia de carinho, meu pai juntou-se a nós, envolvendo-me em seus braços, por trás, fazendo com a Let um sanduíche de mim e pousando as suas mãos grandes em meu ventre.

— Serei vovô! — Sussurrou contra minha bochecha, enquanto Let afastava-se atrás de algo para beber. — Tem ideia do quanto isso me faz feliz, Bella Anne?

Fechei os olhos e deixei-me embalar pelo movimento do seu corpo. As mãos quentes aquecendo meu ventre, acariciando a vida que havia ali.

— Ei! Levanta a blusa, Jezebell!

Olhamos para o Lucien, empunhando seu celular, pronto para tirar a foto mais perfeita do mundo, com a luz do final de tarde refletindo nos vidros coloridos do mensageiro dos ventos, descendo sobre o lago ao fundo e meu pai com um sorriso de ofuscar as melhores propagandas de creme dental. Então, ergui a minha camiseta, prendendo-a sob os seios, e abaixei o cós de elástico da calça de viscose, exibindo a barriga de catorze semanas que já

apontava saliente, mesmo a minha barriga passando longe de ser um tanquinho.

E ante a beleza daquele momento, abri meu sorriso, deixando escapar a luz que começava a crescer em meu peito e em meu ventre.

Duas horas depois, meus amigos já haviam ido embora. Enfim, levantei do sofá onde estava deitada com a cabeça no colo da Margie, que passara a última hora fazendo planos de decoração para o quarto do meu "carocinho", do qual ainda nem sabíamos o sexo.

Peguei minha bolsa, beijei a Margie, o Anderson e o papai, e fui despedir-me da mamãe, que lia um livro em seu quarto.

Ao me aproximar, mamãe estendeu o braço e segurou o meu, convidando-me a sentar em sua cama, ao seu lado. Eu o fiz e ela ajeitou-se, recostando-se nos travesseiros.

— Bell, seu pai veio aqui e me contou tudo o que aconteceu. — Baixei os olhos, pensando em como evitar aquela conversa. Não pela mamãe, mas porque era muito doloroso e eu queria só esquecer. — Meu amor... Eu sinto tanto!

E me puxou para um abraço, mas não demorou nada e me soltou. Então, segurou meu rosto entre suas mãos.

— Acontece, mãe. Relacionamentos terminam.

Ela apertou os lábios, lamentando.

— O que ele fez foi muito feio, Bell. Ele não tinha esse direito. Fiquei muito aborrecida!

Assenti.

— Quero apenas esquecer, mãe.

— Mas Bell, e esse filho, agora?!

Ela tinha a preocupação estampada nos olhos e suas mãos acariciavam meus braços.

— Mãe... Não serei a primeira mãe solo do mundo, e não é como se esperassem outra coisa de mim, né? — E ri, para tentar descontrair, lembrando o fato de que sempre fui a "torta" da família. — Além do mais, tenho certeza de que o Erik não irá se opor à paternidade, embora eu não precise dele.

Minha mãe meneou a cabeça, me reprovando.

— Bellanne, você não faz ideia do que é criar um filho sem pai.

Suspirei, cansada.

— Ele terá pai. Ele apenas não terá os pais juntos!

Com pesar, ela abaixou os olhos e acariciou minhas mãos.

— Bell... O Erik errou muito, eu sei. Ele fez coisas que eu realmente desaprovo. — Ergueu apenas os olhos e me encarou. — Seu pai está muito decepcionado com ele e eu também, mas vocês eram tão felizes... Formavam um dos casais mais lindos que já vi! Eu nunca a vi tão radiante, minha filha!

Aquilo estava sendo uma sessão de tortura. Minha mãe estava enfiando uma faca em meu peito... e girando.

— Mãe... Vamos parar de lamentar...

— Bell, minha filha... Sei que precisa de um tempo e acho mesmo que precisa dar uma dura nele, mas amor... Os homens são assim mesmo, mandões, autoritários, querem ter domínio sobre tudo... — Eu escutava, mas meu cérebro já pressentia onde aquilo iria dar e começa a puxar o freio de mão, desesperado para rebobinar aquela conversa. — Cabe a nós, mulheres, sabermos conduzir, fazendo-os pensar que mandam em nós, mas não... nós é que mandamos.

Franzi o cenho, sentindo-me no meio da neblina, sem enxergar o caminhão que vinha me atropelar.

— Bellanne... Acho sim, que deve dar um gelo bem dado no Erik. Deixa ele rastejar, mas não seja tão dura. Ele te ama com loucura, sabemos disso. — então, ela sorriu. — Pense aí... Será que não há mesmo jeito do meu neto nascer com os pais juntinhos, como uma família normal?

Abri a boca, mas as palavras não saíam, e ante o meu silêncio, ela recomeçou e sequer notou minha comoção.

— Filha minha, ele errou, mas ele te ama, e você também o ama, eu sei.

— Mãe... — balbuciei, incrédula. — Não foi apenas um "erro", não minimize as coisas.

Soltei minhas mãos das dela e levantei, sentindo-me mal.

— Mãe! Olha pra mim! — Nos encaramos: ela sentada na cama e eu de pé. — Sou sua filha! Sou, antes de tudo, uma mulher! Acha que mereço ser enganada?! Mereço ser manipulada, ter minhas decisões meticulosamente controladas, minha opinião suprimida? — Ana Maria desviou o olhar, fazendo pouco das minhas palavras. — Olha pra mim!

Elevei a voz e ela voltou-se com o olhar duro, reprovador.

— Sou Bellanne, mãe! Sou uma mulher que precisa tomar decisões diariamente. Eu decido que contas pagar, decidi que apartamento comprar, que trabalhos aceitar e se quero ou não ser mãe! Acha que eu mereço, simplesmente, aceitar que um homem feche meus olhos, tampe minha boca e

decida por mim?!

— Você está fazendo uma tempestade em um copo d'água, Bellanne! Não é para tanto! Estou certa de que ele está arrependido!

Senti mãos me segurarem e soube que era o meu pai, porque ele sussurrava-me coisas, mas eu não o compreendia.

— Ah! Eu sei que está, porque não é em qualquer esquina que ele irá encontrar uma Bellanne! — gritei — Ele está arrependido porque sabe que eu tenho fibra, que sou dona do meu nariz, e ele é inteligente o suficiente para valorizar isso. Acontece que não quero o seu arrependimento! Eu mereço mais que isso! Mereço que mude suas atitudes, que mude sua forma de pensar!

Ana Maria levantou-se da cama e também ignorou as súplicas do meu pai e da Margie, para que se acalmasse.

— Agora, você acha certo as pessoas mudarem pelas outras, Bellanne? Ainda lembro do seu discurso sobre "edição de pessoas" — fez as aspas com os dedos, ironicamente. — propagado em cada reunião familiar! Então, agora quer que o Erik "se edite" por você?

Estanquei, surpresa por ela jogar minhas convicções ali, bem na minha cara.

— Não quero que ele mude por mim... — balbuciei, insegura — Quero que mude por ele mesmo, porque mereço um homem que queira ser cada vez melhor, porque *eu* quero ser cada vez melhor. Ou não mereço, mãe?!

Ela respirou fundo, uma... duas vezes.

— Merece sim, Bell. Você merece o melhor do mundo! Você merece um homem que te valorize, que te respeite, que tenha orgulho das suas atitudes... Eu, mais do que ninguém, sei que você é merecedora de tudo que há de melhor. Mas...

— Mas o quê, Mãe?! — vociferei, irritada.

— Calma, Bell, olha o bebê. — Meu pai alertou, ao segurar meus ombros.

Eu estava mais indignada do que nervosa.

— Mãe, como pode defendê-lo? Erik me humilhou, mentiu para mim, me enganou, me expôs, me diminuiu enquanto uma pessoa capaz de tomar decisões! Ele julgou-me incapaz!

— Eu não o estou defendendo! Acontece que esse monstro, esse homem insensível, manipulador, mentiroso de quem você está falando, também é o homem que te fez feliz por meses! É o homem que alcançou, em seu coração, um lugar que ninguém jamais alcançou e, para isso, para alcançar tão “alto

patamar”, conhecendo você como conheço, acredito que ele tenha dado até mesmo “nó em pingo de éter”! Esse homem, merece mesmo todo esse seu rigor? Ou será, Bellanne, que o seu tão estimado orgulho é que foi ferido de morte?

Eu paralisei, completamente atônita, como se tivesse sido atropelada por um tufão! Desvencilhei-me das mãos do meu pai e me afastei.

— Eu preciso de ar.

Virei as costas, passei pela Margie na porta do quarto e depois pelo Anderson, sentado no sofá. Meu pai me seguiu, preocupado.

Eu sentia-me fora de mim, quase anestesiada.

— Bella, eu levo você, meu anjo. — Entrei no carro, mas ele não me deixou fechar a porta, segurando-a. — Bella, fala com o pai... Não vai assim.

Olhei para ele e foi como descer à Terra.

— Eu estou bem pai, apenas chocada, mas estou bem.

Ele meneou a cabeça e antes que liberasse a porta para que eu partisse, meu celular tocou. Era o Lucien.

— Bell, ainda na casa da realeza?

Não consegui achar graça.

— Estou saindo, Lucien. O que foi?

— Nossa! É verdade essa merda de hormônio na gravidez, né?

— Estou irritada. Fala logo.

Ele respirou fundo e eu escutei seu suspiro.

— Então, se prepara para piorar um pouco mais: Acabei de saber que o Erik está voltando e temos uma reunião com ele e o Thomaz, na Drakkar, na próxima semana. Dá pra você, mãe-leoa?!

Não lhe respondi, apenas desliguei o telefone e pendei a cabeça para a frente, apoiando-a no volante. Eu estava exaurida!

— O Erik está voltando. — murmurei.

Meu pai tocou em meu ombro e, usando de toda sua autoridade, ordenou:

— Vai para o lado do carona. Agora é que não te deixo dirigir mesmo!

17º Capítulo



CAPÍTULO 17

Erik

Meu pai sentou no sofá e nos puxou, a mim e ao Teo, para debaixo dos seus braços. A mamãe riu, dizendo que parecia uma galinha com seus pintinhos.

Era o nosso dia de cinema, mas nem precisávamos sair, pois tínhamos um telão com um projetor incrível, e o papai, às vezes, me deixava convidar alguns colegas da escola.

Hoje, era o dia da família e eu queria muito assistir ao filme “*Free Willy*”, mas a mamãe queria assistir a uma comédia chata. Então, o pai combinou algo muito legal comigo: ele chamaria a mamãe para ajudá-lo a preparar uns sanduíches, e assim que eles saíssem da sala, eu deveria colocar o filme “*Free Willy*” e começar a assistir. Desta forma, quando eles voltassem, a mamãe não teria coragem de tirar o meu filme. E foi o que fiz.

Ao retornarem para a sala, me encontraram deitado no tapete, completamente entretido pelo filme e a mamãe, sem remédio, sentou ao meu lado e assistiu comigo até o final.

Eu e o papai trocávamos olhares, cúmplices, e senti que ele era mesmo o máximo, porque nada lhe era impossível!

Escutei ao longe a voz do Dr. Bohr, me chamando. Minhas pálpebras estavam pesadas e eu quase não conseguia abri-las. A boca seca, um suor frio cobrindo minha pele e a sensação esquisita de que eu ainda estava lá, naquela sala de cinema na nossa casa.

Bohr ajudou-me a sentar no sofá.

— Nossa! Dessa vez foi... — Eu ainda arfava. — Foi bem mais real! Diferente.

Ele riu e ofereceu-me um copo d'água, que foi bem-vindo.

— É estranho mesmo. A regressão é um método muito eficaz, mas tem lá seus efeitos colaterais. Ainda mais quando se vai mais fundo, como fomos hoje. O que está sentindo?

Fiz uma rápida avaliação do meu estado.

— Fisicamente... a cabeça pesa, como se eu estivesse com muito sono, e meu coração está disparado, como das outras vezes, mas... — Estendi o braço à minha frente. — Olha! Estou suando frio.

Ele cruzou as pernas e assentiu lentamente.

— É normal, Erik. Quanto mais profundo se vai nas lembranças, mais elementos preenchem as lacunas e isso traz consequências. E o emocional, como está?

Meneei a cabeça, cheio de dúvidas.

— É meio aflitivo. — e ri, nervoso. — Eu revivi aquele momento como se, de fato, estivesse lá novamente. Foi muito mais intenso do que das outras vezes. Mais real.

Novamente ele assentiu.

— Sim. Até hoje, havíamos nos limitado às lembranças, tendo você como mero espectador. Precisávamos levá-lo à situação de forma atuante. Você começou a acessar um local da sua memória que resgatou não apenas as recordações, mas todo o sensorial.

Eu entendia o que ele dizia. Foi como aqueles sonhos assustadores, que são extremamente reais. Eu senti até mesmo o cheiro dos sanduíches de *foie gras*.

— E o que você achou? — Perguntei, quando Bohr levantou e foi até o seu aparelho de som. O CD com músicas de *Bach* havia terminado. — Essa

lembrança teve alguma importância?

— Sempre tem, Erik. — Ele colocou outro CD e reconheci a sinfonia "Noturno", de *Chopin*, uma melodia densa e triste. — Eu apenas ofereço estímulos, como uma indução a determinadas emoções, mas é você quem acessa a lembrança que seu inconsciente julga necessária.

Pensei sobre aquilo.

— E sabe por que, inconscientemente, escolhi aquele exato momento?

Bohr voltou a sentar-se ao meu lado.

— Ao que parece, você nutria uma admiração pelo "*modus operandi*" do seu pai conseguir tudo o que queria. Que tipo de emoção sentiu, Erik?

Fechei os olhos, me concentrando.

— De fato, me senti fascinado por ele. Talvez, até com um pouco de inveja da forma como ele conseguia transformar tudo a seu favor.

Causou-me espanto, entender que algum dia eu já senti admiração pela manipulação do meu pai. Se eu não tivesse visto e sentido por mim mesmo, jamais acreditaria.

Bohr sorriu e me encarou.

— Em algum momento essa admiração transformou-se em aversão. Acha que está preparado para mais uma imersão, ou prefere que façamos outro dia?

Era fato que eu estava abalado pelas emoções vividas, mas se aquelas recordações iriam me ajudar a entender e a mudar, então, eu não iria adiar.

— Estou pronto.

E com um gesto, mandou que eu deitasse no sofá.

— Feche os olhos e respire, calmamente, prestando atenção à sua respiração. — A música ao fundo relaxava meus músculos e como aquela já era a nossa quarta sessão de hipnose, facilmente esvaziei a mente. — Volte sua atenção apenas para a minha voz e sua respiração...

Estávamos na mesa da varanda que ficava no *deck* de trás da casa. Era verão e o sol atravessava as folhas das árvores e caía sobre os cadernos e livros, espalhados sobre a mesa.

Silje Paaske era a garota mais bonita da escola e eu estava tendo a chance de ensiná-la álgebra. Timidamente, ergui os olhos e admirei seu cabelo escuro, contrastando com a pele muito clara, com sardas cobrindo seu nariz delicado. E quando nossos olhares cruzaram e ela sorriu para mim, senti meu rosto queimar. Seus olhos negros eram firmes, profundos.

— Você irá ao concerto, Erik? Tocarei *Bethoveen*.

Desde aquele verão, comecei a interessar-me por música clássica.

— Irei sim, claro.

Nos viramos, surpresos com a chegada repentina do meu pai no *deck*. Àquela hora, ele deveria estar no escritório.

Ele olhou de mim para a Silje e eu a vi abaixar a cabeça, tímida.

— Erik, por favor, ajude Britta e sua mãe com as telas que acabaram de chegar. Sua mãe me veio com essa agora, de voltar a pintar.

Pedi licença e fui ajudar a mamãe. Eu estava radiante porque ela iria pintar e eu poderia ir com ela e ajudá-la a escolher as cores, talvez até os cenários. Eu tinha quinze anos e, apesar de não ter o seu dom, já começava a compreender a sensibilidade por trás das pinceladas.

Contudo, as duas dispensaram a minha ajuda, pois já seguiam escada acima com as telas, então, retornei ao *deck* bem a tempo de presenciar a cena que causou uma rachadura indelével na boa imagem que, com muito esforço, eu ainda preservava do meu pai.

— Você é a filha do Paaske, não é? — Axel pousou a mão no encosto da cadeira da Silje e eu só me detive porque achei estranho meu pai iniciar uma conversa com alguém que não fosse da família ou importante o suficiente para merecer sua atenção. — Seu pai é um bom funcionário. Gosto do trabalho dele.

Silje sorriu e eu me derreti. Aproximei-me, retornando à minha cadeira.

— Obrigada, senhor Lars.

Meu pai sorriu para mim e ali continuou.

— Querida... Além de estudar com o Erik, você também é colega dele nas aulas de francês e de golf?

Silje olhou-me, furtivamente.

— Não, senhor. Apenas na escola.

— Ela está no conservatório, papai. A Silje toca piano. — Inconscientemente, era a minha forma de mostrar ao pai que a distância cultural entre eu e ela não era tão grande assim. Para ele, não fez a menor diferença.

— Ah! — Axel sorriu para a garota. — Certamente já se apresentou na Casa Real! O Erik é um queridinho da rainha. Sabia que ela o chama de "príncipe"? Não é mesmo, Erik?

Silje me olhou, nervosa, e eu comecei a constranger-me.

— Não, senhor... Eu nunca estive na Casa Real e nem com a rainha.

— Claro, claro... Perdoe-me. Esqueci que seu pai é o Paaske. Ele jamais poderia frequentar a Casa Real.

Meu pai falava olhando nos olhos da Silje e eu a vi lacrimejar. Aquilo me doeu de uma forma absurda e, dentro de mim, surgiu um desejo sem igual de defendê-la, de protegê-la dele, mas meu pai não me deu chance.

— Erik, peça licença novamente à sua colega. Vamos viajar essa noite para Berlim e você precisa arrumar sua mala. — Então, virou para a Silje, exibindo um sorriso que deu arrepios. — Infelizmente a Silje não poderá nos acompanhar. Iremos a um concerto magnífico, mas apenas pessoas especiais são convidadas. Apesar de ser um excelente funcionário, o Paaske precisaria nascer novamente para frequentar os mesmos ambientes que frequentamos.

E saiu rindo, como se tivesse contado uma mera e inocente piada.

E quando o Axel se retirou, eu me sentia tão mal, que nem tive ação, quando a Silje pediu desculpas, recolheu seus livros e saiu correndo, com lágrimas molhando seu rosto tão perfeito.

Naquela noite, durante o concerto, escutei duas sinfonias de *Bethoveen* pensando em Silje e no meu pai. Sentindo-me inútil, pequeno, atado, até mesmo usado. E quando voltamos, sentados lado a lado no jatinho fretado, Axel segurou em minha mão e disse-me para visitar a Silje no dia seguinte, para despedir-me dela e desejá-la sorte, pois seu pai acabava de ganhar uma promoção e seria transferido para Moçambique.

Coincidentemente, dias depois, fui induzido a ensinar piano à Hedda, minha prima mais nova que viera morar conosco por um tempo, enquanto seus pais viajavam à trabalho.

Eu não tive escolhas, ninguém me perguntou se eu queria estar com a Hedda, se eu queria voltar a escutar um piano ou se eu estava triste por perder a minha amiga. E quando me vi, estava sentado ao lado de Hedda, ensinando-lhe piano para que ela se apresentasse para a rainha. Exatamente como o meu pai desejava.

Abri os olhos com pavor e tentei levantar, puxando o ar em desespero, como se emergisse do mais profundo oceano.

A mão do Bohr deteve meu peito, forçando-me a voltar a deitar no sofá, mas eu me sentia sufocar, meus olhos ardiam e eu sentia o couro do sofá machucar minhas mãos, de tanto que eu apertava suas costuras.

— Respire, Erik! Respire devagar!

Eu tentava, mas não conseguia. A sensação de pânico me fazia querer levantar e correr. A dor no meu peito era palpável e crescia, tomando meu estômago e todo meu corpo. A mão do Born pesava em meu peito, forçando, detendo-me, em contraste com sua voz suave que aos poucos trazia-me de volta ao presente.

Nem isso foi suficiente para deter o pranto que subiu pela minha garganta, porque naquele momento de consciência, eu entendi tudo.

Revivi a sensação de ser usado, de ser enganado, de ter a vontade ignorada. Fui exposto e humilhado, porque ali, naquele *deck*, apesar da intenção do Axel ter sido a de humilhar a Silje e me proteger do que ele julgava ser indevido, no caso, a nossa amizade, era *eu* que tinha sido o mais massacrado.

Sentei no sofá e escondi o rosto nas mãos, envergonhado.

— Erik, beba um pouco de água. — Bohr insistia, mas ignorei o copo que me oferecia, porque estava demasiadamente constrangido. — Erik... Eu sei que foi demais, porém, você precisa equilibrar-se.

Ele desistiu da água e me estendeu um lenço, que aceitei.

Bohr olhava-me quieto, paciente, quando ergui o olhar rapidamente, evitando encará-lo.

— Eu fui tão horrível quanto ele, Per. — Por não conseguir encará-lo, olhava o brilho do assoalho de madeira polida. Assoalho que, em cada uma das nossas sessões, eu buscava como fuga. — A Bell tinha razão quando disse que eu era como ele.

Per Bohr descruzou as pernas e voltou a cruzá-las, para o outro lado.

— O que lhe fez chegar a esta conclusão, Erik?

Precisei de um tempo para pensar em como contar tudo o que senti, sem que as sensações voltassem tão fortes.

Aos poucos, relatei minhas percepções e emoções sentidas naquela *viagem*. E ao final, estava novamente em lágrimas, coberto de remorso e perdido, sem saber o que fazer para curar a ferida que causei na pessoa que mais amava.

— Agora que sabe o que a Bellanne sentiu, ficará mais fácil encontrar o caminho de volta, Erik. A empatia é a melhor maneira de nos redimirmos, de identificarmos nossos erros.

Ergui o olhar para Bohr.

— Acha que ela irá me perdoar?

— Antes de lhe responder, quero fazer-lhe outra pergunta... Independente das consequências dos seus atos, Erik, e mesmo que fosse para defendê-la de um grande mal, você faria a Bellanne passar novamente por essa dor? Pela dor que você mesmo já experimentou?

Engoli seco e olhei para as minhas mãos. O sentimento de remorso é contraditório, porque ao mesmo tempo que nos traz luz e libertação, também nos arrasta para um dor profunda, nos tragando para dentro de nós mesmos.

É como se uma parte de mim estivesse apodrecida e, agora, consciente disso, eu conseguia sentir o seu cheiro de putrefação. Então, tudo o que restava era extirpar essa parte de mim, pois a dor da amputação nunca seria tão grande quanto a dor dos meus atos.

— É melhor estar morto, Per. Não suporto sequer a ideia de causar-lhe uma dor dessa novamente e, se eu pudesse, a faria esquecer, porque envergonha-me ter sido o responsável.

Ele sorriu como uma aprovação, e isso aliviava parte da minha tensão.

— Respondendo à sua pergunta, Erik... Ela irá perdoá-lo, amigo. Em algum momento, ela também terá essa empatia tão necessária ao perdão.

Apertei os lábios um contra o outro e aquiesci, conformado.

— Não desista, Erik. Não desista da Bellanne e muito menos de você. Sei que a ama de uma forma que nunca soube ser possível amar. E, até onde me consta, não há nada mais forte e poderoso do que o amor.

Preso a esta possibilidade e ainda mais à vontade de me tornar uma pessoa melhor, por mim e por ela, despedi-me do Per Bohr, embora eu soubesse que o veria ainda muitas vezes. Sabia que não demoraria, ele e Soraia também descobririam a força do amor.

E sob suas severas recomendações de que eu deveria seguir com o tratamento no Brasil por tempo indeterminado, deixei sua casa.

Eu precisava despedir-me de outras pessoas e arrumar minha mala. A minha redenção e o perdão me aguardavam. Eu precisava acreditar nisso para prosseguir.

Bellanne

Depois de quase uma hora de catatonismo na varanda, enquanto perdia meu olhar no oceano e os pensamentos em Erik, sacudi a poeira, tomei doses cavalares de audácia e decidi que aquela era a hora em que eu precisava ir ao apartamento do Erik recolher todas as minhas coisas de lá, antes que ele

chegasse.

Quando lá cheguei e, temerosa, abri a porta do apartamento, não consegui entrar de imediato. A sala estava impecavelmente arrumada e a cheirava a coisa nova: traços da Rita, que certamente estava indo limpar a casa regularmente, mesmo estando vazia.

Acendi as luzes e, mais uma vez, admirei o gosto sofisticado e ao mesmo tempo simples do Erik. Os móveis em tons pastéis, os objetos caros, mas simplistas e de bom gosto; as cortinas suaves, os quadros da sua mãe e a elegância nos detalhes... tudo refletia sua personalidade, que eu tanto admirava.

Fechei a porta atrás de mim e atravessei a sala direto para o quarto. Se eu tinha que pegar o touro, que fosse à unha.

Acendi a luz e uma profusão de imagens de nós dois naquela cama me assaltou. Não precisava ser assim. Eu deveria conseguir entrar, jogar as minhas coisas em uma sacola e sair sem sequer lembrar-me de coisa alguma. *Jah* poderia fazer isso por mim, não é?

Mas não. Deus me mostrou o travesseiro que, muito provavelmente, ainda tinha o cheiro do Erik. Mostrou também seus fones de ouvido prediletos, sobre a mesa. Mostrou ainda que o armário não estava devidamente fechado e que lá eu encontraria suas camisas. E se abrisse espaço entre os cabides e ali mergulhasse, teria a vaga sensação do seu abraço.

Respirei fundo e abri o meu lado do armário.

Coloquei a sacola de viagem sobre a cama e, mecanicamente, comecei a jogar minhas coisas dentro dela.

Para todo canto que eu olhava, nossa presença se fazia viva: cada canto daquele quarto foi ocupado por nós em um ou outro momento. Cada cadeira, cada parede era testemunha de uma convivência linda, cheia de amor e boas lembranças.

Eu sabia que seria dolorido voltar ali, mas não imaginei que fosse tanto.

Entreí no banheiro e em segundos abracei tudo o que era meu e joguei por cima das roupas na sacola. Apanhei o livro da *Anaïs Nin* sobre a prateleira e esbarrei na nossa foto, posta no porta-retratos. Na foto, Erik me abraçava por trás e mordida o lóbulo da minha orelha, enquanto ríamos largamente.

Lembrava-me bem daquele dia. Era o meu aniversário e havíamos ido passar o final de semana em Noronha.

Eu jamais esqueceria isso. Eu jamais esqueceria o Erik.

Funguei e tentei desviar meus pensamentos. Precisava ir embora, precisava me afastar. E quando estava finalmente fechando a sacola, minha camisola enganchou no zíper. A tal camisola que, certa vez, Erik me fez vestir no provador da loja, com a desculpa de que queria sentir a textura da seda sobre o meu corpo. Uma das poucas vezes que fiquei constrangida, pois a vendedora acabou nos flagrando.

Num reflexo, tirei a camisola da sacola e devolvi ao armário, deixando-a na parte de baixo, em um canto, como quem não quer nada, e saí rapidamente, antes que me arrependesse.

Por mais que eu estivesse com raiva dele, não queria que me esquecesse e aquela camisola iria infernizar suas primeiras noites no Brasil.

E por essas coisas que só o tempo nos explica, ao fechar a porta da casa, veio-me à mente um trecho de uma música do Chico Buarque... *"Se entornaste a nossa sorte pelo chão, se na bagunça do teu coração, meu sangue errou de veia e se perdeu..."*

Erik

Fiquei surpreso pelo próprio Mateo ter vindo me receber à porta. Usava muletas, sustentando-se.

— Olha só! Não era para estar na cama?

Abracei meu irmão e ele sorriu para mim.

— E esse semblante mais leve é o quê?! — Ele notou. — Vai me dizer que falou...

— Não. Não falei com a Bellanne.

E antes que pudesse lhe contar os avanços com o Dr. Bohr, Hedda entrou na sala, acompanhada do Yves. Estavam abraçados e, feliz, concluí que haviam mesmo retomado o noivado.

— Seja bem-vindo, Erik! Vai tomar café conosco?

Ainda era cedo, mas eu precisava correr porque meu voo sairia dali a cinco horas.

— Não, Hedda, obrigado. — Cumprimentei o Yves e ele me retribuiu com genuína simpatia. — Estou indo para o Brasil.

Todos fizeram silêncio por breves segundos e, pelas suas expressões, pareciam me perguntar: "tem coragem?".

— Está mais do que na hora, meu irmão. — Mateo segurou a manga do

meu paletó e puxou-me para o sofá. — Precisa ir arrumar as coisas.

Assenti e olhei para a Hedda, que se aproximava.

— Erik... Desejo que faça boa viagem. — Com um sorriso frio, agradeci. — Olha... Se quiser, posso falar com a Bellanne, sobre o mal-entendido.

Neguei veemente.

— Não, Hedda. Melhor esquecermos tudo isso. Ela terá que acreditar por mim, não por você.

Minha prima sorriu, aquiescendo.

— Não esperaria outra coisa de você, Kivo. É honrado o suficiente para isso e a Bellanne é muito inteligente. Vocês irão se entender.

Mordi o canto do lábio, pensando nas suas últimas palavras, torcendo para que se tornassem realidade.

— Eu espero, Hedda.

Ela soltou um beijo terno para mim e segurou a mão do seu noivo.

— Vamos dar uma volta, Teo, mas não iremos demorar.

Observamos o casal sair e bater a porta.

— Esses dois já se acertaram, agora, só falta você e a Bell.

Contive o sorriso, mirando o chão.

— E a Soraia... a Sílvia, tem notícias?

Na verdade, eu queria saber o que o Axel estava tramando, porque andava quieto demais para o meu gosto.

Teo gemeu, ao tentar colocar a perna sobre a mesa de centro e eu o ajudei.

— A Sílvia está em tratamento. Está internada em uma clínica de desintoxicação numa cidade ao sul. Já a Soraia... Bem, a Britta me disse que ela e o Axel não estão bem. Que eles têm discutido como ela jamais viu. A Soraia finalmente pediu o divórcio, mas o Axel não aceita.

Então, era isso. O mundo do Axel desmoronava e ele andava ocupado tentando salvar alguns pedaços.

— Ele não lhe dará o divórcio. — Lamentei pela Soraia, que é uma ótima pessoa. — Ela terá que ser firme.

— Ela está firme, Erik. — Olhei para o Mateo, admirado pela notícia. — Ela está muito mudada, mais alegre, segura de si. Não sei o que está havendo, mas ela não ficará com o Axel.

Sorri, de um jeito espontâneo que há tempos eu não fazia. Eu sabia o que estava acontecendo: era o Bohr que estava salvando a Soraia também. E ela estava sendo muito, muito corajosa.

— Queria poder ficar e apoiá-la.

— Eu também, mas não se preocupe. A Hedda está com ela, está dando-lhe todo apoio, como uma verdadeira amiga.

Isso aqueceu meu coração e, realmente feliz, passei o braço sobre os ombros do Teo.

— E você, quando irá?

— Quando o médico liberar. Até lá, estarei aqui com a Hedda, fugindo do assédio do Axel e torcendo por você e pela Soraia.

— E sonhando com seu filho. — Completei.

Ele sorriu largamente.

— E com minha princesa Mariana. Estou morto de saudade dela.

Puxei Mateo para um abraço apertado e beijei sua testa. Eu o amava demais.

— Está tudo certo com o avião que fretei. Você irá com a companhia de uma equipe médica.

— Não precisa isso, Kivo.

— Claro que precisa. Você está tal qual uma múmia, como acha que seria dentro de um avião comercial?

— Ridículo, certamente.

Rimos juntos e nesse clima gostoso de saudade feliz, me despedi do meu irmão e de uma parte muito ruim da minha vida. Uma parte que eu gostaria de apagar, esquecer.

À minha frente havia uma montanha imensa a ser escalada chamada Bellanne, e eu a escalaria, custasse o que custasse. Seria uma subida íngreme, eu sabia, e eu a faria com toda honestidade, mas também com todas as ferramentas. Eu estava disposto a gastar até o último recurso, mas eu não ficaria sentado, vendo o amor da minha vida, a mulher mais maravilhosa do mundo, simplesmente ir embora. Eu a faria lembrar porque se apaixonou por mim.

18º Capítulo



CAPÍTULO 18

Erik

Eu parti de *Copenhague* com a sensação de que por longos anos não voltaria por lá. Amo a Dinamarca e sempre amarei, mas precisarei de um tempo para apagar as coisas ruins que tive a infelicidade de viver ali.

Os primeiros raios de sol da manhã atravessaram as janelas do aeroporto e atingiram-me, quando eu saía da área de desembarque, fazendo-me atentar para a realidade de que eu estava no Brasil. Outra terra amada e que tantas coisas boas me trouxe, principalmente a Bell.

Após a viagem cansativa, eu estava desejando uma chuva e horas de sono. Só então me sentiria restabelecido.

Peguei um táxi e algum tempo depois chegava em casa. Assim que entrei, uma sensação esquisita me invadiu: o perfume dela estava ali, conservado nas partículas do ar, ou talvez fosse apenas a minha saudade causando um efeito físico.

Inspirei com a angústia apertando meu peito.

Joguei a mala em um canto qualquer e fui direto para o quarto.

Instintivamente, saí buscando seus rastros nas prateleiras, no sorriso do retrato, na gargalhada tão espontânea soando pela casa... Fui direto ao armário com a certeza de que ela não tinha tido coragem de sumir da minha vida assim, de uma vez, mas quando entrei no *closet* e escancarei as portas do armário, deparei-me com o vazio.

Seu cheiro adocicado invadiu minhas narinas e fechei os olhos, sendo transportado para os seus braços, para a curva do seu pescoço.

Sentindo o peso do mundo, abaixei a cabeça e apertei ainda mais os olhos, na esperança de ficar preso nas lembranças.

Sua falta me assustava. Dava-me até certo desespero saber que ela não iria chegar.

Abri os olhos e, num ato covarde da minha desgraça, vi a camisola amontoada no canto do armário. Eu mesmo havia escolhido aquela: a seda cor de chumbo. Novamente, fechei os olhos e revi nós dois no provador, seu rosto lindamente corado de vergonha e tesão.

Puxei o ar, sentindo uma dor muito além da metáfora, e fui direto para o chuveiro, evitando ater-me aos objetos, às lembranças. Minutos depois joguei-me na cama do jeito que estava, pelado, e apaguei.

Já estava tudo escuro quando acordei e minha barriga roncava. Vesti uma cueca e caminhei pela casa até parar na porta do escritório. Nem sei quanto tempo fiquei ali, revendo nossa última vez naquela sala... Bell e o colar de pérolas.

Caminhei até a mesa e abri a gaveta. Sorri ao ver o colar. Rita o havia guardado. Lembro de tê-lo visto no chão, antes de recebermos a notícia sobre o acidente do Teo.

Apanhei o colar, enrolei-o na mão, beijei suas contas, mas o devolvi à gaveta.

Na cozinha, comecei a mexer nos armários e geladeira. Verificando as datas de validade dos produtos, me atrevi a fazer uma massa simples e só quando fui me servir é que me dei conta de que tinha feito comida para duas pessoas.

Comi sem muita vontade, contudo, sentia fome. Construí a cena onde Bellanne estaria sentada com as pernas sobre a cadeira, ao meu lado, limpando o canto da minha boca com sua língua, acariciando minha coxa sobre a mesa.

Deus! Como eu sentia a falta dela! Era quase uma doença que não me deixava um só segundo!

E por não suportar mais, levantei, vesti uma calça e uma camisa de malha e saí. Eu sequer sabia o que iria fazer, mas precisava vê-la. Nem que fosse de longe.

O relógio do painel apontava quase 20 h, quando parei o carro ao lado do calçadão e olhei para o alto. As luzes da sala e do quarto dela estavam acesas, ela estava em casa.

Engoli seco e respirei fundo, tentando me acalmar. Assustado com minhas reações, coloquei a mão no peito só para constatar o quanto o meu coração estava disparado.

Debrucei sobre o volante e fiquei observando, esperando que ela aparecesse na varanda, na janela... que fosse descer para correr no calçadão, quem sabe...

Animado com essa última possibilidade, estacionei o carro na vaga ao lado do calçadão e desci. Encostei no capô e olhei para o visor do meu celular. O telefone dela sempre caía na caixa de mensagens e eu podia apostar que ela havia trocado o número. Eu conseguiria fácil o seu número novo, mas de nada adiantaria, porque ela o trocaria novamente. Essa era Bellanne Fraise, a mulher geniosa que eu tanto amava.

Bellanne

Eu estava grávida, não morta. Por isso, aceitei o convite do Lucien para ir jantar com uns amigos nossos. Ao menos, iria me divertir, esquecer um pouco do caos que estava sendo a minha vida.

Coloquei um tubinho preto mais soltinho e um sapato de salto médio. Apanhei os *maxi brincos* na penteadeira e olhei o celular, buscando alguma mensagem do Lucien.

— Onde diabo você está, Lucien?

Depois de retocar o batom, e sentindo-me impaciente, fui até a varanda dar uma olhada se ele estava chegando.

O trânsito estava intenso como sempre, mas nada do Lucien. O vento fresco balançou meus cabelos e eu inspirei o ar salobro vindo do oceano.

Senti tanta falta disso...

Admirei o calçadão. Ainda não tinha me atrevido a voltar a correr. Com a gravidez, eu andava insegura quanto ao que seria prudente ou não fazer, mas lá estavam os atletas noturnos, as garotas nos patins e...

Todo meu corpo retesou e foi como se pedras de gelo escorregassem pelo meu estômago.

Deus do céu... É o Erik!

Pisquei rápido, tentando enxergar além do normal, querendo ter certeza de que era ele. Eu estava apenas no quinto andar, mas era possível que meus olhos estivessem me traindo.

Não... Meus olhos não estavam me traindo, era o Viking! Encostado no carro, com os braços cruzados sobre o peito, lindo, perfeito em sua loirice nórdica, com seu porte que fazia as mulheres quase quebrarem o pescoço para olhá-lo. Era ele, olhando diretamente para mim, sério, fixo.

O susto veio meio segundo depois, quando meu raciocínio lógico registrou a informação de que Erik Lars estava parado na porta da minha casa, olhando para mim.

Dei um passo para trás, recuando, e entrei em casa, desabando sobre o sofá. Comecei a hiperventilar, respirar rápido, sem conseguir encher os pulmões.

Erik está aqui! Minha mente repetia e repetia, como se não pudesse crer.

E foi quando meu celular tocou. Quase pulei do sofá e, por pura sorte, o celular não foi ao chão.

— Cheguei, Jezebell.

— Lu, o Erik! O Erik está aí.

— Claro que não, maluca! Por que eu...

— Eu estou dizendo que ele está aí, droga! Olha discretamente para o lado. — e eu, o mais discretamente possível, fui até a janela do quarto, com a luz apagada e por trás das cortinas. Ele continuava lá, e o vi esticar-se para olhar o carro do Lucien. — Não fala com ele Lucien! Vaza! Vaza!

— Vazar pra onde, Bellanne? Tá louca?!

Eu estava apavorada!

— Não sei... dá uma volta no quarteirão! É o tempo que levo para descer.

— Eu via o carro do Lucien continuar parado e o Erik fazer menção de atravessar a rua. — Vaza, merda! Ele vai querer falar com você!

Então, finalmente, Lucien moveu o maldito carro!

— Você é louca, mulher! — Lucien gargalhava e eu não conseguia ver onde estava a graça. — Bellanne, loouuca! Você viu como o homem está um

tesão?! Ainda mais gostoso, Bell!

Meu coração parecia que iria arrebentar a caixa torácica e minhas pernas estavam bambas. Nervosa como nunca, apaguei todas as luzes da casa e saí.

— Vá se foder, Luciano! — O ordinário ainda ria de mim ao telefone. — Estou descendo. Assim que você parar aqui, vou voar para dentro do carro. Não quero dar chance dele falar comigo.

— Está com medinho? — O idiota do Luciano gargalhava por cima das músicas sertanejas que ele amava e vivia escutando no carro.

— Medinho terá você, se continuar com essa palhaçada. Venha logo, Lu!

Desliguei o celular já entrando no elevador. Estalava os dedos, tensa. Mordia o lábio, tentando controlar meus arroubos. Ele estaria ali, do outro lado da rua. E se ele viesse falar comigo? E se me tocasse?

Quanto mais pensava, mais histérica eu ficava. Então, comecei a respirar rápido, como "cachorrinho", tentando oxigenar o cérebro para não desmaiar, até que cheguei ao saguão e, através das grades e por trás das plantas da entrada do prédio, eu o vi mais claramente.

Ele estava mesmo lindo, o infeliz! Estava todo atento, olhando na minha direção, e quando abri o portão, foi no exato instante em que o Lucien parou o carro na frente do prédio. Simultaneamente, Erik começou a atravessar a rua e eu saí pelo portão.

Erik

Ela chegou na varando e meu sangue pareceu desaparecer. Tive a impressão de que há anos não a via e meu estômago embrulhou.

Eu cogitava interfonar para ela e pedir que me deixasse subir para conversarmos, quando a vi sumir da varanda. No entanto, notei que estava vestida para sair.

Para onde iria? Estaria saindo com alguém?

Eu traçava cogitações nada agradáveis, quando o carro do Lucien parou na porta do prédio. Sim, eles iriam sair. Para onde?

O trânsito agitado não me possibilitava atravessar a avenida, mas mesmo assim, quando pensei em ir para a faixa de pedestres, o Lucien arrastou o carro.

Ela teria desistido de sair? Pensei, me animando.

Foi uma gota de alegria que encheu meu coração. Agora sim, eu iria interfonar e, enfim, poderíamos conversar. Mas quando, finalmente, o

trânsito parou e eu comecei a atravessar, vi o carro do Lucien parar novamente e, simultaneamente, Bellanne chegar no portão do edifício.

Ela estava tão linda. Elegante, *sexy*, gostosa... como só ela sabia ser. Nossos olhos se encontraram quando cheguei à calçada e ela fechou o portão atrás de si, me encarando. Havia tantas coisas em seu olhar... eu estava gelado, coração aos pulos e não tinha a menor ideia do que dizer, mas ela sequer me deu tempo... Bellanne virou-me as costas, como se eu fosse ninguém, entrou no carro e simplesmente partiu, assim, de forma cruel como também só ela sabia ser comigo.

Vi as luzes traseiras do carro se afastarem, se misturarem e sumirem em meio a tantas outras.

Eu não sabia se algum dia me sentiria pior do que me senti naquele momento.



Tive uma noite de cão!

Não consegui dormir por causa da droga do *jet lag* e Bellanne não saiu da minha cabeça um só segundo.

Onde teria ido? Com quem estava? E ainda tinha seu olhar de desprezo, que me perseguia como um cão perdigueiro.

Meu humor não estava dos melhores quando entrei na Drakkar. Fui educado, mas passei longe de ser simpático.

Cumprimentei as secretárias e fiz questão de olhar duro para a Flávia.

— Bom dia. O Thomaz está? — Apontei para a porta fechada da sua sala.

Flávia balançou a cabeça, confirmando, e eu entrei.

— Erik! — Thomaz saltou da cadeira e veio me cumprimentar. — Cara, você fez muita falta!

Abracei meu amigo e meu humor amainou.

— Também senti sua falta, Tom. — Sentei em frente à sua mesa e ele sentou em sua cadeira. — E aí, gostou da proposta da *HangStar*? A fusão é interessante, embora eu tenha feito uns ajustes que devemos olhar com mais cautela.

Tom meneou a cabeça, sorrindo.

— Erik, você tem um faro incrível para negócios. Quem sou eu para

discutir? Aqui nos negócios, sabemos que eu administro e você caça.

Eu estava agitado, excitado com a volta ao trabalho e, mais ainda, com a reunião que teríamos logo mais.

— E as coisas aqui, tudo em ordem?

— Apenas problemas corriqueiros. E o Teo?

— Teo está ótimo, depois de colocar o pé na cova. — Brinquei, lembrando de uma velha expressão da minha mãe. — Acho que semana que vem, no mais tardar, ele aparece por aqui. E a Lisa, a Sophie? Estou morto de saudade da minha afilhada!

Tom sorriu, orgulhoso das suas mulheres.

— Elas estão ótimas, também com saudade de você, mas... está tudo bem, Erik? Estou te achando meio agitado... — Tom estreitava os olhos, me encarando. — É por causa da reunião de logo mais?

Não fazia ideia de como o Thomaz havia tomado conhecimento, mas eu estava certo de que ele estava a par do meu rompimento com a Bell, assim como eu sabia que a menção à reunião era, basicamente, porque esta seria com Bellanne.

Ponderei antes de falar, mas era o Thomaz... não tínhamos segredos.

— Também. Eu e a Bellanne...

— Eu sei, Erik. — disse, com evidente pesar. — As notícias correm rápido aqui no Brasil. Ela tem sido vista sozinha e, bem... a imprensa é esperta.

Saber que nossa separação era notícia não melhorou meu estado, pelo contrário. Não gostei mesmo de que isso fosse de conhecimento geral.

— Pois é... Será o nosso primeiro encontro, depois que... bem, depois que tudo acabou.

Thomaz balançou a cabeça devagar, assentindo, então, me olhou e franziu o cenho, penalizado.

— Foi coisa do Axel, não foi? É seu pai, e peço perdão por isso, mas... sabe que ele não aceita qualquer coisa que esteja "fora dos padrões". — Olhei para ele, surpreso e incrédulo. — Eu te avisei... A cobrança é grande, Erik. — *Que diabos ele estava me dizendo?!* — Um homem como você costuma andar com modelos internacionais, mulheres ícones de beleza e saúde...

— Que porra é essa, Thomaz?!

Ele parou de falar e me olhou com a expressão de quem não estava entendendo.

— Desculpa, Erik, mas todos nós sabíamos...

Ergui as mãos, detendo-o, e apoiei-as ameaçadoramente sobre a mesa,

logo depois de escorregar até a ponta da cadeira. Eu o encarava com a fúria rodopiando na boca do meu estômago.

— Espera! — Eu meneei a cabeça, crendo que não estava escutando direito. — Acho que não estou entendendo, Thomaz.

Ele me olhava sem jeito, sentindo que tinha dito besteira.

— Deixa eu explicar...

— Explicar o quê, Thomaz?! Que você é preconceituoso e superficial? — Ele abriu os olhos, espantado. — Nem o Axel pensa assim, com tamanha mesquinhez.

Levantei, ainda mais impaciente do que estava quando cheguei, mas lutando para manter o mínimo de controle.

— Thomaz... deixa eu te explicar uma coisa, pela última vez. Não me importo com magreza, com *status*, com condecoração de beleza... essas coisas. Sabe por quê? — Apoiei as mãos sobre sua mesa, debruçando-me e encarando-o. — Porque a Bellanne Fraise é a mulher mais fantástica que eu já conheci! Ela me deixa enlouquecido em todos os sentidos e contextos.

Eu sabia que não era nada educado falar sobre a nossa intimidade, mas eu estava perdendo o controle e, ainda assim, continuei:

— Eu gosto que ela tenha as formas curvilíneas que tem. Gosto de tocá-la, de senti-la. Vê se consegue entender isso de uma vez! — Minha voz vacilava, enquanto eu tentava não gritar. — E o que eu amo na Bell não são apenas suas curvas voluptuosas que, por sinal, me deixam extasiado... eu amo seu olhar, seu sorriso, o seu jeito, seu cheiro... — Parei abruptamente e me dei conta de que Thomaz estava mudo, estático, embora não houvesse qualquer traço de raiva em seu semblante.

Talvez eu estivesse exaltando-me excessivamente, mas ele havia pedido por isso. Eu estava farto de ver pensamentos burros e retrógrados ganharem vazão em uma mente tão inteligente.

— Perdoe-me, Thomaz, mas eu não menosprezo a Sophie por ela, praticamente, ser uma adolescente, de tão magrinha e frágil que é. Eu gosto da sua esposa, meu amigo, mas seus sessenta quilos e sua porcentagem mínima de gordura não são, necessariamente, sinônimo de beleza para mim.

Estava exausto, quando desabei na cadeira, frente a um Thomaz estupefato.

Respirei fundo e procurei me acalmar. Eu havia passado dos limites.

— Perdoe-me, Thomaz. Não quis envolver a Sophie nisso. Me perdoe.

— Tudo bem, Erik. Eu é que sou mesmo um idiota. — Olhei para ele, mas

Tom tinha o olhar baixo. — A Bellanne é uma mulher excepcional e estou certo de que ela é sim, capaz de enlouquecer um homem. — Contraí as sobrançelas, reprovando sua colocação, e ele logo se retratou. — Quero dizer, pelo que você falou.

Engoli o bolo de raiva que havia na minha garganta e deixei-o prosseguir:

— Erik, me perdoe. A Bellanne é maravilhosa, inteligente, linda e talentosíssima. Vocês são dignos um do outro. Eu é que não sou digno da amizade de vocês. Por favor, me perdoe.

Ele estava visivelmente envergonhado e saber do seu real arrependimento me acalmou.

— Tudo bem, Tom. Só não quero voltar a ter essa conversa.

Ele ergueu a cabeça, alarmado.

— Não! Não precisará ter mais. Não comigo.

Olhei para ele e meu amigo tinha os olhos arregalados. Acho que realmente o assustei e, por isso, deixei escapar o riso, frente à sua expressão alarmada.

— Cara... foi você quem me falou da Bellanne primeiro, lembra? — Lembrei-lhe. — Você me falou dessa fotógrafa maravilhosa, inteligente, perspicaz, com um olhar diferenciado...

— E é mesmo! — Ele levantou, animado, e veio para o meu lado. — Por favor, esqueça essa minha falha, Erik.

Eu apenas assenti, realmente disposto a esquecer.

— Está esquecido, Tom.

Meu amigo meteu as mãos nos bolsos e fitou-me com um olhar travesso.

— Erik, essa nossa reunião é para formalizar o fim do contrato da Bellanne, mas tenho uma proposta e quero saber o que você acha.

E depois que o Tom colocou-me a par de tudo, fiquei imensamente feliz pela Bell e por ter a oportunidade de, quem sabe, participar disso. Seria uma honra para mim.

Bellanne

Lucien não parava de falar no viva-voz do carro, enquanto dirigia para a Drakkar. Estava todo animado, flertando com um carinha de Curitiba.

Eu estava "de virote", sem dormir, porque isso me foi impossível, depois de ver o Erik. A comida mexicana não teve sabor, a conversa da turma estava chata, o restaurante cheio demais... Nada estava bom e, no fundo, eu sabia

bem o porquê.

Eu estava nervosa como se estivesse indo encontrar meu primeiro namorado. Minhas mãos suavam, meu coração tinha picos de taquicardia e até os enjoos, que haviam parado de acontecer, visitaram-me hoje cedo.

Ele estará lá, na minha frente, olhando-me com aqueles olhos tão azuis e penetrantes. E eu sei o que ele estará pensando. Inevitavelmente, estarei pensando o mesmo.

A despeito de toda tensão, eu lutava por manter-me impassível. Sabia que não seria fácil encontrar o Erik, olhar para ele... Não seria nada fácil.

— E aí, Bell... — Lu desligou o celular. — Tensa?

Olhei para ele e sorri sutilmente, com o cantinho da boca.

— Pra morrer, mas estou me controlando.

Lucien sorriu e fez um carinho na minha mão.

— É triste ver vocês separados.

Dei de ombros, empurrando para um canto a pontada que senti no peito.

— Também é triste viver sob o comando de outra pessoa, lutando o tempo todo para escapar das manipulações.

— Ai, Bell... Mas nem sempre foi assim, né?

O fitei com falso desdém, apenas para demonstrar uma indiferença que eu estava longe de sentir.

— Não quero pensar no antes, Lu. Não quero lembrar.

Lu ergueu suas sobrancelhas bem desenhadas.

— Bellanne, não se esquece alguém assim, meu bem. Sou *expert* em renascer das cinzas, posso te dar um curso intensivo de como sair da fossa e te digo, não é passe de mágica.

Ele citar o “renascer das cinzas” fez meu corpo estremecer, porque vi claramente a fênix do braço do Erik na minha frente.

— Eu sei, Lu... Mas preciso tentar. — Encostei a cabeça no suporte do banco e olhei a rua, por onde passava um grupo de ciclistas. — A Ana Maria disse que sou orgulhosa. — e voltei a fitá-lo. — Você também acha?

Ele tornou a mexer a sobrancelha.

— É pra ser amigo e sincero ou para fazer você se sentir bem?

Ele nem precisava responder. Nós dois sabíamos a resposta.

— Ele me machucou, Lu. Eu entreguei tudo... tudo ao Erik. Eu me desarmeí, abri mão de tudo que sempre prezei. Eu sonhei uma vida inteira com ele. — Virei a cabeça, olhando meu melhor amigo concentrado na rua, mas também atento a mim. — Ele não se importou em me expor. Eu busco,

Lu... Juro que procuro justificativas para ele não ter conversado comigo, mas simplesmente não há.

Voltei a olhar a paisagem pela janela, fugindo do Lucien que, apesar de manter-se calado, dizia-me muitas coisas com o olhar. Justamente o que eu me negava a enxergar.

— Eu sinto falta dele...

— Eu sabia! — gritou, assustando-me e dando um soquinho no volante. — Não dá para esquecer aquele martelo, querida! — Lucien estreitava os olhos para a avenida agitada à sua frente e balançava a cabeça, mostrando sua suposta sagacidade. — Aquela merda foi forjada com o calor de uma estrela e faz até teletransporte!

Franzi as sobrelanceiras, tentando fazer as conexões, mas desisti.

— Martelo?!

— Martelo do Thor, querida. É só uma metáfora! — E me olhou, indignado. — Cara! Essa fossa roubou até o seu senso de humor?!

Soltei um muxoxo e suspirei. Lucien continuou com suas conclusões:

— Ok, Bell, ele fez merda? Fez! Mas não há nada que uma conversa sincera não resolva.

— Chega, Lucien. — Fui rotunda. — Não tenho nada para conversar com o Erik. Ele acredita que tudo o que fez foi para o meu bem. Ele faz questão de se justificar com essa desculpa.

— De repente, foi só um vacilo. Por que não tentar mais uma vez, Bell?

Suspirei, cansada de falar.

— Porque sei que vai se repetir e eu não sei o que seria de nós, se tudo se repetisse.

Só uma coisa era maior do que a minha dor... O medo de algum dia vir a odiar o Erik.

Antes que Lucien prolongasse aquele assunto e, consequentemente, a minha dor, meti a mão no som e o liguei, dando fim àquela conversa e deixando a voz do *Bruno Mars* invadir o carro.



Em quase um ano de trabalho junto a Drakkar, desenvolvi carinho pelas pessoas que ali trabalham. Desde os seguranças e recepcionistas até os

diretores. E sempre que chegava à sede da presidência, era recebida com sorrisos sinceros e demonstrações de carinho. Assim, cheguei ao *hall* dos elevadores sentindo-me querida e imensamente respeitada.

Entramos no elevador sozinhos e Lucien falava sobre como sentiria falta de estar ali, na Drakkar.

Olhei-me no reflexo do espelho e gostei do que vi. Meus cabelos estavam presos em um rabo-de-cavalo elegante, eu usava uma calça preta de couro *fake* e uma camisa de botões branca e um pouco transparente, deixando perceber o corpete preto que usava por baixo.

— Eu, sinceramente, acho que deveríamos aceitar uma renovação de contrato, caso isso seja...

Lucien falava, mas eu não lhe dava atenção. Aproveitando o momento e a tagarelice do meu amigo, saquei o batom vermelho mate da bolsa e retoquei meus lábios. Com um sorriso sutil, lembrei o quanto o Erik gostava da minha boca rubra, mas logo espantei esses pensamentos. Ergui o olhar dos meus lábios e me encarei no espelho. Eu esperava que os olhos perfeitamente pintados encobrissem a minha noite insone.

Instintivamente, abri mais um botão da minha camisa, deixando insinuante a curva cheia dos seios que, há alguns dias, eu notara que estavam mais voluptuosos. E só quando me dei conta do silêncio, olhei para o meu amigo pelo espelho. Lucien encarava-me com uma sobrancelha sarcasticamente alteada.

— O que é isso?! — Com seu indicador insolente, ele apontava para meu decote, através do espelho.

Meneei a cabeça, um tanto cínica, confesso, porque eu sabia exatamente porque havia aberto aquele botão.

— Nada demais. — Voltei a mirar o espelho, fugindo do seu julgamento. — Apenas sendo eu, meu amigo.

— Você é o diabo, Jezebell. — sussurrou debochado, enquanto o elevador abria as portas. — Não quer saber do Viking, mas está toda oferecida!

Apenas lhe sorri, fazendo pouco do seu deboche.

Logo chegamos ao *hall* da presidência, entre as duas mesas das secretárias. Cumprimentei a Ana Paula, que me recebeu animada, mas ignorei completamente a Flávia. Incomodava-me que ela ainda estivesse na Drakkar, mas entendia o senso piedoso do Erik e me conformei com o fato dela não mais trabalhar diretamente com o ele.

Mas o que eu estava pensando? Que diferença faria isso agora, que eu e

o Erik estávamos separados? Diabo!

— O senhor Erik e o senhor Thomaz estão terminando uma conversa, Bellanne. — Ana Paula sorria-me, com olhos brilhantes. Sua admiração me embevecia. — Quer aguardar na sala de reuniões?

Mas antes que eu lhe respondesse, fui atraída pela claridade que vinha da sala do Thomaz, através da porta entreaberta.

Pela abertura de mais ou menos trinta centímetros eu o vi, e teria sido bem melhor que não o tivesse feito. Erik estava um verdadeiro Adônis, muito mais lindo do que há exatos dezessete dias, quando o deixei. Usava preto, com as mangas da camisa social dobradas, expondo o antebraço forte e de pêlos dourados. Os cabelos crescidos cobriam-lhe as orelhas e ele sorria, apoiando as mãos sobre a mesa do Thomaz, distraído. Tinha uma postura absurdamente dominante naquela posição, exalando masculinidade em cada músculo, em cada pequeno gesto.

Minha boca ficou seca instantaneamente e todo meu corpo acordou, como se respondesse ao chamado daquele homem.

— Bellanne, querida... — Como saída do transe, fitei o Lucien, que pousava a mão sobre meu ombro. — a Ana Paula está perguntando se quer...

Mas o ignorei novamente e, completamente atraída pela visão que tinha, voltei a olhar pela fresta da porta. Todo meu controle e equilíbrio, tão bem trabalhados para aquele instante, simplesmente evaporaram!

Erik havia erguido as costas, mas ainda sorria, quando virou o rosto e nossos olhos se encontraram. Foi como se algo duro e imponente tivesse tombado contra mim. Minhas mãos suavam e minhas pernas amoleceram. Me senti dissolver, ante o seu olhar direto, forte, dominador, e um *mix* de sensações, das mais contrastantes, me atingiu.

— Sim! — Voltei-me à Ana Paula, resoluta e até meio desesperada. — Quero esperar na sala...

— Bellanne!

Virei no impulso e encontrei o Erik de pé na porta, fitando-me. Ele tinha o olhar inquieto sobre mim e logo enfiou as mãos nos bolsos, ao aproximar-se. Momentaneamente, passou uma mão nos cabelos e umedeceu os lábios com a língua. Registrei esse último movimento quase em câmera lenta.

— Olá, Erik. — Consegui murmurar com grande esforço.

Ele calou-se, concentrando-se em mim. Desviei o olhar, mas não por muito tempo. A atração era tanta, que me foi impossível não voltar a fitá-lo.

Seus olhos passearam pelo meu rosto, meu colo e desceram pelo meu

corpo, com uma mescla de desejo e melancolia que me desconcertou. Foi um olhar rápido, apesar de tudo o que transmitiu, e ele logo tornou a me encarar. Puxei o ar pela boca, levemente sufocada, quando o azul intenso do seu olhar chocou com o meu. Repentinamente febril e sedenta, passei a língua furtiva entre meus lábios.

— Tudo bem, Erik? — Lucien aproximou-se e lhe estendeu a mão, ao que Erik correspondeu mecanicamente.

A magia havia se quebrado e, enfim, consegui baixar o olhar e resistir, até que Thomaz aproximou-se e pousou a mão em minhas costas, inclinando-se para me beijar e Erik deu um passo para trás, dando passagem ao sócio.

Não voltei a olhar para o Erik. Lutei firmemente, evitando seus olhos e os seus lábios. Esquivei-me de cobiçar o seu corpo forte, de ombros largos. Briguei com meus instintos e com a vontade absurda que sentia de abraçá-lo, de mergulhar em seu pescoço e roçar em sua barba macia, porque cada traço do seu rosto, perfeitamente esculpido, trazia-me um momento nosso. Cada olhar direto, remetia-me a um dos muitos planos que traçamos juntos.

Ao chamado da Ana Paula, saí do meu torpor e fomos levados à sala de reuniões, a mesma em que estivemos, na ocasião em que nos conhecemos.

Eu deveria ter previsto melhor que aquilo não seria nada fácil. A verdade é que eu estava usando de eufemismo e não lembrava de um momento tão difícil na minha vida.

Caminhei pela sala pensando que eu deveria ter me dado mais tempo, ter me fortalecido o suficiente para não acabar no estado em que estava: frágil, suscetível e quase entregue, porque eu não havia mensurado bem o tamanho da falta que sentia dele.

Sentei de costas para a parede de vidro, que hoje estava encoberta pelas persianas, mas que, ainda assim, deixava vazar a luz que atravessava o azul dos olhos do Erik, sentado à minha frente. O que foi uma grande covardia.

Travei os maxilares, ansiosa. Fixei-me na figura do Thomaz, sentado à cabeceira da mesa e forcei-me a fingir que o Erik não estava ali. Tolice minha, achar que conseguiria.

E assim, em meio a esta aflição, assisti ao Thomaz fazendo uma belíssima apresentação dos resultados da campanha que participei, estando absolutamente consciente do olhar do Erik queimando minha pele.

Feito uma idiota, caí na besteira de lançar-lhe um olhar furtivo e tudo pareceu desmoronar dentro de mim. Deparei-me com o Erik sentado displicentemente, com suas pernas longas estiradas sob a mesa de vidro, os

braços cruzados sobre o peito e um olhar para mim que era pura adoração. Desviei os meus olhos imediatamente e torci a caneta entre os dedos, enquanto o eixo da minha vontade ia inclinando-se aos poucos em sua direção. A ansiedade causava leves tremores no meu estômago e pedi a Deus que aquilo tudo acabasse de uma vez.

— Thomaz, obrigada pela apresentação, mas podemos adiantar? Não quero ser grosseira, mas eu e o Lucien temos um compromisso.

Thomaz sorriu, tenso e um tanto sem graça. Me senti mal por quebrar seu entusiasmo, mas terminar aquela reunião, o quanto antes, era um caso de vida ou morte.

— Claro, Bell, mas... Lucien, você adiantou aquele assunto para ela?

Olhei para o meu amigo e, na virada de cabeça, vislumbrei o Erik, mas não o encarei.

Ele não tirava os olhos de mim, e naquele jogo de gato e rato, eu estava sendo a presa, debatendo-me sob uma armadilha que subestimei e vítima de uma arma que eu não havia previsto: o meu descontrole. A imensa atração que me atava ao Erik.

— Que assunto, Lucien? — Questionei, encarando meu amigo e agente.

Ele olhou para o Thomaz, cheio de cumplicidade.

— Bell, você sabe sobre a homenagem que a Vogue Italiana quer lhe fazer e, embora ainda não tenhamos dado qualquer resposta sobre a data, a Drakkar tomou conhecimento e...

— E seria uma honra se nos permitisse, junto com a Vogue, prestarmos essa homenagem em agradecimento ao seu trabalho excepcional, Bellanne. — Thomaz falava e tinha a minha atenção. Contudo, era o Erik, agora aprumado em sua cadeira e apoiando-se sobre a mesa, é que detinha todos os meus sentidos.

— Eu não sei, Thomaz... — Não achei que seria muito prudente manter qualquer relação com a Drakkar nesse momento.

— Por favor. — Erik finalmente se manifestou e eu o fitei, deliberadamente. — É o mínimo que podemos fazer. Além do que, a Vogue quer fazer essa homenagem aqui no Brasil e nós temos todos os meios para dar-lhes esse suporte.

Respirei fundo. Ele fora extremamente profissional e de alguma forma aquilo me afetou.

O que me propunha era mais uma conexão e eu não me sentia em condições de pensar nisso agora. Queria terminar tudo e ir embora, porque

estava sentindo-me em vias de desmontar como uma boneca de areia em meio a água.

— Vamos tratar do contrato primeiro. — Fui firme.

— E não lhe interessa uma renovação do contrato? — Erik perguntou, enquanto observava suas próprias mãos, cruzadas sobre a mesa. Então, ergueu o rosto e me encarou. — Não é pessoal, Bell. É interessante para a Drakkar e para você.

Engoli com dificuldade e também fitei minhas mãos e a caneta que eu rodava, inquieta.

Renovar o contrato significava vê-lo com frequência. Inevitavelmente, teríamos nosso filho, que nos manteria em contato para sempre. Eu não precisava de mais pretextos para estar com o Erik. Seria torturante.

E quando voltei a encará-lo, o fato de estar escondendo-lhe um filho pesou em minha consciência. Ruborizada, abaixei o olhar, cheia de culpa.

Sutilmente, sacudi a cabeça, dizendo a mim mesma que eu lhe contaria no momento certo, mas não poderia fazê-lo agora. Antes, eu precisava estar mais firme.

— Não, obrigada. Tenho outros trabalhos com os quais já me comprometi.

Erik baixou os olhos e o que vi em seu semblante contorceu-me por dentro. A sua tristeza me atingiu e foi como se, mais uma vez, eu tivesse lhe dito que tudo havia acabado para nós dois.

Respirei fundo para conter as lágrimas que arderam no fundo dos meus olhos.

— Então, ao menos aceite que lhe façamos essa homenagem, em nome da nossa parceria. — Thomaz pediu-me com súplica, e na ânsia de terminar aquela reunião, acabei concordando. Afinal, seria apenas uma noite, uma cerimônia e ponto final.

Thomaz e Lucien comemoraram, mas o Erik apenas esboçou uma sombra de sorriso frio, fosco. Apesar disso, foi impossível tirar os olhos daquela boca tão bem desenhada que, devido à sua coloração rubra e o contorno nítido dos lábios, ressaltava, entre os pelos dourados da barba e do bigode bem aparados.

— Lucien! — Thomaz arrastou a cadeira, levantando vigorosamente. — Acompanha-me até o setor jurídico? Vamos buscar os documentos para o encerramento do contrato.

Eu os vi saindo e sabia que era tudo armado. Onde estava a minha malícia, que não me deixou imaginar que isso iria acontecer?

Recostei na cadeira e peguei o celular na bolsa, apenas para me ocupar, porque não sabia o que fazer com as mãos e os olhos.

— Você mudou o número.

Ergui o olhar para ele que, por sua vez, fitava meu celular.

— Mudei. — Roguei à *Jah* que ele não pedisse explicações, porque tudo o que passei naquele maldito dia em que fui embora voltou à tona.

Ele respirou fundo e prendeu o lábio inferior entre os dentes, enquanto balançava a cabeça sutilmente, assentindo.

— A gente precisa conversar, Bell.

Engoli seco, bem seco.

— Eu não quero discutir, Erik. Já nos magoamos demais...

— Eu quero você de volta, Fraise. — Disse de chofre e, embora mantivesse uma aparente calma na voz, suas palavras me fizeram tremer e meu coração quase saltou à boca. — Você não me deixou explicar... Fugiu de mim, foi imatura, terminando nossa vida com um bilhete sem...

— Imatura?! — Olhei indignada e acabei alterando um pouco a voz. — Quem terminou nossa relação foi você, Erik, quando cerceou minha vontade! Quando me desrespeitou e me expôs. Quando supôs que controlava a minha vida e que fosse meu dono!

Ele abriu os olhos, mostrando com esse único e discreto gesto, que estava surpreso com o que ouvia.

— Nunca achei que fosse seu dono!

Não esperei que ele, novamente, dissesse as mesmas coisas que já havia me dito em *Copenhagen*. Eu não tinha estrutura para passar por tudo aquilo de novo. Eu já estava doída o suficiente.

Levantei e caminhei na direção da saída, mas quando toquei a maçaneta e comecei a abrir a porta, Erik me alcançou e espalmou a mão na porta, fechando-a com um baque surdo, fazendo-me girar e prendendo-me com as costas contra a madeira fria e entre seus braços.

Meu corpo inteiro estava em colapso e o coração trotava contra as minhas costelas. Ali, naquela mínima distância, fui intoxicada pelo seu cheiro, pela sua vibração. O olhar dentro do meu, as mãos coladas na porta, postadas em ambos os lados da minha cabeça e os lábios tão próximos, que seu hálito batia contra o meu rosto, impondo-me a saudade que sentia dos seus beijos.

— Você precisa me escutar, Bellanne!

Eu estava a um passo de deixar-me cair, de humilhar-me ante do homem que me subestimou como mulher. Logo eu, a dona do meu corpo e da minha

vida. Logo eu, que sempre ostentei minha autossuficiência, minha condição de mulher que não aceita cabresto!

— Deixe-me sair, Erik, por favor. — Supliquei, com os olhos fechados para não precisar encará-lo de tão perto. Mas quando escutei sua respiração profunda, como se lutasse por manter o próprio controle, abri os olhos e vi que ele mesmo estava com seus olhos cerrados.

Meio segundo depois, ele os abriu e me encarou.

— Bell, me perdoa. — O azul dos seus olhos invadia a minha mente. — Eu sei que errei.

E se não bastasse o cheiro de homem mesclado ao perfume amadeirado a me entorpecer, quando eu fugia do seu olhar suplicante, caía nos seus lábios, lábios que me pediam perdão.

Eu sentia-me quebrar, ceder cada vez mais, embora não fosse capaz de distinguir se me quebrava de dor ou de saudade.

— Eu te falei sobre desculpas... — Minha voz soou mais débil do que eu pretendia, mas era o simples reflexo da debilidade em que eu mesma me encontrava. — Falei no bilhete.

Erik cerrou os olhos e abaixou a cabeça, encostando a testa na minha, e antes que eu desabasse no choro, ou pior, em seus braços, girei em meu próprio eixo, ainda dentro dos seus braços, ficando de costas para ele. Segurei a maçaneta com as duas mãos, forçando-a, mas aquilo foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Erik estreitou-me ainda mais, encostando seu peito em minhas costas e a boca em meu cabelo.

— Bell, por favor, volta pra mim... — sussurrou, quase me matando.

Apertei os olhos, contendo a imensa vontade de chorar e a dor que me dilacerava. Cada célula minha já estava indo para os seus braços. Meus pensamentos, minha alma...tudo já estava sob seu domínio. Apenas minha mágoa ainda me pertencia.

— Afaste-se, por favor. — murmurei, quase inaudível, mas forte o suficiente para lhe dizer que eu ainda não estava pronta.

Instantaneamente, Erik ergueu as mãos, tirando-as da porta, mas não se afastou de mim. E para abrir a maldita porta, eu precisei dar um passo para trás, colando meu corpo ainda mais ao dele.

Tudo ruiu à minha volta quando ele envolveu minha cintura em seu braço, mergulhou o rosto na curva do meu pescoço e me beijou, bem ali. Estremeci e me fiz em fagulhas.

— Sinto tanto sua falta... — murmurou, destruindo-me.

Juntando forças, Deus sabe de onde, afastei seu braço, livrando-me do seu domínio e saindo em seguida.

Sentia-me queimando em febre, as minhas pernas estavam bambas e tive receio de que o coração me saltasse pela boca. E foi assim, nesse estado de quase desespero, que encontrei o Lucien e o Thomaz, feito dois imbecis, parados no meio do *hall* de entrada da presidência.

— Onde está a porcaria do documento que preciso assinar?

Eu estava como cega e, à princípio, consegui ver apenas a Ana Paula, pálida, estendendo-me um papel.

Com um olhar rápido, busquei onde deveria assinar, rubriquei e joguei papel e caneta sobre a mesa.

Eu tremia da cabeça aos pés! Erik havia desarrumado todos os meus átomos, bagunçado minhas células e eu ainda tentava me encontrar, quando passei pelo Lucien, em direção ao elevador.

— Vamos, Lucien!

E, quando já no elevador, olhei para trás e vi o Erik de pé na porta da sala de reuniões, apoiando as mãos no marco e fitando-me com absoluto desconsolo, quis correr de volta e abraçá-lo, mas as portas do elevador já se fechavam e abaixei meus olhos em gratidão aos céus por ter resistido.

— Bell, eu não armei nada, juro. — Lucien justificava-se e eu sabia que era verdade porque ele falava comigo como jamais falou: com receio e pesar.

Não respondi.

Ao sairmos do prédio, logo vi o carro do Michel. Conforme havíamos combinado, iríamos almoçar juntos para fechar os últimos detalhes do nosso contrato. Respirei fundo três vezes e entrei em seu automóvel.

— Bom dia, Michel. — Fui educada, porém seca.

— Tudo bem? — Ele inclinou-se para me beijar. Eu lhe ofereci a face, mas não retribui o beijo. Decepcionado e ciente de que eu não estava no meu melhor momento, Michel dirigiu-se ao Lucien: — Tudo bem, Lucien?

— Tudo indo, Michel.

Minha cabeça estava a mil e uma enxaqueca se anunciava.

O cheiro do Erik ainda estava impregnado em mim, o calor do seu corpo ainda me aquecia e toda a minha suscetibilidade só me fez constatar que eu não tinha nada de forte, de durona. Que eu era apenas mais uma mulher apaixonada e que se o Erik realmente quisesse me comer sobre aquela mesa

de reuniões, eu não estava muito certa de que não conseguiria, mesmo com toda mágoa, com toda dor que havia em mim.

— Michel, por favor, importa-se de me dar uma carona pra casa e conversarmos amanhã sobre o nosso contrato? Estou com muita dor de cabeça.

Ele apenas assentiu e seguimos calados, o que me deixou imensamente grata. Contudo, ao chegarmos à frente do meu prédio, e após o Lucien descer do carro, o Michel segurou a minha mão e levou-a aos lábios.

— Por que não resolvemos o contrato apenas eu e você, mais tarde, em um jantar bem gostoso, Bell?

Eu o encarei e, mesmo lutando para não explodir com ele, foi impossível livrá-lo dos estilhaços.

— Michel, entenda que nossa relação é meramente profissional e eu não discuto termos de contratos sem o meu agente e nem em jantares "gostosos". — ele abaixou os olhos, constrangido. — Sinto muito, mas não vai rolar.

— Bell... — Ele insistia. — Só quero ser uma boa companhia.

— *Eu* não serei boa companhia.

Michel sorriu, sem graça, e tornou a beijar minha mão, deixando-me realmente incomodada.

— Quem sabe outro...

— Michel! — Elevei o tom, impaciente, mas logo respirei fundo, refazendo-me. — Eu não estou a fim, além de que... eu estou grávida. — Michel ergueu os olhos diretos nos meus e vi seus lábios entreabrirem, boquiaberto. — E só estou contando isso para que perca as esperanças de uma vez.

Sem mais, ele abaixou o olhar por alguns segundos, mas quando voltou a me encarar, sorria sutilmente.

— O dinamarquês é um grande sortudo, não é?

— Ele não sabe. E não saberá por você, não é? — Devolvi a pergunta.

Michel balançou a cabeça, em negativa. Havia decepção em seu semblante, mas também algo suave, que eu não tive a mínima condição de identificar.

— Eu...

— Não diga nada, por favor. — E respirando fundo, abri a porta do carro. — Preciso ir. Não me sinto muito bem.

Antes que eu deixasse seu carro, ele segurou novamente a minha mão.

— Conte comigo para tudo.

Forcei um sorriso frio e assenti ao sair.

Havia sido o bastante para aquele dia. E também para os próximos 365 dias.

19º Capítulo



CAPÍTULO 19

Bellanne

Lucien não me deixou. Subimos juntos para minha casa e fui diretamente tomar um banho e vestir algo mais confortável.

— Bell, o que acha de um chazinho de camomila? — Perguntou da porta do quarto e eu sorri, sozinha sob o chuveiro. Quando na vida o Lucien já me oferecera chá? Era sempre *vodka*, cerveja ou, no máximo, café.

— Aceito sim, Lu.

E quando, minutos depois, voltei à sala vestindo minha *t-shirt* de *Betty Boop*, surpreendi-me com a Margie sentada no sofá, folheando uma revista de fotografia.

— Margie?!

Ela levantou, ao tempo em que deixava a revista sobre a mesa de centro.

— Desculpe vir sem avisar, Bell. — Seu abraço, normalmente muito delicado, foi apertado, desta vez. — Não conseguimos conversar desde que anunciou que serei tia.

De verdade, eu estava correndo da maioria das pessoas. Cada uma delas

tinha um conselho a dar, um palpite a oferecer sobre algo que não tinham o menor conhecimento: a minha vida.

— Pronto, madames... — Lucien colocou duas xícaras de chá sobre a mesinha. — O chá das doze está servido. Querem mais alguma coisa?

Agradei e nos sentamos, eu a Margie, lado a lado, enquanto o Lucien sentava na mesa de centro.

— E a mamãe, como está? — Não voltei a falar com ela desde a nossa discussão.

— Bem. Apesar de estar triste e sentir a sua falta.

Beberiquei o meu chá quente e vi o Lucien revirar seus olhinhos, com desdém, mas foi flagrado pela Margie e eu escondi meu riso na caneca de chá.

— Lucien, por favor, poderia nos deixar a sós? — Margie falava de mim, mas também não tinha muitas papas na língua. Ela e Lucien viviam às turras, mas no fundo até que se gostavam. — Essa é uma conversa entre irmãs!

Eles se encararam, desafiadores: a Margie, com o queixo erguido, e o Lucien, com sua sobrelanceira arqueada. O que rolava ali era um ciúme histórico.

— Vou te dar essa colher de chá, megerinha... — Ele levantou e ainda olhava para ela, do alto dos seus 1,80 m. — ...pra ver se aproveita a oportunidade e age como irmã, ao menos dessa vez.

Margie ainda abriu a boca, mas não encontrou resposta. Eu segurava o riso, quando o Lu me deu um selinho, despedindo-se.

— Fica bem, *bitch*. Ligo mais tarde.

E antes de sair, falou da porta:

— Tchau, megerinha!

E não acreditei quando a Margie ergueu o dedo médio para ele. Boquiaberta, olhei para a minha irmã santinha.

— Que é que foi?! — Perguntou, como se fosse a coisa mais comum ela "dar o dedo".

— Nada... — Coloquei a caneca vazia sobre a mesa. — Só achava que você nem tinha o dedo médio.

Ela soltou o ar, afetada.

— Tenho uma irmã que me "deu o dedo" e mandou eu me foder a vida inteira. Alguma coisa eu precisava aprender, não é?

Rimos e ela também colocou sua caneca sobre a mesa, ao lado da minha.

— E aí, Margie... Foi a Ana Maria quem mandou você aqui, não foi?

Arrependi-me imediatamente. Pela maneira como piscou os olhos, rápido, e ensaiou um sorriso frio, achei que a havia magoado.

— Sim e não, Bell. Ela ficou sim, torrando a minha paciência, mas eu só vim porque queria saber de você.

E vendo-a assim, contra a luz que invadia a sala, com seus cabelinhos finos e naturalmente loiros, demonstrando carinho, lembrei-me da nossa adolescência, quando a Margie vinha confessar o interesse por algum garoto e pedir conselhos, embora descartasse todas as minhas dicas, alegando que eu queria fazê-la “pagar de piranha”. Eu apenas queria que ela fosse feliz.

Olhei para os meus pés, entrelaçados sobre o sofá.

— Eu vou ficar bem, Margie. O Erik foi... é... sei lá... — Eu não sabia como tratar a condição do Erik na minha vida — importante demais para mim, mas com o tempo as coisas entrarão no eixo.

— É... Só que, agora, tem uma criança no meio disso tudo. Como ele está?

Sorri e acariciei minha barriga sobre a *t-shirt*. Estava ficando diferente, durinha, pontuda... engraçada.

— Ainda é muito estranho saber que tem um carocinho aqui dentro.

— Ai, Bell! Para de chamar de carocinho! — Rimos, e imaginei o que a Margie estava sentindo. Ela sempre fora bem mais materna do que eu. Então, minha irmã pousou a mão no meu ventre. — Tomara que seja um menino. O pai vai enlouquecer!

Estranhei o sorriso que se abria cada vez mais em meu rosto. Há dias eu não sorria assim, tão largamente.

— Vai mesmo. Tenho ultrassonografia amanhã, quer ir comigo?

Ela me olhou com o maior olho do mundo, surpresa.

— Sério?! Posso mesmo?

— Claro!

Então, meneou a cabeça, ponderando.

— Mas quem deveria ir era o Erik, né? Ele já voltou?

Balancei a cabeça, confirmando.

— Estive com ele agora pela manhã... — Seus olhinhos brilharam, esperançosos, e logo tratei de trazê-la à realidade. — Foi horrível.

— Como assim?!

Suspirei longamente e coloquei uma almofada sobre meu colo, protegendo a minha barriga sabe-se lá de quê.

— Ainda dói muito. O pior é que, ao mesmo tempo, eu queria poder apagar o último mês e me jogar em seus braços, como se nada tivesse

acontecido. Mas aconteceu.

As lágrimas não rolaram, mas meus olhos estavam molhados.

— Bell... E o que te impede de apagar?

Ergui os olhos para ela, incrédula. Era praticamente o discurso da mamãe.

— Margie... ele não mudou. — Estava certa de que ela já estava a par de tudo o que nos aconteceu. — Como vou viver com um homem que me manipula, que não respeita a minha vontade? Se eu voltar para ele, estarei lhe dando consentimento para isso, entende?

Ela mordeu o lábio enquanto enrolava a franja da almofada nos dedos.

— Bell... Também tive meus problemas com o Anderson, você sabe. Onde acha que estaríamos hoje, se não tivéssemos conversado? E se o Anderson tivesse desistido de mim quando surtei? O apoio dele foi fundamental para a minha cura, sabia?

Eu a escutava e meu cérebro fazia mil conexões. Meu raciocínio percorria as hipóteses, batia com a "cara na porta" e voltava, perfazendo a possibilidade da Margie estar certa.

Então, balancei a cabeça, tonta em meio a tantos "se": se ela estiver certa; se ele estiver precisando de mim; se eu estiver novamente caindo na rede, trançada por mim mesma, dessa vez; se... se!

— Não sei, Margie... Tenho muito medo de dar uma nova chance para nós dois e a coisa vir a ser ainda pior, futuramente.

— Olha pra você... Vai ter um filho dele, Bell! De qualquer jeito, ele está e estará na sua vida. Olha... — Ela segurou minhas mãos e me olhou diretamente. — Eu sempre achei ele meio estranho, por ter se apaixonado por uma criatura desajustada como você. — Comecei a rir, com vontade de bater nela. — Mas a verdade é que ele é claramente louco por você, Bellanne. Se o amor não for forte suficiente para mudar as pessoas, nada mais é.

Meu riso esmoreceu.

— Não quero que ele mude por mim, por nosso amor. Ele precisa mudar por ele mesmo.

Ela baixou o olhar e assentiu.

— Ok, você sempre foi durona... — e voltou a me olhar. — Mas está sendo burra pra caralho! — e ela mesmo riu da palavra tão desconexa em sua boca. Eu estava sem ação. — Porque de porcaria nenhuma adianta ser durona, orgulhosa, ficar remoendo dores e ter o homem da sua vida sofrendo de um lado e você sofrendo do outro.

Margie passou a mão pelos meus cabelos e depois me abraçou, tão

apertado quanto antes.

— Olha, minha irmã... A vida é curta para ficar remoendo o que passou ou sofrendo por antecipação. Todo mundo, Bell... todo mundo merece uma segunda chance e, tenho certeza, o Erik já te deu tanta coisa linda... — Afastou-se e, carinhosamente, jogou no chão a almofada que estava em meu colo e alisou novamente meu ventre. — Dê também a ele... e a você, a chance de recomeçar. É por vocês e pelo bebê, não apenas pelo Erik.

Ela suspirou e, resoluta, levantou.

— Preciso ir. Amanhã veremos esse anjinho da titia.

E depois de beijar minha testa, sorriu e saiu, piscando o olho para mim, antes de bater a porta.

Eu ainda fiquei ali, quieta, pensativa por longos minutos. As palavras rondando minha cabeça, girando-me numa ciranda que envolvia uma puta saudade, todos os "se" da minha vida e a dor que ainda apertava meu peito.

Por fim, entendi que precisava ocupar minha mente para não pirar. Liguei para a Mariana, para que me enviasse uns formulários de concursos internacionais de fotografia. Eu precisava tocar a minha vida e estava na hora de fazer umas seleções para os concursos, de refazer meus projetos e aceitar novos clientes.

— Oi, barriguda! Tudo bem?

— Oi, Bell. Estou na correria, mas vou passar no estúdio ainda hoje, prometo.

— Onde você está? — Achei que estivesse no estúdio. — Está tudo bem com vocês?

— Sim, estamos bem. É só que o Mateo está voltando e eu estou terminando a arrumação do nosso apê! Acredita que o Erik comprou um apê pra a gente no mesmo prédio, dois andares abaixo do dele?! E mais... eu só precisei escolher os modelos e cores de todos os armários! Ele está pagando por tudo!

Sorri, feliz por eles e orgulhosa do imenso coração do Erik.

— Que maravilhoso, Mari! Vocês merecem, querida! Estou com muita saudade do Teo! Quando ele chega?

— Bell, preciso falar com você sobre isso. — A ouvi pigarrear e fiquei alerta. — O Teo chega daqui a dois dias e iremos fazer uma festinha apenas para minha família e amigos. Bell... você vem, né?

Olhei para minha barriga e a acariciei.

O Erik estará lá e não estava nos meus planos encontrá-lo tão cedo.

— Irei sim, claro. — disse a mim mesma que não poderia deixar de dar-lhe esse apoio. — Importa-se que eu leve alguém, Mari?

— Não, Bell, claro que não.

E quando nos despedimos, atirei-me de costas na cama e fitei o teto. Erik estava completamente inserido em minha vida, costurado em minha pele, imerso em tudo que me dizia respeito.

Como eu conseguiria esquecê-lo? Como iria deixar de amá-lo?

Eu queria deixar de amá-lo?

Erik

Saí do consultório do doutor Túlio Cayres satisfeito com o que vi e conversamos. Seguindo a mesma linha de psicanálise que o Dr. Per Bohr, Túlio conduziu uma conversa agradável e eu me senti realmente à vontade. Ele disse que parte dessa adaptação se devia à minha vontade de mudar. Isso, porque ele não fazia ideia do tamanho da minha vontade de voltar com a Fraise.

Deixei a casa do Túlio e abri o carro, mas antes de entrar, algo me fez olhar para trás. Uma bela mulher sorriu para mim, ao segurar a porta do carro, mais abaixo na rua. Era Ana Maria Fraise e ao seu lado estava Paulo Henrique, que já estava atrás do volante.

Não tive oportunidade de lhes falar, mas quando saíram e o carro passou por mim, vi seus olhos percorrerem a placa discreta no jardim do Túlio, escrito: "Psicanalista", e ela sorriu de uma maneira que até injetou-me esperança. Se Ana Maria não me odiava, era provável que Bellanne também não. Elas eram tão parecidas.

Passei em casa rapidamente, troquei de roupa, colocando uma calça de moletom e uma camiseta, e dirigi do meu bairro até o dela. Estacionei na orla e corri cinco quilômetros de ida e cinco de volta, apenas para tentar vê-la mais uma vez.

Parei na barraca de coco e esperei... esperei, mas ela não apareceu sequer na janela. Cogitei um milhão de vezes ir até a portaria e pedir para chamá-la, mas a Fraise já tinha saído uma fera, hoje da Drakkar. Não queria pressionar demais.

Quando cheguei em casa já estava escuro e depois de uma ducha, tentei concentrar-me na proposta publicitária da coleção da próxima estação e lamentei a Fraise não estar ali para me ajudar. Depois de algumas horas

quebrando a cabeça, atentando às opiniões muito competentes de nossas equipes de moda e *marketing*, dei a tarefa por encerrada.

Fui até a cozinha e bebi água da garrafa mesmo, depois, exausto, arrastei-me até o quarto. Desde que tudo desabou em minha vida, eu vinha precisando de remédios para dormir, sempre receitados, mas duvidava que hoje até mesmo os remédios funcionassem.

Apesar do suor da corrida e da chuvaçada, ainda podia sentir seu cheiro em mim. A textura da sua boca, o calor, a maciez da sua pele... Sentia-me um viciado em abstinência, sempre insatisfeito, sempre vazio. Joguei-me na cama apenas porque já passava das onze da noite e iria acordar cedo, mas dobrei meu braço sob a cabeça e mirei o teto.

Por puro instinto, olhei para o outro travesseiro, vazio. Ela estaria ali, deitada de lado, olhando para mim. E eu iria abraçá-la, beijar sua boca, e faria amor com ela daquele nosso jeito, safado e cheio de carinho.

Frustrado, tornei a olhar o teto, mas o telefone sobre o criado-mudo tocou, assustando-me.

— Det'Erik. — Atendi em dinamarquês, por costume, mas como ninguém respondeu, logo corrigi. — Erik falando. Quem é?

Sentei na cama esfregando os olhos, que queimavam.

— Alô? — Insisti.

Ninguém respondia e, imaginando que fosse engano ou algum erro na ligação, fui para desligar, mas algo dentro de mim travou e a esperança acendeu em meu peito. Com a ansiedade mostrando suas garras e a voz cheia de receio da decepção, murmurei:

— Fraise?

Novamente não houve resposta, mas eu tive a certeza de que havia alguém na linha. E tinha que ser ela.

Debrucei para frente e apoiei os cotovelos sobre os joelhos, pensando no que dizer.

— Bell, é você, não é? Responde, amor, por favor... — O silêncio era absoluto do outro lado e eu suspirei, sentindo que aquela poderia ser a minha chance. — Amor... Me perdoa, por favor. Eu não tô conseguindo seguir sem você...

E com a ideia em mente de que aquela era a minha derradeira oportunidade de convencê-la a me perdoar, senti certo desespero apoderar-se mim.

— Bell, eu sei que sou totalmente errado. Esquece aquela besteira que

falei sobre você ser imatura, por favor. Eu estava nervoso, ansioso demais porque você estava ali, bem na minha frente, e eu não podia tocá-la, porque você não viria para casa comigo.

Engoli seco, cada vez mais tenso, suando, mesmo sob o ar-condicionado em dezoito graus.

— Olha... Eu estou me esforçando. Estou fazendo terapia, sabe? A Soraia, ela indicou um psicoterapeuta excelente e iniciamos um tratamento muito bom. Ele, o doutor Bohr, indicou um colega aqui no Brasil e hoje mesmo nós já começamos a terapia. Bell... O Bohr disse que eu posso mudar, se quiser. E eu quero, está me ouvindo? Eu quero por você e por mim. Mas eu preciso de você. Eu realmente preciso de você.

A porra do silêncio seguia e eu senti um medo atroz de que estivesse falando para o nada. Que todo meu desespero fosse em vão.

— Fraise... Diz que é você, por favor. Diz que ainda podemos ficar juntos. — Meus olhos ardiam cada vez mais e mordi o lábio, sem saber o que mais dizer. — Amor... Eu não aguento mais de saudade. — E sem mais importar-me se era ela ou não ao telefone, simplesmente me entreguei: — Bell... Quero tanto seu cheiro, sua boca... Eu não consigo mais dormir sem sua coxa dentro das minhas, sem beijar seu pescoço e escutar você murmurar coisas sem sentido, enquanto dorme. Nada tem importância mais...

Então, o *bip* de linha caída soou e meu coração apertou, bateu seco, duro.

Completamente derrotado, foi como me senti quando desliguei o telefone, porque no fundo eu sabia que era ela e isso só piorava as coisas, já que havia desligado sem nada dizer.

Eu sentia que perdia a Fraise aos poucos, que ela cada vez mais distanciava-se de mim. E quando já me sentia como um pedaço de qualquer coisa, perdido no meu quarto escuro e frio, uma luz quente brilhou dentro de mim...

Se ela havia ligado, era porque também sentia minha falta.

Bellanne

Quando desliguei o telefone, ainda estava em torpor.

Eu estou me esforçando. Estou fazendo terapia, sabe?

A voz do Erik ainda soava nos meus ouvidos e saber que estava buscando ajuda realmente me surpreendeu.

Suspirei e rolei na cama, ficando em posição fetal. Suas palavras

repetiam-se soltas, causando-me emoções das mais diversas, carregando-me para a nossa cama, para o nosso amor.

O desejo atingiu-me forte e meu corpo gritou por ele. Foi uma coisa boba, eu sei, ligar e ficar muda. Mas eu tinha uma necessidade estranha de escutar seu alô, sua respiração.

Não deveria ter feito, mas fiz. E se agora estava ali, contorcendo-me de tédio e saudade, a culpa era toda minha, porque eu deveria ter sido mais forte.

Fui tomada por uma agonia tamanha e esperei o pranto, mas isso já não acontecia e julguei ser um bom sinal. Contudo, sentia-me como uma bola de soprar murcha, vazia e o menor esforço parecia-me algo hercúleo! E assim, quietinha, segurando a voz grave e rouca do Erik nos meus ouvidos, pensei em nós dois.

Por que tinha que ser assim? Por que as coisas precisavam acontecer da maneira como aconteceram?

Erik

Ergui o indicador, pedindo licença ao comitê administrativo à minha frente. Estávamos em meio a uma reunião, mas era o Mateo ao telefone e ele sempre seria prioridade.

— Fala, Teo!

Eu havia pedido a um motorista da Drakkar para buscá-lo no aeroporto e a Mariana insistiu para ir junto.

— Ah, Kivo... Que calor! — rimos, porque o calor do Brasil era uma verdadeira bênção para pessoas como nós. — Estou no meu país, meu irmão! E com minha pequena e meu filhotinho debaixo do braço.

Sorri timidamente, feliz pelo Mateo, orgulhoso pelo seu amadurecimento evidente.

— Que bom, Teo. Olha... O motorista tem instruções para levá-lo ao médico imediatamente. É bom fazer uns exames...

— Erik, não. Tudo o que preciso agora é deitar com a Mari ao meu lado e dormir com ela me fazendo cafuné. Mais nada.

Ponderei, dando-me conta de que eu estava cometendo velhos erros, programando a vida do Mateo sem sua prévia autorização.

— Desculpa, Teo, você está certo. Vá matar a saudade e depois falamos da sua saúde.

— Eu estou bem, Kivo. Só morto de saudade da minha mulher!

E quando desligamos, sentia-me emocionado. Há quase um ano, o Teo chegou ao Brasil ainda um garotão e hoje é um homem. E eu, que saí de casa tão cedo, que rodei o mundo e fundei uma cadeia de lojas, ainda estava aprendendo a engatinhar no amadurecimento.

Bati a ponta da caneta na mesa, findando meus devaneios e retomando a discussão acerca da construção de um depósito mais funcional na cidade e os estudos de mercado sobre a abertura de uma nova loja, desta vez, no Nordeste.



À noite, foi só abrir a porta de casa para escutar o tão familiar e saudoso barulho. Havia pessoas na cozinha, eu escutava sons de talheres e risadas.

— Boa noite. — Os dois viraram-se, surpresos. Teo estava sentado à mesa da cozinha e a Mari, sentada em seu colo, sobre a perna sã.

— Erik! — Mariana veio até mim e foi impossível não notar-lhe a barriga. Nos víamos com certa frequência, mas seu ventre parecia crescer demasiado a cada dia. Nas pontas dos pés, beijou-me o rosto. — Pode deixar que amanhã levarei o Teo ao médico, viu?

Sorri agradecido, inclinei-me e abracei meu irmão pelas costas, beijando-lhe o alto da cabeça.

— Ficarei mais tranquilo depois que os médicos disserem que você está bem, com o diabetes controlado.

Mateo sorria com os olhos e sua felicidade era inspiradora. Sentei ao seu lado e peguei uma fatia da pizza que eles dividiam.

— Conseguimos adiar a consulta, Kivo. Amanhã faremos isso ou a Mari não me dará sossego. — Dei uma dentada na pizza sob o olhar divertido do Teo. — Ei! Eu dei uma olhada no apartamento, está perfeito!

Sorri, com a boca cheia de massa.

— Obra da sua mulher. Ela que escolheu tudo, eu só fiz assinar os cheques.

Teo esticou a mão e acariciou meu braço, ao fitar-me mais seriamente.

— Valeu, Kivo. Nem sei como te agradecer, meu irmão.

Eu não sentia que havia feito grande coisa. Mateo é o meu único irmão, uma das pessoas que mais amo na vida. O que não faria por ele? E agora, a

Mari também era da família.

— Não foi nada demais, Teo. Será um prazer imenso ter vocês e meu sobrinho a dois andares de distância. — Ele olhava-me emocionado e a Mari sorria, encostada no marco da porta da cozinha, deixando-me constrangido. — E o casamento? Já planejaram algo?

— Sem casamento! — Falaram uníssono, e eu ri.

— Ok...sem casamento.

— Decidimos morar juntos, apenas. Depois que o bebê já estiver grandinho, faremos uma cerimônia simples.

Teo explicava como seria sua vida com a maior segurança. Já tinham tudo planejado: ele voltaria à Drakkar assim que possível e a Mari continuaria com a Bell, embora fosse evidente a sua absoluta falta de necessidade de trabalhar. Após o nascimento do bebê, a Mari daria um tempo no trabalho, e deixou-me curioso ao dizer que não haveria problema nisso, porque a Bell também daria um tempo.

— Ela pretende viajar? — Eu achava que estava disfarçando o meu interesse, fingindo catar o milho da pizza. — Por isso dará um tempo no trabalho?

Ela não respondeu de pronto e por isso ergui o olhar para ela. Mari tinha a cabeça baixa e mordida o lábio. Mateo me olhou, sem entender, e eu dei de ombros.

— O que foi, Mari? — Perguntou o Teo.

Ela ergueu o rosto e tinha os olhos marejados.

— Nada. Não sei o que a Bell vai fazer. Às vezes ela tem esses mistérios, sabe? Ela esconde as coisas e eu não concordo com isso, mas... — e ela parou de falar, nos fitando. — Desculpem. Acho que fiquei emocionada ao pensar que ficarei longe da Bell por alguns meses.

Abaixei os olhos. Eu era PhD em saber como era ficar longe da Bell.

— Oh, meu amor... — Mateo estendeu-lhe a mão e puxou a Mari novamente para o seu colo. — Duvido que a Bell fique longe de você.

Cansado de escutar o nome da Bellanne como se fosse alguém estranho, pedi licença, e quando levantei, Mateo segurou a minha mão.

— Erik, não quer saber de *Copenhague*? — Ponderei, mas acabei por ceder, assentindo. — A Sílvia segue internada, mas parece estar se recuperando. A Hedda e o Yves marcaram o casamento e ela parece estar bem feliz. — Sorri, realmente contente por minha prima. — E a Soraia... Bem, ela abandonou o Axel.

Ergui as sobrancelhas, surpreso. Eu sabia que havia sentimentos entre Per e Soraia, mas não imaginava que ela seria corajosa o suficiente para deixar o Axel.

— De verdade, fico muito feliz por ela. — Cocei a cabeça, sem saber como perguntar. — Sabe se ela está com alguém?

— Sim. Está vivendo com o psicoterapeuta que, eu soube, acabou de perder o emprego na Universidade. Imagina de quem foi esta obra, não?

Assenti, repentinamente entristecido.

— Eles vão ficar bem. Conheci esse psicoterapeuta. Ele saberá cuidar dela.

— Ofereci nossas casas, Kivo, caso queiram nos visitar no Brasil.

Abri um sorriso imenso, ao vê-lo dizer "nossas casas", englobando o meu e o seu apartamento.

— Terá bastante espaço!

Fiz menção de afastar-me, mas antes que desse sequer um passo...

— Erik... — Teo demorou a erguer os olhos para mim, mas quando o fez, vi que estavam cheios de pesar. — O Axel está só. A Britta voltou para a Polônia e ele está sozinho naquela casa.

Engoli seco e não saberia dizer se de lamento também, mas que no fundo da minha alma havia um quê de satisfação, isso havia.

— Ele procurou por isso, Teo. Talvez realmente precise ficar sozinho para pensar um pouco.

E pensei em mim mesmo como alvo das minhas palavras. Poderia vir a ser eu, a pessoa a ficar sozinha, futuramente, remoendo os frutos dos meus erros. Felizmente, eu havia quebrado a corrente que me atava a ele e decidido mudar a minha história.

— É verdade... Ele provocou. — Teo suspirou profundamente e, então, mudou sua expressão, amainando-a. — Erik, está lembrado da nossa festa amanhã, não está?

Assenti e saí da cozinha, mas antes de virar para o corredor, voltei-me para o casal que dividia uma fatia de pizza à dentadas.

— Mari... — eles pararam de comer e virando juntos para mim. — A Fraise virá?

Ela sorriu e piscou para o Teo.

— Virá sim, Erik.

O meu sorriso nasceu no peito, mas estou certo de que foi até a orelha. E quando cheguei em meu quarto, olhei para o telefone sobre o criado-mudo,

lembrando de duas noites atrás, quando recebi o telefonema que, estava certo, era da Fraise. Logo no dia seguinte, retornei para o número gravado no identificador, mas ninguém atendeu. O mesmo se deu na noite seguinte, mas algo me dizia que era o novo número dela.

Tirei a camisa, o cinto e os sapatos, então, sentei na cama, fitando o aparelho telefônico.

Eu era um cara persistente. Quando eu e o Tom compramos uma loja falida no *Boulevard Haussmann*, em Paris, tínhamos acabado de fechar duas lojinhas populares em *Copenhague*, porque o Axel nos cercava o tempo inteiro, atrapalhando nosso negócio.

Se fosse pelo Tom, teríamos desistido da loja de Paris no segundo mês, mas eu não desisto de nada facilmente. Fiz um estudo de marca, público e fornecedores, e quando o Thomaz menos esperava, estávamos ganhando os clientes de todas as lojas do quarteirão. Do mesmo jeito, eu não desistiria da Fraise. O tempo não me intimidava. Fosse dali a dois dias ou dez anos, eu ainda estaria tentando.

Exercendo a minha persistência, peguei o telefone e liguei para o número misterioso. Deixei chamar, até que a ligação caiu.

Eu havia passado duas vezes na frente do prédio da Bell e no estúdio, pensando em buscá-la. Mas o motivo pelo qual estávamos separados era justamente por eu não respeitar seu espaço. Por isso, decidi que não iria impor-me a ela. Contudo, usar o telefone para buscá-la não era cercear sua liberdade, pois, até que atendesse àquela ligação, este número lhe pertencer era mera suposição.

Tentei novamente, mas novamente não atendeu. Nem da terceira ou quarta tentativa. Uma hora ela teria que atender.

20º Capítulo



CAPÍTULO 20

Bellanne

Eu cheguei do salão de beleza e joguei a chave do carro sobre o balcão da cozinha. Teria apenas duas horas para tomar um banho e terminar a produção para a festa da Mari.

Abri o armário pensando em algo folgado e sexy, porque eu tinha dois objetivos: esconder a barriga e estar linda, deslumbrante.

Há dias não via o Erik e eu queria que me encontrasse linda como nunca. E quando eu me perguntava o porquê desse meu intuito, havia um arsenal de respostas prontas: Porque quero que ele veja que estou bem, que estou superando; porque quero vê-lo doido, cheio de desejo; porque quero mostrar a todos que não preciso estar com alguém para estar bem... blá, blá, blá!

Eu bem sabia que havia apenas uma resposta condizente com a verdade: Eu sentia uma puta falta do olhar do Erik sobre mim. Aquele olhar de admiração, de orgulho e desejo.

Escolhi um vestido preto, folgado na parte de cima, com um ombro caído, mas justo na minissaia. Ele deixava minha borboleta azul do ombro exposta e

eu sabia que o Erik iria gostar.

Os saltos não poderiam ser muito altos, mas compensei com uma maquiagem destacando olhos e boca. Peguei minha *cluth* preta e olhei o horário no celular, confirmando que já era tempo do meu acompanhante chegar.

Quando convidei o Michel para ir comigo, não pensei apenas em ter alguém como companhia, apoiando-me... Pensei em proteção. A presença do Michel iria intimidar a aproximação do Erik e isso significa menor exposição ao desejo, ao tesão e diminuía bastante o risco de me ver caindo feito uma pata nos braços do Erik.

Subir aqueles dois andares nos seus braços não era algo muito difícil de acontecer, e o Michel colocaria um muro entre nós.

— Boa noite, linda! — Michel me saudou, quando entrei em seu carro.

Estávamos desenvolvendo uma amizade legal. Ele ainda investia em umas indiretas, mas eu as rebatia com bom humor e ele também terminava levando na brincadeira.

— Está elegante, Michel!

— Que bom que reparou, Bellanne. Passei horas escolhendo essa camisa para chamar a sua atenção.

Gracejou, e eu, rindo, acariciei seu ombro.

Por mais que o Michel fosse gentil, divertido e gato, não havia o menor clima e, menos ainda, chance de rolar algo entre a gente. Eu simplesmente não o via como homem. Não havia outro homem para mim, que não Erik Lars.



O jantar informal estava marcado para às 21h e, por isso, quando chegamos às 21h20min. a casa já estava cheia de convidados.

Mariana veio nos receber e estava tão radiante que me emocionou!

— Sejam bem-vindos! — Encheu a boca, orgulhosa do seu lar.

Abracei a Mari apertado, de olhos fechados, saboreando e rindo das nossas barrigas se chocando. E quando abri os olhos, busquei na sala ampla o

par de olhos azuis que eu tanto conhecia. Ali estavam a família da Mari, Thomaz, duas ou três pessoas da Drakkar e só.

— Onde está a Letícia? — Perguntei, ao nos afastarmos. O Lucien eu sabia que estava viajando.

— O Caio não estava passando bem. Ela avisou logo cedo.

Era uma pena. O Caio iria se realizar, estando no meio da alta cúpula da Drakkar.

Por trás da Mariana, surgiu o Mateo, apoiando-se na muleta. Voei para os seus braços e ele cobriu-me com toda sua corpulência.

— Meu Deus, Teo, que saudade!

Ele me apertava e eu tentava esquivar-me sutilmente, protegendo a barriga.

— Nossa, Bell, nem fale! — Folgamos o abraço e o loiro lindo, de olhos idênticos aos do Erik, segurou meu rosto entre suas mãos. — Você está ainda mais linda!

Seus olhos examinavam-me, curiosos, astutos.

— Sou a mesma, Teo. Você é que está radiante! Parabéns, querido, pela vida, pela mulher, pelo filho, pela casa...

Gargalhamos e só então lembrei de apresentar-lhe o Michel, que aguardava ao lado. E logo que foram feitas as apresentações, tentamos nos misturar aos convidados.

Eu já conhecia a família da Mari, vinda do interior, mas fui apresentada aos seus avós e a uma tia. Cumprimentei o Tom e me cocei inteira com vontade de perguntar pelo Erik.

Olhando ao redor, à priori, não havia a quem eu pudesse perguntar sobre o meu ex sem que levantasse comentários, então, conformada, apenas sentei no sofá ao lado do Michel e agradeci a taça de vinho que a Mari me oferecia, enquanto sussurrava ao meu ouvido:

— O teor alcoólico desse é bem baixinho. — Piscou o olho para mim. — Estou bebendo o mesmo vinho.

Sorri e brindamos, antes de saborear a bebida. Então, não aguentei mais de curiosidade e dei o braço a torcer, sussurrando ao seu ouvido:

— Mari, onde está o...

Antes que pudesse concluir a pergunta, Erik surgiu sorridente, vindo da varanda na companhia de uma loira linda, que era como um misto de princesa da Disney, com uma *angel* da *Victoria's Secret*.

A última vez que me senti insegura na frente de uma mulher, eu devia ter

uns treze ou catorze anos, mas não consegui evitar a pontada no peito, ainda mais quando reconheci a moça como sendo a Maiara, irmã da Mariana — uma advogada, educadíssima, doce feito mel e tão inteligente, que havia passado em um concurso na chancelaria do Itamaraty, estava há meses a serviço no Chile e se dedicava integralmente à pretendida carreira de diplomata. Ou seja, era o tipo de mulher que o senso comum esperava ver ao lado de um empresário do nível e talhe do Erik Lars.

Em dez segundos, vi jogado na lama todo o meu "doutorado" em autoconfiança.

Levantei e forcei um sorriso simpático, todinho direcionado à loira, evitando o Erik.

— Como vai, Maiara? — Dei-lhe dois beijos no rosto e meu olhar cruzou com o do Erik por alguns segundos.

— Tudo bem, Bellanne. E você?

— Tudo ótimo! — E sorri com todos os meus dentes, ignorando o Erik por mais um tempo. — Este é o Michel...

Michel levantou e apertou a mão da Maiara. Inevitavelmente, meus olhos foram parar no Erik, que já não sorria como antes.

Suas pupilas dançavam entre mim e o Michel, como se me perguntasse o que ele estava fazendo ali. Então, usei o mesmo código e olhei dele para a Maiara e vice-versa, querendo entender como havia se configurado aquela parrelha. Porém, sua atenção voou para o Michel, que lhe estendia a mão cordialmente.

Depois de cumprimentá-lo, Erik, deliberadamente, deu um passo à frente, aproximando-se de mim. Estremeci, quando num movimento rápido, deslizou a mão pela minha nuca e puxou-me para um beijo furtivo... no rosto. E quando me soltou, achei que eu fosse cair. Minhas pernas estavam bambas, porque tive a certeza de que iria me beijar na boca, ali mesmo, bem no meio de todos.

Nossos olhos se encontraram e Erik exibiu aquele sorriso sutil, educado. Eu podia sentir seu olhar queimar-me do rosto aos pés, mas tentei ignorá-lo. Ao menos tentei.

— A Mariana contou que você fez fotos lindas no *Hawaii*, Bellanne. E soube que a exposição foi um sucesso. Parabéns!

Sorri, agradecendo os elogios da Maiara.

— Iremos em breve para o *Hawaii*, não é Bell? — Acrescentou o Michel, que parecia entender exatamente qual era o seu papel ali.

Num lampejo, vi o maxilar do Erik travar, e o que deveria trazer-me satisfação, levou-me à angústia.

Em meio aos comentários vazios do Michel, acerca da nossa viagem, vi o Erik enfiar as mãos nos bolsos da calça cargo clara e inclinar-se para Maiara. Observei o Erik, todo sedutor, sorrir contra o ouvido da garota e sua respiração movimentar as mechas douradas dela. Reparei, quase em câmera lenta, quando ela sorriu e o Erik, capcioso, lhe disse:

— Eu comprei uma foto da Bellanne, feita no *Hawaii*. Está na minha sala e poderá apreciar quando quiser, Maiara.

Respirei fundo, oxigenando meu cérebro, que parecia inundar-se de sangue.

*O que ele estava pensando? Achava mesmo que me faria sentir ciúmes?!
Que idiota!*

E quando ele olhou para os lábios dela, em resposta ao largo sorriso que a Maiara lhe deu, não pude manter minha língua dentro da boca, e me arrependi amargamente.

— Erik... — Sorri, nervosa, e aproveitando que a Maiara se distraía um instante, destilei meu veneno. — Que cantada mais barata! Não subestime a inteligência da moça. Seja mais criativo!

Ele abaixou o rosto, escondendo o sorriso cínico, e quando voltou a erguê-lo, mordia o lábio, mal contendo o riso.

Tive plena consciência da minha sobrancelha alteada, mas só quando a mão do Michel tocou meu braço, é que me dei conta da eletricidade que corria sob a minha pele.

Eu estava puta da vida!

— Bell, um homem sabe quando ser criativo e quando ser piegas. Tudo é uma questão de oportunidade e conveniência, não é Erik? — Michel adicionou um pouco mais de molho à conversa.

Eu já não sabia quem era o mais sarcástico naquela roda, e a ingênua Maiara, que estava alheia a tudo, caiu de paraquedas, quando voltou a atenção ao nosso grupo:

— Erik, estão nos chamando! — Ela segurava em seu braço com uma intimidade que me surpreendeu.

Ele estava sendo gentil, atencioso com ela. Eu os observava minunciosamente e pedia a Deus que estivesse sendo discreta o suficiente nisso. E quando eles seguiram para a mesa de jantar, sendo orientados pelo Mateo, o Michel pousou a mão na base da minha coluna.

— Está tudo bem, Bell?

Respirei fundo e olhei para o meu acompanhante, sorridente demais para o meu gosto.

— Fui pega de surpresa, mas estou bem.

Ele sorriu, ainda mais debochado.

— Só lamento o Lucien não estar aqui. Riríamos muito disso tudo e, a propósito... moça bonita, essa Maiara, não?

Estreitei os olhos para ele. Era óbvio que tirava sarro da minha cara.

— Vá à merda, Michel.

Ele gargalhou, chamando a atenção do Erik, que nos seguiu com seu olhar até sermos acomodados em nossas cadeiras, do lado oposto da mesa.

Admirei a Mariana pelo esmero da mesa bem-posta. O menu também era de muito bom gosto e, simpaticamente, servia pratos simples, como *carpaccio* e *capeletti*.

Erik — sentado exatamente de frente para o Michel — e a Maiara — bem de frente para mim —, trocavam risinhos e segredos, enquanto eu tentava disfarçar meu interesse pelo casal.

Vi o Erik cochichar-lhe ao ouvido e, feito uma boba, Maiara derretia-se. Ele fazia de propósito, era evidente. E, por isso mesmo, adorei quando o Michel elogiou o risoto de quatro queijos e me fez prová-lo, levando o seu garfo diretamente à minha boca.

De relance, vi o Erik fulminá-lo com o olhar.

— Vocês estão juntos há muito tempo?

Todos estagnaram ante a pergunta ingênua da Maiara, que se dirigia a mim e ao Michel.

Olhei diretamente para o Erik.

— Duas semanas... — O Michel respondeu e tanto eu quanto o Erik o fitamos, incrédulos. — ... estamos trabalhando juntos há duas semanas.

Michel me olhou divertido, ao abocanhar uma garfada de risoto.

— Desculpe, pensei que fossem um casal. Seria um belo casal, por sinal.

Michel riu e eu, mesmo diante do semblante aborrecido do Erik, precisei esforçar-me para conter o riso.

— Perdoe-me, cara Maiara. Estamos rindo apenas de uma piada interna. — Michel tentava explicar-se para não parecer grosseiro. — É que eu já pedi a Bell em casamento infinitas vezes, mas ela não acredita que formamos um belo casal.

— Talvez a Bellanne não acredite em casamentos, em relações, não? —

Erik me olhava diretamente e usou um tom seco, cortante.

— Acredito sim, Erik, em relações verdadeiras e honestas. — Devolvi-lhe com o mesmo tom e olhar.

— É verdade, Bellanne. — Maiara acomodou seus talheres na beira do prato e pousou a mão no braço do Erik, apoiado sobre a mesa. — E você, Erik, no que acredita?

— Em perdão. — E por dizer isso olhando para a Maiara, com seus rostos a menos de vinte centímetros um do outro, já foi o suficiente para me irritar.

— Perdão, amigo... — Michel interveio, jocoso. — Não acredito em perdão. Minha ex-namorada não perdoou a minha traição, mesmo eu lhe provando, cientificamente, que a traição é inerente ao homem. Desde então, sou descrente do perdão.

Olhei de soslaio para o Michel, avaliando sua desfaçatez.

— Eu sou homem, mas não sou capaz de trair. — O azul do Erik estava dentro dos meus olhos, arrepiando-me, e quando abri a boca para replicar, Maiara agarrou o braço do Erik e eu tive ímpetos de lançar-lhe o garfo na testa.

— Mas que raridade é este homem! — E piscou um olho para o Michel. — Está vendo, Michel? Deveria aprender algo com o Erik.

— Com todo respeito, meu amigo, somos poligâmicos por natureza, podemos copular e fertilizar várias fêmeas. Vai contra a lei da natureza sermos monogâmicos.

Eu estava atenta às respostas do Erik, quase tanto quanto a Maiara.

— Eu evoluí, amigo Michel. Não tenho o costume de sair fertilizando fêmeas por aí.

Um grão de pimenta calabresa ameaçou cair na minha laringe e eu quase engasguei. Por sorte, a taça de água estava bem na minha frente, salvando-me.

Michel ria baixinho e eu dei um pisão certeiro em seu pé.

— Ai, Michel... quanto machismo! — Maiara sorria, fazendo charme.

— Estou apenas provocando, meu anjo. Provocar as mulheres é um exercício de inteligência, não é mesmo, Erik?

Erik olhava para o Michel com o cinismo estampado no rosto.

— As mulheres se saem bem melhor nisso, amigo. — E me fitou muito diretamente. — Veja a Bellanne... — engoli o *capeletti* inteiro, ao ouvi-lo dizer meu nome, e o olhar que lançou sobre mim, fez-me até esquecer as pessoas ao redor. — Ela tem todo o jeito de quem gosta e sabe provocar.

Michel e Maiara me olharam curiosos e eu estava um pouco constrangida, com receio do que viria do Erik.

— Com base em que diz isso? — Michel quis saber.

Erik largou os talheres, apoiou os antebraços na mesa e entrelaçou as mãos e os dedos na frente da boca, analisando-me, pouco antes de falar.

— Olhem para ela... — Eu sorri, debochada. — Sabe que tem a boca bonita e faz o quê? Pinta os lábios de vermelho para chamar a atenção para o que é belo.

Os outros dois soltaram gracejos e foi a minha vez de soltar os talheres e colocar-me ao dispor da sua análise. Aquilo estava ficando interessante.

Passei a língua entre os lábios, para umedecê-los e olhei bem dentro dos seus olhos, seduzindo-o. Erik prosseguiu:

— Estão vendo a borboleta no ombro? — Erik apontou para minha tatuagem e eu puxei mais a gola, expondo excessivamente o ombro e o colo, exibindo o desenho. Languidamente, ergui os olhos da tatuagem para o Erik, incitando-o, entrando em seu jogo. — Ela sabe que ao menos metade dos homens nesta sala vai olhá-la e imaginar onde mais ela tem tatuagens. — e olhou para o Michel. — Você saberia dizer, Michel?

Ri, mas ri com vontade. Primeiro, porque ele estava tentando sondar se eu e o Michel estávamos dormindo juntos; segundo, porque tive ímpetos de passar uma cola para o Michel, sobre a frase "*Follow the rabbit*" escrita no meu quadril.

Contudo, Michel apenas olhou-me inteira, como se buscasse indícios.

— Deixe-me ver... — Maiara me estudava, batendo o indicador nos lábios, pensativa. — Acho que ela tem uma pimenta no tornozelo!

— Acho que tem algo no quadril! — Michel chutou e eu vi Erik erguer a sobrancelha para ele e voltar seu olhar matador para mim, enquanto eu ria da sua cara.

— E você, Erik... acha que tenho outras tatuagens? — Provoquei, ainda me divertindo com seu ciúme. Mordi o lábio inferior e sorri, ansiosa por sua resposta.

— Acho que você tem alguma tatuagem ligada a livros, talvez... Alice no País das Maravilhas?

Disse, como se não soubesse, e garfou um pedaço de carne olhando pra mim.

— Alice, Bellanne?! — Michel olhou-me de uma maneira engraçada, como se fosse um absurdo uma tatuagem sobre Alice.

— Ah! Eu adoro Alice! — Maiara opinou, efusiva. — Acho uma história fabulosa!

— Eu prefiro o coelho. — Erik me olhava diretamente, sem disfarçar a sedução, sem rodeios. — Seguir o coelho é a meta da minha vida.

Engoli seco, lembrando as tantas vezes que me fez sexo oral, dizendo que estava seguindo a dica da minha tatuagem.

Sustentei seu olhar, mesmo trepidando de tesão.

— A Alice fez isso e quase perdeu a cabeça, Erik. — Michel soltou essa e eu não consegui segurar a risada, junto com o Michel e a Maiara, que estavam totalmente inocentes na história. O Erik seguia sério, fixo em mim, dizendo-me que pensava nas mesmas situações eróticas que eu. Então, por fim, apenas desviou o olhar fulminante para o Michel.

— Tem gente que corre o risco de perder bem mais que a cabeça, caso se atreva a seguir o coelho.

Ri da ameaça do Erik, mas ri sozinha, porque o clima pesou entre ele e o Michel que, sentindo a tensão, propôs um brinde.

— Então, que não percamos a cabeça, nem seguindo o coelho e nem fertilizando fêmeas por aí!

Brindamos e evitei o Erik, que estava agora explicando algo ao pé do ouvido da Maiara. Talvez fosse a respeito da sua preferência pelo coelho.

— Peguei pesado? — Michel sussurrou para mim.

— Não, de forma alguma.

— Vem cá... Tem mesmo uma Alice aí?

Meneei a cabeça para o Michel, criticando sua pergunta, e quanto voltei à frente, o Erik me olhava sério, incisivo. A maneira como o fazia, causou-me tremores sob a pele e elevou ainda mais a minha temperatura. Pelo seu olhar, pude supor o que pensava. Ele ainda pensava no coelho... E eu pensava na Alice entrando no buraco.

— Está gostando, Bell? — Mariana, sentada ao meu lado, sussurrou, tirando-me do devaneio sensual e do olhar do Erik.

— Estou sim, Mari. Está perfeito. — E, curiosa, aproximei-me para falar ainda mais baixo. — Mari, o Erik e a sua irmã estão juntos?

Só de formular a pergunta, meu peito doeu, mas eu precisava tirar a dúvida, porque a Maiara parecia estar muito a fim.

Mariana, incrédula, me encarou.

— Amiga... Como pode pensar algo assim?

Ergui a sobrancelha e pelo canto do olho percebi o Erik nos observando.

O ignorei.

— É o que parece. — Justifiquei, erguendo os ombros.

— Claro que não, Bell. Acabaram de se conhecer.

Olhei diretamente para o Erik e o vi desviar a atenção de volta à Maiara, disfarçando.

De posse dessa informação, reuni meus exércitos, retomei a cavalaria e impus minhas armas. Sorri travessa, sorvendo o vinho na borda da taça. E quando meus olhos voltaram a mirá-lo, Erik retribuiu.

Mesmo trêmula, mesmo suspensa no ar e queimando de desejo, sustentei seu olhar e foi como se tudo ao redor tivesse entrado em modo *slow*. Apenas o azul dos seus olhos existia, fixo em mim, intenso.

De repente, senti o corpo arrepiar em lugares que jamais pensei ser possível arrepiar. Vi seus lábios entreabrirem em busca de ar, replicando o meu próprio gesto. Vi o Erik tornar a fechá-los, engolindo a saliva que acumulava em sua boca, faminto como eu. Tornei a me perder em seus olhos de cílios longos e dourados, até que estes baixaram para as mãos sobre a mesa, quebrando nossa conexão.

Findado o jantar, fomos para o *living* e Teo propôs um brinde. Ele queria dizer algumas palavras e teve toda a nossa atenção.

De onde eu estava, podia ver o Erik, ainda ao lado da Maiara. Formávamos uma espécie de círculo desordenado e a Mariana e o Mateo posicionaram-se no centro deste.

Com uma perna e um braço engessados, Teo apoiava seu braço imobilizado nos ombros da Mari e com a outra mão segurava uma taça.

Eles formavam um casal perfeito e combinavam em tudo. Ambos loiros, ambos inocentes, descobrindo juntos a vida. Compartilhavam a simplicidade do relacionamento límpido; compartilhavam os corações puros e cheios de sonhos. Eram tão lindos!

— Amigos, família... Queremos agradecer a presença de vocês nesse momento tão importante e belo para nós. — Teo olhou para Mari e foi emocionante o amor que vimos em seu olhar. Ela também o fitava com verdadeira adoração. — E eu queria que fossem testemunhas da minha gratidão.

Olhei ao redor e as pessoas estavam enfeitiçadas pelo casal, embebidas na aura de amor e ternura que eles construíam. Erik me olhava pelo canto dos olhos, sério, concentrado e eu sustentei seu olhar por um instante.

— Encontrar a Mari foi uma surpresa. — Com a mão que segurava a taça,

carinhosamente, Teo retirou uma mecha de cabelo do rosto da Mari. — Eu não fazia ideia do quanto a minha vida mudaria, ao chegar aqui. — Ele sorria, encantado por sua mulher, e aquilo aqueceu meu coração. — Ela chegou e encheu a minha vida de luz, de beleza e doçura... E mesmo eu tendo diabetes, me enchi dessa doçura.

Todos rimos e novamente meus olhos esbarraram nos do Erik. De forma muito sutil, seus lábios se curvaram para mim e ele escondeu o sorriso por trás da taça de vinho, ao server sua bebida. E aquilo foi tão sexy que me fez suar.

— E quando eu estava lá, entre a vida e a morte, ela também me salvou. — Teo seguia tão entregue aos olhos da Mari, que parecia ignorar todos ao redor. — Eram seus olhos que me guiavam pela escuridão, amor. Era a sua voz tão calma que não me deixava desistir. E eu sequer sabia que nosso amor já havia gerado nosso bebê.

Mariana pôs-se nas pontas dos pés e beijou o Mateo. Eles se acarinhavam mutuamente, contagiando as pessoas e me senti tão carente das mãos do Erik, que me faltou o ar.

Meus olhos queriam buscá-lo, e eu sabia que o encontraria fitando-me de volta, mas me contive. Foi difícil, mas me contive.

— Aqui, perante as pessoas que amamos, quero também declarar o quanto amo a Mariana. — E ao erguer sua taça, também aproximou os lábios dos dela. Apesar de falar baixo, todos nós conseguimos escutá-lo: — Obrigado, meu amor, por existir e por me trazer de volta. Jamais cansarei de agradecer por você em minha vida.

A Mari não respondeu, estava comovida demais para isso. Apenas pendurou-se no pescoço do então marido e beijou-o apaixonadamente.

Explodimos em palmas emocionadas e muitas pessoas enxugavam os olhos, inclusive eu. E nesse momento, o azul intenso do Erik me atraiu como um ímã.

Ele me olhava com tanta ternura, que por muito pouco não corri para os seus braços.

— Bell, vamos sentar na varanda? — Michel chamou, enquanto ainda brindávamos, salvando-me de uma recaída vergonhosa, porque eu estava a ponto de suplicar que o Erik me levasse elevador acima.

Acompanhei o Michel de bom grado. O brinde do Mateo sensibilizou-me mais do que eu gostaria e a presença do Erik não estava ajudando.

A maior parte do grupo seguiu para a varanda *gourmet* e as pessoas acomodaram-se pelos sofás dispostos ali. Sentei no braço do sofá, ao lado do Michel.

O Erik estava um pouco distante, mas ainda direto no meu campo de visão, sentado de pernas cruzadas, com a Maiara ao seu lado, conversando, sorrindo e jogando charme.

Eu gostava da Maiara, era uma garota inteligente e como eu poderia julgá-la por tentar fisgar o Erik? Qualquer mulher com o mínimo de visão e bom senso o faria.

Busquei me distrair, porque observar o Erik não estava sendo algo saudável para mim.

O irmão mais velho da Mariana contava suas aventuras de esporte radical ao pequeno grupo formado por mim, Michel e Mateo. Até que o papo estava interessante, mas, inevitavelmente, eu terminava por virar meus olhos para o Erik. E lá estavam seus olhos... fixos em mim.

Terrivelmente *sexy* sob a luz fraca que emanava da sala, ele sorria, seduzindo a Maiara. Ela, coitada, inclinava-se em sua direção, atraída pelo magnetismo inerente daquele homem.

E nesse momento, agradei ao Michel por pedir que eu contasse ao irmão da Mariana sobre a minha última viagem ao *Hawaii*, quando tive a oportunidade de conviver com esportistas radicais. Só assim pude livrar-me do aflitivo domínio do Erik.

Erik

Quase pirei quando entrei naquela sala e dei de frente com a Bellanne e o Michel.

O que ele estava fazendo ali? O que ele estava fazendo com ela?

Toda a minha precipitada irritação deu lugar ao enlevo, quando olhei a mulher à minha frente. A Fraise parecia superar-se a cada dia. Além da sua sensualidade natural, acentuada por todos os artifícios femininos que, para ela, seriam dispensáveis, Bellanne trazia uma aura diferente em seu olhar, na maneira como se movia... Algo que eu não soube identificar. Foi mergulhado nessa aura que me vi ousadamente segurando em sua nuca e beijando-lhe a face, quando minha vontade era beijar-lhe a boca.

Ela me olhou atônita, surpresa, mas não irritada, como eu esperava.

Perceber esse feixe de luz em meio ao breu, deu outro ânimo à minha noite, mesmo com a borboleta azul em seu ombro deixando-me saudoso e trazendo à lembrança as inúmeras vezes em que mordi a tatuagem, enquanto gozava dentro da Fraise.

A Maiara, uma moça muito simpática e inteligente, estava sendo uma excelente companhia. Falávamos sobre política internacional e tínhamos algumas opiniões bem parecidas, mas depois da chegada da Fraise, nem todo esforço da garota conseguiu reter minha atenção.

Durante o jantar, a mão do Michel sobre a da Bell parecia piscar em *neon* para mim e, por diversas vezes, me vi mandando que ele a tirasse dali.

No entanto, a despeito de toda raiva, frustração e até dos desejos de violência que senti naquele jantar, algo de muito bom pude perceber: a maneira como a Fraise me olhou. Isso foi a melhor coisa que me aconteceu em semanas! Não havia hostilidade, nem desprezo... Pela primeira vez, desde *Copenhague*, ela me olhou de verdade, e este era o motivo da imensa alegria em meu peito, da vontade que eu tinha de rir o tempo inteiro.

A minha esperança se renovava.

— Eu não fazia ideia de que a Drakkar havia nascido em Paris!

Maiara tinha os olhos brilhantes, sonhadores.

Eu sabia que ela estava interessada e se não houvesse Bellanne em minha vida, ela seria sim, uma boa companhia. Mas depois da Fraise, era inevitável sentir falta de muitas coisas suas nas outras mulheres.

— É... Apesar da minha origem e o nome da loja ser uma referência dinamarquesa, a Drakkar nasceu em Paris.

Eu buscava respostas simples, porque o meu verdadeiro interesse estava do lado oposto da varanda, sentada no braço do sofá, ao lado de outro que, por vezes, fazia a intenção de pousar a mão sobre sua coxa. Se ele fizesse isso, não sei se conseguiria me controlar.

— Mas isso é natural, afinal, você e o Thomaz... Esse é nome dele, não é? Voltei a atenção para a garota ao meu lado, totalmente perdido.

— O que disse?

— O seu sócio. Ele chama-se Thomaz, não?

Sorri, disfarçando minha indelicadeza.

— Perdão. Sim... Thomaz. Ele é brasileiro, mas morou por muitos anos em *Copenhague*. Somos amigos de infância.

E quando tornei a olhar para Bellanne, ela havia levantado e caminhava na minha direção, olhando diretamente para mim. Eu congelei, esperando que

visse falar comigo, mas simplesmente desviou e sumiu pela porta que levava à sala.

Soltei o ar, tenso. Do jeito que vinha, eu estava certo de que iria pegar minha mão e me pedir para sairmos dali.

Respirei fundo e notei que o Michel seguia animado na conversa com o Mateo e o irmão da Mari. Olhei para a jovem ao meu lado e ela estava distraída, bebendo seu vinho. Não ponderei, não racionalizei, e totalmente no impulso levantei e fui atrás da Fraise.

Eu a vi sumir pelo corredor na companhia da Mariana e as segui. Entraram no quarto de hóspedes, mas, no instante seguinte, a Mari saiu do quarto e eu, rapidamente, me escondi na cozinha, respirando aliviado quando minha cunhada passou por mim, voltando para a sala.

De volta ao corredor, ainda ponderei com o restinho de juízo que havia em mim, mas esse restinho era bem pouco mesmo, porque meu corpo e minha mente eram governados pelo desejo e saudade que eu estava da Fraise.

Atravessei o espaço e entrei no quarto de hóspedes vazio e escuro, supondo que a Fraise estivesse no banheiro, pois a única luz que havia, vazava por baixo da sua porta fechada.

Sem aquele resquício de juízo de dez segundos atrás, tranquei a porta do quarto por dentro e coloquei a chave no bolso. Minhas mãos suavam e eu estava mais tenso que uma corda de violão.

Caminhei pelo quarto, tentando organizar os pensamentos, buscando as palavras certas para lhe falar, quase gritando comigo mesmo para que pensasse direito e com calma, mas tudo estava muito acelerado dentro de mim.

Sentei na cama e passei as mãos pelos cabelos, quase desesperado porque, no fundo, eu sabia que aquela era a minha chance e eu não poderia desperdiçá-la, deixá-la passar.

E foi assim que a porta do banheiro abriu e nossos olhos se encontraram.

Bellanne

Mariana levou-me à suíte de hóspedes porque o lavabo estava ocupado e como a minha bexiga não estava suportando muito tempo, o melhor era não arriscar.

Eu lavava as mãos, quando me olhei no espelho.

Meu rosto estava corado, afogueado e eu sabia bem qual era o motivo.

Erik estava criando um verdadeiro rebu dentro de mim. Sua presença, seu olhar e até o ar que ele deslocava em minha direção, quando movia-se, eram elementos a mais para me desequilibrar.

Ajeitei os cabelos com os dedos. Eles estavam bonitos, a minha pele também, e não entendi porque algumas mulheres têm tanto medo de engravidar por conta da beleza. Sem dúvida eu estava mais bonita. E foi com essa agradável sensação de plenitude que abri a porta do banheiro e congelei, frente ao Erik, sentado na cama, iluminado apenas pela luz do banheiro.

Sem nada dizer, ele levantou e deu um passo em minha direção.

Deus! Ele estava tão, mas tão lindo!

Seus olhos, encobertos de desejo, me acariciaram de cima a baixo e voltaram ao meu rosto.

— Fraise... — Busquei o ar que não estava ali. — Você está linda.

Soltei aquele riso mínimo e tenso. Extremamente tenso.

— Obrigada.

Ele deu mais um passo e minhas pernas começaram a tremer. Eu não sabia o que fazer com as mãos ou o que dizer. Então, reunindo forças, tomei a direção da porta e já passava por ele, quando Erik simplesmente atravessou o braço à minha frente, detendo-me pela cintura e puxando-me para si.

Sua boca tocou minha fronte e eu dissolvi em lava, enquanto toda a minha espinha era puro gelo.

— Por favor... — ele sussurrou dolorosamente, contra meu cabelo.

Apertei os olhos, com raiva de mim mesma, porque meu coração estava encolhido e tudo abaixo da minha cintura pegava fogo. Minhas mãos coçavam por apertar seus músculos, meus lábios tremiam na ânsia de beijá-lo e meu sexo latejava, molhado e suplicante.

— Não faz isso, Erik...

Mas a sua boca já arrastava pelo meu rosto, sua mão já estava mergulhada em meus cabelos, enquanto a outra apertava minha cintura. E eu já estava perdida.

Ergui o rosto e Erik comeu a minha boca de uma só vez. Deslizei as mãos pelo seu pescoço e nuca, sugando-lhe a língua, sorvendo-lhe a saliva, mordendo seu lábio, desesperada para ter tudo dele de uma só vez.

Erik virou o corpo e me levou com ele, empurrando-me na direção da cama. E foi aí que meus alertas soaram.

— Não! — Falei decidida contra sua boca, morta de medo e eu não sabia nem do quê, mas quando tentei fugir, ele segurou minha mão e puxou-me de

volta.

Não tive mais forças para sair dos seus braços.

Me vi sendo erguida e sentada no *rack* de madeira que tomava toda a extensão da parede do quarto. Suas mãos seguravam minha cabeça, mantendo-a presa ao beijo. Seus músculos ondulavam sob minhas mãos, fazendo-me recordar o quanto seu corpo era todinho feito para me dar prazer.

Acariciei-lhe as costas, que empertigavam na medida em que eu arranhava as unhas sobre a camisa de algodão.

Eu pulsava de tesão, louca para que ele me tomasse, rendida, ansiosa por tê-lo dentro de mim, me invadindo, me comendo de todas as formas. Ansiava por sua boca sobre a minha pele e sua pele na minha língua, e nessa ânsia, agarrei-me ao Erik e cruzei as pernas em sua cintura, puxando-o contra meu sexo.

— Você é minha, Fraise... — murmurava, enquanto chupava meu pescoço, arranhava os dentes no meu queixo, lambia minha pele, queimando-a por onde passava. — E eu sou seu, meu amor.

As mãos grandes, possessivas, me apertavam, como se quisesse certificar-se de que eu era real, de que estávamos mesmo ali. E esta aflição ficava presente em nossas respirações, em mãos inquietas que se tocavam, buscando-se; no meu peito explodindo de emoção, numa mistura louca de alegria e tristeza; de agonia e alívio.

— Erik, por favor... — Eu suplicava por uma pouco de misericórdia, porque sentia que estava à beira de enlouquecer com tantas sensações insanas, mas sua boca me calou com o tipo de beijo capaz de levar uma mulher ao orgasmo. Um beijo completo, totalmente preenchido, macio e molhado.

Nossos corpos colados, encaixavam, reencontrando-se numa conjunção natural, óbvia.

Erik invadia meus sentidos. Seu cheiro deixava-me louca de desejo... Seu gosto na minha língua, fazendo-me recordar outros sabores seus, do qual eu estava morta de saudade.

Quase sem controle, segurei com força seus cabelos na nuca, arrepiando com a barba macia que acariciava meu rosto, enquanto perdia-me em sua boca, porta para a minha perdição.

Então, quase sem fôlego, Erik segurou a minha cabeça com as duas mãos e, com esforço, nos separou. Seus olhos repletos de tesão vasculhavam meu rosto e eu replicava seu olhar, ansiosa por relembrar cada detalhe.

Ofegávamos, afoitos.

— Que saudade da porra, Fraise!

Sentia-me torpe, bêbada, não conseguia raciocinar direito e quando suas mãos escorregaram dos meus cabelos para a lateral do meu corpo e tomaram meus seios, revirei os olhos e os fechei, gemendo em antecipação à sensação única que eram as mãos do Erik acariciando meus seios. Ninguém fazia aquilo como ele, com tanta delicadeza e ao mesmo tempo possessividade.

Ele tornou a me envolver em seus braços e apertar-me contra seu peito, mergulhando na curva do meu pescoço, chupando e arranhando os dentes, faminto. Eu estava tão mole, tão sem ação, que já me sentia quase vencida. Mais um pouco e eu mesmo o levaria para aquela cama.

— Eu te amo, Moranguinho... Eu te amo mais que tudo no mundo. — Erik sussurrou contra o meu ouvido, arrepiando até a minha alma. Eu estava a ponto de lhe dizer que também o amava com loucura, quando bateram na porta do quarto, arrancando-nos violentamente daquele delírio.

— Bell? Está tudo bem?

Olhamos juntos para a porta e meu coração bateu tão forte que soou em meus ouvidos. Era a voz da Mariana e também ouvíamos o Mateo.

— Bellanne? Mari, é melhor chamarmos alguém para tentar abrir... — Teo sugeriu.

— Eu estou aqui, Teo! — O Erik falou alto, claramente aborrecido, cessando o burburinho lá fora, mas a coisa toda já havia se quebrado e eu segurei em seus braços, tentando desvencilhar-me.

Erik não se moveu nem um centímetro, apenas me olhou com um vinco enorme entre as sobrancelhas, me questionando.

Não havia o que dizer, o que justificar. Aquilo não deveria estar acontecendo.

— Está tudo errado. — Foi tudo o que consegui dizer, quando sutilmente tentei empurrá-lo, novamente em vão.

— Errado, Fraise?! O que tem de errado?

Fugi dos seus olhos que, mesmo na penumbra, ainda eram intimidadores.

E ante a minha resistência, por fim, ele cedeu e desfez seu abraço, mas segurou meu rosto entre suas mãos e, forçando-me a encará-lo, retirou os cabelos bagunçados do meu rosto. E se suas mãos eram puro carinho pelos meus cabelos e rosto, seu olhar era o amor em tons de azul.

— Não tem nada errado, amor. Estamos aqui, eu e você, e nós queremos. O que pode haver de errado?

Meu coração trotava descompassado e até senti receio de ter um enfarto ali. Eu respirava mal, sentia meu corpo fraco, sem vontade. Olhei para a porta, como se fosse a saída de todos os meus problemas e aflições.

— Fraise. — Erik chamou e voltei a encará-lo. Era muito difícil sair dos seus braços, ainda mais quando seu hálito ainda batia contra meu rosto, quando suas mãos grandes ainda me seguravam, quando seus olhos ainda invadiam os meus. — Fica, por favor.

Eu não podia. Ainda era o mesmo Erik. Ainda era o amor da minha vida, o homem que quebrava minhas resistências, minhas convicções. Ainda era o homem que tinha o poder de levar-me ao céu e ao inferno, porque se eu me entregasse agora à força que gritava dentro de mim, chamando por ele, certamente iria sofrer mais tarde, caindo novamente no ciclo de manipulação que ele, até então, não havia provado ter quebrado.

Abaixei os olhos e o empurrei. Ele não criou mais resistência.

Caminhei trôpega pelo quarto, arrumando parcamente o cabelo por pura incapacidade de arrumar o que havia dentro da cabeça. Não iria olhar para trás.

Segurei na maçaneta e a abaixei, mas a porta não abriu, levando-me à única conclusão.

— Erik, você trancou? — e com uma dor que cortava cruelmente meu peito, virei-me para ele. Erik estava de olhos fechados, exatamente na mesma posição que antes, e quando abriu os olhos, eles refletiram a minha dor.

Ele enfiou a mão no bolso e, com o semblante duro, machucado, jogou a chave para mim. Agarrei-a no ar e sem me dar chance de pensar, abri a porta.

Encontrei os olhos assustados da Mari e do Teo, mas logo desviaram de mim e pararam no Erik, no meio do quarto.

Por mais impensável que seja, eu estava constrangida, triste, com raiva de mim mesma, arrependida de ter cedido, arrependida de ter parado, arrependida de me arrepender.

— Desculpem, preciso ir.

Passei pelos dois e só tive ação de chegar na varanda e dizer ao Michel que eu precisava ir embora, mas nem o esperei. Dei boa noite a todos e saí.

No elevador, eu ainda tremia da cabeça aos pés e evitei olhar para o Michel. Ele, graças a Deus, respeitou meu silêncio e assim, mudos, seguimos, até que paramos na porta da minha casa.

Mais calma, mas não menos perdida, olhei para ele, embora ainda não me sentisse corajosa o suficiente para encará-lo, porque eu tinha carregado ele

para um jantar e o havia forçado a partir sem nem se despedir dos anfitriões e pior, sem explicações.

— Perdoe-me, Michel.

Ele forçou um sorriso.

— Está tudo bem, Bell. Não deve ter sido fácil. — Ergui os olhos e o encarei. — Eu notei que você e o Erik sumiram. Além do mais... Você usava um batom bem vermelho e forte.

Tornei a baixar o olhar, reprimindo o riso, que se mesclava com a frustração.

— Sabe aquela sondagem que o pessoal ficou de fazer no campeonato de *surf* do litoral paulista, amanhã? — Voltei a fitá-lo e ele apenas assentiu. — Quero acompanhar a equipe. Por favor.

Michel fechou os olhos e com um leve sorriso nos lábios, balançou a cabeça, aquiescendo.

— Obrigada.

E quando saí do carro, ainda olhei ao redor, com a nítida sensação de que o Erik estava por ali. Ou talvez fosse apenas meu o desejo.

Erik

Eu nunca senti uma dor como aquela. Era ainda maior do que quando me dei conta de que ela havia me abandonado em *Copenhague*, porque esta misturava-se a uma raiva contida, uma frustração dilacerante. E foi com esse peso no peito que sentei na cama de hóspedes do Mateo, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, sentindo-me um trapo, exausto e irritado a níveis elevados.

— Eu... Eu nem sei o que dizer, Kivo. Eu não sabia...

Mateo sentou ao meu lado, mas eu não queria conversa. Ainda sentia a Fraise nas minhas mãos. Ainda tinha seu cheiro, seu gosto em mim, como se ela tivesse desaparecido por mágica.

Ela não podia ter feito isso! O que havia de errado?!

— Tudo bem, Teo.

— A culpa foi minha... Vi a Mari preocupada com a Bell e... Ah, merda! Me perdoe, meu irmão, por favor.

— Eu disse que tudo bem.

Ergui a cabeça e respirei fundo, tentando me refazer. Eu estava tão puto com tudo, que temia ser grosso com o Teo.

Que merda de erro pode haver em duas pessoas que se amam, que se querem?

— Eu estou cansado, Teo. — Ele me olhava curioso, pude perceber pelo canto do olho, porque meu olhar estava perdido no *rack*, onde eu e a Fraise estávamos há dois minutos. — Estou cansado de pedir perdão, de dizer que amo. Queria conseguir esquecê-la, queria poder arrancá-la de dentro de mim.

— Mas ela também ama você, Kivo, tenho certeza.

Deixei a cabeça pender para a frente e mirei meus sapatos.

— Eu sei... Mas não acredita que eu esteja tentando mudar. Não a culpo por sentir medo, Teo. Eu sei o que se sente quando se é usado como eu a usei, mas... — Respirei fundo, tentando expulsar de mim aquele amargor. — Eu queria um voto de confiança dela. Apenas uma chance.

Meu irmão ficou em silêncio e me senti péssimo por estar lhe impondo sentimentos tão tristes, quando a sua vida era só felicidade.

— Desculpe por isso, Teo.

Levantei e ele levantou junto.

— Não tenho o que desculpar, afinal, fui eu que interrompi o acerto de contas de vocês.

Forcei um sorriso e passei o braço pelos seus ombros, beijando seu rosto.

— O que você interrompeu foi uma foda, meu irmão. Nosso acerto de contas é algo bem mais profundo. Como ela mesmo me disse uma vez... Nem tudo se resolve com sexo.

Baguncei seu cabelo e saí. Cordialmente, me despedi de todos e sob um olhar pesaroso de Mariana, deixei a festa.

Ela havia acabado para mim.

21º Capítulo



CAPÍTULO 21

Dias depois...

Bellanne

Era o final de mais um dia de trabalho. Do quarto dia, para ser mais exata. O campeonato de *surf* chegara ao fim e eu, junto à equipe da *Surfer Way*, já tínhamos escolhido dois surfistas para o editorial da revista. Quando eu voltasse para casa, teria apenas um dia para cerimônia da *Drakkar* e da *Vogue* em minha homenagem e logo no dia seguinte eu iria para o *Hawaii* com o Michel e toda a equipe de produção da revista.

Caminhava pela praia com o sol se pondo à minha frente. Pensava em Erik, igualzinho a todos os dias... Tal qual todas as horas do meu dia.

Havia pensado muito durante aqueles momentos de solidão porque, apesar da companhia de toda a equipe, eu nunca tinha estado tão só. Pensei nas nossas vidas, pensei no nosso bebê e, principalmente, na minha mágoa.

Ali, sozinha naquela imensidão de areia e mar ou no quarto do hotel, eu pude ver a situação por outro prisma. Longe do turbilhão da minha realidade, entendi que eu até podia não perdoar o Erik, mas eu não tinha o direito de lhe

esconder um filho e, por isso, estava decidida a conversar com ele após a homenagem da Vogue. Eu o chamaria para um jantar ou algo assim e, independente de estarmos juntos ou não, eu iria permitir que ele acompanhasse a gravidez e participasse de tudo. Mesmo que isso significasse um suplício para mim... tê-lo em minha vida, sem que ele estivesse de fato comigo. Esta era a situação que tanto me amedrontava.

Erik

Nos dias seguintes à festa do Mateo alimentei uma raiva que escapava por todos os poros. Foquei no trabalho e criei o hábito de correr na orla. Eu ia até a frente da casa da Bellanne e voltava, coisa de doze quilômetros ao todo. Tudo isso para depurar a energia nuclear que se acumulava na boca do meu estômago.

Ela havia partido para o litoral paulista, Mariana me disse, e voltaria a tempo para a sua homenagem. Seria bom esse tempo para nós dois.

Não tornei a ligar. Se ela precisava de espaço, eu lhe daria esse espaço. Se ela queria prova de que eu estava tentando mudar, que me dissesse isso claramente e eu lhe daria o endereço do meu psicanalista. Não iria mais forçar a barra. Enfim, aprendi, da pior forma possível, que com Bellanne tinha que ser do jeito dela.

Fiz a volta no calçadão, olhando de relance para a sua janela fechada e então, fitei o céu nublado. As pessoas começavam a correr da tempestade que se anunciava no oceano, mas eu não me abalei. Nada podia ser pior do que a minha própria tempestade.

Amanhã eu a veria novamente e estava disposto a agir diferente. Se era espaço que queria... Era espaço que teria.

Bellanne

Lucien havia passado a tarde comigo e me obrigado a lhe mostrar cada uma das oitenta e sete fotografias de surfistas que eu havia feito na viagem ao litoral paulista. Isso não era de se estranhar; o que estranhei foi sua insistência em perguntar se eu havia escutado buchichos da equipe, acerca dos casos amorosos do Michel.

Era notório o caráter mulherengo do meu novo amiguinho e bem possível que cada mulher daquela equipe já tenha feito um passeio em sua cama. O

que o Lucien esperava que eu tivesse escutado?

Enfim, coisas do Lucien!

Saí do banheiro enrolada na toalha e o Lucien praticamente pulou na minha frente, segurando um cabide em cada mão, com dois vestidos que eu, supostamente deveria escolher para usar. Eu gostava de ambos.

— Qual dos dois?

— O branco, sem dúvida! — E peguei o vestido sexy e esvoaçante que Lucien segurava na mão direita, desprezando o rosa, que ele segurava na outra mão. — O bronzeado ficará lindo sob o branco.

Pisquei para ele, que meneou a cabeça, concordando comigo. E quando, minutos depois, eu terminava de fazer minha maquiagem, decidi que iria explodir, se não lhe fizesse a pergunta que estava me engasgando.

— Lucien, tem visto o Erik? — Fixei meus olhos no reflexo da minha boca no espelho, pintando-a de vermelho e tentando disfarçar o tamanho da minha curiosidade.

— O que, exatamente, quer saber, Bell?

Fechei o batom e verifiquei os cílios.

— Apenas se tem visto ele, se está bem...

— Por que não liga e pergunta?

Fitei Lucien pelo espelho. Seu tom fora um tanto ríspido.

Virei-me, olhando-o de frente.

— Qual o problema?

— O problema é que vocês deveriam mesmo conversar. — Como não acrescentei nada, apenas fiquei olhando o seu semblante irritado, ele seguiu:

— O cara está estranho. Precisa ver, parece uma máquina de trabalhar! Sempre distante e pouco se envolveu com o evento de hoje. Não duvido que nem mesmo vá a esta homenagem.

Engoli seco, sentindo um frio repentino. Instintivamente, levei a mão ao ventre.

— Você acha... Acha que ele está me esquecendo, Lucien?

Ele me olhou espantado.

— Não... Não foi isso que quis dizer. É só que... Cara, ele está sofrendo pra caralho!

Ergui as sobrancelhas e depois soltei um riso nervoso.

— Espera! Ele fez o que fez e agora é o coitado?!

— Novamente você está entendendo errado. — Lucien levantou impaciente. — É só que... Putz! Eu vi a Mariana chegar lá na Drakkar

carregada de compras para o bebê e o Erik ficou olhando com a carinha de cachorro que caiu da mudança. Bell... Ele merece saber!

Abaixei o olhar. Lucien estava certo e eu já estava decidida a acabar com isso, mas há dias a vergonha de ter lhe escondido algo dessa dimensão, vinha me visitando. Eu iria contar, só precisava de coragem e oportunidade.

— Quer saber? Esquece. — Ele se aproximou e me deu um selinho. — Vou fazer uma ligação enquanto você termina.

Observei Lucien sumir pela porta. Ele estava coberto de razão e isso iria acabar hoje. Logo após a homenagem, o Erik saberia que também seria pai. Esconder isso dele não estava me fazendo bem.

Erik

A barba estava começando a crescer novamente, mas o cabelo estava aparado. Pensei, ao olhar meu reflexo no espelho e avaliar que o terno chumbo caía bem com a camisa cinza claro e a gravata escura. Coloquei o relógio no pulso e, antes de sair, encarei-me novamente no espelho, sério.

Bellanne... Ela estará lá, e minha determinação em manter-me distante será colocada à prova. Embora, bastasse pensar nela, para sentir minha pulsação acelerar.

Eu fiquei tão puto quando ela fugiu de mim, na casa do Mateo, que tudo o que quis foi esquecê-la, mas vinte e quatro horas foram suficientes para entender que isso não iria acontecer.

Eu não desistiria dela, mas se provas de que eu tentava mudar era o que ela precisava, eu esperava que manter-me afastado da organização da sua homenagem e não buscá-la durante esses dias, fossem ao menos um indício válido.

A terapia seguia firme e o Túlio afirmava que eu estava caminhando conforme o esperado. Um passo de cada vez, ele disse.

Não estava sendo fácil conter a minha ansiedade. Não era fácil ser paciente o suficiente para esperar que as coisas acontecessem, ao invés de manejá-las conforme meu entendimento. Estava sendo um exercício constante de autocontrole e, embora eu falhasse algumas vezes, não me culpava por isso.

Um passo de cada vez.

Minutos mais tarde, quando entrei no salão da casa de espetáculos, fui cercado pela imprensa. Além das perguntas óbvias sobre a Drakkar, uma

chuva de perguntas acerca da minha relação com a Bellanne deixou-me sem jeito. Procurei ser vago, alegando que, apesar da nossa relação ter terminado, eu seguia admirando-a como a mulher brilhante que é.

— Erik! — Thomaz aproximou-se e nos cumprimentamos. — Você sentará em uma das mesas da frente. Lá também estarão a diretoria, a família e amigos da Bellanne. — e me olhou inseguro. — Tudo bem para você?

Assenti.

— Sim, claro. Sem problemas.

Seguimos para o local indicado e admirei a arquitetura e decoração. O local parecia uma casa suntuosa da década de 1960, tinha o piso xadrez e a iluminação cinematográfica digna de Bellanne.

Todos estavam muito elegantes e eu sabia que a programação incluía, além da premiação da Vogue, uma surpresa para a Fraise, seguida dos depoimentos de alguns profissionais sobre ela, sua declaração e, na sequência, teríamos um número musical para a festa, que seria alegre como a Bell.

Conforme o tempo passava, eu sentia a tensão crescer. Eu seria uma das pessoas que iriam subir ao púlpito para prestar sua homenagem à Bellanne Fraise, a fotógrafa.

— Com licença... — Aproximei-me da mesa dos Fraise. — Boa noite, Ana Maria, Paulo... Como vão?

Cheio de formalidade, cumprimentei ambos com polidez e beijei a mão da Ana, que sorria para mim.

— Você está bonito, Erik! — Ana Maria acrescentou e vi o olhar da Margie para mim, pela primeira vez, realmente simpático. — Está ansioso?

Sorri meio tenso.

— Sim, muito. Não sou fã de falar em público, então... Sim, estou ansioso. E vocês... — Olhei para Paulo Henrique, que me retribuiu um sorriso sutil, mas sincero. — Estão sendo bem atendidos? Precisam de algo?

Ambos negaram, e então, senti a mão da Margie em meu braço.

— Erik, a Bell vai adorar ouvir você falar. — disse, olhando bem nos meus olhos. — Ela adora ser bajulada.

Todos riram e eu descontraí.

— Sim... E eu adoro bajulá-la.

Vi os olhos do Paulo Henrique brilharem para mim, e assim, pedi-lhes licença. Na passagem, cumprimentei rapidamente o Caio, a Letícia e o casal Tatiana e Alex. Então, suando frio, sentei-me à mesa ao lado do Teo, da

Mariana e do Tom com sua esposa Sophie. A Bell ficaria na mesa dos pais e eu não conseguia evitar olhar naquela direção a cada cinco minutos.

Bellanne

Eu estava tremendo quando o Lucien segurou em minha mão e ajudou-me a sair do veículo.

— Guarda, *lady*. — E me entregou as chaves do meu carro. — Hoje, vou tomar “todas” e você já tem uma *blitz* instalada no ventre.

Entramos na casa de espetáculos ainda rindo da sua piada.

Flashes fortíssimos e um mar de microfones nos barraram e levei quase trinta minutos para atender a todos eles, mesmo sendo sucinta. E quando me perguntaram sobre o que eu achava do meu ex-namorado, Erik, estar previsto para fazer uma declaração sobre mim, ruborizei, mas tirei de letra.

— Se ele fará um depoimento, é porque falará bem de mim, não? — Sorri, simpática. — É muito bom, quando um ex pode falar bem de você, não é mesmo? — Todos riram e eu completei. — Eu estou ansiosa para ouvi-lo falar. O Erik é um cara incrível e eu sempre irei admirá-lo.

— Há possibilidade de um *revive*? — A repórter perguntou.

Sorri largamente e olhei para o Lucien, que piscou para mim.

— Quem sabe? Vocês têm algum palpite? — E todos eles fizeram suas apostas numa volta do casal. Então, despedindo-me, apenas pisquei e sorri para a câmera, completando: — A seguir, cenas dos próximos capítulos!

Lucien me encontrou logo à frente e levamos mais dez minutos para atravessar o salão, porque precisei parar em quase todas as mesas, recebendo os cumprimentos.

Mal cheguei à mesa dos meus pais e fui atraída para a mesa mais ao lado: meus olhos bateram diretamente em Erik, sentado na companhia do irmão e do sócio.

Ele estava um sonho! Parecia um príncipe em seu terno perfeitamente alinhado no corpanzil de parar o trânsito. Meus pelos arrepiaram, porque tudo que era somente lembrança da última noite na casa do Mateo, estava personificado na minha frente.

Sem conseguir me conter, lhe sorri largamente. Meu estômago tremulou de nervoso, mesmo quando ele apenas meneou a cabeça e ofereceu-me um sorriso ameno, em retribuição à minha euforia. Ainda assim, não resisti e fui até lá.

Aproximei-me, cega para os demais que o acompanhavam à mesa, porque via apenas o Erik. Lentamente, ele levantou, arrumando os botões do terno, e cresceu diante de mim, imponente, fazendo-me vacilar.

— Olá, Erik.

Seus olhos brilhavam, lindos, azuis como o céu.

— Olá, Fraise.

E ficamos alguns segundos assim, sem saber o que dizer. Eu, perdida em seus olhos serenos, olhos que eu já tive só para mim, olhos que me seguiam por toda parte. Ele, com uma impassividade totalmente nova para mim. Não estava exatamente frio, mas distante.

Estranhei e uma pontada acertou meu peito. Uma sensação ruim de falta, de vazio.

Então, após alguns segundos quando apenas nos encaramos, buscando nos encontrar no olhar do outro, Erik avançou e roçou sua barba curta em meu rosto, deixando ali um beijo suave e furtivo. Fechei os olhos, saboreando aquele contato.

— Parabéns pelo seu dia. — Sussurrou, e quando se afastou, mergulhou as mãos nos bolsos e me sorriu de uma maneira muito tranquila, mas ainda apático.

O Lucien estava certo, Erik estava diferente, mais sério, e isso me fez ligar os alertas.

— Obrigada, Erik. — Apertei os lábios, sem saber o que dizer, enquanto ele seguia com seu olhar direto e vazio, apenas me observando. — Você está bem? — Foi só o que consegui formular.

Ele esticou os lábios no que deveria ser um sorriso, mas foi mais um deboche.

— Estou sim. Tudo indo bem. E você, como foi de viagem?

Ergui a sobrancelha, surpresa por ele saber sobre a viagem, mas logo em seguida concluí que não lhe faltavam meios de saber sobre meu paradeiro.

— Foi produtiva. Trabalhei bastante.

Erik assentiu e logo seus olhos desviaram de mim para alguém ao fundo, para quem ele acenou. Acompanhei seu aceno e vi uma jovem morena lhe sorrir e cumprimentar. O gosto de fel subiu-me aos lábios e, mais uma vez, meu peito apertou.

Voltei a fitá-lo e ele sorria, mas não para mim.

Uma sensação de pânico ameaçava me rondar e eu precisei concentrar-me muito para não começar a cobrar-lhe coisas das quais eu não tinha mais

direito.

— Você está bonito.

Ele ergueu a mão e passou pelos cabelos. Flagrei-me acompanhando seu movimento, desejando imensamente aquela mão em mim.

— Obrigado, você também.

Erik jamais fora tão seco e mais pareceu que respondia a uma oferta do garçom e não ao meu elogio.

Fitei seus olhos e respirei fundo, sentindo-me estranha, incômoda. Ele encarou-me de volta por alguns segundos, até que voltou a desviar o olhar, obviamente sem jeito.

— É melhor você se posicionar... — discretamente, apontou para um ponto atrás de mim, mas não me virei para ver de quem se tratava. Eu estava fixa nele, tentando fazer uma leitura do que significava sua nova postura e, pela primeira vez, senti medo de como se daria a nossa conversa, após o prêmio. Senti medo de realmente estar perdendo o Erik. — Parece que irão começar. Olha aí o Lucien.

— Bellanne... — De fato, Lucien aproximou-se e, silenciosamente, cumprimentou o Erik, antes de sussurrar ao meu ouvido: — Precisa sentar-se. Já irão começar.

Com esforço, quebrei o contato visual com o Erik, sentindo-me um grão de areia ante a sua distância, então, finalmente cumprimentei as pessoas na mesa, acenando para Mariana e Teo, Tom e Sophie, para depois afastar-me, retornando à mesa dos meus pais.

Sob paparicos da Ana Maria Fraise, que após nossa reconciliação só falava no neto, e sob um olhar cheio de admiração do meu pai, acomodei-me ao lado da Margie. Sua mão delicada segurou a minha e nos olhamos ternamente.

— Você está uma deusa, Bell!

Esforcei-me para afastar a sensação ruim que a apatia do Erik me causava. Olhei para minha irmã e tentei me contagiar com sua alegria. Eu deveria estar feliz porque, finalmente, eu terminaria com o segredo que vinha tirando meu sono.

Após as homenagens, eu iria chamá-lo para conversar. Estava decidido e nem mesmo o receio que sentia em meu peito me faria mudar de ideia agora.

O melhor seria levá-lo à um lugar tranquilo, talvez no restaurante japonês onde fomos na primeira vez em que saímos. Ali, um ambiente com tão boas recordações, seria um lugar favorável.

Num lampejo, recordei a maneira como ele pediu minha mão, durante uma dança no casamento da Margie. Lembrei também do meu pai, insinuando que o Erik havia manipulado a situação para que fosse favorável a ele. E eu, o que estava fazendo agora, senão manipulando a situação? Escolhendo um lugar que influenciasse suas reações?

O Mestre de Cerimônias subiu ao púlpito e iniciou a solenidade citando os prêmios já conquistados por mim. No telão, ao lado do apresentador, as minhas fotos premiadas desfilavam e me emocionei, recordando a trajetória que construí até ali.

Os aplausos soavam a cada nova foto, muitas vezes acompanhados de exclamações admiradas e meu orgulho só crescia.

— Quer água, Bell? Cuidado com essa emoção toda. — Margie sussurrou e eu lhe sorri, tranquilizando-a.

— Estamos bem, Margie. E estamos felizes. — Referi-me a mim e ao meu bebê.

Em meio a esse pensamento, terminei ignorando as fotos do projetor e imaginando a reação do Erik, quando soubesse do bebê. Ele haveria de ficar imensamente feliz! Ou será que sentiria raiva, por eu ter lhe escondido a gravidez?

Senti minhas faces queimarem e olhei diretamente para o Viking. Lá estava ele, sentado elegantemente, de pernas cruzadas e com os olhos pousados sobre mim. Durante a apresentação, esta cena se repetiu algumas vezes: nossos olhares se cruzando, eu lhe sorrindo, e ele, às vezes, retribuía sutilmente; às vezes, apenas meneava a cabeça e desviava o olhar.

E quanto mais ele mantinha sua pose distante, mais eu ansiava por sua atenção. Até que começaram a chamar alguns convidados para falar, como o presidente da Vogue italiana, que foi o primeiro a tecer uma série de elogios e também contou o quanto foi divertido e maravilhosamente surpreendente o ensaio que lhe apresentei, com as mulheres do sertão do Ceará. A ele, seguiram mais duas celebridades do universo fotográfico e, por fim, chamaram o Erik Lars.

Eu tremia tanto, que mal conseguia manter-me no lugar.

No caminho para o púlpito, Erik passou por mim fechando o terno e seu olhar me encontrou por dois segundos, e para me matar de vez, veio acompanhado por um sorriso sedutor e uma piscada de olho estratégica. Isso fez os dois segundos da sua passagem se multiplicarem. Era o primeiro olhar realmente sedutor que me lançava esta noite e aquilo foi como um farol, em

meio à penumbra de receios na qual eu me via.

Por sob a mesa, Ana Maria segurou a minha mão e eu lhe sorri. Ao final de tudo, as mães estão sempre certas sobre nós.

Meus olhos já estavam marejados, quando ele deu boa noite com a voz grave, máscula, que se tornava tão doce aos meus ouvidos.

— Boa noite, senhoras e senhores. — Ele tinha atenção de absolutamente todos. — Quando eu estava vindo para cá, ainda não sabia o que dizer sobre Bellanne Fraise. Embora eu não seja um grande orador, detesto escrever discursos, por isso, deixei a cargo da emoção do momento. — E depois de uma pausa dramática, acrescentou: — Desculpem as piadas sem graça. Não sou bom nisso.

— Ao menos nisso! — O Thomaz gritou e todos riram, inclusive o Erik, que nos presenteou com o mais sublime e encantador sorriso.

— Ao menos nisso, não é Tom? — Ainda sorrindo, ele respirou fundo e eu sabia que estava suando de nervoso. Erik era tímido, e ser o centro das atenções não lhe era confortável. — Bellanne Fraise... Ou simplesmente Fraise. — E seus olhos encontraram os meus.

Seu olhar direto e a menção ao nome pelo qual particularmente me chamava, me atingiram e afetaram. Meu ventre contraiu, explodindo faíscas por todos os cantos. Eu estava uma pilha de nervos, em meio a uma miscelânea de emoções!

E eu, que ingenuamente pensava que fugindo das suas mãos na noite do jantar, iria me proteger de sofrer, estava ali, em completa agonia.

— Eu não conhecia o seu trabalho, quando meu amigo Thomaz Orlosson teceu uma série de elogios a esta fotógrafa. E antes de apaixonar-me pelo seu trabalho... — Ele passeava os olhos pela plateia e, vez ou outra, caíam sobre em mim, como agora. E quando isso acontecia, eu parava de respirar. — fiquei encantado pela força, caráter e determinação desta mulher.

Meus olhos estavam úmidos e eu apertava a mão da mamãe sob a mesa. Uma câmera captava meu rosto e exibia no telão, e creio que só por isso eu ainda não estava chorando.

— Acompanhei o trabalho da Fraise de perto, analisei cada uma de suas fotos durante a campanha, mesmo não sendo da minha competência analisá-las. — Olhou-me diretamente. — Mas eu fiz questão. — E tornou a vislumbrar a plateia. — Eu sou um leigo, mas fiquei fascinado pela maneira como ela olhava as modelos pela câmera. — Ele gesticulava sutilmente, como se tencionasse mostrar uma câmera em sua mão. — Ela enxergava mais do que

as roupas, mais do que o contexto... A Fraise captava a alma, não da modelo em questão, que no caso eram mulheres comuns, alheias ao mundo da moda, por exigência dela. A Fraise captava a alma destas mulheres, além do que ali representavam. Ela é fantástica e eu me tornei um fã incondicional do seu trabalho, da maneira como gerencia sua carreira e, mais que tudo... — e voltou a me fitar. A esta altura, eu já enxugava a lágrima que rolava. — da mulher extraordinária que é Bellanne Fraise.

As palmas explodiram e Erik afastou-se do púlpito. Todos, absolutamente todos, ergueram-se para vê-lo passar na descida do palco e ele veio diretamente a mim. No embalo que veio, me abraçou. Nossos corpos se encaixaram com imensa perfeição. Seu rosto mergulhou na curva do meu pescoço e eu coleí os lábios em seu ouvido.

— Obrigada, Kivo.

Erik acariciou minhas costas nuas, sussurrando ao meu ouvido:

— Cada palavra foi verdadeira.

Como uma árvore de natal, tudo acendeu em mim e soprei o ar, num reflexo da tensão que me habitava.

Depois de beijar minha testa, Erik voltou ao seu lugar, agradecendo aos aplausos com acenos discretos.

Eu estava completamente boba, extasiada com tudo o que disse, mas no cantinho da minha alma havia uma mulher emburrada e de bico, triste porque em algum momento daquele discurso, achei que ele fosse dizer o quanto me amava. Suspirei, sabendo que eu mesmo havia pedido por essa distância que Erik nos infligia.

Quando, enfim, chamaram-me ao palco, minhas pernas ainda tremiam. Lucien acompanhou-me até lá e assim que vislumbrei aquela plateia repleta de pessoas amadas, meus olhos foram direto para a mais amada delas: Erik me olhava com aquele seu sorriso maroto, suave, e uma porção de lembranças me invadiu.

A saudade era cada vez maior e, embora o receio de abrir uma porta para o velho Erik fosse uma constante, eu ainda me derretia inteira ante o seu olhar.

Por fim, empurrei para um canto a nostalgia e saudei meus amigos e fãs. Era a hora do *show*.

Erik

Meu coração tentava quebrar as costelas, quando sentei na cadeira. O discurso saía exatamente como eu pretendia. Não poupei elogios merecidos a ela, mas me esquivei de qualquer menção à nossa relação. Fraise queria espaço, e era espaço que eu lhe daria — eu repetia sem cessar —, mas posso dizer que enquanto estava lá em cima, revivi cada momento nosso.

Lembrei do iate no *Nyhavn*; lembrei do nosso final de semana no hotel; da noite em que pedi sua mão... E a saudade quase me impediu de falar.

Agora, era ela quem reinava em seu lugar de direito... na nossa retina.

Acho que nunca a tinha visto mais linda. Usava um vestido claramente da alta costura, branco e dourado, que contrastava com o bronzado da sua pele. Seus cabelos também estavam mais claros e moviam-se com uma sedosidade de impressionar.

Estava absurdamente bela, quase como um ser etéreo e ao mesmo tempo pecaminoso, porque eu desejei beijar aquele colo exposto pelo decote, desde o momento em que ela apareceu na minha frente.

Bellanne saudou a todos e seu sorriso iluminado abriu-se em genuína felicidade. Agradeceu os depoimentos, as menções e as presenças dessa noite.

De onde estava, sentia-me embevecido, tomado por sua magia, pela maneira doce e ao mesmo tempo audaciosa com que nos fitava, e quando seu olhar caía sobre mim, um tipo de eletricidade percorria meu corpo. Era o meu desejo gritando por ela.

Aproveitando que estava em evidência, me permiti viajar em Bellanne. Eu sentia tanta saudade de tocar sua pele, inspirar seu perfume, que me daria por satisfeito se apenas ficasse ao seu lado, deitado, deslizando as pontas dos dedos sobre a pele de seda dourada.

A verdade é que estava tão carente do seu ser, que eu ficaria feliz com qualquer migalha que ela me desse.

E antes que seu discurso começasse de fato, a surpresa da noite chegou na forma de um envelope. Eu já sabia do que se tratava e estava muito orgulhoso da Fraise, embora não estivesse surpreso. As premiações foram feitas para que ela as conquistasse uma por uma.

O Mestre de Cerimônia abriu o envelope e revelou, em primeira mão, para a imprensa e convidados, que Bellanne Fraise era a vencedora do maior concurso de fotografias do mundo, o *World Photography Awards*, considerado o Oscar da fotografia.

Ela, absolutamente emocionada, tomou a palavra.

— Nossa! Eu, vencedora do *World Photography Awards*! Vai demorar

para a ficha cair! — Em meio aos gracejos e aplausos, seu riso soou lindo, feliz. Contagiado, nem tentei conter o meu próprio sorriso. — Bem, só me resta agradecer... Obrigada à *Vogue* Itália e à Drakkar, por essa noite linda. — Seus olhos encontraram os meus e nossos risos congelaram juntos. — Obrigada, Erik, por tudo. Você é um homem sem igual!

Às minhas costas escutei pilhérias e Mateo empurrou meu ombro, fazendo uma brincadeira.

Eu tinha consciência de que estava vermelho de constrangimento. Odiava ser o centro das atenções, mas seus olhos estavam nos meus e diziam bem mais do que seus lábios, e isso era só o que me importava.

Eu precisava tê-la de volta. Eu simplesmente precisava.

— E não posso deixar de citar as mulheres maravilhosas que me permitiram registrar seus momentos. Dedico esta noite às mulheres de Penaforte, no Ceará.

No telão, começaram a ser exibidas as fotografias que compuseram o grande editorial da *Vogue* Itália, motivo da homenagem de hoje. Eram mulheres maltratadas pela vida, carentes de todo tipo de recurso, inclusive de amor, em meio a uma seca cruel, mas que na essência feminina, eram vaidosas e lutavam pelo amor próprio em meio a tantas privações.

As fotos passavam uma a uma, lentamente, enchendo-nos de beleza e admiração, enquanto Bellanne nos contava sobre como foi conhecer aquelas mulheres e a realidade de cada uma, até que, dentre a sequência de imagens exibidas no *slide*, uma determinada fotografia destoou completamente do contexto e levou a plateia à comoção.

Tudo aconteceu simultaneamente... Explodiram exclamações ternas e de admiração, em um “Oh!” coletivo, mas meu coração não se comoveu... Ele retumbou e congelou, porque no instante em que a fotografia parou na tela, eu também parei de respirar: era a Fraise e seu pai naquela imagem. Estavam abraçados e ele segurava-lhe o ventre, exibindo a evidente, embora incipiente, gravidez! E se esta informação não fosse suficiente para me desnortear, havia ao fundo o mensageiro dos ventos que eu havia presenteado o Paulo Henrique, há poucos meses. Ou seja, era uma foto recente!

A conexão foi imediata!

E quando a óbvia conclusão chegou ao meu entendimento, foi como se um imenso buraco abrisse sob meus pés!

Em meio ao zumbido que soou aos meus ouvidos, levando-me a um plano surdo, busquei respostas em Bellanne. A confirmação estava lá, em sua

palidez, em seus olhos grandes, assustados, cheios de pavor.

Bellanne estava esperando um filho meu!

Bellanne

Não entendi quando as palmas deram lugar às exclamações comovidas e, por isso, olhei para o telão, curiosa para saber qual das minhas fotos feitas em Penaforte havia enternecido tanto a plateia.

Precisei apoiar-me no púlpito para não cair. Ali, em tamanho gigante, estava a minha foto grávida, tirada pelo Lucien no dia do almoço em família, na casa dos meus pais.

Por um segundo, vi tudo escurecer e apenas um pensamento se formou: Erik!

Um desejo utópico tomou minha mente: o de que ele não tivesse visto a foto que tomava toda a parede, mas é claro que ele havia visto.

Quando, apavorada, voltei o olhar para o Erik, ele já estava de pé, pálido, congelado, e o seu olhar me desmoronou.

Não era para ser assim. Não desta forma, não em público, e nem desta maneira tão leviana. Engoli seco, atônita, sentindo o pânico tomar-me ao ponto de me fazer perder a noção das minhas reações.

Erik era o único de pé, em choque, me olhando com o semblante repleto de incredulidade.

Não soube definir ao certo o que de fato havia em seu olhar, mas senti um medo colossal. Medo do seu julgamento, medo de que me odiasse.

Com o coração aos pulos, os olhos marejados e a voz débil, agradei as palmas que ainda soavam para as fotos que seguiam passando no telão. Busquei o Lucien no proscênio e ele já estava na beira da escada que levava ao palco, aguardando-me.

— Obrigada... Aproveitem a noite. — Quase sussurrei para a plateia e, sob aplausos, retirei-me do palco.

Não voltei a olhar para o Erik, mas sabia que ele viria em meu encalço. O pavor que me dominava só me dizia para fugir. Eu não poderia enfrentá-lo ali. Não poderia enfrentá-lo agora.

Não era para ter sido assim.

— Bell, eu não sei... — Lucien parecia se justificar, mas não o escutei.

Desci a pequena escada e fui direto à mesa dos meus pais, e quando apanhei a minha *cluth* de sobre a mesa, meus olhos bateram em Erik, ainda

paralisado, e ali sim, eu vi o seu olhar com maior clareza: decepção e dor.

E se eu pudesse cavar um buraco e me enterrar naquele momento, eu o faria. Sem qualquer satisfação, dei-lhe as costas e praticamente corri para fora dali.

Na minha mente, apenas uma ordem: corra! Corra do Erik, corra das palavras duras que ele lhe dirá. Corra das verdades de que irá lhe acusar. Corra dos seus olhos, quando ele disser que você foi cruel!

Era a minha consciência sendo o meu mais terrível juiz.

Eu estava cega, e foi com o risco calculado que peguei meu carro ainda no estacionamento e o arrastei. Nem mesmo coloquei o cinto, e quando fiz a volta na pequena rotatória à frente da casa de espetáculos, vi o Erik chegar correndo e estancar na calçada. Não tive coragem e olhá-lo. Girei o volante e acelerei.

22º Capítulo



CAPÍTULO 22

Erik

Eu estava em meio a um quebra-cabeças embaralhado e, em minhas mãos, havia apenas uma peça: Bellanne está grávida e o filho é meu!

Eu a vi descer, observei como apanhou a bolsa sobre a mesa e encarei seu olhar, mas não consegui me mexer. Não podia acreditar que ela tinha feito isso, que tinha escondido que estava grávida.

— Erik! — Como se escutasse alguém a partir do fundo de uma piscina, a voz do Mateo chegava longe, e só quando ele sacodi o meu braço, despertei do meu torpor. — Erik, senta aí! Se acalma, cara!

Eu não queria me acalmar. Eu queria explicações.

Olhei para o Mateo e ele tinha a expressão preocupada, olhando ao redor. Instintivamente, busquei a Mariana — ela também estava grávida e era funcionária da Fraise, e assim que nossos olhos se encontraram, ela abaixou a cabeça, confirmando que já sabia de tudo.

— Erik! Por Deus! As pessoas estão olhando! — Meu irmão falava duro, com o rosto quase colado ao meu.

Não lhe respondi, puxei meu braço e mirei a porta. Eu precisava alcançá-la, precisava de respostas.

Ainda escutei alguém me chamar, quando passei tal qual uma bala pela mesa dos Fraise, mas eu precisava correr e deter Bellanne. E quando cheguei na porta e a vi passar ao volante, acelerando, mais uma vez prendi a respiração.

Maldição!

Corri para o estacionamento com o manobrista atrás de mim, oferecendo seus serviços.

Nem fodendo eu ia ficar esperando ele buscar o carro!

Corri entre os automóveis com o coração martelando na garganta, a imagem da Fraise grávida e mais uma profusão de lembranças sobre coisas que não percebi, como os enjoos em *Copenhague*, por exemplo.

Em segundos, a minha mente construiu momentos que não me foram permitidos viver com ela, como a descoberta da gravidez, os sonhos, a alegria... Já teria feito exames? Já saberia o sexo? Ele já mexia? E quanto mais eu pensava em tudo que havia perdido, mais sentia-me sufocar.

Voei pelas avenidas, desviando de carros e motos, e não via sequer sinal do carro da Bellanne, então, fui acometido de uma outra espécie de sentimento: pânico. Ela estava grávida, dirigindo ensandecida por aí. Pensei no meu celular, mas descartei imediatamente a possibilidade dela atender enquanto dirigia. E foi em meio a esse pensamento que avistei seu *Kia Soul* vermelho dobrando uma esquina e pegando a orla.

Óbvio que ela estava indo para casa!

Atravessei um sinal vermelho e dois no amarelo e, por fim, consegui me aproximar dela, mas fui cortado por um motociclista e ela ganhou vantagem. Quando dobrei novamente a esquina, já bem próximo ao seu prédio, ainda vi o carro vermelho descer a garagem. Acelerei e consegui passar pelo portão segundos antes dele começar a fechar.

Ela não ia fugir de mim!

Através dos automóveis eu a vi estacionar em sua vaga. Em canto algum havia um lugar onde eu pudesse parar o carro, mas abaixei o vidro da minha janela, e quando passei perto do elevador, gritei, tentando detê-la:

— Ei! Bellanne!

Ela virou assustada e me encarou por dois segundos, então, a porta do elevador abriu e ela entrou, desaparecendo da minha frente.

Não ponderei e meti o carro em uma vaga onde havia uma carretinha

guincho, empurrei o veículo com meu carro, imprensando-o contra a parede. No instante seguinte, eu apertava freneticamente o botão dos dois elevadores, praguejando cada um dos andares que diminuía lentamente em um dos visores.

A merda do elevador descia em câmera lenta, em contraposição ao outro, onde estava a Fraise, que subia disparado!

Bellanne

Enquanto eu passava por brechas inimagináveis no trânsito, segurava meu ventre, pedindo desculpas ao serzinho lá dentro, porque eu sabia que, se eu estava apavorada, ele também deveria estar.

Pelo retrovisor eu vi o carro do Erik, mas eu já estava perto do meu prédio. Seria o tempo exato de chegar em casa e me acalmar, antes que ele batesse à minha porta.

Fiz toda uma previsão: ele me ligaria pedindo para subir, então, eu o receberia muito mais calma e teríamos uma conversa civilizada. Era tudo o que eu poderia esperar de um homem como o Erik, porque já estava conformada de que não seria uma conversa fácil.

Contudo, quem me gritou na garagem não foi o Erik que eu conhecia e eu realmente senti medo.

Ele estava transtornado. Seus olhos furiosos, jamais saíam da minha cabeça. Temerosa, entrei no elevador, e assim que cheguei em casa, tranquei a porta, petrificada.

Colei as costas na porta com o coração batendo tão forte que podia ser ouvido à distância. E quando, segundos depois, a porta trepidou com suas batidas, cerrei os olhos.

Era o Erik cobrando-me verdades.

Erik

— Fraise! — A minha palma ardia a cada golpe na porta. — Abre essa porta!

Meu sangue fervia, correndo tão rápido que me deixou tonto.

Ela não podia simplesmente fugir!

— Bellanne Fraise, abre essa porta! Droga! — Chutei a porta, mas não havia a mínima resposta. Bati com a testa na madeira, revoltado com sua

atitude e exausto de tudo. Dei mais dois golpes violentos, pouco me importando com o barulho.

— Fraise, abre essa porta! Você não pode fugir! Você não vai fugir, entendeu?! — Eu gritava, enfurecido e por isso mesmo a porta vizinha abriu e eu encarei o homem sem camisa que me olhava indignado.

— O que está acontecendo...

— Cala a boca! — Apontei para ele e esbravejei: — Não se meta!

Eu estava cego e passando de todos os limites. Tive consciência disso quando o homem arregalou os olhos.

— Se continuar, chamarei a polícia!

Me senti tonto porque respirava rápido e curto demais. Ele estava certo... Eu estava além do controle.

— Desculpe... Eu... Desculpe. — Eu lutava para aparentar estar mais calmo. — Já vamos resolver... — resmunguei.

Olhando feio para mim, o homem retornou para a sua casa e eu desmoronei com a cabeça apoiada contra a porta da Fraise, exaurido, com os braços estendidos como um crucificado no marco da porta.

— Porra, Fraise, abre essa merda...— rosnei relativamente baixo. — Você me deve explicações! — E pela última vez, explodi com um soco contra a madeira.

Minhas forças estavam minando e minhas pernas já não me sustentavam. A dor da traição e, mais do que tudo, a frustração por ter tido meu tempo roubado, me dilaceravam. O tempo que eu deveria ter estado ao seu lado. O tempo em que descobriríamos juntos que seríamos pais.

Virei-me e escorreguei de costas pela porta, até cair sentado no chão. Meu peito apertava quando, cruelmente, a minha mente repetia a sentença de que a mulher da minha vida carregava um filho meu e eu não fazia parte dos seus planos.

Suando, retirei o paletó e o joguei de qualquer jeito sobre meu colo. Do outro lado da porta não havia qualquer som, mas eu tinha certeza de que ela estava ali. Ela tinha que estar, porque eu já não suportava tudo que havia dentro de mim e que tanto me sufocava, afogando-me de dentro para fora.

— Por quê? Por que fez isso? Foi vingança? Foi para me castigar?

Aguardei que houvesse alguma resposta, mas tudo o que eu escutava era o barulho do mar e os carros que passavam na avenida agitada, lá fora.

— Você não podia ter feito isso. — lamentei. — Eu tenho o direito, Fraise... — Apesar de conseguir modular a voz, sem gritar, eu ainda queimava

de raiva. — Eu tinha o direito de descobrir junto com você! De ver... Caralho! — Bati com força no marco da porta e deixei a cabeça pender para a frente, arrasado, lembrando claramente da sua foto no telão. Sentindo os olhos arderem com lágrimas que ameaçavam chegar. — Merda, Fraise, eu queria ver sua barriga crescer! Queria estar naquela maldita foto! Queria que aquelas mãos fossem as minhas!

Eu sentia real dificuldade de respirar, por isso, levantei a cabeça e olhei para o teto do hall. O lustre tinha insetos mortos em sua cúpula e isso serviu-me de distração para conseguir conter as lágrimas.

— Até quando iria me esconder, hein? Até o nascimento? Ou nunca iria me dizer?

E pensar nisso, em que eu teria um filho sem saber... Um filho da Bellanne, foi demais para o meu controle e as lágrimas rolaram, silenciosas.

— Você e sua mania de querer fazer tudo do seu jeito... Sua independência em primeiro lugar, não é? Ele não é só seu, Fraise... Ele terá meu sangue, meu gene... Quem sabe meu sorriso e seus olhos... Ele é nosso, Fraise. Nosso! — gritei. — Entendeu?!

Respirei fundo, tentando conter as lágrimas, sem o menor sucesso.

— E tudo isso, por quê?! Por que você não acredita que eu possa mudar? Veja só, Fraise! — e meu riso nervoso escapou em meio ao rosto molhado. — Você também erra. — Falei baixinho, para em seguida explodir: — Você errou! Eu sou manipulador e você é uma egoísta, Bellanne Fraise! Formamos um casal perfeito!

Sentia-me um tanto louco, com as emoções oscilando e eu não fazia muita questão de me entender e nem de parecer alguém "normal". Esse era eu... Erik Lars, um homem com problemas, defeitos e emoções.

— E sabe de uma? — continuei — Eu ainda vou errar muito. Ainda vou cometer minhas merdas e você também vai, Fraise! E sabe o que eu farei, quando você fizer besteira? — virei a cabeça de lado porque queria que ela escutasse através da mínima fresta da porta — Eu vou perdoar cada um dos seus erros. Ajudar você a revertê-los e vou estar ao seu lado quando conseguir superá-los. — Voltei a olhar o teto, exausto, vencido. — Eu farei, Fraise, se você quiser.

Respirei fundo e pensei em nós dois. Construí um futuro totalmente hipotético, mas perfeito.

— E você, Fraise... Me ajudaria? — A dor me corroía, revendo o bilhete sobre o criado-mudo em *Copenhague*. — Por que não me ajudou, amor? —

murmurei. — Teria sido mais fácil com você e nosso filho ao meu lado.

Bellanne

Eu me encolhi inteira ao pé da porta, escutando e sentindo a fúria do Erik contra mim. A violência contra a porta, a ira na voz... Meu pavor havia chegado ao ápice e só não era maior do que a minha dor.

Minhas entranhas se contorciam, como se também me odiassem e eu lamentei pelo meu bebê, lamentei que seus pais estivessem lhe infligindo algo tão duro, quando ele sequer havia chegado à vida.

Em meio ao remorso que me rasgava, percebi quando se fez silêncio, do outro lado da porta. Meu medo cresceu ainda mais, ao pensar que ele havia me deixado, porque eu preferia mil vezes o Erik furioso, me odiando, do que simplesmente desistindo de mim. Então, senti a vibração e entendi que ele escorregava pela porta. Erik não iria me deixar.

— *Por que? Por que fez isso? Foi vingança? Foi para me castigar?*

Sua voz soou serena, mas dolorida, e eu fiquei tão quieta, que parei de respirar.

Nunca foi vingança... Nunca foi castigo, eu pensava, sem coragem de falar. Fui sim, covarde, orgulhosa e até egoísta, mas nunca foi para machucá-lo.

Ele me acusava, como eu sabia que faria. E estava coberto de razão. Envergonhada, abaixei o olhar.

Eu ia contar... Deus, eu ia contar!

Apertei os olhos, deixando as lágrimas rolarem sem freio. A sensação de fraqueza assomando-se à minha impotência, me torturando.

— *Merda, Fraise, eu queria ver sua barriga crescer! Queria estar naquela maldita foto! Queria que aquelas mãos fossem as minhas, Fraise!*

Suas palavras me acertaram de tal forma, que senti o padecimento me abraçar.

Tampeei a boca com as duas mãos, porque senti que minha dor já não cabia em mim e queria sair num grito. E na medida em que ele desnudava sua alma para mim, eu afundava em um mar de culpa e arrependimento. Afogava-me em meu orgulho. E mesmo quando ele me chamou de egoísta, eu sabia que merecia. Mereci cada palavra sua cuspidada com sofrimento. Mereci sentir o Erik arrancar os pedaços do meu coração com dedos delicados, porque mesmo quando eu merecia as piores ofensas, ele me

desconstruía com amor.

Limpei o nariz com as costas da mão e respirei fundo, tentando controlar o pranto e os tremores, mas caí novamente em lágrimas quando, com a voz suave, Erik puxou a corda que me fez desmoronar:

— *Eu vou perdoar cada um dos seus erros. Ajudar você a revertê-los e vou estar ao seu lado, quando conseguir superá-los. Eu farei, Fraise, se você quiser.*

Encolhida, tentei respirar e precisei abrir a boca, porque estava completamente constipada. Eu também o havia machucado e não fazia ideia do quanto.

E quando, com a voz aveludada, sussurrando contra a fresta da porta, ele perguntou algo que eu deveria ter lhe respondido há semanas atrás, apertei a mão contra a boca, porque o meu ímpeto foi o de gritar, sentindo que só assim conseguiria expulsar a dor.

— *E você, Fraise... Me ajudaria? Por que não me ajudou, amor? Teria sido mais fácil com você e nosso filho ao meu lado.*

Eu não sabia o que responder. Não havia resposta para isso.

— Sabe, Bell... Eu não culpo você, amor...

Esperei ele concluir a sentença, mas ele parou e apertei meu peito, porque tive a impressão de escutá-lo fungar. Então, ele seguiu:

— Na terapia, o Bohr me fez regredir, voltar à infância e... Bell, eu senti novamente o que é ser manipulado. Eu sei o que fiz a você e... Meu Deus! — suspirou alto e dolorosamente — Eu não sei o que posso fazer para pedir uma desculpa equivalente à dor que te causei.

Cobri o rosto com as mãos, tentando não lembrar de tudo o que senti em *Copenhague*. A dor já passara do ponto do insuportável, para mim e para ele. Tentei enxugar as lágrimas o melhor que pude e respirei fundo duas, três vezes, buscando o mínimo de controle.

Eu não suportava mais viver longe do Erik. A quem eu estava enganado? A verdade é que precisava dele tanto quanto ele de mim e, para o bem ou para o mal, havíamos nos conhecido. O resto era mera obviedade: Somos feitos na medida exata um do outro.

Além do que, eu estava à borda da loucura, de tanta saudade.

Erik

Dobrei uma perna e apoiei o cotovelo no joelho, novamente fitando o

lustre do *hall*.

— Ainda faço terapia e, ao que parece, ainda farei por um longo tempo. — Eu me sentia anestesiado, como se, piedosamente, Deus percebesse que era dor demais para eu suportar. — E ainda me pego tentando coordenar as coisas, sabe?

Meu riso escapou como um suspiro de alívio, quando lembrei das pequenas coisas que eu me flagrava tentando controlar. Ao menos, eu já tinha consciência.

— O Túlio, meu novo terapeuta, disse que eu ainda vou tentar guiar... controlar as coisas, sabe? E que eu preciso ficar sempre em vigília, mas que... — virei o rosto para a fresta da porta que, mesmo fechada, deixava passar o vento que vinha da varanda da Bellanne. — Que a minha vontade de mudar seria meu remédio. E eu... Bell, meu remédio é você.

E num lampejo, a escutei chorar.

Seu choro me atingiu de uma forma inesperada e, mais do que a Fraise chorando, o que fez meu coração disparar desesperado, era o fato dela ter estado ali, o tempo todo me escutando!

Fechei os olhos bem apertados, porque eles ardiavam, novamente com lágrimas. E agarrado a um último fio de esperança, joguei todas as cartas, desatei todos os meus nós:

— Fraise... Eu te amo de uma forma quase doentia e é uma doença que vai me matar, porque eu não quero e não vou me curar! — As palavras ficaram salgadas, mas eu precisava colocar para fora. — Me perdoa, Bell... Vamos começar novamente, por favor. Me deixa curar suas feridas e, assim, curar as minhas também. Me deixa tocar sua barriga, beijar seu sorriso... Por favor... Me deixa ver seus olhos abrirem todas as manhãs... Eu preciso disso para viver.

E quando escutei a chave rodar na fechadura, meu coração paralisou! Virei-me rapidamente, mas não encontrei pernas para levantar de imediato. E quando a porta finalmente abriu, não era mais a do apartamento da Fraise... Era a porta de um mundo novo para mim, de uma segunda chance para nós dois.

23º Capítulo



CAPÍTULO 23

Bellanne

Quando abri aquela porta, eu esperava encontrar o Erik altivo de sempre, mas o que vi tanto dilacerou meu peito, quanto me enterneceu.

Eu o encontrei de joelhos à minha porta. Seus olhos congelados nos meus, vermelhos, pequenos. O semblante cansado, como de um viking que travara talvez a maior de suas batalhas. No entanto, ali também havia alguém que eu ainda não conhecia: o garoto Erik, desolado, machucado e completamente exposto. Tive a nítida sensação de que eu jamais veria o Erik tão transparente assim.

Meu coração disparava de uma forma assustadora, causando-me falta de ar. A ânsia de me atirar em seus braços fazia meu sangue correr mais rápido e eu desejei fortemente beijar-lhe os olhos molhados e a boca.

Queria deitá-lo em meu colo e aninhá-lo para sempre, mas ao contrário de atirar-se em meus braços, como eu esperava que fizesse, Erik desceu seus olhos pelo meu corpo e fixou-se em meu ventre. Instintivamente, pousei a mão ali, sobre o nosso bebê.

Eu vi seu pomo de Adão subir e descer, quando engoliu com dificuldade, e tudo o que eu precisava falar, travou na garganta.

Junto com ele, seu olhar límpido começou a erguer-se lentamente, até encontrar novamente o meu. O choque que senti ao encontrar seus olhos, jamais será esquecido. Não saberia descrever o que vi ou senti com exatidão, só sei que foi como se o resto do mundo simplesmente nunca tivesse existido.

Novamente, abri a boca para lhe falar, mas antes que pudesse sequer racionalizar, me vi arrebatada por suas mãos em meu rosto, segurando-me com ternura, e me derreti em seu calor.

Cerrei os olhos, totalmente concentrada no corpo dentro das minhas mãos; no hálito batendo contra o meu rosto e me fazendo salivar; nas mãos grandes cobrindo meus cabelos e orelhas; no seu cheiro bom que me fazia pensar em camas macias, lençóis brancos e aconchego.

Abri os olhos devagar, com receio de que nada daquilo fosse real, mas o turquesa estava ali, bem na minha frente: duas íris ainda mais azuis, por causa irritação causada pelo choro. As duas “janelas para a alma” mais lindas que já conheci, simplesmente porque eram dele, logo, também eram minhas.

Com um pequeno passo, receoso, Erik chegou-se mais à frente e a última pedra do meu muro de orgulho desabou, ridícula e inútil.

Abri os lábios para recebê-lo.

O fogo provocado pela maciez da sua boca na minha aqueceu meu peito e espalhou-se como rastilho de pólvora pelo meu corpo e ainda além. Expandiu-se à nossa volta, percorreu a minha sala, acendeu todas as luzes, acordou tudo que era frio e triste ao nosso redor. E quando esse fogo estourou todos os termômetros, o Erik deu o último passo de volta ao que sempre foi seu, fechando a porta da dor e da nossa casa, colando-se todinho em mim.

O nosso costumeiro incêndio começava com altas labaredas.

Sequer senti, quando minha cabeça e minhas costas bateram contra a porta fechada, porque minha consciência seguia sequestrada pelo corpo do Erik colando ao meu, por sua perna entre as minhas e a boca faminta aprofundando o beijo. Eu queria tudo e o recebi sem economias.

Quase com raiva da sua camisa, puxei-a de dentro da calça, enquanto Erik mordida meu lábio, comia minha boca, e eu a dele.

— Preciso tanto de você... — ronronou com os lábios amassando os meus.

Minhas mãos estavam em todos os lugares, porque crescia em mim uma insaciedade, como se eu jamais fosse conseguir matar toda a saudade que havia, como se eu não tivesse mãos suficientes para tocá-lo, nem bocas

suficientes para beijá-lo.

Com desespero, tentei romper-lhe os botões da camisa, mas como não consegui, o próprio Erik o fez. Voaram botões por todo o chão e rimos, com nossas bocas unidas, um no sorriso do outro.

Meus olhos arderam com a felicidade querendo vazar, e como se fosse uma oração de agradecimento, murmurei a única coisa que consegui falar no momento:

— Me perdoa...

— Ssss... Acabou, Fraise. — sussurrou, colando a testa na minha, enquanto suas mãos buscavam o zíper do meu vestido. — Não temos mais que falar nisso, está bem?

Não, não havia acabado. Ele abriu seu coração, se expôs na porta da minha casa, e minha consciência dizia que eu tinha explicações a dar. Não queria que pensasse que foi crueldade esconder-lhe a gravidez.

Mas antes que eu pudesse formular palavra, ele tornou a me beijar, primeiro sugando meus lábios com delicadeza e logo mergulhando a língua tão familiar.

Entreguei-me aos seus movimentos suaves e ao mesmo tempo famintos, ao seu cheiro de homem amado, ao seu contato, para o qual meus sentidos se abriam como se reconhecendo a quem sempre pertenceram.

Com mão suaves, contornei seus ombros largos e os braços fortes, senti o relevo da fênix desenhada sobre o tríceps e os pelos no antebraço. Passeei por seu abdômen seco, embora macio, sem gomos. Sua pele arrepiava ao meu toque, e quando percebi que ambos estávamos perdidos na carícia que eu fazia em seu corpo, senti-me impelida a ir além.

De cabeça baixa, Erik tinha as mãos pousadas em meus quadris, mas os olhos seguiam as minhas mãos, que subiam pelo seu tórax. Fitando-o, tive a impressão de que ele custava a crer que eram mesmo as minhas mãos a acarícia-lo.

Deslizei os dedos por entre os pelos dourados do seu peito e rocei a digital dos polegares sobre os mamilos erigidos. Erik arfou e eu estremeci, irremediavelmente molhada, ardendo de tesão e saudade.

Sem me deter, espalmei as mãos sobre seu peito, reencontrando sua firmeza, a quentura da sua pele lisa arrepiando como mágica sob as pontas das minhas unhas, e quando alcancei o pescoço largo, encontrei seus olhos nos meus.

— Você é tão lindo, Erik... — me surpreendi escutando a minha própria

voz proferir o que estava apenas pairado no meu pensamento.

— Não mais que você, minha vida.

E depois de me presentear com seu sorriso calmo, Erik segurou em minha mão e já puxava-me para o quarto, quando estancou.

— Merda!

Não entendi, até que o vi abrir a porta e apanhar o paletó que havia deixado lá fora. Rindo, Erik me abraçou por trás e caminhamos assim, colados, na direção do nosso quarto. Em direção ao mundo que era só nosso e de onde eu não queria precisar sair jamais.

Erik

Olhei em volta dando-me conta de que sentia mais saudade daquele lugar do que supunha.

Aquele quarto estava impregnado da essência da Fraise... Na cama gigante com o edredom branco e a cabeceira de vime, lembrando-me como ela gostava de protelar o despertar, toda manhosa, enroscando-se em mim. Havia muito dela nas fotografias, na cortina e em cada detalhe elegante.

Levei a Bell até os pés da cama, onde sentei, mantendo-a de pé entre as minhas pernas. Ergui o rosto e fitei seus olhos grandes e brilhantes. Simplesmente lindos.

Ela sorria, deslizando a mão macia por meu rosto e penetrando os dedos nos meus cabelos. E foi tão bom, que fechei os olhos para absorver melhor o toque.

Com os olhos fechados, dividi minha atenção entre as carícias que me fazia e o corpo quente em minhas mãos, por baixo do vestido fino. Eu podia sentir com precisão a curva do seu quadril ir afunilando-se para a cintura bem marcada, e então abrir-se novamente para os seios. Estreitei-a em meus braços e acariciei suas costas, até encontrar o zíper da sua roupa semiaberto.

Abri os olhos, porque queria ver seu corpo, quando o vestido caísse. Ela retirou os braços de dentro das alças do vestido, que escorregou, descobrindo os seios cheios e firmes. Salivei com os mamilos castanhos, arrepiados. Eles estavam ainda mais lindos do que eu podia lembrar.

— Estão maiores. — Não era uma pergunta. Eu conhecia muito bem o seu corpo, cada pinta perdida aqui e ali; cada curva. Conhecia todos os seus relevos, seus montes, seus vales. Conhecia a textura de cada parte e também o cheiro. E o caso é que eu não conseguia tirar os olhos dos seus "novos"

seios. Estavam mais redondos, voluptuosos, e aquilo me deu um tesão anormal.

— Sim, e doloridos. — respondeu.

Ergui os olhos para ela, compreendendo que deveria ser pela gestação e que deveria ter cuidado.

— Serei delicado, mas não me peça para ficar longe deles. — avisei, voltando a admirá-los. — Serão sempre assim? Digo, sempre que engravidar?

Seu riso soou aos meus ouvidos e ela inclinou-se para beijar-me com suavidade, entendendo que eu pretendia sim, vê-la grávida mais vezes.

— Aproveite esses próximos seis ou cinco meses, Viking. Não terá outra chance tão cedo.

Mordi o lábio, contendo o sorriso, porque de uma maneira muito própria, ela me dizia que eu ainda a veria assim, ao menos uma vez mais. E quando voltei a atenção aos seios, eu já os tinha em minhas mãos. A despeito da imensa vontade de apertá-los, apenas os acariciei com delicadeza e brinquei com os mamilos eriçados.

Bell empertigou a coluna e cerrou os olhos.

Aproveitando seu oferecimento, segurei-a pela cintura e trouxe-a ainda mais para perto de mim. O seio empinado veio direto para a minha boca. A pele sedosa em contraste com a textura mais áspera do mamilo arrepiado adstringiu minha língua, e ao invés de chupá-los com força, como eu gostava de fazer, descobri novas formas de saboreá-los: lambuzando-os e sugando-os com suavidade, enquanto brincava com a ponta da língua, provocando.

Bell apertou meus ombros nus, exprimindo seu prazer. Por mais saudoso que eu estivesse de estar novamente dentro dela, não havia pressa. A falta que eu sentia não era apenas de tê-la sobre o meu pau... Eu necessitava dos seus gostos, do seu toque, da sua voz rouca chamando meu nome.

Os seios da Bell desmanchavam-se em minha língua. Seus gemidos ecoavam e mergulhavam em meus ouvidos como pequenos demônios incentivando-me a mordê-la, a chupá-la com força, porque ela era gostosa demais e conter-me era um exercício de paciência. E a Fraise não facilitava a minha vida.

Foi ela própria quem segurou meus cabelos e obrigou-me a erguer a cabeça, quando mordeu meus lábios, comendo a minha boca com dentes e línguas, me invadindo, chupando em um beijo carnal, faminto.

Eu amo esta mulher! Amo sua fúria e todo seu costumeiro afã, tanto quanto amo sua meiguice, manhosa em meus braços.

Arranhei os dentes em seus lábios doces e inchados, e quando ela tencionou erguer a cabeça e fugir de mim, fui eu quem a prendeu novamente no beijo, porque não estava pronto para me separar da sua boca mais uma vez.

A saudade de sentir todos os seus gostos levou-me a terminar de retirar-lhe o vestido e o fiz escorregar, roçando o tecido em seu quadril até a roupa soltar e ir ao chão. Apertei sua bunda, enchendo as minhas mãos, quando o que eu queria era mordê-la. Escorreguei os dedos até suas coxas e subi para encontrar o fundo da calcinha de renda.

Bell amoleceu nas minhas mãos, sem ao menos dar-se conta do quanto me deixava louco saber que eu tinha esse poder, de tirá-la do eixo e dar-lhe prazer. Este é um privilégio que muitos homens ainda não sabem valorizar: ter uma mulher tremendo de prazer em suas mãos, é puro poder.

— Erik... — Bell ergueu o corpo, puxando o ar, faceira, com os olhos nublados de excitação.

Meus olhos foram atraídos para o ventre bem à minha frente: cheio, arredondado e meu!

Um bolo formou-se em minha garganta quando atentei para o fato de que ali dentro havia um ser feito por nós dois... uma criança. E mesmo sem conseguir conceber muito bem essa ideia — de como ali dentro estava uma vida —, eu observei seu corpo se transformar para atender às necessidades do meu filho. Emocionado, ergui o rosto e mirei a Fraise, amando-a ainda mais.

— Obrigado, amor... — Ela franziu o cenho e eu vi que continha a emoção tanto quanto eu. — Obrigado por me dar um motivo a mais para querer ser uma pessoa melhor.

Desci novamente os olhos para a barriga levemente dourada, de pelos tão finos e claros que eram quase invisíveis. O umbigo ainda estava fundo, mas eu sabia que saltaria, e eu iria brincar com ele. Eu o beijaria muitas vezes.

Deslizei meus olhos por suas curvas acentuadas e que, eu sabia, ficariam volumosas e, já de antecipação, soube que amaria cada nova transformação. Não apenas porque seu corpo estava adaptando-se para abrigar meu filho, mas, principalmente, porque este era o corpo que possibilitava eu estar com a mulher da minha vida.

E sorri ao chegar ao entendimento de que, mesmo dali a quarenta anos, quando nós dois estivéssemos envelhecidos, flácidos e encolhidos, eu ainda seria louco por seu corpo, porque significaria que ela estaria comigo, viva, e eu poderia tocá-la por cima das rugas. Ainda sentiria seu calor, seu cheiro,

seu toque e seu sabor exatamente como quando éramos jovens, e isso era o que importava para mim.

— Você é tão linda, Bell... — Assustei com a minha voz, porque verbalizei sem pensar. Tirei os olhos de suas curvas e encontrei o olhar que jamais mudaria, mesmo após décadas e décadas. Mesmo após as rugas e a flacidez. — E eu sempre irei te amar... Cada vez mais.

— Eu sei que vai... — As palavras lhe escapavam como um sussurro rouco, acolhedor. — ...mas não mais do que eu, meu Viking, porque não há amor maior do que o que sinto por você.

Sua voz era suave e eu, que achei que fosse me doer por ouvi-la chamar-me de *viking*, depois de *Christiania*, me senti feliz, por voltar a ser o *seu viking*.

Com o corpo repleto de tesão, a alma de paixão e o olhar fixo no dela, escorreguei minhas mãos pelo seu quadril, absorvendo a cremosidade da sua pele contra a minha palma, segurei a calcinha e puxei para baixo, devagar.

— Vou te provar que está errada, Fraise.

Bellanne

Ele levantou da cama e seus braços fortes envolveram-me de uma forma tão única, que só me restou colar o quanto pudesse naquele corpo feito pra mim. Com as mãos em sua nuca, eu brincava com seus cabelos, enquanto nossas línguas dançam num novo balé.

Abraçados, giramos em nosso próprio eixo e, cuidadosamente, Erik deitou-me devagar sobre a cama. Ali me deixou e voltou e ficar de pé. Sustentei-me nos cotovelos para admirá-lo despir-se. Era sempre um grande espetáculo!

Erik desabotoou o cinto com um sorriso safado nos lábios. Jogou o cinto no chão e abriu o botão da calça. Seu peito era forte e seus músculos encobertos por uma suave e saudável camada de carne macia que lhe dava um acabamento perfeito, enchendo minha boca de água!

Seu abdômen era sequinho, mas quando ele se inclinava, como agora — para retirar os sapatos e as meias —, fazia aquela dobrinha que sempre me deixava doida para mordê-la.

Em meio à penumbra do quarto, não consegui identificar se Erik estava ruborizado, mas sorria e abaixava o olhar, constrangido ante meus olhos cobiçosos. E cada vez que ele fazia isso, algo reboia dentro de mim,

causando-me leves espasmos de excitação.

— Está me deixando sem graça, Fraise.

Ergui uma sobrancelha e sorri, maliciosa.

— Impossível você perder a graça, Erik Lars... — Deslizei mais uma vez o meu olhar pelo peito largo, ardendo de desejo. — Há graça e beleza em cada centímetro quadrado dessa pele.

E até na penumbra pude vê-lo ruborizar, fazendo-me rir quando deixou a calça cair, oferecendo-me suas coxas fortes agarradas à cueca boxer preta, contrastando com a pele clara. E quando foi a vez da cueca sair de cena e me deixar ver aquilo tudo à minha frente, fiz questão de mudar de posição, erguendo-me um pouco mais.

— Putz! — Escapou dos meus lábios, enquanto, intimamente, fazia uma breve e safada oração à *Jah*, agradecendo ter aquilo tudo para mim. Ele há de perdoar minha audácia.

Como que para me calar e suprimir a própria vergonha, Erik lançou-se sobre mim, apoiando-se com cuidado nos próprios braços, a fim de descer suave e sem peso sobre meu corpo. Capturei sua boca e logo rolamos para o lado, com sua coxa entre as minhas, roçando na minha intimidade, provocando-me com seus pelos friccionando contra minha vagina, deixando-me ainda mais ansiosa por tê-lo de todas as formas em mim.

— Sabe no que estou pensando? — sussurrou, ao abandonar meus lábios e apoiar a cabeça sobre a mão, ainda deitado de lado.

— Em quê? — perguntei débil, molinha.

Erik mergulhou o rosto na curva do meu pescoço, roçando a barba em minha pele arrepiada. Abandonei-me sobre a cama, me derretendo com seus lábios quentes e molhados que beliscavam meu lóbulo. Sua mão, sobre meu ventre, me acarinhava.

— Em que posição vou te comer daqui a quatro meses.

Minha risada rompeu o silêncio e ele mordeu meu pescoço.

— A gente pode experimentar várias, Viking. — e olhei para ele, sentindo sua mão escorregar para minha boceta, que pulsava dolorosamente, chamando por ele. — Me comer jamais será um problema, Erik... — Gemi seu nome, porque ele estava fazendo sua mágica com os dedos grossos e longos, entrando e saindo de mim, escorregando em meus fluidos, atijando o meu clitóris e me tirando todo o juízo.

Erik foi mergulhando cada vez mais o rosto em meu pescoço, buscando a nuca, e como uma mocinha obediente, fui girando o corpo, até dar-lhe as

costas. Sua mão saiu da minha boceta e tomou meu seio, brincando com meu mamilo.

— Meu problema é saber como parar de te comer, Fraise. — estremei de excitação, porque ele havia deixado meu seio e agora guiava seu pau para a minha boceta, por trás. — Por que... — e gemeu rouco, ao enfiar a cabeça do pau em minha entrada molhada, escorregadia. — Puta que pariu, que gostosa...

Empinei-me para ele, que também aproveitou para cravar os dentes no meu trapézio. Meu gemido veio do fundo, das minhas entranhas, quando Erik enfiou-se dentro de mim e a mescla de dor e prazer veio tão forte, que meus olhos encheram de lágrimas.

Erik mergulhou seu braço direito sob meu pescoço e atravessou a mão por entre meus seios, prendendo-me contra o próprio peito, enquanto a outra mão afundava na carne do meu quadril, mantendo-me imóvel para que pudesse me comer sem dó.

Eu envergava a coluna, dando-lhe mais passagem para dentro de mim, contorcendo-me quando sua mão deixou meu quadril e tomou minha boceta inteira em sua palma.

Erik movia-se cadenciadamente, entrando e saindo, escorregando em minha lubrificação, gemendo rouco ao meu ouvido, num jogo maldoso entre seu pau e a mão, ora me masturbando, ora apertando meu quadril contra sua penetração.

Droga! Revirei os olhos de tesão, com todo meu corpo convulsionando em lampejos de prazer que vinham e iam, me agonizando, deixando-me ofegante.

E ali, com a boca colada ao meu ouvido, o pau abrindo minhas paredes, levando-me à um nível de alucinação único, Erik me sussurrava palavras em dinamarquês. E eu era completamente louca pelo seu acento arranhado, másculo demais, apenas imaginando o que dizia. E só de imaginar, meu prazer redobrava.

— Porra, Fraise...

Sorri, safada, porque sabia que ele estava quase lá. Estava fazendo de tudo para se segurar e eu adorava testar seus limites. Por isso, quando sua respiração acelerada, mesclada com os gemidos roucos, invadiu meus ouvidos e me fez arrepiar inteira, contrai a boceta, apertando seu pau sucessivas vezes.

— Filha da mãe! — Erik rosnou em meu ouvido, marcando seus dedos em

meu quadril, me machucando e ao mesmo tempo pressionando-me contra seu peito.

E como uma deliciosa retaliação, seus dedos abriram meus grandes lábios e eu abri a perna, apoiando-a sobre a sua coxa. Erik iniciou uma fricção nada delicada, mas alucinante, alternando leves pressões em meio ao movimento rápido contra meu clitóris, e eu rompi num gozo absurdamente profundo, mais do que qualquer outro que já tenha tido, e isso me assustou.

Meu ventre contraía de forma estranha, prolongando meu prazer, e gritei contra o travesseiro, com a boca do Erik mordendo minha nuca, com o mundo girando ao meu redor, o pau do Viking pulsando dentro da minha boceta, forçando espaço dentro da contração porque ele também gozava fundo, jorrando-se em mim.

Com seu braço forte, puxava-me ainda mais contra si, quase me sufocando, e enquanto sucumbia aos últimos espasmos do seu gozo, Erik sussurra novamente em meu ouvido, num dinamarquês ofegante, sensual.

O que mais eu poderia querer na vida?

Aos poucos o mundo físico tomava forma ao nosso redor. Aos poucos a cama se fazia presente, os sons soavam e tudo se reconstruía à nossa volta, como se há um minuto, houvessem apenas nós dois no universo, nada mais.

— Erik... — Meu tom sério, grave, fez ele erguer a cabeça e eu segurei o riso.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Esquecemos a camisinha.

Três segundos depois caíamos na risada e gritei, quando ele deu um tapa na minha bunda simultaneamente à mordida no meu pescoço.

— Um pouco tarde, não? — perguntou entre risos, com seu hálito fazendo cócegas na minha nuca.

— Será? — Meu riso foi morrendo na medida em que o Viking foi retirando seu braço de sobre meu pescoço, até erguer-se nos cotovelos. Deixei o corpo ceder para olhá-lo de frente.

Paz e cautela, era o que via nos olhos do Erik, mas ele mesmo, nada me disse. Esperou pacientemente o meu tempo.

Em meio à nossa pilhéria, me flagrei pensando se o nosso bebê não viera justamente para evitar que nos separássemos.

Abaixei o olhar, lembrando da mamãe perguntando se meu problema não era o orgulho e, lamentavelmente, entendi que se não fosse o nosso bebê, provavelmente, eu estaria do outro lado do mundo, sofrendo como o diabo,

mas mantendo a minha pose de mulher que não sofre por homem. Eu estaria em pedaços, mas mentindo para mim mesma, ostentando um "foda-se" para esconder minha frustração.

— Erik... — Encarei seus olhos doces, que examinavam meu rosto, enquanto sua mão quente traçava desenhos abstratos do vale entre meus seios, até meu ventre. — Não foi por vingança.

Foi a sua vez de baixar o olhar.

— Eu sei que não... — Seu azul voltou a acertar-me, fulminante. — E por que me escondeu algo tão sério?

Mordi meu lábio, pensando em uma maneira menos dolorosa de falar. Então, pensei nele abrindo seu coração na porta da minha casa, sem pudores, sem reservas. Eu também não tinha porquê ponderar tanto.

E assim, respirei fundo e ergui os olhos para o Erik. Meu coração trotava novamente, cheio de receios, de vergonha.

— Por medo.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— De mim?

Sorri, mas foi pura tensão.

— Só senti medo de você uma vez... Hoje.

Erik fechou os olhos, apertando os cantos com as pontas dos dedos.

— Desculpa, Bell... Eu não... — e voltou a me olhar, constrangido. — Não quis te assustar. Eu mesmo estava bastante assustado...

— Erik. — O cortei, obtendo sua atenção de volta. — Eu descobri a gravidez no aeroporto, em meio a muita dor. — eu conseguia rever toda a minha agonia daquele dia, desde a saída intempestiva do hotel, até o bater da porta da minha casa, ao chegar. — Eu... Eu não te contei sobre a gravidez porque tive muito medo de me aproximar de você novamente. — Tornei a abaixar o olhar porque a covardia tornava a me visitar. — Tive medo de ceder, de ser fraca, de me ver aceitando suas condições porque sou completamente apaixonada por você. — Vencendo a covardia, voltei a mirá-lo, agarrando-me à complacência do seu olhar — E te contar sobre a gravidez era escancarar a porta da minha vida para você, novamente. E eu... Eu não queria um manipulador na minha vida.

Erik voltou seus olhos para longe de mim, perdendo-se em algum canto do quarto.

Estávamos remexendo nas feridas, eu sei, mas a minha jamais iria cicatrizar com tanta coisa infectada dentro. Eu precisava expurgar.

— E você pretendia me contar algum dia, Bell?

Ele não me olhou quando perguntou e eu pude sentir a carga de mágoa em sua voz.

— Claro que sim. Acredite ou não, eu estava pronta para contar hoje mesmo... — Seus olhos vieram direto nos meus. — Depois da cerimônia. Eu juro.

Vi o Erik engolir a saliva com dificuldade e novamente vasculhar o quarto com o olhar, para só depois me fitar mais uma vez.

— E o seu medo de estar comigo, ainda existe?

Soltei o ar que eu segurava, tensa.

— Preciso reconhecer que, assim como o meu amor próprio foi maior do que o meu amor por você, lá em *Copenhague*, a necessidade que sinto de você é imensamente superior a qualquer tipo de medo que possa haver.

Seus olhos dançaram em meu rosto e eu sabia que também tinha os meus perdidos em seu semblante. Continuei:

— Ainda sinto medo, Erik, porque a vida inteira fugi de relacionamentos sérios. Eu jamais cogitei dividir a vida com alguém. E quando, finalmente, me senti confortável o suficiente para vislumbrar um futuro com você... — Respirei fundo, porque sabia que iria doer. — Você me mostrou uma face que realmente me assustou, porque a coisa que mais prezo na vida é a minha liberdade. E mais... Eu estava grávida, e você não imagina o medo que senti de que o nosso filho viesse a ser um futuro Erik, quando você se tornasse um Axel.

Erik abaixou não só o olhar, mas também a cabeça, mordeu o lábio e sua mão parou sobre meu estômago, fria.

Longos segundos se passaram até que ele voltasse a erguer o rosto. Olhou-me diretamente, por um instante, e enquanto concentrava-se em retirar uma mecha de cabelo dos meus olhos, falou-me baixinho:

— Amor... Em algum ponto da minha vida, entendi que, de uma forma ou de outra, eu tentava sim, manipular as situações. E quando isso aconteceu, passei a viver em uma vigília constante. — Erik tinha o olhar doce, calmo, e mesmo sem querer, isso me chamava mais para dentro dos seus braços. — Mas nunca pensei em tirar sua liberdade. Eu já entendi que fiz uma grande besteira em nome de uma proteção desnecessária, mas... — Seu suspiro profundo me dizia o quão doloroso lhe era admitir os erros. — A minha vigília agora é outra, Bell. Não tento mais que disfarçar, abafar meus impulsos... — Erik olhou para mim tão profundamente, que me senti tonta

com a intensidade do seu azul. — Eu conheço meus impulsos e decidi que não os quero mais. Bell... Eu jamais serei um Axel, acredite em mim.

Assenti, suspirando. Eu queria muito acreditar que esta era uma possibilidade realmente descartada. Queria muito.

— Ainda assim... — Virei de lado na cama, de frente para ele e Erik cobriu meu quadril com sua perna, apertando-me em seus braços. — Eu preciso que me perdoe, Kivo.

Seu semblante debochado aliou-se a uma bela revirada de olhos.

— Estamos perdoados, não?

— Não, Erik. É sério. — E por sentir que eu realmente tomava aquele como um assunto relevante, ele abandonou a pilhéria e me deu sua atenção. — A mamãe me disse que sou egoísta e você também...

— Bell, por favor...

— Espera! — Eu não ia deixar que me interrompesse. Se eu parasse, talvez não conseguisse falar tudo o que estava preso. Então, agarrei-me em seu olhar e segui. — Você disse que gostaria que eu estivesse ao seu lado e é verdade, eu deveria ter estado, mas não consegui. Fui egoísta quando pensei apenas na minha dor e no meu medo.

As palavras embolaram na boca, junto com a língua do Erik, que me invadiu repentinamente, num beijo quente.

Apertada em seus braços, com nossos corpos colados, fui incapaz de raciocinar. Eu amava o Erik como jamais imaginei ser possível alguém amar outra pessoa e o que mais queria na vida era me entregar a ele sem reservas. Porém, ainda me faltava a certeza que eu buscava e temia jamais encontrar. Esta agonia ainda morava em meu peito.

Mas a despeito de toda a minha insegurança... Quando as mãos do Erik deslizam por minhas costas e seu corpo encaixa entre as minhas coxas, as lógicas caem em dúvida, o bom senso perde o juízo e o racional debulha-se em emoções. E em meio a tudo isso, eu, Bellanne Fraise, torno-me a mulher do Viking e nada mais.

Erik

Com Bellanne no seu devido lugar — em meus braços —, nada mais importava. Estava farto de arrependimentos, de sofrimentos e perdões. Queria apenas esquecer tudo e iniciar uma nova fase em nossas vidas, e começar com ela montada em mim, com os cabelos desgrehados e os seios expostos

ao meu bel prazer, era uma maneira realmente especial de fazer tudo acontecer.

Quando deitei de costas e trouxe-a comigo, Fraise não criou resistência, ergueu o corpo e pousou a mão no ventre. A sua nova condição demandava ainda mais criatividade e teríamos que nos acostumar.

Sorri ao vê-la tal qual uma divindade sobre mim. O tesão em estado puro estava expresso em cada ponto seu, no corpo de ampolheta, no auge da feminilidade, com seu ventre cheio; nos seios voluptuosos; nos olhos semicerrados, por trás das mechas cor de mel; e nos lábios abertos em busca de ar.

Esta era uma das suas versões, das quais eu mais amava: entregue ao prazer.

Meu pau latejava sob ela. Sua boceta parecia um vulcão me chamando, e eu já me sentia mais do que ansioso para invadi-la vez após vez.

Isso tinha virado um vício para mim: sentir Bellanne quente, me apertando, enquanto forço suas paredes, escorregando, me lambuzando inteiro com seu tesão. Bastava-me um pensamento para começar a ansiar por tê-la pulsando, contraindo, dificultando minha passagem e, junto a isso, tê-la em minhas mãos, arrepiando, gemendo, perdida em tudo o que eu posso lhe dar.

Essa era a tara da minha vida: ver a Fraise perder o tino em gozo após gozo. Ter a minha mulher se contorcendo, choramingando em meus braços, pedindo por mais, mesmo quando já chegara ao seu limite.

— Vem... — Chamei, ao segurar seu quadril quando ela se inclinou para frente, preparando-se para me receber. Seus seios me alcançaram a boca e eu não resisti. Chupei cada um deles, com a Fraise rebolando sobre meu pau sem de fato engoli-lo.

Agarrou-se à cabeceira de vime e quando desceu o quadril, encaixei com perfeição, invadindo-a, transpondo cada um dos seus portais, voltando ao meu lugar preferido e me jubilando com o sorriso safado com o qual ela me presenteou, quando cheguei bem no fundo.

— Isso doeu... — Ela reclamou da penetração profunda e fez isso enquanto gemia — mas eu gosto.

Sorri para a sua cara sem vergonha e arrastei minhas mãos pelo ventre e abdômen, até os seios. Segurei ambos com delicadeza e me pus a admirar a deusa sobre mim.

Fraise me cavalgava perdida em seu próprio prazer. Os cabelos selvagens

cobriam-lhe parte dos seios e rosto, e por entre eles, ela arfava.

Os seios tremulavam em minhas mãos e eu me perdia em sensações ao mesmo tempo familiares e completamente novas para mim. Enquanto o meu tesão graduava junto às estocadas, me deixando em agonia, beirando desespero, Bell contorcia-se, apertava meu peito com suas mãos espalmadas e rebolava, mudando tudo de lugar no mundo e dentro de mim.

Nunca fui *voyeur*, mas ver a Fraise sentindo prazer, perdida no gozo, me era quase tão prazeroso quanto comê-la.

Quase.

Por esse quase é que cansei daquele ritmo torturante e segurei em sua cintura com força, imprimindo um ritmo mais feroz e acelerado, fazendo a Bell gritar em meio aos choramingos. E foi com o coração esmurrando meu peito que gozei bem fundo nela, me esvaziando inteiro para enchê-la de mim.

Ela ainda tremia, caída sobre meu peito, gemendo baixinho, quase num miado, contraindo a boceta, apertando meu pau como um punho fechado. Eu gozei prolongadamente com se espremesse de mim cada gota de sêmen acumulado, como se junto com o sêmen, se esvaísse toda a minha energia, até a última reserva.

Exausto, puxei-a para mim. Dentre seus cabelos cheirando a mel, encontrei a boca sedenta, ainda arquejando em busca de fôlego. Comi-lhe a língua, mordi seus lábios e nossos dentes chocaram-se no afã de nos saciarmos do que jamais nos encheria. E mesmo sabendo que Bell ainda não confiava de todo em mim, mesmo sabendo que eu estava apenas iniciando a minha caminhada de volta à sua vida e à vida do meu filho, eu me enrosquei nela e, por fim, dormi feliz, porque ela ainda era minha.

Bellanne sempre seria minha porque o que tínhamos ia muito além de pele. Porque quando fazíamos amor, mais do que nossos corpos, nossas almas também entravam em êxtase, e isso... Isso não é para qualquer um. Isso não acaba.

24º Capítulo



CAPÍTULO 24

Bellanne

Acordei com o barulho do mar ao longe e os braços do Viking em volta da minha cintura, com a sua mão pesando sobre minha barriga. Segurei-lhe a mão com todo cuidado e posicionei-a mais acima, mas o Erik deslizou um pouco mais e tomou meu seio.

Ainda de olhos cerrados, sorri, deleitando-me com a mão quente e grande, dando-me a plena sensação de lar.

— O que quer para comer, Moranguinho?

A voz rouca soou bem na minha nuca, me arrepiando.

Eu sabia que ainda era bem cedo, porque meu celular estava programado para despertar às 7h30min. e ainda não o havia feito. Meu voo sairia às 10 h e eu não tinha sequer feito a mala. E pior... Não sabia como dizer ao Erik que iria viajar com o Michel.

— Algo leve. — murmurei, manhosa. — Já não enjoa, mas também não consigo comer como antes, e café está riscado da minha lista por algum tempo.

— Hummm... — ronronou ao me estreitar ainda mais em seus braços e roçar sua incipiente ereção contra minha bunda. — Quem diria, hein?

Girei dentro dos seus braços e ergui minha perna, apoiando-a sobre ele. Nos encaixamos com perfeição.

Seus olhos apertadinhos deixavam escapar um azul intenso e me peguei imaginando se meu bebê teria aqueles olhos.

— Acha que será loirinho?

Erik ergueu as sobrancelhas, furtivamente, e fechou os olhos em seguida, preguiçoso.

— Será lindo, Fraise, seja como for. — E voltou a me fitar com seu jeito sereno. — Quero tanto escutar seu coração, ver os exames...

Tomada pela ternura que via em seu semblante, acariciei o rosto e a barba por cima desse.

— Você verá tudo, Kivo. — Engoli seco, buscando coragem para contar-lhe. — Assim que eu voltar, iremos juntos...

— Voltar? — suas sobrancelhas contraíram-se — De onde, Fraise?

Eu precisava pegar o touro à unha, então, encarei-o decidida.

— Vou trabalhar, Erik. Viajo ainda esta manhã para o *Hawaii*... Com o Michel.

Com o cenho contraído, sua expressão mudou completamente.

— Você o quê, Fraise?!

Fechei os olhos, concentrando-me para falar da forma mais clara e menos desastrosa.

— Erik, já estava marcada e...

— Porra, Bell! — Erik virou-se, saindo do meu encaixe.

Do jeito que estava, pelado, sentou com os pés sobre a cama e abraçou os joelhos flexionados. Respirava fundo, aborrecido, mas claramente tentando acalmar-se.

Eu observava suas costas largas, repleta de sardas nos ombros e pintas marrons estrategicamente distribuídas. Sem resistir, deslizei a mão por sobre sua pele macia e ele empertigou, para depois me olhar por sobre o ombro.

— Porra, Bell... Logo agora? E com o merda do Michel?!

— É meu trabalho, Kivo. — Eu o compreendia, mas também queria ser compreendida. — Iremos fazer as fotos do editorial e pensei em fazer logo, antes que a gravidez avance.

Ele tornou a olhar para a frente, mudo, pensativo e, por fim, virou-se novamente para mim, lançando-me seu olhar safira.

— Está certa de que não há riscos para o nosso pequeno, não é?

O alívio me inundou, trazendo frescor.

— Não, Kivo. Nosso pequeno está bem demais e será uma viagem confortável e rápida. Quatro dias e estarei de volta.

Com os lábios pressionados, Erik assentiu, ainda pensativo, e só então tornou a deitar, cauteloso. Ergueu os braços, colocando-os sob a cabeça.

— E nós, Fraise? Como ficamos? — Seu olhar estava no teto, fixo.

Constrangi-me, sem conseguir mirá-lo.

Eu estava tão feliz, que me negava a pensar em nossa situação. A verdade é que eu ainda temia que nosso paraíso findasse, quando recomeçasse a rotina. Talvez o tempo me mostrasse que ele estava realmente mudando, mas talvez não. Talvez eu apenas estivesse enfiando meus pés ainda mais fundo nessa areia movediça.

— Erik... — ergui os olhos, umedecendo os lábios, buscando as palavras mais apropriadas, mas com a clara sensação de que elas não existiam. — Eu amo você... — Erik deixou a cabeça pender para o lado e me encarou. — ...mas ainda estou muito assustada. — O vi suspirar profundamente e voltar a fitar o teto, cansado. Apressei-me em concluir: — Eu quero... quero você, Kivo, mas tudo que aconteceu, desde ontem, mexeu demais comigo e sei que com você também!

— Você ainda precisa de tempo, Fraise?

Não consegui captar se havia ironia ou não em sua fala.

— Não preciso pensar se quero ficar com você, Erik. Eu quero ficar com você. — enfatizei. — Apenas preciso arrumar meus pensamentos, minhas emoções...

Virou-se todo de frente para mim, apoiando-se no cotovelo, e meu corpo reagiu ao contato da sua pele nua contra a minha.

— E vai pensar sobre isso ao lado do Michel?

Não acreditei que Erik estava com ciúmes do Michel e isso deve ter ficado refletido em meu rosto, porque ele fechou os olhos e tornou a suspirar, buscando retratar-se.

— Tudo bem... Tudo bem, Bell. — e voltou a me olhar. — É o seu trabalho e... — Erik soltou o ar com força. Estava sendo difícil para ele aceitar isso, eu sabia. Mas eu estava contando com seus costumeiros bom senso e compreensão. Era o meu trabalho e eu não abriria mão. — Eu confio em você, Fraise.

Olhei bem dentro dos seus lindos olhos azuis, perguntando se me dizia a

verdade e ali havia uma vontade imensa de confiar em mim. Isso me bastou.

— Precisamos confiar um no outro, Kivo. — Nos olhávamos tão dentro um do outro, que eu me via refletida em sua pupila. — Se eu não quisesse estar com você, não estaria aqui, quase tendo um troço de tesão, doida para você parar com esse ciúme e me deixar molinha de prazer.

Ele passou aquela língua deliciosa entre os lábios, umedecendo-os e abaixou os olhos para meu corpo. O fogo que se acumulava em meu ventre espalhou-se por toda a pele, ardendo, consumindo minha vontade e minhas reservas.

Meu corpo, minha alma, meu coração e pensamentos... tudo pertencia ao Erik e isso não ia de encontro às minhas convicções de mulher que não precisa de um homem para viver, simplesmente porque se tudo em mim pertencia a ele, era porque eu estava exercendo a minha vontade, o meu direito de dar-lhe tudo de mim, até quando eu quisesse dar.

Erik

Custou, mas consegui empurrar o espinho, que era ver Fraise viajando com o Michel, para o fundo das minhas preocupações.

Eu sabia, desde que saí de *Copenhague*, que a minha escalada seria árdua. Sabia que a confiança da Fraise seria algo difícil de recuperar e eu aceitava isso porque sabia o quanto era valiosa. Sabia que quando ela me desse novamente a entrada para a sua vida, seria sem salvaguarda.

Além do mais, era difícil não ceder à Fraise. Quando ela deslizava por mim com suas mãos macias, seus lábios úmidos e a pele tão lisa roçando na minha, era impossível não aceitar qualquer condição que me impusesse.

Encaixamos de lado, nos olhando, e fizemos amor lento, escorregadio, ritmado. Saboreei seus gemidos, senti suas entranhas quentes, inalei seus cheiros e me lancei no gosto único da sua pele. Alcancei o tipo de prazer que ela me ensinara a ter e que me tornara um viciado: um prazer que ia além do gozo profundo, que enraizava a alma.



Tomamos café da manhã como nos bons tempos, na varanda, com o sol

nos banhando e a Fraise sentada em meu colo. Há tão pouco eu havia descoberto a gravidez e já me habituara a manter a mão sobre a sua barriga. Gostava de imaginar a sensação que seria sentir o bebê chutar.

Com quanto tempo isso deveria acontecer?

Eram tantas perguntas, tantas expectativas, que acabaram por alimentar o buraco que sua viagem me deixava. Não voltamos a falar sobre isso e muito menos sobre o Michel.

Enquanto ela arrumava sua mala, fiz alguns telefonemas, tranquilizando o Mateo e o Thomaz. Este último, passou o telefone para a pequena Lisa, minha afilhada, que gritou agudo em meu ouvido, perguntando se eu deixaria ela cuidar "da bebezinha".

Eu estava feliz como antes de *Copenhague*, mais até. E a minha felicidade só não era completa porque fui arremessado à uma geladeira por quatro longos dias, enquanto ela ia ao *Hawaii*, mas eu haveria de sobreviver a essa ansiedade. Eu tinha que passar por essa prova, por mim mesmo.

— O Lucien é mesmo um idiota. — ela entrou na sala mexendo no celular.
— Acredita que ficou aqui parado, do outro lado da rua, até ver as luzes se apagarem?

Rimos e me flagrei perdido em sua figura. Estava linda em um vestido longo e elegante, com a barriga levemente proeminente e marcada. Era a minha mulher, e carregando o meu filho.

Suspirei orgulhoso.

— Lucien não bate bem da cabeça, você sabe.

Ela abriu o maior sorriso do mundo e veio para os meus braços.

— Nenhum de nós, na verdade. — Beijou furtivamente meus lábios e me perguntou séria: — Vai ficar bem?

Eu a abracei e mergulhei as mãos em seus cabelos fartos e macios.

— Vou sim, se me mandar notícias.

Com beijos curtos e sucessivos, ela abrandou minha aflição.

— Claro que mandarei, todos os dias.

Minutos mais tarde, estávamos no portão do embarque internacional. Aguardávamos a última chamada para, enfim, eu deixá-la partir. E por trás do mar de gente que transitava por ali, Michel surgiu sorridente e debochado.

— E aí, Bell? — Ele tocou em suas costas e beijou-lhe o rosto bem debaixo do meu nariz. Senti meus músculos contraírem, mas lhe sorri,

mesmo que friamente. — Tudo beleza, Erik?

— Tudo ótimo, Michel.

Ele me olhava e balançava a sua cabeça como se me dissesse: "se deu bem, hein?!". Eu, definitivamente, não gostava do seu jeito cínico, mas tinha que admitir que não havia hostilidades da sua parte, apenas um leve divertimento, inclusive, quando chegava bem próximo do limite:

— Enfim, depois de ontem, tudo parece ter se acertado entre vocês. — Como eu disse, o Michel era mesmo abusado.

Ergui uma sobancelha para o seu atrevimento, mas Fraise acariciou minhas costas e eu sabia que era para me conter.

— Como tinha que ser. — respondi, sustentando seu olhar. — Eu e a Fraise sempre ficaremos bem.

— Meninos, está na hora do voo. — Bell salientou a chamada que soou nos alto-falantes, esfriando a tensão que surgiu entre eu e o sujeito. E quando ele se afastou em direção ao embarque, Bellanne pendurou-se em meu pescoço e eu a envolvi mais uma vez em meus braços. — Kivo, por favor, respira.

Sorri para ela, que me conhecia tão bem. Eu sabia que não havia nada entre eles porque também conhecia a Fraise. Acontece que o Michel parecia sempre estar debochando de mim e isso me irritava.

— Vou ficar bem, Fraise. Tenho muito trabalho a fazer com a nova loja, preciso ajustar algumas coisas com o Mateo, com referência a *Copenhague*... Vou ficar legal. — Ela beijou mais uma vez meus lábios e eu a apertei em minhas mãos. — Cuide-se bem e cuide do nosso filho. E se precisar, é só chamar...

— Eu sei.

Ela me sorriu e eu me perdi novamente em seus lábios doces. Vê-la atravessar aquele portão ao lado do Michel foi uma prova de fogo para mim. E como se para convencer a mim mesmo, repeti: Resiliência, Erik... Resiliência.

Bellanne

— Está tudo bem, mamãe. Nos entendemos, e sim, claro que o Erik sabe de tudo. — entreguei minha bolsa para passar no raio-x, enquanto falava ao telefone.

— Graças a Deus! Seu pai não dormiu a noite inteira e só não bateu em

sua porta porque eu o segurei.

Eu tinha visto as dezesseis ligações perdidas do papai, fora as chamadas do Lucien e da Let.

— Não precisavam se preocupar. O Erik é um *gentleman*. — Verdade, mas na noite anterior, quando vi seu rosto na garagem, até eu duvidei disso.

Por fim, depois de duas mil recomendações sobre não tomar remédios, não comer qualquer tipo de peixe e todas essas coisas das quais as grávidas precisam se prevenir, me despedi da mamãe e entrei direto para o avião.

Sendo prioridade, acomodei-me antes do Michel e quando ele chegou, lhe sorri e ofereci um chiclete. Sempre uso chicletes para aliviar a pressão nos ouvidos.

— O gringo não ficou muito feliz, não foi?

Olhei para o Michel com uma leve repreensão.

— Erik, Michel. O nome dele é Erik.

Ele sorriu enquanto prendia o cinto.

— Você está certa. Vou parar de implicar.

Silenciosamente agradei e olhei através da janela. Estava um dia limpo, sem nuvens.

— Bell... — voltei a atenção ao Michel. — Sabe que eu até gosto do grin... do Erik?

Tornei a sorrir, achando graça no jeito dele se referir ao Erik.

— E por que implica tanto com ele?

— Porque é divertido vê-lo irritado, se roendo de ciúme.

Rimos juntos.

— E você só deu em cima de mim para vê-lo com ciúme, Michel?

— Não... claro que não. Se houvesse uma brecha, eu marcaria gol. — E piscou um olho pra mim. — Mas ele não deixa brecha. Ele gosta mesmo de você, Bellanne.

E as palavras do Michel me remeteram ao início da manhã e no quanto eu desejava ter a certeza de que o Erik estava mudando. De que dali a um ano eu não estaria enredada novamente em seus jogos. Queria a paz dessa certeza, e na fragilidade dessa certeza, precisava ao menos um indício que me fizesse confiar.

— Eu sei, Michel... E eu o amo demais.

Ele esticou-se e acariciou meu braço, afável.

— Percebe-se.

E quando o avião iniciou sua manobra, fechei os olhos e pensei no meu

Viking. Traíçoeiramente, minha mente começou a construir os nossos próximos meses, esforçando-se para me dar o indício de que eu precisava.

Erik

— Bom dia. Como vai? — Saudei a Ana Paula, enquanto cruzava o hall de entrada, e sequer esperei sua resposta. — Por favor, Ana Paula, o balanço dos últimos seis meses das lojas BR, juntamente com a pesquisa de mercado e o contato da consultoria que fez a pesquisa. Em dois minutos na minha mesa, junto com um café, por gentileza. Pode ser?

Só tive tempo de vê-la assentir, antes de entrar em minha sala. Tinha planos de adiantar ao máximo meu trabalho porque queria convidar a Fraise para um final de semana em um lugar tranquilo e paradisíaco, assim que ela voltasse do *Hawaii*.

Sentei à mesa e liguei o computador, mas antes que pudesse acessar a agenda, meu telefone da mesa tocou e só depois me dei conta de que o toque era de ligação externa diretamente para mim, o que era algo raro de acontecer, já que as secretárias as interceptavam antes.

— Pois não. — Atendi à ligação distraído, com os olhos no monitor, pensando na reunião de logo mais.

— Por favor, não desligue. — Estagnei, absolutamente surpreso. — Erik...Eu preciso falar com você, meu filho.

Levantei da cadeira atônito. Não havia limites para o cinismo do Axel.

— Não tenho nada para falar com você, Axel. — Uma corrente elétrica parecia percorrer meu corpo, me agitando. — Que diabos você acha que está fazendo me ligando?!

Respirei exasperado, fitando o mar através da fresta da cortina, atrás da minha mesa.

— Erik, é verdade sobre você e o Mateo...

As notícias chegaram rápido à *Copenhague* e eu imaginei quem as tinha levado.

— Não te interessa!

— Claro que interessa! Como pode?!

Seu questionamento me chegou como o maior dos absurdos!

— Axel Lars, afaste-se de mim e da minha família, ouviu bem? Afaste-se do Mateo e da família dele também!

— E eu, Erik?! — ele gritou de uma forma desesperada. — E eu?! Cadê a

minha família?!

Engoli seco, mais porque estive muito perto de ter o mesmo destino do Axel, do que por pena dele.

— Você afastou a sua família, Axel. Você destruiu a sua família. E agora, afaste-se da minha! Afaste-se da minha mulher e do meu filho, ouviu bem?!

E quando desliguei o telefone e o atirei sobre a mesa, minhas mãos tremiam. Mais do que um homem ameaçador, Axel era para mim um fantasma daquilo que eu jamais poderia voltar a ser.

— Senhor, está tudo bem?

Olhei por sobre os ombros e Ana Paula estava entrando na sala. Ela aproximou-se, colocando sobre a mesa os papéis que lhe pedi, e me fitava com seus olhos grandes e assustados.

— Ana Paula, chame o Thomaz, por favor.

Ela assentiu rapidamente e saiu em seguida.

Era fácil saber que a Bellanne estava esperando um filho meu, pois a imprensa inteira assistiu tanto à sua foto grávida, quanto à cena que sem querer acabamos protagonizando. E um casal recém-separado descobrindo uma gravidez em público, era um prato cheio. Mas saber de Mateo havia sido através de outra fonte. Pouquíssimas pessoas sabiam da gravidez da Mari, incluindo as secretárias e o meu sócio.

— Erik?! — Alarmado, Thomaz entrou na minha sala. — O que houve?

Respirei fundo e enfiei as mãos nos bolsos. Elas suavam.

— Thomaz, serei direto, meu amigo. Axel acaba de me ligar, falando sobre a gravidez da Bellanne e também da Mariana. Thomaz... Não foi você, foi?

Thomaz arregalou os olhos, surpreso, como eu esperava vê-lo.

— Claro que não! Por que eu falaria com ele?

Aproximei-me do Tom e pousei a mão em seu ombro.

— Eu sei, meu amigo, mas eu precisava perguntar porque vou te pedir permissão para fazer algo. — ele apenas me olhava, assentindo silenciosamente. — Thomaz, quem levou essa informação foi a Flávia, e eu não a quero mais aqui.

Antes mesmo que ele me respondesse, retirei o telefone do gancho, mas vi em seus olhos que eu teria autoridade para o que quer que quisesse fazer.

— Erik, eu ainda não sei por que você a transferiu para mim e não a demitiu antes. Não podemos trabalhar com quem não confiamos.

Sorri para ele, imensamente grato.

— Ana Paula, por favor, peça à Flávia que venha à minha sala.

Segundos depois, a moça de cabelos negros e de extrema elegância entrou pedindo licença e parou à nossa frente, claramente assustada. E quando a encarei, ela abaixou a cabeça.

— Flávia, hoje recebi o telefonema do Axel. Do seu amigo Axel.

Ela ergueu a cabeça rapidamente e seus olhos passaram de mim ao Tom e vice-versa. Continuei:

— Ele tinha informações sigilosas. — Enfiei as mãos nos bolsos para tentar conter minha raiva.

Ela começou a sorrir, nervosa.

— Senhor Erik, se é sobre a gravidez da sua ex...

— Ela não é a minha ex. E não é sobre o meu filho. Flávia... Não preciso de justificativas para demiti-la, mas quero dizer que nada acontece aqui, que eu não saiba. Por isso... Você está demitida.

Ela abriu a boca, talvez para protestar, mas não dei-lhe tempo. Com dois grandes passos, aproximei-se dela.

— Quem pensa que é, garota? De onde tirou a ideia insensata de que poderia meter-se na minha vida e na vida do meu irmão?

— Eu... Ele me ligou...

— Não quero escutar, Flávia. — eu sabia que estava sendo duro, mas era exatamente assim que eu deveria ter sido desde a primeira vez. Ergui a voz, sabendo que seria escutado mesmo através da porta fechada: — Ana Paula!

Apenas notei a garota chegar à porta, pois meus olhos estavam firmes, severos em Flávia.

— Peça ao RH que envie alguém para acompanhar a senhorita Flávia à mesa dela. Ela não deve levar ou acessar mais nada que não seja de seu uso pessoal. Ela está demitida, Ana Paula.

Quando as lágrimas da Flávia começaram a rolar, virei de costas e voltei para a minha mesa, sob o olhar atônito do Thomaz. E ao sentar, ainda encontrei o olhar desolado da agora ex-funcionária, antes que ela passasse pela última vez pela porta da minha sala. Não gostava de agir assim, mas ela passara de todos os limites.

Ergui a vista e dei de frente com o Tom. Eu havia acabado de demitir sua secretária e sequer havia conversado com ele direito. Com o sangue começando a esfriar, comecei a medir minhas atitudes.

— Me perdoe, Tom. A Ana Paula voltará a atendê-lo.

Tom sentou à minha frente.

— Sem problemas, Erik. Mas esse incidente não causou problemas para você e a Bell, não é? Ela não pode se aborrecer.

— Não. Está tudo bem. — e, mais calmo, até lhe sorri. — Ela não sabe do telefonema do Axel. Foi há pouco. Ela e o bebê estão bem.

O sorriso do Tom afastou de vez as minhas nuvens negras.

— Pois é... Parabéns, papai Erik. — Seu olhar sereno transmitia-me sincera alegria. — Estou feliz por vocês. Que bom que tudo ficou bem, que acertaram tudo.

Cocei a cabeça, meio inquieto com o fato de não saber se realmente estava tudo bem. Não até ela voltar daquela maldita viagem.

— Vai ficar tudo bem. — Finalizei o assunto justo quando o alarme do *e-mail* anunciava que era a hora da nossa reunião e eu sequer havia revisado a papelada. Eu teria o dia cheio e, certamente, não me restaria muito tempo para remoer a ideia de Fraise e Michel, juntos, em uma praia paradisíaca.

E quando, morto de cansaço, me joguei novamente na minha cadeira, o sol já começava a se pôr. O dia foi exaustivo, como imaginei e queria que fosse.

— Então, final do mês você vai para o Nordeste ver como andam as obras?

Foi assim que tínhamos combinado. Eu ficaria por lá cerca de dez dias, verificando os proformes para a implantação da nova loja, enquanto o Tom também viajaria para Paris para fazer a reunião trimestral.

— Sim. Espero que a Fraise queira ir comigo. Será bom para nós dois.

Tom me olhava com um jeito maroto e, conhecendo-o bem, sabia o que se passava naquela cabeça.

— Não, Tom... Não estou planejando nada. Tudo será discutido com ela e somente ela decidirá se irá ou não comigo.

Só Deus sabia o esforço que eu estava fazendo para não pegar aquele telefone e arquitetar todo o nosso final de semana. Era fácil demais pensar que a conhecia tão bem que poderia fazer uma programação inteira de coisas que ela iria gostar. Contudo, a verdade é que eram apenas suposições e eu estava decidido a não mais trabalhar em cima de suposições. Ela decidiria o que gostaria ou não de fazer. E, principalmente, se iria comigo.

— Com o tempo tudo ficará mais fácil, Erik. Pense como sendo um período de adaptação.

Ia lhe dizer que ter a Fraise ao meu lado já tornava as coisas mais fáceis, porque não havia sacrifício suficiente para separar-me dela. Porém, o meu

celular tocou e observei o número na tela com certo estranhamento. Com um gesto, pedi licença ao Tom e atendi.

— Paulo Henrique?

— Olá, Erik. Como vai?

— Bem. E você? — Tom levantou e sussurrou que depois continuávamos a conversa.

— Bem... tudo bem. Ei, Erik, estou aqui perto da Drakkar... O que acha comermos algo? Tem uma pastelaria bem tradicional...

— Acho que seria ótimo. Eu nunca comi um pastel.

O pai da Fraise estava me convidando para comer algo e, claro, conversar. Meus alarmes soaram, mas procurei ver aquilo como algo bom.

Ele gracejou, me tranquilizando. E depois de me passar o endereço detalhado, desligamos.

Me perdi pensando naquele telefonema. Eu não esperava que o pai da Fraise me procurasse, ainda mais na ausência da filha. Lembro que a nossa última conversa foi meio estranha, distante, mas Paulo Henrique era alguém que eu realmente estimava. E foi por isso que desliguei o computador rapidamente e saí cheio de expectativas.

Eu o vi logo que entrei na simpática pastelaria. Era uma casinha rústica, florida e muito parecida com uma casinha das vilas alemãs. Ele levantou para me cumprimentar e seu aperto de mão foi firme, assim como seu olhar.

— E então... — disse, ao nos sentarmos. — Já posso saudá-lo como o mais recente papai?

Senti meu rosto queimar de constrangimento. Ainda era estranho me ver como pai, embora fosse igualmente bom.

— Já sim, Paulo. Eu e a Fraise conversamos e, enfim, nos entendemos.

Ele abaixou o olhar e parecia ponderar sobre suas palavras.

— Erik. — ergueu seu olhar direto no meu. — Apesar de não aprovar o segredo da minha filha, eu pude entender os seus motivos, por isso, fui seu cúmplice.

Isso foi bem chato de escutar, mas eu jamais poderia julgá-lo. Ele executava perfeitamente o seu papel de pai.

— Eu entendo, Paulo.

— E, apesar de não apoiar de forma alguma o que, sabemos, começou aqui e foi culminar em *Copenhague*, também defendi você. — O encarei, surpreso. Realmente surpreso. — Primeiro, porque tenho anos a mais que vocês dois e sei reconhecer quando duas pessoas se amam de verdade. —

Regozizei, pois jamais vira tanta sinceridade. — E segundo, porque tenho um apreço muito grande por você.

Nos fitamos por alguns segundos, e eu apenas assenti, emocionado, enquanto ele prosseguia.

— Erik, se me permite... Lamento muito por seu pai. Por ele não reconhecer o valor dos filhos em nossa vida. A partir de agora, você já vai começar a saber do que estou falando. — Discretamente, Paulo olhou ao redor, talvez apenas distraído, talvez pensando sobre o que me dizia e que me tocava profundamente.

— Ele teve a oportunidade dele, Paulo.

Ele assentiu.

— É realmente lamentável, mas... — e voltou a me encarar. — Eu te chamei hoje, Erik, para dizer que você é bem-vindo à nossa família, sempre. Bellanne conversou comigo e tudo indica que estejam se acertando, então... Bem, sem qualquer pretensão de ser mais do que devo, quero que saiba que é como um filho para mim, assim como o Anderson.

Um bolo se formou em minha garganta e busquei qualquer distração para disfarçar a minha comoção.

— Eu... Eu agradeço...

— Mas... — ele interrompeu. — Mesmo querendo-o como um filho, não se iluda. Se magoar a minha filha outra vez...

Eu comecei a rir, não dele, óbvio. Comecei a rir porque o que começava a me dizer era o maior dos absurdos.

— Isso não vai acontecer, Paulo. Eu jamais magoarei a Bell outra vez. Já passei por isso e... Bem, não quero passar outra vez. Não mesmo.

Ele assentiu e me sorriu sutilmente. Por fim, ergueu a mão e a garçonete se aproximou.

— Dois pastéis de carne com palmito, para começar.

Eu o admirava imensamente. Paulo Henrique é um homem sábio, muito inteligente e de uma mansidão que nos dá paz. Sempre gostei de estar com ele e conversar, mas isso acabava de ganhar um outro significado. E se não bastasse ser por Bell e por meu filho, também seria por essa amizade, que eu seguiria me tratando e me contendo.

— Só vou te pedir uma coisa, Erik Lars. — prestei atenção, um pouco tenso. — Atenha-se a cortejar a sua mulher e pare de paparicar a minha. — rompi em uma gargalhada porque, obviamente, era uma pilhéria. — Eu não consigo alcançar tão alto patamar de galanteio e isso é uma concorrência

muito, muito desleal!

Rimos juntos e aquela foi um dos finais de tarde mais agradáveis da minha vida. Nascia ali uma confiança que eu nunca ousaria romper. Nascia ali uma amizade de uma vida inteira.

Bellanne

Acompanhei aquele homem estonteante saindo da água com a prancha de surf sob o braço. Ele sacudiu os cabelos crescidos e sorriu para mim. Era lindo, brilhando à luz do final de tarde, coberto de gotas de água cintilantes.

Disparei meus cliques, aproveitando os raios de sol sobre as gotas de água e o azul dos seus olhos, que com a luz, ganhavam rajas esverdeadas. Inevitável lembrar de outro tom de azul, um mais celeste, que me estremece inteira quando me fita.

— Ok! Ficou ótimo, querido! Obrigada! — fechei a câmera e olhei para a Fernanda, uma assistente de produção gracinha que algumas vezes viajava comigo para um trabalho ou outro. — Vai lá Nandinha, por nós duas, enxuga aquela água escorrendo naquele peitoral maravilhoso. Estou interditada por tempo indeterminado.

Ela apanhou a toalha e saiu rindo.

Guardei a máquina na *case*, pendurei a bolsa no ombro e dei as costas, deixando que a equipe desarmasse o equipamento. Já estava no alto da praia quando o Michel correu ao meu encontro.

— Ficou irado, Bell!

Sorri, feliz por ver que ele também havia curtido.

— As ondas não foram muito grandes, né? Mas mesmo assim ajudaram pra burro. — Olhei de volta para a aglomeração de surfistas e garotas à beira mar. — O pessoal também está numa *vibe* legal. É uma comunhão.

— É... — ele apertava os olhos contra os últimos raios de sol no horizonte. — Mas o que vai sair dessa câmera será o seu olhar, e isso faz toda a diferença.

Dei um empurrão leve em seu ombro e, sorrindo, plena de satisfação, tomei o caminho do hotel, que ficava ali, quase na areia.

— Ei, Bell! Vamos tomar algo no bar do hotel? — Parei e o fitei sobre os ombros. — Vamos! É para comemorar.

Ponderei. Eu estava louca para tomar um banho, deitar na cama e falar novamente com o Viking. Michel me olhava com um sorriso amigo e avaliei

o horário. Era pouco mais das dezenove horas na ilha de *Oahu*, onde estávamos, mas no Brasil já era mais de duas da manhã. Erik estaria dormindo. Além do mais, eu estava com fome.

— Fechado. Vamos fazer assim... Vou subir, tomar um banho e te encontro no restaurante. Estou grávida, Michel e a minha fome é quase que constante. Deixo os *drinks* para você.

Ele abriu um largo sorriso.

— Perfeito, Super Bell. Te encontro em uma hora?

Assenti e segui meu caminho. E quando nos encontramos, quarenta e cinco minutos depois, o Michel já estava sentado em uma mesa no jardim do restaurante. Um lugar que parecia cenário de filme!

— Adorei a camisa. — brinquei, porque a camisa dele era florida e horrorosa.

Michel riu e puxou a minha cadeira para que eu sentasse.

— Entrando no clima, cara Bellanne. Estou me sentindo um havaiano!

Olhei para ele, avaliando sua figura. Michel era um gato! Moreno, alto, forte, com olhos maliciosos e um sorriso sedutor. Me lembrava vagamente o *Hugh Jackman* em seus tempos áureos.

— Ah, tá.

Melhor não comentar, pensei, imaginando o que diria o Lucien — o papa da elegância — ao deparar-se com esse surpreendente Michel.

Juntos avaliamos o cardápio e falamos por mais de trinta minutos sobre como estava sendo fantástico fazer o editorial. A equipe estava muito harmônica, o clima colaborando totalmente... Tudo perfeito!

Comemos um salmão cultivado fora de série, de tão gostoso, e quando nos sentamos em espreguiçadeiras, de frente para a praia, adorando a brisa marítima e a temperatura agradável, fechei os olhos para o céu lindamente estrelado.

Falei com o Viking assim que acordei. Ele estava almoçando com o Thomaz e uns empresários, e nossa conversa foi super rápida. O que teria feito pelo resto do dia e à noite?

— Pensando no gringo, Bell?

Sorri, ainda em alfa.

— Ele vai te matar, se souber que fica chamando-o assim. E sim... ele está sempre aqui. — e apontei para a minha frente.

Abri os olhos e encontrei o Michel me olhando de um jeito estranho.

— Ah, para já! Ainda vai insistir em ficar comigo, Michel?

Ele sorriu lindamente.

— Seria uma perda de tempo imensa, não? — Assenti com veemência. — Além do mais... Em sua cara está estampado "Erik Lars" em neon, e aposto que na dele tem "Cai fora, piranha, já tenho dona!"

Gargalhei, voltando a mirar o céu. Ele tinha feito uma cara engraçada que me lembrou as palhaçadas do Lucien.

— Essa fala é do Lucien, Michel. Vocês dois se dariam bem.

Ele sorriu de uma forma engraçada, com um semblante safado que me chamou a atenção.

— É... Lucien é uma figura bem interessante.

Voltei a fitá-lo com algo de surpresa, pelo tom que usou e logo as conexões maliciosas foram ativadas.

— Sério?! Você e o Luci...

— Não mude de assunto, Bellanne Fraise. Estávamos falando do gringo.

Voltei a gargalhar, bem alto. Era inacreditável!

— Eu jamais imaginaria que você...

— Eu gosto de pessoas, senhora tiradora de sarro, e não tenho culpa se seu melhor amigo anda escondendo umas coisinhas de você. — Arregalei os olhos, absolutamente surpreendida. — E embora ele esteja puto da vida comigo, não vou lhe contar detalhes do que ele mesmo ainda não contou. Agora, voltemos ao ponto de partida. O que aquele gringo fez que te deixou tão puta? Morro de curiosidade.

Ainda precisei de alguns segundos para digerir a nova informação de que o Michel e o Lucien estavam se relacionando e eu era a última a saber.

Luciano Dória, aquele traíra, teria muito o que me explicar.

— E vai continuar curioso. — Aceitando a guinada do assunto, respirei fundo e observei o Cruzeiro do Sul que, dos E.U.A., só podia ser visto claramente ali, do *Hawaii*. — Basta saber que o Viking quis planejar a minha vida e isso eu não permito a ninguém. Mas isso é passado... Eu acho.

Ficamos em silêncio por um tempo e imaginei que o Michel estivesse pensando sobre o que falei.

Dito e certo.

— Vocês têm muita química, Bell. Naquele jantar do Mateo e da Mariana eu percebi que estava me metendo onde não devia. Tem algo entre vocês que é bem difícil de encontrar. Eu invejei o Erik. — Nossos olhos se encontraram com carinho. — Mas está tudo bem agora, não é?

Ergui as sobrancelhas e suspirei.

— Vai ficar... Só preciso ter a certeza de que a minha vida é minha, e a dele é dele. Mesmo que elas estejam entrelaçadas. — Suspirei. — Preciso saber que tudo que acontece conosco é porque tem que acontecer, e não porque ele quis que acontecesse.

Michel me encarou e eu vi passar por seu rosto algo que me inquietou. Então, ele estreitou os olhos, apontou o indicador e ameaçou:

— Ele está em período de teste, é isso?

Pendi a cabeça para o outro lado, sorrindo.

— Não é bem isso. É só que...

— Só que é isso sim, mentirosa! — Levantou-se da espreguiçadeira, sentando todo animado, e retirou o celular do bolso de trás da calça.

— Que diabo você está pensando em fazer, Michel?

— Troca de favores, já ouviu falar? — E antes que eu pudesse compreender, Michel me encarou por dois segundos, antes de abaixar o olhar para o celular em suas mãos. Sua expressão passou de empolgação para constrangimento num piscar de olhos. — Bell... Eu preciso confessar uma coisa.

Meneei a cabeça, ligando os alertas e prevendo uma bomba. Deixei que prosseguisse.

— Sabe o lance que falei há pouco, sobre o Lucien estar puto comigo? — Assenti, sem interrompê-lo. — Então... É porque eu fiz uma coisa feia, mas foi cheio de boa intenção, eu juro! — Apressou-se em se justificar.

— O inferno está cheio de “Michels”. Que merda você fez com meu amigo, hein?

— Bem... A merda foi com você. — Abri os olhos, entre surpresa e temerosa. — Sabe a sua foto grávida? Eu achei no celular do Lucien e... Bem, não foi difícil inseri-la nos arquivos da apresentação da Vogue. Tenho meus contatos.

Cinicamente, piscou um olho para mim.

— Você o quê?! — Não podia acreditar que o Michel tinha sido o filho da puta por trás daquela sacanagem!

— Ah, Bellanne! Porra... Eu tenho minhas birras com o gringo, mas vocês precisavam de um empurrão, né? Eu e o Lucien perdemos horas preciosas do nosso pernoite, falando sobre a merda que você estava fazendo. Desculpe, mas alguém tinha que fazer alguma coisa, e o Lucien jamais teria coragem.

Eu estava atônita, sem saber se me indignava mais pela sua ousadia em meter-se na minha vida, ou se pela sua cara-de-pau em admitir.

— Eu ia contar para ele naquela noite, sabia?

Michel abriu todos os dentes, num sorriso forçado e cínico, e se houvesse um balão de pensamento sobre sua cabeça, neste haveria um imenso “ops!”.

Eu sei que não deveria, mas tive vontade de rir. Ao final, ele tinha sim, feito merda, mas eu e o Erik estávamos bem. Eu acho.

— Você é o cara mais idiota que conheço, Michel, e meu Lucien merecia alguém melhor, sabe?

— Ele é louquinho pelo meu rebolado, baby. — Ri do seu charme cafajeste e, do fundo do peito, torci para que ele fizesse o Lucien feliz. — Então... Se eu te fizer um bem, você convence o Lucien a me perdoar?

Ai, meu Deus!, o Michel me dava medo.

— Que tipo de bem? O último bem que você...

Ele me calou, quando pousou o indicador nos lábios, apontou para o celular e fez uma mímica, dizendo “relaxe e confie”.

Eu meio que entendi o que pretendia fazer, embora ainda não soubesse se concordava. Nervosa com aquela loucura, senti meu estômago revirar e o coração disparou no peito, enquanto o Michel digitava um número.

Erik

Saía do banho quando escutei meu celular tocar, sobre a cama. Pendurei a toalha com que enxugava o cabelo e, ainda molhado e com uma toalha no quadril, atravessei o quarto e peguei o aparelho.

Era um número desconhecido. Verifiquei a hora e nem eram seis da manhã. Alarmado, atendi.

— Bom dia, Erik Lars. Espero não ter acordado você.

— Quem está falando?

— Desculpe, sou eu Michel Fontes. Será que podemos falar por alguns minutos? Tenho uma proposta a lhe fazer.

Sentei na cama sem acreditar que o filho da puta do Michel estava me ligando àquela hora. Que tipo de proposta ele queira me fazer? O que poderia querer comigo, o sujeito que não cansava de dar em cima da minha mulher?!

25º Capítulo



CAPÍTULO 25

Erik

— Uma proposta?! Que tipo de proposta? Cadê a Fraise? Ela está bem?

— Calma, calma... Ela está bem. Jantamos e ela já foi para o quarto dela. Relaxe.

Respirei fundo e passei a mão pela barba, tenso.

— E o que quer dizer com “proposta”, Michel?

— Erik... Eu e a Bellanne conversamos muito e... Bem, embora você não acredite, fiquei mesmo feliz por vocês terem se entendido. A Bellanne é uma mulher maravilhosa e eu realmente adoraria que ela me desse uma chance, mas...

Era muita petulância!

— Michel, o que você quer? — Sou um pouco mais grosso do que pretendia.

— Quero ajudar vocês.

Lentamente me debrucei para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, sem acreditar no que escutava.

— Ajudar?! Quem disse que precisamos de ajuda?

Ele suspirou tão alto, que o escutei claramente.

— Erik Lars, Bellanne passou o dia muito calada, o que não parece ser o seu normal, e só depois de conversarmos, entendi o porquê dela estar tão distante. É foda isso de reconciliação mal terminada...

— Vá se foder, Michel! O que você quer? Ou fala, ou desligo!

— Calma, cara... Estou tentando ser legal com você, abaixa a guarda um pouco, beleza?

Passei a mão nos cabelos molhados, numa tentativa inconsciente de arejar os pensamentos. O único motivo para ainda não ter desligado a merda do telefone, era a curiosidade

— Ok, Michel... O que você e a Fraise conversaram e o que pretende?

— Você está tenso... Fique tranquilo. Desde o jantar do Mateo, eu não sou mais uma ameaça para você...

— Você nunca foi uma ameaça, Michel. O que vocês conversaram?

O riso cínico dele soou baixo.

— Erik, a Bellanne ama você, você ama a Bellanne... E, cara, eu gosto dela, sabe? Eu pensei que talvez...

— Fala, Michel!

— Porra... relaxa! Eu só quero lhe dar a ideia de vir pra cá, sabe? Você e ela, *Hawaii*, praia, luau... essas coisas.

Empertiguei a coluna, tentando juntar as peças do quebra-cabeças.

— Espera... Você está me propondo que eu vá para aí ficar com a Fraise?

— Aleluia! Pensei que não fosse entender nunca! — Suspirei, impaciente, e mais uma vez escutei seu riso baixo e irritante. — Ela está triste, cara, com saudade. E eu sei que essa viagem veio na pior hora para vocês, então, pensei que eu poderia tentar remediar isso, como prova de que eu sou do bem, Erik. Eu torço por vocês.

Funguei, analisando aquilo e pensando em como fomos parar naquela conversa. Logo eu e o Michel! E quanto mais eu pensava, mais distante ficava da lógica.

— Olha, Erik... Eu posso ajudar. A gente faz uma surpresa super legal para ela, você chega e *pah!* Amanhã, vamos trabalhar em outra parte da ilha, então, se você chegar no final da tarde no hotel, até dá para descansar um pouco. Posso arrumar um luau romântico, providencio um jantar com música...

— Não.

O silêncio que se fez chocava com a confusão de pensamentos dentro de mim.

— Como?! Erik, acho que você não entendeu. Ela está sentindo sua falta, cara. Eu tô te propondo...

— Não, Michel. — caminhei pelo quarto, porque tudo em mim gritava para fazer exatamente aquilo que ele me propunha. Tudo me mim já planejava o cenário, a situação e até as palavras. Minha mente trabalhava no horário do voo, no tipo de jantar e até onde iríamos depois, porque a minha natureza gritava para planejar, para manipular a situação, e o Michel estava me oferecendo a faca e o queijo. — Não, Michel! Eu não vou para o *Hawaii* e não vamos fazer porra nenhuma!

— Mas...

— Mas nada. — Caminhei para o banheiro e me apoiei na pia, encarando meus olhos no espelho. — Não vou. Bellanne viajou à trabalho. Se ela me quisesse aí, ela me pediria para ir.

Ele fez um breve silêncio.

— Tudo bem, cara. Eu só achei que...

— Tranquilo. Agradeço sua preocupação, de verdade. Era só isso?

Eu mal conseguia respirar. Sentia-me um viciado para quem estava sendo oferecida a droga. Ela estava ali, na minha frente, bastava pegar. Mas eu não podia mais ir por esse caminho. Não podia.

— Era sim... Desculpe aí o horário e tal.

— Tudo bem, Michel. Bom trabalho para vocês.

Quando desliguei o telefone, minha testa estava molhada de suor.

Eu estava com muita saudade e pensar nela tão longe de mim e tão perto do Michel causava-me náuseas. Seria tão fácil pegar um voo e ir. Seria tão fácil e aparentemente correto, armar todo o cenário, ajustar a situação...

Soprei o ar com força, querendo que aquela aflição saísse junto. E para esfriar minha cabeça, tirei a toalha, jogando-a sobre a pia, e voltei ao chuveiro, com cuidado de mudar o termostato para frio.

Bellanne

Eu contorcia os dedos das mãos, ali sentada, vendo o Michel conversar com o Erik. Quando me contou o que pretendia, não achei que seria uma boa. Colocar o Erik à prova não era uma ideia legal. E se ele cedesse? E se topasse fazer tudo de acordo com o proposto...tudo arquitetado sem sequer saber se

era mesmo a minha vontade? Como eu iria conviver com isso? Mas o Michel não me deu tempo para pensar e quando vi, ele já estava falando com o Erik.

Por outro lado, eu estava sim, louca para estar com ele. A nossa noite não foi, nem de longe, suficiente para abrandar toda saudade que sentíamos.

E agora, ao ver o Michel desligando o celular, me aflijo com seu semblante surpreso, mas que não me diz nada. O medo da resposta crescia vertiginosamente e, no íntimo, eu orava para que fosse uma negativa.

— Fala, merda!

Michel, torturantemente, recolocou o celular no bolso, debruçou-se e apoiou-se sobre os joelhos, me encarando.

— Ele não vem.

Puxei o ar e enchi os pulmões, que estavam quase murchos, e quando o soltei, ele foi junto com o riso nervoso. Um misto de alegria e decepção, porque apesar de estar feliz por ele realmente estar mudando, e essa era a prova que eu tanto necessitava, eu o queria comigo.

— Sério?!

Michel meneou a cabeça.

— Decida-se, Bellanne... Isso te deixa triste ou feliz?

Olhei para o mar escuro à nossa frente. As ondas estavam mais agitadas do que mais cedo. Meu coração também estava agitado, inquieto.

— Era a resposta que eu precisava. — virei-me para ele. — Ele está sendo mais forte do que eu imaginava, e pensar na força desse homem, na sua determinação e tenacidade, me faz amá-lo ainda mais. Consequentemente, quero-o ainda mais aqui.

Michel franziu o cenho, sem entender. Então, levantou e veio até mim.

— Você é confusa, Bell. — inclinou-se sobre mim e beijou minha testa suavemente. — Se queria saber se o galego faria algo pelas suas costas, comemore. Dei todos os empurrões possíveis e ele declinou veemente. Ele não vem.

Michel me sorriu e depois de acenar em despedida, tomou o caminho para o hotel, na beira da praia. Eu o observei caminhar pela areia branca. A lua estava quase toda cheia, alta sobre as montanhas ao longo da praia. Me abracei, sentindo a pele arrepiar frente à brisa fria. Sentindo a falta das mãos do Erik.

Voltei a deitar na espreguiçadeira e pensei no meu Viking. E olhando as estrelas, deixei minha mente vagar para, enfim, criar nosso futuro. Pensei em nosso filho e em como o criáramos. Em como seria a nossa vida, nossa

casa... e nunca pensei que algo tão trivial fosse ter tamanha importância para mim.

Num lampejo, imaginei se ele ainda me faria surpresas no aniversário, como o fez, me levando à Fernando de Noronha. Se planejaria jantares e vendaria meus olhos, fazendo mistério. Me peguei desejando essas coisas e me perguntei qual era o limite entre a surpresa e a manipulação, e em como eu ensinaria isso ao Erik.

Sobre mim, as estrelas pareciam desenhos pontilhados, e o som do mar me ninava, mas a falta dele era palpável. Eu fechava os olhos e podia sentir sua respiração contra meu pescoço, seus braços me envolvendo... e foi assim que uma idéia sinistra me veio.

Peguei o celular na pequena bolsa de couro e verifiquei o horário: 23h50 aqui... 6h50 no Brasil.

Respirei fundo e liguei. Antes de tomar qualquer atitude, eu precisava escutar sua voz.

— Bom dia, meu amor.

Sorri feito uma boba.

— Bom dia, Viking. Dormiu bem?

— Sabe que não. A minha cama está grande demais.

Mordi o lábio, evitando que meu sorriso abrisse em demasia.

— Kivo... Sinto sua falta.

Ele sorriu e o som suave e rouco do seu riso me arrepiou.

— Eu também, Moranguinho. O que está fazendo acordada tão tarde?

— Estou sem sono e vim tomar um pouco de ar.

— O tempo está bom por aí?

Ele estava na cozinha, provavelmente preparando seu café. Eu sabia que depois o Erik assistiria ao jornal deitado na cama e, por fim, dobraria os lençóis, como um ritual. Eu adorava seu jeito simples e ordeiro. Enquanto o Tom tinha um verdadeiro time de empregados, o Erik tinha apenas a Rita e sabia preparar seu próprio café, dentre tantas outras atividades domésticas. Se duvidasse, sabia mais do que eu. Isso era fruto do tempo em que eu morava sozinho e ainda não era o dono de uma rede de lojas.

— O tempo está ótimo e amanhã ainda irá esquentar, segundo as previsões.

— Mais dois dias, não é? — ele perguntou e eu murmurei, confirmando. — Estou morrendo de saudade.

Mordi o cantinho da minha unha, pensando que eu poderia simplesmente

dizer “Erik, você quer vir”? Contudo, era uma chance de mostrar-lhe a sutil diferença entre surpreender e manipular, e que ele poderia sim, transitar nessa borda sem medo.

— Gostaria de estar comigo, Erik?

Ele emudeceu e escutei a torneira sendo fechada.

— Que pergunta, Bell. Claro que sim.

Novamente ficamos calados e eu decidi o que precisava ser feito.

— Tenha um bom dia, meu amor. Que ele seja surpreendente.

Seu riso soou outra vez.

— Que a sua noite seja de descanso. Boa noite, Fraise.

— Bom dia, Viking.

Desliguei e meu coração parecia que queria sair e ir quicando até o mar. Mordi a boca, pensando...pensando. A respiração entrecortada, ansiosa, porque o que eu estava por fazer envolvia certo risco. Risco de não ser bem interpretada, de desandar tudo ou de nos fazer imensamente felizes.

Contudo, dentro de todo risco, ele havia me dado uma certeza, e esta certeza fazia todo diferencial. Por fim, parei de ponderar e simplesmente digitei o número no celular e aguardei a chamada.

— Alô, Tom?

— Bellanne? Está tudo bem?

— Sim, tudo bem. Desculpe o horário...

— Não tem problema, estava indo tomar meu café. O que houve? Ainda no *Hawaii*?

Eu mordida o canto da boca, tensa.

— Sim, estou. Tom... Eu preciso de um favor. Quero dizer... alguns favores seus.

— Pode falar. No que posso te ajudar?

Contei-lhe meus planos, mas cheia de receios de que ele simplesmente dissesse que eram insanos e irresponsáveis.

— Bell... Veja bem... Acha mesmo que é uma boa ideia?

— Não sei, Tom, mas estou seguindo meus instintos. Diga apenas se é possível. Se haverá alguma consequência que prejudique vocês e a Drakkar.

— Não... Quanto a isso está tudo bem. Sobreviveremos. — Ele riu e isso me tranquilizou. — E esqueça isso de pagar alguma coisa. Eu providenciarei tudo quanto às despesas.

Sorri feito criança fazendo peraltices.

— Obrigada, Tom. Preciso falar com o Teo.

— Ah, ligue sim. Ele morre se souber que estou envolvido nisso e ele não. Rimos, e quando desliguei, estava quase dando estrelinhas na areia, de tão excitada. Disquei para a Mari, que não demorou a atender. Mais uma vez, contei-lhe meus planos e, ao contrário do cauteloso Thomaz, ela gritou de alegria, e precisei afastar o fone do ouvido para não ficar surda.

— Bell, isso é demais!!!

Ao seu lado, Mateo estava curioso, perguntando do que se tratava.

— Mari, preciso que o Mateo faça o que te disse. Acredito que esteja no cofre e a senha ele sabe qual é. De resto, você pode ajudá-lo, não pode?

— Óbvio que posso! E vou adorar!!!

E ao desligar, respirei profundamente. Levantei da espreguiçadeira e mirei a lua redonda, alva no céu. Meu sorriso ia de um canto a outro do rosto e o coração batia leve, embora acelerado.

Respirei fundo uma e outra vez, e inspirei o ar salgado. Subi para o hotel saltitando, rindo e imaginando como tudo iria acontecer, feito uma adolescente bobinha, sonhadora. E que mal havia nisso? É tão bom sonhar!

Erik

Mal pisei no *hall* de entrada da presidência e a Ana Paula correu até mim.

— Bom dia, senhor Erik. Como vai?

— Bom dia. Estou bem. — Ela estava agitada. — E você?

— Muito bem, obrigada. — Entrei na minha sala com ela me seguindo como uma sombra. — Senhor Erik, tivemos algumas mudanças, mas o senhor Thomas virá lhe...

— Bom dia, Erik!

Acompanhei o Tom atravessar a minha sala como se fosse, sei lá, carnaval! Estava animado demais para um horário tão cedo.

— O que foi? As ações estouraram?

Ele riu e veio até mim, me dando um abraço rápido e tapinhas nas costas.

— Você foi sorteado para ir à San Francisco em caráter de urgência, meu amigo.

Ri, sem acreditar.

— San Francisco, Califórnia?!

— Sim... — Tom sentou na ponta da mesa, enquanto eu me acomodava em minha cadeira. — A parte do sorteio é brincadeira, óbvio, mas estamos precisando de alguém para uma reunião urgente e, bem... Eu realmente não

vou poder.

Aquilo estava estranho e, em meio a um riso um tanto nervoso, duvidei.

— Espera, Tom... Que reunião é essa que eu não estou sabendo?

Ele deu uma bela respirada e contornou a mesa.

— Erik, lembra de um grupo de japoneses que esteve aqui no início do ano?

— Sim... O grupo de executivos da *Yusen*.

— Então... Eles estão em San Francisco para uma reunião com os executivos da *Ross Dress* e eu soube que será uma espécie de rodada de negócios aberta. É para um possível compartilhamento de transporte marítimo. O pessoal da La Martina, da Argentina, também estará por lá.

Seria uma boa, fecharmos navios com outras empresas previamente acordadas, ao invés de utilizarmos companhias de transportes. Mas isso não justificava uma viagem desse tipo e assim, sem planejamento.

— Mas Tom, podemos resolver isso com uma videoconferência.

— Não, Erik... Outras companhias estarão lá. — ele parou de frente para mim e debruçou-se, apoiando as mãos na minha mesa. — Erik, precisamos mesmo de você, irmão. Não podemos perder essa chance.

Bem, se era assim, não havia qualquer problema. Bellanne estava viajando, Tom poderia gerir as reuniões, Mateo estava bem...

— Tudo bem. Quantos dias?

— Ah... três ou quatro dias. Se precisar de mais, não tem problema.

Três ou quatro dias?!

— Tom... É só uma rodada de negócios, não é? A previsão é desse tanto de dias?!

— A programação está para dois dias, mas... — repentinamente, o Tom ficou impaciente. — Sei lá! Vai que se prolonga... Fique um ou cinco dias, como precisar. Apenas preciso que vá e resolva isso. É importante, Kivo.

Assenti, conformado.

— Ok. Vou pedir à Ana Paula...

— Já está tudo certo. Terá um jatinho esperando você às doze horas e a Ana Paula irá acompanhá-lo ao aeroporto.

— Puta que pariu, Tom! — me levantei de chofre. — E só agora você me avisa?!

Olhei o relógio e eram quase dez da manhã. Eu teria praticamente uma hora para arrumar as coisas e, pelo visto, não haveria tempo nem para fazer uma mala.

Fiz um sinal para a Ana Paula, parada próximo a porta da sala.

— Ana, por favor, providencie um hotel.

— Já fiz isso, Senhor Erik.

Parei e fitei a minha secretária. Até ela sabia dessa viagem, menos eu?! Fui até o cofre e o Tom me acompanhou.

— O que está fazendo? Precisa ir para casa...

— Que casa, Tom? Não vou levar mala. Lá eu compro o que precisar. — Abri o cofre, de lá tirei meu passaporte e o mostrei para o Tom. — Ainda bem que meu passaporte estava aqui. Vamos, Ana...

— Espera! — Tom segurou meu braço, e então, deu um tapa na própria testa. — Que droga!

Observei que meu amigo suava de nervoso.

— O que foi, Thomaz?

— Merda, Erik... Sabe aquele dossiê das entregas de Paris? Você precisa levá-los!

Os dossiês estavam em minha casa, ele sabia disso.

— Thomaz, para quê eu preciso levar o dossiê das entregas de Paris, para uma reunião sobre transportes para o Brasil?

Aquela merda toda estava estranha demais.

— Eles pediram para ver os movimentos de entrada de mercadoria de todas as nossas lojas, mesmo que só lhes digam respeito as lojas do Brasil. Não discuta, Erik, por favor. Os caras pedem coisas estranhas e nós precisamos dessa parceria.

Seu olhar era de súplica e eu juro que parecia que iria chorar se eu perguntasse mais alguma coisa.

— Ok... — Tom estava me assustando. — Pegarei a porcaria do dossiê. Fica tranquilo, certo?

Ele assentiu, parecendo mais calmo.

— Vá, Kivo... E depois vá para o aeroporto. A Ana Paula estará lá com a documentação e... — e tomou meu passaporte e o entregou à secretária. — Ela pode também cuidar do seu embarque.

Olhei para a Ana Paula, que me sorriu de uma forma pouco natural. Desistindo de questionar, peguei a chave do carro e o celular sobre a mesa.

— Vou em casa pegar apenas o dossiê. Todo o resto eu providencio por lá. — e passei pelo Tom, deixando a sala.

— Ei, Erik! — Tom me alcançou na antessala. — Não vai levar nem algumas roupas?!

— Não vou perder tempo fazendo mala, Tom. — Minha paciência estava se esgotando, mas antes de estourar, me aproximei do meu sócio e sussurrei irritado: — Mas que droga, Tom! Falta praticamente uma hora e meia para o voo e eu fiquei sabendo disso só agora. Cogitou me avisar assim que soube da reunião?!

E saí, atravessando o *hall* como uma flecha.

Bellanne

— O quê?! — Quase gritei, com a boca cheia.

— Que droga, Bell... Ele não vai pegar bagagem!

Cuspi a pasta de dente na pia.

— Ele tem que pegar a bagagem, Tom! É importante!

— Eu... Eu não sei o que fazer. O Erik é esperto e ele está desconfiado. Que droga...quase coloco tudo a perder!

Lavei a boca rápido, terminando de escovar os dentes. Era pouco mais das três da manhã, mas estava impossível conciliar o sono com a ansiedade.

— Tudo bem, tudo bem, Tom... Vai dar tudo certo. Fique tranquilo, você foi ótimo. Agora respira. Vou ligar para o Teo.

Me despedi e desliguei o celular, apenas para ligar novamente. Digitei o número do Teo e aguardei.

— Teo?

— E aí, Bell? Estou no aguardo. Assim que o porteiro me avisar da chegada do Erik, eu entro em ação.

— Teo, deu merda.

— Oi?!

— O Erik vai pegar apenas uns papéis que o Tom inventou. Ele não vai fazer mala. O que vamos fazer?!

— Ele vai fazer mala sim! Eu dou um jeito! — e ele fez silêncio, pensando. — Puta que pariu, Bell! Vou subir! Vou subir e ver o que faço.

Eu estava quase chorando. Tanto trabalho, tanta gente envolvida... Não podia dar errado.

E quando desliguei, olhei em volta, me sentindo meio perdida. Eu precisava confiar. Sentei na cama e fechei os olhos. Será que estava indo além? Era um passo importante e eu estava pulando etapas, indo contra tudo o que sempre abominei. Então, empurrei a ansiedade para o canto e deitei na cama, tentando dormir, embora eu desconfiasse que não conseguiria.

Erik

Deixei o carro na garagem e subi rodando a chave no indicador, fazendo cálculos de hora, tempo de voo e fuso horário. Há anos não ia à San Francisco, um lugar encantador.

Saí para o *hall* de entrada e quando abri a porta, levei um susto. Mateo estava parado no meio da sala.

— Teo?!

— Oi, Kivo! Vim buscar umas coisas que ainda estavam aqui. Você não se importa, né?

— Claro que não.

Entrei e fui direto ao escritório. Ele veio atrás, saltitando nas muletas.

— A Mari está no banheiro. Cara, elas usam o banheiro o tempo inteiro!

Ri, enquanto procurava o dossiê na gaveta.

— Teo, estou indo viajar e devo voltar em três ou quatro dias. Qualquer coisa, fala com o Tom, certo?

— Tranquilo. Já fez a mala?

Olhei para o Teo, estranhando seu interesse.

— Não. Não tenho tempo.

— Como assim? Nem para jogar umas roupas...

— Oi, Erik! — Mari chegou na porta do escritório. Estava cada dia mais linda e mais barriguda. — Vai viajar?

Achei a pasta e abri para verificar seu conteúdo.

— Vou sim, para a Califórnia...

— Mari, por favor, pode colocar algumas roupas do Erik na sacola de viagem?

Ergui os olhos para o meu irmão, que falava com a esposa, apontando na direção do meu quarto, e depois acompanhei a Mariana seguir sua indicação.

— Não é necessário. — fitei meu irmão, incrédulo. — Teo, não precisa disso.

Era constrangedor ver a Mari pegando minhas roupas.

— Precisa sim. Vou ajudá-la.

Segui o Teo e o vi entrar no meu banheiro e começar a encher uma bolsinha com meus objetos de higiene pessoal. Olhei na direção do closet e a Mariana já estava dobrando algumas camisas. Sabendo que seria tanto indelicado, quanto perda de tempo refutar, saí do quarto e fui beber uma

água. Minha garganta estava seca.

Bellanne

— Ei, Dan! Dá uma viradinha, amor. Assim... — tentei dirigir o surfista, mas ele estava rígido como uma tábua. Coloquei o olho no visor e sussurrei para a Fernanda — Nandinha, vai lá vai... Faz aquele ser virar mais o tronco para mim.

Ela levantou serelepe e me olhou, safada, quando deslizou a mão pelo peitoral do loirão.

Aproveitei o efeito das ondas chocando contra seu quadril e disparei meus cliques.

— Perfeito! Valeu, Dan, você é demais!

Virei o *display* e conferi o efeito lindo da espuma do mar subindo por trás das suas costas. Quando me posicionava para novos cliques, escutei o som do meu celular ficar cada vez mais alto, estranhamente estridente, e então, tudo escureceu.

Acordei assustada, tateando a cama em busca do celular. Estava tudo escuro ainda e eu não fazia ideia de que hora era aquela.

Apertei os olhos contra a luminosidade da tela do celular e nele, o rosto lindo do Teo sorria para mim.

Puta merda!

— E aí, Teo? Tudo certo?

— Não, né? Claro que não! Porra, Bell, Erik está na cozinha e a merda do cofre não abre!

Meu estômago tremeu e eu gelei inteira.

— Como não?! Diana! A senha é Diana!

— Era Diana, Bell! — ele sussurrava, mas estava quase histérico. — Eu coloco Diana e dá *failed*!

Levantei e caminhei pelo quarto. Abri as cortinas e fitei o céu começando a ganhar uma tonalidade mais clara, com apenas indícios de uma luz púrpura vindo do horizonte. Eu precisava pensar rápido. Por que ele teria mudado a senha? E para qual senha?!

— Rápido, Bell... ele vai voltar! Não é melhor desistir de pegar...

— Não! Não pode! Espera... — mordi a pele no canto da unha, forçando meu processador a percorrer os *tebibytes* de memória, em busca de uma possível senha. Então, cuspi a primeira coisa que me veio à mente.

— Tenta Viking ou Moranguinho.

— O quê?!

— Não discuta, Teo. Tenta!

Eu tremia de ansiedade e não conseguia ficar parada no lugar. Ao fundo, escutava o Teo digitar.

— Ops! Viking deu *failed*... caralho! Lá vem ele!

Parei de respirar e logo comecei a rir de nervoso. Que merda estávamos fazendo? Por acaso estávamos assaltando um banco ou apenas fazendo uma surpresa para o Erik?!

Pelo fone escutei as vozes da Mariana e do Erik, conversando, mas logo foram ficando distantes.

— Pronto, a Mari deu um jeito no Kivo. Vamos tentar... Que porra é Moranguinho, Bellanne?!

— Coisa minha e do Viking, Teo. Atenha-se a abrir esta merda.

Ele riu, sem vergonha, e escutei o som das teclas sendo digitadas.

— Yes! É isso aí, Moranguinho, estamos dentro!

Ri quase descontroladamente. Era o nervoso tomando conta da minha sanidade.

— Vá se foder, Mateo, e pegue logo essa droga!

— Missão cumprida, câmbio, desligo, sargento Morango!

Continuava rindo, mesmo depois de ter desligado o telefone.

Jah do céu, era emoção demais para uma pobre grávida!

Erik

Graças à proficiência da Ana Paula, cheguei ao hangar já com meu embarque liberado. Cumprimentei o comandante e a comissária de bordo e entrei na aeronave de doze lugares.

— Senhor Erik, por gentileza, posso guardar sua bagagem?

Era apenas uma mala de viagem de couro pequena, mas ainda assim, a comissária a tomou e colocou-a no devido lugar.

— Qual o tempo de viagem? — perguntei, enquanto atava o cinto de segurança.

— Dez horas até San Francisco, senhor.

Assenti e abri o *notebook* sobre a mesa. Não tive tempo de falar com a Fraise sobre essa viagem, até porque ela devia estar dormindo, mas tentaria lhe deixar ao menos uma mensagem. Verifiquei o horário, constatando que

ainda eram cinco horas da manhã em Honolulu. Sendo assim, digitei:

“Bell, surgiu uma viagem urgente para a Califórnia. O voo irá durar dez horas, mas chegarei por volta das dezoito horas local, por causa do fuso. Me diga como vocês estão. Amo vocês. Erik.”

Dei *enter*, enviando a mensagem, e tentei relaxar na cadeira, enquanto a aeronave fazia sua manobra. Seria um voo longo e eu aproveitaria para trabalhar. E foi o que fiz.

Bellanne

Sentei na areia, ao lado do tripé da máquina. Na água, cerca de oito surfistas faziam suas manobras, aquecendo-se. Eu, a Fernanda, o Michel e mais alguns profissionais esperávamos o espetáculo começar.

Usando uma calça branca sobre o biquíni e um *cropped* de manga longa, eu aproveitava o sol delicioso do *Hawaii*, enquanto mergulhava os dedos na areia alva e fria.

— Algum sinal do gringo?

Sorri e balancei a cabeça. Eu sabia que o Erik iria odiar ser chamado de “gringo” e o Michel ia acabar se traindo.

— Uma mensagem dizendo que estava indo para a Califórnia. Tom me disse que ele embarcou bem e deu tudo certo com o Teo. — Olhei para o Michel ao meu lado. Ele estava com um bronzeado bonito, assim como eu. — E você, como foi?

— Tudo certinho para hoje. Aguardando apenas algumas respostas com relação ao lance de amanhã. — Ele virou para mim com o cenho franzido por trás dos óculos escuros. — Não vai contar nada mesmo ao gringo?

Mirei os surfistas no mar e sorri, marota.

— Nadinha.

— Megera!

Gargalhei e ele empurrou meu ombro com o seu, me desequilibrando.

— Posso contar com você também, não é Nanda?

A morena de cabelos longos e crespos piscou para mim com seu jeito “Gabriela” de ser.

— Não perderia por nada!

Mordi o lábio sentindo-me plena. Enfim, a insegurança tinha ido embora e algo dentro de mim dizia que daria tudo certo. Eu estava excitada, ansiosa e, acima de tudo, convencida de que estava fazendo a coisa certa.

— Agora!

Michel gritou e todos levantaram rapidamente. As ondas estavam chegando e era hora de eternizar o espetáculo que ocorria no mar.

Erik

Dormi, acordei, trabalhei, liguei para a Frase e ela não atendeu. Trabalhei novamente, comi e sempre com a sensação de que estávamos contornando o planeta, de tão longa que se tornara a viagem.

O monitor mostrava a nossa trajetória e, finalmente, estávamos chegando à San Francisco.

— Com licença, Senhor Lars, gostaria de mais uma bebida?

A bela comissária de bordo sorriu para mim, enquanto retirava o resto da refeição que havia acabado de fazer.

— Não, obrigado.

— Deseja algo mais, Senhor?

— Sim... — ela abriu ainda mais o seu sorriso, me seduzindo, e tive vontade de rir. — Quanto tempo para o pouso?

Seu sorriso esmaeceu, mas manteve sua simpatia.

— Quarenta e cinco minutos, Senhor. — assenti. — Posso ajudá-lo em algo mais?

— Não, querida, obrigado.

Ela apertou os lábios e me deixou.

Levantei e caminhei pela aeronave. Segundo Ana Paula, haveria um motorista no aeroporto e o hotel estava reservado. Esperava mesmo que a rodada de negócios não durasse mais do que dois dias, e se a Fraise aceitasse, no início da semana estaríamos em alguma praia do Nordeste.

Peguei o celular do bolso e olhei a lista de mensagens, nenhuma da Fraise. Restou-me ligar.

— Olá, Senhorita Fraise. — cumprimentei, sedutor.

— Olá, Mister Viking. Vi sua mensagem, mas não deu para responder. Já chegou?

Até a voz dessa mulher me excitava.

— Chegando em alguns minutos. Espero resolver tudo rápido. Bell... — Pensei em falar de uma vez e aliviar minha tensão. — Sei que estamos tentando ir devagar, um passo de cada vez, mas.... Acha que seria demais eu te chamar para passarmos alguns dias em uma praia no Nordeste?

Surpreendentemente, ela rompeu numa risada gostosa que me contagiou, mesmo eu não entendendo o motivo da graça.

— Foi algo que eu disse? Se acha precipitado demais, sem problemas. Eu sei...eu sei que é para irmos devagar...

— Ai, Viking... — seu riso esmaecia lentamente. — Devagar sim.... Vamos devagar.

Apertei os lábios, pensando no que dizer. Estava confiante de que ela aceitaria e a decepção foi inevitável.

— Tudo bem, então.

— Ei, não fica assim.... Podemos falar sobre isso quando eu voltar ao Brasil?

Assenti, balançando a cabeça, embora ela não pudesse ver.

— Como quiser, amor.

— Ligue quando chegar ao hotel, Viking.

Olhei pela janela do avião e o sol começava a se pôr.

— Ok.... Ligo sim.

E antes de desligar, escutei a Bell suspirar fundo e pude imaginá-la entre meus lençóis, suspirando para mim.

— Boa viagem, meu amor. Nos falamos mais tarde.

Me despedi e guardei o celular justo na hora em que a comissária retornava à cabine, avisando-me que estavam se preparando para o pouso.

Aguardei todo o procedimento batendo os dedos no braço da cadeira. Só quem já passou dez horas dentro de um voo ininterrupto sabe o que é a ansiedade para colocar os pés no chão. E quando, finalmente, o trem de pouso tocou o solo com um tranco violento, fechei os olhos e respirei fundo.

Odeio pousos em aeronaves pequenas!

Retirei a minha mala do bagageiro, e quando me aproximava da porta de saída, a comissária surgiu à minha frente, bem na minha passagem.

Franzi o cenho, sem entender a sua expressão constrangida e, ao mesmo tempo, me pareceu querer conter um sorriso.

— Desculpe, Senhor Lars... O Senhor não poderá desembarcar. O pouso será apenas para abastecimento da aeronave e tomaremos a nova rota em trinta minutos.

Meu queixo caiu e senti um misto de sensações tão intensas, que simplesmente larguei a mala sobre a poltrona ao lado. A mescla de surpresa, confusão, e até certo receio, se alojou em meu estômago.

— O que está dizendo?! — A primeira coisa que pensei foi em sequestro,

mas a sequestradora não estaria me sorriso como ela estava agora.

— Por ordem do Senhor Thomaz, deveremos levá-lo a outro destino, Senhor. Por favor, tranquilize-se, está tudo de acordo com as orientações.

Franzi o cenho absolutamente indignado e perdido.

— O Thomaz?! E que diabo de destino é esse?

— *Maui*, no *Hawaii*, Senhor.

26º Capítulo



CAPÍTULO 26

Erik

De início, as informações tentavam fazer nexos, mas não se encaixavam.

Por que o avião onde eu estava iria para o *Hawaii*?

Por que o Thomaz teria dado essa orientação?

Por que eu não estava sabendo de nada? Então, dois segundos depois, as coisas começaram a clarear, embora eu ainda custasse a crer.

— Espera... — Sentei no braço da poltrona e tentei arrumar os pensamentos. A jovem me fitava sorridente e claramente excitada com a situação. — Esse voo nunca teve a Califórnia como destino?

— Não como destino final, Senhor. Deveríamos fazer uma escala para abastecimento, apenas.

Thomaz e Michel estariam nisso juntos?

A primeira coisa lógica que me veio foi que, provavelmente, o Michel, com sua insistência, tivesse entrado em contato com o Tom e convencendo-o a forçar-me a entrar no seu jogo. Pensando assim, ergui o indicador, autoritariamente.

— Esse avião não levanta voo até que eu permita, fui claro?

A comissária ficou séria de repente e assentiu de imediato.

Caminhei para o fundo da aeronave e tirei o celular do bolso. Olhando para o aparelho, me veio a dúvida sobre para quem eu deveria ligar... Tom? Michel ou Bellanne?

Não... Ela não tem nada a ver com isso.

Liguei para o Tom, mas ele não atendeu, então, liguei para o Michel que, por sua vez, também não atendeu ao telefonema.

A ideia de que talvez isso tudo tivesse sido planejado pela Fraise insistia em minha mente, mas parecia-me pouco provável.

Olhei para o visor do celular cheio de dúvidas, mas cedi à ansiedade e digitei o seu número de chamada rápida, em vão. Chamou por um longo tempo, até que caiu na caixa de mensagem.

Inquieto e ainda no campo das incertezas, voltei-me à jovem que permanecia empertigada, entre a cabine de comando e a entrada do avião. Olhei para o crachá na lapela do seu terno.

— Camille, a rota sempre foi Califórnia - *Hawaii*, não foi?

Ela assentiu, comedida.

Tornei a sentar no braço da poltrona e me pus a recordar o dia, desde o momento do telefonema do Michel até ali. E o que brilhou em minha memória feito neon, foi justamente uma frase da Bellanne: “Tenha um bom dia, meu amor. Que ele seja surpreendente.”

E a imagem do seu rosto travesso me dizendo aquilo veio à minha imaginação justamente no momento em que meu celular anunciou a chegada de uma mensagem. Abri o aplicativo e se tratava de uma foto da Fraise. Nesta, via-se apenas parte do seu ombro direito bronzeado, a curva do pescoço, a linha suave do seu maxilar e os cabelos voando. Estavam levemente dourados pelo sol. Na legenda, um convite:

“Estou louca por um banho. Acha que chega a tempo?”

O susto e a apreensão deram lugar à alegre surpresa de me ver preso à teia de Bellanne Fraise. Ela havia usado as minhas armas, mas, de alguma forma, eu não me sentia mal, como me sentia em meio às manipulações do Axel. Assim, ficou fácil entender que ela não estava manipulando. Que a manipulação causa angústia, repulsa até. E o que eu sentia naquele instante era algo bem diferente.

Ergui o rosto e Camille me fitou com um sorriso iluminado.

— Então, Senhor, posso liberar o comandante para levantar voo?

Mordi meu lábio, contendo a euforia que ameaçava se apresentar, e encontrei cumplicidade em seus olhos.

— Sim, Camille... Vamos para o *Hawaii*.

Bellanne

Respirei fundo, sentindo-me invadida por felicidade em estado bruto.

Aguardei que ele respondesse ou tentasse novamente falar comigo, mas nada aconteceu. E assim, soube que a mensagem fora entendida e isso o havia apaziguado. E ainda que ligasse, eu não iria atendê-lo. O resto da história, ele iria descobrir somente aqui, comigo.

Estávamos perto de terminar aquela última sessão de fotos e o mar não estava colaborando. Quase não havia ondas nas três praias por onde passamos e teríamos que aproveitar as fotos já feitas, por isso, retornamos à praia em frente ao hotel onde estávamos hospedados. Eu estava relaxada, pois sabia que em meu cartão de memória e no HD haviam quase mil fotos.

— Podemos dispensar o resto da equipe, Bell?

A gracinha da Nanda jogou-se na areia ao meu lado, exausta.

— Preciso que fiquem apenas você, o rapaz da iluminação e o casal de modelos... — Sentada em uma esteira e sob a sombra parcial de um guarda-sol, retirei os óculos escuros, mas estreitei os olhos para o sol de meio de tarde. Olhei a moça deitada ao meu lado, com sua pele morena contrastando com a areia branca. Ela parecia mesmo cansada. — Vamos fazer uma pausa para o almoço e retomamos em uma hora. O que acha?

Ela sorriu e seus olhos dançaram no mar fabuloso à nossa frente.

— Acho absolutamente necessário. — Rimos e ela levantou quase num salto, reanimada pela lembrança de que haviam redes e sombra no restaurante onde costumávamos fazer nossas refeições.

— Você não vem?

Avistei o Michel se aproximando e ele parecia determinado a falar comigo.

— Vá na frente.

Nanda assentiu e cumprimentou o Michel, quando se cruzaram no caminho.

— Bell... — Michel ocupou o lugar da Fernanda ao meu lado na areia. — O gringo acabou de me ligar.

Sorri, com os olhos no mar calmo, de um tom azul esverdeado, à nossa

frente.

— Imaginei. Você não atendeu, não foi?

— Claro que não.

Tornei a sorrir, imaginando a cara do Erik e, se até agora ele não havia me retornado, é porque estávamos em plena sintonia.

Erik

— Senhor... Senhor Erik... — Despertei com a comissária tocando meu braço com delicadeza. — Desculpe, mas o Senhor precisa colocar o cinto. Iremos iniciar os procedimentos de pouso.

Agradei e sentei ereto, prendendo o cinto. Meu relógio apontava para 01h da manhã, no horário brasileiro, mas pela janela do avião o sol apenas começava a se pôr. E depois de preencher um formulário imenso, imposto pelas normas locais, onde eu precisava informar sobre coisas impensáveis da minha vida, e do avião executar um pouso tenso em uma pista que me pareceu pequena demais, finalmente pude sair da aeronave.

Atravessei a pista de pouso e me dirigi ao setor de imigração do aeroporto sem saber exatamente para onde iria depois dali. Não haviam instruções e nem sequer o nome de um hotel, onde eu deveria hospedar-me.

Enquanto aguardava a liberação do departamento de agricultura — outra norma — aproveitei para tentar falar com algum dos culpados por eu estar ali.

Nem Thomaz, nem Michel e muito menos Bellanne atenderam ao telefone. Pensei em ligar para o Lucien, mas no Brasil já era madrugada, por isso desisti. Após a liberação, me vi saindo para o saguão do aeroporto sem ter ideia do que faria agora, e só quando já pensava em simplesmente pegar um táxi e procurar um hotel, avistei a placa “Erik Lars” nas mãos de um sujeito baixinho que corria esbaforido na direção do portão de desembarque.

Esperei que ele parasse e respirasse, tomasse fôlego, antes de me apresentar.

— Boa tarde, senhor. — cumprimentei-o em inglês e com um sorriso, não de pura simpatia, mas porque eu já não me continha de felicidade.

— Senhor Erik Lars?

Assenti e ri, ao vê-lo proferir uma breve prece.

— Perdoe o atraso, senhor. Me acompanhe, por favor.

Segui o homem que aparentava ter cerca de quarenta anos bem curtidos sob o sol do *Hawaii* e entrei em seu carro de luxo.

— Qual o destino, senhor? — Perguntei, tentando ter o mínimo de controle sobre o meu porvir.

— Praia de *Napili*, senhor. Mais precisamente o *Kai Resort*.

Imediatamente acessei a internet e logo estava vendo um belíssimo hotel à beira mar, em uma praia paradisíaca. Não era o Nordeste do Brasil, mas por fim, seríamos eu, Bellanne e o mar.

Nos quase trinta minutos seguintes me distraí vendo *e-mails* e passando uma mensagem pesada e desaforada para o Thomaz, prometendo-lhe revanche. Lá fora, a tarde caía sobre uma paisagem bem diferente do imaginário popular, com referência ao Havaí. Estava numa *highway* em meio à uma paisagem árida, mas repleta de hotéis. O homem dirigiu até a vista mudar completamente, quando entramos em um complexo hoteleiro e então me vi no *Hawaii* dos filmes e fotografias.

Agradei ao homem e dei-lhe uma generosa gorjeta, assim que desci do carro. Sentia-me diferente, empolgado, quase eufórico. Sequer sentia o cansaço de horas e horas em um avião ou a fadiga do *jet lag*. O calor logo me alcançou e tratei de dobrar as mangas da minha camisa que, graças a Deus, era branca.

Passei pela suntuosa entrada do hotel a passos largos, quase correndo até a recepção do hotel, e quando larguei a mala no chão e me debrucei sobre o balcão, o rapaz olhou-me com certo espanto. Acho que eu estava meio que perdendo o controle do meu sorriso, da minha alegria.

— Boa tarde. Procuro a senhorita Fraise.

O rapaz franziu o cenho e acessou o computador. Enquanto aguardava, olhei ao redor, buscando-a. Estava morto de saudade e excitado pra cacete com todo esse mistério, essa nova sensação de não saber o que está por vir.

— A senhorita Fraise é a nossa hóspede, Senhor, mas não encontra-se em seu quarto nesse momento.

Parte do meu entusiasmo sumiu.

— Não?! — Saquei meu celular do bolso e tornei a ligar para seu número, e novamente ela não o atendeu.

Fitei o jovem solícito à minha frente.

— Tem como saber se ela...

Uma conhecida gargalhada atravessou o saguão e eu o vi se aproximar. De bermuda, camisa de malha e óculos escuros, Michel vinha a mim com um sorriso de ponta a ponta e, óbvio, seu costumeiro deboche.

— Grande Erik! — Eu o fitava com cautela, apenas observando-o. Michel

colocou a mão sobre meu ombro e cumprimentou o jovem funcionário do hotel. — Vejo que seguiu meu conselho.

Estreitei os olhos, avaliando se ele estava sendo sarcástico ou idiota mesmo.

— Onde está a Bellanne, Michel?

Seu sorriso amainou e ele retirou os óculos.

— Desculpe a brincadeira, Erik. A Bell está esperando por você. Vem, vou te levar.

Então, pegou a minha mala e entregou-a ao recepcionista, pedindo que o jovem a colocasse no quarto da Fraise.

Eu o acompanhei com olhos atentos, buscando-a. Era um *resort* luxuoso, com várias piscinas espalhadas pelo jardim que atravessávamos. O sol ia baixo, mas ainda cortava o céu com raios lilás e laranja.

— Ainda não entendi sua proposta, Michel. — caminhávamos rápido — O que foi aquilo?

— Também não sei. — e riu, recolocando seus óculos. — Mas a intenção de ver a Bell mais alegrinha continua.

Estanquei e segurei em seu braço.

— Qual é a sua, Michel?

Ele pousou as mãos nos quadris e me encarou por trás das lentes escuras.

— Erik, cara.... Desencana. Eu dei sim em cima da Bell, mas putz... ela é doida por você e eu não tenho dom para muleta. — Ele deu um tapa leve em meu braço. — Mas adoro tirar você do sério.

Eu o encarava sem crer na cara-de-pau, e seu semblante era tão cínico, tão filho da puta, que só me restou rir.

— Ainda vou quebrar essa sua cara.

Rimos juntos.

— Faz isso não.... É o que a Bell mais curte em mim.

Não lhe dei mais confiança e seguimos pelos jardins. Nada era capaz de minimizar a alegria em mim. Nem as idiotices do Michel.

Descemos por um caminho tortuoso entre pequenas palmeiras e antes de pisar na areia, apoiei-me em uma das plantas e retirei meus sapatos e meias. Aproveitei o ensejo e dobrei as barras da calça, para que não se enchessem de areia. Michel seguia à frente e logo que voltei a segui-lo, avistei um grupo de pessoas em torno de *coolers* e cadeiras. Sorri, entendendo que se tratava de um luau, não ao estilo havaiano, que costuma ser mais formal, mas um luau.

Meus olhos percorriam um a um, inquietos, ansiosos.

Aproximei-me e cumprimentei algumas pessoas com mero aceno de cabeça e um singelo “boa noite”.

— Michel! — o infeliz já havia se distraído, pegando uma cerveja no *cooler*. — E a Bell?

Ele me sorriu, abaixou-se novamente no *cooler* e de lá jogou uma lata de cerveja para mim. Agarrei-a no reflexo.

— Lá embaixo. — e apontou para a curva da praia. — Estavam fazendo umas fotos mais atrevidinhas... — e mexeu suas sobrancelhas maliciosamente para mim. Aquilo foi ridículo. — Mas acredito que já tenham terminado, a modelo já voltou para o hotel.

Sorri em agradecimento, e disposto a dar uma pausa na minha implicância com o Michel. Então, abri a lata de cerveja e bebi quase metade do líquido de uma vez só, enquanto me afastava do grupo, indo ao encontro da minha sereia.

Bellanne

O sol começava a descer na linha do horizonte e olhei mais uma vez o relógio do celular. Ele estava para chegar e era hora de subir para o hotel, tomar um banho e esperar meu Viking. Ao meu lado, Fernanda desabafava há quase uma hora, desde que havíamos retornado do almoço.

Enquanto eu aproveitava para fazer umas fotos mais ousadas da modelo dentro da água, Nanda sussurrava ao meu ouvido, queixando-se do tratamento que vinha recebendo de algumas pessoas da equipe, que achavam que ela era a moça do cafezinho, a camareira, a garçonete... tudo, além de minha assistente.

E agora, minutos após o fim da sessão, estávamos exaustas. Sentamos na areia já fria e, olhando aquele mar, cogitei um mergulho, principalmente para fazer a Fernanda calar.

— Nanda, meu amor, por que você simplesmente não diz “não”? Se alguém te pedir algo que acredite não ser...

E as palavras morreram na minha boca. Surgindo da curva da praia, descalço, calças e mangas arregaçadas, olhos estreitos contra os últimos raios de sol e com as pequeninas ondas lambendo suavemente seus pés, vinha Erik. Meu viking. Ele me avistou e mesmo de longe vi seu sorriso abrir.

— É seu *boy*? — Nanda acompanhou meu olhar.

— Não... é meu homem.

— Ops! — Nanda levantou-se num salto — Hora de ir. Depois a gente continua, Bell.

Eu também levantei e esperei ele se aproximar.

Erik ergueu a mão e acenou para Nanda, que passava por ele, e na medida em que o Viking subia na areia, meu coração disparava. Seus olhos de fogo entraram nos meus, seu sorriso sutil e sexy me contagiou, enquanto abria sua camisa, vindo para mim. Um perfeito predador se aproximando da presa. Em duas passadas, os sapatos e a lata de cerveja caíram na areia e seus braços me envolveram com força.

Me derreti na boca morna, com seu gosto misturado ao da bebida. Inspirei para sentir seu cheiro de homem, a barba me arranhando do jeito que me deixava excitada. As mãos, ávidas, percorrendo meu corpo, queimando minha pele. Ele cessou nosso beijo sugando meu lábio inferior e juntando nossas testas. Erik ofegava, com as mãos percorrendo meu corpo, ainda ávidas.

— Eu tô pegando fogo, Fraise... — a voz rouca me arrepiou da cabeça aos pés. — Sabe o que é isso? — e pegou minha mão, colocando-a sobre o pau duro, quente, pulsante. O ar ficou rarefeito para mim. — São malditas treze horas de voo pensando em te comer.

Arquejei, abrindo a boca em busca de ar e acariciando sua ereção.

— Viking...

— Ssss... — Ele pousou a mão na minha boca, me calando. Seus olhos miraram meus lábios, me excitando ainda mais. — Eu preciso de você, Fraise.

Fiz menção de me abaixar para pegar minhas coisas e partir dali imediatamente.

— Vamos para...

Mas Erik segurou meu braço e me puxou para ele, colando todo em mim.

— Eu te quero agora... E te quero nua.... Agora.

Estremeci feito folha ao vento, quase levitando de tanto tesão.

E antes que me desse conta do que estava acontecendo, ele ergueu meus braços e puxou minha *cropped*, retirando-a. Nossas bocas tornaram a se unir, mas logo se afastaram quando ele abaixou o olhar para os meus seios cobertos pelo biquíni, não por muito tempo. Com agilidade, Erik desatou o laço nas minhas costas e suas palmas tomaram o lugar do biquíni.

A fome estava impressa em sua respiração acelerada; a sede na minha boca pedia por mais beijos. Mais do que excitada, e atrapalhada num desespero febril, deslizei as mãos por seu dorso macio até os ombros,

retirando-lhe de vez a camisa. Seu peito brilhou para mim e, sinceramente, não me importei se alguém nos observava, porque ali, naquela praia no meio do mundo, havia apenas eu, ele e nossa saudade.

Erik

Bellanne nunca esteve tão gostosa para mim.

Tinha a pele bronzeada, a boca rubra do sol e os cabelos selvagens com reflexos dourados, mas eram seus olhos que me prendiam: eles continham a mais pura e crua luxúria. E foi em cima dessa luxúria que liberei a minha ânsia.

A necessidade gritava em mim. Eu precisava estar dentro dela. Precisava sentir seu fogo me queimando. Tudo no que eu pensava era enfiar-me nela com força, para ver se assim, violento e brusco, eu me satisfazia e acabava com essa agonia de sempre querer mais.

E foi esse desespero que me fez retirar sua blusa sem pestanejar. Que me fez ficar cego para tudo que não fosse os seios e a pele cremosa sob minhas mãos.

Putá merda! Ela estava grávida... E ainda mais gostosa!

Sem poder mais esperar, segurei seus seios com minhas duas mãos, unindo-os e chubei os mamilos, judiando deles com minha língua. Mas sentir suas mãos em agonia, buscando meu cinto, rompeu tudo em mim. Soltei-a e eu mesmo abri minha calça, retirando-a junto com a cueca.

— Vamos mesmo fazer isso aqui?

A voz rouca, arfada, mostrava que ela estava pouco se importando com onde faríamos, desde que fizéssemos. A minha urgência gritava acima do meu bom senso, por isso, puxei a sua calça fina para baixo, junto com a calcinha do biquíni e depois subi a mão por entre suas coxas até alcançar a boceta quente. Tomei-a para mim, apertei, esfreguei e engoli o gemido da Fraise.

— Vem Fraise.... Não aguento esperar mais não.

Puxei-a pela mão e corremos para o mar com ela rindo e os últimos reflexos dourados banhando nossos corpos nus. Éramos duas silhuetas ansiosas por virar uma só.

Bellanne

Erik estava louco! E eu queria era que ele perdesse o juízo todo de uma vez!

Entramos na água, que nem estava fria — ou nós é que estávamos quentes demais para sentir. Afundei nas águas calmas e cristalinas de *Napili*, e mal mergulhei, as mãos do Erik me puxaram. Envolvi sua cintura com minhas pernas e encontrei seu pau em riste contra a minha vagina. Meu corpo estremecia e duvidei que fosse de frio.

Suas mãos me pressionavam na base da coluna e na nuca, me forçando contra seu beijo duro, nada gentil. Contra a ereção que estava prestes a me foder com força, e só de pensar, um arrepio anormal percorria minha pele.

Mergulhei os dedos em seus cabelos ainda secos e puxei-os, me deliciando com a maciez em minhas mãos.

Jah do céu! O corpo do Erik colado ao meu, sua boca na minha, o barulho excitante da água chocando-se entre nossos corpos e, embora as ondas muito suaves nos desequilibrassem, ele soube bem encontrar a minha boceta e meter-se em mim de um só golpe. Gemi alto em sua boca, apertando os olhos e cravando as unhas nos ombros redondos.

Pendi a cabeça para trás, deitando-a sobre a água, oferecendo meus seios à sua boca e mirando o céu escurecendo e enchendo-se de estrelas brilhantes.

Os dentes do Erik arranharam a minha pele enquanto seus dedos enterravam-se em minha cintura, me empurrando sem dó contra seu pau. Eu me contorcia, insana. Levantei a cabeça e encontrei seus olhos ferozes, perigosamente *sexy*.

— Quero ver você gozar, Bellanne Fraise. Quero você assim, insana.

Eu estava hipnotizada, me sentindo mais mulher do que nunca, ali, com o melhor pau do mundo bem abrigado dentro de mim, me judiando, entrando e saindo de forma cruel, levando-me à borda e trazendo de volta. Em seus olhos eu me via deusa, tão amada, quanto desejada. Sendo subjugada ao mesmo tempo em que era adorada. Suas mãos me machucavam, apertando minha carne; ele me mordida, maltratava sem cuidado, faminto, chupando o sal em mim, a língua quente e grossa e tudo no que eu conseguia pensar era em como eu não queria que aquilo acabasse nunca.

E quando novamente revirei os olhos e abandonei a cabeça para trás, largando-me em seus braços em total desamparo, desistindo de tentar manter a sanidade, Erik agarrou meus cabelos sob a água com uma mão, e com a outra usou o polegar para friccionar meu clitóris, atormentando-me. Vi o mundo rodar e as estrelas mudarem de lugar. Era o Viking me mostrando,

mais uma vez, que mandava na porra toda!

Erik

Ela estava mais apertada do que o normal. A água, o sal a adstringia e, puta merda, estava me deixando doido!

A visão do corpo arqueado, me oferecendo os seios banhados tanto pelo crepúsculo, quanto pela água, seria quase poética, se eu estivesse com esse tipo de humor. Mas o que eu queria era fodê-la até fazê-la gritar. Eu queria me afundar tão fundo, até que tudo nela fosse meu, até sentir que eu conseguira chegar aos seus limites e que ali fincara não só meu pau, mas a minha bandeira de propriedade.

As ondas quase não existiam, mas eram suficientes para que eu precisasse me esforçar para nos mantermos quase fixos. As coxas grossas me envolviam firmes, puxando-me contra ela, suplicando para que eu fosse ainda mais fundo. E eu fui. Mergulhei nela sem dó, escorregando entre suas paredes, em um vai e vem que seguiam as ondas ao nosso redor.

Arranhei meus dentes nas costelas sob os seios e depois contornei-os, sugando-os, mordendo até tomar entre os dentes o mamilo erigido e chupá-lo devagar. Ela me apertava, pulsando, acompanhando os espasmos em mim, num ritmo crescente que me enlouquecia. E quando ergueu-se sobre a água e escorregou pelo meu pau, roçando a boceta em mim, paralisei.

A mulher que me envolvia e me engolia, sugando meu pau para suas entranhas, me olhava diretamente e, sob a parca luz de raios que mal chegavam a nós e com a água escorrendo sobre a pele de bronze, senti minha vida sendo tragada. Era perfeita e era minha.

Seus gemidos roucos, débeis, espalhavam-se pela superfície do mar e se confundiam com os meus. Eu queria vê-la gozar, como na primeira vez que a vi. Queria vê-la enlouquecer, e foi nessa maldade que agarrei seus cabelos e imprimi um ritmo duro, batendo violento contra ela, acariciando o pequeno e precioso ponto na sua boceta, e precisei morder o lábio para conter a vontade que senti de chupá-lo, salgadinho como estava.

A correnteza havia nos levado mais para a beira e me permitiu derrubar a Fraise na areia grossa do *Hawaii*. Seus olhos brilhavam contra a luz do luar que começava a nos banhar quando segurei seus punhos e os ergui, prendendo-os no alto da cabeça.

— Grita pra mim, Fraise... Goza falando meu nome, goza.

Ela contorcia-se sob meu corpo, desesperada enquanto eu me afundava em sua boceta, esfregando-me contra ela toda vez que ia fundo. As ondas nos cobriam e morriam em seus seios, bem no lugar onde sugava-lhe a pele. E quando seus gemidos ecoaram livres, ganhando espaço, e ela gritou meu nome, em súplica, eu gozei no seu calor pulsante, me apertando ainda mais, na quentura da sua pele, no arquejar da sua respiração.

— Porra, Fraise... — Sussurrei contra seus cabelos molhados sem saber exatamente o que queria falar, ainda perdido em prazer.

Vencido, soltei seus punhos e me apoiei sobre os cotovelos. Só agora começava a sentir a areia grossa machucar meus joelhos e braços. Deitei a cabeça sobre seus seios, escutando-lhe o coração quase arrebentar as costelas, assim como o meu.

— Você fodeu a minha cabeça hoje. — Eu respirava com dificuldade, exausto. — A merda foi que eu gostei.

Ela riu, me olhando diretamente, linda. Caí para o lado, rindo junto. O céu se abriu para mim e havia mais estrelas do que eu poderia supor que existissem.

Ela havia me dobrado, me retorcido inteiro, tirando todo o controle da minha vida, me deixando no escuro, à mercê da sua vontade sem qualquer poder de escolha. E saber que somente ela era capaz de fazer isso comigo, me deixava novamente de pau duro.

Bellanne

Voltamos ao mar, mas dessa vez, ficamos longos minutos apenas abraçados, encaixados um no outro. A água não estava fria, mas a brisa soprava um pouco mais que fresca, e por isso, estávamos quase que completamente submersos.

Ao nosso redor, só não estava muito escuro porque a lua estava cheia e seus reflexos iluminavam a praia, com um fecho de luz cortando o mar. Ao longe, via a fogueira que haviam acendido na areia, nas proximidades do hotel, e algumas pessoas bebiam e riam alto. Aqui, apenas nós e o barulho suave da água contra nossos corpos.

— Senti sua falta. — murmurei.

Preso à curva do meu pescoço, Erik beijou meu ombro.

— Não pareciam apenas dois dias que estávamos longe... — Afastei apenas o suficiente para fitá-lo. — Senti falta do seu cheiro, da sua voz...

Ele sorriu apenas com os lábios e tornou a acomodar-se em meu pescoço, mas beijou meu ouvido, antes de sussurrar:

— Eu sempre senti sua falta, Fraise.

Sorri para o Pacífico à minha frente.

— Te aborreceu saber que estavam confabulando às suas costas?

Seu riso fez cócegas em mim.

— Fiquei tenso, mas não aborrecido. Não depois de saber que era coisa sua.

Voltei a fitá-lo, surpresa.

— Não se sentiu manipulado, não é? Não foi isso...

— Você não me manipulou, Fraise. Me deixou saber de tudo num ponto onde eu poderia discordar. Eu poderia ter mandado o avião voltar, lá da Califórnia.

— Mas você não quis.

Seus olhos estavam escuros, apesar dos reflexos turquesas sob o luar.

Extremamente sério, Erik deslizou as mãos por minhas costas e me trouxe para um beijo calmo, doce, mas que foi tornando-se lentamente intenso. E antes que começássemos tudo de novo e criássemos guelras, saímos do mar, nos vestimos e fomos terminar a nossa “conversa” entre lençóis secos e sobre um colchão macio.

Acordei no horário combinado, com *Alicia Keys* cantando *Fallin’* no celular. Deixei que o som espalhasse pelo quarto, porque queria que ele também acordasse. Estava tudo escuro ainda, mas levantei e corri ao banheiro, fazendo uma higiene bem rápida. Quando voltei ao quarto, Erik mexia-se na cama.

— Bell? Ainda é madrugada? Estou perdido no horário...

Sorri, mas não lhe respondi. Eu tinha pressa. Retirei minha roupa de dormir e deixei-a sobre a cama. Erik ergueu-se sobre os cotovelos, mas estava claramente desorientado e cego, em meio à penumbra.

Do armário, retirei meu vestido e o coloquei sobre a cama. Era soltinho, mas ajustado no corpo. Simples e fresco. Apanhei a roupa no cabide e contornei a cama, deixando a calça e a camisa bem perto do Erik. Seus olhos me acompanhavam, confusos.

— Bell, o que está acontecendo?

Sorri, mas ele não viu meu sorriso. Meu coração disparava quando abri

sua sacola de viagem e fui ao bolso interno que Mateo havia indicado, e lá estava ele. Voltei para o lado da cama e o Erik já estava sentado, com as pernas para fora, apenas de cueca, cabelos bagunçados e o rosto marcado de dormir, mas juro que jamais o vi mais lindo. Agachei-me entre suas pernas e o fitei diretamente. Ele tinha o cenho franzido, com uma enorme interrogação em seus olhos.

Lhe sorri largamente e vi seu semblante amainar.

— Amor... As pessoas têm formas diferentes de perceber as coisas. Eu precisei passar por coisas duras e momentos de extrema agonia para perceber que não quero mais viver sem você. Não posso mais viver a minha vidinha, sabendo que existe por aí um homem com seu olhar, com sua forma de me falar e explicar as coisas e, puta que pariu... um homem que me come gostoso como você me come. — ele riu e esfregou o rosto rapidamente, mas continuei: — não dá para viver sem esse homem. Quero isso não.

Apertei os lábios, criando coragem, então, mostrei-lhe a caixa e a abri, exibindo o anel “Paraíba”, que tinha a cor dos seus olhos.

— Sei que está tudo trocado, desordenado, e era você que deveria fazer isso, segundo as convenções. — e revirei os olhos, em descaso. — Mas essa sou eu... Estou sempre na contramão.

Ele apenas me fitava com olhos brilhando e um sorriso bobo pairando nos lábios.

— Erik Lars.... Quer ser meu marido?

Ele sorriu largamente e, inclinando-se para a frente, segurou meu rosto entre suas mãos e beijou-me demoradamente. E quando tornou a se erguer, pegou o “Paraíba” das minhas mãos.

— Acho que não irá caber em meu dedo, Bell. — e seus olhos pousaram em mim, lindos. — Mas a gente sempre dá um jeito, não é?

Explodindo de emoção, ergui a mão para que o Erik deslizasse o anel pelo meu dedo. E depois de lançar-me sobre ele e derrubá-lo na cama, apressei-me em avisar:

— Terá que ser uma rapidinha, Viking... O pessoal já está na praia e conseguiram um sujeito para nos casar em cerca de trinta minutos.

— O quê?! — ele arregalou os olhos, me fazendo rir.

— Acha mesmo que eu deixaria você se afastar de mim sem estar devidamente laçado, Erik Lars? É ruim!

Afundi em seus braços e em sua boca, entregando-me, mais uma vez, ao homem que já me tinha inteira.

27º Capítulo



CAPÍTULO 27

Erik

Enquanto observava a Fraise colocando o seu vestido branco, pensava no que estávamos prestes a fazer.

Ela havia arquitetado tudo dessa vez. Em nossa relação, sempre fui eu a parte que fez planos, que pensava no futuro. No entanto, ali, vendo-a improvisar e transformar um vestido casual no mais belo vestido de noiva que eu já vi, senti-me tolo ao pensar que as coisas deveriam sempre ser elaboradas minuciosamente. Por fim, dei-me conta de que as melhores coisas da minha vida aconteceram assim, sem planejar.

— Não vai se vestir? — E apontou para a calça de brim branca e a camisa de algodão da mesma cor, sobre a cama.

Ela passou os braços pelas alças finas e deixou que o vestido caísse leve até os seus pés.

— Estava aqui pensando... — Contive a vontade de rir, quando ela ergueu o olhar atento para mim, enquanto começava a escovar os cabelos. — Não sei se é uma boa ideia...

Seu movimento congelou e precisei respirar fundo para controlar o riso. Era engraçado vê-la surpresa.

— O que não é uma boa ideia, Erik? — Sua voz soou tensa, quase aborrecida.

— Casarmos assim, sem conversamos sobre isso antes.

Vi o queixo da Bell descer e seus olhos dançaram sobre mim, perdida.

— Oi?! O que você está dizendo?!

Suspirei e apertei os lábios, tornando-os uma linha fina. Bellanne me fitava incrédula, visivelmente receosa.

— Não é bem isso, mas... — Balancei a cabeça negativamente, mas não pude prosseguir, não com ela carregando meu filho no ventre; não com aquela carinha de desconsolo que fez. Então, franzi o cenho, fazendo uma cara engraçada. — Não sei se é uma data boa para casar... olhou o horóscopo hoje?

E quando voltei a fitá-la, lá estava o alívio em seu olhar, embora o semblante denotasse uma imensa vontade de atirar algo bem na minha testa.

— Erik Lars... Você é louco?!

E num movimento rápido puxei-a para os meus braços e caímos sobre a cama, amassando a minha roupa.

— Sou sim, louco por você. Estava apenas vendo como lida com as coisas quando estas saem do seu controle, senhora sequestradora.

Ela riu e seu sorriso me enterneceu. Aos poucos eu descobria o quão libertador era não precisar me preocupar com o próximo passo.

— Quero ver como irá lidar com o Michel sendo seu padrinho de casamento, senhor engraçadinho.

— Quem?! — Ah não. Aí era demais. — Você está de brincadeira, não é?

Bellanne escapou dos meus braços e puxando as roupas de sob mim, jogou-as sobre a cama.

— Claro que não. Vem... se veste logo. O oficial não irá nos esperar e você não irá me escapar, Viking. Já basta termos tirado o pobre da cama ainda de madrugada.

O furacão Bellanne estava em ação e eu nem pude me dar ao desfrute de provocá-la um pouco mais. Eu precisava me casar.

Bellanne

Atravessamos os jardins do hotel de mãos dadas, descalços e irradiando

felicidade. Eu levava um arranjo de Jasmins de São José coloridos nos cabelos, um buquê de rosas damascena nas mãos e o coração aos pulos.

Às nossas costas, os primeiros raios de sol rasgavam o céu, tingindo-o de lilás e laranja. A mão do Erik, grande e quente, apertava a minha, que estava fria. Por diversos momentos, seus olhos encontraram os meus e o mundo parecia evaporar junto com as gotas de água que as ondas suspendiam no ar. E quando juntos pisamos na areia fria, senti como se tivesse atravessado um portal mágico. Ali era o nosso mundo, a nossa bolha. Nem mesmo o olhar meigo do Michel ou a expressão enternecida da Nanda, ou até mesmo os sorrisos simpáticos do oficial e do Ministro de casamentos foram capazes de quebrar a aura que se formou ao nosso redor. Era apenas eu e o meu Viking.

Nos receberam com abraços e cumprimentamos os dois havaianos com grande alegria, mas ainda assim, éramos apenas eu e o Erik, vivendo nosso momento.

Em meus ouvidos soavam músicas que apenas eu escutava, havia flores espalhadas por toda a areia...flores que somente eu enxergava. Mas no plano real, tínhamos à nossa frente apenas uma pequena tenda branca e simples, lindamente ornada com flores diversas e dois pares de tochas de bambu. Para mim, era a mais bela cerimônia.

Ao invés de apenas segurar minhas mãos, como orientou o ministro, Erik passou o braço por trás da minha nuca e me puxou para si. Seus lábios tocaram minha testa e eu o abracei. Fechei meus olhos e forcei-me a acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

Ergui os olhos e encontrei o mar do *Hawaii* em seu olhar. Encontrei a minha verdade, o meu futuro e uma vida inteiramente nova. Ao longe, as palavras do ministro me chegavam soltas, desconexas. Ele falava de união, cumplicidade, de caminharmos juntos, lado a lado. Eu e o Erik já tínhamos know-how suficiente nesse assunto.

Ele sorriu para mim e tudo ao nosso redor tornou a se perder. Seus olhos me diziam coisas impossíveis de explicar e queria apenas olhá-lo para o resto da minha vida.

— Vocês gostariam de dizer seus votos, enquanto trocam as alianças? —

O ministro nos perguntou com seu inglês perfeitamente arrastado.

Erik me fitou confuso. Não tínhamos alianças para trocar, apenas o "Paraíba". Mais uma coisa não planejada.

— Não precisamos de alianças. — Acariciei meu ventre ao encontrar cumplicidade no meu Viking. — Já estamos atados por laços bem fortes, mas

tenho votos a fazer.

Erik abriu um sorriso imenso, infantil, feliz.

— Você escreveu votos, Fraise?

Sorri de volta, com as trezentas mil borboletas enlouquecidas em meu estômago.

— Não, Viking... — Segurei suas mãos, colocando-me de frente para ele.

— Basta eu olhar para você, para lembrar exatamente por que estou aqui, nesse momento.

Vi seu pomo de Adão subir e descer e senti suas mãos suadas. Eu também estava nervosa, aflita por não saber se conseguiria fazê-lo entender o tamanho do meu amor. Nem eu conseguia mensurá-lo.

— Erik... — O barulho do mar era a nossa trilha sonora. Sempre fora. O mar que nos assistia na frente da minha casa; a vista do longo oceano do alto do apartamento dele; o mar que embalou nosso amor no iate em *Copenhague*. — Eu devo estar louca!

As pessoas riram, mas Erik apenas me fitava com seu ar de adoração, ao qual eu estava muito mal-acostumada. Era para ele que eu falava e dizia coisas que fariam sentido apenas para nós dois.

— Estou fazendo algo que nunca sonhei, com um cara que se apaixonou pelo meu orgasmo, antes de tudo. — Rimos, lembrando da situação. — Um cara que testou meus limites. Todos os meus limites, e que me fez encarar a Bellanne no espelho... E isso foi muito difícil para mim. — Suspirei, tomando fôlego e coragem. Mergulhei no azul dos seus olhos e me desnudei, sem pudores. — Eu amo você, Erik. Eu te olho e não consigo imaginar o que mais poderia me fazer tão feliz quanto o seu sorriso, quanto o seu olhar assim... — E displicentemente ergui a mão e apontei para seus olhos banhados de amor. As lágrimas começaram a verter, embaçando minha vista, mas eu ainda o via claramente. — Quero a minha vida na sua, Kivo, porque não sei mais como acordar sem seu braço.

Respirei fundo porque precisava terminar. Aquela era a hora certa de lhe dizer o quanto era importante para mim, o quanto era especial. E eu o faria, a qualquer custo.

— Nunca sonhei com príncipes, nem fui de suspirar por romances de filmes. Mas daí você chegou e encheu meu mundo de cor, de momentos mágicos e tudo me pareceu possível. Você é isso na minha vida, meu Viking... O sonho real. E estar ao seu lado é algo tão especial, que terei que passar umas dez vidas agradecendo a Deus por você. — Sorrimos, um para o

outro, numa cumplicidade que embargou a minha voz por dois segundos. Seus olhos brilhavam, vidrados em mim, causando-me sensações impossíveis de descrever. — Mais do que amor, eu tenho orgulho do homem forte e corajoso que você é, meu Viking.

Eu tinha mais para falar. Na verdade, eu ficaria falando por toda a manhã sobre o quão importante ele é para mim, sobre o quão ilógica seria uma vida sem ele, mas Erik simplesmente segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou profundamente. Um beijo que começou nos lábios, mas tomou a minha alma.

As palmas soaram e nosso beijo ficou salgado com as nossas lágrimas. E quando separamos nossas bocas, Erik fungou, enxugando os olhos e sorrindo tímido, com o rosto corado de constrangimento. Seus olhos me encontraram e estavam irritados, o que os deixavam ainda mais azuis.

Eu não consegui me afastar. Enlaçava sua cintura e sentia-me boba, embevecida pelo homem que se tornara o centro de tudo. O homem que seria o pai dos meus filhos, o meu companheiro por toda a vida.

Erik

E assim, Bellanne levou-me ao auge da falta de controle. O que eu sentia não podia ser comparado a nada vivido até ali. Bem mais do que a sua boca bonita me dizia, seus olhos me contavam que sim, eu havia conseguido chegar ao meu lugar de direito na vida e no coração da Bell. Era lá que queria estar para sempre.

E todo amor que havia dentro de mim ansiava por gritar, porque já não havia espaço suficiente em meu peito.

Enxuguei minhas lágrimas e depois as dela. Pousei um beijo suave em seus lábios e me senti um pouco perdido, sem saber como começar. Não saber era algo extremamente novo para mim.

Acaricieei seus cabelos bagunçados pelo vento e encarei aqueles olhos cor de mel que me faziam voltar a ser um garotinho, encantado com tamanha beleza. Uma beleza que em nada tinha a ver com o físico... Bellanne tinha a alma mais linda de todo o mundo, e saber que eu fazia parte dessa alma me emocionava.

— Ah, Bell... — suspirei, ainda tocado demais por suas palavras e ainda mais por seu olhar. — Eu só consigo pensar em agradecer. Agradecer àquele engarrafamento... — ela sorriu largamente, e de seus olhos, novas lágrimas

começavam a rolar. — Agradecer por ter me perdoado. Talvez você não saiba, mas, mais do que perdão, você cuidou de mim. — Emocionado, me dei alguns segundos. Deslizei o polegar por sua sobrancelha e acariciei as linhas do seu rosto, perdendo-me da delicadeza do seu olhar. — Você curou minha alma, Bell. Me ajudou a reconhecer meus males e curá-los. Eu devo uma vida inteira a você, meu amor. E é por isso que me esforço tanto, para ser feliz comigo mesmo, e para ser o homem que você merece.

Inspirei o ar profundamente. Sentia-me sufocar porque meu coração crescia em meu peito, apertando tudo ao redor.

— Fraise... Eu não sabia que isso existia. — Acariciei novamente seus cabelos e os segurei com uma mão em suas costas, estreitando-a em meus braços. — Há pouco mais de um ano eu achava que amor era dormir e acordar ao lado de alguém e no final do dia compartilhar experiências em volta de uma mesa de jantar. Com você é mais que isso... É contar essas experiências com apenas um olhar. É ver sentido lógico em dividir tudo com você, desde um sushi, aos meus sonhos mais secretos. É pensar em precisar de você, e no instante seguinte você estar ali, para mim. Custou, mas aprendemos isso, não é, amor?

Ela assentiu, em lágrimas e sorrisos. Minhas bochechas doeram e me dei conta de que sorria sem parar, em resposta à felicidade em seu rosto.

— Minha Bell... Estou tão feliz porque... me perdoe, mas eu planejo sim. Planejo sair daqui e construir a nossa vida junto com você. Planejo encher nossa casa de filhos e ver você amamentá-los. Planejo comemorar cada novo trabalho seu e escutá-la falar sobre as *devadasis*. Planejo, minuciosamente, viver cada dia com você, dormindo, acordando e, no meio disso... me deixar levar pelos seus planos.

Tornei a beijá-la com delicadeza, tendo-a cativa em meus braços.

— E eu prometo viver a melhor versão de mim. A versão que você me ensinou a ser.

Novas palmas soaram e eu apertei-a forte em meus braços, inspirando o seu perfume mesclado com o perfume dos jasmims, sentindo seu coração bater contra o meu e, Deus do céu, eu não queria nada mais além disso.

Seus lábios mexeram-se num "eu te amo" mudo e eu lhe retribuí, já como nossas bocas novamente unidas. E quando abrimos nosso mundo para as quatro pessoas ali presentes, o sol já havia se levantado do mar, e a moça que nos servia de testemunha, que eu sabia ser da equipe de trabalho da Bell, tinha o rosto completamente vermelho de chorar.

— Ei, gringo! — Michel bateu no meu ombro e, antes que eu pudesse me apurar, ele me abraçou efusivamente. — Parabéns, galego! Você arrebentou!

Estreitei os olhos, estranhando aquele sujeito, no mínimo excêntrico, mas que eu começava a ver com mais receptividade.

— Obrigado, Michel. Tenho que admitir... Você foi incrível!

Ele me sorriu, orgulhoso, e novamente deu-me tapinhas nas costas.

— É uma honra ser testemunha de um amor tão lindo. Me faz repensar minhas escolhas. — E me olhou com certa cumplicidade. — De verdade.

E assim, em meio a uma alegria contagiante, nos despedimos dos havaianos, que precisaram partir para suas tarefas do dia que começava, e Nanda, a moça que chorava, se ofereceu para tirar uma foto minha e da Fraise. E foi abraçado à Bell, com a mão sobre sua linda barriga de quatro meses, que a nossa felicidade foi registrada. E eu sequer sabia que era possível ser feliz assim.

Bellanne

Deitei sobre a cama imensa e afundei no colchão macio. Mudamos de hotel e estávamos agora em um outro, mais exclusivo e reservado. As portas do quarto estavam abertas para a praia deserta e tínhamos completa privacidade. A brisa suave arrepiava a minha pele quase tanto quanto as mãos do Erik, que deslizavam sutilmente pelas minhas coxas. Sobre mim, surgiu o loiro mais gato do planeta. Seus cabelos caíam sobre os olhos e o sorriso destacava-se em meio à barba clara.

— Minha esposa. — sussurrou com cumplicidade e eu estremeci frente a importância daquelas palavras. — Bellanne Fraise Lars... Finalmente minha!

Erik apoiava-se nos braços, evitando soltar seu peso sobre mim. Afastei as pernas para abrigá-lo.

— Eu sempre fui sua, Kivo. — Com o rosto tão próximo do meu, sentia seu hálito que antecipava o prazer dos seus beijos. — Desde que sentou na minha frente, naquele restaurante, e abriu seu coração para mim. Nunca senti tanta vontade de fazer parte da vida de alguém. Foi ali, naquele jantar japonês, que me apaixonei.

Os lábios macios tocaram os meus, sérios, enternecidos.

— Não vamos voltar nunca mais para o Brasil. — ele murmurava, enquanto desenhava uma trilha de beijos que iam dos meus lábios à minha

orelha. — Vamos abrir uma barraca de coco aqui na praia... — comecei a rir, imaginando a cena. — Eu abro os cocos e você tira fotos dos turistas.

Nossas risadas se misturaram e, mais uma vez, fui tragada pelo azul perturbador dos seus olhos. Eu me acostumara fácil demais a viver naquele azul.

— E vamos criar nosso filho entre cocos e colares de flores? Não que não seja possível, muita gente...

Erik ergueu a cabeça abruptamente e me encarou.

— Fraise, um nome! Como vamos chamá-lo?

Fitei seu semblante excitado, parecendo que a pobre criança nasceria logo mais e a chamaríamos de "bebê" até decidirmos, enfim, por um nome.

Gargalhei. Erik estava tão leve, tão feliz, que me enchia mesmo de vontade de esquecer o mundo lá fora e prolongar essa felicidade.

— Ainda nem sabemos se é um menino ou uma menina!

E mesmo voltando a beijar meu ombro, indo para os meus seios, eu sabia que ele ainda estava pensando em nomes. E me ocorreu que seria lindo se fosse uma menina e a chamássemos de Diana.

Seus lábios quentes desceram por minha barriga e chegaram ao umbigo. Erik beijou cada centímetro do meu ventre, como se beijassem o próprio filho, e me vi repleta de ternura e enlevo.

— Eu já o amo.

Ergui-me nos cotovelos para fitá-lo. Erik me olhou e sorriu preguiçosamente, para então continuar sua declaração:

— Eu nem sei como ele é, nem mesmo escutei seu coração, mas já o amo tanto!

Tentei me conter em vão. Meus olhos umedeceram com Erik alisando meu ventre e olhando-o como se conseguisse enxergar através da pele.

— Eu não poderia querer um pai melhor para meu filho, Kivo. — ele ergueu o olhar, me encarando. — Você será um pai maravilhoso.

O vi sorrir, orgulhoso. Eu simplesmente amava esses raros momentos, em que Erik me lembrava o garotinho segurando a bola, na fotografia da *Metropolitan Galery*, em *Copenhague*.

— Ei, vem cá, vem. — E bati na cama.

Ele se jogou ao meu lado, deitando apoiado no cotovelo. Seu olhar guloso descia pelo meu corpo. Fechei os olhos, curtindo a sensação maravilhosa de ser adorada por quem eu amo, mesmo estando barrigudinha.

O choque percorreu minhas pernas quando senti sua mão cobrir minha

vagina e os dedos grossos buscarem minha entrada. Afastei as pernas para recebê-lo. Erik sabia exatamente como me tocar. Sempre fora atento e eu nunca me poupei de dizer-lhe como gostava. Deslizava o dedo médio entre meus lábios, mergulhava em mim e retornava para acariciar o clitóris, acendendo-o, provocando. E na medida em que ele ousava mais, sendo cuidadoso o suficiente para variar nos movimentos e arrancar meus gemidos, eu me entregava ao prazer.

Escorreguei a mão pelo seu abdômen e alcancei os pelos curtos e macios, e quando agarrei-lhe a base do pau, Erik cobriu a minha boca com a sua. Ele pulsava em minha mão, quente. Deslizei a mão pela seda que cobria seu membro inchado, duro como uma rocha. Acariciei a cabeça lisa e já melada com o pré-semem. Salivei com saudade de tê-lo em minha boca, de escutar os gemidos roucos, descontrolados do meu Viking.

Intensifiquei minha massagem e Erik mergulhou dois dedos em mim, bem fundo. Arqueei as costas, sendo arrebatada pelo tesão e perdi minha língua para a sua.

Virei o rosto, em busca de ar, mas ele não me deu trégua e mordeu meu pescoço, movendo seu quadril contra a minha mão e agora friccionando meu clitóris com as pontas dos dedos, rápido e circular.

Gemi alto, abrindo-me ainda mais para ele, masturbando-o com toda energia, subindo e descendo, aplicando leve pressão, mas eu queria mais.

— Kivo... — sussurrei quase sem fôlego. — Quero te chupar.

Olhei para ele e sorri ao ver seus olhos brilharem. Eu sabia que ele adorava quando eu pedia.

Ele abandonou minha boceta, que formigava, latejando, e levantou-se, sentando na cama, próximo à minha cabeça. Deslizou sobre o colchão macio.

— Vem minha Fraise... Vem me dar esse mel gostoso que você tem.

Rapidamente subi nele, deixando minha boceta bem acima do seu rosto e inalando o cheiro delicioso do seu sexo.

Erik segurou em minhas virilhas e afastou-as junto com meus grandes lábios, me abrindo inteira. Eu quis morrer de tanto tesão, quando ele prendeu meu clitóris entre os lábios, pressionando e começou a deslizar a ponta da língua dura, rápido. Minhas pernas amoleceram e descontei minha agonia no pau rosado e grande à minha frente.

Segurei em sua base e deixei a boca acumular um pouco de saliva, só para escorregar macio por sua extensão. Comecei com os lábios apertados, pousados sobre a cabeça, e fazendo pressão, fui deslizando, me lambuzando

com o pré-sêmen salgadinho. O gemido do Erik ecoou alto, sem amarras. Engoli o quanto pude do Erik, preenchendo minha boca até me doer o maxilar, chupando-o com força, espalhando o som do vácuo escapando da minha boca.

Eu sabia que a resposta seria imediata. Com as mãos espalmadas na curva da minha bunda, ainda me abrindo inteira, Erik me chupava com mais violência, arranhando com os dentes, mergulhando a língua em minha boceta e chupando com força os meus fluidos, como se tentasse me puxar inteira por ali. Eu me contorcia em espasmos involuntários. Eu simplesmente não conseguia ficar quieta com ele me chupando daquele jeito. E quanto mais prazer ele me dava, mais eu queria enlouquecê-lo, mas quando o Viking deu um tapa na minha bunda e me forçou a abaixar mais, tremi de excitação prévia, porque logo em seguida ele deu uma vigorosa lambida em meu ânus, me quebrando inteira.

— Erik! — gritei, alucinada. E foi somente o tempo de tomar ar e voltei a engolir seu pau novamente, me lambuzando inteira na saliva que eu mesmo espalhava, misturando-a com o sêmen que eu sugava da pequena abertura na cabeça.

Ele voltou me chupar, dando uma venerável atenção ao clitóris. Senti seu polegar grosso entrar no meu ânus enquanto com a outra mão ele penetrava seus dedos em minha boceta. Foi o suficiente para eu esquecer onde estava, minha condição de gestante e até meu nome. Rebolei alucinada em sua boca, gozando alucinadamente e gemendo abafado, porque seu pau estava até quase a minha garganta enquanto eu o masturbava forte e rápido.

Senti o líquido quente ir fundo e quase que o engoli direto. Ele encheu as minhas bochechas e tornei a engoli-lo como se fosse mais uma recompensa. Eu gostava demais do sabor do Erik. Sabor de homem, adstringente na medida certa, agri-doce no ponto exato.

Cai quase letárgica para o lado. Meu corpo nem parecia meu. As pernas não obedeciam e eu ainda gozava quando o Erik virou-se na cama com uma energia assustadora, abriu as minhas pernas inertes e ao colocá-las em volta do seu quadril, enfiou-se em mim de uma só vez.

— Puta merda, Viking! — Puxei o ar com força e agarrei os lençóis, buscando qualquer apoio para não explodir ali. Ele sorria perversamente, me comendo com os olhos e com o pau, que parecia não ter cedido nem um pouquinho desde o gozo.

Sem forças, sem resistência e completamente sem juízo, deixei que o

Viking me levasse aonde ele quisesse. A única certeza, era que eu não iria me arrepender.

Erik

Ela suava, a despeito da brisa que invadia nosso quarto, fazendo a cortina de seda esvoaçar. Seu corpo dourado brilhava, atiçando meus instintos mais primitivos. Seu gosto ainda jazia em minha língua... gosto de fêmea no cio, sabor de mulher gostosa que sabe sentir prazer.

Apoiei as mãos nos dois lados do seu corpo e projetei-me sobre ela, pairando centímetros acima para não machucá-la. Em contraposição, penetrava-a profundamente, deslizando por seu interior contraído, palpitante.

Ela erguia a cabeça, contorcia-se inquieta de prazer. Os lábios entreabertos me remetiam diretamente à sua boceta inchada, melada, e só de lembrar, eu salivava.

Desci sobre ela apenas o suficiente para comer-lhe a boca aos beijos. Senti o gosto longe do meu sêmen e sabia que ela sentia o gosto dos próprios fluidos em meus lábios. Isso era o que mais alucinava, a nossa falta de pudor, essa a nossa intimidade extrema.

— Geme pra mim, gostosa, vai... — sussurrei contra sua boca, e ela não apenas liberou seus gemidos, mas tomou o outro seio e se acariciou.

Não sei como ocorre com as mulheres, mas ver uma mulher se acariciar, doidinha de prazer, deixa um homem fora de si. E ver a Bellanne perdida em prazer era um nível totalmente impensável de tesão.

Mordi meu lábio com força, tentando conter o novo orgasmo que começava a me tomar. Suas mãos ávidas percorreram meus braços, ombros e mergulharam na minha nuca. As unhas arrepiaram tudo em mim e eu perdi todo o controle. Com três estocadas fortes, violentas, desaguei mais uma vez em Bell, enchendo-a com meu gozo.

Ela gemia, demente, louca de tesão. E mesmo com todo o corpo trêmulo e o coração querendo estourar no peito, ergui o tronco, voltando a sentar-me sobre minhas pernas e continuei penetrando-a, embora não mais com o mesmo vigor.

Olhei para cena à minha frente e quase parei de respirar: Bell estendida sobre o lençol branco, as pernas completamente abertas para mim, o corpo arrepiado e as mãos acariciando os seios. Seu cenho contraído acompanhava os choramingos manhosos que ela fazia quando estava para gozar. Enfiei o

polegar na boca, molhando-o e com ele ataquei seu clitóris. Meus olhos ainda estavam nela, mas a minha concentração dividia-se entre levá-la ao ápice e assistir ao seu ápice.

Não demorou, e lá estava eu, feito bobo, vendo a mulher da minha vida render-se, permitindo-se, entregando-se, brilhando em sua plenitude e me dando seu prazer. Caí ao seu lado ainda mais apaixonado do que já fui um dia.

Dois dias depois...

PAULO HENRIQUE

Pronto. Agora é só salvar e enviar para o meu próprio e-mail. Pensei, ao clicar em "enviar" e me livrar de uma vez daquelas provas da turma da noite.

Com o dedo anelar empurrei a haste central dos óculos da ponta do nariz para o lugar certo.

— Querido, já verificou os seus horários da semana que vem? A Margie e o Anderson marcaram o jantar de despedida na quarta-feira.

Ana Maria entrou em meu escritório estendendo o celular para mim. Na tela haviam mensagens da Margie.

Suspirei, pensando que se eu lhe contasse que não sabia nem ao menos o meu horário do dia seguinte, a Ana Maria iria encher os meus ouvidos.

— Já sim, querida, mas estou esperando uma resposta de um professor adjunto. Combinamos uma reunião interdisciplinar e pedi para adiá-la.

Ana revirou os olhos e eu bati em minha coxa, convidando-a a sentar em meu colo, ao que ela atendeu imediatamente.

— Por que está tão tensa, hein?

Massageei seus ombros e eles estavam realmente rígidos.

— Como por quê, Paulo Henrique?! Nossa filha mais nova está indo fazer mestrado no Canadá, tão longe de nós. Nossa maluquinha mais velha acaba de se casar no *Hawaii* e nem ao menos fomos convidados! Até o pessoal da redação do jornal ficou sabendo antes de nós!

Ri contra seu ombro nu.

Minha Camélia estava apenas passando por uma dolorosa síndrome do ninho vazio.

— Estão seguindo seus caminhos, Aninha. E você viu na foto que nos mandou? Bella Anne está feliz! Eu jamais a vi tão feliz!

Ela me olhou de soslaio, presunçosa e ao mesmo tempo satisfeita.

— Eu te disse, não disse? Erik é o homem certo para a Bell. Erik tem esse jeito doce, gentil, contido, mas não me engano... Daquele jeito, ele dobra a Bell bonitinho e, o que mais importa... Ele a ama demais. — Ela mexeu-se sobre meus joelhos e, ao puxar o *mouse*, abriu novamente a tela do computador, que havia entrado no modo descanso. Seus olhos pararam na bela imagem do Erik e da nossa filha, em plena felicidade na praia onde casaram. — Eles se amam demais, não é? Lembra tanto nós dois, amor...

Ana me fitou e seus olhos estavam marejados. Suspirei, sendo contagiado pela emoção da minha mulher.

— É sim, minha Camélia... Eles nasceram um para o outro, assim como nós. E aquela criança ali. — Apontei para a barriga saliente da Bella Anne. — Encherá as nossas vidas de alegria. Querida... — Encarei minha esposa para ver bem a reação que teria — Você já se deu conta de que será a vovó Ana?

Ana Maria empertigou no meu colo e me fitou sobressaltada.

— Ai, credo, Paulo Henrique! Tanta coisa linda para falar sobre esse bebezinho fofo e você vem me lembrar que serei avó?!

Não aguentei e larguei a gargalhada com vontade, o que a irritou um pouco. Eu a conhecia tão bem, que poderia apostar meus dez dedos que ela seria a avó mais bajuladora do universo!

— Não sei qual a graça? Amarei meu neto que, queira Deus, não nasça com aquele gênio da mãe! Mas preciso de um tempo para me acostumar com a ideia, só isso.

Eu a envolvi em meus braços e ficamos admirando aquela fotografia. O sorriso dos dois era contagiante.

Ana Maria virou para mim, terna, comovida, e beijou-me os lábios com suavidade.

— Filhos são uma dádiva, não é? — e voltou a fitar a foto. — Fui uma tola, não fui? Tanto quis mudar nossa Bella, tanto quis moldá-la...e olha só! Ela é feliz do jeito que escolheu ser.

— A felicidade está aí, Aninha... nas suas escolhas. Na liberdade de ser quem você quer ser.

Nossos olhos se encontraram, e juntos, fitamos mais uma vez a foto. Bella Anne é especial, assim como o Erik, como a Margie, como o Anderson... cada um especial no seu modo particular de ser.

Ficamos um tempo ali, pensando no que dizíamos e nas nossas filhas.

— Ok, chega de melancolia! Vamos, Ana. — Dei-lhe uma palmada leve

no bumbum — Vamos dar um passeio e aproveitarmos para comprar uns presentes de casamento e de boa viagem.

Ela levantou animada. Falar em comprar sempre melhorava o humor da minha mulher, que mesmo tendo lá seu jeito airado de ser, é muito, muito especial para mim.

LUCIEN

Eu jazia sobre a cama, catatônico. Me considerava um cara rodado, vivido e podia me gabar de ser bom de cama, mas o que tinham feito comigo essa noite, era surreal!

O barulho do chuveiro parou e virei rapidamente de bruços na cama. Não queria perder a imagem dele pelado, todo molhadinho com gotinhas safadas escorrendo pelo peitoral que mordi durante quase toda a noite.

Estava excitado, esperando a hora em que ele abriria a porta do banheiro, quando meu celular tocou. Era uma videochamada da Letícia.

— Fala, mocreia!

— Mocreia é seu futuro, *falsiane*! — Ela devolveu e eu ri. — Você sabia disso?

Let virou o celular e quando a imagem focou, vi que era a tela do seu computador. Nela, a foto da Bell e do Viking que estava rodando o mundo. Na manchete, em letras bem destacadas estava escrito "Ícone feminino da fotografia e magnata da moda casam em segredo no *Hawaii*", e no subtítulo vinha: "E o baby do casal já está a caminho".

— Que porra é essa, Luciano?! A Bellanne casa e a gente fica sabendo pelo *site* de fofoca?!

— Aff! — revirei os olhos vendo o deus grego atravessar o quarto peladinho como veio ao mundo, com um peito de pelos curtos e negros, forte como um touro e uma bunda redondinha, com todos os músculos dançando para mim. Evitei olhar para aquele pau que me fez perder o tino, porque se o fizesse, desligaria na cara da minha amiga louca. — Letícia, deixa de mimimi, mulher. Acha mesmo que estando no *Hawaii*, como um loirão gostoso daquele a Bellanne vai lembrar logo da sua cara azeda, criatura?!

Ele me olhou com uma cara engraçada, fingindo aborrecimento pela menção ao loirão gostoso, mas ignorei.

— Porra, Lu, mas essa notícia poderia ser um furo do Caio, né não? O canal dele iria bombar!

— Tá maluca, Letícia?! O Caio agora é repórter? O canal dele agora é de notícias?!

— Ah! Foda-se! Vou ligar para aquela vaca. Ela vai ter que fazer uma escala em Miami e me trazer umas coisas, ou nunca mais olho na cara dela.

Desligamos juntos e soltei o ar com força, cansado. Letícia era um trem descarrilhado e parecia falar em alta rotação, mas eu amava aquela peste. Sempre iria amar.

— Então, prefere os loirões gostosos, é? O que aquele gringo tem, hein?

Ergui os olhos pelo seu corpo moreno e malhado.

— Nada que eu deseje mais do que você.

Michel sorriu para mim e sentou ao meu lado, infelizmente, já completamente vestido.

— Vou precisar trabalhar, mas gostaria que jantássemos juntos, o que acha?

Sentei rapidamente, alerta, porque um homem como o Michel ter uma noite alucinante com um homem é algo relativamente normal, mas convidar esse homem para jantar... Isso, definitivamente, é algo a ser considerado.

— Hoje? Quer jantar comigo, hoje?

Deslizou a mão sobre meu rosto e desejei ter levantado antes dele para fazer a barba.

— Hoje, amanhã, semana que vem... Se você quiser, é claro.

A sua piscada de olho nem me causou tanto efeito assim, frente às suas palavras. E depois de me beijar demoradamente, saiu da minha casa como se fosse algo que fizesse diariamente. Puta merda, eu começava a achar que essa coisa de atrair homens gostosos que a Bell tem, estava me contagiando. Ela até poderia ter um viking, mas eu acabava de encontrar o meu Huno!

AXEL

As ruas ainda estavam molhadas da chuva que vinha caindo diariamente. O frio fazia as pessoas se recolherem cedo em seus lares, onde sentavam em torno de mesas fartas, na companhia dos seus familiares. Ao menos, era o que costumávamos fazer em nossa casa.

Acenei para o homem que me encarou, ao cruzarmos na rua. Não o conhecia, mas ultimamente me pego aproveitando a menor oportunidade de interação. A duras penas, aprendia a valorizar o barulho das crianças do vizinho no jardim, o cheiro de bolo da senhora Dahlia, a vizinha do outro

lado da rua, e até os sons da casa, como o ranger da madeira resistindo ao frio.

Eu estava só.

Há dias não tinha notícia da Soraia ou da Sílvia, que eu apenas sabia estar internada em alguma clínica de recuperação no interior. Passei semanas odiando a Soraia e realmente desejei que o tal psicanalista lhe decepcionasse e ela retornasse para casa humilhada. No entanto, meu rancor não chegava até ela. Ele se expandia pela casa, batia nas paredes e ecoava no imenso vazio, retornando para mim.

A solidão era a minha única companheira, silenciosa, quieta demais, sempre concordando comigo. Agora, ela era a única que ouvia meus lamentos, que presenciava a minha fúria. Contudo, nem mesmo ela obedecia mais às minhas ordens e me seguia mesmo ali, nas ruas.

Mergulhei as mãos enluvadas nos bolsos do sobretudo. O frio regelava meu corpo e eu enfrentava o vento atroz de *Copenhague*. Aquilo não era nada, porque o maior obstáculo no meu caminho até a terapia, era a covardia. O medo infame de enfrentar verdades cruéis.

Bati na porta de madeira escura e aguardei. Olhando ao redor, vi uma senhora segurar seu chapéu, mas seu lenço voou pela rua deserta. Com uma pequenina luz em meu peito, vi ali uma oportunidade de talvez iniciar uma conversa, saber o que ela faz em seu dia...

— Boa tarde, Axel.

Voltei-me ao homem que abrira a porta. Jorgen Sanmark. Um jovem e muito competente psiquiatra.

— Olá, Jorgen.

Ele me deu passagem e entrei em sua clínica, que em nada se parecia com uma clínica convencional. Era uma casa rústica, sóbria, mas de um refinamento ímpar.

Retirei meu casaco e o pendurei no gancho próximo à porta. Fiz o mesmo com minhas luvas. A moça ruiva, sua atendente, surgiu com uma xícara de chá nas mãos e me cumprimentou formalmente.

— Acabei de fazer chá. Gostaria de uma xícara, senhor Lars?

Aceitei e agradei, antes de seguir Jorgen ao seu consultório.

Sentei no sofá de couro preto. Jorgen desistiu de me oferecer seu divã.

— Então, como tem passado?

Não lhe respondi, apenas assenti com a cabeça.

Suspirei, esfregando as mãos em minhas coxas, cobertas pela calça

grossa.

— Não será uma jornada fácil, Axel, sabe disso.

Jorgen me olhava diretamente. Ele já conhecia um bom pedaço da minha história. Há semanas nos encontrávamos quase que diariamente e, apesar dele ser amigo do sujeito que tirou minha mulher de mim, eu precisava reconhecer que estava fazendo um bom trabalho, levando-se em conta a minha rigidez inicial.

— Não mesmo. — Olhei o chão composto de tacos de madeira em diferentes tonalidades. Não sabia como iniciar o assunto sem parecer magoado. — Hoje, enquanto almoçava, recebi uma mensagem de um dos meus companheiros da empresa.

Apesar de ainda estar afastado, alguns ainda sabiam que eu existia. O processo corria e eu sabia que logo retomaria meu posto, mas as relações haviam mudado. Tudo havia mudado.

A assistente do Jorgen, da qual eu nunca recordava o nome, entrou no consultório e colocou a xícara com o chá fumegante sobre a mesa de centro. Eu não queria chá. Aceitá-lo foi apenas uma forma de trocar duas palavras com alguém mais que não fosse o Jorgen. Não que eu estivesse reclamando, mas falar com ele, era sempre encarar as verdades.

— Obrigado, senhora.

Ela assentiu e novamente nos deixou à sós.

— E a mensagem, Axel... O que ela dizia?

Não lhe respondi. Abri o celular e lhe entreguei. Na tela havia uma fotografia que representava a felicidade da forma mais pura e palpável. Erik e sua então esposa. E ela estava grávida.

Jorgen passou longos segundos observando a fotografia, analisando-a. Ou talvez apenas esperasse que eu me expressasse.

— O Mateo também será pai. Está morando com uma moça e... — as palavras morreram em minha boca porque meu coração apertou de uma forma, que mal conseguia respirar.

— Eles parecem muito felizes, Axel. Não acha?

Novamente meus olhos encontraram o chão.

— Sim... Eu nunca vi esse sorriso no Erik. Talvez quando era criança.

— É... O Erik parece mesmo ter vencido suas batalhas. Ela, a esposa, parece ser uma mulher forte, tem um olhar firme.

Eu assenti. Não adiantava negar. Mesmo quando queria vê-la longe, eu reconhecia a grandeza da sua força, do seu caráter. Não a querer com o Erik

nunca esteve diretamente ligado a ela, mas ao fato de que Bellanne parecia ter muito mais domínio sobre o Erik do que eu jamais tive. E agora, por fim, eu reconhecia que tudo o que ela fazia era transmitir sua força ao meu filho.

— Ele foi forçado a vencer. Não queria perdê-la. Eu imagino o quanto deve ter sido difícil.

Jorgen ergueu o olhar para mim.

— Você não imagina nada, Axel. Você sabe. Está trilhando o mesmo caminho que seu filho trilhou e pode chegar a isso — e mostrou-me a imagem na tela do celular. — Assim como ele chegou. À felicidade. Soube que ele também precisou fazer esse caminho sozinho, e se ele conseguiu, você também consegue.

— Ele teve um forte motivo, Jorgen. Sua mulher e seu filho.

Ele me sorriu e então tudo clareou para mim.

— Você também o tem, Axel. Na verdade, você tem seis fortes motivos: sua família. Seus filhos, suas noras e seus netos.

Ouvi-lo falar da minha família fez meus olhos arderem e uma sensação de pânico ameaçou me dominar, mas respirei fundo, sabendo que o caminho me esperava e eu precisava seguir.

— São seis belos motivos, não?

Jorgen sorriu novamente e me entregou o celular.

— Então, quer me contar um pouco mais sobre sua infância?

E assim, me lancei na minha viagem íntima e absolutamente pessoal. Meu poço era fundo, mas eu mergulharia sem medo, eu iria até o fim, porque Erik havia me provado que lá no fundo havia uma mola.

Uma semana depois...

MATEO

O gesso do braço já havia sido retirado, mas a droga do gesso da perna tivera que ser mantido por mais uma semana. Levantei do sofá equilibrando o *tablet* em uma mão, o copo de suco vazio na outra e dando pulinhos para evitar pôr o pé no chão.

— Recebi as fotos e a planta está na fase de acabamentos, Tom. — falei para meu amigo, no visor do tablet. — O chefe do setor de logística enviou um relatório com a previsão de mais quinze dias e poderemos marcar a inauguração.

Coloquei o copo sobre a mesa da cozinha e encostei o quadril na pia. Rita

sorriu para mim, enquanto terminava a salada para o almoço. Ela estava conosco de forma regular. Tanto eu quanto a Mari precisávamos dessa ajuda.

— Tomara que o Erik retorne a tempo da inauguração. Nem eu e nem você poderemos comparecer.

Assenti para o Thomaz, que estava sentado em seu escritório e eu, na medida do possível, tentava ajudá-lo na administração da Drakkar.

— Eles devem voltar no final de semana. Falei com a Bell e estavam com uma programação de fazer inveja. Acredita que a Bell, mesmo grávida, está fazendo trilha? E o Erik está quase louco, porque aquele ali não tem jeito... Tem medo até quando a Bell respira mais fundo.

Rimos juntos enquanto a Rita me fazia um sinal, avisando que o almoço já seria servido. Fiz um gesto de positivo e fui ao quarto, chamar a Mari.

— Agora sim, ele saberá o que é ser pai e poderei me vingar por todas as gozações que fez das minhas neuras. — disse o Tom.

Sorri, mas estava preocupado, porque eu mesmo já começava a experimentar essas neuras. Entrei no quarto e vi que a Mari havia levantado da sua soneca matinal.

— Tom, vou precisar desligar, amigo. Nos falamos mais tarde.

Nos despedimos e bati na porta do banheiro.

— Benzinho, a senhora Rita está para servir o...

— Teo...

A voz trêmula da Mari me causou um arrepio na espinha. Abri a porta imediatamente e nem sei como não caí duro no chão. A Mari estava pálida, de pé no meio do banheiro e havia sangue escorrendo pelo meio das suas pernas.

Milhões de coisas terríveis passaram por minha cabeça em meio segundo e o medo atroz me deixou tonto, desorientado.

— Rita! — gritei desesperado, com todo meu corpo tremendo e uma paralisia que mal me deixava respirar. — Ritaaaaa!

28º Capítulo



CAPÍTULO 28

Erik

De olhos fechados, eu sentia a paz do vazio. Nenhum som, ali sozinho, sendo apenas mais um mínimo elemento no meio de um universo gigantesco. Sendo a caça, sendo o intruso, mas ao mesmo tempo integrado à natureza como parte de um todo.

Abri os olhos e um cardume de peixes muito pequenos se aproximava rapidamente, como moedas prateadas flutuando no meio do oceano. Estendi a mão para tocá-los, mas eles desviaram, formando um desenho no meu contorno. Eu já estava ali embaixo há mais de trinta minutos e Bell estava sozinha com um marinheiro que mal conhecíamos. Pensando nisso de uma maneira que eu não havia me dado conta, dei um impulso e subi rápido demais. Meu ouvido zumbiu e assim que cheguei à superfície bocejei, liberando a pressão. Limpei a água salgada dos olhos e vislumbrei a deusa dourada estendida sobre a proa do barco. Usava um biquíni branco, que contrastava com o bronzeado lindo que havia adquirido nos últimos dias.

Sorri, admirando a barriga saliente, cada dia mais redonda.

Feliz, notei que ultimamente eu vinha sorrindo por tudo e para todos. Acho que na última semana eu havia sorrido mais do que em minha vida inteira.

Nadei até a escada e subi no barco, retirei o cilindro e a máscara, deixando a água escorrer antes de tirar a malha de mergulho.

Deitei de bruços ao seu lado e beijei-lhe o ombro.

— Encontrou alguma sereia, Viking? Sereias e Vikings não têm uma relação saudável, assim eu soube.

Ela falava sem me olhar. Usava um chapéu, protegendo-lhe o rosto, e óculos escuros.

— A minha sereia não estava lá embaixo. A única sereia com a qual um viking poderia se relacionar.

Bell abriu um sorriso lindo, brilhante e, por fim, me presenteou com sua atenção.

— Erik, se quiser dormir à noite, melhor pegar o protetor, amor.

Meu coração se aqueceu, como sempre acontecia, quando a Bell cuidava de mim assim. Cuidávamos um do outro cada vez com mais frequência.

Levantei e peguei o protetor sobre a mesa, voltando em seguida a sentar ao seu lado. Entreguei o produto a ela, que começou a espalhá-lo em meus ombros.

— Vou reservar um voo para voltarmos para casa na semana que vem, mas podemos ir para algum outro lugar, se quiser.

— Acho melhor deixarmos para outra oportunidade, Kivo. Tenho trabalho a fazer e preciso correr com as sessões de fotos, antes que a barriga cresça demais e eu fique lenta como uma porca.

Seu senso de humor fazia meu dia leve.

— Eu gosto de carne de porco.

Bell me deu uma palmada leve no ombro, uma palmada que logo virou carícia, espalhando o protetor. Então, meu celular vibrou e saí das suas mãos por dois segundos, esticando-me para pegar o aparelho sobre a mesa.

— Sim. — Atendi sem sequer olhar quem ligava. Eu raramente fazia isso, porque ver quem me ligava me dava a oportunidade de desviar a ligação ou simplesmente não atender. Até a mínima surpresa costumava me incomodar. Eu já não ligava para isso.

— Erik, tudo bem?

Era o Tom.

— Cara, eu tô no *Hawaii*! Que tipo de pergunta é essa?

Ele riu e os braços da Bell me envolveram por trás, quentes, macios.

— Que bom, irmão. Olha... Acha que consegue fretar um avião ainda hoje?

Retesei e a Bell sentiu a tensão imediatamente.

— O que houve? É o Teo?!

— Calma, cara... Fica tranquilo. É a Mari... Ela está em trabalho de parto.

— A Mari?! — Virei para a Bell e sussurrei-lhe o que o Tom havia acabado de me dizer.

— Mas a Mariana está com seis meses e meio! Nem sete meses ainda completou! — Alertou Bellanne, que era quem entendia dessas coisas. Eu apenas via as barrigas crescerem.

— Sim, Erik... Mas as crianças vêm quando querem, né? Bem, ela está entrando em cirurgia e o Mateo está quase surtando. Achei que vocês iriam querer estar aqui.

Eu já estava de pé e a Bell já estava falando com o marinheiro para retornarmos.

— Vou tentar conseguir um voo o quanto antes. Dá essa força aí, Tom. Chego o mais depressa que puder.

Desliguei o celular e encontrei com a Bell no meio do barco.

— Acabou a lua-de-mel, não é? — Lamentei, sentindo a frustração misturando-se à tensão.

Ela apenas me abraçou forte.

— Kivo, nossa lua-de-mel fazemos em qualquer lugar, a qualquer momento, amor. — Ergueu o rosto, me oferecendo a doçura do mel dos seus olhos. — Vamos lá, conhecer nosso sobrinho.

— Ou sobrinha.

Apertei-a contra meu peito, amando-a mais e mais a cada dia.

Quase vinte e quatro horas depois...

Bellanne

Depois de Erik pagar o triplo do valor por um avião decente que nos levou até Los Angeles e depois gastar mais uma pequena fortuna no frete do avião que nos trouxe até o Brasil, chegamos a três conclusões básicas: Mari e Teo valiam mais que isso; estávamos dois trapos humanos; e o viking, definitivamente, precisava comprar um avião.

Passamos quase toda a viagem com o Teo ao telefone. Ele ficou mais tranquilo, depois que a cesariana terminou e tanto a Mari quanto a pequena Diane estavam bem. Me emocionei ao ver o Kivo chorar junto com o irmão, ao escutar o choro da sobrinha. Me peguei, imaginando como seria, quando chegasse a sua hora de escutar o choro do nosso bebê.

Fomos ao hospital diretamente do aeroporto e, comovida, assisti ao abraço entre os irmãos. Mateo ainda estava abalado, mas milhões de vezes mais calmo.

— E a pequena Lady Di, como está?

Ele sorriu de um canto a outro do rosto.

— Ela é linda, Bell! Uma bonequinha! — e seu sorriso falhou um pouco — Está na UTI neonatal, na incubadora, mas os médicos dizem que é um procedimento normal e que tudo parece estar indo bem. Ela está precisando de ajuda para respirar, mas nas últimas horas vem se adaptando surpreendentemente bem.

Abracei meu cunhado.

— E a Mari?

Ele enxugou os olhos úmidos.

— Está louca para te ver. Quase pirou quando soube que vocês estavam vindo do *Hawaii*.

— Posso vê-la?

Ele assentiu e me acompanhou até o apartamento. Erik o aguardou na antessala. Alguns antigos costumes da sua educação, e dar privacidade a uma mulher que acabou de ganhar bebê era um deles.

Mari ignorou o mal-estar decorrente da anestesia, que ainda lhe causava náuseas, e falou feito uma louca, contando cada detalhe, desde a cólica que sentiu, o sangramento até a emoção de beijar a cabeça da sua filha. Eu tentava segurar a emoção, imaginando a minha hora.

— Hora de comer, mamãe...

A atendente entrou carregando uma bandeja com um prato de mingau. Completamente sem noção de horário, perdida nos fusos, nem havia me dado conta de que era ainda cedo e Mari estava fazendo seu desjejum.

— Mari, acha que consigo dar uma olhada na pequena Lady Di?

Ela sorriu, enternecida.

— Claro que sim! Diga que é sua tia e eles te levarão lá. Leve o Erik.

Assenti e saí animada.

— Nossa, como é pequenina, não?

Erik sussurrou com o rosto colado ao vidro. Fitei seu semblante assombrado e achei graça em como ele olhava a sobrinha como se estivesse vendo um E.T.

— Ela é prematura, Kivo, mas logo crescerá forte. Falei com a pediatra e ela me garantiu que a Lady Di é saudável.

Ainda com os olhos no pacotinho cor de rosa dentro da incubadora, Erik segurou minha mão.

— Não vejo a hora do nosso filho chegar.

— Filho?! — Perguntei ao Erik, que me olhou diretamente, e sempre que fazia isso, me abalava com a força do seu olhar e o azul estonteante com o qual eu jamais iria me acostumar.

— Não acha lógico? O Teo teve uma menina... e nós teremos um menino. Ri da sua lógica completamente ilógica.

— Ok, Erik Lars... Só por isso não saberemos o sexo até o nascimento.

Vi a decepção em seus olhos.

— Mais uma coisa fora do meu controle... Mais uma surpresa. — disse, quase desconsolado, e eu acariciei sua mão, vendo-o morder o lábio, ansioso. — Tudo bem, posso lidar com isso. Preciso lidar com isso.

Ri, quase perversa, e beijei seu ombro. E juntos, nos perdemos na beleza daquele pequeno ser, quase um nada no meio do bercinho de acrílico. Mal havia chegado ao mundo e já era imensamente amada. Era uma criança de sorte. Somos uma família de sorte.

Retornava ao quarto da Mari apenas para me despedir, quando a atendente me interceptou.

— Senhora, é familiar da senhora Mariana, não é? — assenti, observando o pacote em suas mãos, do tamanho de um pacote de café, e finalmente embrulhado. — Poderia entregar-lhe este presente? Acabou de ser deixado na recepção.

Tomei o pacote, curiosa.

— Não havia um cartão?

A moça deu de ombros e mexeu a cabeça, negando.

— Ok, obrigada.

Caminhei pelo corredor admirando o papel elegante, preto, ornado com uma linda fita dourada. O que quer que houvesse ali, sem dúvida era algo valioso.

Ergui o rosto e encontrei a mãe e a irmã da Mari deixando seu quarto. Olhei sem graça para a Maiara, que sorriu e me abraçou.

— Estou imensamente feliz pelo seu casamento, Bell. — Afastou-se, olhando-me com brilho no olhar. — Vocês são perfeitos juntos!

Sorri, exalando felicidade. Cumprimentei a mãe da Mari ao mesmo tempo que nos despedíamos, e quando entrei no quarto, havia apenas o Teo.

— Onde está o Erik?

— Lá fora, no telefone com o Tom. — Teo abria uma garrafa de água, que havia acabado de retirar do frigobar, e voltava para a sua poltrona.

— Mari... — me aproximei, extremamente curiosa com o presente. — Me pediram para te entregar esse pacote.

Ela o recebeu com um imenso vinco entre as sobrancelhas.

— De quem é?

— Não sei. Não havia cartão. Mas abra, criatura! Estou curiosa!

Ela riu e cuidadosamente desfez o laço dourado. Mateo levantou, também curioso.

Do pacote surgiu uma elegante caixinha de madeira adornada com fios dourados. Na parte de cima havia um desenho entalhado com extrema delicadeza. Parecia um brasão.

Ergui os olhos e encontrei os da Mari. Uma intuição acendeu como uma luz vermelha em meu cérebro, mas não exprimi meus pensamentos. Mateo fitava a caixa fixamente, mudo.

— Abre, Mari. — a encorajei. Silenciosamente, todos pensávamos a mesma coisa. Aquilo vinha de *Copenhague*. — Deve ser da Soraia.

Imediatamente vi as feições do Teo desanuviarem, como se estivesse apenas pensando o pior. Com os dedos sutilmente trêmulos, Mari ergueu a tampa, com a abertura voltada para ela, e sua boca abriu de surpresa quase tanto quanto seus olhos arregalaram.

Sem me aguentar, inclinei-me para ver o que havia ali, assim como o Teo.

Meu queixo caiu com a beleza daquilo! Era um bracelete, uma joia, com a base em ouro, mas na sua superfície via-se o desenho de quatro figuras: um leão, um dragão, uma torre e uma âncora, e entre cada uma delas, um sol

dourado. A parte de cima do bracelete era todinha ornada com micro pedrinhas de rubi, mas as figuras estavam preenchidas com o que eu poderia apostar, diamantes.

— Puta que pariu! — Soltei sem nem sentir. — Que lindo!

Mari ergueu os olhos arregalados para o Teo, mas ele não se mexia. Mateo olhava fixo para o bracelete.

— Teo, sabe o que é isso? — Mari perguntou, temerosa.

Vi Mateo engolir seco, mas não responder.

— Mateo, é de *Copenhague*, não é? É da sua família? — Teo parecia estar forçando o cérebro a raciocinar. — Teo!

Ele olhou para mim e depois para a Mari.

— Eu... Eu não sei. As figuras... — e apontou para o brasão. — O leão, o dragão, a âncora e a torre... São do brasão dos Lars, mas nunca vi esse bracelete.

Suspirei, tensa, e Teo, finalmente saindo da sua letargia, tomou o pacote inteiro das mãos da Mari e começou a vasculhá-lo, buscando talvez alguma referência, algum nome, endereço... mas não havia nada, então, ele retirou o bracelete da caixa e precisou apoiar-se na cama quando cambaleou.

— Caralho... — murmurou e, vendo nossa aflição estampada em nossos rostos, prosseguiu: — “Seja bem-vinda, Diane Lars, nosso pequeno sol”.

Levei a mão à boca, sobressaltada. Dos olhos do Teo começaram a saltar lágrimas sem parar e o entendimento brigava com a incredulidade em minha mente.

— Será do seu pai, Teo? — Mari perguntava temerosa, parecendo não ter muita certeza se queria escutar a resposta.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Não sei, Mari... Nunca vi essa joia. Mas... — e quase parei de respirar, esperando que terminasse. — Mas é tradição, presentear um novo membro na família Lars.

— Com uma joia dessa?! — Mari ainda estava espantada.

— Não acha que deveríamos perguntar ao Erik?

Ambos me fitaram como se eu tivesse dito um absurdo.

— E se for do pai, Bell? Acha que o Erik está pronto para lidar novamente com ele?

Recuei. Eu não queria esconder mais nada do Erik, mas também não queria tornar sua cruzada ainda mais penosa. Lidar com o Axel agora poderia fazê-lo perder o foco, se descontrolar.

— Então guarda. Ele já vai voltar.

Seria apenas pelo tempo de sabermos o que significava aquilo. Apenas para saber quais as intenções do Axel. Se é que aquilo vinha do Axel.

“A PRINCESA DO CLÃ LARS DEIXA O HOSPITAL”

Felizes, o casal Mariana e Mateo Lars são vistos deixando o hospital com a filha Diane dos braços. A menina, que nasceu aos seis meses e meio, em um parto prematuro, passa bem e, segundo pessoas próximas, é a alegria de toda a família.

“A DRAKKAR INAUGURA MAIS UMA LOJA, DESTA VEZ, NO NORDESTE”

Erik Lars e sua esposa, Bellanne Fraise, fizeram questão de estar presentes à inauguração da mega loja Drakkar no maior shopping de Recife. Aos oito meses de gravidez, a fotógrafa Bellanne Fraise roubou a cena com sua simpatia e encanto. “É a nossa primeira-dama e nós amamos ela”, afirmou efusivamente uma das funcionárias da nova loja, que acrescenta o fato de que Bellanne tem o costume de cumprimentar todos os funcionários, não importando o cargo. É claro, sempre seguida pelo marido apaixonado.

“NASCE O HERDEIRO DO IMPÉRIO LARS!”

Com 4,190kg e 55cm, o pequeno Kris Lars é o varão de uma das famílias mais amadas do país. Completamente encantado com o primeiro filho que, contam, têm os olhos tão azuis quanto os do pai, Erik Lars irá se afastar da empresa por alguns dias, quando se dedicará a cuidar da esposa e do recém-nascido. “É o momento mais especial da minha vida. Ter um filho é algo que realmente nos faz enxergar o mundo de uma forma totalmente nova”, nos contou Erik Lars, que mal podia conter o sorriso. Mãe e filho passam muito bem e já foram para casa.

Erik

Girei o volante com muito cuidado ao entrar na última curva. Há um mês nos mudamos para uma casa que reformamos no mesmo condomínio onde

está o estúdio da Bell. Pegamos uma casa pouco atrativa, simplesmente porque a sua parte de trás dava para uma vista magnífica do mar. Contratamos uma boa empreiteira e um arquiteto de renome, logo ela transformou-se no lar que sempre sonhamos, com jardim, privacidade e espaço.

— Erik, você não precisa andar a 20km/h, amor. — Olhei para ela pelo retrovisor. — Kirs está bem seguro no bebê conforto e eu também.

Ela me sorriu com doçura.

— Estamos chegando.

E de fato, já estávamos bem na frente de casa. Entrei pela lateral e dirigi até o fundo, para estacionar. Era a maior casa do condomínio e sua área verde era invejável.

Desci rapidamente ao abrir a porta, fiquei sem saber o que fazer. A Mari havia colocado o pequeno Kris na cadeira e eu não fazia ideia de como pegá-lo.

— Ei, Viking! Quer me ajudar aqui?

Atônito, corri para o outro lado e segurei sua mão, ajudando-a. E foi com alívio que vi Ana Maria surgir na porta de casa. Logo atrás dela vieram Paulo Henrique, Lucien e Letícia, que sacudia um chocalho estranho, cheio de penas.

— Oh, amorzinho da vovó... — Ana correu para o carro e retirou o Kris do bebê conforto com a maior facilidade. Com o coração apertado observei-a levar meu filho para dentro de casa. Só o conhecia há pouco mais de vinte e quatro horas, mas já não suportava a distância.

— Erik, está tudo bem? — Bell me olhava, intrigada. — Sei lá, você está meio parado... Está se sentindo bem?

Sorri, imaginando a visão que ela estava tendo de mim.

— Ele é tão pequeno, né?

Fraise ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Pequeno?! Diz isso porque não carregou aqueles quatro quilinhos na barriga. — E sorriu, acariciando meu rosto. — Papai... Relaxe. Vamos dar conta. Se até a Mari e o Teo deram conta da lady Di, nós também daremos.

E por cima da sua cabeça vi chegar o carro da Teo, com a Mari, a Rita e o anjinho loiro da Dianinha.

— Não morrem mais.

Fiz um gesto, chamando-os, e segurei a Bell bem perto de mim, levando-a para dentro de casa. Iria colocá-la na cama e mimá-la por todo o dia.

Bellanne

Ainda não havia me acostumado com a casa grande daquele jeito, mas a exigência de ser bem iluminada e ampla fora minha. Ainda assim, Erik a fez em diferentes níveis, separados por poucos degraus. Era clara, com grandes portas venezianas e de quase toda a casa víamos o mar.

Sentei na nossa cama e pedi que o Kivo puxasse o pequeno bercinho portátil para perto de mim. Nem a pau eu deixaria meu pequeno longe de mim. Não até que ele pudesse chorar tão alto que eu não precisasse de babá eletrônica para escutá-lo.

— Está confortável? — A mamãe entrou no quarto carregando o Kris e estendi meus braços, pedindo-o.

— Estou sim, mãe. E a Margie, ligou?

— Sim. Estão muito felizes com a chegada do sobrinho, mas só poderão vir daqui a dois meses.

Minha mãe sentou na cama e seus olhos não deixavam o Kris. Eu podia entendê-la, ele era lindo. Simplesmente perfeito.

Fitei o pequeno viking nos meus braços e reconheci facilmente o garoto na foto da escola, em *Copenhague*.

— Ele tem sua boca, Bell.

Sorri, reconhecendo os lábios carnudos e vermelhos.

— E os olhos do Kivo. — Completei, antes de erguer a cabeça, buscando-o. — Onde ele está? — Let ia entrando no quarto e trazia uma coisa esquisita na mão. — Let, onde está o Erik?

Ajudando seu pai a encontrar os utensílios para fazer as tais pizzas. — Letícia revirou os olhos, jogando-se na poltrona de amamentação.

— Espero que ela esteja lembrando que você não pode comer calabresa e nada gorduroso demais.

Sorri, brincando com meu pequeno príncipe.

— Se ele esquecer, o Erik lembra. — e voltei a fitar a mamãe. — Ele sempre lembra.

— Oh, Jah! É muito mel para minha pessoa! — Let levantou rindo e veio me beijar. — Trouxe esse chocalho indígena para meu pequeno Thor. Ele precisa saber que não descende só dos vikings. — E já ia porta afora quando gritou: — Se eu não voltar, venho amanhã com o Caio. Beijo!

Peguei o chocalho e troquei olhares com minha mãe. Era uma peça

realmente exótica, cheia de penas coloridas e sementes penduradas.

— Nem pensar em dar isso ao meu neto. — murmurou ameaçadoramente.

E rimos das loucuras da Let.

— Como estão os meus amores?

Erik entrou enxugando as mãos na calça.

— Cansados, meu amor. — Erik inclinou-se e beijou meus lábios. — Tudo bem lá embaixo?

— Sim. Seu pai está às turras com o Lucien, por conta de divergências nas receitas de pizza; a Let foi embora, o Mateo tentando encontrar um jogo na TV e a Mari e a Rita estão com a Di.

— E eu vou deixá-los e tentar resolver diplomaticamente o conflito na cozinha!

Mamãe beijou a minha testa e depois a testa do meu pequeno.

— Já já venho te ver, anjinho da vovó.

Meu coração derretia com esta nova Ana Maria. Jamais pensei que a veria tão dedicada e carinhosa com uma criança. Ela nunca fora uma mãe de grandes demonstrações de carinho. Nos amava imensamente, sem dúvida, mas seu conceito de amor era cuidar, prover, enquanto meu pai ficava com os carinhos. Bem... Isso estava mudando.

— Ele comeu? — Erik sentou ao meu lado, colado a mim, assim que a mamãe nos deixou.

— Ainda não. — Olhei para meu filho e ele dormia serenamente. — Ele é lindo, não é?

Erik não respondeu e eu o fitei. Ele tinha lágrimas nos olhos.

— Queria que a mamãe o conhecesse. — disse, com a voz embargada.

Acaricieei seu rosto, desejando arrancar-lhe toda a dolorosa saudade.

— Estou certa de que ela o conhece mais do que nós.

Seus olhos começavam a ficar vermelhos quando me encarou.

— Sinto-me tão completo, Bell. Nada mais me falta. — e com os dedos trêmulos, inseguros, acariciou a cabeça aparentemente pelada do Kris. Havia ali uma penugem, mas de tão clara, parecia não existir. — Sou um homem realizado, porque tenho a mulher que amo e juntos temos um filho lindo, saudável. O que mais posso querer?

— Um pai? — falei sem sentir e ele me encarou surpreso, até mesmo assustado.

— Ei, casal! — Lucien chegou na porta do quarto, quebrando a conexão

no mínimo estranha que eu e Erik havíamos acabado de criar. — Desculpe interromper o coito, mas chegou isso aqui.

E quando coloquei os olhos no pacote preto e dourado nas mãos do Lucien, gelei.

Erik

Estava em choque com a pergunta da Bell quando o Lucien nos interrompeu. Não tive tempo de processar meus sentimentos, de entender o que aquela pergunta me causou porque a Bell paralisou quando o Lucien lhe estendeu o pacote de presente.

— Acabaram de entregar.

— Quem entregou? — Estranhei a forma um tanto agressiva com que a Bell perguntou. Era um pacote quadrado, como uma caixa de relógio, embalado em um papel preto elegante e uma fita dourada.

— Um entregador, Bell. Ele se identificou na portaria e seu pai liberou a entrada. Acho que de nada adiantará, mas posso tentar alguma informação.

— Por favor, Lucien. É importante.

Ela recebeu o pacote e esperou que o Lucien nos deixasse sozinhos. Eu esperava que ela me explicasse tamanha apreensão.

— Fraise, o que houve? O que é isso? — Apontei para o pacote em suas mãos. Ela mordida o lábio inferior, claramente tensa.

— Abre, Kivo. — e me entregou o presente. — Abre.

Peguei aquilo meio receoso, mas ao mesmo tempo estava curioso com seu conteúdo. Retirei a fita dourada e deixei-a sobre a cama. Bellanne acompanhava meus movimentos, ansiosa.

Abri o papel e ao ver o brasão marcado à ferro quente sobre a tampa, retesei cada um dos meus músculos. Aquele era o brasão dos Lars e tinha um significado muito forte para cada um de nós.

— O que é isso, Erik? O que significa? Quem nos mandou?

Meus olhos estavam grudados naquela tampa e meu coração retumbava, doía no peito. Lembrei da minha mãe, do nascimento do Mateo, lembrei da briga do Axel com seu irmão, o pai da Hedda, que levou alguns anos. E agora, recebíamos aquela caixa.

— Erik, por Deus! O que é isso?!

Encarei as feições agoniadas da Fraise, mas não lhe respondi. Antes, precisava ter certeza.

Abri a caixa e lá dentro havia exatamente o que eu pensava: Um broche um pouco menor que a palma da minha mão, mas tão imponente e significativo quanto a própria história dos Lars. Em ouro maciço, cravejado de ônix e diamantes, formando o nosso brasão: o dragão, o leão, a torre, a âncora, e ao centro, o sol em ouro. Instintivamente, e tremendo, virei o broche e consegui ler o que havia escrito dois segundos antes da minha vista embaçar com as lágrimas:

“Seja bem-vindo, Kris Lars, nosso XV Jörmundgander”

Apoiei o rosto na mão e chorei. Chorei de emoção, de raiva, de dor. Chorei porque sempre sonhei com aquilo, mas não nessas circunstâncias. Chorei por não saber as suas intenções. Chorei por medo do que ele queria com isso.

Bellanne

Erik chorava com o maxilar travado, quase em choque, e meu peito apertou, sufocando-me. O que era aquilo, que tanto mexia com ele?!

— Erik, meu amor... — Segurei seu braço, mas ele resistia, com o olhar preso naquela joia. A preocupação me afligia mais e mais e realmente comecei a achar que aquilo não era apenas um broche. — Teo! Teo!

Gritei, pedindo aos céus que o Teo me escutasse. Alguém precisava me ajudar a acalmar o Kivo. Imediatamente o vi erguer a cabeça e puxar o ar. Seu rosto estava banhado em lágrimas e os olhos vermelhos.

— Erik, amor...

Mas ele não me olhou. Peguei o broche em seu colo e o virei, lendo a inscrição, que não me dizia muita coisa, porque eu não fazia ideia do que era aquela palavra em dinamarquês.

— Bell? — Teo chegou na porta, assustado. — O que... — E ele mirou o Erik, a caixa e o broche em minhas mãos, sequencialmente. — Puta merda!

— Você recebeu isso, Mateo? — Erik perguntou, seco.

Teo engoliu com dificuldade e me olhou diretamente. Senti os olhos do Erik sobre mim, intrigado.

— Não exatamente isso, Kivo. — Teo se aproximou e sentou na cama, ao lado do irmão, pousando a mão sobre suas pernas. — A Diane ganhou um bracelete de rubi.

Erik voltou a travar o maxilar e o Teo continuou:

— Não foi enviado pela Hedda e muito menos pela...

— Ninguém poderia ter enviado, Teo... A não ser o Axel. — Erik foi incisivo.

Mateo e eu trocamos olhares cúmplices e curiosos.

— O que isso significa? — perguntei, porque já não aguentava de ansiedade. Em meus braços, Kris mexia as perninhas, como se também quisesse a resposta. — Vocês, por favor, querem explicar?

Teo olhou de mim para o irmão.

— Kivo, quando recebemos o bracelete, eu fiquei sem entender. Nunca recebemos braceletes!

Erik respirou fundo, esforçando-se para se refazer com altivez.

— Diane é uma menina, Teo. — e olhando para mim, explicou: — As meninas da família recebem braceletes, e os meninos, broches. É uma tradição de centenas de anos, Bell.

— E o Axel que nos enviou? — olhei novamente a inscrição no verso do broche. — É uma boas-vindas, Erik. O Axel está dando boas-vindas aos nossos filhos?

Mateo apenas assentiu e Erik sorriu, nervoso.

— Um pouco mais que isso, Bell. — Seus olhos encontraram os meus. — Está vendo a inscrição no verso?

Olhei novamente.

— Não sei pronunciar isso.

Entreguei o broche ao Mateo.

— Erik! — Teo arregalou para a inscrição, e depois para o Erik, surpreso.

Erik apenas assentiu, com um sorriso sarcástico nos lábios. Mas teve a consideração de logo me explicar.

— Amor... A nossa família tem essa tradição que, sei lá...tem uns mil anos. Todas as crianças recebem uma joia dessa ao nascer. É mais do que boas-vindas, é um reconhecimento de um Lars. Por isso meu pai passou anos sem falar com o irmão, o pai da Hedda, porque meu tio teve um filho bastardo e meu pai nunca permitiu que lhe fosse dado um broche. Receber o brasão dos Lars, significa que os mais velhos reconhecem a criança como seus descendentes.

Senti o bolo na garganta, emocionada, e se eu me sentia assim, imaginei o tamanho da emoção do Erik. Fitei o Teo e ele também estava comovido.

— E o que é essa palavra dinamarquesa aí? No da Diane ele a chamava de “pequeno sol”.

Erik mordeu o lábio. Era evidente a intensidade dos sentimentos que lhe

assaltavam.

— *Jörmundgander*. — Pronunciou com a voz grave. — Sabe aquelas figuras na proa do Drakkar? Dos barcos de guerra dos Vikings? — Assenti, ansiosa pela explicação. — *Jörmundgander* é a mais importante figura a ser colocada em uma Drakkar. É uma serpente marinha e ela está ali para liderar a frota, para assustar os maus espíritos, os inimigos. *Jörmundgander* é a proteção, o guia, a força Viking.

Me arrepiei inteira ao pensar na inscrição: “Seja bem-vindo, Kris Lars, nosso XV *Jörmundgander* “, e meus olhos encheram-se de lágrimas instantaneamente.

— E... E o que isso quer dizer, Erik?

Meu marido me encarou profundamente.

— Quer dizer que o Axel está passando para o Kris aquilo que sempre foi dele e que criança alguma recebeu na família: a liderança. A partir de agora, Kris será sempre respeitado, escutado, seguido pelos Lars, e pelos outros, por ser o *Jörmundgander* dos Lars. E essa foi a gravidade do meu ato, quando rompi com o meu pai. Bell... Eu rompi com a *Jörmundgander* dos Lars. A quem deveria seguir e escutar sempre, incondicionalmente.

As minhas lágrimas rolavam, não pela joia, não pela tradição, porque para mim, apenas uma coisa gritava: Axel não queria mais o controle. Ele abria mão disso pelo neto... Pelo meu filho. Ele queria que todos olhassem o Kris como o mais venerável Lars.

Mateo abraçou o irmão e eu observei aquela cena pensando que, se aquilo me importava daquele jeito, imagine para eles, que viviam essa tradição?

Axel também havia recebido a Di como sua neta, sem ao menos conhecer a Mariana. E foi por isso que o Teo aceitou muito melhor esse contato do Axel. O Teo é mais maleável, mas dócil, mas o Kivo... Ele ainda levaria um tempo para curar suas feridas. E eu o ajudaria a curar cada uma delas.

— Amor, o que vai fazer?

Eu realmente esperava que ele pensasse na consequência daquele ato. Na importância do que ele representava. No entanto, Erik apenas apertou os lábios, pensativo, e por fim, me olhou.

— Nada, Bell. Fico feliz que ele tenha reconhecido o Kris como um Lars, embora isso já não tenha tanta importância para mim. No mais... Nada mudou. — e depois de um longo suspiro, olhou para o Kris em meus braços e suas feições amainaram. — Vamos colocá-lo no berço. Você precisa descer para comer alguma coisa.

Assenti, ao trocar o olhar com o Mateo. E depois de colocar o Kris em seu berço, abracei o Teo e sussurrei ao seu ouvido:

— Tudo tem seu tempo, Teo.

Erik

Abri os olhos para o teto rebaixado do meu quarto, mas não tive vontade de me mover. Havia sonhado com a minha mãe e ela brincava com o Kris. Ainda conseguia vê-la à minha frente, sorrindo, feliz como antes. E lembro perfeitamente das suas palavras: Tudo é possível, Kivo.

Virei para o lado e a cama estava vazia. Passei a mão sobre o lençol e já não havia o calor da Bell.

Deve estar com o Kris, pensei.

Ele estava com cinco meses e já dormia em seu quarto, onde mantínhamos uma cama reserva, da qual carreguei Bellanne mais que uma dúzia de vezes no meio da noite.

Levantei apenas de *shorts* e passei a mão pelos cabelos, ainda confuso com o sonho. Atravessei o corredor e abri a porta do quarto do Kris, todo decorado com motivos náuticos, mas eles não estavam lá.

Caminhei descalço com a madeira rangendo suavemente sob meus pés. As cortinas estavam abertas e havia luz solar por toda a casa. Os móveis claros refletiam a manhã e as flores espalhavam o perfume de jasmim. Busquei na sala de TV, no escritório...em todos os cantos, e por fim, cheguei à cozinha. Rita estava conosco agora e sorriu quando me viu. Antes que eu lhe perguntasse, ela apontou para fora, para o jardim dos fundos.

Sorri de volta e fui atrás dos meus amores. Assim que abri a porta de correr suavemente, eu os vi. No meio do jardim, sob o sol tênue do início da manhã, deitada de bruços sobre uma esteira em meio à grama verdinha, Bell brincava com o Kris. Ele usava apenas fraldinha e ria sem parar.

O vestido branco da Bell refletia a luz, dando-lhe uma aura etérea e eu encostei no friso da porta, encantado pela visão.

Kris brincava com os cabelos dela e me lembrei de quando os toquei pela primeira vez. Numa retrospectiva, recordei nossos momentos, dos quais nem dava para destacar os melhores. Todos eram perfeitos. Eu já nem reconhecia o Erik antes da Fraise. Me parecia uma pessoa estranha, alguém de quem eu ouvira falar. Ao invés disso, agora eu sentia a minha vida real, plena.

E ali, vendo a minha família, fico aqui pensando no que muito se escuta

por aí, de que o amor não reconhece o físico, que o amor é um encontro de almas. Acredito que seja ainda mais que isso. Amor é algo pelo qual se luta juntos, de mãos dadas.

Eu olho a Bell e não acho que eu a tenha encontrado ou ela a mim. No reencontramos, porque acredito que sempre nos amamos, desde que nossas almas foram criadas. Desde o primeiro sopro de consciência. E é por isso que ela me completa e eu a ela. É por isso que ela tanto me ajudou a ser alguém melhor e, eu sei, também a ajudei a encontrar seu eixo: porque queremos seguir juntos no universo afora. Nesta ou em outras vidas, se é que elas existem. Acreditamos que só evoluindo juntos, ficaremos juntos.

E se hoje me sinto assim, leve, olhando a vida de uma maneira bem mais simples, com uma perspectiva positiva e até divertida, é por causa dela, pela coragem que me injetou. Bell me preparou para ser o pai que o Kris merece ter. E pensando assim, preciso dar razão à mulher que um dia decidiu contar a nossa história: A melhor coisa que fiz na minha vida, foi *bellannizar-me*.

Seu olhar cor de mel encontrou o meu e Bellanne acenou, me chamando. Não pude resistir, mas antes, fui até a mesa de jantar e peguei a máquina fotográfica. Aquele era um momento para ser eternizado.

Sentei na esteira junto com eles e beijei a minha mulher e meu filho, e explodindo de orgulho e amor, estiquei o braço e tirei nossa *selfie*, sem filtros, sem edições. E ao fitar os nossos rostos felizes no visor, lembrei das minhas fotos de infância, com meus pais e o Teo. E nessa hora, foi como escutar a voz da minha mãe novamente: Tudo é possível, Kivo.

FIM



EPÍLOGO

Erik

Não foi o barulho do ar-condicionado que me despertou, mas foi a primeira coisa que a minha consciência registrou, quando acordei. Então, captei a sensação de prazer que tomava todo meu corpo, nascendo no meu pau, numa sucção gostosa e molhada.

Ainda de olhos fechados, desci a mão e encontrei os cabelos da Bell. Ela me chupava de uma forma lenta, saboreando, e eu estava lânguido, meio dormente, mas sentindo as descargas elétricas percorrer minhas pernas e subir até nublar meu cérebro.

Acariciei sua cabeça, incentivando-a a ir mais fundo, e ela foi, me engolindo quase inteiro. Meu gemido saiu tão involuntário quanto a minha erguida de quadril.

Putá merda! A boca da Fraise era uma loucura e era ali que ela me pegava de jeito e tirava o que quisesse de mim. Era meu ponto fraco.

— Bell, amor... Assim eu gozo rapidinho.

Ela apenas murmurou, quase com descaso.

Ergui a cabeça e notei que ela se tocava, e assim era covardia demais. Minha excitação triplicou e quando comecei a sentir as primeiras descargas do orgasmo, fui tragado bruscamente.

— Mãe! Acorda!

Bellanne ergueu o rosto e me encarou, surpresa. Eu estava sem ar, com o coração disparado e lhe fiz um gesto que pedia, “pelo amor de Deus não para”.

— Mãããe! Aaaabre!

Ela revirou os olhos e levantou, indo vestir sua camisola e me deixando à míngua. Soltei o ar com força e deixei a cabeça pender no travesseiro de vez, ao tempo em que me enrolava no edredom.

— Bom dia, príncipe! — Ela abria a porta.

— Hoje é meu aniversário!

Olhei para eles e a Bell voltava para a cama com o Kris no colo. Ele estava completando cinco anos e era um menino alto, forte e muito inteligente.

— Não brinca! — Me recostei na cabeceira e eles sentaram ao meu lado. — Eu acho que não, Kris.

— É sim, pai! Não é, mãe?

Ela se derretia toda para ele e, confesso, algumas vezes sentia uma pontinha de ciúmes. Contudo, eu e o Kris somos tão parceiros, que ele é o único com quem aceito dividir a Bell.

— Não é no mês que vem?

— Não, mãe. A tia Mari me disse que é hoje. Até me falou que vai me dar uma carreta de presente!

Ele abriu os braços bem amplos, para demonstrar o tamanho do presente.

— Ah, então deve ser hoje mesmo, Kivo. — Ela me olhou e piscou um olho. — Precisamos fazer um bolinho.

— Quero festa! Quero festa!

Ergui-me no cotovelo e fiz uma cara séria.

— Acha que esqueci que ficou de castigo na escola, Kris? Acha que merece festa?

O garotinho loiro, de olhos muito azuis e boca carnuda amuou e tive ganas de mordê-lo, de tão fofo.

— Não é justo! — Ele seguia fazendo bico e Bell nos observava. — Já tive castigo na escola. Agora vou ter aqui também?!

Bell me olhou com sua sobrelanceira erguida.

— Ele está certo, Kivo. O que acha de ensinarmos a beleza do perdão ao Kris?

Aquilo me soou estranho e quando encontrei seu olhar incisivo, algo dentro de mim rebuliu. Parecia haver mais de um sentido naquela frase.

Voltei a fitar o rostinho encantador do meu filho, ansioso, aguardando a minha resposta.

— Sim, Kris, perdoar é importante, mas quem errou também tem que se comprometer a não voltar a errar. Você vai voltar a atirar o lanche do colega no chão?

— Mas pai, ele atirou...

— Kris! — Bell o repreendeu e ele voltou a amuar. — Seu pai lhe fez uma pergunta.

— Tá bom! Nunca mais faço isso.

Bell beijou-lhe a cabeça e sussurrou algo em seu ouvido que o fez lançar-se sobre mim, me dar um beijo e cair para o outro lado da cama. Em seguida, saiu disparado do quarto, gritando algo incompreensível.

Sorrindo, virei-me para Bell e agarrei seu quadril, puxando-a para mim.

— O que disse a ele?

Minha Fraise aninhou-se rapidamente em mim.

— Disse que você tinha me pedido para fazer a maior festa do mundo e que seria das Tartarugas Ninjas.

— Ah! Então aquilo que ele gritou foi “*Kawabanga!*”?

Rimos juntos, eu já mergulhava a mão sob sua camisola, quando novamente fomos interrompidos por sutis batidas no marco da porta que Kris havia deixado aberta.

— Desculpe interromper, mas... — Rita, claramente constrangida, tinha apenas a cabeça aparente. — Bellanne, a organizadora da festa acabou de chegar. Ontem você me pediu...

Como se combinado, suspiramos juntos, eu e Bell.

— Por favor, Rita, peça para ela aguardar...

— Não, Kivo... — e me beijou furtivamente, já escapando dos meus braços. — O dia será complicado, amor. Rita, querida, por favor, pergunte se ela quer tomar café comigo. Desço em dez minutos.

A vi sumir pelo banheiro e sabia que a nossa foda matinal estava definitivamente arruinada.

Quando voltei a despertar, minutos depois, a Bell já havia saído do banheiro e descido. Tomei uma ducha rápida e troquei de roupa. Apesar de ser sábado, eu tinha uma reunião importante com a diretoria nacional da Drakkar.

Desci as escadas de madeira clara e me encaminhei à sala de jantar. Lá estavam Bell, Kris e uma moça que me sorriu com simpatia.

— Bom dia, Senhor Erik.

— Erik, essa é a Márcia, responsável pelo *buffet* e decoração de hoje.

Assenti com polidez.

— Como vai, senhora Márcia?

Sentei-me com elas à mesa e, enquanto fazia meu desjejum, ajudava o Kris com seu mamão e observava Fraise conversando com a Márcia. Dia após dia, eu me sentia mais apaixonado por ela. E assim, frequentemente a Bell me mostrava uma nova e surpreendente faceta.

— Pai, por que vai trabalhar hoje? É meu aniversário!

Baguncei seu cabelo.

— Eu não demoro, amor. Será só uma reunião e à tarde estarei aqui com seus tios. — vi seus olhinhos brilharem, pois sabia que quando os tios se reuniam, era dia de futebol. — Eu deixo você ser do meu time. O que acha?

— *Yeah!*

Kris ergueu os braços, eufórico, e eu rapidamente lhe fiz um gesto, junto com um olhar cúmplice, maroto, para que falasse baixo e não atrapalhasse a mamãe.

— Pai, elas estão falando da minha festa. — sussurrou-me em segredo.

Aproximei meu rosto dele e, de soslaio, vi o olhar sedutor da Bell para nós.

— Sim, estão. Eu soube que será perfeita!

Encarei Kris e ele sorria de um lado a outro do rosto, entusiasmado.

— Com licença, senhor Erik. — Márcia e Bell haviam terminado a conversa e agora a moça nos dava privacidade.

Assenti, enquanto também terminava meu suco de laranja.

— Volta para o almoço, não é Kivo?

Bell abriu uma tangerina e eu observava seus movimentos naturalmente sensuais.

— Combinei com o pessoal um churrasco aqui na quadra, mais tarde. Não se preocupe conosco, amor, nos viramos. — Ela ergueu o olhar para mim e eu lembrei de como deixamos a cozinha *gourmet* da última vez.

Apesar de não usá-la nunca, a Bell tinha o maior zelo com aquilo lá. — Prometo que o Michel e o Teo irão deixar tudo limpo.

Ela estreitou seus olhos ameaçadores e o riso do Kris soou solto, debochado, nos contagiando. E por cinco segundos me perdi na Bell chupando seus dedos sujos de tangerina, na forma como os introduzia na boca, encolhia os lábios cheios como um biquinho e os sugava com gosto. Salivei e me mexi na cadeira, levemente desconfortável.

A nova música do *Bruno Mars* soou do celular da Bell, me despertando dos devaneios. Limpei os lábios com o guardanapo e ajudei o Kris a terminar seu suco, enquanto meio que sem querer, escutava a Bell ao telefone.

— Alô? Oi! E então, deu tudo certo? — Ela piscou o olho para mim e levantou da mesa, fazendo um gesto para que o Kris bebesse seu suco até o fim. — Certo... Eles devem estar chegando aí para te buscar para um passeio. Ah... Você irá amá-los!

Observei a Fraise se afastar, indo para a varanda, animada com o telefonema. Voltei a me distrair com o Kris, mas não poderia demorar ou chegaria atrasado à reunião.

Bellanne

— Cama elástica, piscina de bolas, animador, maquiagem...

— E os carrinhos de churros e pipoca, onde ficarão?

— Ali, senhora Bellanne. — Apontou para um canto do imenso jardim, perto das bromélias. — Será mais seguro porque ficará longe das crianças; Concordei com sua prudência.

— Então, eles chegarão à tarde?

Márcia sorriu para mim. Ela devia ser bastante acostumada com mães neuróticas, como eu estava hoje.

— Não se preocupe. Eles estarão aqui logo após o almoço.

Assenti. Eu precisava sair e teria que confiar em sua competência. Bem, referências não lhe faltavam e, até então, tinha me saído um primor de profissional.

— Ok, Márcia. — Encarei a moça baixinha de rosto comprido e cabelos Chanel. — Estarei no celular e você pode me chamar por qualquer motivo que seja. Na casa ficará a Rita, que é a responsável por tudo e o que ela autorizar, está bem feito. Temos também a Denise, que me ajuda com o Kris e é um amor. E se precisar de força bruta...

— Dona Bellanne... — Ela pousou a mão em meu ombro, tentando me acalmar. — Vá tranquila. Aqui está tudo sob controle.

Nada indicava o contrário, mas eu simplesmente odiava essa frase. Parece que sempre antecedia uma tragédia.

Trocamos beijos rápidos no rosto e fui embora. Eu precisava passar no estúdio, almoçar com a mamãe e ainda dar conta do meu plano que, de qualquer maneira, teria que dar certo.

Eu estava à beira do pânico com a possibilidade das coisas não acabarem bem.

Era sábado e a Mariana não trabalhava nos finais de semana. Eu era grata, porque mesmo sem a menor precisão, a Mari fazia questão de continuar comigo. E eu não sei o que seria de mim, desorganizada como sou, se não fosse sua mania de etiquetar tudo, colocar em pastas e arquivos de forma tão ordenada.

— Isso!

Foi com alívio que puxei do fundo da gaveta a pasta com as fotos que fiz com o Salgado. Ele havia me pedido duas delas para serem ampliadas para uma exposição e eu queria que ele confirmasse de quais se tratavam. Mas antes de escaneá-las, o interfone soou. Eram a Letícia e a Tati. Eu havia esquecido a sessão de demonstrações da Let, que pela vigésima terceira vez, voltava a vender produtos eróticos.

Contornei a mesa e liguei o computador para que ele carregasse enquanto eu abria a porta para as duas.

— Entra, entra. — falei apressada, trocando beijos rápidos com ambas.
— Fecha a porta, Tati!

— O que está acontecendo? Um incêndio?

Let veio atrás de mim.

— Preciso enviar rápido essas fotos para o Salgado.

— Ah, é o lance da exposição, não é? — Tati se jogou no sofá do meu escritório e lhe sorri ao ver o vestido sexy e audacioso que usava — um modelo japonês, na altura dos joelhos, mas com profundas fendas nas laterais. Tatiana havia mudado muito desde que se casara com o Alex. Estava mais atrevida, mais sensual, e nem mesmo a chegada da pequena Cecília, agora com dois anos, e todo o trabalho que acompanha esses pequenos, havia lhe tirado o tempo para se amar.

— Sim. Ele me pediu desde a quinta-feira, mas com essa loucura do aniversário do Kris...

— Por falar no Kris... — Let aboletou-se sobre a minha mesa e eu dei-lhe uma palmada na bunda, para que ela liberasse as fotos de debaixo do seu traseiro. — Caio e eu compramos um presente supimpa para ele. Uma câmera filmadora!

Olhei para a Tati e depois para a Letícia, surpresa.

— Uma câmera filmadora para uma criança de cinco anos, Let? O que está caçando? Flagras para o canal do Caio?

Tatiana rompeu na gargalhada porque, estou certa, havia pensado o mesmo que eu.

— Deixa de ser ridícula, Bell! Estou pensando no futuro do pequeno Viking. Ele pode ser um *youtuber* de sucesso! Com aquela cara linda, vai estourar a banca de seguidores.

Eu coloquei as fotos no escaner e olhei a louca da minha amiga por sobre o ombro.

— Let, acredite, o futuro do Kris está mais do que pensado e garantido.

— Letícia, meu doce, por que não mostra para o quê veio, hein? — Tati interferiu.

Olhei agradecida para Tati, que me sorriu e, só de olhar, ela sabia que eu não deixaria o Kris pegar naquela câmera tão cedo.

Depois do chocalho indígena, com o qual presenteou o Kris no nascimento, a Let e o Caio vinham se superando nas surpresas a cada data comemorativa. Era de extremo carinho, mas nem a chegada do Serginho — o filho que eles haviam adotado aos seis anos de idade e que, segundo suas próprias e lindas palavras, “nasceu do seu coração” no ano passado — havia dado um pouco de bom senso àqueles dois. E assim, eu guardava cada um dos seus presentes para serem passados ao Kris quando ele tivesse a devida idade.

— Ok, ok... não precisam ficar desesperadas. — disse Letícia, ao abrir sua sacola “mágica” — Eu trouxe para todas!

Sentei na cadeira em frente ao computador e digitei um *e-mail* rápido e carinhoso para o Salgado, encaminhando-lhe as fotografias. E quando retornei a atenção às minhas amigas, havia um verdadeiro arsenal de pênis de borracha espalhados sobre a minha mesa.

— Uau! — Meus olhos brilharam para um bem robusto, rosadinho e cheio de veias à minha frente. Especialmente porque muito me lembrou o

Viking. — Você não estava brincando, Letícia!

Ela me olhou toda orgulhosa e Tati saltou do sofá, largando o celular que antes tinha sua atenção.

— São os melhores, Jezebell! Pode escolher!

Passamos os dez minutos seguintes cogitando tamanhos e utilidades, mas não era bem aquilo que eu tinha em mente.

— Qual foi, Bell? O do Viking é melhor que esses? — A Let debochava, mas ergui minha sobrancelha para ela, petulante.

— Há seis anos você tenta descobrir o tamanho do pau do Erik, Letícia. Acha mesmo que vou entregar o ouro assim?

Tatiana gargalhou e Letícia fez um bico e me apontou o indicador.

— Você é uma safada, Jezebell. Sempre te contei com detalhes sobre os paus de cada um dos meus boys.

Dei de ombros.

— Ai, meu Deus! — Tati levantou de vez, dando um gritinho. — Quase esqueci de mostrar a vocês!

No segundo seguinte, sem sequer sombra do seu antigo pudor, Tati ergueu o vestido e, virando de costas, abaixou a calcinha. Nossos olhos arregalaram de surpresa.

Eu e Letícia falamos quase ao mesmo tempo:

— Que porra é essa?! — Let.

— Que tudo! — Eu!

Na vertical, descendo na direção da regada da bunda, estava escrito “ALEX” e uma seta para baixo, tudinho feito em *strass*, colado à sua pele negra, num contraste maravilhoso! E abstraindo completamente o fato de que aquilo estava no rabo da minha amiga mais tapada, eu super curti a ideia!

— Gostou, Bell?!

Meus olhos brilhavam!

— Eu quero! Onde você fez? Quero ir lá agora!

— Que porra é essa, Tatiana? Está querendo atravessar minha venda?

As duas começaram a falar ao mesmo tempo, mas meu telefone tocou e eu me afastei para atender.

— Oi! E então, gostando do lugar? — Eu ainda estava animada com a conversa com as minhas amigas.

— Estou sim, muito. — Ele falou, com sua polidez. — Olha, não quero te

incomodar, Bellanne. Só queria confirmar o horário que devo chegar.

— Não é incômodo algum. Será às 18 horas. O endereço você já tem.

— Bell, hoje é sábado! — Tatiana me chamava, a despeito da cara emburrada da Letícia. — Se não correr, o lugar vai fechar!

E depois dele confirmar que tinha o endereço, nos despedimos rapidamente e desliguei o telefone. A Let me olhava torto, mas eu a conhecia e sabia que não era sério.

— Let, amor, como sobreviver sem essas pedrinhas no meu corpo? O Viking vai surtar com o que tenho mente!

— E esses paus todos, Bell? — Olhei para a mesa e ela já havia guardado boa parte dos vibradores, chateada pela venda perdida.

— Let, compro dois de você, mas terão que ser daqueles vibradores lisinhos, sabe? Que não se parecem em nada com um pênis. — Dei de ombros — O Viking odeia a menor concorrência, se é que me entende.

Ri cinicamente e nem a Let resistiu.

— Suas bandidas! Me esperem, vou com vocês.

Saímos as três gargalhando e a Let planejando fazer uma folha de marijuana bem no meio da bunda.

Erik

Entrei na sala do Tom e o encontrei ao telefone. Falava com a Lisa, minha afilhada, que sendo uma pré-adolescente, tentava extrair do pai um “vale-cine” para ir com as amigas.

Sentei à sua frente e cruzei as pernas, sorrindo, me divertindo com a conversa dos dois e imaginando quando seria a minha vez de dar um “vale-cine” ao Kris.

Já estávamos radicados no Brasil há pouco mais de seis anos e eu realmente não sabia como o Tom conseguia vir trabalhar de terno todos os dias. Eu sempre preferi deixar os ternos para ocasiões formais e, a cada dia, tinha menos vontade de usá-los.

— Posso entrar?

Nem precisei olhar para saber que era o Mateo. Tom gesticulou, convidando-o e logo meu irmão estava ao meu lado.

— E aí, tudo certo para mais tarde?

Mateo usava uma barba igual a minha, e juntos, quase parecíamos gêmeos.

— Isso é com a Bell, meu irmão. Preferi ficar completamente de fora dessa vez. Lembra o que foi ano passado?

Rimos, lembrando da Bell resistindo a ir passar o aniversário do Kris na *Disney*, e quando lá, eu me vi exausto de andar para cima e para baixo com ele, enquanto ela tirava fotos de quase tudo.

— Achava que casar com fotógrafa não teria o mínimo de desvantagem?

Apontei o indicador para ele.

— Cale-se já! Sua mulher é assistente de fotógrafa e já soube que anda fazendo umas fotografias bem legais por aí.

Mateo sorriu orgulhoso.

— É sim. Ela está com essa vontade e a Bell está dando o maior apoio. Mas acho que irá esperar o Max crescer mais um pouquinho. A Diane já é toda independente, mas o Max tem só seis meses.

Concordei. O Mateo e a Mari já estavam no segundo filho e, pelo jeito, iriam até completar um time de vôlei, ao menos.

— E como foi em Paris? — Perguntei ao Mateo, que havia acabado de retornar de uma viagem de negócios.

Ele não respondeu de pronto, apenas sorriu e abaixou o olhar. Vi que havia algo errado.

— Algum problema?

— Não... Na Drakkar está tudo bem melhor do que eu supunha.

— E o que foi?

Ele fungou e eu sabia que estava pensando em uma maneira de me contar algo, e isso me afligiu.

— Encontrei a Sílvia.

— A Sílvia?! Filha da Soraia?

— Sim. Está vivendo em Paris, trabalhando em uma loja de cosméticos. A Mariana não gostou nada dela.

Rimos, porque sabíamos que a Mari tinha toda razão.

— Ela está bem?

— Aparentemente, sim. Disse que estava casada e feliz.

Assenti, pensando na Sílvia e nas loucuras que havia feito na vida.

— E a Soraia, ela disse algo? — Apesar de nos falarmos esporadicamente, já havia um bom tempo que não tinha notícias dela e do Born.

— Está bem. Compraram uma casa no campo, perto da Universidade onde ele trabalha.

Sorri, feliz pela Soraia e seu novo marido.

— Também soube do Axel.

Meu corpo enrijeceu e não soube o que dizer. Mateo parecia esperar uma reação minha, mas eu não sabia o que falar. Apesar do Axel jamais ter voltado a me ligar, Soraia e Born me informaram que ele seguia um tratamento intensivo com psicanálise, o que confirmei com a ajuda de um investigador que contratei há quase um ano. Segundo relatórios, Axel vinha promovendo mudanças em sua vida, mas eu ainda não conseguia acreditar nisso.

— Como ele está? — perguntei, por fim.

— Ele concluiu o tratamento dele, recebeu alta e pediu afastamento da empresa.

Olhei surpreso para o Mateo.

— Afastamento?! — Essa era nova para mim. — Por que ele faria isso?

Teo deu de ombros.

— Não sei... Talvez esteja mesmo querendo se desfazer do poder, do controle. Mas fiquei feliz em saber que ele recebeu alta. Você não?

Baixei os olhos para os meus sapatos e pensei sobre aquilo. É claro que eu estava feliz. Quem não estaria? Levei quase dois anos para receber alta do meu terapeuta... O Axel levou cinco anos.

— Sim, claro. — Fui sucinto.

Thomaz desligou o telefone e bufou, irritado.

— Desistam enquanto é tempo! Adolescentes são terríveis! E olhe que a Lisa nem chegou lá! Ela só tem oito anos!

Rimos e achei melhor não comentar que eles estão amadurecendo cada vez mais cedo.

— Bem... — E bati nos joelhos, antes de levantar. — Vim apenas lembrar aos cavalheiros de que nosso time vai ter que dar uma goleada no time da casa. Não esqueçam.

Tínhamos adquirido o costume de jogar futebol aos sábados à tarde e os times se dividiam em “Seleção estrangeira”, composto por mim, Teo e Thomaz, mas que o Michel insistia em chamar de “Os gringos”; e o “Time da casa”, formado pelo próprio Michel, Caio e Alex, mas que o Caio gostava de chamar de “Canarinhos”. Lucien sempre ficava como juiz, mas um juiz que só marcava falta à favor dos da casa. Precisávamos trocá-lo com urgência.

— Ah! Hoje o Lucien me paga, se começar a roubar! — Teo era o “perna de pau” do time, um termo engraçado que aprendi a usar. Contudo, ele sempre usava a conveniente desculpa do acidente que havia sofrido há pouco mais de cinco anos. Nós aceitávamos.

Mateo seguiu para a sua sala e o Tom para os seus afazeres. Nos revezávamos nas reuniões de diretoria, e hoje era a minha vez de enfrentar os intermináveis relatórios de cada setor.



Já estávamos há mais de uma hora naquela sala e ainda faltavam três setores apresentarem seus balanços mensais. Havia seis homens, somando sete comigo, e duas mulheres. Todos muito formais, até mesmo tensos. Thomaz costumava rir disso, dizendo que eu inspirava medo na diretora. Eu não levava isso à sério. Talvez um pouco, a julgar pelo suor na testa do Senhor Maurício, que apresentava os gráficos de vendas nas lojas de Recife e Salvador.

Impaciente, comecei a bater a ponta da caneta sobre o bloco de anotações, quando o meu celular vibrou. Discretamente, abri a tela e era uma mensagem da Fraise. Meu corpo gelou quando a imagem carregou quase que imediatamente e na tela estava a boceta da minha mulher — sim, porque eu a reconheceria até no escuro — ostentando um coelho desenhado com pequenas pedras que me pareceram ser cristais. Um coelho!

Filha da puta!

Digitei rápido, com o coração disparado, e o que me pareceram formigas, me pinicavam o corpo inteiro:

Erik — Fraise... Quero esse coelho!

Não consegui mais me concentrar. Eu olhava para o gráfico do Maurício, e me vinha o coelho. Olhava para as pessoas sentadas em torno da mesa de jatobá... E na minha mente estava o maldito coelho. E novamente meu celular vibrou:

Bell — Hahahaha... E aí, esse coelho você segue?

Sorri, já com uma ereção iminente.

Erik — Até o inferno, e como ele todo. O que é isso? Cristal?

Ergui o rosto e encontrei duas ou três pessoas me encarando, inclusive o Maurício.

— Tudo bem, Erik? — Maurício perguntou e todos olharam para mim.

— Sim, um pouco de dor de cabeça, mas estou bem. Prossiga, por favor.

Ele assentiu e continuou sua apresentação. Nas minhas mãos, o celular voltou a vibrar:

Bell — Cristais Swarovisk. Estou com R\$1.200,00 colados na boceta! Hahaha.

Levei a mão à boca, tanto para enxugar o suor, quanto para esconder o riso. A minha mulher era louca! Uma louca que me deixava mais louco ainda.

Algumas pessoas ainda me olhavam, tentando disfarçar, mas eu mesmo já não conseguia me conter. A visão daquele coelho, em cristais colados na boceta da Bell... Deus do céu! Eu já me via chupando-a e junto lambendo aquelas pedrinhas. Me vi abrindo as pernas da Fraise e metendo fundo com aquele coelho brilhando para mim. Então, outra mensagem chegou quando eu já estava mais do que constrangido.

Bell — E aí, Viking... Te deixei excitado?

Erik — Completamente duro.

Respondi, mas bem discretamente tirei uma foto da reunião e mandei para ela com a legenda “*E aí, também te excitei?*”

Cinco segundos depois ela respondeu:

Bell — Brochei!

Meu riso escapuliu e todos me olharam curiosos. Sem ter como disfarçar, apenas tentei me conter e, por fim, desliguei o celular.

— Desculpem. Onde estávamos mesmo?

Acho que havia acabado de destruir minha reputação de homem sério.

Bellanne

Saí gargalhando do banheiro da casa dos meus pais, imaginando a cara do Viking recebendo a foto do coelho.

— Bell, o Kris disse que não quer as ervilhas!

Entrei na sala de jantar e a Margie, com a barriga de gravidez beirando os

oito meses, havia separado as ervilhas do risoto, uma a uma, no prato do Kris. Ela se convertera no tipo de tia que faz todas as vontades e que sequestra o sobrinho a qualquer hora do dia. E foi por isso que eu nem me espantei, quando encontrei o Kris almoçando na casa dos meus pais. Prometi devolver os sequestros na mesma moeda, assim que a minha sobrinha Vivian nascesse.

— Mas tem que comer, filhão... As ervilhas são verdes como o Hulk, não vê? — Sentei ao seu lado, deixando-o entre mim e sua tia, que o mimava exageradamente. — São elas que dão aquela força toda a ele.

Kris me olhou com o cenho franzido e eu simplesmente amava esse seu jeito marrento.

— Eu não quero ser como o Hulk. Quero ser como o meu pai!

Revirei os olhos.

— Ok, Kris, o pai é muito melhor mesmo, mas sabia que o seu pai ama ervilhas?

Ele me olhou meio incrédulo e eu ergui minha sobrancelha de sabichona. Sempre funcionava, mesmo quando eu não tinha certeza de nada.

— É verdade! — a Margie resolveu me dar uma força — Eu já fiz um bolo de ervilha para o Erik.

Sobre a cabeça do Kris, fiz uma careta para ela e para sua mentira.

Bolo de ervilha?!

Erik não seria louco de comer nada feito pela Margie!

Ela deu de ombros e começou seu discurso:

— Tenho aprendido sobre alta culinária, mas não vou desperdiçar meu menu com você, Bell, que mal sabe o caminho da cozinha!

Abri a boca, indignada!

— E você sabe, Marjorie? — Kris nos observava, por isso, mantive o tom cortês na voz, embora as palavras fossem ferinas. — Aposto que seu imenso conhecimento culinário limita-se às *trocentas* temporadas do *MasterChef*!

Meu cunhado rompeu numa gargalhada que vinha da cozinha e claramente era de vitória sobre a Margie, mas minha irmãzinha ignorou essa evidência.

— Para seu governo, já fiz pratos fabulosos. — Gabava-se, enquanto ajudava o Kris a comer o resto do risoto. — Não é mesmo, amor?

Anderson e meu pai se aproximaram, um segurando a travessa da salada, e o outro a garrafa de vinho.

— Do que está falando, querida? Do rosbife despedaçado ou do linguado cru?

Desta vez, a boca aberta foi a da Margie e eu ri, ri tanto, que o Kris começou a rir também.

— Anderson, como pode...

— Marjorie, para quê essa competição? — Anderson falava enquanto me servia o vinho. — Nem você e nem sua irmã conseguem fritar um ovo, todos sabem disso. Vão agora ficar brigando para ver quem é a mais desastrada no fogão? Vocês já são mulheres adultas. Margie, meu bem... Você vai ser mãe daqui a um mês! Melhor, querida!

Olhamos para ele sem acreditar na petulância, embora ele estivesse coberto de razão.

— Só quem manda bem na cozinha nessa família é o sogrão! — E ao terminar de servir as taças de vinho, brindou com meu pai, que assistia a tudo com um riso cínico nos lábios.

— Não diga uma coisa dessas, Anderson. A Bella Anne ferve a melhor água do mundo, a Margie também sabe untar fôrma muito bem, e a Ana... Bem, a Ana é a minha provadora oficial.

Olhei para o Kris e ele ria com a boca cheia de arroz. Olhei para a Margie e ela simplesmente pegou seu copo de suco, o ergueu para mim e levou-o aos lábios, conformada. E quando eu estava para perguntar se algum OVNI havia caído em Toronto e algum ser havia trocado de lugar com meu cunhado, chegou em casa quem faltava.

— Estavam pensando em almoçar sem mim?

Mamãe colocou uma cadeira entre mim e o Kris, me empurrando um pouco para o lado.

— Não querida, íamos apenas beliscar um pouco. — Papai piscou para o Kris, encontrando seu comparsa sempre atento.

— E o Kivo, por que não veio?

Mamãe se convertera na presidente do clube das “*Vikinguetes*”.

— Está em uma reunião.

— Meu genro trabalha demais. Que horas tem para providenciar um irmão para o Kris?

— Mãe!

Eu quase engasguei, preocupada com a saúde mental do meu filho, ao escutar as sandices da avó.

— Verdade, Bella Anne, cinco anos já é tempo suficiente.

Era só o que me faltava!

— Deveria engravidar logo! Assim, nossos filhos teriam a mesma idade.

Juro que esperei o Anderson dar uma dura na Margie, mas ele estava mais interessado no risoto.

— Ok, ok... Eu já parei de usar anticoncepcional. Estou em fase de treino.
— Me defendi.

Mamãe saiu da sua bolha melosa com o Kris e riu, fazendo pouco de mim.

— Mais do que já treina, o casal de coelhinhos?

Segurei o riso porque fui remetida diretamente para os cristais em minha vagina.

— Ah! Não posso fazer nada menos do que outro Kris, não é?! E lindo assim... — Olhei meu filho, todo manhoso com a avó — O que mais preciso é treinar.

Rimos e, graças a *Jah*, o assunto morreu na travessa de risoto e na salada de folhas do papai. Então, olhei em volta: A mamãe debulhando-se nas vontades do neto; a Margie barrigudinha, servindo o segundo prato do marido, parecendo bem adaptada ao seu E.T.; e quando meus olhos bateram no papai, ele me sorria, enternecido. Minha família não era perfeita, mas era mais do que eu poderia querer na vida.



O riso do Kris chamou a minha atenção e eu o olhei pelo retrovisor, ao voltarmos para casa.

— O que foi, filho?

— Estava lembrando do vovô. Ele é engraçado.

Sorri, admirando seu riso idêntico ao meu.

— Você ama o vovô?

— Um tantão assim! — e abriu os braços o máximo que pôde.

— Ele também ama você um tantão ainda maior que esse.

Eu alternava a visão entre a pista à minha frente e o sorriso que pairava em seus lábios carnudos.

— Mamãe... O vovô é o seu paizinho, não é? — Assenti. — E quem é o paizinho do papai?

Travei meu olhar no tráfego e não soube o que lhe dizer. A mente simplesmente ficou em branco porque, ridiculamente, nunca pensei que fosse

me perguntar algo assim. Ao menos, não tão cedo.

— Ele mora longe, filho. — Foi só o que me ocorreu.

Kris ficou calado e eu me perguntava o que se passava naquela cabecinha inquieta.

— Mãe... — Ele estava sério e eu me preparei para mais uma pergunta difícil. — Por que você não me deixa comer pipoca doce antes de dormir?

O meu riso saiu frouxo e aliviado. A mente do meu filho voava longe e numa velocidade impressionante.

Acomodei o cotovelo na base da janela fechada e passei a mão pelo cabelo, liberando a tensão.

— Porque seus dentes de adulto estão para chegar e não quero que eles nos deixem tão cedo, amor.

Olhei para o retrovisor e o vi assentir e voltar a olhar pela janela, compenetrado. Era fofa a forma como ele me causava um micro enfarto e depois mudava de assunto. Era apenas mais uma de suas estratégias de conquista Viking.

Desci o Kris do carro com o sol de fim de tarde refletindo contra meu rosto. Ele correu pelo gramado e foi direto para a quadra no fundo. Era louco por futebol e todo sábado era a maior marra para fazê-lo entender que ainda não tinha tamanho para jogar com os adultos. Lindamente, o Erik sempre batia uma bolinha para consolá-lo.

Eu ainda ria, ao pensar como isso soaria há alguns anos: “Erik Lars jogando pelada”. Estes eram momentos especiais, porque se havia algo que me deixava em chamas, era ver o Erik suado, sem camisa, gritando pela quadra, cheio de testosterona.

Segui o Kris pelo caminho de pedras e logo vi o Michel e o Tom, o primeiro de calção vermelho e o segundo de calção azul, o que diferenciava os “times”.

Mateo tentava deixar o Kris fora da linha de fogo da bola e o Erik gritava algo em dinamarquês — o idioma era uma grande vantagem na comunicação do “time dos gringos”.

— Não está na hora de chamar mais pessoas para essa pelada? — Aproximei-me do Lucien, o juiz daquele pseudo campeonato. — Time de três é foda!

Ele riu e beijou meu rosto.

No meio da quadra, Erik me olhou e parou o jogo, vindo em minha direção. Senti minha vagina molhar na hora! O peito suado, os cabelos úmidos, um bronzeadinho *sexy* e o sorriso largo.

Erik se aproximou e o cheiro de suor me encheu ainda mais de tesão. Segurei meu rosto entre suas mãos e me beijou, molhando meu rosto com seu suor.

— Boa tarde, gostosa. Cadê meu coelhinho?

Ri em sua boca e deslizei as mãos pelas laterais do seu corpo, escorregando-as sobre a pele lisa, suada e fria.

— Latejando, doido para ser devorado pelo Viking.

Ele sorriu com os lábios ainda juntos aos meus e eu podia jurar que estava começando a endurecer.

— Anda, gringo! Isso é hora de mela cueca não, porra! — Michel gritou, agitando os braços.

Erik fechou os olhos furtivamente e suspirou fundo.

— Puta merda, Fraise... — Me deu um selinho rápido. — Faltam trinta minutos. Me espera?

Ergui uma sobancelha e ele meneou a cabeça, quase me implorando, e andando de costas, de volta à quadra. Recepcionou a bola no peito e depois a ergueu no joelho. Meu Viking estava me saindo um jogador bem razoável.

Suspirei ao ver a Rita catar o Kris da quadra e entrar com ele pela porta da cozinha. Então, virei-me para o Lucien. Ele tinha os olhos atentos nos rapazes, parecendo que aqueles seis correndo atrás de uma bola era a coisa mais importante do mundo.

Aproximei-me séria e sussurrei ao seu ouvido:

— Cinco minutos, Lucien... — Ele me olhou, sem entender. — Cinco minutos e dê seu jeito pra terminar isso aí. — Apontei com desdém para o jogo que rolava. Ele arregalou os olhos como se eu estivesse falando algum absurdo. — Quero o Viking suado e gostoso, daquele jeito, no meio das minhas pernas em cinco minutos, amiguinho.

— Porra, Jezebell... Os gringos estão perdendo. Vão achar que fiz marmelada!

Dei um beijinho no seu nariz.

— Vão nada. O Erik vai até agradecer. — Fiz uma manha, do jeito que eu sabia que ele não resistia. — Quebra essa para a Bebel, quebra.

Pisquei um olho e peguei meu caminho para casa. Eu precisava de um copo de água gelada ou entraria em combustão antes de subir as escadas.

Entrei no quarto arrancando os sapatos e a calcinha junto. Tropecei, mas me equilibrei antes de cair. Meu coração martelava no peito e eu respirava rápido, ansiando pelo Viking. Fui até o banheiro e, de frente para o espelho de parede inteira, ergui meu vestido e olhei o coelhinho brilhante bem no meu púbis, posicionado meio de ladinho sobre minha pele lisa com marca de biquíni. Parecia o coelhinho da *Playboy*.

Sorri, imaginando o que ele acharia. E quando escutei a porta do quarto bater, sabia que estava devendo uma para o Lucien.

Mal saí do banheiro e fui arrebatada pelo Erik. Ele já chegou comendo minha boca e o mundo sumiu ao nosso redor. Só ele tinha esse dom de fazer todo o resto perder o sentido para mim.

Encostei as costas no espelho gelado com seu corpo colado ao meu, com braços que me envolviam com força e seu pau estourando dentro do calção azul, empurrando meu púbis até doer.

Sua língua me invadia, grossa, macia, enchendo minha boca. Ele chupava meus lábios e minha atenção dividia-se entre o beijo perfeito do Viking e as minhas mãos no corpo suado, cheirando a homem viril.

— Porra, Fraise... — as palavras saíam sôfregas. — Ainda morro de tesão por você.

Deslizei a mão por sua nuca e agarrei os cabelos um pouco crescidos, molhados. Puxei sua cabeça para trás e mordi-lhe o queixo sob a barca curta.

— Morre nada... — debochei.

Ele me olhava com o azul cheio de luxúria. Impressionantemente, da exata cor da pedra em meu dedo.

— Deixa eu ver isso.

Erik descolou de mim, sentou na borda da banheira e me puxou pelo quadril para dentro das suas pernas. Ergueu o meu vestido curto e vi seus olhos vidrarem em minha boceta, quase hipnotizados.

— Bell... — ergueu o olhar para mim. — Que coisa mais linda, amor.

Sorri para sua expressão quase dolorida de tesão. Então, sem desviar os olhos, ergui uma perna e coloquei o pé sobre a borda da banheira ao seu lado, abrindo-me para ele.

Como se fossem movimentos conectados, Erik agachou-se de joelhos no chão e tomou toda a minha vagina em sua boca. Me segurei no porta-toalhas, porque logo no primeiro contato, minhas pernas fraquejaram. Suas mãos

grandes me abriam e com o polegar ele acariciava os pequeninos cristais que formavam o coelho.

— Viking... — Eu murmurava sem conseguir formular palavra. E quando ele deslizou a mão por baixo da minha bunda e puxou minha perna para cima do seu ombro, mergulhei uma mão em seus cabelos úmidos e sutilmente o empurrei ainda mais contra mim.

Meus gemidos ecoavam pela acústica do banheiro porque ele me chupava forte com sua língua entrando fundo, e quando me devorava inteira, mordida meus grandes lábios e virilha, para logo depois voltar ao meu clitóris.

Putá merda! Aquilo era alucinante!

E foi quase desequilibrando, me segurando aos trancos e barrancos, que gozei em sutil convulsão, agarrada aos cabelos do Erik e ao porta-toalhas, puxando o ar, trêmula.

Depois de me chupar até a última gota, Erik sentou no chão e encostou as costas na lateral da banheira, fitando-me e, descaradamente, lambendo os lábios.

— Mas é gostosa!

Meu sorriso se misturou aos murmúrios do gozo que ainda se arrastava em mim e engoli seco, quando vi o Kivo retirando o calção, liberando o pau em riste, brilhante já com o pré-sêmen começando sua lubrificação.

Mesmo com as pernas bambas e o corpo todo em desalinho, ansiei por tê-lo dentro de mim, me abrindo, me fazendo arder para depois me partir de prazer.

E como se lesse meus pensamentos, Erik levantou e, com mãos fortes, exigentes, segurou minha cintura e me beijou. O gosto da minha própria boceta, mesclado ao sabor tão forte e doce da sua boca, me excitavam.

Grudamos nossos corpos e logo suas mãos estavam em minha bunda, apertando, me abrindo, me explorando.

Afoita, corri os dedos pelos botões do meu vestido, que iam do colarinho até a barra. E quando eu tinha aberto apenas três deles, Erik, impaciente como sempre, segurou na gola e puxou-a pelos meus ombros, abaixando o vestido e expondo os meus seios, mas prendendo-me os braços na altura dos cotovelos com a minha própria roupa.

Meu riso excitado encontrou o seu olhar perverso, sacana e sujo. Sem aviso, Erik mordeu a borboleta em meu ombro, enquanto roçava o pau duro em minha boceta, escorregando entre minhas pernas juntas, nas virilhas já meladas da excitação.

— Ah, Moranguinho... — Suas mãos subiram da bunda para os seios, segurando-os e ele inclinou-se para chupar meus mamilos, deslizando a língua sem qualquer delicadeza. — Você provocou... — e ergueu o olhar, me encarando. — Agora aguenta.

E se num segundo eu estava me derretendo inteira na boca que corria meus seios, no segundo seguinte me vi carregada por ele e lançada sobre a cama.

— Não se deixa um Viking na mão, senhora Fraise Lars. — Subiu de joelhos na cama, entre as minhas pernas completamente abertas e, lentamente, foi escorregando sobre mim. — E por isso, vou te comer forte e te fazer gritar.

Suas ameaças vinham acompanhadas com o roçar da cabeça do pau em minha vagina aberta, friccionando desde o clitóris, até a entrada e voltando, cruel.

Eu deveria ficar preocupada em lhe perguntar se a porta estava trancada, já que a casa estava cheia, mas tudo o que ocupava a minha mente era Erik esfregando a sua extremidade em mim, me torturando; era seu corpo lindo em contraposição à minha agonia em ter os braços presos e não poder apertar seus músculos.

E antes de finalmente mergulhar em mim, o Viking abocanhou um dos meus seios e chupou com força, arranhando seu dente e me lançando ao nirvana, quando deslizou de vez o seu pau pelo meu canal apertado.

Invadiu-me sem ponderar, mas como se encontrasse seu alívio no simples ato de estar dentro de mim.

— Viking... — a voz me saía arranhada, quase sufocada.

Ele ergueu o rosto, metendo-se em meu pescoço ao tempo em que ia fundo, bem fundo, roçando a barba, me deixando vermelha e levitando de tesão.

— Fala, minha Fraise...

Ele começou devagar, rebolando enquanto ia ao fundo e recuando apenas um pouco. Era o seu jeito de garantir que eu estava completamente molhada, antes de abusar de mim.

— Fode bem gostoso, vai. — Quase implorei.

Ele me olhou e sorriu cheio de luxúria.

— Como sempre, minha Fraise.

Erik

Ergui meu corpo e sentei sobre minhas pernas ainda todo enterrado nela, no seu calor que latejava, apertando meu pau. Segurei-a por trás dos joelhos e empurrei suas coxas contra seu peito, deixando-a completamente aberta para mim num franguinho assado que só a Fraise sabia fazer para me enlouquecer.

A visão do coelho todo preenchido por mini bolinhas de cristais, brilhando em meio à penumbra de final de tarde, sua boceta engolindo meu pau... isso era quase tão hipnótico quanto a Bell mordendo os lábios, gemendo.

Deslizei o polegar pelas pedrinhas. Era lindo.

Então, trouxe à boca meu próprio polegar, molhando-o, e em seguida, levei-o ao clitóris inchado. E até senti-lo assim, inflamado por mim, me enchia de tesão.

Circulei o dedo primeiro gentilmente e Bell reagiu imediatamente, erguendo o quadril em agonia. Acelerei minhas carícias no mesmo ritmo das estocadas e o frisson começou a me tomar. Cada metida fundo na Bell, era uma viagem para mim. Ela me envolvia quente, apertada, gulosa me devorando. E porque eu queria suas mãos em mim, me apoiei em um braço, projetando-me sobre ela, e com a mão livre, também dei-lhe liberdade, abrindo seu vestido.

Suas mãos me agarraram afoitas e suas pernas me prenderam pela cintura. Seis anos juntos, e uma cumplicidade muito especial, nos renderam códigos que dispensavam explicações. Eu sabia exatamente o que ela queria.

Deitei sobre ela, apoiando-me nos cotovelos, e tomei sua cabeça entre as minhas mãos, fazendo-a me olhar de frente.

— É assim que você quer, Moranguinho, é?

Eu lhe dava estocadas curtas, fundas e aceleradas, tirando-nos o fôlego. Ela assentiu, gemendo, arfando e me prendendo com suas pernas fortes e macias. Uma maciez que me deixava louco.

— Então me dá seu gozo, minha Bell, me dá... — Eu judiava dela, roçando a base do pau em seu clitóris, quando chegava ao fundo da sua boceta que já pulsava em êxtase.

Colei minha boca na dela, sentindo seu gosto tão familiar, enrolando-me na língua morna, aveludada e succulenta. O cheiro do nosso sexo gostoso pairava no ar e nossos gemidos baixinhos, doloridos de prazer, preenchiam o espaço entre nossos ouvidos. Era o amor safado e só nosso que gostávamos de ter.

Percorremos nosso velho e delicioso caminho e chegamos juntinhos a um orgasmo que me estremeceu dos pés à cabeça. E depois da descarga elétrica levar toda a minha energia, nada poderia me recompor melhor do que o perfume do pescoço da Bell.

— Eu gosto disso... Ficar dentro de você, assim quieto, só sentindo você pulsar em mim. — murmurei contra a curva do seu pescoço.

Ela ainda me envolvia com pernas e braços. Seu coração batia contra o meu, demorando a se acalmar.

— Por mim, ficaríamos aqui para sempre, meu Viking.

Sorri ao sentir que ela me apertava ainda mais, quase nos fundindo.

Rocei meu rosto contra o dela, buscando sua boca e beijei-lhe demoradamente, até terminarmos em um sorriso, porque ela me pressionava lá embaixo, tentando expulsar-me de dentro.

— Que falta de educação, Fraise, me expulsar assim.

Seu riso abriu-se, me iluminando, e em seguida sua boceta me sugou novamente para dentro. Era impressionante o controle que ela tinha, me deixando doidinho.

— A casa é sua, meu Viking gostoso. E por falar em casa...

Fechei os olhos e encostei nossas testas.

— Já sei... a festa. — disse, resignado.

— Estava marcada para às dezoito horas, amor... já deve ser mais que isso.

Ergui a cabeça e olhei o quarto na penumbra. Com certeza era mais que isso.

— Kivo... — Encarei seus olhos escuros sérios e esperei sua pausa. — Confia em mim?

Franzi o cenho automaticamente, estranhando sua pergunta.

— Sempre, Bell. Por que está perguntando isso?

Ela fechou os olhos e suspirou, me preocupando.

— Porque quero que saiba que te amo — e me encarou novamente. — E tudo o que eu faço é para te ver feliz.

Tudo dentro de mim pareceu derreter. Eu sempre me surpreendia com a capacidade de amar essa mulher cada dia mais.

— Eu vivo para te fazer feliz, Fraise... Você e o Kris, que são absolutamente tudo para mim.

Ela mergulhou a mão em meus cabelos e fechei os olhos, assimilando o seu carinho.

— Kivo...

Abri os olhos, sentindo uma angústia grande no peito. Havia algo que ela não estava me contando.

— O que foi, Bell? O que está havendo?

Ela umedeceu os lábios, ponderando as palavras.

— O Kris perguntou pelo seu pai.

Senti o balde de água fria entre nós e sei que minha expressão me denunciou. Abaixei o olhar, sem saber o que lhe dizer. Sabia que um dia ele iria perguntar, mas nunca pensei no que iria lhe responder, quando esse dia chegasse.

— Eu não soube mais notícias dele, Bell. O que quer que eu faça? — Menti, porque hoje mesmo o Teo havia me dito sobre a alta da psicanálise.

Ela concentrou-se em minha boca e não pude deixar de beijá-la, mesmo que rapidamente.

— Para de pensar nisso, tá? — Tentava encerrar o assunto porque era algo que não fazia sentido naquele momento. — Eu vou conversar com o Kris.

Ela voltou a acariciar meus cabelos e deslizou suas pernas e mãos pelas minhas costas. Completamente agarrada a mim.

— Você é quem manda, Viking. — sussurrou manhosa, me animando.

— Bell... — Mordi o lábio, segurando-o entre os dentes por um tempo, pensando em travessuras. — Sei que estamos atrasados, mas...

— Banho, Viking. Já! — disse, cheia de autoridade, mas que logo transformou-se em um largo sorriso. — Ainda bem que nosso chuveiro é grande. — Arrematou, causando-me arrepios.

Saí de dentro dela ao tempo em que trazia a Bell em meus braços. O banho seria rápido. Demorado seria o amor que faria com ela debaixo daquele chuveiro.



Dei duas batidas na porta antes de abri-la. Rita estava terminando de arrumar o Kris. Ele usava uma “calça de homem”, como ele chamava as calças jeans, e uma camiseta das Tartarugas Ninjas que, lembro, foi pivô de uma confusão em uma loja em Miami.

— Cara, você está bonito!

Ele sorriu para mim, escapando das mãos da Rita. Eu pisquei para ela, lhe dizendo que eu cuidava a partir dali. Ela sorriu de volta e me deu um toque carinhoso ao passar por mim e nos deixar.

Sentei na cama e peguei a escova de cabelos sobre o criado-mudo. O quarto em tons de azul, com uma fragata lúdica pintada em 3D em uma das paredes, estava na penumbra, iluminado pelo abajur vazado por figuras de peixes.

— Está feliz, capitão?

Ele enfiou-se entre minhas pernas e fechou os olhos, esperando que eu escovasse seu cabelo fino e loiro.

— Já viu o tamanho da cama elástica, pai? Nooossa! É a maior do mundo!

Ele não precisava me responder para eu saber. Ele estava radiante.

— A mamãe sabe das coisas, cara.

Ele sorriu.

— A mamãe e a tia Margie estavam brigando de novo, pai. É engraçado como elas brigam.

Ri, tentando pentear seu cabelo para o lado, mas a franja teimava em cair sobre os olhos. Logo precisaria cortar.

— Não deveria rir da mamãe e da tia.

Ele riu ainda mais alto.

— Mas é engraçado, pai. Até o vovô estava rindo.

Beijei sua testa e peguei o perfume.

— O vovô é divertido, não é? Ele pode rir... Ele é o pai da mamãe.

Ele abriu os olhos espertos e nem reclamou quando passei perfume em suas bochechas. Ele detestava e eu fazia apenas para provocá-lo.

— E o seu papai? Quando ele vem me ver, pai?

Desmontei. Fiquei sério, olhando para ele sem saber o que dizer. Fisicamente ele se parecia muito com o Axel, e pensar nessas conexões fazia-me lamentar dizer-lhe qualquer coisa que se aproximasse da verdade.

— Ele mora muito longe, Kris, mas um dia iremos visitá-lo, está bem? Papai promete.

Ele sorriu e me abraçou.

— Ele deve ser legal como o vovô Paulo.

Sorri, apertando-o em meus braços e enternecido com sua ingenuidade.

A porta abriu, nos surpreendendo, e Bell surgiu, linda. Estava com seu

batom vermelho que eu gostava, tinha os cabelos soltos, sedosos e usava um vestido florido longo com um decote que chamou minha atenção.

— Por que ainda estão aí? — E sua voz morreu quando os olhos bateram no filho. A Bell era uma mãe simplesmente excepcional! — Meu Deus! Que gato é esse?!

Kris correu para ela, que o ergueu nos braços, apertando-o.

— Mãe! Mãe! A cama elástica é gigante!

— É sim, e está te esperando. — Fraise esticou a mão na minha direção e me ofereceu seu olhar mais lindo. — Vamos, amor?

Eu iria ao fim do mundo com aquele convite. Eu sempre iria com a Bell e o Kris.

Bellanne

Os rostos conhecidos e amados viraram-se em nossa direção, quando eu, Kivo e Kris descemos as escadas. A mamãe logo se aproximou e tomou o Kris dos meus braços, apertando-o nos seus, e fomos cercados por amigos que queriam parabenizar o meu filho e também nos cumprimentar.

A decoração estava em todo o lugar, desde o *hall* de entrada da casa e jardim, até a quadra, onde estavam armados os brinquedos que povoaram a imaginação do meu filho por toda semana.

As mesas, muito bem arrumadas, espalhavam-se pelo jardim da casa e a festa valia cada centavo gasto. E foram muitos, milhares de centavos.

Eu e Kivo olhamos ao redor e havia Tartarugas Ninja por todos os cantos, incluindo quatro animadores travestidos. Acredito que todas as crianças que estudam ou já estudaram com o Kris estavam presentes e os garçons não paravam de circular.

— Eu queria ter dez anos! — Sussurrei para o meu marido, que me devolveu uma piscada de olho sexy.

— Nada nos impede de dar uns saltos na cama elástica, ao final da festa.

Rimos e entramos na festa. O braço do Erik por trás da minha cintura, me dizia que ele não queria se afastar, mas não demorou, lá estávamos nós, cada um para um canto, cumprimentando os amigos.

Letícia, Tatiana e Alex estavam sentados juntos, e foi para lá que me encaminhei primeiro.

— Nossa, como a Cecília está linda! — Tomei nos braços a filha da Tatiana e do Alex, que já havia completado dois anos. — E o Junior?

— Viajando com o pai, Bell. — Tati respondeu.

Sorri em retribuição ao semblante de felicidade da minha amiga. Em meus braços, Ciça, linda com seus cabelos cheios de cachinhos e um laço xadrez que estava um charme, balançava as perninhas, louca para ir ao chão.

— Deixa comigo, Bell. — Alex se aproximou e beijou-me no rosto antes de segurar a Ciça, que se lançou aos braços do pai assim que teve chance. — Vou levá-la para ver as crianças lá na quadra.

Observei se afastarem. Alex estava feliz e realizado como jamais o vi, e isso também me deixava feliz.

— E o Caio, Let?

— Não morre mais! — Let gesticulou, apontando para a frente.

Virei-me para ver o Caio e o Serginho chegarem correndo, feito duas crianças. Serginho tinha dez anos e fora adotado pelos meus amigos há pouco mais de três anos. Ele e Caio eram inseparáveis e a Let a mãe mais realizada do mundo, com exceção de mim, claro.

Beijei o Caio e apertei o Serginho contra meu peito.

— Menino fofo da tia! — Beijei sua cabeça e ele sorriu, acanhado, mas logo sentou ao lado da mãe.

— Ei, Bell! — Lucien e Michel vinham comendo churros, lado a lado. Formavam um casal perfeito há longos cinco anos e estavam em processo de adoção, seguindo os passos da Let e do Caio. — Vamos precisar sentar na mesa da diretoria para bebermos aquele uísque caríssimo que o gringo está escondendo há semanas?

Ri e bati no ombro do Michel.

— Deixa de ser idiota! — Olhei para o deus da elegância ao meu lado e fiz um carinho em seu braço: — Lu, chame a Márcia e diga a ela que há duas caixas de uísque na adega. Vocês são a diretoria!

Michel beijou minha bochecha e o Lucien me deu um selinho antes de seguirem para internizar a Márcia. Porque sei que iriam internizá-la.

Erik

— Olha lá o Serginho, Lisa. Por que não o chama para brincar?

Minha afilhada estava vidrada no celular em sua mão.

— Daqui a pouco, tio Kivo. Deixa só terminar esse episódio.

Tom me fez um gesto para que eu não desse importância à Lisa.

— Essas crianças de hoje em dia... — completou, ao me sorrir.

— Eles estão crescendo rápido demais. Se soubessem que logo serão obrigados a não brincar.

Rimos e em seguida beijei a testa da sua esposa Sophie, que estava linda de cor-de-rosa.

Quando virei, buscando a Fraise dentre os convidados, vi o Teo e a Mariana chegando com o pequeno Max nos braços. Mari tinha só quatro meses que havia tido bebê, mas sequer parecia, tal sua disposição. A pequena Diane corria na frente com seu vestido branco de laço vermelho. Parecia uma princesa. Ela era a nossa princesa.

— Demoraram! — Abracei o Teo, dando-lhe palmadas nas costas. — Sábado que vem a Bell tem um trabalho para fazer e poderemos jogar em paz. — Eu fazia a média, já que tinha adorado o motivo da interrupção.

O Lucien havia interrompido o nosso futebol dizendo que a “dona da porra toda estava exigindo o Viking em seus aposentos”, e os caras só não ficaram putos, porque só faltavam dez minutos para terminarmos, e tanto o Caio quanto o Tom já estavam sem fôlego.

— Graças a Deus! — Teo revirou os olhos, erguendo os braços, e a Mari riu, beliscando seu braço. — A Bell tem tara por futebol, só pode! Basta ver o Kivo com uma bola e a mulher perde o bom senso!

Rindo, nos aproximamos de uma mesa vazia e eu os acomodei. Novamente busquei a Bell, ainda apreensivo com a pergunta sobre confiança que ela havia me feito. Logo a localizei juntos aos seus pais. Nossos olhos se cruzaram e foi como um chamado. Tínhamos nossos sinais, nossos códigos, e de alguma forma eu soube que ela precisava de mim.

Bellanne

Minha mãe alisou a minha barriga, toda esperançosa, e o papai fez um gesto com o indicador girando-o junto ao ouvido, dizendo que a mamãe era doida. Tive que concordar.

— Logo, logo virá uma menininha aqui para fazer companhia à Vivian, não é Bell?

A filha da Margie nem havia nascido, e a minha mãe já queria arranjar-lhe companhia.

Busquei o Erik, encontrando seu olhar direto no meu.

— Mãe, curte a Vivian primeiro. Por que a pressa? Acabei de parar o remédio! Eu e o Erik estamos naquele período de treino gostoso, lembra? —

Ele tomou minha mão e cumprimentou a todos rapidamente. — Não é, amor?

— Não sei do que falam, mas se a Bell diz que é, não sou louco de dizer algo contrário.

Segurei seu queixo e beijei-lhe a boca, então, meu celular vibrou. Distraída, olhei o visor com a mensagem de texto e meu coração deu um salto. Era chegada a hora. Ergui meus olhos para o Erik, que me fitava curioso.

— O que foi?

Engoli seco e levei a mão à sua nuca, mergulhando os dedos em seu cabelo.

— Lembra que perguntei se confiava em mim? — Ele não respondeu, mas suas sobrancelhas se uniram, em apreensão. — Por favor, vá buscar o Kris, amor. Chegou alguém que quero que ele conheça.

Ele não me disse nada, mas eu senti que algo havia ligado em sua mente. Suas pupilas se alteraram e o vi puxar o ar.

— Bell...

— Erik Lars. — Eu olhava bem dentro dos seus olhos. — Eu conheço você. Eu sei o que você quer e o que precisa. Confie em mim.

Nos encaramos por cinco segundos, então, ele assentiu e me deixou, indo na direção da quadra.

Era a hora de tudo mudar.

Erik

Meu coração martelava tão forte, que chegava a doer. Eu não tinha certeza do que a Fraise estava fazendo, até porque, a única coisa que insistia em se apresentar na minha mente como possibilidade, era algo inconcebível. Impossível de acontecer.

— Kris! — gritei, mas ele não me escutou. Pulava feliz em sua cama elástica. — Kris! — gritei mais alto e ele me olhou. Gesticulei, chamando-o.

Droga! O que a Bell estava escondendo?!

Olhei para trás, tentando ver onde ela havia ido, mas estava além da minha vista. Lembrei dos telefonemas que vinha recebendo com frequência e, se entre nós as coisas não estivessem boas como sempre, eu teria desconfiado de traição.

— O que foi, pai?

Segurei sua mãozinha.

— A mamãe está chamando a gente. Podemos ir rapidinho? Logo você volta.

Ele assentiu. Estava descalço e quis voltar para calçar os sapatos, mas eu o impedi. Não sairíamos do jardim e tudo era coberto pela grama bem cuidada.

Caminhamos de mãos dadas e mal atravessamos as primeiras mesas, senti minhas pernas fraquejarem. O impensável, a cena mais impossível de acontecer, estava ali, bem na minha frente. Engoli seco, muito seco, e respirei rápido para não ter uma síncope. Parados no meio do jardim estavam Bellanne e meu pai, de mãos dadas.

Bellanne

Quando o Erik virou na direção da quadra, tomei o caminho direto do portão de entrada da casa.

Eu estava nervosa. Na verdade, quase em pânico.

Há pouco mais de um ano o Axel havia me mandado a primeira mensagem, uma carta — não *e-mail*, mas uma carta de punho, de três páginas. Metade dela era contando como fora sua jornada ao fundo do poço, como ele mesmo a chamou, e a outra metade foi pedindo-me desculpas por todo mal que me causou. Jamais esquecerei a última frase da sua carta:

“Envergonho-me diante da sua nobreza. E em nome dessa nobreza, eu te suplico perdão.”

Jamais imaginei o Axel com tamanha humildade. Ainda assim, não lhe respondi, mas também não tive coragem de contar ao Erik. Kris havia acabado de sair de uma pneumonia e estávamos desgastados demais.

Engavetei a carta e não voltei a pensar nela nos próximos dois meses, então, chegaram outras cartas com o mesmo teor. Algumas me contavam sobre sua rotina e me vi transformada quase que em uma confidente, em um diário do Axel. Dei-me conta de que, ao não responder, ele encontrou em mim a única pessoa que não o rechaçava, logo, a única companhia que lhe restava, ainda que muda.

Procurei a Soraia e ela atestou cada palavra que ele dizia em suas cartas. Axel tinha voltado a trabalhar, mas não mais à frente da empresa. Agora, apenas fazia parte do conselho e suas opiniões eram discutidas e muitas vezes refutadas.

Axel passara a fazer trabalhos voluntários em *Christiania*, seguindo os

conselhos do seu terapeuta, e há dois anos iniciara um programa de qualificação profissional junto aos jovens daquela comunidade. Foi só então que respondi suas cartas pela primeira vez.

Lembro como chorou feito criança ao me ligar, após eu dar-lhe permissão para tal. Contou-me que tinha fotos do Kris impressas da internet e que o Mateo o havia perdoado e se comunicavam com frequência. Falei com meu cunhado, que me garantiu que o pai já não era o mesmo.

E foi assim que começamos a nos falar com frequência. Ele me contava sobre suas atividades, seu dia e sua imensa saudade. Eu lhe contava sobre o Erik e sobre o Kris, e todas as vezes, Axel me exaltava e me pedia perdão. Todas as vezes.

Decidir convidá-lo para o aniversário do neto não foi algo fácil.

Ao longo desses cinco anos, eu via claramente a dor do Erik em não ter um pai digno de estar junto ao filho. Contudo, Soraia havia me dito que, em todas as vezes em que havia contado ao Kivo sobre as mudanças do pai, Erik apenas escutava calado por um tempo, mas depois desconversava.

Entendi que o Erik tinha medo de novamente se iludir. E foi por conhecê-lo demais e por saber que ele só seria completo quando conseguisse novamente confiar no pai, que trouxe o Axel ao Brasil.

Quando coloquei os olhos nele, parado na frente da minha casa, meu peito apertou e meus olhos encheram-se de lágrimas. Não tive ação. Foi ele quem deu dois passos em minha direção, agarrou minhas mãos e beijou-as, com os olhos cerrados.

— Obrigado, Bellanne. — Ergueu os olhos profundamente azuis banhados em lágrimas. — Obrigado por me dar uma chance. Obrigado por ser essa mulher maravilhosa que é, e pela nobreza da sua pessoa. Bellanne... Eu jamais conheci alguém como você. Obrigado pelo seu perdão.

Tirei as mãos de dentro das dele e o abracei. Axel desmanchou-se em lágrimas e aos poucos senti seu corpo relaxar contra o meu.

Cinco anos fora tempo suficiente para cobrir as minhas feridas.

O amor do Erik e a felicidade que eu vivia eram mais do que suficientes para me fazer olhar o Axel e ver um ser humano sofrido, doído e arrependido. Meu pai me disse uma vez: “Gente feliz é que sabe perdoar”, e eu contava com isso agora, caminhando de mãos dadas com o Axel.

Erik

Fiquei sem ação.

Kris me puxava e eu não conseguia reagir. Senti as lágrimas saltarem sem controle e uma dor no peito, apertando.

— Vem, pai!

Abaixei o olhar para o Kris e saí da minha letargia, mas o cérebro estava descoordenado, sem conseguir fazer a mínima conexão.

Era o Axel. Era ele mesmo. Bellanne segurava sua mão e sorria para mim. Mateo aproximou-se deles com seu filho no colo e a Mari ao seu lado, enquanto a Diane corria na direção do Axel chamando-o de vovô! Senti-me em um sonho, em algo irreal.

O Axel beijou a Diane e deu-lhe um abraço apertado, recolocando-a no chão quando me aproximei.

Eu o encarava, imaginando que horas aquela visão iria desaparecer. Sim, porque só podia ser uma visão.

Bellanne deu um passo à frente, agachou-se ao meu lado e, sem que eu tirasse os olhos do Axel, escutei-a falar com o Kris:

— Filho, lembra que falamos do papai do seu pai hoje? Ele veio, amor. Esse é o seu vovô Axel.

Minhas lágrimas começaram a rolar e quase desmonteí quando o Axel, enxugando suas próprias lágrimas, agachou-se junto ao Kris.

— Olá, garotão. Muito prazer.

Kris sorriu e apertou a mão estendida do avô.

— Eu sou o Kris. Você é meu avô que mora longe?

Axel sorriu entre o pranto.

— Sim, sou. E você nem imagina o quanto estou feliz em te conhecer, pequeno *Jörmundgander*.

O Axel abraçou o meu filho como há muitos, muitos anos não me abraçava.

Segundos depois, Teo e Bellanne o ajudaram a se erguer e voltamos a ficar de frente. Axel estava abatido, mas sorria. Eu sequer lembrava do seu sorriso.

E quando o Kris saiu correndo, voltando à quadra, Bell virou-se para mim, pousando suavemente as mãos em meu peito.

— Amor... — Ela falava baixinho, carinhosamente. — Erik.

Abaixei os olhos e encontrei os dela, brilhantes, úmidos.

— Amor... O Axel está aqui para falar com você. — Voltei a fitá-lo. Estava diferente. Parecia envergonhado, sem jeito. Onde foram parar sua

arrogância, sua altivez? — Erik... — voltei a fitá-la. — Eu o chamei, amor. Eu o perdoei e sei que você também consegue.

Perdoou?!

— Você o quê?

Será que eu estava escutando direito?

A Bell umedeceu os lábios, obviamente nervosa.

— Amor... Vamos lá dentro. Acho que todos nós precisamos conversar, não?

Pisquei confuso e simplesmente deixei-me levar quando, numa configuração absolutamente inusitada, Bellanne segurou na minha mão e na mão do meu pai, simultaneamente, nos levando para dentro de casa. Mateo e a Mari nos seguiram, depois dela entregar o Max à Rita.

Quando entramos no meu escritório, fui direto ao bar. Eu precisava molhar a garganta.

Ouvi que trancavam a porta, mas me mantive de costas. Forçava-me a processar como tudo aquilo estava acontecendo. Como o Axel tinha vindo parar em minha casa.

— Kivo... — A voz suave da Bell, quase temerosa, soou no silêncio da sala. Virei-me, buscando seus olhos. — Você precisa de explicações, eu sei, mas quero que confie em mim.

Lembrei de suas palavras quando estávamos na cama, eu ainda dentro dela. Era disso que ela estava falando. Lembrei dos telefonemas misteriosos e de como vinha insistindo no assunto Axel.

— Erik, amor... — prosseguiu, aproximando-se de mim. — Eu e o Axel temos nos falado. Ele me procurou, me pediu desculpas e, depois de um período no qual sondei sua vida e sua recuperação, conclui que sua mudança era real. E sim... eu o perdoei. Como perdoei você, Erik.

Tirei meus olhos dela e os pousei na figura do Axel. Usava uma roupa elegante, cara, mas o homem que a ocupava já não tinha a mesma arrogância em seu olhar.

Estaria fingindo? Não... Há anos mandei investigá-lo e ele estava levando à sério a terapia. A Soraia e o próprio psiquiatra do Axel mantinham-me informados sobre a sua evolução, mas... Eu o conhecia e temia que tudo isso fosse uma grande ilusão.

— Mateo...

Meu irmão se aproximou com as mãos enfiadas nos bolsos e o semblante sério, mas altivo.

— Ele é nosso pai, Erik. E sim, temos nos falado há quase dois anos. Nos encontramos em Paris, a pedido dele, e nos entendemos.

— E por que me escondeu?

— Não era algo do seu interesse, Kivo. Você não queria saber dele e, além disso, era a minha relação com o meu pai.

Abaixei o olhar sabendo que ele tinha razão.

— Erik... — Ergui apenas os olhos para Mariana. Ela havia se aproximado do Axel e o abraçava pelos ombros. — Há tempos o Axel tem sido um avô maravilhoso e ele merece um voto de confiança. Todo mundo merece.

Olhei para o Axel e ele me fitava sério, mas quando nossos olhos se encontraram, ele abaixou o rosto, parecendo envergonhado. E vendo-o de cabeça baixa, lembrei do sonho que tive há cinco anos. Nele, minha mãe me dizia: Tudo é possível.

— Por favor, podem nos deixar a sós? — Eu sabia que precisava conversar com ele.

Teo aproximou-se.

— Coloque-se no lugar dele, Kivo... Aliás, você esteve lá, meu irmão.

Fez um carinho em meu ombro e afastou-se em direção a porta. Então, Bellanne tocou meu braço.

— Amor... — Seus olhos cor de mel me atingiram com profunda afeição. — Você pediu e mereceu uma segunda chance. Ele também está nos pedindo e eu acredito que também mereça. — Ela acariciou meu peito sobre a camisa. — Alivia seu coração, meu amor.

Ela se pôs nas pontas dos pés e beijou meus lábios com extrema doçura, para depois se afastar. Observei que acariciou o ombro do Axel, quando passou por ele, antes de sair e fechar a porta.

Eu não sabia o que fazer, mas respirei fundo, criando coragem.

— Conseguiu advogados poderosos. — ironizei. — Mas não vai dizer nada em sua defesa?

Axel mergulhou as mãos nos bolsos e balançou o corpo para frente e para trás, pensativo. Seu olhar estava no assoalho do meu escritório e, quando se ergueram, foram direto nos meus.

— Eu não sei como me desculpar, mas o que eu tenho para te falar, é só entre eu e você, Erik.

Gelei. Caminhei até a minha mesa e ali, na sua quina, sentei.

— Estou ouvindo. — Cruzei os braços sobre o peito e aguardei.

— Eu não sei como pedir desculpas por tudo o que viu acontecer com a sua mãe. — A menção de Diana abalou as minhas estruturas e todo meu corpo retesou. — Não sei como devolver a sua adolescência, a sua juventude sem as experiências tristes que te causei.

Engoli seco, suprimindo o choro que se anunciava.

— Você não irá devolver-me. Ninguém irá.

Ele assentiu, conformado, e tirou os olhos de mim.

— Eu sinto muita vergonha de ter tentado afastar você da Bellanne. — Ele voltou a me encarar. — Ela é uma mulher formidável. Sem igual, para ser mais preciso.

Desta vez, eu assenti, mas nada disse.

— Erik, a minha vergonha, o meu arrependimento, a minha dor, só não são maiores porque, graças a Bellanne, você se salvou e salvou sua felicidade. Você se recuperou, enxergou onde estava se enterrando e... Erik, eu fiz a mesma viagem que você, meu filho. Fiz a mesma viagem ao fundo de mim mesmo. Fiz por mim e por você.

Cerrei os olhos, sentindo toda dor e peso daquelas palavras. Agora eu tinha um filho e conhecia o tamanho desse amor.

Eu faria tudo pelo Kris.

— Erik... — sua voz estava embargada pelas lágrimas. — Eu não vou conseguir curar as feridas que te causei, mas me deixa tentar ser um avô melhor do que o pai que eu fui.

Algo dentro de mim parecia querer explodir e, por Deus, eu queria muito abraçá-lo. Há tempos eu queria abraçá-lo, mas não sabia se conseguiria.

— Está hospedado na casa do Teo?

Axel demorou a responder e eu não quis fitá-lo. Fingia olhar o relógio, tentando controlar minhas emoções.

— Não... Não quis incomodá-lo. Estou em um...

— Mandarei alguém buscar suas coisas. — Enfim, o encarei. — Você ficará aqui, na casa do seu filho.

Axel abriu a boca, mas nada disse. Suas lágrimas rolavam e as minhas também começaram a verter, incontroláveis. Ele se aproximou, receoso, e eu enrijei. Então, acariciou meu braço e tentei conter meu choro.

— Obrigado, meu filho. Eu venho sim, porque já não suporto a solidão.

Apertei os lábios e concordei.

— Por que não fica no Brasil?

Axel meneou a cabeça, incrédulo. Então, a porta se abriu e Bell apontou na entrada.

— Vocês estão bem?

Sorrimos para ela e lhe estendi a mão, convidando-a. Ela entrou com sua corridinha curta e meteu-se sob meu braço.

— Axel ficará aqui conosco, Bell.

Ela me olhou surpresa e depois para ele.

— Por um período ou...

— Eu venho, Kivo. — Ele respondeu de pronto. Nos encaramos e senti vontade de sorrir, mas apenas assenti, apertando os lábios. — Vou ficar esses dias aqui com você, e aproveitar para buscar um lugar onde eu possa morar aqui, próximo aos meus netos.

— Axel... — Seu nome ainda soava estranho na minha boca. — Nós temos um apartamento dois andares acima do apartamento do Teo. Ele é seu também.

Axel sorriu largamente e seus olhos molhados ficaram ainda mais azuis.

— Que maravilha! — Bell o abraçou. — Seu lugar é aqui, Axel, com sua família.

Olhei para Bellanne, admirado, e acariciei-lhe o rosto. Era um ser especial demais. Uma mulher que eu nunca deixaria de admirar. A grandiosidade do seu espírito, da sua personalidade seria sempre o meu orgulho.

Desci da mesa abraçado à minha mulher.

— Agora vamos, está na hora dos parabéns e o Kris está elétrico!

Sáímos do escritório com sorrisos sinceros e corações leves. E quando eu, Fraise e Kris nos preparávamos para a foto da família, atrás da mesa do bolo, pedi licença ao fotógrafo e estiquei o braço, chamando o Axel.

E porque tudo é possível, naquele ano, a foto de família contou com mais um membro. Estávamos completos. Eu estava completo e a Bell também.

NOTA DA AUTORA

Ah, o fim. Foi o fim mais difícil de colocar. Tive meu primeiro grande bloqueio para escrever a cena de reconciliação entre o Erik e a Bell, e depois descobri que era simplesmente meu mecanismo de defesa, evitando o tal “fim”. Cada página até o final do epílogo foi escrita com lágrimas, de emoção, de saudade, de felicidade.

Não conheço mais maneiras de agradecer a Deus por Bell e Erik. Eu os amo com uma força imensa e, mesmo agora, ao revisar o texto do livro 2, mais de dois meses depois de ter finalizado o livro, ainda choro, ainda me emociono. Bellanne Fraise e Erik Lars marcaram a minha vida, a minha história misturou-se à deles.

Agradeço à Eliane e Sueli, por terem enxugado minhas lágrimas, depois de chorarem comigo. Agradeço às minhas leitoras lindas, do grupo “Leitoras da Vau”, que acompanharam meu desespero. Obrigada, irmãszinhas.

Ah! Como é difícil dizer adeus. Estou certa, leitor (a), que você sabe bem do que estou falando, não é? A ressaca é certa! rsrsrs... Enfim, outros casais lindos nos esperam e novas paixões hão de vir. Estou respirando fundo e embarcando em nova viagem. Você vem comigo? Então, vamos!

Por favor, não deixe de avaliar Bellane-se na Amazon. Se não puder avaliar, por favor, divulgue, recomende, indique. Irá ajudar muito Bell e Erik a ganharem o mundo e mais pessoas se apaixonarem também.

Caso deseje, terei imenso prazer em enviar marcadores lindos para quem avaliar e der um print da avaliação (positiva ou negativa, não importa), mandando-a para o meu e-mail, junto com o endereço (vauline.autora@gmail.com).

Muuuito obrigada!

Facebook: www.facebook.com/Vaulineautora

Instagram: @vau_goncalves_escritora

Wattpad: @vaulinegoncalves

Site: vaulineautora.wixsite.com/vaulinegoncalves